ADRIANO BEDORE

ATIBAIA

O NASCIMENTO E O FLORESCER DE UMA CIDADE

Sisttech
Tecnologia Educacional

PREFEITURA DA ESTÂNCIA DE
Atibaia

ADRIANO BEDORE

ATIBAIA:
O NASCIMENTO E O FLORESCER DE UMA CIDADE

Sergio Luiz da Cunha (org.)

Sisttech
Tecnologia Educacional

1° Edição
São Paulo
2020

© SISTTECH Tecnologia Educacional
Todos os direitos reservados

Coordenação Editorial
Sergio Luiz da Cunha

Gerência Pedagógica
Sergio Luiz da Cunha

Coordenação Pedagógica
Regiane Rosa

Textos e Pesquisas
Adriano Bedore

Projeto Gráfico
Gabriel Pereira Cavalcante
Julia Lombardi Luz

Design e Diagramação
Gabriel Pereira Cavalcante
Julia Lombardi Luz

Ilustrações e Imagens
Depositphotos
Flávio Pillegi
Prefeitura Municipal de Atibaia

A reprodução total ou parcial desta obra em qualquer forma, seja ela idêntica ou modificada, eletrônica ou mecânica, incluindo cópias ou fotocópias, gravação ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informação, sem a autorização por escrito do editor e autor detentor da obra, transgride a lei de direitos autorais.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bedore, Adriano
Atibaia : o nascimento e o florescer de uma cidade / Adriano Bedore ; Sergio Luiz da Cunha, (org.). -- 1. ed. -- São Paulo : Sisttech Tecnologia Educacional, 2020.

ISBN 978-65-990448-8-5

1. Atibaia (SP) - Descrição 2. Atibaia (SP) - Economia regional 3. Atibaia (SP) - História 4. Atibaia (SP) - Política e governo 5. Famílias - Atibaia (SP) - História I. Cunha, Sergio Luiz da. II. Título.

20-38389 CDD-981.61

Índices para catálogo sistemático:

1. Atibaia : São Paulo : Estado : História 981.61

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

1ª Edição
SISTTECH Tecnologia Educacional
Avenida Angélica, 2582 Consolação – SP
01228-200
www.sisttech.com.br

Apresentação

"Adriano, o que te levou ao estudo da história de Atibaia?" talvez seja uma das perguntas que mais tenho ouvido e ouvirei após a edição deste livro-- pergunta formulada por amigos ao me verem remexendo os alfarrábios da Igreja São João Batista, os livros do Cartório de Registro Civil, os apontamentos da Prefeitura e (como gosto é gosto) os arquivos mofados dos cemitérios.

Pois bem, nunca consegui dar uma resposta aos amigos que me satisfizesse por completo. Na verdade, nem bem eu sei. Parece algo como uma compulsão, uma razão inconsciente, uma paixão desbragada ou (e é o que acho mais provável) o somatório dos três sentimentos juntos. Mas, enfim, reconheço que não sei o que me leva a procurar, procurar, procurar até encontrar o nome certo, o registro correto, o documento comprobatório. E, considero eu, de tanto procurar fui premiado em encontrar documentos relacionados à fundação da cidade em que nasci. Acho até que encontrei a informação precisa e preciosa à qual ninguém teve acesso ou se a teve não lhe deu a devida atenção e valor. Mas falemos disso mais adiante e sigamos o conselho do rei ao Coelho Branco em Alice no País das Maravilhas: " (Coelho) comece pelo começo e, quando chegar ao fim, pare". Assim farei.

Comecei minhas pesquisas no campo da genealogia, um importante braço da história, muitas vezes desprezado. Primeiro buscando descobrir a minha origem e, ao descobrir que pelo lado materno meus ascendentes pertenciam às famílias mais antigas de Atibaia, resolvi pesquisar a origem dessas famílias. Para se ter uma ideia do quanto escarafunchei, consegui remontar a árvore genealógica de minha mãe até 40 gerações de antepassados, por alguns ramos, o que equivale a quase mil anos de história.

Enfim, dessa pesquisa meio amalucada nasceu a paixão pela história de Atibaia, uma paixão que só cresce, me aguça os sentidos e mantém acesa a compulsão por seguir firme na procura por fatos, personagens, enredos da minha história pessoal nos seus cruzamentos com a história atibaiana. Depois dessa incorrigível paixão, adveio uma forte razão: a versão oficial da história de Atibaia tinha algo que nunca me pareceu provável, factível:a presença do sertanista Jerônimo de Camargo no nascimento da cidade. Quero crer que todo genealogista tem uma inexplicável intuição e esse sentimento, somado as já intensas pesquisas sobre a história de Atibaia, me levavam a duvidar de que a versão oficial da história da fundação da cidade estivesse correta. Seguindo essa intuição, comecei a fazer uma viagem no tempo e, creio eu, desvendei os primeiros acontecimentos ligados ao nascimento de Atibaia.

Eu estava certo. Jerônimo de Camargo, respeitado bandeirante e grande fazendeiro de seu tempo, teve de fato ligações com Atibaia, mas não pode ser considerado fundador da cidade. Sim, este livro pretende apresentar provas que alteram a versão oficial da fundação de minha cidade -- uma das mais antigas cidades brasileiras, para não dizer, de modo ufanista, a mais bela, graciosa e hospitaleira das cidades.

(A propósito, as pesquisas me mostraram a importância de Jerônimo de Camargo para a formação da importante cidade de Jundiaí, ele sendo, na opinião de alguns historiadores, seu principal povoador).

Peço licença aqui para dizer que refuto o termo fundador para uma cidade, preferindo o termo povoadores ou principal povoador. Em raríssimas situações, a meu ver, o termo fundador de uma cidade é o mais apropriado, tendo no caso dos países da América ainda o fato de serem ocupados por povos aborígines milênios antes da chegada dos europeus.

Voltando à apresentação deste trabalho, ao avançar com as pesquisas fui cada vez mais me convencendo de que o cenário ilustrado na versão oficial da fundação de Atibaia carecia de fundamento.

O leitor observará na primeira parte deste livro, chamada de título I, que as provas que levantei mostram que a região de Atibaia e, especialmente o local em que o município nasceu, era explorada e povoada por adversários políticos da família Camargo – a família de Jerônimo de origem espanhola. Na verdade, os primeiros povoadores de Atibaia eram todos pertencentes a famílias aliadas da família Pires, de origem predominantemente portuguesa e adversária dos Camargos na célebre disputa pelo poder político da vila de São Paulo em boa parte de todo o século XVII -- conflito havido em São Paulo como consequência do fim da União Ibérica (1580 a 1640) e o início da chamada Guerra da Restauração travada na Europa entre Portugal e Espanha e que teve fim em 1668.

Após o início da exploração e povoamento da região atibaiana, que para mim se deu entre 1635 e 1655, surge um importante personagem na história de Atibaia: o padre e sertanista Matheus Nunes de Siqueira. Esse clérigo, apelidado Calção de Couro, era primo dos primeiros povoadores e proprietários desta região e em 1665, após uma bandeira por ele chefiada, resolve deixar em terras de sua família indígenas que ele 'conquistou' durante a bandeira numa paragem de nome Atibaia.

Fica claro que antes desse acontecimento, devidamente registrado pelo Padre na Câmara de São Paulo no dia 3 de julho de 1665 (a meu ver, a data mais adequada para a fundação de Atibaia), já existia uma aldeia ou aldeamento, mas não resta dúvida de que esse agrupamento de indígenas deixados por Nunes de Siqueira representou o impulsionamento para o surgimento do que viria a ser o município de Atibaia.

Como o leitor perceberá, a abordagem sobre a história da fundação de Atibaia recebeu maior atenção e dedicação de minha parte em contraposição ao restante dos capítulos, nos quais tratei de maneira rápida do desenrolar dos ciclos pelos quais a cidade passou a partir de sua fundação, descrevendo a sua evolução político-administrativa, seus poderes, seus costumes e um pouco de sua situação atual.

Assim o leitor deparará, por exemplo, com breves relatos sobre fatos marcantes nacionais e até mundiais que refletiram aqui, como a participação de atibaianos na revolução de 1932, e minibiografias de personagens que ajudaram a construir a cidade ao longo de três séculos e meio. Afinal, a história se faz de fatos e de pessoas e um povo que não conhece sua história certamente tem dificuldade de projetar seu futuro.

Por fim, considero importante dizer que a narrativa histórica pode valorizar tanto os grandes acontecimentos quanto os acontecimentos fortuitos, aleatórios, minúsculos, mas com desdobramentos imensos. Edward Gibbon, no monumental "Declínio e Queda do Império Romano", escreveu que a "história nada mais é que o registro dos crimes, das loucuras e das desgraças da humanidade". E o pano de fundo histórico dos anos iniciais da formação de Atibaia é a comprovação de que o inglês estava certíssimo: guerra na Europa que concorreu para um conflito em São Paulo inclusive com assassinatos de adversários políticos, e apresamento e mortes de um número infindável de indígenas forçados ao trabalho escravo e à catequese cristã. Crimes, loucuras e desgraças aos borbotões, portanto.

Já para quem considera o acaso tão importante quanto a ininterrupta luta de classes como motor da história, como é o caso do austríaco Erik Durschmied em "Fora de Controle, como o acaso e a estupidez mudaram a história do mundo", concluo esta apresentação contando que a versão oficial sobre o fundador de Atibaia teve origem em banal erro de homônimos e verificação desleixada: a partir de uma citação de Pedro Taques, os historiadores confundiram o Jerônimo de Camargo do século XVII por seu sobrinho neto Jerônimo de Camargo do século XVIII.

Mas chega de spoilers. Para conhecer o resto da história, não tem jeito: vocês terão de ler o livro.

Adriano Bedore

Agradecimentos

Em hipótese alguma posso deixar de agradecer a algumas pessoas que colaboraram para a realização desta obra: Daniel Anderson Prado , responsável pelos mapas contidos neste trabalho; Flávio Pileggi, autor da maioria das fotos; José Luiz Teixeira, que me deu a honra de prefaciar este livro e com quem tomei gosto pela genealogia; Aracelis Stamatiu e Lilian Vogel que, na condição de diretoras do Museu, me abriram as portas da biblioteca Joviano Franco da Silveira para as indispensáveis pesquisas historiográficas; Renato Zanoni, saudoso amigo com quem tive o privilégio de conviver e aprender e por cuja obra indispensável sobre os bairros de Atibaia seguirei lutando para ser editada; David da Cunha Boal Júnior, Ricardo Finco Pérgola, Gilberto Sant'Anna e José Pires Alvim Neto, que centenas de vezes emprestaram seus ouvidos para me ouvir falando da história de Atibaia e também colaboraram com seus conhecimentos; ao Luiz Fernando Pugliese, então secretário de governo, e ao atual prefeito Saulo Pedroso de Souza, que abriram as portas da prefeitura para minhas pesquisas e foram grandes incentivadores para que esta obra fosse realizada, e, em especial, aos meus pais Sônia e Odair que desde o dia em que vim ao mundo me fizeram entender que, além de amar Atibaia, é preciso ajudá-la a ser uma cidade justa, fraterna, solidária e progressista. Meu muito obrigado a todos vocês.

Contato com o autor Adriano Bedore

Dedicatória

Dedico este trabalho a
todos que, como eu, são
apaixonados por esta
cidade que é uma das
mais lindas cidades
brasileiras

Sumário

Prefácio.....10

TÍTULO I.....13

Capítulo 1.....15

Capítulo 2.....17

Capítulo 3.....20

Capítulo 4.....30

Capítulo 5.....32

Capítulo 6.....34

Capítulo 7.....35

Capítulo 8.....41

Capítulo 9.....43

Capítulo 10.....47

Capítulo 11.....48

Capítulo 12.....51

Capítulo 13.....52

Capítulo 14.....54

Capítulo 15.....57

Capítulo 16.....60

Capítulo 17.....63

Capítulo 18.....65

Capítulo 19.....72

Capítulo 20.....74

Capítulo 21.....82

Capítulo 22.....84

TÍTULO II.....109
Capítulo 1.....111
Capítulo 2.....113
Capítulo 3.....120
Capítulo 4.....121
Capítulo 5.....126
Capítulo 6.....149
Capítulo 7.....151
Capítulo 8.....152
Capítulo 9.....154
Capítulo 10.....156
Capítulo 11.....158
Capítulo 12.....163
Capítulo 13.....175
Capítulo 14.....179
Capítulo 15.....180
Capítulo 16.....192
Capítulo 17.....194
Capítulo 18.....195
Capítulo 19.....198
Capítulo 20.....206
Capítulo 21.....208

TÍTULO III.....209
Capítulo 1.....211
Capítulo 2.....211
Capítulo 3.....213
Capítulo 4.....219
Capítulo 5.....246
Capítulo 6.....249
Capítulo 7.....250

TÍTULO IV.....253
Capítulo 1.....255
Capítulo 2.....257
Capítulo 3.....259
Capítulo 4.....260
Capítulo 5.....262
Capítulo 6.....265
Capítulo 7.....267
Capítulo 8.....269
Capítulo 9.....274
Capítulo 10.....276
Capítulo 11.....281
Capítulo 12.....293
Capítulo 13.....292
Capítulo 14.....306
Capítulo 15.....308
Capítulo 16.....309

Posfácio.....316

Referências bibliográficas.....317

PREFÁCIO

O convite de prefaciar este livro foi motivo de muita satisfação para mim, tanto em razão do autor ser meu amigo quanto em razão da obra em si. O Adriano é um jovem com formação em ciências jurídicas que se revelou um pesquisador, genealogista e historiador de primeira grandeza. Mais: ao escrever este livro, veio preencher um vácuo existente na historiografia regional no que diz respeito à nossa cidade, nosso amado e querido berço, onde Adriano nasceu, vive e idolatra.

O livro começa com a descrição precisa da origem do nome de nosso berço, com as mais diversas definições apresentadas por outros historiadores.

A seguir, fala dos primeiros povoadores e do caldeamento com as outras aqui existentes, do branco povoador com os gentílicos, da vida na pobreza desses habitantes e da necessidade de abastecimento da capital da capitania de São Vicente (São Paulo).

Discorre sobre a ocupação e povoamento das terras interiores, a necessidade do apresamento, e sobre a importância dos jesuítas e dos bandeirantes que, ao desbravarem o sertão hostil, foram fundando cidades e moldando as fronteiras e a imensa dimensão territorial que é o nosso País. É nesse capítulo que o autor descreve as diversas correntes de historiadores que divergem quanto ao verdadeiro fundador de nossa cidade e apresenta uma nova versão dos acontecimentos históricos responsáveis e intimamente ligados à fundação de Atibaia. Para tanto, expõe o conhecido conflito que durou mais de cem anos, em São Paulo, entre as famílias Pires (de origem portuguesa) e Camargo (de origem espanhola) – decorrente em grande medida da guerra na Europa travada entre Portugal e Espanha após o fim dos 60 anos da chamada União Ibérica sob o mando dos reis espanhóis -- e sobre a importância do desdobramento do conflito no processo de formação de nossa cidade.

Discorre sobre as fatos marcantes que caracterizava a vida de Atibaia, durante o período imperial, desde a independência até o advento da Republica, a participação dos atibaienses na revolução liberal de Tobias de Aguiar em 1842, na guerra do Paraguai em 1865, na convenção republicana de Itu, da relação entre os proprietários rurais e a escravatura, na presença de um célebre abolicionista aqui em Atibaia, Antônio Bento, o domínio da política administrativa da cidade, dos membros dos clãs formados pelos descendentes do primeiro capitão-mor, Lucas de Siqueira Franco, e do capitão Francisco Lourenço Cintra, por um período de 150 anos até o advento da República.

Já sob o início da República, Adriano nos dá uma visão ampla da política local, do sistema de governo, da Câmara municipal como Poder legislativo e executivo, até a revolução de 1932, período em que emergiu o maior líder político de Atibaia do século XX, o major Juvenal Alvim, passando pela segunda guerra mundial, pelo golpe militar de 1964 – golpe que atingiu em cheio o seio de algumas famílias atibaianas --, e o processo de redemocratização que veio a seguir.

Também traz um pouco da nossa geografia local, nos situando no espaço geográfico do estado de São Paulo,

nossos limites, nosso relevo (orografia) nossa hidrografia (rios e riachos), fauna, floresta, dando ênfase ao complexo do Itapetinga (reserva natural de mata atlântica) quanto ao homem no seu meio social, e ainda fala sobre nossa população, dos núcleos familiares mais antigos e da chegada dos imigrantes a partir da segunda metade do século XIX, italianos na sua maioria.

Já no século XX os espanhóis, os japoneses também vieram a constituir elementos humanos importantes no processo de miscigenação com os atibaianos antigos, traçando pequenas biografias das importantes personalidades de nossa história passada e recente, dos ciclos econômicos pelos quais passou nossa cidade: da agricultura de subsistência no princípio e depois uma agricultura voltada a suprir a capital da capitania, São Paulo, e no século XIX a epopeia cafeeira até os anos de 1940, quando veio o ciclo da batata principalmente com espanhóis e a seguir com os japoneses e, por fim, os ciclos que perduram até hoje, fruticultura e floricultura.

Discorre a seguir sobre a evolução política administrativa desde o ano que passou de capela curada até ser estância hidromineral e climática e, também baseado nos relatos do saudoso Renato Zanoni, transcreve os primeiros bairros, suas origens e significado dos nomes e as companhias de ordenanças de Atibaia.

Outra pesquisa aqui transcrita diz respeito aos locais de sepultamentos, os atuais cemitérios, pesquisa trabalhosa e custosa com que o autor nos brinda.

Em outro capítulo temos a mudança da nomenclatura de vila para cidade e a biografia de seus intendentes e prefeitos de 1892 ao atual Saulo Pedroso, reeleito em 2016 para um mandato até o final deste ano de 2020.

A seguir trata da história da igreja católica desde a capela do aldeamento, embrião de Atibaia, até a capela curada e daí até a paróquia atual, não esquecendo da inserção das igrejas evangélicas na vida da cidade, como a presbiteriana, datada de 1903 até a criação do seminário bíblico da Palavra da Vida.

Também escreve sobre as famílias atibaianas antigas, descendentes dos primeiros povoadores e colonizadores da capitania de São Vicente, como também a respeito dos primeiros imigrantes aqui chegados, os italianos que se entrelaçaram através de casamento com as famílias tradicionais de Atibaia.

Os ciclos econômicos vivenciados pelo município -- de celeiro de São Paulo à cidade de muitas vocações -- com ênfase merecido sobre a fábrica São João, os condomínios, as haras, as indústrias de piscinas, a agricultura, a avicultura e pecuária e as atuais industrias de ponta, geralmente multinacionais, aqui instaladas devido à posição geográfica privilegiada de nossa cidade. Trata também do comércio e serviços atuantes no que diz respeito a comunicações, os jornais, a rádio, telefone e internet, os meios de transportes a estrada de ferro bragantina, as rodoviárias, as estradas de rodagem e o aeroporto.

Enfim, nestas mais de 200 páginas, Adriano Bedore oferece ao leitor um relato completo da história de nossa terra, sabendo distinguir o importante do desimportante e o profundo do raso e, desse modo, conseguindo transmitir muito do que caracteriza o espírito atibaiano -- esta mistura muito evidente e bem-sucedida do matuto caipira (que ainda preza uma boa cantoria de viola na Folia de Reis) com o ser urbano antenado às pesquisas no Google e aos avanços da ciência advindo da proximidade, quase conurbação, com a Capital e Campinas.

Por fim, que esta obra inspire outros interessados em história a seguir adiante pesquisando mais sobre a nossa cidade e sua gente. E acima de tudo que, ao final da leitura, o jovem leitor sinta -- como eu senti -- um orgulho danado de dizer: “EU SOU DE ATIBAIA”.

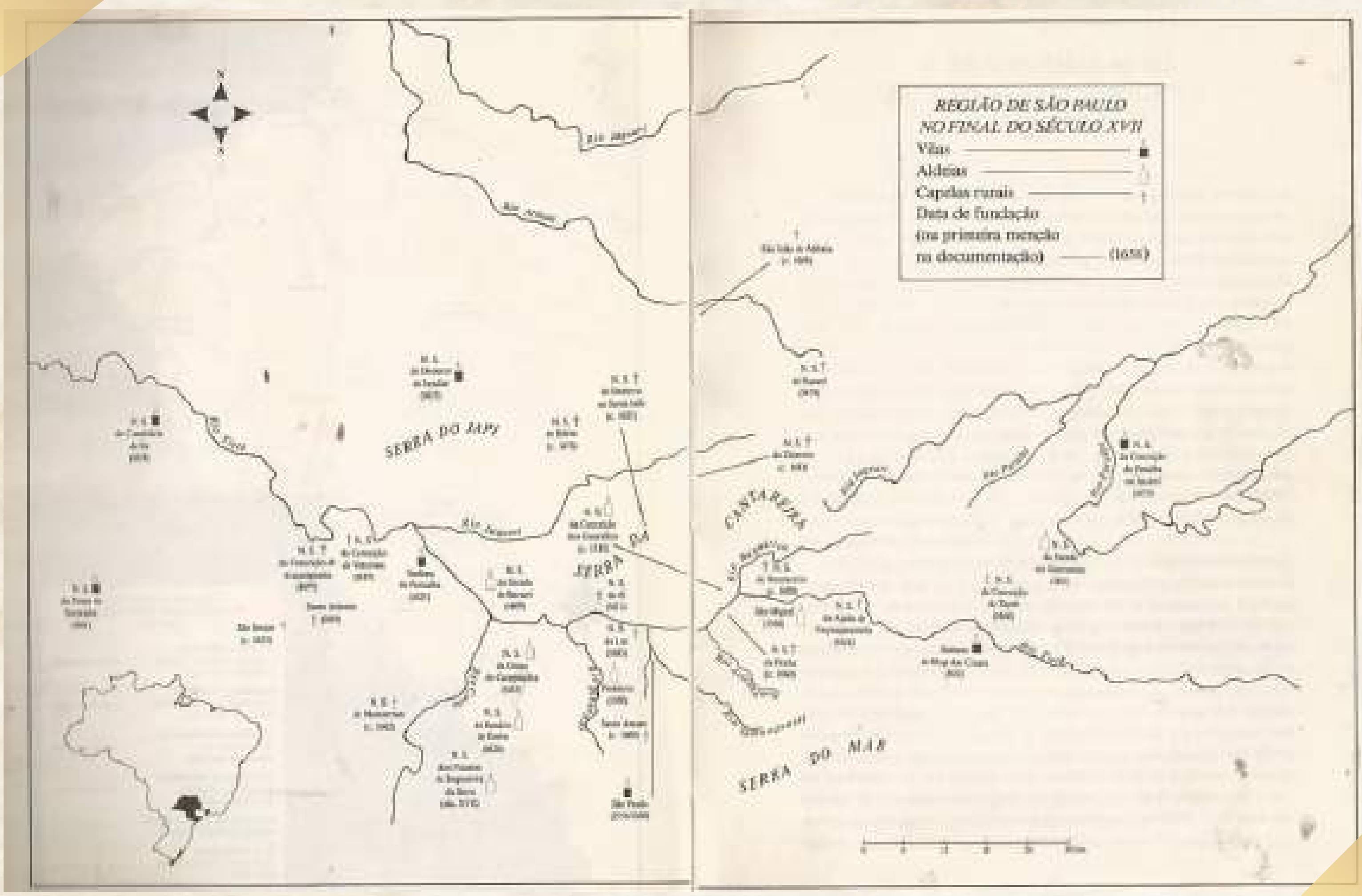
José Luiz Teixeira[1]

PS: Gratidão eterna ao amigo Adriano por ter me dado a felicidade e a honraria de, antes do público leitor, poder maravilhar-me com o que aqui vai escrito.

[1]José Luiz Teixeira “Igi” nasceu em Atibaia em 20/11/1944, é filho de Maria Mercedes Soares do Amaral e de Francisco José Teixeira. Foi comerciante, professor formado pela USP como geógrafo e pecuarista em Atibaia, vereador da câmara de Atibaia entre 1983 a 1988 pelo PMDB e casado com Elvira Akemi Sasaoka Teixeira, filha de Masashigie Sasaoka e de Toyoko Otani Sasaoka.
José Luiz Teixeira é o maior memorialista e genealogista de Atibaia, detentor de uma brilhante memória histórica e genealógica.

TÍTULO I

HISTÓRIA


REGIÃO DE SÃO PAULO
NO FINAL DO SÉCULO XVII
Vilas
Aldeias
Capelas rurais
Data de fundação
(ou primeira menção
na documentação)
(1658)
N
S
SERRA DO JAPI
CANTAREIRA
SERRA DO MAR

Capítulo 1
Origem do nome

Há algumas interpretações sobre o significado do nome de Atibaia, sem consenso sobre ele. Vamos apresentar algumas dessas interpretações de estudiosos, lembrando que o nome original, sobre o qual também não há um consenso, era Tybaia ou Thibaia. O nome atual, segundo Teodoro Sampaio, tem o significado de "atyb-aia", o pomar saudável, ou água saudável ou trançada, revolta ou confusa. Mas vamos às interpretações dadas aos possíveis nomes originais da cidade.

Obviamente, não sou um filólogo, mas ousaria dizer que o consenso sobre a interpretação reside na terminação baia, que significa SAUDÁVEL, salubre, ou seja, o significado do nome da cidade é pomar, sítio, água ou rio, saudáveis.

Não há consenso sobre o significado da palavra Tybaia ou Abatybaia e suas variações até se consolidar no diminutivo Atibaia. Abaixo, dou algumas interpretações de linguistas sobre os possíveis significados da palavra que denomina uma das mais belas cidades brasileiras.

Tybaia = Tyb-aia, sítio saudável, ou Tybaia-ty-b-aia = manancial saudável, o que poderia se interpretar como lugar saudável, o que particularmente para mim traduz mais o que Atibaia representou e representa, ou seja, um lugar saudável diante de seu relevo, cenário e clima.

Fotos do rio Atibaia – Flávio Pileggi

Outra interpretação seria Tipai = rio alagado (Ti = rio, pai = lagoa, área alagada). Tibaya = água saudável, revolta ou alagadiços. Ty-Baio = rio manso de águas tranquilas, de água agradável ao paladar.

Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, no seu Glossário de Palavras Indígenas, coloca o termo Tybaia como rio da feitoria, opinião descartada pela maioria, já que o termo é anterior à colonização. Plínio Airosa traduz o termo Atibaia como rio manso de águas tranquilas e água agradável ao paladar.

João Mendes de Almeida, no Dicionário Geográfico da Província de São Paulo, atribui o significado da palavra Atibaia a acidentes geográficos. Poderia ser proveniente de rio, ou seja, Tipai, como falavam os antigos, significando rio alagado, que indica: ti + rio, pa = iapá, lago, alagadiço e I = e; alusivo a "correm várzeas extensas por entre alagadiços". Esta interpretação, se correta, faz todo sentido, inclusive porque nos últimos anos a área

alagadiça da cidade (várzea do rio Atibaia e seus afluentes) tem aumentado e gerado sérios problemas aos moradores das regiões próximas aos rios.

Aires de Casal diz: Ty-b-aia ou Thibaia significa água ou manancial saudável.

Plínio Airosa tem duas interpretações: Tibaia como água salobra, acre, rio e água ruim poluída e Ty-Baio, – o rio manso de águas tranquilas, de água agradável ao paladar.

Há ainda outras interpretações como água agradável ao paladar ou água saudável.

Segundo João Mendes de Almeida, o termo poderia ser também ligado à serra, Tipai: morro dependurado, desmembrando-se em ti = montão e pai = dependurado.

Foram muitos os nomes da região de Atibaia dados pelos indígenas que a habitavam muito antes da chegada dos brancos, vou citar alguns:

Itapetinga, nome da principal serra do município, onde se encontra a Pedra Grande. De Itape – tinga = laje branca, o lajeado alvo, ou seja, pedra de predominância branca ou pedra com manchas brancas, a nossa Pedra Grande.

Caetetuba (Caitetuba), nome de um bairro do município = lugar, ou habitat dos caetetos (caitetos), queixadas = porcos-do-mato, contudo, também há outra interpretação ao nome que diz ser um morro "completamente quebrado e deitado". De cá = quebrar, eté = inteiramente, completamente, tuba = infinitivo do verbo ayub = estar deitado, estar no chão: Ca-eté-tuba

Caioçara (Caocaia), nome de um bairro do município – de caà = mato, yoçara = mata com cercado, palhiçada; Campo Largo, cabeceira do ribeirão Folha Larga.

Caa'guassu = caá = mata, guassu = grande, mata grande, hoje bairro da Ponte Alta.

Guaxinduva (Guaxenduba), nome de um bairro do município – de Ghachy-ndu-bo= sítio das vassouras, o vassoural ou, segundo João Mendes de Almeida, diz ser: uma corruptela de Guachy-ndu-bo = desliza aos soltos, alusivo a cascatas ou quedas.

Maracana, nome de um bairro do município = nome de uma arara, papagaio. Entre tantos outros identificados.

Piqueri = rio de peixinhos. Ribeirão que corre pela região central da cidade.

Tabatinguera = barreiro de tapatinga que significa argila branca, barro branco.

Pararanga = Rodador, lugar ladeirento, por onde se pode rolar, tombar, cair. Nome de uma fazenda no bairro dos Pires.

Bocaina = Depressão aberta numa serra.

Sobre o Rio Atibaia, ver no capítulo 6 do título IV sobre abastecimento de água, tratamento de esgoto e energia elétrica.

Capítulo 2
Pré-história regional

OS ÍNDIOS, PRIMEIROS HABITANTES DA REGIÃO DE ATIBAIA.

Segundo pesquisadores que estudei, a etnia indígena que ocupava a região de Atibaia - ou, com mais amplitude, – toda região montanhosa do sul da serra da Mantiqueira, desde a serra da Cantareira e atual cidade de Guarulhos até onde chegava ao norte o mato geral, ou seja, aos arredores de Moji-Mirim - era dos Maromomi, depois chamados de Guainá ou Guainã.

A serra da Mantiqueira chegou a ser chamada no início do século XVII de "montes Guarimumis" ou "Marumimis", portanto, é muito provável que essa seria a etnia indígena que habitava a região atibaiana e que acabou ajudando a formar, povoar e participar das primeiras miscigenações entre os brancos das aldeias e depois freguesias de Guarulhos, Atibaia e suas regiões.

Não se tem certeza se faziam parte da nação Tupi, mas tudo indica que eram do tronco macro-jê, e que o idioma falado possivelmente era da família linguística Puri (Maromomi, Karajá do Sudeste, Papaná, Guaianâ, Sacaru, Gessaruçu, Coado), muito provavelmente povos aparentados.

Sobre o nome pelo qual essa etnia era conhecida entre eles próprios e pelos europeus, obviamente não há consenso e naturalmente sofreu alterações ao longo do tempo.

Anchieta e Rodrigues os trataram de Maromomis, mas outros brancos, especialmente os jesuítas, deram outros nomes para eles, como: Maramomis, Moromimim ou Maranomis.

Nos parece que a etnia Maromomis passou, por qualquer motivo obscuro, a ser conhecida, a partir do século XVII, por Guarumimim, – Gurumimis, – Guaramimis, – Garomemis, – Marumimim, – Guarimumi, – Marumimis, – Goarulho e, por fim, Guarulhos.

Segundo Teodoro Sampaio, a partir do Tupi sugere-se que o etnônimo Maromomis poderia ser derivado de Myra, Mura = povo, nação, e momi = miúdo ou pequeno. Já Gorulho, Guarulho, que substituiu o Maromomi, pode ser derivado Guru = gente u = que come.

Não há muitos trabalhos científicos sobre os Maromomi ou Guarulhos, mas o que se sabe sobre eles é que eram índios muito pacíficos e, portanto, "apropriados" para os aldeamentos e muito provavelmente foram os primeiros, juntamente com a grande nação tupi do planalto paulista, a promover uma miscigenação com os brancos (os primeiros mestiços ou cafuzos), criando a partir daí os carijós da nossa região.

Sobre eles, poucas são as referências, entre elas:

A sesmaria concedida a Francisco Jorge Velho em agosto de 1638 "... começando na tapera dos Garonemis até o rio Juqueri...".

A sesmaria concedida a Miguel de Almeida em 1639 "... uma paragem que chamam os Pinhais[2] (hoje no município de Jarinu, na época Atibaia, próximo ao morro de Antônio Alves, perto do bairro da Usina) onde o índio Marumimin por nome Pedro com outros parentes seus tinham roças....As ditas roças dos sobreditos indígenas pelo rumo norte chegavam a um rio chamado Ybaatibaia..." (falaremos mais sobre essa sesmaria quando tratarmos de todas elas).

A ocupação, pelos indígenas, da fazenda de João Sutil de Oliveira, fazendeiro e bandeirante, em 1652, quando o mataram juntamente com sua família.

Também se sabe que em 1665 foram deixados pelo padre Matheus Nunes de Siqueira na paragem já existente de nome Atubaia, para que formassem uma aldeia, no sentido de aldeamento ou arraial.

Em 1669, sabe-se que deixaram a aldeia de Guarulhos e foram para a aldeia de Atibaia.

Para concluir este capítulo sobre os primeiros habitantes do Brasil, mais especificamente da região de Atibaia, é preciso dizer que se estima que em 1500 havia cerca de 5 a 6 milhões de índios no Brasil, de diversas etnias, e hoje são cerca de apenas 300 mil. Calcula-se que eram faladas cerca de 1200 línguas diferentes (hoje existem apenas cerca de 180 delas). O Brasil praticou um verdadeiro holocausto com a eliminação de milhões de indígenas. No centro-sul do país, esse genocídio foi praticado, na maior parte, pelos bandeirantes. Os indígenas ou eram mortos cruelmente pelos brancos e até mesmo pelos mamelucos, ou morriam de doenças com o contato com os brancos, ou ainda matavam-se entre si pois os bandeirantes souberam manipular os ódios intertribais, enfim, a etnia que vivia no território atibaiano e possivelmente em toda serra da Mantiqueira já não se encontra mais no Brasil. Não há um atibaiano de raízes antigas que não tenha o sangue desse povo que, infelizmente, não existe mais.

Sem se aprofundar muito sobre os povos indígenas que viviam na área que viria ser o Estado de São Paulo, podemos simplesmente dizer que existiam quatro grupos principais: ao norte, de São Sebastião para cima até Cabo Frio, ficavam os Tupinambás ou também chamados Tamoios (a principal rodovia que liga Atibaia ao litoral norte tem o nome desse povo que viveu por lá). A faixa sul, de Cananeia para baixo, era o território dos Carijós, nome dado também aos mamelucos de diversas regiões, entre elas a de Atibaia. A faixa central do Estado, entre São Sebastião e Cananeia, era ocupada pelos Tupiniquins, diferentemente dos dois primeiros grupos, e, no centro dessa região, no caso a nossa região, constituída pela Baixada Santista, o Planalto Paulista, Campos de Piratininga, região de Guarulhos e Atibaia e certamente quase toda serra da Mantiqueira, os chamados Maromomis e suas variantes,

[2] Entre os dois mais antigos bairros de Atibaia, Caioçara e Itapetinga, acima do bairro do Portão e abaixo do Ribeirão dos Porcos, existe um bairro chamado Pinheirinho, que também poderia ser o citado bairro acima.

depois chamados de Guaianás, Guainãs, Guaianases e posteriormente Garonemis, Gorulhos e finalmente Guarulhos.

Deste povo extraordinário que conhecia e deu nome a todos os acidentes geográficos, vegetações, ervas curandeiras e animais, que sabia a utilidade de cada coisa, vivia em perfeita harmonia com a natureza e que foi quase todo dizimado ou escravizado, - sendo chamado de catequizados, peças de serviço, peças forras, gente forra, gente do Brasil, gente de obrigação, gente da terra, gente de serviços obrigatórios, índios de minha administração ou negro gentio -, milhares ou milhões, através da miscigenação forçada resultou em uma das principais matrizes étnicas do povo brasileiro. É reconfortante saber que resta um pouco deles nos DNAs de todos os brasileiros que, como eu, cerca de 90% da população, é fruto da rica mistura de raças que formaram e vêm formando o povo brasileiro. Nossa identidade como povo atibaiano tem muito dessa gente que se misturou aos portugueses, espanhóis, negros, depois aos italianos, japoneses e outros povos. Todo o Brasil, em especial a Capitania de São Vicente, depois o Estado de São Paulo, foi construído através do conhecimento dos indígenas e da sua participação efetiva na criação dessa gente paulistana. Se o Brasil fosse uma área desabitada, sem a presença dos nativos, o desenvolvimento alcançado através do tempo seria muito mais vagaroso. Triste é imaginar que poucos têm consciência da importância do indígena para a nossa história.

Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo, São Paulo

Capítulo 3

Início da ocupação do território brasileiro e seu povoamento

AS CAPITANIAS HEREDITÁRIAS

A primeira divisão, digamos, imobiliária no Brasil ocorreu com a criação, em março de 1534, data da primeira carta de doação, das capitanias hereditárias. Atibaia se localizava na capitania de São Vicente, cuja "capital" até 1709 foi a primeira cidade brasileira, São Vicente, e depois passou a ser a cidade de São Paulo de Piratininga.

AS PRIMEIRAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS DE MATRIZ EUROPEIA

O início do povoamento europeu no território brasileiro se deu a partir da expedição de Martim Afonso de Souza em 1530/31. Para o Brasil vieram muitos casais ou homens e mulheres, no início, muito mais homens que mulheres. Obviamente que os portugueses eram a maioria, mas também vieram muitos espanhóis, especialmente entre 1580 e 1640, quando Portugal e Espanha formaram um único reino.

As importantes famílias Pires e Camargos que rivalizaram pelo poder político na vila de São Paulo a partir de 1640 podem ser consideradas como pioneiras neste processo de povoamento da Capitania de São Vicente e do país, que começava então a ser ocupado pelos europeus.

A família Pires, de origem portuguesa, veio com a expedição de Martim Afonso de Souza, ou provavelmente logo depois, e a família Camargo, de origem espanhola, chegou cerca de 50 anos depois, aproximadamente em 1580.

A MISCIGENAÇÃO DAS DUAS PRIMEIRAS MATRIZES

As três principais e primeiras três matrizes étnicas na formação do povo brasileiro são os indígenas (povos originários do território brasileiro, divididos em centenas de etnias), os europeus, no primeiro momento vindos da Península Ibérica (portugueses em maior número e depois os espanhóis) e os negros de origem africana.

O início da formação da população atibaiana não poderia ser outro, senão a miscigenação entre os brancos europeus ou já brancos brasileiros, ou seja, os já nascidos no Brasil com os chamados negros da terra, ou os indígenas, os Maromomis ou Guaronemis e suas inúmeras variações linguísticas no curso do tempo, e naturalmente outras etnias trazidas à região pelos bandeirantes.

Nas minhas pesquisas genealógicas encontrei muitos casamentos de brancos com indígenas ou simplesmente ditos carijós, que nada mais eram que os descendentes dos primeiros povoadores brancos com os moradores nativos da nossa região e do Brasil. Portanto, a base étnica dos primeiros habitantes das aldeias, depois freguesias e vilas, eram os indígenas da região e outras etnias indígenas trazidas pelos bandeirantes e jesuítas.

Na verdade, a formação dos primeiros brasileiros, fruto da miscigenação entre brancos e indígenas, se deu através da poligamia e ou do chamado cunhadismo, expressão utilizada pelo antropólogo Darcy Ribeiro, que permitia aos brancos se deitarem com inúmeras índias e destas relações formarem milhares de mamelucos.

Antes mesmo da expedição de Martim Afonso de Souza chegar ao Brasil em 1531, no norte, e em 1532, no sul, aqui já existiam milhares de mamelucos filhos de brancos degradados ou náufragos, como Diogo Alves Correia, o Caramuru, Francisco Chaves, o Bacharel, Gonçalo da Costa, os três de Cananeia, Diogo Braga, de Bertioga, Antônio Rodrigues de São Vicente, que foi casado com uma índia, filha do cacique Piquerobie João Ramalho, do planalto de Piratininga (São Paulo).

Na verdade, iludem-se os que tentam achar somente a nobreza europeia na sua linhagem paulista. Claro que a partir da segunda metade do século XVI começaram a chegar ao Brasil muitas famílias consideradas nobres tanto em Portugal como na Espanha, mas, no início da povoação brasileira, a miscigenação se deu entre náufragos e degradados (expulsos da Península Ibérica) com as índias e depois dos mamelucos fruto dessa mistura. Portanto, as primeiras gerações de brasileiros, via de regra, não tinham nada de nobreza europeia.

Voltando aos primeiros brancos em solo brasileiro, falemos um pouco mais de João Ramalho. Tinha enorme liderança entre os brancos existentes no Brasil antes da expedição de Martim Afonso de Souza e entre os indígenas. É considerado o pai dos paulistas como Abraão é considerado o pai dos judeus. Era natural de Barcelos, norte de Portugal, e provavelmente aportou no Brasil entre 1509 e 1510. Teve dezenas ou centenas de mulheres e com elas centenas de filhos e foi oficialmente casado com uma filha do cacique Tibiriçá, de nome Bartira. João Ramalho é considerado um dos mais importantes troncos paulistas, os quais já estavam no Brasil entre 1510 a 1520.

Outro exemplo da miscigenação entre as duas primeiras matrizes do povo brasileiro, brancos europeus e indígenas, foi o casamento entre Messia Fernandes, nome de batismo cristão, mais conhecida como Messiaçu ou Messia Grande, no idioma indígena, neta de uma índia filha do cacique Piquerobi e de Antônio Rodrigues, aquele que já se encontrava em São Vicente quando lá chegou a expedição de Martim Afonso de Souza, companheiro de João Ramalho, com Salvador Pires, da importante família Pires de São Paulo, da qual muito vamos falar e a qual muito tem relação com o início do povoamento de Atibaia, pois dessa união originou-se grande e importante prole na cidade de São Paulo e em Atibaia. Outro exemplo foi o casamento da mameluca Ana Camacho com Domingos Luiz, responsáveis pela igreja da Luz em São Paulo. Ana Camacho[3] era bisneta de João Ramalho que se casou com

[3]Ana Camacho era filha de Jerônimo Dias Cortes e de (... Camacho), neta de Bartolomeu Camacho e de Catarina Ramalho, que era filha de João Ramalho.

o português Domingos Luiz, apelidado de "o carvoeiro" em alusão à aldeia de Marinhota, da freguesia de Santa Maria da Carvoeira, tal qual Salvador Pires, patriarca de muitas famílias paulistas. Eu mesmo descendo de ambos os casais.

Degredados como Proença e Frutuoso da Costa, ou mesmo os primeiros povoadores vindos com suas mulheres ou sem elas, com tantas Messiacús existentes no Brasil, deram início ao nascimento de pessoas que não eram mais europeias, não eram mais indígenas, e sim uma gente totalmente marginalizada, na sua grande maioria, e que seria a base da gente brasileira. As primeiras gerações da população paulista eram, portanto, descendentes dos náufragos, que já estavam em solo brasileiro antes das expedições de "povoamento", os degredados e brancos, na maioria, portugueses e espanhóis, com as matronas indígenas e depois com as raras brancas europeias, todos vivendo uma vida extremamente simples, em casas humildes, especialmente as casas nos povoados, freguesias (bairros) e vilas, com raríssimos móveis de madeira, chão de terra batido, raras telhas de barro, cercado de roças ou mato e dispostas em ruas sem nenhuma estrutura e planejamento, dividida com bichos de várias espécies.

O início da vida urbana no Brasil, nos séculos XVI, XVII e XVIII estava infinitamente em desvantagem em relação à vida urbana europeia e a adaptação a essa realidade brasileira deveria ser um grande choque para as famílias europeias que vieram para o Brasil, mesmo as mais pobres.

AS ALDEIAS INDÍGENAS E OS ALDEAMENTOS

As aldeias indígenas eram as "cidades dos indígenas", evidentemente dentro da concepção indígena de cidade, e naturalmente bem diferente da nossa. Já os aldeamentos eram administrados por jesuítas, outros religiosos ou colonos brancos. Eram, sem dúvida, a base para administração do trabalho de conquista dos indígenas e de defesa da região do aldeamento, também chamado de arraial ou aldeia. Nos aldeamentos se instalavam os indígenas atraídos amigavelmente ou apresados violentamente nos sertões pelas bandeiras ou sob o manto da catequização cristã. O local escolhido pelos colonizadores para formar o aldeamento ou era uma própria aldeia indígena para, a partir dela, se criar um aldeamento, ou se escolhia um local novo. A maioria das antigas cidades brasileiras nasceram a partir de uma aldeia indígena transformada em um aldeamento ou de um aldeamento formado num local novo.

O NASCIMENTO DE CIDADE (FUNDADOR X POVOADOR)

Antes de abordar a polêmica questão sobre a fundação e os fundadores de nosso município, eu preciso dizer que refuto completamente a expressão fundador para designar aquele ou aqueles que mais contribuíram para o nascimento de uma cidade.

Primeiro porque não acredito ser possível atribuir, via de regra, a uma única figura o surgimento de um povoado, e segundo por considerar que o termo fundador não seja apropriado para designar a principal ou as principais pessoas que contribuíram para que isso de fato se desse.

Portanto, não apresentarei nenhum nome como único fundador de Atibaia, e, sim, alguns nomes que considero importantes para o seu surgimento e povoamento, nos moldes europeus de concepção de uma cidade.

Pintura sobre a fundação da cidade de autoria de Adriana Abramo

Embora saibamos que antes do aldeamento[4] de Atibaia, nos moldes europeus, ela já era habitada por indígenas, podemos dizer que a cidade surgiu a partir da construção de uma igreja acompanhada de um cruzeiro. Desenvolvendo o local, ele se tornaria um arraial (o embrião de um bairro), depois freguesia (um bairro) e depois uma vila (cidade). E usarei o termo primeiros e ou principais povoadores para retratar as pessoas que julgo serem as primeiras ou principais no surgimento e povoamento de Atibaia.

Para mim, a maioria dos povoadores ou iniciadores destes centros urbanos, durante o início do período colonial, foram os jesuítas os maiores responsáveis pelo surgimento dos primeiros povoados ou aldeamentos, depois transformados em freguesia (bairros), distritos e vilas (cidades), e não os bandeirantes que, via de regra, entravam no sertão com outras finalidades, finalidades que serão tratadas a seguir. Os bandeirantes, na sua grande maioria, moravam nas fazendas próximas à Vila de São Paulo e entravam sertão adentro à procura de indígenas, sem a preocupação de iniciar novos centros urbanos, o que evidentemente poderia acontecer como exceção à regra, como, por exemplo, o surgimento de cidades a partir de paragens de bandeirantes utilizadas por eles como descanso e abastecimento no curso dos caminhos abertos, também utilizados nas suas entradas sertão adentro.

Com o passar do tempo, os bandeirantes, que também eram grandes fazendeiros, passaram a formar aldeamentos ou povoados com a intenção de reunir os indígenas e iniciar o trabalho de convencimento quase sempre forçado e brutal para transformá-los em mão de obra para suas próprias fazendas, ou para serem vendidos para outros fazendeiros. Antes de tratar um pouco sobre os jesuítas e os bandeirantes, considero que seria bom falar um pouco da importância das igrejas católicas nos nascimentos das cidades.

As cidades do interior paulista nasciam sempre em torno de uma igreja católica, às vezes nasciam por outras razões, quando não nasciam justamente em razão da construção de uma igreja, mas sempre surgiam em torno de uma.

As igrejas católicas dos séculos XV ao XIX não eram somente a sede da fé católica das cidades, eram sem dúvida o centro social, político, religioso e geográfico das cidades.

Salvo raríssimas exceções, a fundação de uma cidade se dava com a construção de uma igreja católica.

[4]Aldeamento ou povoado seria um núcleo de predominância da população indígena, criado e administrado por brancos com a finalidade inicial da exploração econômica dos indígenas e secundariamente de formação de um arraial. Caso a finalidade secundária prosperasse, nà medida do crescimento do aldeamento, crescia também a população não indígena, ou seja, brancos e mamelucos. Já uma aldeia seria um núcleo espontâneo de população indígena, sem interferência de brancos.

Além de ser a sede da religião católica, religião da totalidade ou, em casos raríssimos, da maioria esmagadora da população, as capelas ou igrejas matrizes eram também o centro social e político das vilas do Brasil colônia e Império.

OS JESUÍTAS

Os jesuítas eram religiosos da ordem de Jesus fundada pelo padre espanhol **Inácio de Loiola** (*23/10/1491 †31/07/1556) em 1540. O Papa Francisco é o primeiro papa jesuíta da história da igreja; portanto, passaram-se quase 500 anos para os jesuítas chegarem ao papado.

Padre Antonio Vieira

Os jesuítas foram os responsáveis pelo povoamento de muitas cidades brasileiras e pela catequização de milhares de indígenas que convertidos à religião dos conquistadores brancos europeus. Vieram para o novo mundo com extrema coragem e completo desconhecimento do local e se embrenharam mato adentro, fizeram contato com povos e animais nativos nunca antes vistos no velho continente e até então único mundo conhecido. Tal qual os bandeirantes e primeiros paulistas e brasileiros, os jesuítas viviam em extrema pobreza. Muitos viviam de esmolas e, pasmem, um dos mais importantes jesuítas de nossa história, Manuel da Nóbrega (*18/10/1517 †18/10/1570), em carta de 1552, relata que ainda vivia com a mesma roupa com que desembarcara no Brasil, três anos antes. Nóbrega, com cerca de 30 anos em fevereiro de 1849, foi indicado pelo rei D. João III para chefiar um grupo de jesuítas que viria com o primeiro Governador-geral do Brasil, Tomé de Souza, primo de Martim Afonso de Souza, e chegou em terras brasileiras no final de março daquele ano. Dá para imaginar um padre andando pelo selvagem Brasil, com suas únicas vestes negras por três anos? Algo completamente inimaginável nos dias de hoje.

No início da colonização, somente os jesuítas tinham autorização para "usar" o trabalho dos indígenas, mas tal regra praticamente não foi obedecida pelos paulistas. Em 1639, o papa Urbano VIII proibiu a escravidão e, como havia uma grande escassez de mão de obra africana, acirrou-se o conflito entre jesuítas e paulistas.

OS BANDEIRANTES

Os bandeirantes na nossa historiografia são considerados heróis e ao mesmo tempo são considerados vilões. E o que são? Heróis ou vilões? Eu não tenho dúvida de que eram os dois. Eram heróis porque o tamanho atual do Brasil se deve à coragem destes caçadores que entraram sertão adentro, para capturar indígenas e depois pedras preciosas e com isto foram esticando as fronteiras da América Portuguesa para consolidar o que viria ser o território brasileiro. Chegavam a andar cerca de 3 a 4 mil quilômetros a pé pelos sertões.

Vilões porque a partir de um momento foram acima de tudo caçadores de indígenas pelo sertão, destruindo muitas aldeias, matando sem piedade homens, mulheres, crianças e idosos que lutaram por sua liberdade e escravizavam com muita brutalidade os que não conseguiam fugir e ou não resistiam à escravização. Quase sempre os bandeirantes também eram grandes latifundiários e suas vidas se dividiam nas entradas aos sertões, nos quais passavam meses e até anos e seus retornos para suas fazendas com muitos indígenas aprisionados a fim de rever

suas mulheres e cuidar das culturas para consumo próprio ou venda para as vilas próximas ou distantes.

Foram chamados pelo viajante francês Saint-Hilaire no século XIX romanticamente de raças de gigantes e a partir daí se criou a figura dos bandeirantes heróis para contar a história oficial do bravo povo paulista. Em 1954, ano de terceiro centenário da cidade de São Paulo, houve um grande enaltecimento dos bandeirantes que passaram a ser os heróis dos paulistas.

Em razão da pouca instrução e cultura dos bandeirantes, pouquíssimos foram os registros históricos das expedições. Eram considerados por muitos como bárbaros, rudes e indomáveis.

As expedições, chamadas de descidas e, pela historiografia, de bandeiras, eram chefiadas sempre por um sertanista branco experiente, um português, espanhol ou já pela primeira, segunda, terceira geração desses nascidos no Brasil. Cabia ao chefe da expedição custear as despesas dela ou buscar patrocinadores para financiá-la. Os filhos dos bandeirantes, brancos ou mamelucos, também faziam parte da expedição e vinham seguidos por dezenas ou centenas de mamelucos e indígenas já "adaptados" à vida dos brancos ou quase sempre obrigados a isso. Serviam de guias, batedores, carregadores, cozinheiros, caçadores, enfim, cabia a eles o serviço pesado nas bandeiras. As armas de fogo eram poucas e o arco e flecha eram as armas mais utilizadas por brancos, mamelucos e indígenas. Não faz muito tempo que os indígenas caçados, chamados de peças, eram enviados para o litoral e ou para o nordeste para trabalharem nos engenhos de açúcar, mas historiadores contemporâneos, como o historiador John Monteiro, da Universidade Estadual de Campinas, afirmam que as peças caçadas pelos bandeirantes serviam de mão de obra de suas próprias fazendas no entorno da vila de São Paulo e depois para as áreas rurais das vilas que começavam a surgir a partir de São Paulo, como Juqueri e Atibaia, entre os rios Juqueri e Atibaia.

Obra: Caça aos indigenas pelos bandeirantes - Rodolfo Amoedo

Podemos classificar as expedições dos bandeirantes em quatro fases: 1) Apresamento (caça aos índios – final séc. XVII a início do XVII), 2) Prospecção – Ciclo do ouro (busca de riquezas minerais – início do séc. XVII até início do XVIII), 3) Sertanismo de contrato (destruição de aldeias indígenas ou quilombos) e 4) Tropeirismo (continuação do bandeirismo – transporte de mercadorias e principalmente de mulas, muito praticado em Atibaia em razão de sua importante posição geográfica no Estado).

Antes de concluir esse pequeno capítulo sobre os sertanistas ou paulistas, depois chamados de bandeirantes, vou citar alguns que fazem parte da história brasileira: Raposo Tavares (filho de ladrões em Portugal e de comprovada ascendência judaica); Fernão Dias (o caçador de esmeradas – Turmalinas); Bartolomeu Bueno da Silva – O Anhaguera ou Diabo Velho, sobrinho de Amador Bueno da Ribeira, também seu tutor; Fogo na cachaça; Domingos Jorge Velho (primo-segundo do pe. Matheus, Exterminador do Quilombo dos Palmares); Borba Gato (um dos descobridores de metais preciosos em Minas Gerais).

A DISPUTA ENTRE OS JESUÍTAS E OS BANDEIRANTES

Tanto os primeiros jesuítas que fundaram o colégio de São Paulo quantos os que vieram depois, João Ramalho e sua enorme descendência de mamelucos e depois os bandeirantes, muitos deles descendentes de João Ramalho, todos tinham a mesma intenção: escravizar seja pelo trabalho ou pela região os indígenas. Como disse Roberto Pompeu de Toledo em sua obra ***A capital da solidão***, "Uns queriam a alma, outros o corpo, para cativá-lo ou usufruí-lo – no caso das índias –, mas ambos o que queriam no fundo, a mesma coisa, e essa coisa era o poder".

A grande maioria dos jesuítas não escravizava os indígenas tal qual fazia os bandeirantes, contudo, não deixavam de praticar violência com eles nà medida que tentavam impor-lhes padrões, conceitos e religiosidade totalmente diferente dos nativos. Tirar a liberdade dos indígenas e obrigando-lhes também o trabalho não deixa de ser uma escravização e, assim sendo, concluo que ambos, bandeirantes e jesuítas, escravizavam os nativos brasileiros.

Engana-se quem acredita que a escravização de um povo sobre o outro no Brasil não começou com a mais conhecida escravização dos negros pelos brancos, mas lamentavelmente essa terrível e indelével prática teve início com a escravização dos indígenas pelos brancos.

No início do povoamento brasileiro pelos europeus, especialmente os portugueses, em maior número, e os espanhóis, a relação com os habitantes originais do Brasil foi amistosa na sua grande maioria.

Os colonizadores precisavam dos índios para entender o território, os animais, os alimentos, os caminhos, as riquezas etc. Era preciso usar os habitantes da terra para sobreviver num ambiente totalmente desconhecido e inóspito que encontraram no Brasil. Aqui, já existiam alguns brancos totalmente ambientados com a terra e os seus moradores.

A partir da segunda metade do século XVI, com o advento das bandeiras e das grandes fazendas de cultura, a necessidade de mão de obra barata impulsionou e intensificou a escravização dos índios. A escravização dos indígenas foi a base da economia paulista até o século XVIII. Nascia uma disputa entre os Jesuítas que queriam converter os negros da terra ao cristianismo, mas nem por isso deixava de escravizá-los, e os bandeirantes que sem nenhuma desculpa os caçavam sertão adentro para escravizá-los a fim de servir de mão de obra nas suas próprias fazendas ou vendê-los a outros fazendeiros das novas vilas que começaram a surgir, inicialmente no litoral paulista e posteriormente no interior paulista.

No dia 2 de junho de 1640, houve uma intimidação contra os jesuítas pelos sertanistas, via de regra os partidários dos Camargos, que culminou com a expulsão dos jesuítas no dia 13 de junho de 1640.

Recentemente uma outra tese tentou justificar a célebre briga entre jesuítas e bandeirantes que culminou com a expulsão dos religiosos da igreja e do colégio que eles criaram e administraram desde a fundação do colégio de São Paulo de Piratininga (a hoje cidade de São Paulo) em 25 de janeiro de 1554. Além do importante valor econômico que motivava os bandeirantes, muitos deles de origem judaica, questões religiosas também poderiam motivar a disputa com os padres jesuítas.

A VIDA PRIMITIVA NOS POVOADOS PAULISTAS

A vida primitiva nos povoados, freguesias ou vilas nos séculos XVI a XVIII era, via de regra, muito pobre. As localidades que deram nascimento a pequenas, médias e até mesmo grandes cidades, como São Paulo, a maior cidade do hemisfério Sul, não possuíam nenhuma ou pouquíssima estrutura. São Paulo em 1601, possuía apenas 1500 moradores e em 1700 tinha 9 mil habitantes.

A melhor história para ilustrar a pobreza da então vila de São Paulo de Piratininga é o caso verídico da cama de Gonçalo Pires.

Em agosto de 1620 chegou a notícia da visita do ouvidor Amâncio Rebelo Coelho à vila de São Paulo. Entre algumas preocupações estava a falta de um bom alojamento para o ouvidor. Essencialmente uma boa cama onde ele pudesse descansar. Descobriu-se então que os habitantes dormiam em tábuas sobre o chão, em catres (pequenos e pobres leitos) ou em redes, especialmente os indígenas e mamelucos. Foi quando a câmara se lembrou que em toda a vila havia apenas uma cama à altura do ouvidor – a cama de Gonçalo Pires.

Foi assim que a câmara determinou que oficiais fossem requisitar, por empréstimo ou aluguel, a cama de Gonçalo, mas qual foi a surpresa quando se depararam com a recusa do mesmo em entregar sua cama. Muito provavelmente deve ter dito: - Não alugo, não empresto... a cama é minha e pronto!

Após a recusa de Gonçalo, a câmara volta a se reunir e decide enviar um efetivo de homens brancos e indígenas para, à força, se precisar, apreender a cama de Gonçalo e prendê-lo caso fosse necessário, e assim se procedeu retirando-se a cama da casa de Gonçalo e levando-a para a casa da câmara e cadeia, provavelmente o melhor prédio da pobre vila, no qual o ouvidor ficou uns dias hospedado.

Na sessão da câmara de 12 de setembro de 1620 se tem notícia do caso da cama, pois seu dono se recusa a recebê-la de volta. Percebam por esse verídico relato feito por Belmonte na sua obra ***No tempo dos Bandeirantes*** o quão pobre era a vila de São Paulo em 1620, ou seja, quase setenta anos após o seu surgimento. Na vila de São Paulo, ser rico era ter talhares na casa (só dez famílias possuíam).

Atibaia não era diferente de São Paulo ou de outras cidades paulistas nos séculos XVI a XVIII, portanto, era extremamente pobre.

Seria impossível saber com exatidão como foram os primeiros anos da cidade, mas diante das pesquisas realizadas, eu ousaria afirmar que o território de Atibaia primeiro foi explorado para produção de trigo, milho, mandioca, feijão, além de legumes variados e a criação de alguns animais como vacas, galinhas e ovelhas, uma vez que antes das bandeiras os escravos iam na frente e plantavam roças de produtos que serviriam de alimentos para os membros das bandeiras. A partir daí nasceram as primeiras fazendas entre 1610 e 1635, ou seja, Atibaia começou a ser povoada por brancos na zona rural, através da formação de fazendas concedidas pelas sesmarias ou antes por plantações que aconteciam no caminho das futuras bandeiras para alimentar as expedições durante seu trajeto.

A partir de 1638, o território atibaiano começou a ter oficialmente proprietários com a concessão das sesmarias (já era explorado e povoado muito antes) e a partir de 1660/65 a possível aldeia indígena que provavelmente se encontrava no planalto escolhido para ser erigida a primeira capela em louvor a São João Batista pode ter sido destruída pelos bandeirantes, ou depois com a chegada dos brancos proprietários das sesmarias, ou tal aldeia pode

ter sido mantida e aos poucos transformada num aldeamento. Eu creio que a possível aldeia indígena existente no alto do planalto não chegou a ser destruída e com a exploração das terras pelos brancos passou a ser vagarosamente um aldeamento, contando com a presença temporária dos fazendeiros da região ou até definitiva de alguns brancos que simpatizavam com o lindo planalto atibaiano. Em síntese e de maneira simplista, a diferença entre uma aldeia e um aldeamento seria que a primeira era só habitada por indígenas e a segunda era habitada tantos por indígenas como por brancos, mas a administração era sempre por um branco, majoritariamente religioso. No aldeamento os indígenas estavam num processo de aculturamento cristão e no centro havia uma igreja e um santo cruzeiro erigido quase sempre por um jesuíta. Contudo, além do aspecto religioso, o que se pretendia mesmo com os aldeamentos era reunir grandes quantidades de mão de obra que serviriam aos donos de terra daquela região ou de outra e que viessem ao aldeamento buscar novos escravizados.

Nunca saberemos com certeza se a construção da primeira capela, pelo padre Matheus Nunes de Siqueira, aconteceu somente em 1664 ou 1665, quando ele informou à câmara municipal que deixara indígenas nas paragens de Atibaia ou se o aldeamento começou a ser formado antes pelo mesmo padre nas terras de seus primos, como veremos mais adiante. Na minha opinião, o aldeamento se iniciou antes e, portanto, a primeira capela já existia em 1665, ano oficial do nascimento de Atibaia.

A possível decisão dos indígenas em construir a sua aldeia no alto do planalto onde Atibaia começou e depois a decisão dos brancos, especialmente do padre Matheus Nunes de Siqueira, de formar o povoado no mesmo local certamente foi uma decisão pensada em razão de segurança, já que do planalto onde nasceu Atibaia se tinha uma visão de 360 graus, tornando aquele lugar seguro das invasões, posto que permitia o armamento contra os possíveis ataques ou a evacuação da área.

Portanto, a escolha do local onde nasceu o povoado e que provavelmente foi uma aldeia indígena antes da chegada dos colonizadores foi estrategicamente feita por questões de segurança tanto pelos nativos quanto pelos primeiros exploradores e povoadores brancos.

Continuando a falar sobre a vida primitiva nos povoados paulistas nos séculos XVI a XVIII, é certo que as poucas casas existentes nos povoados eram extremamente precárias, feitas de pau-a-pique, quase umas ocas com paredes de taipas e com rudes janelas e portas. Essas casas eram ladeadas de mato e com ruas sujas e barrentas divididas por pessoas e animais como galinhas, porcos e outros bichos domesticados. As melhores casas, os pouquíssimos móveis que guarneciam as residências, estavam nas fazendas que eram um pouco melhores que as dos centros urbanos, mas mantinham a mesma simplicidade e rusticidade. Nas vilas, as casas eram menores e mais precárias, como já dissemos, uma vez que a vida social nos aldeamentos, freguesias e mesmo nas vilas se limitava ao parco comércio e à vida religiosa, ou seja, missas, procissões, batizados, casamentos e funerais. Demorou muito para os povoados iniciarem atividades comerciais, sociais e culturais de maneira que os povoados estavam quase sempre desertos. Durante muito tempo os moradores mais ilustres dos aldeamentos ou povoados, das freguesias e das vilas só deixavam suas fazendas por ocasião das procissões. A base da alimentação era a dos indígenas. Os alimentos europeus eram escassos, o que os obrigou a mudar a dieta e adaptar-se aos costumes alimentares dos povos indígenas. A saúde, como não poderia ser diferente, era extremamente precária e ficava a cargo dos barbeiros que, além de cortar cabelo, faziam pequenas cirurgias, sangrias e arrancavam os dentes. O papel das mulheres na sociedade era quase nulo. Seus lugares eram dentro das casas cuidando dela e dos inúmeros filhos.

Eram analfabetas e reclusas, exceto quando seus maridos e filhos homens entravam sertão adentro e daí, além dos serviços maternos e domésticos, muitas mulheres também eram responsáveis pela administração das fazendas.

A língua falada nestes aldeamentos, freguesias e até nas vilas era o Tupi, com as variantes de acordo com a etnia dos indígenas que predominavam em cada região. O tupi também era chamado de língua-geral, dialeto caipira, paulista ou Nheengatu e era a língua mais falada em São Paulo. Raramente se falava o português e a segunda língua mais falada no que viria ser o Estado de São Paulo era o espanhol. O tupi era mais falado no lado português e o guarani, do lado espanhol. Lembramos mais uma vez que entre 1580 e 1640 Portugal passou a fazer parte do reino Espanhol. Somente em 1759, por decreto do governo, se proibiu falar a língua-geral no território brasileiro, mas tal prática ainda levou um bom tempo para ser abolida. Portanto, engana-se quem pensa que somente os indígenas falavam o tupi, os paulistas mamelucos, mulatos e mesmo os brancos por muito tempo no período do Brasil colonial falavam a língua dos moradores primitivos do Brasil.

Capítulo 4

Os primeiros povoados da Capitania de São Vicente

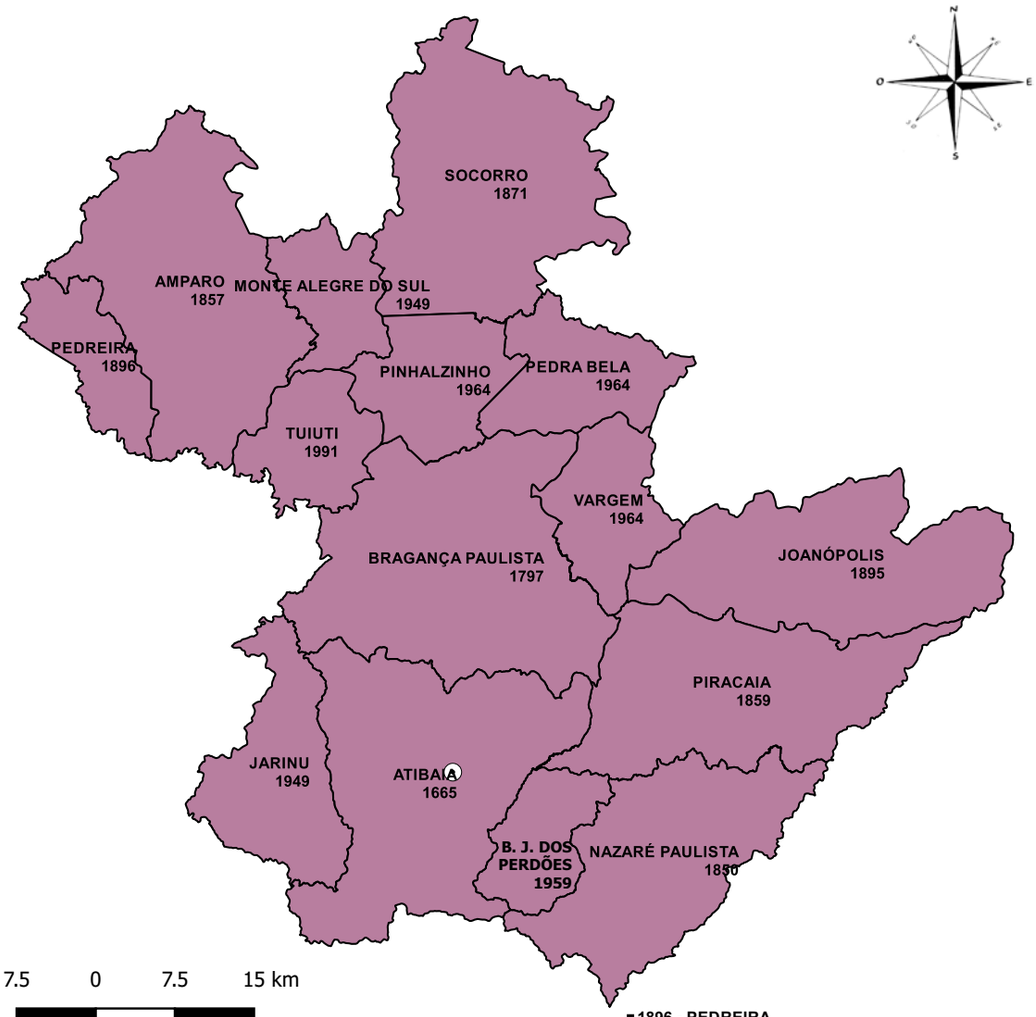
Até 1640, além das cidades litorâneas da capitania de São Vicente, o planalto só contava com as vilas de São Paulo de Piratininga, Mogi das Cruzes e Santana do Parnaíba, além das freguesias (bairros) de Jundiaí, Itu, Sorocaba, Taubaté, Guaratinguetá e Jacareí. Atibaia, portanto, está entre as mais antigas cidades da capitania de São Vicente ou, um dos municípios mais antigos do Estado de São Paulo e do Brasil. Entre os 645 municípios do Estado, Atibaia é o décimo oitavo mais antigo (entre parênteses está o ano de fundação ou início oficial do povoado, e não o ano de emancipação política), atrás apenas de:

1 - São Vicente (1532)
2 - Cananeia (1531/32)
3 - Itanhaém (1532/33)
4 - Iguape (1538)
5 - Santos (1546)
6 - São Paulo de Piratininga (1554)
7 - Itu (1610)
8 - Mogi das Cruzes (1611)
9 - Santana do Parnaíba (1625)
10 - Guaratinguetá (1630)
11 - São Sebastião (1636)
12 - Ubatuba (1637)
13 - Mairiporã (1642)
14 - Taubaté (1643)
15 - Jacareí (1653)
16 - Sorocaba (1654)
17 - Jundiaí (1655)
18 - Atibaia (1665)

Destes, sete são do litoral, portanto, é a décima primeira cidade mais antiga do interior do Estado e certamente está entre as 30 ou 50 mais antigas do Brasil.

Entre os municípios da Serra da Mantiqueira no caminho das Minas Gerais, Juqueri, hoje Mairiporã, foi o primeiro povoado fora de São Paulo em 1642, Jundiaí, o segundo povoado nascido em 1655 (caminho para Goiás), e Atibaia, o terceiro, nascido oficialmente em 1665. Já Itú em 1656 e Sorocaba em 1661 nasceram para dar suporte às bandeiras para o sul e para o Pantanal.

CRONOLOGIA DAS EMANCIPAÇÕES OCORRIDAS NA VILA DE ATIBAIA



ATIBAIA
1665* / 1770**

- BRAGANÇA PAULISTA 1797
  - 1857 - AMPARO
    - 1896 - PEDREIRA
    - 1949 - MONTE ALEGRE DO SUL
  - 1871 - SOCORRO
  - 1964 - PEDRA BELA
  - 1964 - PINHALZINHO
  - 1964 - VARGEM (extinto) em 1970: 1991 VARGEM
  - 1991 - TUIUTI
- NAZARÉ PAULISTA 1850
  - 1859 - PIRACAIA: 1895 JOANÓPOLIS
  - 1959 - BOM JESUS DOS PERDÕES
- JARINÚ 1949

* surgimento oficial de Atibaia
** emancipação política-administrativa de Atibaia que até esse ano era um bairro/distrito de São Paulo

Capítulo 5
São Paulo de Piratininga

Por que falar de São Paulo neste trabalho que conta a história de Atibaia? Muito simples: até 1770, ano da emancipação política de Atibaia, ela era uma freguesia (bairro) da vila de São Paulo. Portanto, a história de nossa cidade está intrinsicamente ligada à história da maior cidade do hemisfério Sul. Aproximadamente os primeiros 150 anos de existência do povoado de Atibaia se deram como parte do município de São Paulo.

Vou começar a falar um pouco sobre a história de São Paulo pelo seu fundador, repito, não gosto deste termo para designar uma única pessoa como responsável pelo início de um povoamento. Oficialmente, o padre jesuíta e espanhol José de Anchieta (*19/03/1534 †09/06/1597), canonizado santo pelo Igreja Católica em 03 de abril de 2014 pelo também jesuíta Papa Francisco, é considerado o fundador da vila de São Paulo de Piratininga. Em 1553, os religiosos se mudaram do litoral para o planalto de Piratininga ou Paulista. No dia 25 de janeiro de 1554 foi fundada a casa de São Paulo da companhia de Jesus, ou simplesmente o colégio de São Paulo de Piratininga. Contudo, para mim, os maiores responsáveis pelo surgimento do aldeamento que resultou na vila de São Paulo foram o cacique Tibiriçá, o senhor dos campos de Piratininga e seu genro João Ramalho, que com a sua enorme prole de mamelucos iniciou a primeira formação do povo paulista e brasileiro. Consta que Tibiriçá e Ramalho, o pai dos paulistas, moravam no vértice norte da colina, no lugar onde mais tarde se ergueria o convento de São Bento, segundo Roberto Pompeu de Toledo em ***A capital da Solidão, uma história de São Paulo das origens a 1900***, obra que consultei bastante.

Com a chegada da expedição de Martim Afonso de Souza, dita de povoamento - mas a considero de exploração, já que foram poucos os casais com ou sem filhos que vieram e visto que era formada quase que totalmente por homens, cerca de 400 –, a aldeia, ou povoamento, pois havia brancos nela, pelo menos João Ramalho e sua enorme prole, já existia, embora extremamente precária como todas as vilas, ela era o embrião da cidade de São Paulo. É de se supor que cerca de duas décadas antes da chegada de Martim Afonso de Souza ao planalto de Piratininga a antiga aldeia transformada pouco a pouco em um aldeamento ou povoamento já existia exatamente no mesmo lugar onde o padre José de Anchieta criou o colégio São Paulo, em 1554. Alguns consideram Martim Afonso de Souza o fundador de São Paulo, embora eu refute este termo, sobre atribuir a fundação da cidade ao padre Anchieta, diria que João Ramalho foi seu principal povoador e Martim Afonso de Souza, digamos, juridicamente, embora não oficialmente, deu ao aldeamento status de povoado aos olhos da Coroa, provavelmente estabelecendo normas de bem viver, de construções etc.

Na São Paulo dos séculos XVI e XVII, dormia-se muito cedo, após o repicar dos sinos que avisavam para que todos se recolhessem, portanto, para fazer uma viagem a São Paulo nessa época era preciso conviver com uma intensa escuridão e quase sempre solidão, dado que a maioria das famílias ficavam muito mais tempo nas suas fazendas ao redor de São Paulo e a maioria dos homens adultos estava sertão adentro para caçar o ouro vermelho – os indígenas.

O primeiro século da história de São Paulo se passou sem grandes novidades e tudo começou a mudar com a restauração do trono português, a célebre disputa entre os Pires e os Camargos, a aclamação de Amador Bueno da Ribeira, a expulsão dos jesuítas do colégio de São Paulo. Outro acontecimento importante nos primeiros cem anos de São Paulo foi a transferência da capital da capitania de São Vicente para São Paulo em 22 de março de 1681 e a descoberta de ouro em Minas Gerais em 1690.

Estrada de São Paulo pelo caminho do Rio de Janeiro Aquarela de Jean-Baptiste Debret, 1827

Capitulo 6

O Brasil Espanhol – 1580-1640

ÚLTIMOS REIS PORTUGUESES

Cristóvão de Morais - Museu Nacional de Arte Antiga

D. Sebastião (* 20/01/1554 Lisboa †04/08/1578 Alcácer - Quibir – Marrocos) assumiu o trono após a morte de seu avô D. João III com apenas 3 anos, e com apenas 24 morre em batalha, sem deixar descendentes. Seu parente mais próximo com direito ao trono era seu tio-avô D. Henrique I (* 31/01/1512 Lisboa †31/01/1580 Almerim – Portugal) que era cardeal da igreja católica e também faleceu sem descendentes.

D. Henrique I foi substituído por seu sobrinho Felipe II, rei da Espanha, em 1580, e assim as coroas de Portugal e Espanha se uniram sob o domínio espanhol por 60 anos (1580-1640).

OS TRÊS REIS ESPANHÓIS DE PORTUGAL

Dinastia Filipina (reis espanhóis):

1) Felipe II (* 21/05/1527 Valladoid – Espanha †13/09/1598 El Escorial – Espanha);

2) Felipe III (* 14/04/1578 Madrid †31/03/1621 Madrid) e

3) Felipe IV (* 08/04/1605 Valladoid †17/09/1665 Madrid), que perdeu o trono português em 1640 através da Guerra de Restauração (1640 a 1668) – 01/12/1640, que trouxe prejuízos para Portugal e suas colônias, como o Brasil.

A RESTAURAÇÃO DO TRONO PORTUGUÊS

No dia 1º de dezembro de 1640 houve a restauração do trono português e em 3 de abril de 1641 D. João IV foi aclamado no Brasil como rei de Portugal e do Brasil.

D. João IV (*19/03/1604 Vila Viçosa †06/11/1665 Lisboa) – o restaurador foi o duque de Bragança entre 1630 a 1645. Aclamado rei de Portugal em 15 de dezembro de 1640) iniciou a dinastia dos Bragança. Neto de Catarina de Bragança, uma das pretendentes do trono português depois da morte de D. Henrique.

Capítulo 7

As primeiras sesmarias na região de Juqueri e de Atibaia

Com o avanço da agricultura e da pecuária para consumo dos moradores das fazendas e dos centros urbanos que começavam a ser formar, o governo deu início à distribuição de terras entre os "homens de bem". Há quem diga que foi a distribuição das terras que favoreceu o avanço da agricultura e pecuária, mas isto não importa. O que importa é que a partir da segunda metade do século XVI as sesmarias começaram a ser distribuídas.

Cremos que a região do Juqueri, cortada pelo rio de mesmo nome, começou a ser povoada e explorada entre 1600 e 1610. Já a região de Atibaia, também cortada pelo rio de mesmo nome, começou a ser povoada e explorada entre 1610 a 1620 e, a partir da segunda metade dos anos 1630, teve seu território, já explorado e povoado, concedido oficialmente por sesmarias e é neste período que o nome da cidade, com suas variantes, aparece em documentos públicos pela primeira vez. O historiador John Manoel Monteiro acredita que a ocupação branca da região de Atibaia começou somente a partir de 1660. Eu ouso discordar dele, afinal a distribuição das sesmarias da região que abrangia o rio Atibaia começou no final da década de 1620 e por mais que tivesse havido demora no início da exploração das áreas concedidas pelas sesmarias, não é nada razoável supor que tenha levado 40 anos para se iniciar essa ocupação numa área relativamente próxima à vila de São Paulo, até porque a legislação portuguesa previa que a não ocupação das sesmarias pelos seus donatários implicaria na reversão delas em favor da Coroa. Portanto, para mim a ocupação da região de Atibaia se deu entre 1635 e 1655 de forma gradual e a partir da década de 1660 mais intensamente. Portanto, para mim, o início do povoamento branco da região atibaiana se deu entre 1635 a 1655, ou seja, entre 30 a 10 anos antes de sua fundação oficial – 1665. Alguns inventários corroboram com a minha tese, ao passo que através deles se observa a exploração agrícola da região de Atibaia muito antes de 1660.

Acervo: Superintendência do Arquivo Público de Uberaba. 1ª Parte

Os avanços dos territórios agricultáveis foram diminuindo os domínios dos indígenas e com isso se deu a expansão territorial para além das proximidades da vila de São Paulo, surgindo novas fazendas para produção de alimentos, especialmente trigo, e assim foram surgindo Cotia, Santana do Parnaíba, hoje cidades da grande São

Paulo e seguindo sertão adentro vieram Moji das Cruzes e as áreas entre os rios Juqueri e Atibaia, as cidades de Juqueri e Atibaia. As fugas e mortes dos indígenas, portanto, a perda da principal e única mão de obra também contribuíram para as descidas sertão adentro para busca de novos campos cultiváveis e novos indígenas para trabalhar neles.

Daí começamos a primeira tese que contrapõe as anteriores sobre o surgimento de Atibaia. Para mim, Atibaia não surgiu do avanço dos bandeirantes que já tinham passado pela nossa região muito antes do ano oficial de nascimento da cidade (1665). O território de Atibaia teve o início de sua exploração e povoamento em razão do avanço das fazendas para as regiões ao norte da vila de São Paulo. Quando o padre Matheus Nunes de Siqueira deixou os indígenas na paragem já existente, ele estava numa região há muito explorada por sua família, como veremos mais adiante.

Mas antes de começar a falar sobre o território atibaiano, vou citar algumas sesmarias que têm relação com a região de Atibaia ou que os proprietários tenham tido relação com a região:

1 – 1610 – Salvador Pires nas proximidades do rio Juqueri. Desde 1610 os Pires estavam estabelecidos na fazenda Ajuá na serra da Cantareira (hoje município de Mairiporã). Em 1620 já existia uma grande fazenda em Juqueri com igreja em louvor a Santa Inês.

2 – 31/03/1627 – Amador Bueno da Ribeira tinha duas léguas de terras nos campos de Juqueri que passou a se chamar bairro Antônio Bueno, nome de segundo filho de Amador Bueno da Ribeira. Segundo o historiador John Manuel Monteiro em sua obra ***Negros da Terra***, ***197*** : "A doação partiu das margens do rio Juqueri e se estendia até o Atibaia, incorporando inclusive uma aldeia indígena sob a chefia do índio Maracanã".

É muito provável que tal aldeia se localizava no bairro Caioçara, e parte dele também conhecido como Maracanã em Atibaia, embora no município de Mairiporã também exista um bairro com esse nome. Não sabemos, portanto, a qual Maracanã se refere a sesmaria. Assim sendo, a primeira sesmaria que faz menção ao rio Atibaia e, consequentemente ao território atibaiano, teria sido em 1627, e não em 1638, como alguns autores indicam. Segundo o mesmo autor: "Parece pouco provável que o próprio Amador Bueno tenha ocupado a sesmaria, já que deve ter permanecido em sua extensa fazenda de trigo no Mandaqui...", e continua dizendo que a região do Juqueri (muito provavelmente a de Atibaia também) só começou a ser ocupada na década de 1660, o que não acreditamos.

3 – 1637 – Inocêncio Preto em Juqueri, no caminho da fazenda velha que foi de seu irmão Manole Preto falecido, onde tinha lavoura fazia 25 anos.

4 – 12/01/1638 – Garcia Rodrigues Velho e seu irmão Manoel Garcia Velho, filhos de Garcia Rodrigues Velho e de Catarina Dias (de origem portuguesa e aparentada dos Pires) na região do Caioçara em Atibaia, chegando inclusive a citar o rio Ibyatibaia: ***"... lhes desse um pedaço de terras que de uma banda partem com terras dele dito Garcia Rodrigues Velho que tem pelo rio Juquery acima e dahi por diante; me pediam cada um uma légua de testada pelo dito rio Juquery e pelo sertão dentre até um rio que se chama Ibiatibaia..."***. As famílias Pires e Rodrigues Velho estavam unidas por inúmeros casamentos.

5 – 1638 – Antônio Pedroso de Alvarenga, João Pedroso e Pedro de Moraes Madureira pedem légua e meia no Juqueri.

6 – 1638 – Paulo Pereira e Braz Cardoso no Juqueri, partindo com Pedro Fernandes Aragonês, meia légua da banda da vila e meia légua da banda do sertão até o rio **Gutubaya** (Atibaia): "...um pedaço de terras no termo

desta vila (São Paulo) onde chamam Juqueri pelo dito rio arriba, partindo da banda da data de Pedro Fernandes Aragonês, uma légua pelo dito rio arriba, meia légua da banda desta vila e meia légua da banda do sertão, até outro rio chamado de **Guatubaia**".

7 – 1638 – Francisco Rodrigues Velho de trás da tapera dos Garomis (certamente os Maromomis, depois conhecidos como Goarulho) até o rio Juqueri.

8 – 1638 – Antônio Madureira nas cabeceiras da aldeia de Guarulhos, na paragem de Ibitiratim, correndo sertão adentro até Juqueri junto a data (terras) de Pedro Martins.

9 – 1638 – João Raposo Bocaro afirma estar desde muito antes a 1638 nas cabeceiras do rio Jaguari "da banda de Guarulhos" onde vizinham com os irmãos Sebastião e Antônio Gil, antigos desbravadores da Serra do Itaberaba, hoje conhecida por serra do Gil.

10 – 1639 – Chegada de Onofre Jorge Velho à **serra do Itapetinga** (tio do padre Matheus Nunes de Siqueira), segundo alguns historiadores, mas não encontrei sesmarias em seu favor;

11 – 1639 – Miguel de Almeida, morador há 45 anos com filhos e netos, terras em Pinhais (município de Jarinu), aí encontrou uma roça velha "de um índio maromimi por nome Pedro" teve lavouras até o rio **Ybaatibara**..." (Atibaia) – Sesmarias, v. 1: 318-322. Já Waldomiro, na sua já citada obra, diz o rio ser Jaguari, mas penso ter se equivocado.

12 – 1639 – Antônio Pires, filho e neto de povoadores, pede terras nas cabeceiras de Salvador Pires de Medeiros até confrontar com as de Amador Bueno (provavelmente em Juqueri ou Terra Preta, antigo bairro Antônio Bueno).

13 – 1639 – Francisco da Fonseca Falcão, Gregório Fagundes e Gaspar Sardinha da Silva confirmaram em 1639 a posse da sesmaria "da outra banda do rio Juquei com todo o comprimento que tiver, partindo de uma banda com Paulo Pereira, Sebastião Bicudo de Siqueira e Francisco Nunes nas cabeceiras de Francisco Rodrigues Velho".

14 – 1640 – Garcia Rodrigues Velho pede confirmação da data pelo capitão-mor João de Moura Fogaça, junto às terras de Salvador Pires, seu sogro (certamente terras em Atibaia).

15 – 1639/40 – Francisco Nunes de Siqueira ou Francisco Bicudo de Siqueira e seu irmão Sebastião Bicudo de Siqueira, filhos e netos de conquistadores, terras vizinhas a Francisco Borges e Francisco Rodrigues Velho, em Sepetiba, banda de Guarulhos até o rio **Ubuatibaia** (Atibaia).

16 – 1639 – Francisco da Fonseca Falcão, Gregório Fagundes e Gaspar Sardinha da Silva confirmaram em 1639 a posse da sesmaria "da outra banda do rio Juqueri com todo o comprimento que tiver, partindo de uma banda com Paulo Pereira, Sebastião Bicudo de Siqueira e Francisco Nunes nas cabeceiras de Francisco Rodrigues Velho pelo sertão adentro; esta sesmaria deve-se localizar entre a serra de Itaberada e a margem esquerda do Juqueri, em sua cabeceira sempre para os lados de Nazaré.

17 – 1640 – Manoel Garcia e Garcia Rodrigues Velho, filhos e netos de povoadores, terras junto à que já tinham em Juqueri e **Ybiatibaia** (Atibaia).

18 – 1640 – Antônio Pedroso de Alvarenga, era filho de povoador, possuía muitos índios. Terras partindo com Francisco Velho, por trás da serra, nos Pinhais (município de Jarinu, na época, Atibaia).

19 – 1640 – Ana Pires e Vicente Bicudo, seu filho, terras junto a seu irmão Antônio Pires (provavelmente em Juqueri).

20 – 1640 – Belchior de Godoi, pai do primeiro capitão do bairro de **Guatibaia** (Atibaia), Francisco de Godoi Moreira, tem notícias de que ele tinha terras na região de Atibaia, mas não encontramos nenhuma sesmaria em seu favor.

21 – 1642 – Inês Monteiro, a matrona, viúva de Salvador Pires, terras nas cabeceiras de Bartolomeu Bueno, o velho, e filhos de Jaques Felix. Possui essas terras há 18 anos, dadas por Álvaro Luiz do Valo. Pede revalidação das que tinha e mais terras no Juqueri "... um pouco mais além...'' para os filhos casados, nas cabeceiras de Sebastião Freitas e Francisco de Figueró.

22 – 1642 – José Ortiz de Camargo, irmão de Marcelino e Jerônimo, obteve uma sesmaria "no contorno da Villa de Juqueri, nas cabeceiras de Salvador Paiva". José Ortiz foi fazendeiro em Jundiaí.

23 – 01/10/1646 – Domingos Jorge Velho, Garcia Rodrigues Velho, Miguel Rodrigues Velho e Manoel Garcia Velho obtiveram sesmaria para o além do rio Atibaia pedem: "... mercê de dar a cada um deles uma légua de terras em quadra Além do Rio **Ibatibaia** começando na borda do rio correndo o sertão adentro para Jaguari e defronte de um caminho que via de uma roça de seu irmão Garcia Rodrigues Velho, que tem em Jundiai a dar ao rio Ibiatibaia no que receberá mercê, etc...".

Por esse pedido de sesmaria percebe-se que os irmãos Rodrigues Velho, além das terras que tinham do lado esquerdo do rio Ibiatibaia, também pediram e conseguiram terras do lado direito do rio, ou seja, rio Atibaia acima. Pelas indicações, deduz-se se tratar de área onde hoje se encontra o município de Jarinu, sentido Jundiaí, nas proximidades do morro, hoje conhecido por morro Antônio Alves (morro do bairro da Usina, no qual hoje se encontra a fazenda Santa Cruz dos herdeiros do Cido Franco). Segundo Waldomiro Franco da Silveira, essa sesmaria compreenderia os bairros atibaianos de Rio Abaixo e Mato Dentro, talvez Ponte Alta e Tanque. Posteriormente, Jerônimo de Camargo demarcaria terras do mesmo lado dos Garcias (Rodrigues Velhos).

24 – 1663 a 1667 – Os irmãos Camargo (em 1707, segundo seus descendentes, tinham terras há 40 anos em Atibaia; = 1667 – ver a seguir) obtiveram sesmarias na região de Atibaia, mas não se tem notícias delas.

25 – 10/07/1707 – Antônio do Prado da Cunha, mestre de campo, e seu filho João do Prado de Camargo requerem confirmação de posse de terras "na paragem chamada de Caáguassu (depois se chamou de cafundó e depois de Ponte Alta) e da outra banda do rio Atibaia, uma légua de testada com o sertão que lhe pertence, nas quais lavrou seu sogro e avô (Jerônimo de Camargo) há mais de 40 anos sem impedimento de pessoa alguma, e por seu falecimento as lograram e possuem; eles suplicantes não têm título de sesmaria delas, nem o tinha o dito possuidor, e por evitar dúvidas pelo tempo, etc."

Esta última sesmaria, ou melhor, reconhecimento de uma sesmaria, é mais um documento que comprova minha tese que os Camargos tinham terras rio Atibaia acima, portanto, o núcleo urbano que resultou na cidade de Atibaia não estava em terras dos Camargos.

É interessante notar também que 40 anos de posse daria em 1667, ou seja, dois anos depois do ano oficial de nascimento de Atibaia. Muito provavelmente os Camargos vieram para região de Atibaia, rio Atibaia acima a partir da década de 1660, quando a região do rio Atibaia abaixo já estava há muito tempo sendo explorada e ocupada pelos Pires, Rodrigues Velho e pelos Barros.

Para mim, a sesmaria originária de Jerônimo de Camargo compreenderia atualmente aos bairros de Caetetuba (norte do bairro – o rio Pothy é hoje o ribeirão Folha Larga em Caetetuba), Pires (fazendas dos irmãos Pires de Camargo), Laranjal, parte do Rio Abaixo, Mato Dentro do Lajeado e principalmente o bairro da **Ponte Alta** e parte do município de Jarinu, sentido Jundiaí.

26 – 1728 – Sargento-mor Tomé Rodrigues Silva, morador em São Paulo, sesmaria nas cabeceiras do rio

Itaberaba, para os lados da foz do rio Jaguari (Bragança).

27 – 1731 – Manoel Dias de Abreu obtém a sesmaria de Ressaca, situada no bairro de mesmo nome para os lados de Piracaia, dizendo ele que tinha a posse destas terras devolutas havia mais de 30 anos.

28 – 1731 – Padre José de Morais Aguiar, então vigário de Nazaré Paulista, pedindo uma data de terras "que no sítio de José Ribeiro, último morador da Freguesia de São João de Atibaia, para os lados de Jundiaí acham-se 4 ou 5 léguas de terras devolutas". Segundo Waldomiro Franco da Silveira, essa sesmaria deveria se encontrar entre a Terra Preta e o bairro da Água Espraiada, a leste da serra da Pedra Vermelha.

29 – 1735 – Padre Salvador Cardoso de Oliveira[5] obtém sesmarias nas cabeceiras das terras dadas aos Garcia (família Rodrigues Velho), do rio Atibaia para dentro uma légua, correndo uma légua para o rio Jaguari e partindo com João do Prado Camargo (sesmaria originária de Jerônimo de Camargo). Essa sesmaria compreenderia principalmente o bairro do Mato Dentro, talvez um pouco do Tanque, Boa Vista e Cachoeira.

30 – 1743 – João do Prado de Camargo, filho de Antônio do Prado da Cunha, e seu filho Jerônimo de Camargo Bueno, que mais tarde se tornaria padre, fazem novo pedido de confirmação ao então governador da Capitania, bem como pedindo mais terras, alegando que eles possuíam terras havia mais de 80 anos (1663), o que mostra que Jerônimo de Camargo se instalou rio Atibaia acima, mas sem ter obtido uma sesmaria das terras. Eis a descrição desse novo pedido de sesmaria pelos descendentes de Jerônimo de Camargo: "... de três quartos de léguas de testada que principiem no rio Atibaia onde acabem as terras de Joana de Siqueira, que ficam abaixo do rio chamado Pothy (hoje chamado de Folha Larga em Caetetuba) e daí correndo o rio Atibaia abaixo, até perfazer os ditos três quartos de légua e pelo sertão adentro duas léguas correndo o rumo a quarta de noroeste".

Waldomiro Franco da Silveira, em sua obra ***História de Atibaia***, ao tratar das sesmarias, "conclui-se pois com a maior segurança, não serem as terras dessa sesmaria, o ponto onde primitivamente se localizou Jerônimo de Camargo...".

O respeitado historiador, a meu ver, fez meio acerto. Ele admite que os herdeiros de Jerônimo buscavam regularizar as terras deixadas por ele e elas não abrangiam o núcleo urbano que resultou na cidade de Atibaia. Neste ponto ele acertou, mas errou ao imaginar que Jerônimo de Camargo tivesse uma segunda área na região de Atibaia, e isso não aconteceu. As terras de Jerônimo de Camargo são exatamente as citadas por seus descendentes e não existiam outras, que estavam na posse de Jerônimo, segundo seus próprios herdeiros, a partir de 1667 (40 anos antes de 1707).

[5]O padre Salvador Cardoso de Oliveira, mais conhecido como Salvador Cardoso foi batizado em 25 de outubro de 1692 em Nazaré Paulista e provavelmente faleceu em São Paulo em 1756. Foi o primeiro padre de Atibaia após a criação da paróquia. Era filho de Isabel Cardoso e de seu segundo marido, Manoel Preto de Oliveira. Segundo o genealogista Silva Leme, Isabel casou-se a primeira vez com Manoel do Amaral com quem teve quatro filhos: José Nogueira Cardoso, João do Amaral Cardoso casado em Atibaia em 23 de abril de 1727, Manoel do Amaral Cardoso e Luiz do Amaral Cardoso. Isabel casou uma segunda vez e teve dois filhos, Manoel Preto Cardoso e o padre Salvador Cardoso de Oliveira.

31 – 1766 – Narciso Cardoso de Oliveira, herdeiro do padre Salvador Cardoso, pede confirmação da sesmaria herdada do seu tio no local onde estavam os Garcias, até o rio Jaguari, partindo de um lado com João do Prado de Camargo (sesmaria original de Jerônimo de Camargo) e do outro até terminar a légua; a área total era uma légua de quadra.

32 – 1766 – João Pires Pimentel (tronco da família Pires de Camargo em Atibaia), apesar de possuir documento de compra e venda, pede confirmação da sesmaria que comprara de João do Prado de Camargo, parte de sua sesmaria. A sesmaria que João Pires Pimentel comprou era de uma légua de testada por meia de sertão até o rio Jaguari. João do Prado de Camargo vendeu a Manoel Ribeiro Siqueira, e que vendeu a João Pires Pimentel.

33 – 1772 – Felipe José da Silva e Inácio de Godoi Moreira obtêm "uma légua em quadra de terras da banda do rio Cachoeira começando nas divisas de Manoel de Souza Moniz".

34 – 1792 – Domingos Garcia Velho, Garcia Rodrigues Velho, Miguel Rodrigues Velho e Manoel Garcia Velho requerem "uma légua de terras além do rio Atibaia...". Waldomiro Franco da Silveira chegou à conclusão de que a sesmaria deveria ser no lugar chamado Morros, na minibacia do córrego de Antônio Alves, que tem como seu afluente o córrego do Arrozal. O nome, evidentemente, faz alusão ao plantio de arroz ou arrozal.

OS PRIMEIROS PROPRIETÁRIOS DE TERRAS NA REGIÃO DE ATIBAIA

Os irmãos Garcia e Manoel, bem como seus outros irmãos Domingos e Miguel Velho, juntamente com Onofre Jorge Velho Filho, Antônio Pedroso de Barros e posteriormente o padre Matheus, são os primeiros exploradores e/ou povoadores de Atibaia, no período que compreende os anos de 1635 a 1655, aproximadamente. As sesmarias comprovam isso.

Pois bem, os irmãos Garcia, Manoel, Domingos e Miguel Velho eram primos segundos (tinham um casal de bisavós em comum) de Onofre Jorge Velho Filho e do padre Matheus Nunes de Siqueira, esses eram primos-irmãos ou de primeiro grau, pois Onofre Filho e o padre Matheus tinham um casal de avós em comum, já que seus pais eram irmãos (Onofre Jorge Velho e Aleixo Jorge).

Como vimos, a primeira sesmaria na região do além rio Juqueri foi concedida a Salvador Pires, o moço, filho de Salvador, o velho, em 1610 e no ano de 1638 os irmãos Garcia e Manoel e posteriormente os demais irmãos obtiveram sesmarias que compreendiam o rio Ubuatibaia, ou seja, nosso rio Atibaia. No mesmo período, Onofre Jorge Velho, "o moço", também recebeu sesmarias em solo atibaiano, podendo ser considerado o desbravador do bairro Itapetinga. As famílias Pires e Rodrigues Velho eram aliadas e unidas através de vários casamentos.

Desta maneira, a região de Atibaia, antes de ser ocupada pela família Camargo e seus aliados, de maioria espanhola, foi explorada e ocupada pela família Pires e seus aliados, de maioria portuguesa, os verdadeiros primeiros povoadores de Atibaia.

Capítulo 8

Alguns inventários que citam a região de Atibaia no século XVII

Alguns inventários que citam a região de Atibaia:

1) **Antônio Pedroso Barros**[6], de maio de 1652, em sua fazenda em Juqueri que declarou em seu testamento: "os algodões que tenho aqui em Juqueri, etc (....) deixo as terras de Guativaí de que tenho cartas (...) tenho quinhentas braças de terras de Caioçara que me vendeu meu cunhado Salvador Pires de Medeiros (esse filho de Salvador Pires, o moço e de Mecia Fernandes)".

Uma prova cabal de que os Pires e seus aliados estiveram antes dos Camargos em solo atibaiano: as terras atibaianas ocupadas pelos Camargos, na atualidade, estariam mais em terras de Jarinu, Itatiba e mesmo Jundiaí.

2) **Miguel Garcia Velho,** falecido em 1654, cujo inventário se refere: "uma légua de terras na paragem chamada Guatibaia onde tenho algum gentio da terra".

Outro inventário que prova que os Rodrigues Velhos tinham, além de terras em Atibaia, indígenas, muito provavelmente reunidos numa aldeia onde certamente resultou no aldeamento ou povoamento no qual nasceu o centro da cidade.

3) **Inês da Costa,** em 1667, mulher de Onofre Jorge Velho Filho, falecida em São Paulo em 1667, "uma carta de data de terras de uma légua em quadra de Atibaia".

4) **Capitão João Lopes de Medeiros**, em 1886, casado com Mariana Cortes, falecido no seu sítio no bairro de São Paulo chamado de Atibaia, era filho do sargento-mor Matias Lopes e de Catarina do Prado, neto paterno de Matias Lopes, português, e de Catarina de Medeiros, essa filha de Salvador Pires, o moço.

[6]Antônio Pedroso de Barros era natural de Algarve, Portugal, e faleceu em São Paulo em 1652 com mais de 600 indígenas na sua fazenda em São Paulo. Era casado com Maria Pires de Medeiros (meus 12 avós). Antônio era filho do capitão-mor e governador Pedro Vaz de Barros, falecido em 1640. O capitão-mor Pedro Vaz de Barros tem sua ascendência judaica comprovada por processos, sendo, portanto, um legítimo sefardita.

Outros inventários relacionados à família Camargo:

5) **Marcelino de Camargo,** "O Patriarca de Atibaia", em 1684, com terras no bairro Itapetinga.

6) **Mariana de Camargo Pimentel**, em 1680, era casada com Pascoal Delgado e proprietária de "meia légua de terras de testada, a começar no rio Atibaia, e de comprido até o rio Jaguari. Segundo Renato Zanoni, eram proprietários de quase todo o bairro do Mato Dentro.

Este inventário comprova minha teoria de que os Camargos tinham terras rio Atibaia acima, portanto, o núcleo urbano de Atibaia não estava em terra dos Camargos, e sim dos Pires e de seus aliados.

7) **Bartolomeu Bueno**, o cacunda, em 1685, que era filho de Mariana de Camargo[7] e de Bartolomeu Bueno, ou Bueno da Ribeira, o moço (meus decavós), que também tinha terras no bairro Itapetinga. Cacunda, embora fosse filho de uma Camargo, era neto de uma Pires – Maria Pires, filha de Salvador Pires, o moço. É muito provável que esse ramo da família Camargo tenha tido muitos problemas no auge do conflito entre as duas famílias em São Paulo. Bartolomeu deixou casas na rua Mateus Leão, que se fizer referência a Atibaia, nos parece ser o primeiro nome da rua José Lucas, que antes de ter este nome chamou-se rua da Consolação, entre 1760 a 1833, depois rua Direita e, a partir de 1884, rua José Lucas, também conhecida como rua de cima, e até hoje, como rua das igrejas.

[7]Encontrei, mas não consultei, um inventário no Arquivo do Estado, de uma certa Mariana de Camargo, de 1707, que acreditamos ser o seu inventário. Valeria a pena ser pesquisado.

Capítulo 9
Família Rodrigues Velhos (quadro genealógico)
Os primeiros exploradores de Atibaia

Entre a segunda metade da década de 1630 e a segunda metade da década de 1650 (1635 a 1655), os irmãos Garcia e Manoel Velho exploraram e ocuparam o bairro do Caioçara e, no mesmo período, Onofre Jorge Velho Filho iniciava a exploração e ocupação do bairro Itapetinga, os dois bairros mais antigos de Atibaia.

Garcia, Manoel, Domingos, Miguel, Onofre e o padre Matheus eram bisnetos dos portugueses Garcia Rodrigues e Isabel Velho, os quais eram pais, entre outros, de: 1) Mécia Rodrigues, avó de Garcia, Manoel, Domingos e Miguel; 2) Agostinha Rodrigues, avó de Onofre Filho e do padre Matheus; e de 3) Maria Rodrigues, que foi casada com Salvador Pires, o velho, que, juntamente com seu pai João, deixou Portugal na expedição liderada por Martim Afonso de Souza em 1532 para iniciar o povoamento do Brasil. São considerados os troncos da importante família Pires no Brasil. Portanto, as famílias Pires e Rodrigues Velhos eram unidas por inúmeros casamentos e aliados políticos contra os Camargos.

A versão defendida por alguns pesquisadores e historiados de que o sertanista Jerônimo de Camargo e o padre Matheus Nunes de Siqueira fossem amigos não se sustenta pela genealogia de ambos. Admito que o desejo de aprisionar indígenas era um ponto em comum das duas facções políticas, com membros mais ou menos ortodoxos de cada lado, mas daí a imaginar que o padre teria deixado indígenas, por ele conquistado, nas terras de um Camargo não teria qualquer fundamento. O padre Matheus deixou, sim, os indígenas conquistados em terras da sua família e quem sabe até em terras suas.

Lamentavelmente, o inventário do padre Matheus não estava disponível para consulta no arquivo do Estado de São Paulo, mas, quem sabe numa outra oportunidade, consultamos o seu inventário e trazemos ainda mais provas de nossa tese.

➢ PADRE MATHEUS NUNES DE SIQUEIRA – O PRINCIPAL RESPONSÁVEL PELO NASCIMENTO DA CIDADE

O padre Matheus Nunes de Siqueira (*1610/20 †1681/82) era também conhecido como “calção de couro” em razão da sua vivência como sertanista. O padre foi uma mistura de um bandeirante com um sacerdote. Era filho

de Aleixo Jorge, nascido em Arrifama de Souza, Portugal, em 1586, e de Maria de Siqueira Nunes, nascida em 1593. Tinha dois irmãos e sete irmãs, entre eles o padre Jacinto Nunes da Siqueira[8] e Simôa de Siqueira (minha decavó). Era neto paterno de Antônio Nunes de Siqueira e de Maria Maciel, neto materno de Simão Jorge e de Agostinha Rodrigues, por essa avó era primo dos primeiros povoadores de Atibaia (os primeiros beneficiados com as sesmarias em terras atibaianas– família Rodrigues Velho).

Em 1658, o padre Matheus foi capelão da bandeira de Domingos Barbosa Calheiros nos sertões da Bahia. Em 1671 recrutou indígenas para voltar à Bahia e foi ouvidor-geral da vara, vigário-geral de São Paulo e em 1677 foi nomeado visitador da vila São Paulo e de todas da região do sul do rio São Francisco até a ilha de São Sebastião, sendo o responsável por visitar todas as igrejas, capelas, oratórios, bem como as confrarias de toda essa jurisdição.

O padre e sua mãe Maria de Siqueira, em 1663, doaram terras para a construção da capela do Senhor Jesus do bairro de Tatuapé, no qual o padre era proprietário de uma grande fazenda adquirida de seu primo Francisco Jorge, que foi o segundo marido de Isabel Rodrigues, viúva de Lourenço Gomes Ruxaque, os segundos proprietários da fazenda localizada no bairro Tatuapé. O padre é considerado pela maioria dos historiadores e pesquisadores o fundador do bairro Tatuapé. Nesta fazenda, onde surgiu o bairro, havia uma famosa casa de pedra construída entre 1668 e 1698 pelo administrador da fazenda, Mathias Rodrigues da Silva, que era casado com Catharina D'Orta, sobrinha e afilhada do padre e filha de uma de suas irmãs, Sebastiana Rocha. Essa casa é tombada pelo IPHAN e está aberta para visitação pública. Em 1667, juntamente com seu irmão, padre Jacinto erigiu uma capela em louvor à Nossa Senhora de Penha, dando origem ao bairro da Penha.

Sim, o principal responsável pelo surgimento de Atibaia tinha uma grande fazenda e é considerado o fundador do mesmo bairro cuja escola de samba Unidos do Tatuapé homenageou Atibaia com um samba-enredo no carnaval de 2020. Eu cheguei a falar com o presidente da escola, que estava à disposição para colaborar na criação do enredo, tendo em vista a forte ligação de Tatuapé com Atibaia, unidas pela forte participação do padre Matheus Nunes de Siqueira na formação dos dois núcleos urbanos, mas, segundo o presidente, o enredo já estava pronto. Creio que essa grande ligação entre o bairro de Tatuapé e a cidade de Atibaia não poderia ter sido deixado de ser explorada, mas, de qualquer forma, numa daquelas grandes coincidências da vida, a escola de Tatuapé, mesmo sem saber, homenageou a cidade cujo maior responsável pela formação do bairro foi também o maior responsável pela formação da cidade de Atibaia.

O padre Matheus saiu da vila de São Paulo com uma bandeira em abril de 1664 com destino à terra de sua família para além do rio Juqueri e aquém do rio Atibaia. No sertão atibaiano, o padre deve ter arregimentado os índios Goaramimis (depois conhecidos como Guarulhos), que provavelmente foram encontrados na região, e os instalou no alto da colina, numa antiga aldeia indígena ou lugar "novo" para que ali formassem um aldeamento

[8]Muitos historiadores acreditam que o padre Jacinto era na verdade filho do padre Matheus Nunes de Siqueira, e não seu irmão. Foi seu testamenteiro no inventário aberto em 1684. O fato é que o padre Matheus pediu licença de sua condição de religioso algumas vezes durante sua vida.

nos moldes dos colonizadores brancos. Ao retornar para a vila de São Paulo, em meados do ano seguinte, portanto, ficou um ano nos sertões atibaianos, foi o responsável por dar notícia à Câmara Municipal de São Paulo de Piratininga em 03 de julho de 1665 de que deixou indígenas nas paragens já existentes de nome Atubaia (terras de sua família), com o fim de transformar a possível aldeia num aldeamento ou povoado para abrigar novas famílias e se tornar com o tempo uma freguesia e depois uma vila.

No dia 9 de novembro de 1666, a Câmara Municipal de São Paulo determinava que dois oficiais de justiça "fosen à Atubaia ver se estão os índios Goaramimis na paragen donde deles tomarão lista o anno passado" – organizados pelo padre Matheus, que muito provavelmente mandou construir uma capelinha que deu origem à matriz São João Batista de Atibaia. Os oficiais informaram que o arraial (povoado ou aldeamento) estava bem formado e com cerca de quinhentas pessoas (o primeiro censo de Atibaia....).

Ilustração do Padre Matheus Nunes de Siqueira
domínio público

Segundo o historiador Júlio José Chiavenato, na sua obra ***Bandeirismo***, dominação ou violência, o padre Matheus levou centenas de indígenas da serra da Mantiqueira para sua fazenda em Atibaia. Para mim, é mais provável que o padre levou e deixou os indígenas capturados e cativados na bandeira que iniciou em 1664 nas terras de seus primos, proprietários de terras na região de Atibaia, já que na época o padre Matheus tinha uma enorme fazenda nas margens do rio Tatuapé, adquirida em 1655. Contudo, é possível que o padre também tivesse terras em Atibaia, afinal de contas, muitos primos tinham terras na futura cidade.

Não tenho nenhuma dúvida de que tal ação do padre Matheus deu o grande impulso para transformar a aldeia, já existente, no povoado ou arraial que deu origem à cidade de Atibaia. E, muito provavelmente, a primeira capela erigida em louvor a São João Batista se deu por iniciativa e ordem dele no mesmo ano de 1665 ou um ou dois anos antes, afinal, se a construção de uma capela em um local novo era uma das primeiras ações feitas por leigos, imaginem por um padre.

Dessa minha certeza, infelizmente jamais teremos confirmação histórica devido à escassez de documentos que fazem menção à construção da primeira capela. Caso tenha sido feita em 1665 ou antes, é muito possível que o padre Matheus tenha rezado lá a primeira missa da cidade. Em 1676, o arraial ou povoamento passou a ser freguesia de São Paulo e, em 1679, a pequena igrejinha passou a ser capela curada, ou seja, a ter padre próprio.

Em 1687, segundo Afonso de Taunay, em sua obra ***História da Abadia de São Paulo***, o padre provincial:

"... No mesmo anno [1687] indo pregar uma missa em Atibaia, na grande fazenda de índios de Jeronymo de Camargo, levou o Padre Provincial 'como mimo' para o fazendeiro 4 cambadas de peixe salgado e 3 queijos, no valor total de $480...". Jerônimo de Camargo, segundo confirmação de sesmaria em 1707 e 1747, tinha terras em Atibaia entre 1663 a 1667. Esse registro é uma prova cabal, embora não se faça menção da localização exata da fazenda, que cremos ser hoje o município de Jarinu, antes Campo Largo de Atibaia, de que Jerônimo, como seus herdeiros alegaram, teve terras na região de Atibaia, contudo, creio que esse registro induziu os primeiros historiadores a deduzir ser Jerônimo de Camargo o "fundador" de Atibaia.

A tese defendida por alguns historiadores de que o padre havia encontrado o sertanista Jerônimo de Camargo

na aldeia e ambos teriam sido amigos não tem qualquer comprovação histórica e, para mim, se trata de um enorme equívoco e até absurdo, posto que o padre Matheus e seus primos, proprietários de terras na região de Atibaia, pertenciam à corrente política dos Pires e, portanto eram inimigos políticos da corrente dos Camargos. O tio do padre Matheus, irmão de sua mãe, Francisco Nunes de Siqueira, era um dos mais importantes líderes do partido dos Pires e seu procurador.

Contudo, se pelo lado familiar seria praticamente impossível o padre Matheus ser partidário dos Camargos, o mesmo, segundo alguns autores, como o já citado Júlio José Chiavenato, como sacerdote latifundiário, ele não se colocava ao lado dos padres jesuítas, e sim ao lado de sertanistas como os Camargos e seus primos, que embora partidários dos Pires, também não defendiam os jesuítas, posto que eram todos bandeirantes, caçadores de indígenas.

Para mim, na questão do aprisionamento dos indígenas, tanto os Pires quanto os Camargos defendiam seus próprios interesses econômicos, deixando a rivalidade familiar de lado, mas, ainda assim, entre estar ao lado ou ajudar sua família e se identificar mais com as questões de aprisionamento, também defendidas, na prática, por muitos partidários dos Pires, certamente o padre optaria por estar ao lado dos seus.

Obviamente os Camargos, especialmente Marcelino, Jerônimo e Fernão de Camargo, estiveram em Atibaia, onde tiveram muitas terras e deixaram grande descendência, contudo, para mim, eles chegaram à região de Atibaia depois dos Pires, Rodrigues Velhos, Nunes de Siqueira, Barros e outros. Muito provavelmente os Camargos chegaram à região de Atibaia, rio acima, entre 1663 e 1667, quando a possível aldeia indígena, depois transformada em aldeamento ou povoado, já existia e dava suporte de mão de obra para os primeiros povoadores da região, ou mesmo a chegada dos Camargos em Atibaia possa ter sido na mesma época da chegada do padre, na área depois do rio Atibaia, mas, ainda assim, para mim, os Camargos não participaram dos primeiros movimentos em prol do aldeamento dos indígenas descidos do sertão pelo padre e deixados por ele em terras de sua família, e sim, muito provavelmente, aproveitaram dessa estrutura e do novo arraial iniciado pelas famílias citadas acima.

Casa de Tatuapé que pertenceu ao padre Matheus
Fonte: www.guiadasartes.com.br

Como já disse no início deste trabalho, eu não considero ideal a expressão “fundador” para classificar a pessoa ou as pessoas principais na formação de uma cidade.

Prefiro a expressão “principal” ou “principais povoadores”. No caso de Atibaia, os membros das famílias Rodrigues Velho, Jorge Velho, Nunes de Siqueira e Barros são os principais povoadores de Atibaia, contudo, se eu fosse obrigado a apresentar um único nome como fundador da cidade, eu não teria nenhuma dúvida de apresentar o nome do padre Matheus Nunes de Siqueira como sendo esse personagem.

O padre Matheus faleceu em 1681 ou 1682 provavelmente na vila de São Paulo ou na sua fazenda no bairro de Tatuapé. Infelizmente seu inventário não estava disponível para consulta no arquivo do Estado nos últimos anos em razão de estar contaminado, do contrário eu o teria pesquisado, mas sugiro que outros pesquisadores o consulte em quem sabe nos tragam novas informações.

Capítulo 10

Os principais acontecimentos ligados direta ou indiretamente ao início do povoamento de Atibaia (as causas e o contexto histórico)

Pela ordem crescente de importância, para mim, foram esses os principais acontecimentos ou razões que contribuíram, direta ou indiretamente, para o surgimento da linda cidade de Atibaia:

1) A necessidade de expansão das áreas agriculturáveis próximas à vila de São Paulo para atender as demandas das vilas e a própria expansão das áreas concedidas por sesmarias aos fazendeiros que, via de regra, também eram os sertanistas, paulistas e depois conhecidos como bandeirantes;

2) Bandeirismo ou Bandeirantismo que aproveitou antigos caminhos indígenas para formar as rotas dos bandeirantes e por elas criar paragens de descanso e abastecimento para os membros das expedições;

3) Conflitos entre Pires X Camargo – Disputa entre as famílias/grupos políticos (1640 até 1765) que impulsionou a saída das famílias da vila de São Paulo fugindo da verdadeira guerra entre elas;

4) Expulsão dos jesuítas do Colégio de São Paulo (13/07/1640 até 14/05/1653) que, na prática, endossava a caça aos indígenas pelos sertões;

5) Aclamação de Amador Bueno da Ribeira (1641), que marcou a disputa entre espanhóis e portugueses pela hegemonia política na vila de São Paulo.

Capítulo 11

As entradas, bandeiras e monções

CONCEITOS

As entradas, bandeiras e monções eram movimentos de entradas aos sertões do Brasil. Os bandeirantes, ou sertanistas, ou paulistas eram fundamentalmente caçadores de indígenas. Na sua grande maioria, falavam a língua geral, ou o Tupi, poucos eram brancos europeus ou nascidos no Brasil, muitos eram mamelucos e o grupo maior era formado de indígenas convertidos ao cristianismo. As entradas eram expedições oficiais do governo. Os expedicionários eram contratados pelo governo. As bandeiras eram expedições particulares, custeadas pelos organizadores das bandeiras, e as monções eram expedições fluviais com fins comerciais. Alguns dos principais bandeirantes, sertanistas ou paulistas foram: Fernão Dias, Raposo Tavares, Anhanguera, Borba Gato, Domingos Jorge Velho e tantos outros.

Durante todo o século XVII houve o aumento das bandeiras, que resultaram, entre outras coisas, na expansão do território brasileiro, na escravização de índios, no fim prático do Tratado de Tordesilhas.

ORIGEM JUDAICA DE ALGUNS BANDEIRANTES

Recentemente, uma tese vem ganhando muita força entre alguns historiadores: as bandeiras e a disputa entre jesuítas e sertanistas (bandeirantes) não tinham apenas um viés econômico, mas também razões religiosas.

A confirmação recente da origem judaica de personagens importantes na política de São Paulo do século XVII vem trazer mais um motivo para o confronto entre jesuítas e sertanistas face ao aprisionamento dos indígenas.

Em 1492 os reis espanhóis Fernando e Isabel expulsaram os judeus da Espanha e em 1496 o rei de Portugal D. Manuel decretou a expulsão dos judeus ou sua imediata conversão para o cristianismo. Muitos judeus decidiram sair do país, outros se converteram e outros apenas fingiram ter se tornado cristãos novos, nome que se deu aos judeus convertidos. Os judeus da Península Ibéria eram chamados de sefarditas. Muitos portugueses e espanhóis, que vieram para o Brasil e fizeram essa escolha durante os séculos XVI e XVII, tinham origem judaica e buscavam um novo mundo sem as perseguições que sofriam na península.

Entre os confirmados como cristãos novos ou suspeitos estão:

Antônio Raposo Tavares (*1598 †1658) teve sua origem judaica comprovada. Sua madrasta, Maria da Costa, chegou a ser presa pela inquisição em 1618 e seus pais também eram cristãos novos.

Pedro Vaz de Barros (meu 13° avô), bandeirante e fazendeiro em São Paulo, também teve sua ascendência judaica comprovada recentemente.

Segundo alguns pesquisadores, Amador Bueno da Ribeira também tem ascendência judaica, pois seria bisneto de Juan Faraz, nascido em Toledo, médico cirurgião e clínico de rei Manuel I, comprovadamente judeu. Juan era pai de Francisco Ramires de Porros, que era pai de Bartolomeu Bueno da Ribeira, que era pai de Amador Bueno da Ribeira. Segundo eles, já há comprovações sobre sua ascendência, mas há outros portugueses e espanhóis que vieram para o Brasil entre a segunda metade do século XVI e a primeira metade do século XVII que também poderiam ter ascendência judaica. Como certamente há cristãos novos nas duas facções políticas que disputavam o poder na vila de São Paulo (Pires e Camargos), eu não sei até que ponto a religião judaica de muitos sertanistas poderia influir, por exemplo, na luta pela expulsão dos jesuítas do colégio de São Paulo e na sua perseguição. De que qualquer forma, a comprovação de sangue judeu em muitas famílias paulistas não causa surpresa e poderia, sim, trazer outros elementos que ajudariam a compreendermos episódios históricos como o que acabei de citar entre outros.

Entre os autores que têm tratado deste tema, podemos citar: José Gonçalves Salvador, Anita Novinsky, John Monteiro, Paulo Prado e Paulo Valadares.

OS PRINCIPAIS CAMINHOS PAULISTAS PARA MINAS GERAIS

1 – O principal – passava pela garganta do Embu, mais conhecido por caminho velho.

2 – O que seguia para Atibaia, Bragança, Extrema transpondo a serra da Mantiqueira por Camanducaia (trajeto percorrido por Fernão Dias e Castelo Branco).

3 – O caminho dos Guaianases que passava pelo vale de Mogi-Guaçu e Morro do Gravi (traçado inicial do caminho para Goiás).

Em todos os caminhos que ligavam vilas umas às outras ou vilas às regiões de exploração, havia a necessidade de criar no curso desses caminhos áreas de plantio ou criação de animais para alimentar os expedicionários e locais de parada de descanso dos membros das expedições. Atibaia, na rota para as Minas Gerais, passou a ser uma paragem estratégica e importante dos bandeirantes.

POSSÍVEIS BANDEIRAS OU PASSAGENS DE AVENTUREIROS POR ATIBAIA

Como já vimos, Atibaia estava numa das principais rotas para as Minas Gerais e, por estar nessa importante rota, passou a ser ponto de paragem dos membros das expedições.

- 1635 a 1638 – Irmãos Rodrigues Velho (primeiros povoadores de Atibaia)
- 1635 a 1639 – Onofre Jorge Velho, "o moço" (igual ao anterior)
- 1639 – Braz Cardoso e Matheus Luiz Grou
- 1639 – Sebastião Bicudo de Siqueira e Francisco Nunes de Siqueira
- 1640 – Miguel Garcia Velho

• 1645 – João Antônio Bocarro e Antônio Gil

• 1650 – Antônio Pedroso de Barros, falecido em 1652. Tinha comprovada origem judaica.

• 1664/65 – Em abril de 1664, parte da vila de São Paulo, provavelmente da sua fazenda no bairro de Tatuapé, rumo ao sertão das Minas Gerais ou muito mais provável para o sertão atibaiano (o que acredito), via Juqueri, uma pequena bandeira liderada pelo padre Matheus Nunes de Siqueira, primo de segundo grau dos irmãos Garcia Rodrigues Velho e primo de Onofre Jorge Velho, o moço, proprietários de terras em Atibaia, portanto, sua bandeira foi para as terras de sua família. Com todo respeito, ainda acreditar que os irmãos Camargos foram os primeiros povoadores de Atibaia, é uma tarefa muito difícil.

• 1680 – Fernão Dias Paes, conhecido como "o governador das esmeraldas". Não há provas de que Fernão Dias passou por Atibaia com a sua bandeira em busca das esmeraldas, mas historiadores afirmam que sim.

• 1681 – D. Rodrigo de Castel Branco, por ordem da Coroa portuguesa, seguiu as pegadas de Fernão Dias passando por Atibaia em 24 de março de 1681. Taunay em ***História Antiga da Abadia de São Bento***, relata o seguinte:

"Don Rodrigo de Castel Branco, administrador de lãs minas por S.A. pidoal sr. Capitan Juan Paes Rodrigues que por serbisso de AS me dê el mulato Juan Pinto, acima declarado para ir al sertonsirbiendo de ferreroel qual me obligotraziendomeDios, com bienentregarlo em elmismo depósito acima dicho salvo se insiereeldicho alguma ausência o Dios lê lebare para sy, y paséesta em Atebaya a 20 de marzo de 1681".

• 1700 – João Lopes de Lima e seu irmão padre Manuel Lopes de Lima ou Cardoso de Lima, o Buá, moradores de Atibaia, de onde partiram em busca de ouro encontrado no Ribeirão do Carmo em Minas Gerais acompanhado de conhecidos bandeirantes, como Francisco Rodrigues, Antônio Vaz e Antônio Domingos Galera. A expedição dos irmãos teve muita sorte, pois conta a história que voltaram com grande quantidade de pedras preciosas e ouro.

• Padre José de Moraes em 1731.

• 1772 – Felipe José da Silva e Inácio Godoi Moreira.

• 1772/73 – Miguel Canedo de Compostella – possuidor de sesmaria onde hoje é o bairro de Canedos, nos municípios de Atibaia e Piracaia.

• 1773 – Bartolomeu Bueno da Siqueira e seu irmão padre Pedro Moraes Siqueira rumo aos sertões de Cataguases, mas não tiveram a mesma sorte dos irmãos Lopes, pois Pedro e grande parte dos integrantes da expedição foram dizimados por ataques dos índios Cataguases.

• 1774 – Capitão José Félix Cintra organiza uma bandeira em Atibaia com destino ao sertão de Tbagy. O acompanharam nesta bandeira Bento Pires, José da Costa, Francisco Poderoso, Joaquim da Costa, Inácio Manoel e Inácio Pires, que pode ser um ascendente meu.

• 1789 – Ângelo Batista, residente em Atibaia, de onde partiu para as Minas Gerais. Foi o descobridor da região das minas de Ouro Fino.

Capítulo 12

A expulsão dos padres jesuítas do colégio de São Paulo (1640) e seu retorno (1653)

O episódio de expulsão dos jesuítas do colégio de São Paulo também passou para a história como a "botada dos padres fora". No dia 25 de junho de 1640, reuniram-se os procuradores das até então oito câmaras existentes na capitania de São Vicente (São Vicente, Santos, Itanhaém, Iguape, Cananeia, Santana do Parnaíba, São Paulo e Moji das Cruzes) para propor a expulsão dos jesuítas; a ata registra 130 presentes nessa reunião, entre os presentes estavam: 1) Fernão de Camargo; 2) Amador Bueno, "o velho"; 3) Amador Bueno, "o moço"; 4) Bartolomeu Fernandes Faria; 5) José Ortiz de Camargo; 6) Marcelino de Camargo; 7) Francisco de Camargo; 8) Manoel de Siqueira; 9) João Maciel Baião; 10) Simão Borges Cerqueira; 11) Mateus Luis Grou; 12) Bartolomeu de Quadros; 13) Henrique da Cunha Lobo; 14) Belchior da Borba; 15) Fernão Dias; 16) Domingos Jorge Velho; e 17) Pedro Vaz de Barros, de comprovada origem judaica, que culminou com o fechamento do colégio e da igreja no dia 13 de julho de 1640, os quais retornaram ao Colégio em 14 de maio de 1653 com a importante ajuda de João Pires.

Com a expulsão dos jesuítas do colégio, proibiu-se o Tupi como língua-geral e, por incrível que pareça, a língua mais falada em São Paulo de Piratininga, após a língua-geral, era o espanhol, e não o português.

Alguns fatos ligados aos jesuítas:

• 1596 – Os jesuítas são considerados os protetores dos indígenas e detêm o monopólio das entradas aos sertões pelo Papa Clemente VIII;

• 22/04/1639 – Bula papal reconhecendo a liberdade dos indígenas pelo Papa Urbano VIII;

• 1640 – Os jesuítas de São Paulo tentavam valer a bula papal de excomunhão aos que escravizavam os indígenas.

Capítulo 13

A aclamação de Amador Bueno da Ribeira – 1641

QUEM FOI AMADOR BUENO DA RIBEIRA

Amador Bueno da Ribeira nasceu em São Paulo entre 1584/85, filho de Maria Pires, filha de Messia Fernandes, mameluca, e de Salvador Pires, da importante família Pires, seus avós maternos, e do espanhol de Sevilha Bartolomeu Bueno da Ribeira, que imigrou com seu pai para o Brasil em 1571. Casou-se com Bernarda Luiz, filha de pai de origem portuguesa e mãe de origem espanhola. Amador era irmão, entre outros, de Bartolomeu, o moço, que se casou em 1634 com Mariana de Camargo (irmã de Marcelino e Jerônimo), ambos pais de Bartolomeu, o cacunda, inventariado em Atibaia em 1685.

Amador foi ouvidor e capitão-mor da capitania de São Vicente em 1627. Fato que ilustra bem sua relação com os Camargos. Amador Bueno da Ribeira foi aclamado rei de São Paulo no dia 1º de abril de 1641 pelos espanhóis e seus descendentes, que não queriam se tornar súditos do rei D. João IV de Portugal, considerado um vassalo rebelde do soberano espanhol, buscando com esse ato a secessão da região paulista do resto do Brasil, esperando talvez anexá-la às colônias espanholas limítrofes. Contudo, Amador Bueno da Ribeira recusou a honra e, com a espada desembainhada, deu vivas como leal vassalo ao rei de Portugal, por meio de quem se restaurava a monarquia portuguesa, depois de 60 anos de União Ibérica, e se recolheu no mosteiro de São Bento, próximo de sua casa.

Aclamação de Amador Bueno (1909), óleo de Oscar Pereira da Silva

Arrependidos do intento de tentar criar um novo reino em São Paulo, os espanhóis e seus partidários resolveram aderir ao movimento restaurador do 1º de dezembro de 1640. E assim foi D. João IV solenemente reconhecido soberano dos paulistas aos 3 de abril de 1641, pondo fim ao mando espanhol em terras brasileiras depois de 60 anos.

Por esse ato, Amador Bueno da Ribeira deixou nome ilustre e recebeu carta de el-rei em que lhe agradecia a lealdade. Quase 200 anos depois, D. Pedro I fez questão de ressaltar que foi aclamado Imperador pela primeira vez na terra do "fidelíssimo e nunca assaz louvado Amador Bueno da Ribeira".

A tentativa de aclamação de Amador Bueno da Ribeira pode ser considerada o primeiro movimento nativista do Brasil. Muitos brasileiros, paulistas e atibaianos de raiz, como eu, descendem de Amador Bueno da Ribeira.

FAMÍLIA BUENO DA RIBEIRA (QUADRO GENEALÓGICO)

O tronco da família Bueno ou Bueno da Ribeira no Brasil era Bartolomeu Bueno de Ribeira, natural de Sevilha, na Espanha, que imigrou para São Paulo em 1571 com seu pai Francisco Ramires de Pórros, que, segundo alguns pesquisadores, era neto de judeus, portanto, era um sefardita. Bartolomeu se casou em São Paulo com Maria Pires, filha de Salvador Pires e de Mecia Fernandes (ou Meciaussú, nome indígena). Neta paterna de Salvador Pires e Maria Rodrigues e neta materna de Antônio Fernandes e Antonia Rodrigues, e, por esta, bisneta de Antônio Rodrigues e Antonia Rodrigues, por esta, terneta do maioral de Ururay de nome Piquiroby.

Bartolomeu Bueno da Ribeira e Maria Pires tiveram sete filhos, que na sua grande maioria eram membros do partido dos Camargos, tais como:

1) Amador Bueno de Ribeira (meu 12° avô) foi capitão-mor e ouvidor da capitania de São Vicente. Em 1641 foi aclamado rei de São Paulo pelos partidários do partido dos Camargos, na sua maioria, espanhóis ou descendentes.

2) Francisco Bueno, falecido em 1638.

3) Bartolomeu Bueno, "o moço", casou pela primeira vez com Agostinha Rodrigues, filha de Garcia Rodrigues Velho (partidário dos Pires) e de Catarina Dias, pela segunda vez em 1631, em São Paulo, com Mariana de Camargo, filha de Jusepe de Camargo e de Leonor Domingues (família Camargo).

4) Jeronimo Bueno

5) Maria de Ribeira

6) Messia de Ribeira

7) Izabel de Ribeira foi casada pela primeira vez com Manoel Fernandes Sardinha, falecido em 1633, pela segunda vez em 1637, em São Paulo, com o capitão Francisco de Camargo, filho de Jusepe de Camargo e de Leonor Domingues (família Camargo).

Capítulo 14
Conflito entre Pires e Camargos

➢ INÍCIO DO CONFLITO: AGOSTO DE 1640 E OS PRIMEIROS PERSONAGENS DO CONFLITO: PEDRO TAQUES E FERNÃO DE CAMARGO

Pedro Taques, sobrenome aportuguesado de Tacks ou Tassim, tinha origem em Flandres, hoje Bélgica, era a primeira geração de sua família nascida no Brasil. Era filho de outro Pedro Taques que imigrou para o Brasil em 1591 na comitiva do governador-geral D. Francisco de Sousa, portanto, era o tronco da família Taques no Brasil. Seu pai, Pedro Taques, o velho, se casou com Ana de Proença, filha de Antônio de Proença.

Fernão de Camargo, apelidado de "o tigre", também era a primeira geração de sua família nascida no Brasil. Sua mãe era Leonor Domingues Carvoeiro, filha de Domingos Carvoeiro, português já retratado aqui. Seu pai, Jusepe de Camargo, era espanhol de Castela e imigrou para o Brasil entre 1582 ou 1583. O Tigre era casado com Mariana do Prado, filha do espanhol João Santa-Maria. Fernão era bandeirante e quando não estava mata adentro ocupava vários cargos de importância na administração da vila de São Paulo. No ano do primeiro conflito entre as famílias Pires e Camargo pelo domínio político da vila de São Paulo, Fernão ocupava o cargo de juiz ordinário da vila, o mais importante da câmara municipal. Em 1640 era sem dúvida o principal líder dos Camargos e muito provavelmente foi o principal responsável pelo conflito entre os jesuítas, apoiados pelos Pires, e pela consequente expulsão dos padres do colégio São Paulo.

O primeiro grande conflito entre as duas famílias e seus partidários se deu em julho, no pátio do colégio, e o segundo se deu entre o final de agosto até o começo de outubro, ou seja, de um a três meses após o primeiro, na praça da matriz (igreja da Sé), mas desta vez o desfecho foi sangrento. As duas facções políticas iniciaram uma grande discussão que culminou com agressões físicas de parte a parte, uma verdadeira batalha campal com ares shakespearianos em terras tupiniquins. O resultado foi a morte de muita gente, a maioria de indígenas, os peões deste sangrento jogo de xadrez.

No ano seguinte, no largo da matriz (praça da Sé), os dois voltaram a se encontrar, mas desta vez um dos dois viria a morrer. Pedro Taques se encontrava conversando com um amigo na porta lateral da igreja quando, subitamente, Fernão Dias o atingiu com uma adaga nas costas e o feriu de morte.

Segundo João Antônio Borin, na obra ***Jundiaí na história*** sobre o assassinato de Pedro Taques por Fernão de Camargo, assim se pronunciou: "Pedro Taques, líder do partido dos Pires, é assassinado supostamente por seu rival Fernão de Camargo 'o tigre', em plena porta da matriz de São Paulo. Mas depois se constatou tratar-se de conspiração, estando na liderança Pedro Leme do Prado, falecido em Jundiaí em 1655, entre cujos papeis descobriu-se uma escritura de perdão da viúva de Pedro Taques de Almeida em seu favor".

As duas principais causas e razões que motivaram o conflito entre os Pires e os Camargos são:

1) A disputa pelo domínio político da câmara de São Paulo e a consequente disputa pelo domínio econômico da vila e da própria capitania. As duas famílias e seus partidários disputavam o domínio político da vila de São Paulo, especialmente a partir da restauração do trono Português que aconteceu em 1º de dezembro de 1640. Lembrando que, via de regra, os Pires tinham origem predominantemente portuguesa e os Camargos, espanhola.
2) O aprisionamento dos indígenas que, via de regra, era defendido pelos Camargos, embora muitos sertanistas partidários dos Pires também defendessem o aprisionamento dos indígenas, mas de forma mais velada e a consequente expulsão dos jesuítas do colégio de São Paulo, que, para mim, foi o estopim da disputa entre os dois grupos.

Uma pequena cronologia dos fatos entre a célebre briga entre os Pires e os Camargos – versão dos trópicos da rivalidade criada por Shakespeare – Capuletos X Montecchios:

• Em 25 de junho de 1640, iniciou-se o conflito entre as famílias Pires e seus aliados (Lemes, Taques, Rodrigues Velhos, Monteiros, Nunes de Siqueira, Barros), e Camargos e seus aliados, quando reuniram-se os partidários dos Camargos para exigir a expulsão dos jesuítas da capitania, o que se deu em 13 de julho de 1640 com o fechamento do colégio e da igreja em São Paulo – razões políticas e econômicas;
• Assassinato de Pedro Taques de Almeida por Fernão de Camargo – o tigre (**setembro de 1641**), no largo da matriz;
• Assassinato de Leonor Camargo Cabral e Antônio Pedroso de Barros[9], por Alberto Pires (**1640 a 1652**). Poucos registros históricos. Quais foram os verdadeiros motivos dos crimes?;
• Assassinato de Alberto Pires (**1643 a 1653**), que era filho de Salvador Pires de Medeiro e de Inês Monteiro, "a matrona". Numa espécie de troco pelo assassinato de Leonor, os Camargos seguiram as naus que levariam Alberto para ser julgado na Bahia e fizeram justiça com as próprias mãos. A força da matrona, mãe de Alberto em sua defesa, a fez um dos maiores personagens femininos do séculoXVII;
• Em 1652 Jerônimo de Camargo é eleito juiz ordinário. Em maio de 1653 o ouvidor-geral chega a São Paulo e ele foge com as chaves do Paço. Teria ido para Atibaia? Muitos pesquisadores e historiadores indicam que, a partir daí, Jerônimo tenha iniciado desbravar os sertões atibaianos, mas eu não tenho nenhuma dúvida de que o sertão atibaiano já estava há muito tempo desbravado e colonizado por partidários dos Pires, especialmente pela família do padre Matheus. Para mim, e estou bem

[9]Antônio Pedroso de Barros era casado com uma irmã de Alberto Pires, portanto, seu cunhado.

acompanhado, Jerônimo aproveitou este período de distanciamento da vila de São Paulo para conhecer, colonizar e povoar os sertões de Jundiaí, cidade essa de que ele sem dúvida foi o principal povoador.

• Início da trégua entre as duas famílias a partir de 25 de novembro de 1655, com a provisão que estabelecia a eleição de igual número entre Pires e Camargos para a Câmara Municipal. Segundo alguns pesquisadores e historiadores, o fim definitivo dessa disputa terá sido somente em 1765/70 com a emancipação política de Atibaia. Eu não creio nisso, o conflito que se iniciou em 1640 estava totalmente encerrado nos últimos anos do século XVII, exceto pelas lembranças que romperam os séculos.

Convém observar rapidamente que a rivalidade entre as duas famílias se acirrou muito a partir de 1640, quando o Duque de Bragança restabeleceu o Trono Português, até então nas mãos dos espanhóis desde 1580, no que foi denominada União Ibérica. Antes deste importante ano de 1640, devido à escassez de brancos com origem europeia na pequena vila de São Paulo, entre outros motivos, as duas famílias e seus aliados, é muito possível que tenham tido relações bem mais cordiais se comparadas ao período pós-1640. O casamento de Bartolomeu Bueno, o velho, com Maria Pires em 1590, entre outros, entre entre as duas famílias, é prova disso. A reconciliação definitiva dos dois grupos veio com o tempo, com os casamentos e com as inúmeras coisas que mais os uniam do que os separavam.

Sem dúvida alguma, esse rico episódio da história de São Paulo e do Brasil merecia um maior estudo acadêmico, mais obras literárias, mais arte que pudesse retratar esse nosso momento shakespeariano. Assim eu desejo que aconteça um dia.

Na atualidade, é muito difícil compreender um conflito familiar como o que ocorreu entre os Pires e os Camargos porque há muitas décadas as famílias paulistas perderam a hegemonia econômica com a industrialização, impulsionada por imigrantes, especialmente os italianos. As famílias importantes, ditas quatrocentonas, embora ainda existam, perderam o poder econômico nos anos 30, como afirma o historiador Boris Fausto. Para se ter uma ideia, o último prefeito de São Paulo com ascendência nas famílias consideradas tradicionais foi Fábio da Silva Prado, em 1934. Contudo, no século XVII, todo o poder das vilas coloniais era baseado nos sobrenomes e quando havia mais de um clã com forte poder político, a disputa inevitavelmente era através da luta corporal.

Quadro com os principais acontecimentos:

Entre o fim de agosto e começo de outubro de 1640 várias mortes no largo da matriz
Assassinato de Pedro Taques (setembro de 1641)
Marcha para Jundiaí liderada por Jerônimo de Camargo (1648)
Assassinato de Leonor Camargo Cabral (1650/51)
Assassinato de Alberto Pires (1651/52)
Início da trégua entre as duas famílias por determinação do Conde de Attouguia (1655)

Capítulo 15

Família Pires e seus aliados (quadro genealógico) Primeiros povoadores de Atibaia

O tronco da família no Brasil foi João Pires e seu filho Salvador, o velho, naturais do Porto, em Portugal, que vieram para o Brasil em 1531/32 com Martim Afonso de Souza.

Salvador, o velho, se casou com Maria Rodrigues, filha mais velha de Garcia Rodrigues e Isabel Velho (troncos da família dos primeiros povoadores de Atibaia) e tiveram, entre outros, Salvador Pires II ou "o moço", que se casou com a mameluca Mécia Guassu Fernandes, descendente de João Ramalho e de importantes caciques indígenas.

Salvador, o moço e Mécia Guassu Fernandes tiveram doze filhos, na sua grande maioria membros do partido dos Pires, tais como:

1) João Pires, o protetor dos jesuítas, com grande descendência em Atibaia e, portanto, muito importante para os primórdios da história da cidade. Pai, entre outros, de:

Maria Pires, casada com Francisco Nunes de Siqueira, tio materno do padre Matheus Nunes de Siqueira, os quais tinham terras em Atibaia, antes de sua fundação oficial.

Messia Rodrigues, casada com Antônio das Neves, troncos da antiga e tradicional família Bueno de Atibaia.

2) Ana Pires de Medeiros, casada pela primeira vez com Antônio Bicudo, de comprovada ascendência judaica, e pela segunda vez com Francisco de Siqueira, com grande descendência em Atibaia. São ascendentes da antiga e tradicional família Siqueira Franco de Atibaia (família de todos os capitães-mores de Atibaia).

3) Salvador Pires de Medeiros, casado com Inês Monteiro de Alvarenga, "a matrona". Eram proprietários de uma grande fazenda em Juqueri, segundo alguns, chamada de Ajuá, e eram pais de Alberto Pires, que matou sua esposa Leonor de Camargo. Inês Monteiro, já viúva, teve uma participação muito forte em defesa de seu filho Alberto, seguindo-o até Salvador para ajudar em sua defesa, o que não aconteceu porque ele foi morto num naufrágio.

Uma exceção à regra dos Pires serem todos do partido de sua família é Maria Pires, uma das filhas de Salvador, o moço. Explico por que:

4) Maria Pires, filha de Salvador, o moço, foi casada com Bartolomeu Bueno ou Bueno da Ribeira, o velho, espanhol de Sevilha e considerado o tronco da família Bueno no Brasil.

Embora uma Pires, de nascimento, tenha se tornado uma Camargo de casamento e grande parte dos seus descendentes (filhos, netos e bisnetos do casal Bartolomeu e Maria Pires) foram partidários dos Camargos, como

um de seus filhos, Bartolomeu Bueno ou Bueno da Ribeira, o moço, que foi casado em 1634 com Mariana de Camargo, irmã de Marcelino e de Jerônimo de Camargo, dos quais falaremos noutra oportunidade.

Portanto, os primeiros Camargos que pisaram em solo atibaiano foram muito provavelmente os Camargos descendentes também dos Pires, esses, sim, os primeiros a ocuparem a nossa região. Certamente Jerônimo e principalmente Marcelino vieram no rastro dos Camargos de sangue também Pires e certamente ser Pires e Camargo durante a guerra entre as duas famílias não deve ter sido nada fácil.

Waldomiro Franco da Silveira no seu trabalho ***História de Atibaia***, no capítulo XVII, ao tratar da tentativa de emancipação de Atibaia em 1761, assim se expressa:

"Em 1761 os partidários da facção Pires residentes em São Paulo, pretendendo dar um golpe nos Camargos de Atibaia, cogitaram de elevar aquela freguesia à Vila; o burgo de Jerônimo era um verdadeiro reduto de Camargos, liderados pelo capitão-mor Lucas de Siqueira Franco, que exercia certa preponderância na política da capital; Frutuoso Furquim de Campos, da corrente dos Pires, era o chefe da sua facção na região atibaiana; com boas maneiras consegue ele ilaquear a boa-fé de alguns amigos e sem sessão de 15 de fevereiro de 1761, propõe a elevação de Atibaia a vila; dias depois dessa proposta, os Camargos de Atibaia enviam representação à câmara paulistana pedindo: – sustar a remessa de conferência que se fez para junto se remeter o requerimento dos suplicantes, para não fazer vila aquela freguesia".

Bem, o autor, como outros, influenciados por Pedro Taques, que por um erro foi o primeiro a apontar Jerônimo de Camargo como fundador de Atibaia, se equivoca ao afirmar que Atibaia era um reduto de Camargos. Na verdade, Atibaia foi inicialmente reduto dos Pires e logo depois também recebeu muitos Camargos, os quais aparentemente viviam em paz na cidade. Os capitães-mores eram Pires, por origem familiar, e não Camargos, embora o primeiro capitão-mor, Lucas de Siqueira Franco I, "o velho", tenha casado com uma descendente dos Camargos, um exemplo, entre tantos, em Atibaia, que indica que a briga entre as duas famílias, na época de sua elevação (1761/70), não tinha mais as marcas do passado, evidenciando que, cem anos após a célebre briga entre Pires e Camargos na vila de São Paulo, em Atibaia, não me parece, que a disputa ainda era tão viva.

Waldomiro Franco da Silveira termina o seu capítulo XVII assim:

"Cem anos antes, isto é em 1653, Jerônimo de Camargo, refugiado político fundava nas margens do Rio Atibaia, a sua fazenda São João...." . Hoje sabemos que na verdade Jerônimo se refugiou nos sertões de Jundiaí, para onde ia quando não estava na vila de São Paulo e onde se estabeleceu com casas na vila e uma grande fazenda. Como as divisas da vila de Jundiaí e a freguesia de Atibaia só foram definidas a partir de sua criação, em 1770, é muito provável que essa fazenda estivesse, atualmente, nos municípios de Jarinu (importa lembrar que até 1948 Jarinu pertencia a Atibaia) e Itatiba. Não há nenhuma dúvida sobre a existência das fazendas de Jerônimo e seus irmãos, Marcelino, inclusive, em Atibaia, as quais não sabemos se se chamavam fazenda São João ou não, como também eu não tenho nenhuma dúvida de que a localização dessa grande fazenda de Jerônimo, se utilizarmos as atuais divisas dos municípios, seguramente estaria nos municípios de Jarinu, Itatiba e no próprio município de Jundiaí, que no século XVII fazia divisa com o município de Atibaia. Já o município de Atibaia era dividido por fazendas das famílias Pires e Rodrigues Velhos, essas, sim, as primeiras a explorar o território atibaiano.

Apenas para ilustrar que Atibaia não era somente um reduto dos Camargos, as mais antigas e tradicionais famílias atibaianas, como os Siqueira Franco, os Pires de Camargo, os Bueno e os Pereira descendiam mais dos

Pires do que dos Camargos. Os Alves do Amaral descendiam dos Bueno da Ribeira, aliados dos Camargos, os Padilhas descendiam dos Nunes de Siqueira, Jorges Velhos e Pires, os Leite descendiam dos Barros e os Oliveira Cesar descendiam dos Rodrigues Velhos, os primeiros povoadores de Atibaia, portanto, a maioria das mais antigas e tradicionais famílias atibaianas tinham troncos em ambas as famílias, mas muito mais entre os Pires ou de seus aliados do que dos Camargos, o contrário do que pensava Waldomiro Franco da Silveira, ilustre genealogista por quem tenho um profundo respeito e admiração. Na verdade, as famílias rivais da metade do século XVII em São Paulo se uniram em Atibaia, através de dezenas de casamentos. Para mim, em solo atibaiano, a velha rivalidade entre as duas facções não deveria passar de uma lembrança do passado.

Capítulo 16

Família Camargo e seus aliados (quadro genealógico) Não os primeiros, mas muito importantes para a formação de Atibaia

O tronco da família no Brasil foi Jusepe de Camargo, natural de Castrojeriz, Província de Burgos, no antigo reino de Castela, hoje região de Castela – Espanha, que veio para o Brasil no final de 1582/83. Foi casado com Leonor Domingues, descendente de pai com origem portuguesa e mãe de origem espanhola.

Jusepe e Leonor Domingues tiveram oito filhos:

1) Fernão de Camargo, casado com Mariana do Prado. Suposto autor do assassinato de Pedro Taques em 1641. Deixou muitos descendentes em Atibaia, onde também teve terras;

2) José Ortiz de Camargo, casado com Maria Antunes. Deixou muitos descendentes em Atibaia;

3) Capitão Francisco de Camargo;

4) Capitão Marcelino de Camargo, "o Patriarca de Atibaia", casado com Méssia Ferreira de Távora Deixou muitos descendentes em Atibaia;

5) Mariana de Camargo, casada pela primeira vez com Bartolomeu Bueno da Ribeira, o moço, e pela segunda vez com o português Francisco da Costa Valadez, deixou muitos descendentes em Atibaia;

6) Ana Maria de Camargo, casada com Claudio Furquim, francês;

7) Gabriela Ortiz de Camargo, casada com Estevam Gomes Cabral. Pais de Leonor de Camargo Cabral, assassinada pelo seu marido Alberto Pires;

8) Jerônimo de Camargo, "considerado o fundador de Atibaia", casado com Ana de Cerqueira. Deixou descendentes em Atibaia – a família Alvim descende desse casal.

MARCELINO DE CAMARGO – O PATRIARCA DE ATIBAIA

Marcelino de Camargo (*1615/25 †16/06/1684), Natural de São Paulo, filho de Jusepe de Camargo e de Leonor Domingues. Entre seus irmãos, podemos destacar Fernando de Camargo, "o tigre", José Ortiz de Camargo

e Jerônimo de Camargo, sertanistas ou bandeirantes e chefes do partido dos Camargos contra os Pires. Casou-se em 1639 com Mecia Ferreira Pimentel de Távora, falecida em 1712, filha de João Ferreira Pimentel de Távora e de Maria Ribeira, bisneta de Batorlomeu Bueno, o sevilhano.

Tiveram vários filhos, entre eles o alcaide-mor José de Camargo Pimentel e o capitão Francisco de Camargo Pimentel, os quais tiveram lavras no distrito do Rio das Mortes, em Minas Gerais, mas que viveram grande parte de sua vida com sua família em suas fazendas em Atibaia. Segundo alguns pesquisadores e historiadores, a fazenda que pertenceu a Marcelino de Camargo pode ter sido na cabeceira dos córregos que vão formar o ribeirão Caetetuba, ou nas Brotas, perto de uma capela, mas Renato Zanoni, de quem comungo, é possível que fosse uma única grande fazenda com duas casas-sedes. Voltando a falar sobre Francisco Pires Pimentel, faleceu em Atibaia em 1724, e sua esposa, Isabel da Silveira Cardoso, em 1738.

Marcelino foi juiz ordinário em 1646 em São Paulo e exerceu outros importantes cargos públicos na cidade.

Não há nenhuma dúvida de que a família Camargo foi uma das principais famílias, especialmente os descendentes de Marcelino de Camargo, chamado de "O Patriarca de Atibaia", contudo, atribuir somente ao seu irmão Jerônimo de Camargoa a fundação da cidade me parece um erro histórico. Jerônimo de Camargo teve, sim, uma fazenda na região de Atibaia, do lado direito da margem do rio Atibaia, muito provavelmente onde hoje está o município de Jarinu, que quando fazia parte de Atibaia permitia que a cidade fizesse divisa com a vila de Jundiaí. Nada mais que isso.

Marcelino de Camargo faleceu em 16 de junho de 1684 numa fazenda no bairro de Tremembé, em São Paulo, e foi sepultado no convento do Carmo. Em seu inventário, infelizmente não consultado por mim por estar impossibilitado para consulta no Arquivo do Estado, consta que deixou terras em Atibaia, na serra do Itapetinga.

CAPITÃO JERÔNIMO DE CAMARGO, PARA MUITOS O FUNDADOR DE ATIBAIA

Jerônimo de Camargo era filho do espanhol de Castela, Jusepe de Camargo, e de Leonor Domingues, paulista. Foi casado com Ana Cerqueira, primogênita de Francisco Bueno e Felipa Vaz. Segundo Carvalho Franco, na sua obra ***Os Camargos de São Paulo***, Jerônimo se preparou para a vida eclesiástica, mas a abandonou para se dedicar à política e às entradas aos sertões.

Ocupou vários cargos de importância na vila de São Paulo de Piratininga, como almotacel e juiz ordinário de São Paulo. Em 1647/48, Jerônimo de Camargo liderou a marcha para Mato Grosso de Jundiaí; em 1652, volta para São Paulo para ser eleito juiz ordinário no mesmo ano. No ano seguinte, se ausenta de São Paulo com as chaves do paço e provavelmente se dirigiu aos sertões de Jundiaí, onde teve casas na vila e terras na zona rural.

Em 1657, após a Vila de Jundiaí ser recém-criada, Jerônimo de Camargo pede e recebe carta de data de áreas da nova vila de Jundiaí. As cartas de data eram as primeiras escrituras de uma vila (Atibaia só passou a ser vila em 1770). Em 1666, retorna do sertão com quinhentos indígenas, segundo o historiador John Manuel Monteiro, que deduz Jerônimo ter fundado a partir daí a capela São João Batista na região de Atibaia, mas discordo dessa tese, visto que um ano antes o padre Matheus Nunes de Siqueira, primo dos proprietários de terras em Atibaia e partidário dos Pires, já tinha informado à câmara de São Paulo o aldeamento em Atibaia. Não tenho dúvidas de que Jerônimo de Camargo e seus irmãos, especialmente Marcelino de Camargo, exploraram e contribuíram muito

para o povoamento da região, mas não foram os primeiros povoadores.

Em 1680, sabe-se que esteve em São Paulo e era o mais rico proprietário da vila de São Paulo na época, conforme suas contribuições aos donativos reais.

Segundo Taunay nos relata na sua obra ***História antiga da Abbadia de São Bento***:

"indo pregar uma missa em Atibaya na grande fazenda de índios de Jerônimo de Camargo, levou o padre providencial como mimo ao fazendeiro 4 cambadas de peixe salgado e três queijos no valor de 480 réis".

Ilustração de Jerônimo de Camargo domínio público

Portanto, não se pode precisar com exatidã, quando Jerônimo de Camargo chegou em terras atibaianas para explorar sua fazenda. Cremos que se deu entre 1663 a 1670, portanto, é possível que ele tenha chegado em Atibaia no mesmo período que o padre Matheus, ou, o mais provável, na minha opinião, na mesma época ou um pouco depois. Seja como for, estou convicto de que o mesmo não teve participação na criação do povoado que resultou na cidade de Atibaia. Defendo tal opinião por não ter nenhuma dúvida de que o núcleo urbano que gerou a linda cidade de Atibaia estava em terras de seus adversários políticos na câmara de São Paulo (famílias Rodrigues Velho, Nunes de Siqueira, Barros e os próprios Pires) e suas terras se localizavam para além do rio Atibaia, sentido Jundiaí, atuais municípios de Jarinu e Itatiba. Como também pode ser muito provável que a atribuição a Jerônimo ao nascimento de Atibaia não tenha passado de um erro de homônimos, de que já tratei aqui.

Segundo o dr. Carvalho Franco, autor do livro ***Os Camargos de São Paulo***, teria sido o padre Matheus que se aproveitou da fazenda de Jerônimo para formar a novela aldeia, ou melhor, aldeamento, mas, como sabem, eu advogo da tese de que provavelmente foi Jerônimo de Camargo que se aproveitou de alguns indígenas, deixados pelo padre Matheus em suas terras, ou em terras de sua família.

De qualquer forma, peço vênia para reproduzir o que disse o dr. Franco sobre Jerônimo de Camargo:

"Também foi Jerônimo de Camargo, sertanista de valor e grande conhecedor do chamado sertão de Atibaia, uma das vias para as minas dos Guataguazes, tanto que foi ouvido por D. Rodrigo de Castel Branco sobre o que achava de mais útil para a jornada. Esse sertão de Atibaia foi explorado pro Jerônimo de Camargo, cerca de 1663, tendo ali fundado uma fazenda. Em 1665, o padre Matheus Nunes aldeou naquelas paragens índios Guarulhos, que convertera naqueles sertões, formando-se então daí o núcleo que originou o povoado de Atibaia [neste ponto eu concordo com o autor], tornando paróquia [freguesia] em 1701. Jerônimo de Camargo havia passado a fundar fazenda no sertão de Jundiaí [aqui o autor erra, pois Jerônimo esteve em Jundiaí antes de estar em Atibaia, aliás faziam divisas], onde o encontramos em 1685 [interessante essa afirmação]".

Jerônimo de Camargo faleceu em 1707 em Jundiaí, cidade da qual, para muitos historiadores, é considerado seu principal fundador e na qual viveu a maior parte da sua vida adulta.

Capítulo 17

A entrada do padre Matheus Nunes de Siqueira e o surgimento oficial do povoado de Atibaia – 1665

Em abril de 1664, o padre Matheus Nunes de Siqueira, provavelmente saindo de sua fazenda no bairro de Tatuapé, organiza uma bandeira para os sertões atibaianos, já explorado e ocupado por sua família (Rodrigues Velhos) e outros aliados da corrente dos Pires.

O padre deve ter permanecido sertão atibaiano adentro por aproximadamente um ano, já que no dia 3 de julho do ano seguinte ele se apresentou à Câmara de São Paulo para noticiar que havia deixado indígenas organizados pela própria Câmara na paragem conhecida como Atibaia para formarem aldeia, aqui com sentido de aldeamento.

Neste período, nos sertões atibaianos, em terras de sua família, o padre deve ter "conquistado" ou mesmo caçado indígenas da região os reuniu no planalto onde provavelmente deveria ter sido ou ainda era uma aldeia indígena. Minha dedução neste sentido se justifica por questões de segurança, já que do planalto onde nasceu a cidade de Atibaia era possível ter uma visão de 360 graus de toda região, o que possibilitaria a observação da chegada de amigos ou inimigos.

Antiga aldeia indígena ou não, foi o planalto de onde se desenvolveu a cidade de Atibaia que o padre escolheu para organizar os indígenas a fim de criar um aldeamento que daria as bases para o nascimento de um novo arraial ou povoado.

Como é sabido que os aldeamentos organizados pelos brancos surgiam a partir de uma capela, muito provavelmente o padre Matheus ordenou que se erguesse no ponto estratégico do planalto a capelinha que seria o embrião da matriz de Atibaia.

Possivelmente o padre deve ter se encontrado com pelo menos um de seus primos segundo – os Rodrigues Velhos ou até mesmo seu primo Onofre Jorge Velho, que foi o desbravador do bairro Itapetinga, ou quem sabe até alguém da família Pires que já se encontrava na região havia pelo menos três décadas. Seja como for, o padre, antes de retornar para São Paulo, em meados do ano seguinte, deixou as rédeas do novo povoado nas mãos de alguns brancos ou mamelucos, a fim de que continuassem organizando os indígenas deixados ali.

No dia 3 de julho de 1665, o padre se apresentava na câmara municipal de São Paulo para anunciar o início do aldeamento nas paragens de Atibaia e assim Atibaia, ganhou sua verdadeira certidão de nascimento, privilégio de poucas cidades.

ATIBAIA TEM UMA VERDADEIRA CERTIDÃO DE NASCIMENTO

Vejamos a comunicação feita pelo padre à Câmara de São Paulo no dia 3 de julho de 1665 (a meu ver, a data correta de "fundação" de Atibaia):

"...avia descido do sertão cantidade de gentio, goarulho o coalpordesijar de se chegar ao grêmio da santa madre igreja, vinha receber a agoa do santo bautismo; he que o dito reverendo padre avia feito algum gasto para o deser; he trazer a povoado; somente com selo da salvasão do dito gentio; no que avia trabalhado; ansiosamente; sem gênero de interes; mais que seo fervor cristão; o coal gentio estava já em povoado he termo desta vila; na paragen chamada Atubaia; e que o dito reverendo pe. Entregava; o dito gentio a eles ditos ofisiais para que formasen aldeia [aqui, aldeia tem sentido de aldeamento administrado por brancos] e estivessem debaixo da jurisdição dos oficiais do conselho com os mais, para servir a Sua Majestade..." os índios Guarulhos que o padre havia conquistado e deixado "... em povoado e termo desta vila na paragem chamada de Atubaia e que o reverendo padre entregava o dito gentio em nome de senhor do dito gentio, e se lhe formassem aldeia na mesma paragem donde estão...".

(Atas da Câmara Municipal de São Paulo, volume, anexo ao volume VI, página 428).

Esse comunicado, a meu ver é para Atibaia o equivalente à carta de Pero Vaz de Caminha para o Brasil, fica claro que o padre Matheus deixou alguns índios sob sua responsabilidade ou propriedade num povoado já existente em terras de sua família, e não em terras de adversários políticos. Bom lembrar que os Camargos expulsaram os jesuítas do colégio de São Paulo e a relação deles com os religiosos não era nada amistosa, embora o padre Matheus não fosse um jesuíta, era um religioso. Se eu concordasse com o termo fundador, o que já afirmei não concordar, e fosse obrigado a apontar um único nome como sendo fundador de Atibaia, eu não hesitaria em apontar o nome do padre Matheus como sendo o fundador da cidade, juntamente com o de seus primos e a família Pires que explorou e povoou a região de Atibaia muito antes da chegada dos Camargos (entre 1635 a 1655).

Deste modo, para mim, a verdadeira data de fundação de Atibaia é o dia 3 de julho de 1665, e o dia 24 de junho continuaria sendo o dia do padroeiro da cidade.

Capítulo 18

Conclusão sobre a "fundação" de Atibaia

VERSÃO OFICIAL SOBRE A FUNDAÇÃO DA CIDADE

A partir do século XX, alguns pesquisadores defenderam a tese de que Atibaia teria sido fundada pelo bandeirante Jerônimo de Camargo e tal versão foi sustentada após a obra de Pedro Taques, ***História da Capitania de São Vicente***, entre 1770 a 1776, e que chegou como verdade até os dias de hoje sem que tivesse havido um estudo mais aprofundado sobre a matéria. Segundo essa versão, em 24 de junho de 1665 o Padre Matheus Nunes de Siqueira rezou a primeira missa e deixou os índios Guarulhos na fazenda do bandeirante Jerônimo de Camargo, que teria iniciado, portanto, o povoamento da aldeia que se transformaria na cidade de Atibaia. Além do que, ainda segundo essa versão histórica, Jerônimo já havia erguido uma capela em louvor a São João Batista e que, quando o padre por aqui chegou, um núcleo urbano já havia sido formado pelo bandeirante. Portanto, oficialmente, a cidade foi fundada por Jerônimo de Camargo.

QUAL SERIA A RAZÃO QUE LEVARIA JERÔNIMO DE CAMARGO A SER APONTADO COMO FUNDADOR DA CIDADE?

A primeira versão na qual Jerônimo de Camargo é apontado como fundador de Atibaia está na obra de Pedro Taques Paes Leme (*1714 †1777), história da província de São Paulo, escrita entre 1770 a 1776, que assim se expressou com relação a Atibaia:

"O sítio de São João do Atibaia foi estabelecimento do potentado paulista Jerônimo de Camargo, quando dominava debaixo da sua administração um muito avultado corpo de gentios reduzidos já ao grêmio católico, **e passavam de quinhentos arcos**. Neste lugar fez-se construir uma igreja o padroeiro dela dito Jerônimo de Camargo. Correndo o tempo, ficou esta igreja sendo freguesia, que se conservou assim muitos anos, até que no ano de 1769 se aclamou em vila: nela há um tabelião do judicial de notas, que serve também de escrivão da Câmara, almotaçaria e de órfãos, por donativo que paga anualmente".

Eu não tenho nenhuma dúvida de que Pedro Taques estava se referindo ao Jerônimo de Camargo Pimentel, também conhecido como Jerônimo de Camargo e, a partir deste texto, houve uma sucessão de equívocos que culminaram com a atribuição de Jerônimo de Camargo à fundação de Atibaia. Trata-se de uma grande confusão de nomes homônimos. Pedro Taques, no texto acima, fazia referência ao seu contemporâneo Jerônimo de Camargo, que tinha o mesmo nome de seu tio-avô, iniciando assim um grande equívoco a partir da História da Capitania de São Vicente.

Vou explicar: Pedro Taques escreveu a ***História da Capitania de São Vicente*** entre 1770 e 1776, ou seja, cem anos depois do nascimento oficial de Atibaia e exatamente na época de sua elevação à vila, mais precisamente nos primeiros anos da emancipação política de Atibaia, que se deu em 1769/70. Pois bem, nesta época vivia em Atibaia um grande fazendeiro de nome Jerônimo de Camargo Pimentel (meu decavô), também conhecido somente como Jerônimo de Camargo. O mesmo aparece em vários censos da cidade. Possuía uma fortuna no valor de 400 mil reis em 1765 e um grande número de indígenas na sua fazenda.

Esse tal Jerônimo era filho do capitão e importante fazendeiro em Atibaia, Francisco de Camargo Pimentel e Isabel da Silveira Cardoso. Era neto paterno de Marcelino de Camargo, irmão de Jerônimo de Camargo, o bandeirante. Jerônimo de Camargo Pimentel era, portanto, sobrinho-neto de Jerônimo de Camargo.

Influenciado por Pedro Taques, o brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira (*08/07/1790 †16/08/1867), no seu livro quadro histórico da província de São Paulo, se referiu assim sobre Atibaia:

"... de povoações sobre a capitania de São Paulo a elevação de Atibaia à Vila, pode ser contestada com a necessidade de nulificar o maléfico poderio de Jerônimo de Camargo que na ausência de autoridades criminais e dispondo de um corpo de **mais de 500 índios**, tinha nociva preponderância sobre a freguesia, impondo-lhe seus desarrazoados alvedrios e levando-a a desatinos...".

Ora, o brigadeiro se referia a Jerônimo de Camargo Pimentel, sobrinho-neto do Jerônimo de Camargo, e não ao bandeirante que não participou da fundação da cidade na qual chegou, para formar fazenda, na mesma época do surgimento oficial do povoado ou, mais provavelmente, um pouco depois. Jerônimo de Camargo morreu em 1707 em Jundiaí e a emancipação de Atibaia à vila se deu em 1769/70.

Os quinhentos indígenas relatados por Pedro Taques e pelo Brigadeiro cem anos depois eram do Jerônimo de Camargo Pimentel e não de seu tio-avô. Por falta de conhecimento genealógico ou de pesquisa, o que é comum nos inúmeros casos de homônimos no Brasil colonial e imperial, se confundiu o tio-avô com o sobrinho e a elevação da freguesia a Vila – 1769/70 com a sua fundação oficial que se deu em 1665, ou seja, cem anos antes da elevação.

Daí, outros historiadores, até os mais recentes, como Jonh M. Monteiro, confundiram os Jerônimos e partiram a afirmar que o fundador de Atibaia era o potentado fazendeiro Jerônimo de Camargo, ascendente dos líderes políticos José Alvim de Campos Bueno e seus filhos José Bim e Major Alvim, quando na verdade Pedro Taques se referia na sua já citada obra ao Jerônimo de Camargo Pimentel, bem como o brigadeiro Machado de Oliveira também o faria depois.

Certamente, na época em que Pedro Taques escreveu seu livro, a ata da câmara de São Paulo que fazia referência ao relato do padre Matheus Nunes de Siqueira não era de conhecimento do autor. Se fosse, toda a confusão criada com relação aos dois Jerônimos não teria influenciado outros autores na definição do fundador da cidade.

Jerônimo de Camargo Pimentel, na época da elevação de Atibaia de freguesia para vila, tinha uma enorme fazenda no bairro Rio Abaixo, tendo sido juiz ordinário na Câmara Paulistana e na época de seu falecimento, em 30 de julho de 1787 morava no bairro de Campo Largo. Seus pais, o capitão Francisco e Isabel Silveira Cardoso, criaram João do Prado de Camargo, neto de Jerônimo de Camargo, filho do capitão Antônio Prado da Cunha e de Maria Pires de Camargo[10], a terceira filha de Jerônimo que faleceu após dar à luz João, que se tornou um importante líder político em Atibaia no seu tempo. Esse acontecimento é mais uma prova de que Jerônimo não morava em Atibaia, mas, sim, pelo menos uma de suas filhas, que falecendo no parto em Atibaia, teve filho criado na casa de seu primo, capitão Francisco, filho de Marcelino de Camargo, irmão de seu pai, que morava em Atibaia.

Waldomiro Franco da Silveira, em sua obra sobre a história de Atibaia, relata que durante a organização da festa para comemorar a elevação da freguesia para vila, em 1769, Jerônimo de Camargo Pimentel teve um desentendimento com o padre Inácio Xavier, o que resultou na ausência do padre em todos os atos desse importante momento de Atibaia.

Portanto, não há nenhuma dúvida de que Jerônimo de Camargo, o bandeirante, teve, sim, terras na região de Atibaia, que na época fazia divisas com a vila de Jundiaí, onde ele realmente morava, e Jerônimo não estava no núcleo urbano que resultou na cidade de propriedade de partidários dos Pires, mas na sua fazenda do outro lado do rio Atibaia e em direção a Jundiaí, hoje território de Jarinu, ou na mesma época da formação do povoado ou um pouco depois para formar sua fazenda.

O historiador, político e folclorista João Batista Conti, em sua obra, ***Atibaia Folclórica***, quase chegou perto de corrigir esse grande erro, mas faltou-lhe perceber que o Jerônimo citado por Pedro Taques, não era o Jerônimo bandeirante, e esse erro de interpretação por outros historiadores e mesmo por ele fez com que se acreditasse que o fundador da cidade seria Jerônimo de Camargo, o bandeirante, quando o relato de Pedro Taques se referia ao Jerônimo de Camargo fazendeiro em Atibaia na época de sua elevação à vila. Conti chegou a perceber que não se tratava do Jerônimo de Camargo no relato de Pedro Taques, mas faltou-lhe perceber que tal erro trouxe para a cena de "fundação" de Atibaia um personagem que não fez parte dela. Vejamos o que escreveu Conti sobre isso no seu capítulo "O sotaque Atibaiano":

Atibaia nasceu de uma aldeia de índios Guarulhos. Foi uma grande 'quantidade de gentio guarulho' que o destemido padre Matheus Nunes de Siqueira, célebre sertanista do século XVII, desceu do sertão e localizou no lugar denominado 'Atubaia', como diz a ata paulistana da época, que deu origem ao povoado, que depois se tornou freguesia, vila, cidade e hoje estância hidromineral.

Desse elemento apoderou-se o potentado paulista Jerônimo de Camargo [exatas palavras usadas por Pedro Taques para falar do Jerônimo sobrinho] e, nesse local fez ele construir uma igreja, no dizer do historiador Pedro

[10] Segundo Renato Zanoni, meu saudoso amigo, João do Prado Camargo, desolado pelo falecimento no parto de sua esposa em 1698, pediu que seu corpo fosse sepultado sob o altar da antiga capela e em seguida deu-se início à sua reforma, que na época foi ampliada, construída a sacristia e outras dependências.

Taques, tendo ali, sob sua administração, um avultado corpo de gentios, reduzindo ao grêmio católico.

Daí a formação da "sociedade" atibaiense do século XVII. Sobre a influência desse potentado na formação da povoação e seu predomínio na sociedade nascente, é interessante conhecer a opinião do erudito historiador Brigadeiro Machado, no seu quadro histórico da província de São Paulo:

"Na derrama que houve de povoação por sobre a capitania de São Paulo a elevação da freguesia de Atibaia à vila, pode ser explicada pela necessidade de nulificar o maléfico poderio de Jerônimo de Camargo, que, na ausência de autoridades criminais, e dispondo de um corpo de mais de quinhentos índios, tinha nociva preponderância sobre a freguesia, impondo-lhe seus desarrazoados alvedrios, levando-a a desatinos".

Acreditamos não se tratar aqui do fundador propriamente, mas de um homônimo, como já expusemos em nossos "Dados Históricos", seja como for, alguém que impunha com seus índios "desatinos" no povoado".

Vejam que Conti quase conseguiu perceber o grande equívoco cometido. Bastava, para isto, saber que o relato do Brigadeiro se baseou no relato de Pedro Taques, ou seja, ambos se referiram ao mesmo Jerônimo de Camargo, levando os demais historiadores que vieram depois ao erro, como o próprio Conti.

Isto posto, foi o padre Matheus Nunes de Siqueira, em terras de sua família (os primeiros exploradores e proprietários), o maior impulsionador para o nascimento do povoamento que deu origem à cidade de Atibaia e muito provavelmente erigiu a primeira capela em 1664 ou 1665, ano oficial de sua fundação.

Não se sabe se a confusão dos homônimos Jerônimo, a partir de Pedro Taques, foi realmente um erro decorrente do mesmo nome dos dois personagens ou se foi proposital para agradar os então líderes políticos da época, em que outros livros com a versão de Jerônimo de Camargo como fundador foram escritos, eu particularmente não acredito nessa hipótese. Seja como for, para mim não há nenhuma dúvida de que a atribuição da fundação da cidade a Jerônimo de Camargo não passou de um equívoco entre dois Jerônimos (tio-avô e sobrinho).

Na atualidade, alguns pesquisadores e historiadores, a fim de compreender o porquê de Jerônimo de Camargo passar para a história oficial como fundador de Atibaia, cogitaram que tal versão se devia ao contexto de longo período de comando político de nossa cidade pelos descendentes de Jerônimo de Camargo (iniciado com um hexa-neto de Jerônimo, José Alvim de Campos Bueno, e seguido por seus descendentes, já com o sobrenome alterado para Alvim). Segundo eles, em outras palavras, na falta de uma narrativa sobre o início de nossa cidade, firmada com base em aprofundado levantamento, estudiosos da época criaram uma que compatibilizava fatos antigos questionáveis com um inquestionável poder político e econômico existente. Tal fato seria muitíssimo natural e aconteceu em muitas histórias oficiais dos municípios, estados e até de países e tal situação em nada diminui o papel e a importância dos personagens envolvidos. Muitos historiadores e estudiosos, a fim de compatibilizar possibilidades históricas com o contexto em que se vivia à época, assim o fizeram, tanto para facilitar o entendimento como para dar certa coerência histórica com a sua realidade. Algo como trazer o passado para o presente, bem como levar o presente para o passado, isso é muito natural: a história da humanidade é assim e provavelmente sempre será, e Atibaia pode estar dentro desse contexto.

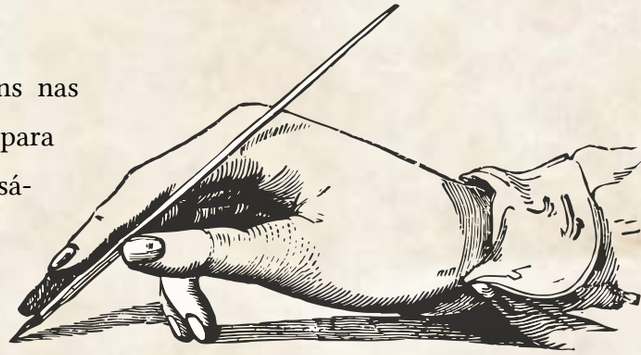
Contudo, depois que descobri sobre a confusão entre os dois Jerônimos (o bandeirante e seu sobrinho-neto), concluo que o equívoco sobre a fundação de Atibaia era muito mais antigo do que se imaginava e do que pensavam alguns estudiosos sobre o tema, vindo, portanto, da publicação da obra de Pedro Taques, história da capitania de São Paulo. Deste modo, essa dedução de alguns estudiosos de que a definição de Jerônimo de Camargo como

fundador da cidade tivesse relação com o poder político e econômico da família Alvim caiu totalmente por terra e não tem nenhum procedimento.

MINHA CONCLUSÃO SOBRE A FUNDAÇÃO DE ATIBAIA E SEU PRINCIPAIS POVOADORES

Minha tese, se correta, muda a versão oficial da fundação de Atibaia. Afirmo com toda segurança que antes da chegada da família Camargo em terras atibaianas aqui estiveram os irmãos Garcia, Manoel, Domingos, Miguel e seus primos: Onofre Filho e o padre Matheus Nunes de Siqueira e muito provavelmente seu tio, o capitão Francisco Nunes de Siqueira, todos descendentes dos portugueses Garcia Rodrigues e Isabel Velho, membros da família Pires ou aliados da mesma família, tanto que em 1665 o padre Matheus Nunes de Siqueira, partidário dos Pires, comunicou oficialmente que deixou os índios que estavam sob sua responsabilidade numa aldeia já existente, para, a partir dali, constituir um povoado, nos termos da lei de então.

É muito evidente que o padre Matheus Nunes de Siqueira, primo segundo dos irmãos Garcia, Manoel, Domingos e Miguel Velho e primo de primeiro grau de Onofre Jorge Velho Filho e sobrinho de Francisco Nunes de Siqueira, tenha estado nas terras de sua família e aliados muitas outras vezes e, ao perceber a formação natural de uma aldeia após anos de permanência de sua família em solo atibaiano, lá deixou seus índios Guarulhos naquela aldeia em formação para que eles ajudassem a formar um povoado, o que jamais faria se tais terras estivessem sob o domínio de seus adversários políticos, a família Camargo.



A formação dos povoados ou aldeamentos serviam para paragens nas rotas dos bandeirantes, bem como reunião e catequização de indígenas para trabalharem nas novas fazendas em formação, ou seja, conquistá-los para usá-los como mão de obra nas fazendas.

Com certeza, foram as duas razões que levaram o padre Matheus a formar esse novo núcleo urbano que viria ser a cidade de Atibaia.

Como já falei, o padre Matheus era partidário dos Pires e, portanto, não era amigo de Jerônimo, como afirmou Waldomiro Franco da Silveira em sua obra. Tenho absoluta certeza de que o padre deixou os índios Guarulhos "conquistados" por ele no embrião de uma aldeia já existente em terras de sua família, aliada do Pires.

Muito provavelmente, os Camargos ocupavam terras para além do rio Atibaia, ou seja, o aldeamento ou povoamento que gerou a cidade de Atibaia não estava em terras dos Camargos.

Por fim, e para não deixar dúvidas de que trilho um caminho polêmico, mas bem calçado, em 1676 é criada oficialmente a freguesia (bairro) de Atibaia e nomeado pelo governador da capitania de São Vicente para o posto de primeiro capitão da infantaria e ordenança do "dito bairro do rio Guatibaia, temo da vila de São Paulo" Francisco de Godoi Moreira, que era nada mais, nada menos, do que um dos genros de João Pires, um dos líderes do partido Pires de São Paulo, numa demonstração clara de que nos seus primeiros anos a cidade era povoada, na sua maioria, por partidários dos Pires e, tal como ocorreu na vila de São Paulo, os Camargos para cá vieram e continuaram em solo atibaiano a célebre disputa por poder político e econômico que começou em São Paulo e que durou mais

cerca de cem anos, terminando um pouco antes da elevação de Atibaia à Vila. Assim não fosse, nada justificaria a nomeação de um Pires para terras dos Camargos.

Outra prova cabal de que Jerônimo de Camargo não poderia ser próximo do padre Matheus envolve o capitão Francisco Nunes de Siqueira, chamado de "o redentor da pátria", que foi o representante do partido dos Pires durante boa parte do conflito entre as duas famílias. Francisco era genro de João Pires (filho de Salvador, o moço), posto que era casado com Maria Pires, filha mais velha de João Pires, e o capitão Francisco Nunes de Siqueira era tio materno do padre Matheus Nunes de Siqueira, pois era irmão de sua mãe e, Maria de Siqueira Nunes. Portanto, a tese de que o padre Matheus era amigo de Jerônimo de Camargo é totalmente inverídica e ambos certamente nunca se cruzaram em solo atibaiano.

A concessão das primeiras sesmarias na região para além do rio Juqueri até o rio Atibaia (como já vimos no capítulo das sesmarias), alguns inventários (visto no capítulo dos inventários) e a genealogia são as principais bases de provas para, inevitavelmente, apresentar uma nova teoria sobre os primeiros e ou principais povoadores de Atibaia, expressões que substituo ao de fundador, bem como a uma nova tese sobre o período de nascimento de Atibaia, considerado entre 1655 e 1665, que eu creio ter se dado duas décadas antes, ou seja, entre 1635 e 1655.

Sobre a tese de que Jerônimo de Camargo não teria nenhuma participação na "fundação" de Atibaia, é bom lembrar que não é nova e já fora defendida por outros ilustres historiadores ou pesquisadores, antes de mim, especialmente Afonso de Freitas.

Muito antes do ano oficial de fundação da cidade, 1665, a região de Atibaia começou a ser explorada e ocupada lentamente por pessoas não silvícolas, ou seja, os brancos, ou os europeus ou seus filhos e netos, de sangue apenas europeu ou da mistura entre eles e os indígenas, também chamados de negros da terra.

A partir de 1610, a família Pires, rival da família Camargo (de Jerônimo), na busca por mais terras para explorar iniciou a ocupação das terras atibaianas.

Por fim, peço vênia para citar outro historiador que como eu contesta ser Jerônimo de Camargo o fundador de Atibaia. Trata-se de Afonso de Freitas, em sua obra ***Dicionário Histórico, Topográfico, Etnográfico do Município de São Paulo***:

"A generalidade dos historiadores e cronistas afirma ter sido a povoação originária da atual cidade de Atibaia, fundada na segunda metade do século XVII pelo paulista Jerônimo de Camargo; entretanto, a documentação que conseguimos compulsar relativamente aos pródomos da cidade atibaiana nos leva a divergir daquela afirmativa, em relação à pessoa do fundador da povoação, que entendemos ter sido o padre Matheus Nunes de Siqueira, vigário da vara paroquial de São Paulo.

Foi o padre Matheus Nunes quem colocou na margem chamada Atibaia [segundo Afonso, os indígenas teriam sido colocados à margem do rio Atibaia, e não no planalto, mas neste ponto eu discordo dele, pois se assim fosse, o nascimento da cidade seria posterior ao apontado. Não creio também nesta tese, pois um padre começa um aldeamento por uma capela e não se tem notícia de nenhuma capela às margens do rio Atibaia] certa quantidade de aborígenas da nação guarulho, descido do sertão com o intuito único de os chamar ao grêmio da igreja e da civilização [concordo plenamente] 'somente com zelo da salvação do dito gentio no que havia trabalhado ansiosamente sem gero de interés, mais que no fervor cristão, esclarece o documento compulsado".

[acho que, no fim, a maior intenção, além de catequizá-los era de torná-los mão de obra escrava ou semiescrava para os fazendeiros].

Aqueles aborígenes foram entregues ao Conselho da Câmara de São Paulo em julho de 1665 [três] – "para que formassem aldeia e estivessem debaixo da jurisdição dos oficiais do conselho com os mais, para servir Sua Majestade", segundo ainda o documento citado.

Não conhecemos documento algum pelo qual se possa, com segurança, atribuir a iniciativa da fundação de Atibaia a Jerônimo de Camargo; a dar-se crédito a alegações dos seus herdeiros, foi ele, realmente, contemporâneo da fixação do gentio Guarulho na margem esquerda de Atibaia, em cuja margem direita, na paragem chamada Caaguaçu, cultivava grande trato de terra, mas a ata da vereança de 3 de julho de 1665 é clara bastante para que se não possa atribuir a parte capital na fundação da aldeia de Atibaia senão ao padre Mateus Nunes.

Para encerrar, notem, leitores, que eu defendo minha tese, mas não deixo de citar os autores que pensam diferente de mim, a fim de deixar aos leitores que tirem suas próprias conclusões. Repito que refuto a terminologia fundador para tratar do surgimento de um povoamento, e prefiro povoador, ou melhor, povoadores. Não há nenhuma dúvida de que Jerônimo esteve em terras atibaianas, bem como aqui teve terras e que parte de sua descendência aqui se estabeleceu, mas colocá-lo nas cenas do começo do surgimento do núcleo urbano pelo qual surgiu a cidade de Atibaia não tem nenhuma prova e, para mim, pelas razões expostas, beira o absurdo, respeitando, obviamente, os que pensam o contrário.

Capítulo 19

Alguns autores que falaram um pouco sobre a história de Atibaia

1°: Pedro Taques de Almeida Pais Leme (*06/1714 †03/03/1777) – A história da Capitania de São Paulo (citou Jerônimo de Camargo Pimentel para falar sobre a emancipação política de Atibaia – 1770 e, a partir daí, outros historiadores concluíram que Jerônimo de Camargo, o bandeirante e tio-avô do Jerônimo de Camargo Pimentel, fosse o fundador de Atibaia). **Edição de 1772**.

2°: José Joaquim Machado de Oliveira (*08/07//1790 †16/08/1867) – Quadro Histórico sobre a capitania de São Paulo – 1897, 2ª edição.

3°: Afonso José de Carvalho (*04/03/1868 †09/1952) – Almanaque de Bragança, 1900.

4°: Luiz Gonzaga da Silva Leme (03/08/1852 †13/01/1919) – Genealogia Paulistana, 1901/05, volume I, página 373.

5°: Afonso d'Escragnolle Taunay (*11/07/1876 †20/03/1958) – História Antiga sobre Abadia de São Bento, 1927 – Anais do Museu Paulista, volume V, página 114. Foi ele quem relatou a visita do padre providencial à fazenda de Jerônimo de Camargo.

6°: Afonso Antônio de Freitas – Dicionário Histórico, Topográfico, Etnográfico do município de São Paulo – 1929. Como eu, também contesta a fundação de Atibaia por Jerônimo de Camargo.

7°: Francisco de Assis Carvalho Franco – Os Camargos de São Paulo – 1937, volume I, páginas 274 e seguintes. Foi ele quem chamou Marcelino de Camargo pela primeira vez como patriarca de Atibaia e também defende que Jerônimo de Camargo não foi o fundador de Atibaia.

8°: Azevedo Marques – Apontamentos Históricos – 1953.

9°: John Manoel Monteiro (*1956 †2013) – Negros da Terra – 1994.

LIVROS EXCLUSIVAMENTE SOBRE A HISTÓRIA DE ATIBAIA:

1°: Nelson Silveira Martins – Atibaia, o paraíso possível na terra, 1940. Defende a fundação de Atibaia por Jerônimo de Camargo.

2°: Waldomiro Franco da Silveira – História de Atibaia, 1950/55. Defende a fundação de Atibaia por Jerônimo de Camargo.

3°: João Batista Conti, História de Atibaia – Escrito aproximadamente entre 1946 e 1958, mas somente editado em 2001 graças ao trabalho de sua sobrinha Araceles Stamatiu, "Celita", e do prefeito Beto Tricoli. Defende a fundação da cidade por Jerônimo de Camargo.

4°: Renato Zanoni – Na terra de bandeiras e tropeiros – Caminhos do Rio Atibaia, ainda não publicado.

5°: Adriano Bedore – Atibaia: o nascer e o florescer de uma cidade – 2020, refuta a terminologia fundador para designar apenas a uma pessoa a fundação de uma cidade e também retiro Jerônimo de Camargo do início do núcleo urbano, em terras da família do padre Matheus, e impulsionado principalmente pelo padre.

Capítulo 20

A cidade nos principais acontecimentos históricos

Independência do Brasil – 1822. No dia 5 de outubro de 1822, a população de Atibaia se reuniu no largo Alegre, hoje praça Bento Paes (praça do museu) para celebrar a Independência do Brasil ocorrida no dia 7 de setembro no Rio de Janeiro. Na porta da igreja matriz, uma tropa de cavaleiros dirigida pelo último capitão-mor, Lucas de Siqueira Franco, prestava sua homenagem ao ato.

A REVOLUÇÃO PORTUGUESA DE 1820

Em 1820 aconteceu a Revolução Liberal portuguesa ou Revolução do Porto. As cortes portuguesas reunidas redigiram a Constituição Liberal, aceita por D. João VI, que ainda estava no Brasil e retornou a Portugal no ano seguinte. Em Atibaia, aos 21 de julho de 1821, a comunidade celebrou a Revolução do Porto.

A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Outro acontecimento nacional importante comemorado pelos atibaienses foi a independência do Brasil. No dia 22 de outubro de 1822, em praça pública, a população da cidade comemorava a independência e os primeiros imperadores brasileiros, D. Pedro I e a imperatriz Dona Leopoldina.

A REVOLUÇÃO LIBERAL – 1842

Na Revolução Liberal, Atibaia se pôs ao lado do então governador da Província, coronel Rafael Tobias de Aguiar, e dos líderes do partido liberal em Atibaia, partido que quase sempre esteve no poder político na cidade, durante o Segundo Império. Quando o governador Rafael foi ameaçado de ser exonerado pelo gabinete imperial conservador, a câmara de Atibaia não hesitou em tomar posição clara em favor de Tobias de Aguiar pedindo ao imperador D. Pedro II, por carta, que o mantivesse à frente da Província "pela glória e prosperidade do Brasil".

Com a exoneração de Tobias Aguiar, a câmara de Atibaia se negou a dar posse aos funcionários nomeados pelo novo gabinete Conservador e por consequência a câmara foi suspensa. Houve muitos atritos entre os liberais e os conservadores na cidade. O principal líder do partido liberal, à época, era o coronel Manoel Jorge Ferraz, que

chegou a ter contra si um mandado de prisão.

A câmara municipal chegou a se recusar a obedecer às ordens conservadoras do governo imperial e por esse comportamento foi cassada em 4 de maio de 1842. Após o fracasso da rebelião liberal, veio a anistia por ordem imperial e a câmara reassumiu suas funções no dia 24 de junho de 1844.

GUERRA DO PARAGUAI

Através do Correio Paulistano de 28 de janeiro de 1865 sabemos da participação da cidade na Guerra do Paraguai. Eis a notícia:

"Na cidade de Atibaia tem havido verdadeiro entusiasmo pela causa nacional, na guerra com o Paraguai. O delegado de polícia, cidadão Salvador de Toledo Santos, saiu pelas ruas da cidade acompanhado de diversos cidadãos; e, após entusiásticos discursos, entre os quais o do dr. Câmara Leal, Juiz Municipal, leu-se muitas vezes, em diversos lugares, o decreto 3371, acerca dos voluntários da pátria. Aquele digno delegado de polícia vai colhendo alguns resultados, pois que acaba de remeter para essa capital sete voluntários, esperando enviar os que se forem oferecendo de dia em dia".

Os primeiros voluntários da cidade foram: Tobias Bueno de Aguiar, Francisco Bueno de Aguiar, José Antônio de Oliveira, José Cardoso de Oliveira, Antônio Benedito Malta, José Lourenço, Celestino de Oliveira, João Batista de Oliveira Saldanha, Benedito Alves Guimarães, Camilo Antônio Camargo, Luiz Antônio de Morais, Cândido Bueno de Aguiar, Camilo Bueno e Antônio Bueno de Aguiar. Vejam que a família Bueno de Aguiar foi quem mais cedeu seus membros para a guerra. Também prestou serviços ao Brasil, durante a Guerra do Paraguai, Euletério de Araújo Cintra (*1835 †1896), natural de Atibaia, filho do alferes Felix Manoel Cintra e de Ana Teresa Leite.

[11]A patente de coronel era a mais alta da Guarda Nacional criada em 1831 e extinta em 1918, já que a de general era exclusiva do exército. O ocupante desta patente era, via de regra, abastado proprietário de terra, que, pelos seus domínios, prestígios e influência era nomeado pelo governo federal para comandar as brigadas e às vezes também regimentos, o que lhe gerava mais poderes do que já possuía. Em Atibaia, especialmente na Velha República, existiram algumas brigadas e alguns importantes personagens da cena política e da oligarquia rural ocuparam o posto de coronel, entre os quais podemos citar: 1) Manoel Jorge Ferraz, que talvez tenha sido o 1° coronel da cidade, ainda no período da primeira metade do reinado de D. Pedro II. Ainda no Império e principalmente durante na Velha República (1889 a 1918), podemos citar, os seguintes coronéis: 2) Tomé da Silveira Franco, "Tomé Franco", 3) Lourenço Franco da Silveira, "Lourenço Paes", 4) José Inácio da Silveira, "José Inácio", 5) José Jacinto Leite, "Juca Leite", 6) José Jacinto Leite Júnior, 7) João Pires de Camargo, 8) José Pires de Camargo, 9) Florêncio Pires de Camargo, 10) Claudino Alves do Amaral, 11) Florêncio Alves do Amaral, 12) João Batista da Silveira Cintra, 13) Teófilo Urioste, 14) Francisco Bueno da Rocha, 15) João Batista do Amaral Bueno, 15) Jacinto José Ferraz de Araújo e 16) Bento José do Amaral, "Bento Paes", que segundo dicionário biográfico de ruas de Atibaia foi o último coronel nomeado de Atibaia.

A TENTATIVA DE ASSASSINATO DE ANTÔNIO BENTO

Às 22 horas de 8 de novembro de 1871 o juiz Antônio Bento foi alvejado com um tiro de espingarda enquanto estava na janela de sua casa no largo Alegre (atual praça Bento Paes, a do museu). O ferimento não foi fatal e se iniciou todo procedimento jurídico da época para investigar o atentado e responsabilizar os culpados. Tal procedimento foi presidido pelo capitão Jacinto Manoel Leite, o velho, então líder do partido conservador na cidade e primeiro suplente de juiz municipal.

Coleção familiar - domínio público

ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 1872

As eleições de 1872 foram novamente ganhas pelos liberais, mas desta vez contestadas pelos conservadores. A não aceitação das eleições pelos conservadores resultou numa grande disputa entre os membros dos dois partidos que chegaram às vias de fato pelas ruas da cidade. Nessas eleições aconteceu o primeiro grito em favor da República. A ata eleitoral de 8 de setembro de 1872, das eleições que ocorriam dentro da igreja da matriz, assim relata: "... entraram tumultuosamente na mesma os liberais, seus votantes em companhia de seus capangas sem correria dando gritos e urras de viva à República". Foram chamados policiais para intervir através de seu comandante, o capitão Salvador Ribeiro de Toledo Santos, que pronta e energicamente amainou o temporal político, e a votação prosseguiu sob o protesto dos conservadores.

CONVENÇÃO REPUBLICANA DE ITU EM 1873

Antes de abordar a participação de Atibaia na convenção republicana de Itu em 23 de junho de 1873, é preciso esclarecer que a grande maioria dos partidários do partido liberal, com as perdas que tinham tido nos últimos anos, abraçaram a causa republicana como forma de recuperar o prestígio e o poder que tinham antes da ascensão dos conversadores em fins de 1868. Em Atibaia, os juízes municipais Câmara Leal e, depois, Ferreira Alves, não conseguiram permanecer no cargo por causa das pressões políticas, foi quando foi designado para Atibaia o grande abolicionista Antônio Bento de Souza e Castro, membro do partido conservador. Para favorecer os conservadores, lembrando que antes deste período os liberais quase sempre estiveram no poder em Atibaia, o partido liberal contratou o advogado Olímpio da Paixão, um republicano.

A convenção de Itu teve a participação de três atibaianos de nascimento, mas que não representavam Atibaia, e dois atibaienses que moravam e representavam a cidade.

Os três atibaianos que participaram da convenção de Itu foram: Ladislau Antônio de Araújo Cintra, dr. Antônio Francisco de Araújo Cintra e Tristão da Silveira Campos, sendo os dois primeiros filhos do tenente-Coronel Francisco Lourenço de Araújo Cintra, que teve grande atuação política em Atibaia e que se transferiu para Mogi-Mirim, onde possuía uma grande fazenda. O terceiro, Tristão, nasceu em Campo Largo em 1833 e era filho do Ajudante Inácio Caetano da Silveira, aos 15 anos mudou-se para Itu, onde se casou e viveu, falecendo em Jaú em 1907. Dr. Antônio Cintra, nascido em 1835, formou-se em direito e exerceu a advocacia na região de Mogi, foi

eleito deputado estadual e mais tarde senador federal e faleceu em São Paulo em 1906. O terceiro, Tristão da Silveira Campos, faleceu em Amparo em 1900, onde era importante fazendeiro e político influente.

Os dois atibaienses que foram eleitos para representar Atibaia foram: João Batista Ribeiro e o dr. Olímpio da Paixão, contudo, não compareceram à convenção.

João Ribeiro veio para Atibaia com os engenheiros da estrada de ferro bragantina, gostou da cidade e casou-se com gente de lá. Dr. Olímpio da Paixão, como já dissemos, veio para Atibaia defender o partido Liberal, no segundo semestre de 1872 ou no início de 1873.

A VIDA DOS SENHORES E SEUS ESCRAVOS

O triste período da escravidão em Atibaia não foi diferente do que foi nas outras cidades do interior do Brasil e de São Paulo. Por aqui, a população escravizada representava mais da metade da população da cidade durante os séculos XVIII e XIX.

O centro urbano da cidade era muito pequeno, praticamente se limitava entre os largos das duas igrejas (matriz e do Rosário), as ruas direita (mais tarde, José Lucas), 13 de maio e José Alvim, cortada pelas ruas e becos neste trecho, e a partir do século XIX descendo um pouco até o largo Alegre, hoje praça Bento Paes ou praça do Museu. A cidade se resumia apenas a esse perímetro.

A grande parte da população vivia mesmo nas dezenas de fazendas no grande município. Nestas fazendas, viviam o seu proprietário, o fazendeiro e sua família na casa-grande e seus escravizados, nas senzalas.

O ABOLICIONISMO EM ATIBAIA

Poucos atibaianos e atibaienses sabem que em Atibaia viveu e lutou contra a escravidão um dos maiores abolicionistas do país. Sim, em Atibaia viveu um dos principais personagens que combateram a terrível escravidão.

Estamos no ano de 1870, quando foi nomeado para juiz municipal de Atibaia o abolicionista Antônio Bento de Souza e Castro, ou simplesmente Antônio Bento.

Neste ano, Atibaia estava vivendo um dos períodos políticos de maior turbulência e conflito. Os liberais quase sempre eram vitoriosos nas eleições municipais, mas em 1870 os conservadores, liderados pelo Capitão Jacinto Manoel Leite (meu pentavô), ganharam as eleições e os liberais não aceitaram o resultado e iniciaram uma verdadeira guerra política. Neste cenário o também conservador Antônio Bento foi nomeado juiz na cidade (obviamente a nomeação dos juízes municipais tinha influência do partido que estava no poder).

O dr. Joaquim Augusto Ferreira Alves foi nomeado juiz municipal em Atibaia em substituição ao dr. Câmara Leal, ambos do partido Conservador, contudo, o dr. Joaquim também não permaneceu muito tempo no cargo ante a pressão sofrida pela família Cintra, que liderava o partido Liberal em Atibaia, partido que quase sempre esteve no poder local. Em substituição ao dr. Joaquim foi nomeado o dr Antônio Bento de Souza e Castro, nascido em São Paulo em 17/02/1843 e falecido em 09/11/1898. Antônio Bento formou-se bacharel em direito pelo Largo São Francisco em 1868. Foi promotor público em Botucatu e Limeira e juiz municipal entre 1870 e 1877, quando voltou para São Paulo.

Antônio Bento foi nomeado para ser juiz municipal de Atibaia pelo Barão do Tietê, do partido conservador, então presidente da Província de São Paulo, para também ajudar o capitão Jacinto Manoel Leite, então líder do partido Conservador em Atibaia na sua reestruturação.

Além de íntegro magistrado e partidário do partido conservador, Antônio Bento não escondia ser totalmente contrário à escravidão, fazendo inclusive atos públicos na cidade em favor da abolição da escravidão, o que o fez ganhar muitos inimigos em Atibaia.

Chegando em Atibaia, o juiz Antônio Bento começou um trabalho abolicionista que já fazia pelas cidades por onde passara. Seu trabalho em favor da abolição dos escravizados lhe rendeu uma tentativa de homicídio na frente da sua casa no largo Alegre (hoje praça Bento Paes), cujo mandante foi Albino José Barbosa, ligado ao partido liberal.

Antônio Bento determinou a construção do antigo prédio do mercado municipal, no mesmo local do atual, para que ali fosse construída a Santa Casa.

Desde a sua nomeação como juiz municipal na cidade, Antônio Bento sofreu por parte dos liberais grande oposição e não aceitação e essa situação chegou a ser noticiada no jornal ***Correio Paulistano de São Paulo***.

Antônio Bento retornou para São Paulo em 1878 e criou o grupo abolicionista chamado de Caifases, mas sua atuação em favor da libertação dos escravizados deixou frutos e a fazendeira Delfina Teresa Leite, "Delfina das Pedras", viúva de José da Silveira Franco, mãe do Antônio Afrosino da Silveira, "Totico das Pedras", que foi casado com Constança Leopoldina da Rocha, com quem não teve filhos, contudo Totico teve uma filha com uma escrava, Nhá Perfeita, sua herdeira. Delfina, segundo historiadores, alforriou seus escravizados muito antes da Lei Áurea.

Depois de proclamada a abolição pela princesa Isabel em 13 de maio de 1888, José Alvim de Campos Bueno, o Nhô Bim, já como uma forte liderança na cidade, muda o nome da praça de Misericórdia para praça Princesa Isabel, hoje praça Aprígio de Toledo ou praça do Mercado Municipal.

A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA – 1989

Na época da proclamação da República, dois líderes políticos disputavam o poder político sob o novo regime republicano. José Alvim de Campos Bueno, Nhô Bim, era o chefe do partido liberal e o coronel Lourenço Franco da Silveira, Nhô Lourenco, o chefe do partido conservador.

No começo do regime republicano os conservadores levaram a melhor e foram os primeiros a se solidarizar com o novo regime elaborando um manifesto para ser entregue ao dr. Prudente de Moraes em 8 de dezembro de 1889. Esse manifesto foi assinado por Olímpio da Paixão, Aprígio de Toledo, republicanos históricos e todos os membros do partido conservador.

No dia 28 de dezembro de 1889 os antigos membros do partido conservador fundaram o centro republicano federal de Atibaia e elegeram os seguintes membros para a comissão organizadora do novo partido: João Riberio, 54 votos, Lourenço Franco da Silveira, 54, Gonçalves de Oliveira Cunha, 50, Olímpio da Paixão 42, Guilherme Gonçalves da Cunha, 36, Miguel Vairo, 32, Francisco Augusto de Oliveira, 18, Pedro Palhares, 16, Pedro Cunha, 6, João de Aguiar Peçanha, 4, João Batista do Amaral Bueno, 2, Arthur Beghie, 2, José Antônio de Castro Fafe 2, Hipólito de Oliveira Campos, 1, José Pessanha Franco, 1, e Claudino Alves do Amaral, 1, sendo eleitos os seis mais votados.

Contudo, no dia 26 de janeiro de 1890, os antigos membros do partido liberal aderiram ao partido Republicano.

No início da República, a agremiação de Lourenço Franco e Olímpio da Paixão deteve as rédeas da política de Atibaia, aproximadamente entre 1890 e 1892, mas logo passou para os membros do partido liderado por Nhô Bim, a partir do final de 1892, com a eleição de José Francisco de Campos Bueno, "Zé Bim", como primeiro intendente municipal.

A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932

Atibaia participou ativamente da revolução paulista de 1932 e perdeu quatro combatentes: Antônio Silveira, nascido em Atibaia, bombeiro incorporado à 3ª companhia, morreu no hospital com estilhaço no pulmão; Dulcídio Camargo Gonçalves, nascido no bairro do Tanque, pertencia ao 5° batalhão da Baia, foi morto na defesa do túnel, estando sepultado no cemitério de Cruzeiro; José Camargo Gonçalves, também nascido no bairro do Tanque em 29/09/1915, soldado do batalhão General Osório; Bento Gonçalves, nascido em Atibaia em 12/03/1903 e falecido em 18/09/1932 em Amparo, tendo seus restos mortais transferidos ao mausoléu do soldado constitucionalista do cemitério São João Batista.

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Atibaia esteve presente na Segunda Guerra Mundial na Itália através dos seguintes expedicionários ou pracinhas: Hélio Barreto Mateus (sobrenome aportuguesado, mas o correto é Mateutti), 1° tenente; Mário de Brito, 2° sargento; André Pozzo Guerreiro, 2° sargento; Naldo Caparica, 3° sargento; Décio Daltrini, cabo; e os soldados: Antônio Garcia, Ari Silva, Vidal Alves Teixeira, Santo Parisi, José Ferreira Batista, Emílio Censi, Antônio Hunguer de Oliveira, Francisco Gonçalves, Amador Beraldo e Bento Martins. E nos parece que tivemos uma única baixa, trata-se de Sebastião Garcia Gimenes, que está sepultado no cemitério de Pistoia, na Itália.

O GOLPE MILITAR E A REDEMOCRATIZAÇÃO

No último dia de março e no primeiro de abril de 1964, a democracia brasileira sofreu um golpe com a declaração de vacância do cargo de presidente da república, exercida pelo vice-presidente João Goulart desde a renúncia do presidente Jânio Quadros em agosto de 1961. O Brasil se dividiu e sob uma situação de medo infundado, mas presente em milhões de brasileiros acerca de um avanço do comunismo, a democracia sofreu sério rompimento e os militares tomaram o poder sob o pretexto de impor a ordem e em seguida retomar o processo democrático, que só se deu 21 anos depois.

Depois de anos difíceis entre o fim da década de 1960 e início da década de 1970, no final da década de 70 se iniciou uma abertura lenta e gradual que culminou com a derrota da campanha das Diretas Já, em 1984, e a consequente eleição indireta para presidente em 1985 que elegeu Tancredo Neves e José Sarney para presidente e vice. Com o adoecimento e morte de Tancredo Neves, José Sarney governou o país entre 1985 até 1990, quando assumiu Fernando Collor de Mello, o primeiro presidente eleito democraticamente desde a eleição de Jânio Quadros em 1960, portanto, depois de quase 30 anos. Foram períodos difíceis de cassação de mandatos, suspensão

de normas constitucionais e práticas terríveis de tortura e morte.

Atibaia infelizmente entrou no clima de perseguição política, prisões arbitrárias e cassações de mandatos e foi neste contexto que o prefeito eleito em 1962, Geraldo da Cunha Barros, chegou a ser preso por 40 dias, ficou incomunicável, sofreu tortura, foi cassado em sessão irregular da câmara e acabou sendo obrigado a renunciar.

Além dos detentores de mandato popular, também foram presos e alguns, torturados, durante os primeiros anos do período de exceção, os seguintes cidadãos da cidade: Domingos Tricoli, Pedro Tacco, ambos vereadores, Bonano Marafante, Luiz Quintanilha, Orlando Gigliotti, falecido recentemente, Alfeu de Lima Di Mauro, "Tito barbeiro", Álvaro Vulcano, Jacinto Silveira, Nelson de Souza e Emanoel Maurício de Castilho. Num segundo momento, no início da década de 1970/71, também foram presos José Luiz Teixeira, Francisco de Assis Teixeira, Lemiro Pacheco, Luiz Borghi, César Rafaelli e Zulmiro Gonçalves, que foram detidos no DOPS de São Paulo. Numa segunda prisão deste período, chamada de operação Bandeirantes – DOI-CODI, sob a coordenação do coronel Ustra, foram presos José Luiz Teixeira, Carmine Biagio Tundisi, Orlando Gigliotti, Nelson de Souza, Jacinto Silveira e Antônio Júlio de Garcia Lopes, "Totó Júlio".

A câmara se dividiu entre vereadores que defendiam o prefeito Geraldo e outros que defendiam o golpe militar e aproveitaram o rompimento do processo democrático para tirar da câmara os vereadores ao lado do dr. Geraldo e da prefeitura, o prefeito eleito em 1962. Em sessão ilegal de 8 de março de 1964, sem a garantia de defesa do prefeito e sem quórum mínimo necessário, já que participaram da sessão apenas sete dos treze vereadores, foram cassados os mandatos do prefeito e do vereador Pedro Tacco, sob a presidência do vereador Pedro Maturana.

A câmara municipal, para o mandato de 1964 a 1969, era composta dos seguintes 13 vereadores: Álvaro Correia Lima, Antônio Júlio Garcia Lopes, Carlos Silveira, Carmine Biagio Tundise, Domingos Vergara, Durval Mantovaninni, Luiz Generoso Gonçalves, Napoleão Noviski, Pedro Tacco, Takao Ono, Tito Lívio Garini, Domingos Tricoli e Pedro Maturana, que foi o presidente em 1964. Com a cassação de alguns vereadores e a morte de Napoleão Noviski, assumiram a câmara os seguintes suplentes: Oswaldo Fumani, Guaracy José Gianelli, Roberto Russomano, Shigueyuki Yanagui, Benedito Carvalho, João Batista Bueno de Aguiar, Otávio Silveira Cintra, Alvise Abramo, Luiz Antônio Bonini e Antônio Salvanini. Estavam ao lado do dr. Geraldo os seguintes vereadores: Carmine Biagio Tundisi, Napoleão Noviski, Antônio Júlio de Garcia Lopes, Domingos Tricoli e Pedro Taccoe contra os demais sete vereadores.

Além do prefeito dr. Geraldo, cassado ilegalmente pela câmara e depois obrigado a renunciar, os vereadores Pedro Tacco e Domingos Tricoli também foram cassados ilegalmente. Já o vereador Napoleão Noviski, meu tio-avô, casado com minha saudosa tia Iraci De Carlo Noviski, foi o que considero a primeira e única vítima fatal de todo esse episódio, pois sofreu um infarto fulminante assim que recebeu notícias de novas perseguições políticas contra todos que estiveram ao lado do dr. Geraldo de Barros no dia 10 de janeiro de 1965.

A última câmara eleita durante o regime militar (1982) que viveu a mudança do regime no meio do mandato (1985) foi composta de nove vereadores ligados ao PMDB/MDB, partido de oposição ao regime (Edson Antônio Teixeira, Douglas Murilo Patrocínio, Rogério Ribeiro da Silva, Odair Bedore, José Luiz Teixeira, Carmine Biagio Tundise, Cassemiro Silveira, Domingos Gerage e Mário da Silva), e seis da Arena/PDS, defensores do regime militar (Gaspar Camargo, Maurício Aparecido Petrucci, Eurípedes Edson Ferreira da Silva, Pedro Maturana, Kazuaki Araki e Pedro Yoshihiro Tominaga).

Durante o período de exceção do regime militar foram nomeados um interventor federal, Tito Lívio Garini

(de dezembro de 1965 a março de 1966), e três prefeitos, nomeados pelos governadores: Olavo Amorim Silveira (1970/71), Omar Zigaib (71/75) e José Aparecido Ferreira Franco, "Cido Franco" (1975/79). Foram eleitos os prefeitos: Antônio Júlio de Garcia Lopes (1966/70), Takao Ono (1979/82) e Gilberto Sant'Anna (1982/88)[12].

EPIDEMIAS

Em 1918/19, Atibaia foi terrivelmente atingida pela gripe espanhola, que na verdade era americana. As autoridades da cidade se viram incapazes de vencer a epidemia que trouxe a fome e a morte para muitos. Foi organizada uma comissão para enfrentar a crise composta pelo padre Francisco Rodrigues dos Santos, José de Aguiar Peçanha e Aprígio de Toledo para colaborarem com o prefeito Benedito de Almeida Bueno.

Segundo o saudoso Renato Zanoni, o qual o privilégio de conhecer e de ser seu amigo, na sua obra, ***Atibaia no século XX***, em 1918/19 "Atibaia viveu uma dezena de dias amargos, foram os primeiros dias de gripe [espanhola], enterros se cruzavam as ruas. Devagar o surto declinou, depois desapareceu, mas deixou assuntos para se comentar por décadas. Ninguém ia à igreja. A fábrica [têxtil] parou. Não se pegava na mão de ninguém, as pessoas se cumprimentavam de longe, qualquer um poderia estar gripado e esborrifar bacilos enquanto falava. Jarinu ficou isolada, os que ficavam muito mal tinham que ser trazidos para Atibaia. Uma empregada de minha avó, Delmira, caiu de gripe, veio a ser internada no hospital de campanha [Atibaia chegou a fazer um hospital de campanha em dezembro de 1919 mantido pela câmara], onde lhe puseram a 'vela na mão'. Foi duas vezes sacramentada e milagrosamente sarou. Voltou para casa um mês depois, magra e 'marelenta', contava entre lágrimas: 'Atibaia está um horror, é só defunto e cadáver'."

CORONAVÍRUS – COVID 19

Em março e abril de 2020 a cidade voltou aos mesmos cuidados de 1919, desta vez por causa do covid-19. A prefeitura determinou a quarentena do dia 23 de março ao dia 07 de abril e o fechamento do comércio, exceto as atividades essenciais. Um dos primeiros casos confirmados foi do ex-vereador e ex-presidente da câmara Wagner Silva, internado num hospital da capital. O próprio prefeito Saulo também testou positivo para o novo coronavírus ainda no período de quarentena e a primeira morte foi do ex-vereador (1997/2004) e ex-presidente da câmara em 2002 Wagner Silva, falecido no dia 1º de abril, num hospital da capital. Até meados de julho de 2020 Atibaia registro 14 mortos por Covid 19.

[12] Uma mudança na legislação permitiu, a partir de 1979, que os prefeitos das Estâncias fossem eleitos e não nomeados.

Capítulo 21

Visitantes Ilustres e fatos que repercutiram na imprensa

VISITANTES ILUSTRES

• 1818 - Carl Friedrich Philipp Von Martius (*1794, Baviera), médico, Spix, zoólogo, e Thomas Ender, desenhista, eram "... naturalistas alemães que na sua viagem de estudos ao Brasil, passaram por aqui, por volta de 1817, levando de Atibaia a seguinte impressão: 'a vila pobrezinha de São João de Atibaia', onde um estudante da escola cirúrgica do Rio de Janeiro lhes fez a observação ingênua de que os habitantes destas regiões não mereciam ter médicos porque raras vezes ficavam doentes... que estas regiões salubres eram habitadas por uma raça de homens fortes e que só a sífilis fazia ali grandes progressos, especialmente por causa do combate imperfeito que se lhe dava", da obra de João Conti.

• 1822 ou 1825 passou por Atibaia um viajante, o cônsul britânico no Rio de Janeiro, de nome Henry Chamberlain, e pintou a célebre aquarela mostrando a igreja da matriz no alto da colina.

• 1884 – Conde D' Eu, marido da princesa Isabel.

• 1886 – D. Pedro II, em 1886, imperador do Brasil.

• 11/06/1916 – Santos-Dumont passou por Atibaia numa excursão automobilística.

• março a maio de 1911 – Benedito Calixto, um dos mais importantes pintores paulistas do século XX passou uma temporada em Atibaia quando fez alguns trabalhos, entre eles: o batismo de Jesus por João Batista, obra que está no altar-mor da igreja matriz, a vista panorâmica da cidade, que está no Clube Recreativo Atibaiano, e Santo Sudário que está no museu João Batista Conti.

• 1915 e em 1929 – o poeta Amadeu Amaral.

• Cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, cardeal arcebispo de São Paulo que passou uma temporada no hotel Estância Lynce, ocasião na qual celebrou várias missas, inclusive na matriz.

• Mário de Andrade.

Governadores: Washington Luiz, em três ou quatro vezes: 1911, 04/06/1916, juntamente

com Santos-Dumont, em 14/01/1923 possivelmente, e em 11/05/1950, recepcionado por José Pires Alvim e João Batista Conti; Bernardo José de Lorena, em 01/07/1797, Júlio Prestes de Albuquerque, em 30/10/1927, Luiz Antônio Fleury Filho, Geraldo Alckimin, Alberto Goldman e Márcio França.

• março de 1942 – Assis Chateaubriand, importante jornalista.

• Presidentes e vices: a partir da redemocratização ocorrida em 1985, não me recordo da visita de nenhum presidente da República em Atibaia, somente do vice-presidente e depois presidente Michel Temer na abertura das festas das flores, em 2014, quando eu exercia o honroso cargo de vereador.

FATOS QUE REPERCUTIRAM NA IMPRENSA

• Sítio do Lula: desde quando deixou a presidência da República em 31 de dezembro de 2002, Lula, se dirigia para Atibaia, mais especificamente, para o bairro do Portão quase todos os finais de semana e feriados, para um sítio onde se dizia ter sido comprado por ele. O processo gerado pela reforma do sítio e sua propriedade, sempre negada pelo ex-presidente, levou o nome de Atibaia para as notícias de todo país e não é raro se ligar o nome da cidade ao do ex-presidente Lula.

• As mortes de Silvio Caldas e Noite Ilustrada, moradores de Atibaia.

• A morte do Lucena, Antônio Raymundo Lucena “o doutor”, operário e membro do grupo de resistência VPR ao regime militar, que o considerava terrorista, ocorrida no bairro das Cerejeiras em 20 de fevereiro de 1970.

• A morte do nazista austríaco Gustv Franz Wagner chamado de “a besta” pelos sobreviventes do campo de concentração de Sobidor na Polônia num sítio em Atibaia no dia 04 de outubro de 1980 onde vivia por muitos anos.

• E mais recentemente, no dia 18 de junho de 2020, a prisão de Fabrício Queiroz, ex-assessor do então deputado estadual do Rio de Janeiro, Flávio Bolsonaro, hoje senador e filho do atual presidente da república, Jair Bolsonaro, que estava escondido na casa de um dos advogados do presidente da república no bairro Jardim dos Pinheiros.”

Capítulo 22

Cronologia da história de Atibaia pelo autor

SÉCULO XVII

1580 – 31 de janeiro – Morre em Portugal, sem deixar herdeiros, o rei e cardeal D. Henrique, sendo sucedido por Felipe II, rei da Espanha, unindo as duas coroas e, consequentemente, os dois países até 1640 com a restauração da coroa portuguesa e o fim do domínio espanhol sobre Portugal.

1627 – 31 de março – Primeira sesmaria na qual aparece o nome do rio Atibaia, concedida a Amador Bueno da Ribeira. Duas léguas de terras nos campos de Juqueri que passaram a se chamar bairro Antônio Bueno, nome de segundo filho de Amador Bueno da Ribeira. Segundo o historiador John Manuel Monteiro, em sua obra ***Negros da Terra***, 197 : "A doação partiu das margens do rio Juqueri e estendia até o Atibaia, incorporando inclusive uma aldeia indígena sob a chefia do índio Maracanã".

1635 a 1655 – Período provável do início da ocupação do território atibaiano.

1637 a 1639 – Segundo historiadores, Garcia Rodrigues Velho desbravou o bairro do Caioçara e Onofre Jorge Velho o bairro do Itapetinga, ambos no município de Atibaia. O córrego do Onofre leva o nome de seu desbravador.

12 de janeiro – Segunda sesmaria que faz menção ao rio Ibyatibaia concedida aos irmãos Manoel Garcia e Garcia Rodrigues Velho. Início da exploração e ocupação do território atibaiano e a primeira vez que se tem registro do nome em documento público.

1638 a 1641 – Período de concessão de sesmarias na região de Atibaia.

1640 – junho – Expulsão dos jesuítas do colégio São Paulo, que provocou a célebre disputa política entre os membros da família **Pires** (de origem portuguesa e defensores dos jesuítas) e **Camargo** (de origem espanhola), detentoras do poder político da Vila de São Paulo, a primeira família era a favor dos jesuítas. Os jesuítas retornaram em 1653.

1º de dezembro – Restauração do trono português depois de 60 anos de domínio espanhol, dando início à quarta e última dinastia portuguesa, a dos Bragança.

1641 – Pedro Taques, líder do partido dos Pires é assassinado por seu rival Fernão de Camargo em pleno largo da matriz, em São Paulo, este último era irmão, entre outros, de: Marcelino de Camargo, o patriarca de Atibaia, e Jerônimo de Camargo, considerado o fundador de Atibaia. A disputa entre as famílias Pires e Camargo

teve registro nas atas da câmara de São Paulo entre 1641 até o começo da discussão sobre a elevação de Atibaia à Vila em 1765, ou seja, a disputa durou mais de cem anos.

1646 – 1° de outubro – Carta de sesmaria dos irmãos Domingos Garcia Velho, Garcia Rodrigues Velho, Miguel Rodrigues Velho e Manoel Garcia Velho atestando a posse do rio batibaia, ou seja, confirmando que a região de Atibaia já era explorada antes do ano de sua fundação.

1647/48 – Alguns historiadores referem-se a possíveis entradas para o interior, chamadas de "Marcha para Jundiaí", lideradas por Jerônimo de Camargo aos sertões de Jundiaí.

1652 – Jerônimo de Camargo ocupa o elevado cargo de juiz ordinário em São Paulo, integrando uma Câmara sob o domínio dos Camargos, as eleições para juízes ordinários eram trienais. Sua eleição é acusada de fraude e um recurso é apresentado ao ouvidor-geral visando impugnar o pleito. Segundo alguns historiadores, Marcelino de Camargo conduz seu irmão Jerônimo a entradas nos arredores da serra do Itapetinga e rio Atibaia, todavia, para mim, ele começava a desbravar os sertões de Jundiaí.

– Primeira citação em documento público do bairro Caioçara de Atibaia no inventário de Antônio Pedroso de Barros. O antigo bairro de Caioçara compreende na atualidade muitos bairros de Atibaia, tais como: Maracanã, Iara, Campo dos Aleixos, Campinha, Vitória Régia, Brotas e tantos outros, além da atual cidade de Jarinu, antiga Campo Largo de Atibaia.

– Uma nova tragédia envolve as famílias rivais: Pires e Camargo. Alberto Pires mata sua esposa, Leonor de Camargo Cabral, e mais um homem. Corre pela vila um boato de que ele havia vingado a morte de Pedro Taques, assassinando sua esposa, uma Camargo que defendia o modo de pensar e agir dos seus.

1653 – maio – O Dr. João Velho de Azevedo, ouvidor-geral da repartição sul, chega a São Paulo com intenção de regularizar a situação política da vila, que se encontrava em estado de precariedade. Ao saber da chegada do ouvidor, Jerônimo de Camargo ausenta-se para lugar ignorado, levando consigo as chaves do Paço. O Ouvidor arromba as portas e convoca novas eleições. Desta vez vencem os Pires, que trazem de volta os Jesuítas, provavelmente mais como ato de provocação política aos Camargos que por fé religiosa. Alguns historiadores acreditam que Jerônimo de Camargo tenha fugido para os sertões atibaianos, iniciando a partir daquele ano inúmeras viagens àquela região, até formar ali sua fazenda, contudo, discordo dessa tese e defendo que Jerônimo continuou entrando para o sertão de Jundiaí.

1655 – Fundação da Vila de Jundiaí, que teria iniciado seu povoamento em 1615 através de Rafael de Oliveira e sua mulher Petrolina, contudo, muitos historiadores atribuem a fundação de Jundiaí a Jerônimo de Camargo.

24 de novembro – Uma provisão de Dom Jerônimo de Atahide, Conde de Atouguia, tenta pôr fim à tradicional rivalidade entre as famílias Pires e Camargo, determinando que as Câmaras paulistas fossem compostas sempre em igual número entre os Pires e Camargos, mais um neutral.

1657 – Jerônimo de Camargo pede e recebe carta de data na recém-criada Vila de Jundiaí.

1663 – 1667 – Provável chegada da família Camargo em terras atibaianas.

1664 – abril – Partida de São Paulo, rumo ao sertão de Minas, via Juqueri, uma pequena bandeira comandada pelo sertanista Padre Matheus Nunes de Siqueira, o famoso "calção de couro".

1665 – 24 de junho – Data escolhida pela lei municipal nº 205 de 2 de julho de 1.952 para celebrar o dia da fundação da cidade de Atibaia, pois acredita-se que nesta data o Padre Matheus Nunes de Siqueira rezou a primeira

missa na capela, provavelmente erigida pelo próprio padre, deixando naquela povoação os índios catequizados durante sua bandeira. Esta data, na verdade, foi escolhida pela câmara municipal como data de fundação da cidade por ter sido no ano de 1665 a primeira referência oficial à cidade e o dia 24 de junho, dia de São João Batista, santo padroeiro da capela.

3 de julho – Após seu retorno a São Paulo, o Padre Matheus Nunes de Siqueira se apresenta na câmara de São Paulo a fim de comunicar os acontecimentos decorridos de sua bandeira. Naquela data a câmara de São Paulo ordena ao padre Matheus: "... para que formassem aldeia e estivessem debaixo da jurisdição dos oficiais do conselho com os mais, para servir a Sua Majestade..." os índios guaru ou Guarulhos que o Padre havia conquistado e deixado "...en povoado e termo desta vila na paragen chamada Atubáia e que o reverendo padre entregava o dito gentio em nome de senhor do dito gentio, e se lhe formasse aldeia na mesma paragem donde estão". É a primeira referência oficial sobre Atibaia e por ela fica evidente que o Padre Matheus deixou os índios conquistados em sua bandeira, num "povoado" já existente, o qual não nos resta dúvida ser os primórdios do povoamento iniciado nas terras da família do padre Matheus (irmãos Rodrigues Velho).

1666 – 9 de novembro – A câmara de São Paulo resolve mandar dois oficiais de justiça à Atibaia para "...ver se estão os índios goaramimis na paragem donde delles tomarão lista o anno passado...".

1667 – Inês da Costa, esposa de Onofre Jorge Velho, é inventariada em São Paulo e revela ter terras em Atibaia (bairro Itapetinga).

1669 – 5 de maio – A câmara paulista manda notificar o capitão da aldeia de Guarulhos, Antônio Lopes de Medeiros para, impedir a grande quantidade de índios que estavam se transferindo "... para Caiosara e Atibaia...".

A câmara municipal acusa um certo frei Gabriel, capuchinho, de aliciar índios da aldeia de Guarulhos e fazendas vizinhas para viverem numa espécie de comunidade utópica que ele comandava no rio Atibaia, fato que culmina com a expulsão do dito frei do local. (Atas da CMSP, vol. 6, 161,162 e 165).

1674 – 21 de julho – O bandeirante Fernão Dias Pais, em sua busca pelas esmeraldas, segundo historiadores modernos, parte de São Paulo com destino à minas passando por Atibaia, mas não há comprovação histórica de que teria passado por Atibaia. É acompanhado, entre outros, por Matias Cardoso de Almeida, um dos fundadores de Nazaré Paulista, e Antônio do Prado da Cunha, futuro genro de Jerônimo de Camargo, nomes extremamente ligados com a região de Atibaia.

1676 – Nomeação do primeiro capitão das ordenanças do então bairro de São João Batista de Atibaia, Francisco de Godoi Moreira, partidário dos Pires (genro de João Pires), substituído em 1684 por Tomás da Costa Barbosa, partidário dos Camargos, substituído por João dos Reis Cabral em 6 de fevereiro de 1700 uma neta de Jerônimo de Camargo, mesma data que é nomeado Pascoal Delgado de Camargo, neto de Marcelino, para capitão do bairro de Nazaré, portanto, para mim, é o ano que Atibaia passou a ser freguesia (bairro) da cidade de São Paulo. Atibaia já era bairro em 1679 quando da lista de donatários reais.

Primeira citação em documento público da serra de Itapetinga no inventário de Marcelino de Camargo.

– Matias Lopes ergue uma capela em louvor à Nossa Senhora de Nazaré dando pulso ao povoado que resultaria na hoje cidade de Nazaré Paulista. Acreditamos que o povoado que deu origem a Nazaré deva ter se iniciado entre 1660 e 1670, pouco anos depois do início do povoamento de Atibaia, ou na mesma época.

1679 – Segundo Waldomiro Franco da Silveira, que julgamos estar certo, Atibaia passa a ser Capela

Curada, isto é: a ter padre próprio. Em data desconhecia, após esforços do fundador da cidade e de Antônio do Prado da Cunha, uma nova capela maior fora construída em frente à capelinha original. Todavia, por razões que desconhecemos, a criação de uma paróquia deu-se apenas 1719, talvez em decorrência da reforma da antiga capela que encerrou-se somente em 1719.

21 de maio – Em sessão da câmara de São Paulo, é informado que o vereador Manoel da Fonseca Osório precisava ser substituído, pois mudara-se para Atibaia.

1681 – 24 de março – Jerônimo de Camargo hospeda em Atibaia D. Rodrigo Castel Blanco, que chefiava por ordem real a maior e melhor bandeira até então organizada para devassar o sertão mineiro e atingir a cobiçada e lendária Serra das Esmeraldas, seguindo as pegadas de Fernão Dias Pais que saíra para o sertão sete anos antes.

1683 – João Lopes de Lima, bandeirante e um dos fundadores de Nazaré, parte com uma bandeira para as minas.

1685 – **maio** – Jerônimo de Camargo faz sua última entrada no sertão de que se tem notícia, organizando uma bandeira em parceria com Antônio Bueno, Salvador de Oliveira e outros.

1686 – Primeiro ato religioso registrado na capela de Nazaré Paulista existente nos arquivos da cúria de Bragança. A possível forte presença de religiosos no povoado talvez explique os remotos registros religiosos de Nazaré, que segundo alguns historiadores passou a ser capela curada desde 1693, sendo o padre Manoel Cardoso de Lima seu 1° vigário.

1687 – "... indo pregar uma missa em Atibaya na grande fazenda de índios de Jerônimo de Camargo, levou o padre providencial como mimo ao fazendeiro 4 cambadas de peixe salgado e três queijos no valor de 480 réis", segundo Taunay, no seu livro sobre a história da abadia de São Paulo. É neste ano que se tem a última notícia de Jerônimo de Camargo em Atibaia; sabe-se que se mudou para Jundiaí, onde há muito tempo tinha formado fazenda, antes mesmo de povoar Atibaia. Faleceu naquela cidade em princípios de 1707.

1690 – Descoberta de ouro na região da Minas e início do tropeirismo entre São Paulo e Minas Gerais.

1696 – Juqueri, hoje município de Mairiporã, foi elevada a capela curada e ou Freguesia de São Paulo e se tornará município somente em 27 de março de 1889. A proximidade entre Atibaia e Mairiporã faz com que as duas cidades sempre interajam.

1698 – Início da primeira grande reforma e ampliação da capela construída provavelmente pelo padre Matheus Nunes de Siqueira e partindo de Atibaia a bandeira chefiada por João Lopes de Lima a fim de tomar posse do Ribeirão do Carmo (Mariana/MG).

16 de julho – João Lopes de Lima, morador de Atibaia, e seu irmão padre Manoel Lopes, o "Buá", fundadores de Nazaré, redescobrem o Ribeirão do Carmo, hoje cidade de Mariana. Eram filhos de Barbara Cardoso de Almeida, considerada fundadora de Bom Jesus da Cana Verde ou Ajurutiba, hoje Bom Jesus dos Perdões.

SÉCULO XVIII

1701 – Neste ano Atibaia já era freguesia de São Paulo. Creio que já era desde 1676, ano da nomeação do primeiro capitão de ordenanças do novo bairro.

1705 – 22 de maio – Realizada 1ª missa na capela de Bom Jesus do Perdão, sendo seu 1° vigário seu filho Manoel Cardoso de Lima, que fora vigário de Nazaré entre 1693 e 1695. Contudo, o primeiro registro de um ato

religioso da capela de Bom Jesus data de 27 de julho de 1716.

1707 – 10 de julho – Antônio do Prado da Cunha e seu filho João do Prado de Camargo requereram por petição a confirmação da posse de terras na paragem chamada de Caguaçu, hoje bairro da Ponte Alta em Atibaia, que pertenceu ao sogro e avô de ambos, Jerônimo de Camargo, que as tinha há mais de 40 anos, portanto, antes de 1667.

1713 – Nomeação do primeiro juiz vintenário para freguesia de São João de Atibaia, Jacinto da Costa. O juiz de vintena era a autoridade que resolvia as pequenas lides entre os moradores do povoado e o cap. João Teles Fogaça, para Nazaré.

1719 – Término das obras da primeira grande reforma da capela, que deu origem à igreja matriz de São João Batista. Algumas anotações trazem o ano de 1744 como início das obras de construção da igreja matriz e seu término em 1756, portanto, segundo essas anotações, a reforma de 1698 a 1719 ainda não tratava da igreja matriz, mas da segunda capela construída pelo fundador da cidade no final da década de 1670.

14 de dezembro – O primeiro registro de um ato religioso em Atibaia arquivado na cúria de Bragança é um batismo: "aos 14 de dezembro de 1.719 batizei e pus os Santos Olhos ao inocente Francisco, filho de Sebastião Pedroso e de Ana Rosa Forão, foram padrinhos Amaro da Silva Alvarenga e Maria Pinto Guedes. – Padre Rabello Barros, coadjutor".

1722 – 18 de julho – Notícia na câmara de São Paulo sobre o atravessamento da produção de trigo em Atibaia e Juqueri.

1724 – 3 de janeiro – Em resposta à câmara de São Paulo, o vigário de Atibaia informa ter registrado 220 homens na freguesia.

24 de junho – É sepultado na capela-mor da igreja da matriz o capitão Francisco de Camargo Pimentel, filho de Marcelino de Camargo, o Patriarca de Atibaia, que juntamente com Antônio do Prado Cunha comandou os destinos do povoado de Atibaia entre as décadas de 1680 e 1730.

1728 – Instituição do primeiro estabelecimento comercial da freguesia de Atibaia, o empório Aguirre, de José Aguirre do Amaral.

1730 – 1740 – Início de um arraial que mais tarde viria ser a cidade de Joanópolis. Em 21 de agosto de 1896 é elevada a Vila.

1730 – Lucas de Siqueira Franco torna-se o primeiro atibaiano nato a ocupar um alto cargo na administração da Vila de São Paulo ao ser nomeado almotacé, voltando a exercer o mesmo cargo em 1735 e 1743.

1731 – Segundo Waldomiro Franco da Silveira, que julgamos estar certo, Nazaré é elevada à freguesia.

1733 – É criado em Atibaia um terço de auxiliares, ou Companhia de Ordenanças (corpo militar), sendo nomeados para ele: Lucas de Siqueira Franco, capitão, José Freire de Moraes, tenente, e Bento da Silva Chaves, alferes. Portanto, estreia na vida pública de Atibaia como capitão, com apenas 23 anos de idade, o futuro 1º capitão-mor Lucas de Siqueira Franco.

1737 – O bandeirante Bartolomeu Bueno de Siqueira passa por Atibaia.

1740 – João do Prado Camargo, neto de Jerônimo de Camargo, é nomeado almotacé da câmara paulistana; foi também vereador em 1744 e juiz ordinário em 1750. Em Atibaia foi juiz ordinário em 1771 e 1772.

1742 – Dois atibaianos integram a câmara paulistana pelo partido dos Camargo: Lucas de S. Franco e

Bartolomeu Corrêa Bueno.

1746 – agosto – O atibaiano Antônio Bueno de Azevedo descobre ouro em Ribeirão Palmital, onde fundou em 13 de dezembro de 1746 a então aldeia de Santa Luzia, hoje município de Luziânia/GO. Faleceu naquela aldeia em 12 de maio de 1771.

1747 – 13 de agosto – Atibaia é elevada a distrito de paz com o nome de São João Batista de Atibaia.

1749 – Eleição de Lucas de Siqueira Franco para o cargo de juiz ordinário em São Paulo, substituído no ano seguinte por João do Prado Camargo.

1761 – 15 de fevereiro – Proposta à Câmara paulista a elevação de Atibaia à categoria de vila (hoje município) pelo fazendeiro do bairro Caioçara, Frutuoso Furquim de Campos, o mais importante líder político em Atibaia em oposição à família Siqueira Franco. A tentativa frustrou-se por falta de apoio dos atibaianos ilustres ligados aos Siqueira Franco. Os partidários da família Siqueira Franco conseguiram adiar a efetivação da proposta durante quatro anos, alegando pobreza e necessidade de compor politicamente na vila de São Paulo.

1763 – Início da construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, construída e frequentada pelos escravizados que não podiam entrar na Igreja da Matriz. Foi concluída por volta de 1778.

– Desejando formar um povoado em que fosse venerada Nossa Senhora da Conceição, em cumprimento a um voto feito, o atibaiano Antônio Pires Pimentel e sua mulher Inácia da Silva Pimentel doaram terreno necessário ao patrimônio e edificação da capela, fundando-se a freguesia de Conceição de Jaguari, situada à margem do ribeirão Tapuchinga ou Canivete. Acreditamos que o povoado que deu origem a Jaguari, hoje Bragança, deva ter se iniciado entre 1750 e 1760, portanto, cem anos depois de Atibaia.

1765 – D. Luiz Antônio de Souza Botelho, o Morgado de Matheus, assume o Governo da Capitania. Em Atibaia é realizado em excelente censo no qual descreve-se grande parte dos moradores da cidade exatamente um século depois do ano considerado oficialmente como fundação do povoado. Por esse censo podemos notar os bairros que compunham a então Vila: Campo Largo, Itapetinga, Caetetuba, Caioçara, Mato Dentro, Itaipira (Cachoeira), e Rio Abaixo. Nazaré era uma Freguesia e Bom Jesus fazia parte de Nazaré, Piracaia, ainda não existia, portanto, não foi citada como bairro de Atibaia.

26 de janeiro – Após anos de esforços por parte do partido dos Pires, o rei de Portugal dá provimento ao requerimento da Câmara paulista que pedia a elevação da Freguesia de São João Batista de Atibaia à categoria de vila.

13 de fevereiro – O povoado de Conceição de Jaguari (Bragança Paulista) é elevado à Freguesia de São Paulo até a elevação de Atibaia à Vila em 1770, quando Conceição de Jaguari passou a ser Freguesia de Atibaia até sua elevação à Vila em 1797.

1766 – O atibaiano Jerônimo de Camargo Pimentel ocupa o cargo de juiz ordinário em São Paulo e com ele fazia parte da câmara de São Paulo Frutuoso Furquim de Campos, que, segundo historiadores, fazia oposição à política dos Siqueira Franco em Atibaia. Atibaia, neste ano, contava com 515 casas e 1.506 pessoas e Jaguari com 309 casas e 1.754 pessoas.

1767/68 – Manoel Pereira Padilha arremata um estanque na freguesia de Atibaia.

1769 – Três atibaianos faziam parte do comando administrativo de São Paulo: Fernando de Camargo Pimentel e Frutuoso Furquim como juízes ordinários, e Antônio Gonçalves da Cunha como vereador. A câmara paulistana determinava neste ano a abertura de uma estrada entre Juqueri e São Paulo, estrada esta que será o embrião

da estrada velha de Bragança.

27 de junho – Oficialização da elevação de Atibaia à categoria de vila, por portaria do cap. geral Morgado de Matheus. A nova vila compreendia na época os atuais municípios de Atibaia, Bragança, Nazaré, Piracaia, Bom Jesus dos Perdões e Jarinu, bem como todos os outros que nasceram dessas citadas cidades. Até aquela data, Atibaia fizera parte do território da vila de São Paulo de Piratininga. O partido dos Camargos e a população não desejavam essa emancipação. Por todos os meios ao seu alcance, Lucas de Siqueira Franco adiara, primeiro, a aprovação da proposta apresentada pelo partido dos Pires por quatro anos. Estes, pelos seus próprios meios, acabaram por conseguir que o requerimento apresentado pela câmara paulista fosse provido pelo rei, em Portugal. Uma vez dado o provimento pelo rei em 26 de janeiro de 1765, Lucas de Siqueira Franco conseguiu, usando do seu prestígio político, postergar os atos oficiais da emancipação por mais quatro anos.

4 e 5 de novembro – Atibaia recebe uma comitiva da vila de São Paulo composta pelo Ouvidor, acompanhado pelo juiz ordinário Frutuoso Furquim de Campos, pelo escrivão dr. Bustamante e por dois pajens, para participarem da cerimônia de instalação da nova vila de São João Batista de Atibaia, com o levantamento de Pelourinho, que representava a autonomia municipal. No dia seguinte foram instaladas a primeira casa da câmara e cadeia, no lugar onde hoje está a sorveteria Valentin, e ali funcionaram até 1836, quando foram transferidas para o prédio onde hoje funciona o museu João B. Conti. Lucas de Siqueira Franco tirou partido da situação e recebeu as autoridades com pompas dignas do próprio rei. As festas e cerimônias de instalação da vila foram coisa nunca vista antes, preparadas especialmente para impressionar as autoridades e, segundo alguns historiadores, desfeitear o partido dos Pires. A presença maciça dos partidários dos Camargos às solenidades oficiais quase sufocou Frutuoso Furquim de Campos. Tão contrariado estava que foi o último a assinar a ata do Auto do Levantamento do Pelourinho quando, por força do cargo de juiz ordinário, deveria ser o segundo, logo após o ouvidor. Não creio que em 1770 ainda existisse na vila de Atibaia a rivalidade entre Pires e Camargos. Quando muito, uma rivalidade entre Frutuoso e a família Siqueira Franco.

1770 – 19 de fevereiro – Instalação da primeira Câmara Municipal, formada pelos vereadores João Franco Viegas, Francisco Xavier Cezar e o capitão André Pereira de Medeiros; nomeados para juízes Antônio Gonçalves da Cunha e o capitão Domingos Leme do Prado, todos partidários de Frutuoso, nomeados pelo ouvidor que desprezou as indicações de Lucas de Siqueira Franco.

01 de abril – Lavrada a primeira escritura da vila no primeiro tabelionato de notas.

1771 – Lucas de Siqueira Franco é eleito pela segunda vez vereador à câmara de São Paulo; não aceitou o cargo devido aos seus muitos afazeres em sua terra natal (Atibaia).

– Realização das primeiras eleições da nova vila, sob influência e comando de Lucas de Siqueira Franco, que em resposta à nomeação da primeira Câmara, composta pelos Pires, elegeu a primeira Câmara somente com os partidários dos Siqueira Franco. Frutuoso Furquim de Campos recorreu ao ouvidor e conseguiu a anulação do pleito e a realização de novas eleições, nas quais a influência de Lucas de Siqueira Franco ainda prevaleceu, assim como nas eleições seguintes, em 1772.

– A câmara de Atibaia solicita ao governador-geral a nomeação de Lucas de Siqueira Franco para o cargo de capitão-mor. Por instâncias de Frutuoso Furquim junto ao governador da capitania a nomeação foi para o posto de sargento-mor. O golpe foi grande pois todas as freguesias ao serem elevadas à categoria de vila recebiam,

imediatamente, um capitão-mor. A patente inferior, porém, não chegou a abalar o prestígio político de Lucas de Siqueira Franco, para desespero de Frutuoso Furquim de Campos

1772 – Por ordem do governador-geral, os irmãos José Félix Cintra e o capitão Francisco Lourenço Cintra organizam em Atibaia uma bandeira de cem homens com destino aos sertões do Iguatemi, no Mato Grosso. Na volta, os bandeirantes estabeleceram-se definitivamente na cidade, em 1776, dando origem a uma grande descendência que, entrelaçada aos descendentes de Lucas de Siqueira Franco, monopolizou por mais de um século o governo em Atibaia. Da união destas duas famílias – Cintra e Siqueira Franco – origina-se grande parte dos atibaianos de raiz, da qual descendem vários deputados provinciais: Jacinto José Ferraz de Araújo (Cintra), Joaquim Floriano de Araújo Cintra, Florêncio de Araújo Cintra (suplente), todos os filhos do Alferes Jacinto José de Araújo, netos paternos do Capitão Francisco Lourenço Cintra e netos maternos do segundo capitão-mor Francisco da Silveira Franco, pai do último capitão-mor Lucas de Siqueira Franco. Outros deputados provinciais da família são: Antônio Francisco de Araújo Cintra, Evaristo de Araújo Cintra e Manoel Jacinto de Araújo Ferraz, todos naturais de Atibaia e descendentes da união das duas famílias.

31 de janeiro – Lucas de Siqueira Franco é nomeado sargento-mor.

1773 – Bartolomeu Bueno de Siqueira e seu irmão Pedro de Mores Siqueira organizaram em Atibaia uma bandeira para os sertões dos Cataguases, na qual lutaram com os bravos índios que lá viviam, vindo Pedro a falecer.

1775 – 3 de janeiro – O Morgado Matheus envia ordem ao sargento-mor de Atibaia para que os lavradores de trigo fossem para São Paulo, no prazo de 8 dias, vender os seus trigos na capital, pela falta do produto na vila. Havia notícia de que atravessadores estavam adquirindo trigo em Atibaia para venderem em Minas Gerais.

8 de maio – Nomeação de Lucas de Siqueira Franco para o cargo de primeiro capitão-mor de Atibaia, sendo o representante direto do governador-geral na cidade, passando a ser a maior autoridade civil e militar da vila, cargo que ocupou até a morte.

4 de dezembro – Início da vida pública de Francisco da Silveira Franco como capitão das ordenanças; posteriormente o segundo capitão-mor de Atibaia.

1776 – Pelo censo desse ano, Atibaia tinha 8.713 habitantes, tendo o distrito-sede 546 fogos (casas) com 3.032 "almas", compreendendo nesse número 606 escravizados. Nesse ano também era criada a companhia de ordenanças do bairro da Cachoeira, sendo nomeados seu primeiro capitão Domingos José Duarte Passos e o alferes Manoel Manso Machado. Para as Ordenanças da Vila são nomeados: capitão – Antônio Gonçalves da Cunha; alferes – Lucas da Silveira Franco e Francisco Xavier de Oliveira César.

1783 – Morre o capitão-mor de Atibaia, sendo nomeado para substituí-lo seu filho Francisco da Silveira Franco, que assume como segundo capitão-mor em 25 de julho de 1783.

1786 – Lourenço Franco da Rocha, considerado fundador de Jarinu, é nomeado capitão do então bairro de Campo Largo.

1789 – Ângelo Batista, residente em Atibaia, foi o descobridor e primeiro fundador da região das minas de Ouro Fino (MG).

1795 – Início da construção dos altares da igreja matriz, por José Francisco de Oliveira.

1796 – Pelo censo desse ano, Atibaia tinha 150 fogos (residências de famílias, lares, casas) no distrito-sede (centro), 51 no bairro do Itapetinga; 36 no bairro do Rio Abaixo; 61 no bairro da Cachoeira; 98 no bairro do Rio

Abaixo; 15 no bairro do Mato Dentro; 53 no bairro de Caetetuba; 71 no bairro de Caiossara; 85 no bairro de Campo Largo (hoje Jarinu); a freguesia de Jaguari (hoje Bragança Paulista) tinha 177 fogos (casa); e os bairros daquela freguesia: 104 no bairro da Campanha; 158 no bairro do Coxo; 35 no bairro das Araras; 263 no bairro do Couto; 149 no bairro do Lopo e 182 no bairro do Rio Abaixo. Já a Freguesia de Nazaré tinha 386 fogos com 1.206 "almas", os bairros de Rio do peixe e do Vicente Nunes tinham 134 fogos com 689 "almas". O bairro da Cachoeira (Piracaia) tinha 169 fogos com 1.162 almas. Lourenço Franco da Rocha era capitão de Campo Largo (Jarinu), Pedro de Almeida Machado, de Nazaré, José de Oliveira Preto, de Jaguari (Bragança), e José Duarte Passos, de Cachoeira (Piracaia).

1797 – Término da construção dos altares da igreja matriz de São João Batista e a freguesia de São Carlos é elevada à vila. Muitos atibaianos participaram da formação daquela vila, hoje cidade de Campinas.

1 de junho – Atibaia recebe a visita do governador da Província, Bernardo José de Lorena.

17 de outubro – Atibaia sofre a primeira modificação em seu território com a criação da Vila de Nova Bragança, que era a antiga freguesia atibaiana de Conceição do Jaguari, apesar dos protestos da câmara atibaiana, que não concordava com o desmembramento daquela freguesia. Portanto, a cidade de Bragança fez parte da Vila de Atibaia de 1770 até 1797. Do território originário de Bragança nasceram as cidades de Amparo (1857), Socorro (1871), Pedra Bela (1964), Pinhalzinho (1964), Vargem (1991) e Tuitui (1991) e do território originário de Amparo nasceram os municípios de Pedreira (1896) e Monte Alegre do Sul (1949). Bragança Paulista e todos os municípios que nasceram de seu território pertenceram a Atibaia entre 1769 a 1797.

1800 – 22 de março – É sepultado no altar-mor da igreja da matriz de Atibaia Frutuoso Furquim de Campos, um dos maiores fazendeiros e o maior líder oposicionista em Atibaia, foi o responsável para elevação de Atibaia à condição de vila em 1770, era sem dúvida uma das figuras de maior destaque na vida política e social de Atibaia.

SÉCULO XIX

1801 – Morre o segundo capitão-mor Francisco Silveira Franco, assumindo como terceiro capitão-mor seu irmão José de Siqueira Franco.

1802 – 1 de fevereiro – Morre o primeiro capitão do bairro da Cachoeira (Piracaia), Domingos José Duarte Passos.

1801 a 1810 – Vários atibaianos das mais tradicionais famílias deixam sua terra natal para irem morar na nova vila de São Carlos (hoje Campinas).

1804 – 5 de março – O capitão-mor em resposta à carta do governador de 30 de janeiro relata as dificuldades de manter a estrada que ligava a Vila de Atibaia à de São Paulo. É o primeiro documento, por nós consultado, no qual é mencionado o morro denominado Portão, o qual deu origem ao bairro de mesmo nome, que por muito tempo foi chamado de Itapetinga.

1807 – 7 de janeiro – O capitão atibaiano Lourenço Franco da Rocha e sua mulher doam, por escritura pública, uma gleba de terras no bairro de Campo Largo para a construção de uma capela sob a invocação de Nossa Senhora do Carmo de Campo Largo. Acreditamos que o povoado que deu origem à atual cidade de Jarinu deva ter se iniciado entre 1795 e 1805.

1817 – 16 de junho – Foi abençoada a capela de Santo Antônio da Cachoeira, hoje Piracaia, como bairro da

então Freguesia de Nazaré, construída em terreno doado por Leonor Correa e seus filhos, entre eles o tenente José Antônio de Oliveira. Acreditamos que o povoado que deu origem à atual cidade de Piracaia deva ter se iniciado entre 1770 e 1790 aproximadamente.

1821 – 21 de julho – A câmara e os moradores de Atibaia juram obediência à Constituição Liberal Portuguesa.

23 ou 24 de agosto – Morre o terceiro capitão-mor José de Siqueira Franco, assumindo o cargo de quarto e último capitão-mor, seu sobrinho e filho do 2° capitão-mor e na época sargento-mor, Lucas de Siqueira Franco, neto do homônimo e primeiro capitão-mor.

1822 – 5 de outubro – Reúnem-se a câmara municipal e o povo de Atibaia em sessão especial para estabelecer os festejos comemorativos da Independência e Aclamação do Primeiro Imperador do Brasil, D. Pedro I.

1824 – Chegada do primeiro morador italiano em Atibaia; era um mascate de nome Antônio Fontana, que logo montou um bazar no largo da Matriz e posteriormente adquiriu um sítio a uns três quilômetros da ponte do rio Atibaia, formando ali uma lavoura que se tornou o bairro dos Fontanas. Neste ano, Atibaia contava com 1.368 fogos e 8.045 habitantes. Antônio Fontana faleceu em 19 de junho de 1837 com aproximadamente 40 anos, vítima de assassinato.

12 de abril – Juramento das bases da primeira Constituição Brasileira pelos atibaianos, no altar-mor da Igreja Matriz, depois de missa solene cantada por três padres, que foram os primeiros a proceder ao juramento, seguindo-se toda a população.

1825 – As ordenanças de Atibaia tinham 10 Companhias, sendo 6 de Atibaia e 4 de Nazaré.

1828 – 1 de outubro – A Lei Imperial dessa data instituiu a "Lei Orgânica" das Câmaras Municipais, estabelecendo novos regulamentos e princípios relativos à estrutura administrativa das cidades .

1829 – A partir deste ano as corporações administrativas das Vilas passam a serem eleitas para mandatos de quatro anos; em substituição aos juízes ordinários foi criado o cargo de Presidente da Câmara Municipal, que era ocupado pelo vereador mais votado, e em sua falta, por outros vereadores obedecendo sempre a ordem de votos nas eleições. O vereador mais votado e portanto o primeiro presidente da câmara municipal para o mandato de 1829/32 foi o quarto e último capitão-mor Lucas de Siqueira Franco, que renunciou ao cargo e foi substituído por Jacinto José Ferraz de Araújo Cintra. As Vilas passaram a ter sete vereadores e as cidades, nove. Foi criada a guarda nacional. A figura o capitão-mor passa a ser meramente ilustrativa. A justiça personifica-se no juízo municipal, sendo criada a figura do juiz de paz que dirime as pequenas contendas, desvinculando, portanto, as atribuições de jurisdição contenciosas das câmaras municipais.

1830 – 2 de setembro – O bairro de Santo Antônio tem uma capela curada e passa a se chamar Santo Antônio da Cachoeira, hoje Piracaia.

12 de outubro – O bairro de Campo Largo (Jarinu) passa também a ter capela curada.

1833 – setembro – Atibaia foi designada para "cabeça de termo" (sede de comarca), apesar dos protestos do povo bragantino.

1834 – dezembro – Realização das eleições para a primeira assembléia provincial, na qual foi eleito o atibaiano Jacinto José Ferraz de Araújo (Cintra).

– Em cumprimento à legislação em vigor é realizada a cerimônia de enforcamento de réus condenados. A antiga forca encontrava-se onde hoje está a Santa Casa de Misericórdia, onde havia a santa cruz dos enforcados e,

posteriormente, um campo de futebol.

1835 – 1 de fevereiro – Instalação da primeira assembleia legislativa provincial, formada por 36 deputados. Entre eles, Jacinto José Ferraz de Araújo (Cintra), eleito pelo partido Liberal. Foi deputado de 35 a 37; suplente em 38/39 e 40/41, pois as eleições para a Assembleia eram bienais; novamente eleito deputado em 42/43, portanto o primeiro deputado provincial atibaiano. Jacinto José Ferraz de Araújo (Cintra) nasceu em Atibaia em 1802 e era filho do Alferes Jacinto José de Araújo Cintra, fundador e líder por muitos anos do partido Liberal em Atibaia.

1836 – Fica pronta a nova câmara e cadeia, prédio onde hoje está instalado o museu municipal João Batista Conti.

1836 – 5 de março – A Capela Curada de Santo Antônio da Cachoeira (Piracaia), então bairro da Freguesia de Nazaré, é elevada à categoria de Freguesia da então Vila de São João Batista de Atibaia através da Lei Provincial n° 44.

1837 – Desmembramento de Atibaia do Juízo Cível de São Paulo.

1841 – O partido Conservador sobe ao poder no cenário político nacional, após a queda do gabinete maiorista. Com a maioridade em 1840 do Imperador D. Pedro II, voltou a funcionar também o Conselho do Estado, extinto pelo Ato Adicional de 1834. Em algumas regiões do país, particularmente em Minas e São Paulo, municípios mais antigos eram geridos desde os seus primórdios pelas elites locais e, em geral, eram bem administrados. Inconformados com a cassação de direitos que consideravam fundamentais e temendo que a reforma constitucional eternizasse os Conservadores no poder, os liberais não vislumbravam outra alternativa senão a insurreição.

1842 – Atibaia obtém um juiz municipal e de órfãos.

– Início da revolução liberal na cidade, chefiada no âmbito nacional pelo ex-presidente da Província de São Paulo, o cel. Rafael Tobias de Aguiar contra o poder central. Em Atibaia, o chefe do partido Liberal era Jacinto José de Araújo Cintra, que era ligado ao Cel. Tobias Aguiar e que fez com que Atibaia tomasse oficialmente partido dos liberais, juntamente com as vilas de Itu, Sorocaba e Campinas, esta mais nova, mas cuja população em boa parte era oriunda de Itu. Em Atibaia chefiavam a rebelião, Major Joaquim de Araújo Cintra, José da Silveira Campos, "José Lucas", José Bueno de Campos, Francisco Bueno de Aguiar e Castro, Teodoro Bueno de Aguiar e Castro, João Bueno de Aguiar, Leonardo José Pedroso, Joaquim da Silva Porto, capitão Jacinto Alves do Amaral, Eugênio de Siqueira, Frutuoso de Lima, José Antônio de Camargo, Felisberto Pires, Francisco Lourenço da Rocha e cel. Manoel Jorge Ferraz. Há documentos sobre a prisão do cel. Manoel Jorge Ferraz e do Padre Antônio Mello e Silva. Houve vários registros de conflitos entre os conservadores e os liberais na Vila de Atibaia. Entretanto, os liberais ficaram por pouco tempo fora do poder, que logo voltou a ser exercido pelos membros da importante família Cintra, detentora do domínio político desde as primeiras décadas de século XIX, juntamente com os descendentes dos capitães-mores (família Siqueira Franco), que governaram Atibaia no século XVIII.

1842– 5 de fevereiro – Pela lei nº 3, a Capela Curada de Campo Largo é elevada à categoria de freguesia e incorporada à vila de São João Batista de Atibaia.

24 de abril – O presidente da câmara José Jacinto de Araújo Cintra, que pertencia ao Partido Liberal, não comparece ao Paço Municipal para a sessão extraordinária de posse de alguns cargos dos membros do partido Conservador, alegando moléstia. Consequentemente a sessão foi adiada para o dia 2 de maio de 1842.

2 de maio – Os conservadores promovem passeata nas ruas da cidade empunhando armas de fogo e espadas desembainhadas, lançando insultos aos liberais que iam revidando, quando o juiz municipal (Francisco Lourenço Cintra) e outras pessoas influentes acalmaram os ânimos. A sessão extraordinária de posse dos Conservadores

deu-se na casa do presidente da câmara em razão do grande tumulto provocado pelos conservadores, que, segundo boatos, queriam assassinar alguns membros da câmara e pessoas influentes do partido maiorista, que era o Liberal, chefiado na época pelo Alferes Jacinto José de Araújo Cintra e seus filhos.

4 de maio – A Câmara Municipal foi cassada devido ao seu "... repreensível comportamento e flagrantes desobediências", uma vez que a Casa, ao tomar partido liberal, recusou-se a obedecer às ordens imperiais, cujo gabinete era conservador.

20 de julho – É lavrado na casa do capitão-mor Lucas de Siqueira Franco, no bairro do Caioçara, um auto de sequestro dos bens de seu neto Teodoro Bueno de Aguiar Castro, um dos penalizados pela participação na Revolução Liberal.

1844 – Atibaia perdeu a freguesia de Campo Largo que passou para o termo de Jundiaí, recuperando dois anos depois (1846) sua reintegração.

1844 – 24 de junho – Após o fracasso da Revolução Liberal veio a anistia e a câmara reassumiu suas funções.

1846 – Joaquim Floriano de Araújo Cintra, natural de Atibaia, onde foi batizado em 1813, filho do alferes Jacinto José de Araújo Cintra e irmão do primeiro deputado provincial de Atibaia, Jacinto José Ferraz de Araújo (Cintra), toma posse como deputado provincial atibaiano, sendo reeleito no biênio seguinte (1848/49). Joaquim Floriano de Araújo Cintra advogou por muitos anos no Rio Grande do Sul e residia em Itapira/SP. No mesmo ano, seu outro irmão, Florêncio de Araújo Cintra, também natural de Atibaia, onde foi batizado em 1897, tornou-se suplente de deputado provincial, tendo assumido como deputado provincial.

1850 – Ingressa na Assembleia Provincial do Estado, o dr. Antônio Gonçalves Barbosa da Cunha, filiado ao partido Conservador. Foi deputado em 50/51, 52/53, 54/55, 56/57, 60/61 e 62 a 63, portanto, por seis mandatos. Foi também o único atibaiano eleito deputado à Assembleia Geral (hoje Câmara Federal), na qual se destacou por seus dotes oratórios e erudição. Faleceu na capital federal (Rio de Janeiro) em 1869.

– Atibaia passou a fazer parte do termo de Bragança Paulista.

1850 – 31 de julho –Atibaia sofre sua segunda redução de território original com a criação da Vila de Nazaré, Freguesia de Atibaia é elevada à categoria de Vila através da Lei Provincial n° 404. Do território original de Nazaré vão nascer duas outras cidades: Santo Antônio da Cachoeira (Piracaia) e Bom Jesus da Cana Verde (Bom Jesus dos Perdões) que ficaram, portanto, fazendo parte da nova Vila de Nazaré no desmembramento. Piracaia foi elevada à Vila em 24 de março de 1859 e Bom Jesus em 18 de fevereiro de 1959. Os três municípios (Nazaré, Piracaia e Bom Jesus) fizeram parte do território original da Vila de Atibaia de 1770 até 1850, portanto, por 80 anos.

1850 – 6 de outubro – Morre em Atibaia o presidente da câmara Manoel Jorge, com apenas 52 anos.

1851 – 8 de janeiro – A cabeça do termo é transferida para Bragança Paulista .

14 de julho – Criação da primeira escola pública feminina em Atibaia.

1852 – Atibaia foi reunida à Comarca de Campinas.

1853 – Início da vida pública de José Alvim de Campos Bueno, como suplente de fiscal, um dos mais destacados e prestigiados políticos atibaianos do século passado. Ocupou quase todos os cargos da administração pública na cidade. Sua descendência deteve o domínio político da cidade entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

1856 – Atibaia volta a ser cabeça de termo, sendo nomeados para os cargos de juiz municipal e seus suplentes:

capitão-mor Lucas de Siqueira Franco, José Ferraz de Siqueira Cintra, José da Silveira Campos, "José Lucas", e José Felix Cintra e para o cargo de delegado de polícia o senhor Salvador Ribeiro de Toledo Santos.

1857 – Eleição de Evaristo de Araújo Cintra como mais um atibaiano a ocupar assento na assembleia provincial de São Paulo, como suplente de deputado para o biênio 58/59 pelo Partido Liberal, tendo assumido como deputado.

1858 – Formação de um movimento popular, chefiado pelo vereador José Lucas, visando o início de uma grande reforma na Igreja Matriz, então em ruínas. Foi executada por escravizados que formaram uma fileira de 1 quilômetro, da olaria do moinho até a matriz e, de mão em mão foram jogando os tijolos e as telhas até o término da obra. E assim a igreja, outrora de dois corpos, nave principal e capela-mor, passou a ter o formato da atual. Neste mesmo ano, um grupo de atibaianos, também chefiados por José Lucas, reorganizam a irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e começaram uma reforma da Igreja. Faziam parte da comissão que reorganizou a Irmandade e a reforma: José Lucas, Salvador Ribeiro de Toledo Santos, Francisco Soares Muniz, Manoel Jacinto Peçanha, Francisco de Sales, Albino José Barbosa, Tomás Gonçalves Barbosa Cunha, Luiz Joaquim Lodovico, Furtunato Manoel Rodrigues, José Pires Cardoso, Francisco José Teixeira, Antônio Pereira de Andrade, Jacinto Manoel Leite, Benedito Rodrigues Cardoso e João Francisco de Araújo Cintra; era capelão do Rosário o padre João Mariano do Prado. Esta comissão atuou até o ano de 1870.

1859 – Atibaia é incorporada novamente à Comarca de Bragança, tendo obtido no ano anterior um juiz togado e a reintegração de Nazaré e Santo Antônio da Cachoeira como parte do seu termo (comarca).

1861 – 15 de outubro – Eleição de mais um atibaiano deputado provincial, o advogado Manoel Jacinto de Araújo Ferraz, pelo Partido Liberal de Atibaia. Nascido em Atibaia em 1834, era o filho mais novo do cel. Manoel Jorge Ferraz, de quem, juntamente com seu irmão Lucas de Siqueira Franco Neto, herdou a chefia do Partido Liberal na cidade. Também foi por muitos anos vereador e Presidente da Câmara, vindo a falecer em Atibaia em 15 de março de 1901.

1862 – Toma posse como deputado provincial para o biênio 62/63, sendo reeleito em 1864/65, Manoel Jacinto de Araújo Ferraz. Seu pai, Manoel Jorge Ferraz, era irmão do primeiro deputado provincial de Atibaia. Outro atibaiano de nascimento fez parte da Assembleia Provincial em 1862/63: Dr. Evaristo de Araújo Cintra, também pelo Partido Liberal, residente em Mogi-Mirim, por onde se elegeu; era filho de Francisco Lourenço de Araújo Cintra, irmão do cel. Manoel Jorge Ferraz, portanto, a Assembleia Provincial naquele biênio teve a participação de dois atibaianos, que eram primos.

1864 – 22 de abril – Pelo decreto do Governo Provincial nº 26, Atibaia é elevada à categoria de cidade.

18 de agosto – Realizam-se na Igreja Matriz as eleições para vereadores e juízes de paz dentro de um clima de muita rivalidade entre os membros do Partido Conservador (oposição) e os do partido Liberal (quase sempre no poder).

18 de setembro – Em sessão extraordinária, a câmara municipal faz a instalação da cidade: "Está inaugurada a cidade de São João Batista de Atibaia".

1865 – Conclusão da segunda grande reforma na igreja matriz, sob o comando do Presidente da Câmara José da Silveira Campos, o "José Lucas", um dos filhos do último capitão-mor Lucas de Siqueira Franco. As comemorações foram intensas durante a semana santa daquele ano. Dada desta reforma a inclusão de sua torre.

24 de maio – Criação do primeiro colégio de meninas, dirigido por Madame Arpenans, no qual se ministrava o ensino de português, francês, música, desenho, prendas domésticas etc.

1866 – 3 de abril – Morre o grande líder e último capitão-mor Lucas de Siqueira Franco aos 96 anos, com cerca de 400 descendentes à época, segundo o genealogista Silva Leme. Lucas de Siqueira Franco foi batizado em Atibaia em 1773 com o mesmo nome de seu avô paterno, que fora o primeiro capitão-mor de Atibaia e o mais importante patriarca do clã Siqueira Franco. Casou-se em 1794 em Atibaia com Ana Gabriela Campos e Vasconcellos, filho do mais sério adversário político de seu ilustre avô, Frutuoso Furquim de Campos, cujo nome está ligado à história de Atibaia, na segunda metade do século XVIII. Em 1821 foi solenemente empossado capitão-mor, cargo que exerceu até 1828, ano da reforma no sistema administrativo do Império, que extinguiu as funções dos capitães-mores, porém conservou-lhes o título. Continuou interferindo na vida política da cidade até seu falecimento. Concorreu sempre aos cargos eletivos, sendo sempre o mais votado ou um dos mais votados. Foi o primeiro presidente da câmara municipal de 1829 a 1832 e, segundo Waldomiro Franco da Silveira, renunciou logo em seguida. Tomou parte da revolução Liberal de 1842 juntamente com seus filhos, genros, primos e netos; foi também líder do partido Liberal de Atibaia.

1868 – Eleitos para a assembleia provincial para o mandato de 1868 e 1869 dois atibaianos: dr. Antônio Francisco de Araújo Cintra, representando a cidade de Amparo, nascido em 1835, era filho do tenente-coronel Francisco Lourenço de Araújo Cintra, este irmão de Manoel Jorge Ferraz e de Jacinto José de Ferraz de Araújo (Cintra), primeiro deputado provincial por Atibaia. Foi representante de Mogi-Mirim na célebre convenção de Itu. Tornou-se também senador estadual de 1894 a 1896 e Manoel Furquim de Campos, filho de José Lucas.

1879 – 11 de setembro – Morre na cidade mineira de Baependi o presidente da câmara José da Silveira Campos, "José Lucas"

1871 – 8 de novembro – No largo Alegre, hoje praça Bento Paes, o juiz municipal Antônio Bento sofre um atentado acirrando ainda mais os ânimos políticos da cidade, decorrentes das disputas entre os Liberais, situação, e os Conservadores, oposição.

1872 – É inaugurado o primeiro prédio do mercado municipal pelo então juiz municipal, Antônio Bento de Souza e Castro, ilustre abolicionista paulista. O prédio do mercado municipal já passou por várias reformas desde sua fundação.

18 de novembro – Realiza-se na Igreja Matriz a eleição municipal para vereadores e juízes de paz, havendo grande conflito entre os conservadores, que alegaram fraudes nas eleições mais uma vez vencida pelo liberais. Durante muito tempo se intensificou na cidade a separação entre os liberais e os conservadores, mesmo havendo laços familiares entre os dois grupos. Os conservadores cercaram o casarão onde se reuniam os liberais: Lucas de Siqueira Franco Neto, presidente da câmara municipal, dr. Manoel Jacinto de Araújo Feraz, primeiro juiz de paz e presidente da mesa paroquial, capitão Salvador Ribeiro de Toledo Santos, terceiro juiz de paz, José Alvim de Campos Bueno, Alferes João Francisco Bueno de Aguiar, Luiz Ezequiel, da câmara, e Vicente A. de Carvalho.

1873 – Fixa residência em Atibaia o advogado contratado pelo Partido Liberal, Olímpio da Paixão.

18 de abril – A célebre Convenção Republicana de Itu teve a participação de três atibaianos, liberais, representantes de outras vilas: cap. Landislau Antônio de Araújo Cintra e dr. Antônio Francisco de Araújo Cintra, representantes de Mogi-Mirim, e Tristão da Silveira Campos, representante de Amparo. Há anotações de que o

cap. Landislau Antônio de Araújo Cinta também representou a cidade de Atibaia.

21 de abril – Bom Jesus dos Perdões é elevada à Freguesia de Nazaré Paulista.

23 de junho – Na casa de Eleutério de Araújo Cintra, em reunião presidida por José Inácio da Silveira, os maçons e republicanos de Atibaia elegeram como representantes de Atibaia para o congresso republicano provincial, como deputado, o recém-chegado advogado Olímpio da Paixão, e como seu suplente, o Padre João Mariano do Prado.

1877 – Muda-se de Atibaia para Itapira (SP), então município de Amparo, o dr. Lucas de Siqueira Franco Neto, penúltimo filho do cel. Manoel Jorge Ferraz, nascido em Atibaia em 1832. Foi, durante cerca de 20 anos, chefe do Partido Liberal em Atibaia e Presidente da Câmara de 1871 a 1876, tendo ocupado várias vezes por longo período a Presidência da Câmara no período de 1865 a 1870 por ser o segundo vereador mais votado em substituição ao seu tio, o então Presidente José Lucas. Faleceu em sua fazenda Engenho das Palmeiras, "Engenho Velho", Itapira, em 1910. Essa fazenda histórica, de mais de duzentos anos, foi fundada pelo atibaiano alferes Jacinto José de Araújo Cintra e passada para seu filho cel. Manoel Jorge Ferraz. Quando da morte de Gertrudes da Silveira Campos, prima e viúva do cel. Manoel Jorge Ferraz, a qual era filha do último capitão-mor de Atibaia, Lucas de Siqueira Franco, decidira-se que Manoel Jacinto de Araújo Ferraz ficaria com os bens de Atibaia e Lucas Neto, com a fazenda em Itapira, pois este estava muito desgostoso com o rumo revanchista da política local.

1877 – Atibaia perdeu Santo Antônio da Cachoeira, que passou para a Comarca de Bragança.

1878 – Os moradores do pequeno bairro de Curralinho da Vila de Santo Antônio da Cachoeira (Piracaia) realizaram uma festa em louvor a São João Batista e resolveram erigir uma igreja iniciada em 1881 e inaugurada em 1916, dando origem ao atual município de Joanópolis, sendo considerado seu fundador o senhor Anselmo Gonçalves Caparica. Acreditamos que o povoado que deu origem à cidade de Joanópolis deva ter surgido entre 1850 a 1860, aproximadamente, embora já exista notícia da região em 1749.

22 de dezembro – Início dos trabalhos do ramal da estrada de ferro Bragantina.

1880– A então Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos se emancipa de São Paulo. Hoje cidade de Guarulhos.

22 de abril – Atibaia foi transformada pela primeira vez à categoria de Sede de Comarca pela lei nº 97, com os termos reunidos de Atibaia e Santo Antônio da Cachoeira, constituindo a 46ª Comarca da Província.

1883 – Primeiras denominações oficiais das ruas da cidade.

Profundas modificações foram introduzidas no sistema eleitoral com a promulgação da célebre Lei Saraiva.

1883 a 1886 – Neste quadriênio, a Câmara Municipal era composta de cinco vereadores liberais: José Ignácio da Silveira, Presidente, Antônio Gabriel do Amaral, Francisco José da Silveira Pinto, Miguel Pereira da Silva e Belizário Francisco de Camargo, e quatro conservadores: Pedro Cunha, Pedro Alexandrino Leite (meu tetravô), Lourenço Franco da Silveira e Olímpio da Paixão, que embora republicano e advogado do partido liberal, na câmara atuava ora como independente, ora ao lado dos conservadores. Os liberais, embora maioria, não conseguiram neste quadriênio manter o domínio político do município, que com exceção aos raros e curtos períodos de domínio conservador, era sempre dominado por eles. Isto se devia entre vários outros fatores pela atuação de Belizário de Camargo que, mesmo liberal, tinha atuação independente e não raro apoiava as indicações provindas dos conservadores. Os partidários do partido Liberal voltaram ao domínio político do município após a vitória nas

eleições da primeira câmara do novo regime (1892), todavia não mais como liberais, mas como membros do PRP (Partido Republicano Paulista). Neste mandato, se iniciou uma série de melhoramentos em Atibaia, como o primeiro abaulamento das ruas, construção de sarjetas, iluminação pública e a organização do primeiro código de posturas da cidade

1884 – 6 de agosto – Inauguração do ramal Férreo Bragantino em Atibaia, concluído pelo bragantino Luiz Gonzaga da Silva Leme, autor da Genealogia Paulistana. Há registros de que a inauguração ocorreu em 4 de maio de 1884.

Novembro – O Conde D'Eu passa por Atibaia (estação Caetetuba) numa viagem com destino a Bragança Paulista.

1885 – Construção do primeiro coreto da cidade, na praça da matriz.

1886 – 15 de abril – O advogado Olímpio da Paixão e outros vereadores neorrepublicanos batem-se duramente em sessão da Câmara Municipal pela libertação dos escravizados.

12 de novembro – Em viagem a Bragança, o Imperador D. Pedro II e sua esposa são recebidos às 9 horas e 30 minutos com festa na estação de trens da cidade (Caetetuba), na qual se encontravam autoridades, banda de música e muitos populares.

1889 – 21 de novembro – Reúne-se a Câmara Municipal, de maioria Liberal, para aderir à recém-proclamada República, com passeata pela cidade, promovida por Olímpio da Paixão. Chefiava o Partido Liberal José Alvim de Campos Bueno, e o Partido Conservador, Lourenço Franco da Silveira.

5 de dezembro – Enviada ao governador da província, dr. Prudente de Moraes, uma moção de solidariedade ao novo regime, assinada por vários atibaianos republicanos, encabeçada por Olímpio da Paixão.

8 de dezembro – Três dias após a manifestação dos republicanos em favor do novo regime, Lourenço Franco da Silveira, chefe do partido Conservador, também faz um manifesto de apoio ao novo regime, que vem endossado por muitos cidadãos.

28 de dezembro – Reúnem-se na casa de Lourenço Franco da Silveira inúmeros cidadãos para fundar o Centro Republicano Federal de Atibaia, agremiação que reunia os adesistas ao novo regime, promovida pelos republicanos e membros do antigo partido Conservador, na expectativa de galgarem o poder. Sob a presidência de Olímpio da Paixão foram eleitos seis membros para formar a comissão executiva: João Ribeiro, 54 votos, Lourenço Franco da Silveira, 54 votos, José Gonçalves de Oliveira Cunha, 50 votos, Olímpio da Paixão, 42 votos, Guilherme Gonçalves da Cunha, 36 votos e Miguel Vairo, 32 votos.

1890 – 21 de janeiro – Dissolução da Câmara Municipal através de decreto governamental e nomeação do Conselho de Intendência, que além do órgão Legislativo Municipal tornou-se responsável pela vida político-administrativa da cidade, até sua extinção em 29 de setembro de 1892. Faziam parte do Conselho: Olímpio da Paixão, Presidente, José Gonçalves de Oliveira Cunha, vice-presidente, Miguel Vairo, Benedito Franco da Silveira e José Antônio Castro Fafe, portanto, o Conselho de Intendência foi formado inicialmente pelos autênticos republicanos e pelos antigos membros do partido Conservador. Também fizeram parte do Conselho de Intendência através de outras nomeações e em substituição aos já citados os seguintes membros: Salvador Teixeira do Nascimento, Pedro Soares de Moura, Antônio Soares do Amaral, João Maria de Oliveira Saldanha, Honorato José de Oliveira Simas, Antônio de Aguiar Peçanha, Joaquim Francisco da Silveira Leite, Juvenal Alvim, Benedito de Almeida Bueno. Com a extinção do Conselho de Intendência é eleita nova Câmara Municipal.

26 de janeiro – Ante a movimentação de adesões do partido Conservador, que assumia a direção política do município, o chefe do partido Liberal, José Alvim de Campos Bueno, adere ao Partido Republicano e constitui o diretório municipal formado pelos cidadãos: capitão José Alvim de Campos Bueno, capitão João Pires de Camargo, Porfírio Bueno de Aguiar, Antônio Faustino da Silveira, tenente José Ignácio da Silveira, Tomé da Silveira Franco e Flórido José Batista.

5 de agosto – Circulação da primeira edição do primeiro jornal da cidade, "O Itapetinga", que tinha como redator literário o dr. Afonso José de Carvalho e redator político, o dr. Olímpio da Paixão; circulou durante dois anos.

13 de novembro – Promulgação da lei nº 16, que tratava da organização dos municípios do Estado de São Paulo, com parte das reformas político-administrativas necessárias após a proclamação da República. A lei determinava que o município seria governado pelo seu Legislativo (Câmara Municipal), que elegeria anualmente, entre seus pares, um executor administrativo que receberia o nome de Intendente Municipal.

1891 – 13 de março – O povoado de São João do Curralinho foi elevado a Distrito de Paz do município de Santo Antônio da Cachoeira, hoje Piracaia.

1892 – 29 de novembro – Toma posse o primeiro Intendente Municipal eleito pela Câmara "José Bim", ligado ao antigo partido liberal.

1895 – 11 de novembro – Inauguração do sistema de água encanada, com a abertura da torneira do primeiro chafariz pelo presidente da Câmara.

1897 – 1 de agosto – Fundação do Clube recreativo atibaiano, liderado pelo dr. Carlos Samuel de Araújo e tendo o juiz de direito da comarca.

1900 – Abril – Abertura do cemitério municipal São João Batista em substituição ao cemitério da fábrica que se localizava no quarteirão onde hoje encontra-se o grupo escolar "José Alvim".

SÉCULO XX

1901 – 17 de fevereiro – Publicação da primeira edição do quase centenário jornal "O Atibaiense", de propriedade de José Antônio da Silveira Maia.

24 de novembro – Inauguração da rede telefônica; o primeiro telefone era propriedade de José Antônio da Silveira Maia, que ligava a cidade à estação de Caetetuba.

1902 – 4 de abril – Morre o tenente-coronel José Alvim, "Nhô Bim. Foi o último chefe político do Partido Liberal, que passou a se chamar, no regime republicano, Partido Republicano Paulista, PRP. Foi suplente de vereador em 1860, assumindo em 1862, e eleito em 1864 e 1868. Foi substituído no comando político por seus filhos José Bim e major Juvenal Alvim.

1903 – 5 de julho – Primeira projeção no cinema da cidade.

1905 – 17 de junho – Inaugurado o Grupo Escolar, cujas obras se iniciaram em 1º de maio de 1903 e que em 15 de março de 1906, por ato do Presidente do Estado, dr. Jorge Tibiriça, recebe o nome de "José Alvim".

20 de dezembro – Pela lei estadual nº 975, São João Batista de Atibaia passa a se chamar somente Atibaia.

1906 – 14 de janeiro – Fundação da Società Italiana di Mutuo Socorro, tendo como primeiro presidente Francesco Pierotti.

7 de novembro – Promulgação, pelo intendente Leopoldo Soares do Amaral, da lei municipal nº 100, que institui o ensino obrigatório no município de Atibaia, uma das primeiras leis neste sentido no Brasil.

19 de dezembro – Promulgação da lei nº 1.038, reformulando a organização municipal. Entre outras mudanças, desvinculou o poder legislativo da administração municipal, que seria exercida pelo prefeito, agora eleito pelo povo.

1907 – Instalação do serviço de luz elétrica no Município.

1908 – A Igreja da Matriz recebe a nova imagem de São João Batista, doada pelo coronel João Pires de Camargo.

15 de janeiro – Toma posse o primeiro prefeito eleito, foi o médico e imigrante Italiano Miguel Vairo.

1909 – 27 de fevereiro – Inauguração da fábrica de tecidos da Cia. Têxtil São João fundada por Major Juvenal Alvim, Francisco Pires de Camargo, Olegário Barreto, Benedito de Almeida Bueno e Francisco de Aguiar Peçanha e outros.

1911 – 26 de março – Atibaia recebe a visita do artista plástico paulista Benedito Calixto, autor do óleo com a vista panorâmica da cidade, cujo original encontra-se hoje no Clube Recreativo Atibaiano, e da famosa tela a óleo que retrata o batismo de Jesus Cristo por João Batista, que se encontra no altar-mor da igreja matriz desde 7 de maio de 1911.

2 de julho – Início de outra grande reforma na igreja matriz com término em 1918. Esta reforma foi realizada com a finalidade de abrir os arcos existentes, aumentando o espaço interno da igreja, removendo-se ainda o assoalho e colocando-se o piso de ladrilhos. Outras reformas deram sequência à descaracterização da Igreja nos anos de 1940, 1960 a 1965 e 1990.

1912 – 9 de maio – Morre em São Paulo Olímpio da Paixão.

8 de dezembro – Instalação de rede de esgoto através da reforma da rede de água na cidade.

1913 – 27 de julho – Morre o tenente-coronel José Francisco de Campos Bueno, "José Bim". Foi herdeiro político de seu pai, José Alvim, último chefe do Partido Liberal e primeiro do Partido Republicano Paulista, PRP. Foi chefe do PRP, vereador, presidente da câmara e o primeiro intendente municipal. Foi substituído na chefia política por seu irmão, Major Juvenal Alvim.

1914 – A torre da Igreja do Rosário é partida por um raio, iniciando-se então uma reforma concluída em 1916.

1 de fevereiro – Inauguração, com grandes festividades, da linha férrea de Caetetuba a Piracaia, seção da estrada de ferro São Paulo Railway, ramal bragantino, com a nova estação de Atibaia, no cruzamento da avenida São João com a antiga estrada de ferro, hoje avenida Jerônimo de Camargo.

8 de novembro – Inauguração da Santa Casa de Misericórdia, sendo seu primeiro provedor o major Juvenal Alvim.

1916 – 31 de maio – Benção solene da igreja do Rosário, totalmente reformada com uma nova torre no centro do frontispício, a qual foi demolida em 1953 para construção das atuais duas torres.

4 ou 11 de junho – Passa por Atibaia o pai da aviação Santos-Dumont.

30 de novembro – Bom Jesus dos Perdões é elevada à categoria de Distrito de Paz de Nazaré Paulista.

1918 – Alargamento das ruas transversais do centro da cidade.

1920 – Inauguração do Hotel Municipal, construído pela Câmara Municipal.

1921 – 1 de setembro – Divulgação do recenseamento federal, informando a população de Atibaia: 15.305 habitantes e 2.241 estrangeiros, enquanto o então distrito de Jarinu possuía 5.960 habitantes e 1.166 estrangeiros.

1923 – 14 de janeiro – De passagem em Bragança são recepcionados na estação de Caetetuba o presidente da província (hoje governador do Estado) Washington Luiz e sua comitiva em viagem visando a abertura de novas estradas na região.

1927 – Instalação do primeiro aparelho de rádio para a população, na casa Russumano, de Atílio Russumano, e inaugurada a estação de trem do bairro do Maracanã, desativada em 1967.

30 de outubro – Inauguração da estrada de rodagem ligando Atibaia a São Paulo, com presença do presidente do Estado, Júlio Prestes de Albuquerque, e de todo seu secretariado, iniciada em 1924. Dentro do perímetro urbano da cidade a antiga estrada de rodagem começaria no largo do Rosário e iria até a entrada do Shangrilá (SP 8, ou avenida Lucas Nogueira Garcez).

1928 – Empossado como deputado estadual atibaiano, para a legislatura de 1928/30, Zeferino Alves do Amaral, pelo PRP.

Dezembro – Inauguração do campo de aviação, atrás do cemitério São João Batista.

1929 – Instalação da Usina Elétrica e da casa paroquial.

1930 – Fundação da Vila São Vicente de Paulo, pelo pe. Francisco Rodrigues dos Santos e José de Aguiar Peçanha.

1930 – 1 de fevereiro – Fundação do São João Futebol Clube, hoje São João Tênis Clube.

1932 – A Revolução Constitucionalista teve participação de atibaianos, com a criação do Batalhão Jerônimo de Camargo com quatro baixas: Antônio Silveira, Dulcídio Camargo Gonçalves, José Silva e Bento Soares.

1933 – O atibaiano Joviano Alvim, filho do Major Alvim, torna-se suplente de deputado estadual pelo PSD.

1934– Existiam em Atibaia cerca de 1693 propriedades agrícolas, sendo seus proprietários na maioria imigrantes. Os principais produtos cultivados eram: batatas, cebolas, tomate, arroz, feijão, café e milho.

1934 – 21 de novembro – Fundação da Associação Atlética Cetebe, por Thomas dos Reis Cardoso de Almeida, que em 1965 passou a chamar-se Grêmio Esportivo Atibaiense.

1936 – 9 de fevereiro – Morre o major Juvenal Alvim, nascido em Atibaia em 1867; sucedeu seu irmão, José Bim, no comando político da cidade. Iniciou a vida pública como membro do Conselho de Intendência em 1892. Eleito vereador em 1898 e nas legislaturas subsequentes, e presidente de 1902 a 1913. Foi eleito pela Câmara o quinto intendente municipal.

1937 – Início do calçamento das ruas da cidade, sendo a primeira a rua José Lucas. Existiam em Atibaia: 59 casas de secos e molhados, 17 casas de tecidos e armarinhos, 15 lojas de calçados e chapéus, 27 botequins, 12 açougues e 10 padarias.

1938 – 1 de maio – Fundação do abrigo de menores, que posteriormente passou a chamar-se Lar Dona Mariquinha do Amaral.

1945 – 18 de abril – Atibaia é declarada Prefeitura Sanitária pelo decreto lei estadual nº 14.660 e Estância Hidromineral. Foi nomeado como primeiro prefeito sanitário o historiador, folclorista e ex-prefeito João Batista Conti.

14 de outubro – Retornando dos campos de guerra na Itália, os atibaianos integrantes da Força Expedicionária Brasileira são festivamente recebidos, numa apoteótica manifestação popular.

1946 – André Granja Carneiro, Cesar Memolo Jr., Dorciozor Lino e Helvécio Scapin fundaram uma biblioteca, que originou a biblioteca municipal Joviano Franco da Silveira.

13 de fevereiro – Atibaia é considerada Estância Hidromineral pelo decreto lei estadual nº 15.717.

26 de outubro – Início da campanha para o Ginásio Atibaiense, cuja aula inicial se deu em 9 de março de 1948 pelo Senador Lino de Matos. Hoje Escola Estadual "Major Alvim".

1947 – Com a importante ajuda de seu irmão José Pires Alvim, "Zezico Alvim", líder político na época, Joviano Alvim é eleito deputado estadual de Atibaia, pelo PSD, para legislatura de 1947/51. Os dois eram filhos do major Juvenal Alvim.

18 de maio – Fundação da Associação Rural de Atibaia.

1948 – 28 de outubro – Fundação da Associação Comercial e Industrial; Atílio Russumano foi o primeiro presidente.

24 de dezembro – Atibaia sofre a terceira e última redução de seu território, com a criação da cidade de Jarinu através da lei nº 233, a qual foi distrito de Atibaia com o nome de Campo Largo de Atibaia e antes parte do extenso bairro do Caioçara.

1949 – 11 de setembro – Inauguração da Maternidade dr. Paulo Pires de Camargo e do aparelho de raio x da Santa Casa.

1952– 13 de dezembro – Criação do Museu Municipal, pela Lei Municipal nº 239.

1953 – Atibaia conta com uma população em torno de 18 mil pessoas, sendo 7.300 residentes na zona urbana.

1954 – 21 de junho – Instituição do brasão de armas de Atibaia, pela lei municipal nº 282, de autoria de Enzo Silveira.

24 de junho – Inauguração dos novos prédios da câmara, fórum e prefeitura municipal (local onde até 2004 encontrava-se a sede dos três poderes, já que nesse ano fora inaugurado novo fórum, às margens da avenida Jerônimo de Camargo) pelo então governador prof. Lucas Nogueira Garcez. Também são inaugurados o museu municipal, que em 3 de março de 1961, através de lei municipal, passa a chamar Museu Municipal João Batista Conti e a primeira escola municipal de ensino básico, Florêncio Pires de Camargo, também na então praça dos três poderes, no centro da cidade.

26 de dezembro – Inauguração e bênção da igreja do Rosário, completamente reformada, com duas torres.

5 de novembro – Inauguração da Rádio Técnica Atibaia, fundada por Ciro da Rocha Lima.

1955 – Tombamento da casa da câmara e cadeia localizada na praça Bento Paes, hoje Museu Municipal João Batista Conti.

1956 – Primeira referência a uma plantação de morango no município pela imprensa, realizada pelo agricultor Keniti Nischiguti no bairro do Piquiri, fruta que viria ter uma enorme importância econômica e uma forte marca na cidade.

1957– 17 de setembro – Fundação do Sindicato do Comércio Varejista.

1958 – Início das obras de restauração da casa da câmara e cadeia, pela diretoria do IPHAN do Ministério da Educação e Cultura.

1958 – 14 de janeiro – A emenda na Constituição Estadual, nesta data, determinou eleições para prefeitos na capital e nas estâncias, voltando o cargo a denominar-se "prefeito" eleito o primeiro prefeito Marco Vinício

Chiocchetti (58/62), seguido por Geraldo Cunha Barros (62/64) e Antônio Júlio de Garcia Lopes (66/70). Após o término do mandato do prefeito Antônio J. G. Lopes, os prefeitos voltaram a ser nomeados, em decorrência do regime militar até as eleições de 1979, ganhas por Takao Ono.

1959 – 1 de julho – Inauguração do trecho da rodovia Fernão Dias pelo então governador Carvalho Pinto e pelo presidente da República Juscelino Kubitschek, principal acesso à cidade de Atibaia.

1960 – Atibaia recebe, segundo estatística, cerca de mil turistas nos finais de semana, provenientes principalmente de São Paulo.

12 de junho – Atibaia recebe a visita do então governador do Estado, Carlos Alberto de Carvalho Pinto.

1964 – 4 de maio – Através de decreto legislativo, o prefeito Geraldo Cunha Barros, eleito em 1962, é impedido de exercer seu cargo e cassado pela Câmara juntamente com o vereador Pedro Tacco em 8 de junho, realizada com a presença de 7 dos 13 vereadores, portanto, sem quórum regimental. Geraldo Cunha Barros retornou ao cargo pela Justiça.

24 de junho – Inaugurada a nova rodoviária ainda em funcionamento.

30 de dezembro – Leitura da carta de renúncia do prefeito Geraldo Cunha Barros, em sessão especial na câmara municipal. A carta foi extorquida em Jundiaí (SP), para onde o prefeito fora sequestrado e torturado por militares, que o obrigaram a assinar sua renúncia. No mesmo dia, toma posse definitivamente no cargo de prefeito o então vice-prefeito e também ex-prefeito Sanitário Edmundo Zanoni, que exerceu o cargo até o seu falecimento em 3 de outubro de 1965 quando foi substituído pelo presidente da câmara Tito Lívio Garini, que completou o mandato.

1965 – 23 de março – Instituição da bandeira de Atibaia, pela lei municipal nº 837.

1966/67– Desativados o ramal férreo entre o Maracanã, Caetetuba e Piracaia, onde hoje é a avenida Jerônimo de Camargo (2 de junho), e o último matadouro municipal que ficava onde hoje se encontra a Assistência Social de Atibaia – ASA.

1970 a 1979 – Período em que os prefeitos municipais das estâncias foram nomeados pelo governador. Em Atibaia, foram nomeados: dr. Olavo Amorim Silveira (70 a 71), Omar Zigaib (71 a 75) e José Aparecido Ferreira Franco (75 a 79).

1970/71 – Inauguração do aeroporto Olavo Amorin Silveira (24/6/1971) e do Rádio Observatório de Itapetinga (Mackenzie).

1972 – 25 de novembro – Inauguração da rodovia D. Pedro I, SP-65, que liga o Vale do Paraíba (São José/Taubaté) à região de Campinas, passando por Atibaia, tornando-se uma importante via de acesso à cidade.

1975 – 17 de fevereiro – Tombamento da Casa de Júlia Ferraz (Casarão).

1979 – As estâncias voltam a eleger seus prefeitos municipais. O primeiro prefeito desta nova fase democrática foi Takao Ono (79 a 82), seguido por Gilberto Sant'anna (83 a 88), José Aparecido Ferreira Franco (89 a 92), Flávio Callegari (93 a 96), Pedro Maturana (97 a 2000), José Roberto Tricoli (2001/08), José Bernardo Denig (2009 a 2012) e Saulo Pedroso de Souza (2013/20).

1978 – 5 de agosto – Fechamento da Companhia Têxtil Atibaia, antiga Têxtil São João.

17 de novembro – Atibaia é transformada em Estância Turística pela lei nº 1844.

1982 – 15 de novembro – O partido de oposição ao regime militar (PMDB) ganha o governo de São Paulo com Montoro e o de Atibaia elege Gilberto Sant'anna como prefeito e mais nove dos quinze vereadores: Edson

Antônio Teixeira, José Luiz Teixeira, Carmine Biagi Tundisi, Odair Bedore, Rogério Ribeiro da Silva, Domingos Gerage, Douglas Murilo Patrocínio e Mário da Silva. Os seis vereadores do partido ligados ao regime militar (Arena, depois PDS, PPB, hoje PP) são: Pedro Maturana, Gaspar Camargo, Eurípedes Edson Ferreira da Silva, Pedro Tominaga, Kazuaki Araki e Maurício Aparecido Petrucci.

1983 – março – Fortes chuvas atingem a cidade e causam grandes problemas com as enchentes.

1985 – Com verbas do governo Estadual, a antiga linha férrea transformada na avenida Jerônimo de Camargo foi asfaltada, tornando-se uma das mais importantes avenidas da cidade, cortando vários bairros.

1986 – 8 de maio – Atibaia é novamente transformada em Estância Hidromineral pela lei 5.091.

1988 – 01 de março – Fortes chuvas causaram grandes prejuízos, inclusive a interrupção da avenida Carvalho Pinto por um ano.

1990 – Inauguração da duplicação da rodovia D. Pedro I, SP 65, importante acesso à cidade.

1990 – 4 de abril – Promulgação da nova Lei Orgânica do Município, elaborada pela Câmara Municipal, composta pelos seguintes vereadores: Eurípedes Edson Ferreira da Silva, Irineu Silveira, Kazuaki Araki, Pedro Maturana, Odair Bedore, Domingos Gerage, Antônio Godoy Maruca, Ercília Rossini Pugliesi, Francisco Antônio Rodrigues Almendra, Francisco da Chagas José Berto Freire, José Augusto Roberto, José Felício, Marcos Vinício Silveira, Nerino Soldeira, Oswaldo Mendes Sobrinho, Pedro Yoshihiro Tominaga e Vanderlei Sebastião Rocha.

1991 – Os distritos de Vargem e Tuiuti se emancipam da cidade de Bragança, cujo território até 1797 fazia parte da então Vila de São João Batista de Atibaia.

1996 – 3 de agosto – Inauguração da Usina de reciclagem e compostagem de resíduos sólidos na cidade, uma luta liderada pelo vereador Odair Bedore.

1997 – 5 de maio – Morre o vice-prefeito e ex-prefeito por duas vezes (9 de julho a 19 de maio de 1975 e de 1/01/89 a 31/12/1992) José Aparecido Ferreira Franco, "Cido Franco", nascido em 27 de outubro de 1923, em Piracaia-SP.

1998 – 3 de fevereiro – Atibaia é notícia em toda imprensa nacional, pela morte e sepultamento do cantor e compositor Sílvio Caldas, que vivia há mais de 40 anos na cidade e possuía o título de cidadão atibaiense.

1998– 4 de junho – A câmara municipal cassa o mandato do prefeito eleito em 1996, Pedro Maturana, por 13 votos a 4, após apurar infrações político-administrativas cometidas pela administração municipal. O prefeito retornou ao cargo através da Justiça 22 dias após sua cassação.

8 de julho – Pela segunda vez, a câmara municipal cassa o mandato do prefeito Pedro Maturana, por 13 votos a 2, após apurar outras infrações político-administrativas. Novamente, o prefeito retorna ao cargo através da Justiça após oito dias de seu afastamento. Nos dois períodos de afastamento, Pedro Maturana foi substituído pelo então presidente da câmara municipal Marcos Vinício Silveira, em razão do falecimento do vice-prefeito, ocorrido em 5 de maio de 1997.

1998 – 15 de dezembro – A câmara municipal, através de decreto legislativo nº 18 anula os atos praticados em 1964 que culminaram com a cassação do mandato do então prefeito Geraldo Cunha Barros, resultando num ato político inédito da história do legislativo atibaiano e brasileiro.

2003 – 28 de julho – Morre em Atibaia, onde vivia há muitos anos, o sambista Mário Souza Marques Filho, "Noite Ilustrada".

2004 – junho – Inaugurado o novo prédio do fórum de Atibaia com a presença do governador do Estado, Geraldo Alckmin e do presidente do Tribunal de Justiça do Estado.

2004 – 3 de outubro – José Roberto Tricoli torna-se o primeiro prefeito reeleito de Atibaia, elegendo também 8 entre 11 vereadores na Câmara que passou de 17 para 11 cadeiras, consolidando-se como a mais nova liderança política de Atibaia.

2005 – Finalizadas as obras de duplicação da rodovia federal Fernão Dias – BR 381, iniciadas em outubro de 1993, que ligam a grande Belo Horizonte à grande São Paulo, passando por Atibaia.

2005 – 5 de janeiro – O vereador reeleito para seu segundo mandato, Sebastião Batista Machado, "Tiãozinho da Farmácia", mineiro, renuncia ao mandato de vereador cinco dias após sua posse para assumir, na condição de primeiro suplente nas eleições de 2002, uma cadeira de deputado estadual eleito pelo PV. O último deputado eleito por Atibaia ou de Atibaia foi Joviano Alvim, em 1947.

2006 – 1 de outubro – Tiãozinho da Farmácia, apesar do esforço do grupo político liderado pelo prefeito Beto Tricoli, não consegue se reeleger deputado estadual, ficando na terceira suplência do PV, partido que deixou logo após as eleições, rompendo com o grupo liderado pelo prefeito Beto Tricoli.

2008 – 02 de agosto – Morre em Atibaia o então vereador, ex-presidente da câmara, vice-prefeito e prefeito Takao Ono.

2008 – 05 de outubro – As eleições municipais deram vitória ao grupo liderado pelo prefeito Beto Tricoli, que elegeu para sucedê-lo o então vereador no terceiro mandato José Bernardo Denig, contudo, a excelente votação do principal candidato oposicionista, Sérgio Mantovaninni, fez com que a cidade ficasse dividida eleitoralmente, opondo-se ao grupo situacionista liderado por Beto Tricoli com o grupo oposicionista representado por Sérgio Mantovaninni, que conseguiu unir a oposição na cidade, fato que não se viu nas eleições municipais de 2004.

2009 – 23 de outubro – O governador do Estado, José Serra, entrega em Atibaia 368 casas populares construídas pelo CDHU em parceria com a prefeitura.

2010 – 18 de junho – É inaugurado em Atibaia com a presença do governador do Estado, Alberto Goldman, um AME – Ambulatório Médico de Especialidades.

3 de outubro – José Roberto Tricoli elege-se deputado estadual com quase 43 mil votos, sendo 23 mil em Atibaia. Foi o décimo atibaiano eleito deputado estadual por Atibaia.

2011 – 8 e 10 de janeiro – As fortes chuvas alagaram pelo segundo ano consecutivo vários bairros da cidade e fizeram com que o governador do Estado, Geraldo Alckmin (dia 8), sobrevoasse as áreas alagadas e realizasse na prefeitura, uma reunião com autoridades locais para discutir soluções a fim de resolver o grave problema das enchentes.

3 de julho – Morre em Atibaia a primeira-dama do município, Rita de Cássia Gomes Denig, sendo sepultada em Bragança Paulista, sua terra natal.

29 ou 30 de dezembro – O ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva passa o Réveillon com sua família no sítio de sua propriedade no bairro do Portão, município de Atibaia.

2012 – 27 de abril a 1 de maio – Atibaia é sede do campeonato sul-americano de bandas e fanfarras, recebendo delegações do Uruguai, Colômbia e Venezuela.

10 de maio – O prefeito José Bernardo Denig anuncia que não concorrerá à reeleição nas eleições de outubro.

30 de maio – O Papa Bento XVI nomeou o primeiro bispo atibaiano, o padre Jeremias Antônio de Jesus, nascido no bairro do Portão em 27 de maio de 1966, de origem mineira e pároco de uma das paróquias de Atibaia, para a diocese de Guanhães/MG.

23 de junho – Inaugurados o UPA – Unidade de Pronto Atendimento e o SAMU, serviço de atendimento móvel de urgência no bairro Jardim da Cerejeiras.

27 de setembro – O vereador e candidato do DEM à prefeitura e favorito nas pesquisas de intenção de voto sofre atentado contra sua vida. Contudo, ainda durante a campanha descobriu-se que o atentado era falso e o candidato é condenado pelo fato.

5 de outubro – Na eleição mais concorrida da história recente de Atibaia, o candidato do PSD, Saulo Pedroso de Souza, até então considerado fora da disputa, é eleito com 30,99% dos votos válidos, seguido pelo professor Wanderley de Souza com 29,70% dos votos válidos, e em seguida pelo candidato da situação, do PV, Luiz Fernando Pugliesi com 28,77% dos votos válidos e do promotor Arthur com 10,54%, portanto, a diferença entre o eleito e o terceiro colocado foi de 1.500 votos aproximadamente.

2014 – 14 de maio – O prédio do fórum de Atibaia é interditado em razão de fortes indícios de falhas estruturais.

6 de outubro – O deputado estadual de Atibaia, Beto Tricoli, não consegue se reeleger e a cidade volta a ficar sem deputado na Assembleia Legislativa.

5 de setembro – O vice-presidente da República, Michel Temer, participou da abertura da Festa das Flores e Morango em Atibaia.

4 de novembro – Morre em Curitiba o atibaiano André Granja Carneiro, nascido em 09/05/1922. Carneiro foi poeta, escritor, cineasta e artista plástico brasileiro.

2015 – Entrega de 700 apartamentos populares no conjunto de prédios batizados de Jerônimo de Camargo.

2016 – janeiro – A partir deste mês, Atibaia passou a estar constantemente nos noticiários nacionais em virtude das possíveis irregularidades que envolvem a compra e a reforma do sítio frequentado pelo ex-presidente Lula no bairro do Portão.

2 de fevereiro – Por dois votos a um, o Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo afasta liminarmente o prefeito Saulo Pedroso de Souza por suposto pedido de propina do aluguel do prédio provisório do fórum da cidade. O prefeito Saulo foi absolvido nos processos referentes a essa denúncia.

21 de fevereiro – Três pessoas, pai, mãe e filha, morrem afogadas no córrego Piquiri, após fortes chuvas que atingiram a cidade e inundaram o bairro Jardim Brasil.

23 de fevereiro – O prefeito Saulo é oficialmente afastado do cargo.

15 de abril – Beto Tricoli, então secretário adjunto do Turismo do Estado é nomeado titular da pasta pelo governador, cargo que ocupou até o dia 1º de junho, quando pediu demissão.

6 de junho – Um fenômeno climático conhecido como microexploção atingiu e destruiu o bairro das Três Pistas, desabrigando várias famílias.

7 de julho – O prefeito Saulo Pedroso de Souza retorna ao cargo por decisão do STF, após 133 dias de afastamento.

2 de outubro – O prefeito Saulo Pedroso de Souza foi reeleito com cerca de 55% dos votos válidos e o grupo político liderado por Beto Trícoli amarga sua terceira derrota consecutiva (2012, 2014 e 2016).

2020 – 17 de março – O fórum de Atibaia volta para o prédio inaugurado em 2004 após grande reforma na sua estrutura. O poder judiciário da cidade ficou sediado entre 2015 até essa data na rua Napoleão Ferro, no bairro do Alvinópolis.

1º de abril – Morre em São Paulo o ex-vereador e ex-presidente da câmara Wagner Silva, sendo o primeiro morador da cidade vítima da pandemia de coronavírus.

5 de abril – Prefeitura de Atibaia anuncia intervenção na empresa que prestava o transporte público na cidade desde 2017.

29 de abril de 2020 - Fim da intervenção na empresa de transporte público na cidade pela prefeitura.

18 de junho de 2020 - Atibaia volta a ser noticiada em toda imprensa com a prisão de Fabrício Queiroz no sítio de um dos advogados da família do presidente da República, Jair Bolsonaro, no bairro Jardim dos Pinheiros.

FIM DA CRONOLOGIA HISTÓRICA DE ATIBAIA ATUALIZADA EM JULHO DE 2020

TÍTULO II

EVOLUÇÃO TERRITORIAL, ADMINISTRATIVA, POLÍTICA E RELIGIOSA

TERRITÓRIO ORIGINAL DA VILA DE ATIBAIA CRIADA EM 1770

Capítulo 1

Extensão, limites, orografia, geografia, hidrografia, flora, fauna e clima

Localizada na região serrana do Estado de São Paulo, a 65 quilômetros da capital, pela rodovia federal Fernão Dias (40 km em linha reta), mesma distância de Campinas e Guarulhos e 90 km de São José dos Campos. Dista apenas 68 km do aeroporto internacional de Cumbica (o mais importante aeroporto do Brasil), 75 km do aeroporto de Congonhas e 82 km do aeroporto de Viracopos, em Campinas, o maior terminal aéreo de cargas da América Latina.

Atibaia tem uma área de 478 quilômetros quadrados (até as décadas de 1980/90, era de 491 km²), dos quais aproximadamente metade (272 km² – 56,9%) corresponde à área rural e a outra metade, à área urbana (206 km² ou 43%).

Latitude S 23° 07 e Longitude WG 43° 37

Seu relevo caracteriza-se por um peneplano que ocupa cerca de 88% de sua área e apresenta altitudes entre 700 a 800 metros e por serras entre 1000 a 1450 metros de altitude (a rua José Lucas está entre 740/820 metros de altitude – nos parece que 744 metros de altitude). As serras, que abrangem 8% do seu território, têm como ponto mais alto a Pedra Grande, na serra do Itapetinga, com 1450 metros de altitude. Já as várzeas representam cerca de 4/5% do seu território.

Seu clima é considerado temperado seco, com temperatura média anual de 19 graus celsius, entre 9 ºC a 35 ºC graus, mas em meados de junho de 1979 chegou a 4 ºC negativos, segundo alguns relatos. Em 2016 a cidade teve 35,9 ºC de máxima, 2,7 ºC de mínima e 20,7 ºC de média, de acordo com a CIIAGRO. A umidade relativa do ar é de 80% em média. A cidade é drenada pela bacia do rio Atibaia, que é integrante do consórcio do rio Piracicaba.

Os principais acidentes geográficos são: o rio Atibaia, com 30 metros de largura em média, que atravessa o município no sentido leste-oeste e que, com o rio Jaguari, forma o rio Piracicaba.

Os principais afluentes do rio Atibaia são: na margem esquerda: Laranja Azeda, Itapetinga, Onofre, Folha

[12] Temperatura: Atibaia, 2016; Máxima, Mínima, Média 35,9 ºC, 2,7 ºC, 20,7 ºC. Fonte: http://ciiagro.sp.gov.br/ciiagroonline

Larga (antigo Pothy), Maracanã e Caetetuba; e na margem direita: Cachoeira, Amaraes, Lajeado e o rio da Pedras. As serras Itapetinga, os morros do Taguá, depois conhecido como Barreiro e mais recentemente chamado de morro do Saci, e o de Antônio Alves, no bairro da Usina, onde hoje é a fazenda Santa Cruz dos herdeiros de Cido Franco, dos Cunha, serra da Pedra Vermelha, com o morro dos Pintos (altitude máxima de 1200 metros) e a serra do Botujuru (altitude máxima de 1000 metros), Morro Grande, divisa com Bragança Paulista (altitude máxima de 1000 metros).

Atualmente, a cidade se limita ao SUL com os municípios de Mairiporã, separado pela serra da Pedra Vermelha e Franco da Rocha, separado pela serra de Botujuru e ribeirão Juqueri; ao NORTE com Bragança Paulista, separado pelo Morro Grande de Atibaia e ribeirão das Pedras; a LESTE com o município de Nazaré, separado pelo ribeirão Laranja Azeda e Morro dos Pintos e serra da Pedra Vermelha e com os municípios de Piracaia, separado pelo córrego do padre Abel e Morro Grande e Bom Jesus dos Perdões; e a OESTE com os municípios de Jarinu e Campo Limpo Paulista, separado pelo Morro Azul e ribeirão Jundiaí-Mirim.

Os limites iniciais da vila de São João Batista de Atibaia, após sua emancipação político-administrativa em 1770, eram muito extensas. Ao sul, atingia a Serra do Lopo, próximo ao sertão dos Cataguases, a leste englobava Nazaré Paulista, Piracaia e Joanópolis e a oeste limitava-se com o município de Jundiaí, afinal de contas, Jarinu até 1948 era um distrito de Atibaia.

A possível aldeia indígena existente no alto da colina de onde surgiu a cidade de Atibaia, ou caso essa aldeia nunca tenha existido, o aldeamento iniciado estrategicamente no marco zero da cidade foi evoluindo com o tempo e, em 1679, tornou-se capela curada, ou seja, passou a ter padre próprio, mas como não era uma paróquia, é muito possível que os registros entre 1679 a 1719 (os primeiros 40 anos com padre no povoamento) estejam na cúria metropolitana de São Paulo.

Lamento não ter conseguido ir à cúria para fazer essas pesquisas, mas fica o desafio para novos pesquisadores e historiadores analisarem esses possíveis primeiros registros religiosos da cidade.

Aproximadamente cem anos depois de começar a ser povoada (acredito que o início do povoamento se deu entre 1630 a 1650), Atibaia passou de povoado ou arraial – ou, na linguagem da igreja, capela curada – para freguesia, hoje bairro, em 1701, e para distrito de São João Batista de Atibaia no dia 13 de agosto de 1747.

Depois de 23 anos de se tornar bairro de São Paulo, cerca de cem anos do início oficial do povoamento e cerca de 140 anos após o início da exploração rural de suas terras, Atibaia finalmente consegue se emancipar da vila de São Paulo para ter vida própria e torna-se vila (município).

Através de portaria datada de 27 de junho de 1769, assinada pelo governador da capitania de São Paulo de 1765 a 1775, Morgado de Matheus, Atibaia é elevada à categoria de Vila e se desmembra da cidade de São Paulo.

O pelourinho, símbolo de emancipação política de uma cidade, na época representava autonomia legislativa, já que a cidade era governada por sua câmara, foi instalado com muitas festividades na então rua Consolação, hoje rua José Lucas com a rua José Bim, onde se encontra a casa paroquial da cidade, em cuja parede lateral há uma reprodução do pelourinho ali erguido em 5 de novembro de 1669.

Capítulo 2

Os primeiros bairros, suas origens, significado dos nomes e companhias de ordenanças

ORIGENS

Segundo o saudoso Renato Zanoni, que partiu sem ver sua obra ***Na Terra de Bandeiras e Tropeiros – Caminhos do Rio Atibaia*** publicada, a quem eu devo muito para elaborar esse capítulo, os bairros mais primitivos da época dos primeiros povoadores, entre 1635 a 1665, eram: Caioçara em 1638, Itapetinga e Caetetuba em 1639, Canedos em 1640 (Zanoni cita o bairro de Canedos como um dos primeiros, iniciados em 1640, contudo, não descobri qualquer documentação que confirme essa informação e na minha opinião o bairro é muito mais recente do que é citado pelo saudoso pesquisador; 1772/73, creio, mas em sua homenagem mantive aqui o bairro como sendo um dos primeiros) e Rio Acima em 1650. Para mim, os dois bairros mais antigos, sem qualquer sombra de dúvida, são o Caioçara e o Itapetinga.

Os bairros dos primeiros anos após o nascimento do povoamento (1664 a 1770) são Piqueri em 1667, Laranja Azeda em 1666, Tanque em 1680 e Mato Dentro em 1689.

Os bairros da época do surgimento da freguesia, ou seja, 1676, são: Ribeirão dos Porcos em 1701 ou 1713, Ponte em 1701, Ribeirão dos Porcos, 1701, Laranja Azeda em 1701, Marmeleiro em 1701, Rio Abaixo em 1701, Lagoa em 1701, Iara em 1731, Ressaca em 1731, Mato Dentro do Lajeado em 1746, Cachoeira do Mato Dentro em 1750, Jundiaizinho em 1770 e Cachoeira em 1772.

Bairros denominados depois da Instalação da vila: Brotas em 1800, Portão em 1800, João das Pitas em 1807, Laranjal em 1817, Campinha em 1817, Ponte Alta em 1817, Boa Vista em 1817, Campo dos Aleixos em 1818, Pinheirinhos em 1819, Boa Vista dos Gomes em 1820, Pintos em 1848, Água Espraida em 1850, Arrozoal em 1856, Maracanã em 1884 (estava inserido no Caioçara), São Roque em 1927 e Usina em 1928.

SIGNIFICADO DOS NOMES DOS BAIRROS E OUTRAS INFORMAÇÕES

• O bairro Caioçara é para mim o bairro mais antigo de Atibaia. Seu nome vem do tupi: de caá = mato e içara = erva, cera de matas, fecho de taquara, cercado de paus a pique para resguardo contra animais ferozes, um cercado no meio do mato. Em 1638, Garcia Rodrigues Velho e seu sogro Salvador Pires superaram a serra do Botujuru, que faz divisa entre Mairiporã, antiga Juqueri, com Atibaia, passaram pelo ribeirão Jundiaizinho

até, segundo Zanoni, encontrarem uma tribo de indígenas na cabeceira de uma bacia que eles chamavam Caete'tuba (ribeirão da Folha Larga) e ali construíram morada e formaram roças. Logo seguiram os indígenas até o rio de nome Ibiatybaia e a partir daí começaram a explorar e povoar as margens do rio Atibaia e suas colinas, tornando-se os primeiros povoadores e proprietários de Atibaia, até que em 1664/65 receberam seu primo, padre Matheus Nunes de Siqueira, o qual deu o último impulso para o surgimento do aldeamento ou arraial que foi o embrião do núcleo urbano da linda cidade de Atibaia. Em 1770, Frutuoso Furquim era um dos maiores fazendeiros da cidade e do bairro, com uma das maiores fortunas e números de escravizados. Já no ano de 1809, o capitão Jacinto Alves do Amaral era o maior fazendeiro do bairro, com enorme escravatura.

• O bairro Itapetinga tem seu nome ligado à serra de Itapexinga ou Itapetinga, do Tupi: Ita-pexinga = a laje lisa ou Ita - petinga = pedra branca. É o segundo mais antigo da cidade. Inês da Costa e Onofre Jorge Velho, "o moço", casaram-se em 1634. Eram, sem qualquer sombra de dúvida, partidários dos Pires, com quem tinham laços familiares. Onofre iniciou suas vindas para a região atibaiana, em especial, ao bairro Itapetinga. Onofre era primo segundo dos irmãos Rodrigues Velho e primo-irmão do padre Matheus Nunes de Siqueira e em 1639 peticiona uma sesmaria ao governador:

"... uma carta de data de terra de uma légua as terras..." que, segundo muitos historiadores, se tratava do bairro Itapetinga, tanto que o ribeirão do bairro passou a se chamar: ribeirão do Onofre. Em 1664 chegou à região de Atibaia o primo de Onofre, o padre Matheus Nunes de Siqueira, que deixou indígenas reunidos no sertão em terras da sua família, o que sempre esteve óbvio, mas que os pesquisadores e historiadores não enxergaram.

Ao que parece, oficialmente, a região do bairro Itapetinga apenas apareceu pela primeira vez no inventário de Marcelino de Camargo, chamado de O Patriarca de Atibaia, em 1676.

Em 1740, Francisco Pereira Pacheco, "o velho", natural de Atibaia, foi fazendeiro em Itapetinga, e seu filho, Francisco Pereira Pachego, "o moço", natural de Juqueri, foi vereador em Atibaia.

Em 1765, no primeiro grande censo de Atibaia, os moradores do bairro eram: Diogo Bueno de Camargo, João Dias Delgado, Valentim Pires, Pedro Pires das Neves, Nicolau Dias Preto, Inácio Paes do Prado, Luiz de Siqueira Franco, Leandro Lopes de Camargo, Manoel Nunes Viana, Manoel Bueno Gil, José Pires Leme, Manoel da Silva Pinto, Manoel de Matos Bueno, Antônio de Camargo Pires, Bartolomeu Bueno de Godoi, Maria Bueno da Rocha, Bernardo Corrêa de Moraes, José Pompeu de Almeida, João da Rocha Matos, Manoel Corrêa Bueno, José Barbosa Pires e José Delgado, o mais rico do bairro era Fernando de Camargo Pimentel com uma fortuna de 838$000. No ano de 1880, o capitão Jacinto Manoel Leite era um abastado fazendeiro, proprietário, entre outras propriedades, da fazenda Jataí.

A unidade de conservação – Parque municipal do Itapetinga – Grota Funda faz parte do bairro, bem como a reserva do Vuna.

Antigamente, próximo ao bairro dos Pintos existia uma localidade chamada de bairro dos Pereiras, atualmente esquecida. Contudo, o bairro ainda é, mas foi muito mais no passado, o bairro das famílias Prado, Leite, Pereira, Pereira Leite...

• O bairro de Canedos: no tempo da União Ibérica (1580/1640) chegou ao Brasil um espanhol de nome Miguel Canedo de Compostela que pediu terras pelos lados do sertão do Rio Atibaia e aí se estabeleceu após se casar com Ana Maria Soares, daí surgiu o nome de Canedos. O córrego que divide o bairro e os limites dos municípios de

Atibaia e Piracaia, chama-se córrego do padre Abel que era proprietário da fazenda Anjico, hoje de propriedade dos irmãos Teixeira, amigos pessoais do autor deste trabalho.

• O bairro da Boa Vista: há indícios de que o bairro também se chamou de bairro dos Cunhas. Duas fazendas se destacaram no bairro, a do capitão Antônio de Pádua Leite adquirida pela família Sanches, onde ainda existe uma bela casa de fazenda. Seu nome se deve à bela vista que se tem do bairro a cidade de Atibaia.

• O bairro da Cachoeira era denominado de Itaiopira, nome de cachoeira em Tupi. No censo de 1765 os principais fazendeiros do bairro eram: Pedro Domingos Pais, Francisco de Lima Bueno, o padre Salvador Cardoso de Oliveira (que teve um filho natural de nome Inácio Cardoso de Oliveira, meu hexavô), João Cardoso de Oliveira, João Bueno de Camargo, João Cubas, Antônio de Camargo Pimentel, Sebastião Alves de Oliveira Caetano Domingues Pais, Gonçalo Rodrigues da Cruz, e José de Godoi de Camargo e mais recentemente Dito Feitor, Claudino Alves e o coronel José Jacinto Leite A origem de seu nome faz menção ao rio Cachoeira, que corre ao sul do bairro.

• O bairro do Tanque tem sua origem na existência de um grande lago ou tanque que acabou dando nome ao bairro e depois ao açude que reservava água para abastecer o trem.

• O bairro do Mato Dentro no início do aldeamento ou arraial que resultou na cidade de Atibaia se referia às terras além do Rio Atibaia com o Mato Dentro, daí a origem do seu nome.

• O bairro da Ponte passou a se chamar Ponte exatamente pela razão de a ponte sobre o rio Atibaia até hoje existente no local. Em 21 de dezembro de 1929, a ponte caiu e foi reconstruída. Na entrada do bairro também havia uma cruz, que foi construída onde morreu o capitão Joaquim Antônio do Amaral Silva, hoje ela não existente mais.

• O bairro Cacheira do Mato Dentro está muito ligado com a fazenda dos Pessanha, os quais chegaram ao Brasil, vindo do porto de Salvador, por volta de 1750; um dos descendentes do tronco, é José Peçanha Falcão, que se casou com Maria Salomé do Amaral, e desde então foram proprietários da fazenda Santa Cruz, hoje sob o comando de Roberta Peçanha.

• O bairro São João das Pita: o nome decorre do santo padroeiro da capela e de uma vegetação muito encontrada no bairro, o caule da piteira mandacaru, grande cacto.

• O bairro de Caetetuba, segundo Renato Zanoni, foi fundado entre 1638 a 1640 pelo sertanista Francisco Rodrigues Velho, que fazia parte das famílias dos mais antigos povoadores. Percebam quanto tempo antes Atibaia estava explorada e povoada, antes da chegada dos Camargos. Os indígenas chamavam a região de Catetuva e depois Caetetuba. O bairro perdeu grande parte de seu território com o aparecimento dos bairros Usina e São Roque.

• O bairro da Usina ganhou esse nome por conta da criação da usina, inaugurada em 24 de dezembro de 1907, através da doação de uma grande área pela família Pires de Camargo.

• O bairro do Laranjal fazia parte do bairro Rio Abaixo que tinha uma grande extensão de terras. O nome evidentemente faz alusão ao lugar no qual se plantavam laranjas. Segundo Renato Zanoni, foi no bairro do Laranjal, antes Rio Abaixo, que Jerônimo de Camargo instalou sua fazenda. No censo de 1765 a possível grande fazenda de Jerônimo de Camargo estava dividida entre os seguintes proprietários: Francisco Ferreira de Camargo; Joaquim de Camargo Pimentel; Inês Franco de Camargo; Vitória de Camargo; Jerônimo de Camargo Pimentel, também chamado Jerônimo de Camargo; e Méssia Ferreira de Camargo, netos do capitão Marcelino de Camargo.

• O bairro Campo dos Aleixos parece derivar da família Aleixo de Algarve, em Portugal, que em dado momento adquiriu terras no local. Segundo Renato Zanoni, eram terras de Garcia Rodrigues Velho, um dos mais antigos

povoadores de Atibaia, ele afirma que entre 1638 a 1646, Garcia Rodrigues Velho abriu caminho para a freguesia de Nossa Senhora do Desterro do Campo Alegre de Jundiaí. Já eu creio que esta região pertencia aos irmãos Camargos e foram eles que abriram o caminho que ligava a já vila de Jundiaí ao aldeamento ou arraial de Atibaia. Renato Zanoni chega a transcrever o que encontrou no livro de Waldomiro Franco da Silveira sobre essa área:

"Pela carta retro vemos que Garcia Rodrigues Velho tinha, muito antes de 1646, uma roça no caminho de Jundiaí para o Rio Atibaia; pela localização da sesmaria pedida em conjunto, a primitiva roça ou sítio situar-se entre a atual povoação de Jarinu e o morro....". É muito possível que a fazenda de Garcia Rodrigues Velho dos irmãos Camargos.

• O bairro do Arrozal, evidentemente, faz alusão à área de plantio de arroz ou arrozal. Waldomiro Franco da Silveira crê estar a sesmaria no lugar chamado Morros, na minibacia do córrego do Morro de Antônio Alves que tem como afluente o córrego do Arrozal.

• O bairro da Ponte Alta entre 1701 a 1769 chama-se Caa'guassu, depois Cafundó e em seguida Ponte Alta. Muito provavelmente a fazenda originária de Jerônimo de Camargo se situava neste bairro, portanto, bem distante do núcleo urbano onde nasceu Atibaia.

• O bairro do Rio Abaixo, em relação ao núcleo urbano da freguesia de Atibaia, estava rio Abaixo. Dizia-se: vou ao rio abaixo. No censo de 1765, tinha os seguintes fazendeiros: Felix Correia de Siqueira; Francisco Ferreira de Camargo; Francisco de Camargo Pimentel; Catarina Bueno de Morais (250$000); Albano de Faria; João das Neves Garcia; Maria Leme do Prado; Jorge Rodrigues de Siqueira; Jorge Ferreira de Camargo; Baltazar de Godoi Moreira (200$00); Joaquim de Camargo Pimentel; Inês Franco de Camargo; Vitória de Camargo; João Pais Leme; Rafael Cardoso do Amaral (200$00); José de Godoi Moreira (500$000); Jerônimo de Camargo Pimentel (400$00); Mariana Corrêa de Moraes; Braz Cordeiro do Amaral; João Franco Bueno; Méssia Ferreira de Camargo, descendente de Marcelino de Camargo (300$00); João Franco do Prado; Crispim da Silva Franco; Catarina Rodrigues Garcia; Inácio Alves Cardoso (480$000 – maior fortuna do bairro); Francisco Xavier Garcia; Inácio de Moraes e Jorge Moreira Cesar. Rafael Cordeiro do Amaral, natural de Itu, casou-se em Atibaia com Ana Ribeiro Cardoso.

• O bairro Mato Dentro do Lajeado era assim chamado por ser o último rincão ao norte do município, coberto de matas, com um grande lajeado, no provável, maior relevo do bairro. Em 1638 e em 1646 os irmãos Rodrigues Velhos requereram e conseguiram terras que se imagina situavam-se no bairro do Mato Dentro do Lajeado.

• O bairro do São Roque, inicialmente, fazia parte do bairro de Caetetuba, seu nome decorre da capela em honra a São Roque. No ano de 1639, Francisco Nunes de Siqueira e Sebastião Bicudo de Oliveira pediram sesmarias em terras que seriam muito provavelmente em Caetetuba, na cabeceira da fazenda de Francisco Rodrigues Velho (esse um dos primeiros povoadores de Atibaia e primo segundo do padre Matheus Nunes de Siqueira). O bairro nasceu em 1927 com a construção da primeira capela nas terras doadas pelos irmãos Valentim, Carlos e Fernando Doratioto.

• O bairro dos Pires tem esse nome em homenagem aos principais moradores, ou seja, a tradicional família Pires. O bairro inicialmente pertencia ao bairro do Laranjal.

• O bairro de Jundiaizinho tem o nome do ribeirão de mesmo nome que em tupi quer dizer jundi'a mirim = bagre pequeno.

• O bairro do Iara tem o nome ligado ao tupi u'yara = mãe-d'água, famosa lenda do Amazonas. Segundo o critério dos fazendeiros mais antigos, a mãe-d'água é a nascente mais alta que alimenta um córrego ou ribeirão. O

bairro fazia parte do Caioçara. O sesmeiro Miguel Garcia Velho, um dos primeiros povoadores de Atibaia, instalou fazenda nas campinas em 1640, João Raposo Bocarro e Antônio Gil exploraram o lugar dos lagos em 1645. Segundo Zanoni: "O famoso sertanista [de comprovada origem judaica], Antônio Pedroso de Barros chegava ao sertão em 1650 e se instalou com fazenda de criação de burros nos lados do córrego do Quilombo, afluente do ribeirão Jundiaizinho. Dois anos depois Pedroso de Barros havia falecido [morto por Fernão de Camargo] e deixado grande fortuna em ouro, escravos e terras, nas proximidades das terras de posse de José Ribeiro".

• O bairro Maracanã vem do tupi Marakáná, designação para as pequenas araras ou maritacas. Maracanã também é uma homenagem ao ribeirão de mesmo nome. O bairro fazia parte do Caioçara. Garcia Rodrigues Velho e seu sogro Salvador Pires foram com toda certeza os primeiros povoadores do bairro e da própria cidade.

• O bairro Campininha faz referência a um campo externo e sem árvores, equivalente aos pampas gaúchos, estepe na Ásia. O bairro também fazia parte do Caioçara. Novamente, Miguel Garcia Velho (†1654) é o nome mais ligado aos primórdios deste bairro e da cidade.

• O bairro das Brotas homenageia a Nossa Senhora das Brotas. O bairro também fazia parte do Caioçara. Em 1638, Garcia Rodrigues Velho e seu sogro Salvador Pires ganharam sesmaria que abrangia essa localidade. Acredita-se que o núcleo urbano pelo qual surgiu e nasceu a cidade de Atibaia pertencia ao bairro do Caioçara e se essa tese na qual acredito for verdade, é mais uma prova de que a cidade nasceu nas terras das famílias Pires e Rodrigues Velho. Após o ano de 1800, o bairro Caioçara passou a ser mais conhecido como bairro das Brotas em virtude da capela ali construída.

• O bairro Rio Acima faz referência ao rio Jundiaí, que é uma palavra Tupi: jundia'i = bagre. O bairro Rio Acima também fazia parte do Caioçara. Em 1650 o sertanista Antônio Pedroso de Barros já tinha uma grande fazenda no bairro Rio Acima, próximo ao rio Juqueri. Em seu inventário, disse:

"Deixo terras em Guatibaia de que tenho cartas...tenho quinhentas braças no Cayossara que me vendeu meu cunhado Salvador Pires..." – Como, baseando-se em provas documentais, negar que os Pires, os Pedroso Barros, os Nunes de Siqueira, os Jorge Velhos e os Rodrigues Velhos foram os primeiros e principais povoadores de Atibaia? Impossível. Os Camargos estiveram em Atibaia? Sim, claro. Tiveram terras em Atibaia? Sim, claro. Deixaram descendentes em Atibaia? Sim, claro, mas daí a dizer sem qualquer prova documental que foram os fundadores de Atibaia é algo inconcebível diante de tantos fatos e provas que não os colocam nas primeiras cenas do nascimento de Atibaia.

• O bairro da Lagoa decorre da formação de diversas lagoas formadas no curso do ribeirão Jundiaizinho, depois da barra do córrego Canjica e nas terras da fazenda Palmeiras, que, aliás, vale muito a pena conhecer. O bairro também fazia parte do enorme Caioçara.

• O bairro Boa Vista dos Gomes tem esse nome em homenagem à família Gomes e em referência ao Alto da Boa Vista. O bairro também fazia parte do Caioçara. No ano de 1765 (ano do primeiro grande censo), as terras da sesmaria de Miguel Garcia Velho já estavam divididas e transformadas nos bairros da Campininha e do Alto da Boa Vista e por elas passavam os caminhos para a cidade de Jundiaí e para o então bairro de Belém, hoje município de Itatiba. Certamente, Jerônimo de Camargo e seu irmãos passaram muitas vezes por esses bairros e por esses caminhos, afinal, Jerônimo de Camargo pode ser considerado, sem sombra de dúvida, o principal povoador de Jundiaí, para onde ia desde 1653, liderando a famosa Marcha para Jundiaí.

• O bairro da Ressaca tem esse nome em razão do fluxo e refluxo das águas, várzea de ressacas, lugar que alaga no tempo das chuvas. Fazia parte do bairro da Boa Vista. A primeira referência ao bairro é de 1731, segundo Waldomiro Franco da Silveira, em sua obra, ***História de Atibaia***:

"Manuel Dias de Abreu conseguiu aquisição de terras de sesmaria no locas das ressacas, para os lados da estrada de Santo Antônio da Cachoeira, por estarem essas terras devolutas há mais de 30 anos..."

Alvinópolis surgiu do loteamento iniciado em 1916 pelo Major Alvim e pelo farmacêutico Armínio de Castro Ferraz e foi desenvolvido por Clóvis Soares, genro do Major Alvim.

• O bairro Ribeirão dos Porcos tem esse nome em razão do deságue de um ribeirão próximo a vários curros de porcos, já outros afirmam que o bairro tem esse nome porque os pastores vindos de Minas Gerais, conduzindo grandes varas de porcos, ali faziam pouso, onde os animais tomavam água. O bairro fazia parte das terras do norte do bairro do Itapetinga. Segundo Zanoni, em obra ainda não lançada, marcavam o início da fazenda do capitão Marcelino de Camargo e sua mulher Méssia Ferreira de Távora.

• O bairro do Piqueri tem esse nome em razão da palavra Piqueri, que em Tupi significa o rio dos piquiras, peixinhos miúdos, lambaris. O ribeirão do Piqueri também era conhecido como córrego da Figueira.

• O bairro do Portão tem esse nome em razão das porteiras e portões que foram instalados no caminho que atravessava o bairro. O bairro certamente pertencia ao bairro Itapetinga.

• O bairro Água Espraiada tem esse nome em razão de nos tempos de tropeiros existir uma passagem rasa no ribeirão, na qual se poderia passar a pé, onde o ribeirão se espalhava sobre pedregulhos. Os que por ali passavam se referiam ao lugar como "água espraiada". O bairro fazia parte do Itapetinga. No bairro há uma linda capela católica que vale uma visita.

• O bairro Laranja Azeda tem esse nome em referência aos pomares de laranja-brava ou amarga, antes porém chegou a ser chamado de Traz do Morro. Zanoni acredita que a fazenda do capitão Marcelino de Camargo poderia abranger o bairro da Laranja Azeda.

• O bairro de Guaxinduva tem um nome Tupi que significa: guaxis = tribo indígena. Pertencia ao bairro da Ressaca e nos tempos de ferrovia tinha uma estação.

• O bairro do Pinheirinho tem esse nome em virtude da grande quantidade de pinheiro-paraná ou araucária que se encontravam no bairro.

• O bairro do Rosário tem esse nome em homenagem ao orago da capela de Nossa Senhora do Rosário. O bairro pertenceu ao grande bairro do Itapetinga.

• O bairro do Marmeleiro tem esse nome em razão dos pomares de marmeleiros e da fabricação artesanal do doce de marmelo. Segundo Zanoni, o bairro estava abrangido pela fazenda de Jerônimo de Camargo, do que eu respeitosamente discordo. Integrava o bairro do Itapetinga e originalmente pertenceu a Onofre Jorge Velho, "o moço".

Em 1830, Antônio Eufrosino da Silveira, ou Totico das Pedras, possuía grande propriedade de campos abertos no bairro do marmeleiro, transmitidos à sua herdeira conhecida como Nhá Perfeita, sua filha com uma escrava. Tal fazenda atualmente seria o Beiral das Pedras, Vila Santista, Siriema e Jardim Pacaembu e o acesso se chamava Reta de Nhá Perfeita, hoje avenida Juca Peçanha.

• O bairro dos Pintos tinha esse nome em razão de muitos moradores e proprietários portarem o sobrenome Pinto. O bairro pertencia antes ao bairro Itapetinga. O principal nome do bairro seria o de Inácio de Paula Pinto,

filho de portugueses e natural de Monte Sião que adquiriu terras na bacia do ribeirão Tijuco Preto e do ribeirão do Onofre. Casou-se com Maria Pereira Leite, sobrenome carinhosamente chamado de Poli.

• O bairro do Alvinópolis tem esse nome em homenagem à família proprietária da terra que gerou o bairro, os Alvim, no caso, o major Alvim. O bairro inicialmente fazia parte do Itapetinga. Nos anos 1900, as terras que passaram a ser o bairro do Alvinópolis eram do dr. Miguel Vairo, depois do senhor Francisco Helena e depois do major Alvim, que resolveu loteá-las. Após o falecimento do major, seu genro Clóvis Soares ampliou e aperfeiçoou o loteamento.

A estrada que levava até a estação de Caetetuba, atual avenida Carvalho Pinto, tinha uma capelinha sob o orago de São Sebastião e quase na frente da capela, do outro lado da estrada, havia a vendinha de Caetano das Pedras, protegido do major Alvim. A referida capela ficaria onde hoje é o G Bar, na altura da rua Clóvis Soares, aproximadamente.

• O bairro Estância Lynce tem esse nome para indicar lugar de repouso, hotel de campo (Estância) e felino de visão aguda, cerval (Lynce).

Logo no início do bairro existia a chácara Registro, onde se fazia a fiscalização das tropas que passavam por ali. Havia um pé de mandacaru, registrado na aquarela pintada pelo embaixador britânico em viagem pela província, Sr. Henry Chamberlain. Décadas depois, em 1946, uma célebre foto com o mesmo ângulo da aquarela mostrava ainda o pé de mandacaru, na época chácara pertencente a Antônio De Carlo, mais conhecido como Antônio Pito, meu bisavô. Mais adiante, já na atual avenida Santana, morava Antônio Borghi, mais conhecido como Antônio Pipeiro, o primeiro a fabricar telhas francesas em Atibaia. Depois vinha a propriedade dos Propheta e a dos Matias.

Dedico este capítulo à memória do meu estimado amigo, Renato Zanoni, que foi amante e conhecedor da história de Atibaia, cuja obra utilizada por mim para desenvolver este capítulo desejamos que seja publicada o quanto antes e como presente a toda população da cidade.

Companhias de Ordenanças

Em 1817 o município estava dividido em cinco companhias de ordenanças:

Primeira Companhia abrangia os seguintes bairros: Alegre, Bussoroca, Campo, Campina, Guaembê, Patinho, Penha, Rincão, Sapezal, Taipas, os quais não sei onde ficavam, bem como os bairros Boa Vista, Caiossara, Caetetuba, Pitas, Rio Abaixo e Rosa.

Segunda Companhia abrangia os bairros do Rio Acima, Itapetinga (parte) e Chácara, que não sei onde fica.

Terceira Companhia abrangia o bairro de Campo Largo, hoje município de Jarinu.

Quarta Companhia abrangia os bairros de Atibaia Rio, Boa Vista, Bragança Estrada e Mato Dentro.

Quinta Companhia abrangia o bairro do Rio Abaixo.

Itapetinga (parte), Jundiaí, Lagoa, Laranja, Morro Grande, hoje em Bragança.

Capítulo 3

Evolução político-administrativa e religiosa[13]

• 1665 – Atibaia é fundada oficialmente (primeiro registro da cidade 03/07/1665).

• 1676 – Elevação de Atibaia à categoria de Freguesia[14] . A nomeação do primeiro capitão[15] de ordenanças do bairro de São João Batista de Guatibaia, para mim, é prova cabal da elevação de Atibaia à freguesia. Na lista de donatários reais da vila de São Paulo em 1679, Atibaia já constava como freguesia.

• 1679 – Passa a ser Capela Curada (ter padre próprio);

• 1719 – Criação da Paróquia São João Batista;

• 1743 – Elevada a Distrito de paz (13/08 – uma categoria entre bairro e cidade);

• 1761 – Primeira proposta para elevação de Atibaia à Vila;

• 1769/70 – Elevação à Vila de São João Batista de Atibaia– Instalação da 1ª Câmara (27/07);

• 1773 – Lucas de Siqueira Franco é nomeado 1° Sargento-mor;

• 1775 – Lucas de Siqueira Franco é nomeado 1° Capitão-mor;

• 1880 – Criação da Comarca de Atibaia (22/04);

• 1905 – São João de Atibaia passa a ser somente Atibaia (20/12);

• 1947 Atibaia passa a ser Estância Hidromineral (18/09 – Prefeitura Sanitária);

[13] Durante muito tempo, Estado e Igreja se confundiam.

[14] Segundo alguns autores, Atibaia passou a ser Freguesia (bairro) de São Paulo em 1701. Falta registro histórico sobre a elevação de capela curada à Freguesia, mas várias fontes afirmam que em 1701 essa elevação já teria acontecido. Para mim, não há dúvidas de que a elevação à freguesia se deu em 1676 com a nomeação do primeiro capitão do bairro.

[15] Francisco de Godoi Moreira, que era genro de João Pires, portanto, partidário dos mesmos.

Capítulo 4

Os primeiros largos (praças), ruas, casas, comércios, monumentos, coretos, chafarizes

Como toda cidade brasileira surgida nos séculos XVI a XX, Atibaia nasceu a partir de uma pequena capela que se tornou a igreja matriz. Como toda cidade paulista do século XVII e XVIII, Atibaia era pobre. Não havia água encanada, tratamento de esgoto, as construções eram precárias, os serviços públicos inexistentes, o comércio se limitava em uma ou duas casas de secos e molhados com pouquíssimos produtos à disposição, as ruas eram caminhos sujos, de matos, esgoto, dejetos, bichos, lama, etc... o calçamento da primeira rua de Atibaia, atual José Lucas, só veio em 1937, doado pela família Alvim por expressa vontade do major Alvim, morto no ano anterior, mas que em vida tinha adquirido todo o material para esse fim. A energia elétrica, em 1927, e a água encanada, em 1894. Estamos falando da mais antiga rua da cidade.

O mais antigo largo (praça) é o da matriz (praça Claudino Alves do Amaral), um século e meio depois surgiu o segundo largo, o do Rosário (praça Guilherme Gonçalves), depois vieram o largo do enforcado (Santa Casa – praça Miguel Vairo), Largo Alegre (Museu – praça Bento Paes), Largo da Misericórdia, depois Praça Princesa Isabel, e atualmente, praça Aprígio de Toledo ou, simplesmente, praça do mercado municipal. Durante muitas décadas a única rua da cidade era a José Lucas, depois vieram as ruas José Alvim, a de baixo, e a 13 de maio, a de cima, e suas travessas e becos.

Recentemente esse complexo do centro da cidade foi chamado de centro histórico, contudo, infelizmente, esse centro histórico pouco tem de histórico, exceto pelo que ele propriamente representa e pelas igrejas da matriz, do Rosário, do solar, da praça e do museu. Ainda restam neste centro histórico uma ou outra edificação antiga e ou com importância histórica, mas infelizmente nosso casario é muito pequeno, se comparado, por exemplo, a cidade de Amparo e, para piorar, permitiu-se construir dois edifícios em cada um dos largos que interferiram na beleza cênica do centro antigo da cidade.

De todo modo, conservamos a nossa igreja da matriz e do rosário, ambas de taipa de pilão, o prédio do museu, que foi casa da câmara e cadeia, e o provável imóvel residencial mais antigo da região, que é o solar coronel Manoel Jorge Ferraz, atualmente mais conhecido como casarão Júlia Ferraz, datado de 1776, e em precário estado de conservação.

Construções importantes, histórica e arquitetonicamente falando, como o hotel municipal e o Cine Teatro República, foram demolidas para serem praça e estacionamento, respectivamente. O calçamento nas ruas do centro de paralelepípedo é uma preciosidade e, ainda assim, foi coberto por asfalto. A rua José Lucas chegou a ser

asfaltada num passado próximo e felizmente as pedras reapareceram nas últimas reformas. Aliás, a praça da matriz já sofreu inúmeras modificações na metade do século XX e durante este nosso século. Põe estátua do major, tira estátua, põe fonte que molhava todo mundo, tira fonte, faz montes cobertos de gramas, tira montes, enfim, foram muitas intervenções realizadas na primeira e mais antiga praça da cidade.

Contudo, o hoje chamado centro histórico ainda é muito charmoso, mantém vivo os ares de pequena cidade do interior e isso é muito atraente para os moradores e turistas que procuram este oásis. É preciso uma política pública para incentivar no centro a instalação de comércios que possam valorizar e cultivar nossa rica história.

OS ANTIGOS CORETOS

Certamente o coreto mais antigo da cidade foi o coreto do largo da matriz, em frente à igreja, construído possivelmente na segunda metade do século XIX e reformado em 1909 e em 1911/12, inaugurado solenemente em 3 de fevereiro de 1912. Esse coreto foi tirado da matriz em 1936 quando se deu uma grande reforma na praça, considerada por muitos a mais marcante de todas. A referida reforma foi marcada pela colocação da estátua do Major Alvim no seu centro, a qual foi retirada, muito provavelmente no curto mandato de Tito Lívio Garini (dezembro de 1965 até março de 1966). Somente na década de 1970 voltou para a praça da matriz, desta vez ao lado do hotel municipal. Já a estátua do major foi colocada na praça Bento Paes (praça do Museu) na primeira gestão do Cido Franco (1975/79).

O hotel municipal que se situava na outra esquina do casarão, onde hoje é a extensão da praça da matriz, foi inaugurado no dia 17 de dezembro de 1922, após a demolição da casa colonial do largo da matriz. A prefeitura construiu o hotel que foi por ela também demolido em 1973/74, no seu lugar a praça da matriz foi ampliada e um novo coreto foi construído.

Antigo coreto da matriz
arquivo do museu municipal

Voltando ao coreto recém-recolocado na praça (2018), embora sem valor histórico como o anterior, reconheço que para os mais novos (os com menos de 50 anos) ele tinha uma importância sentimental, embora meramente afetiva e referencial de uma época recente, portanto, embora preferindo a praça da matriz sem ele, reconheço sua importância afetiva para muitos e concluo que sua recolocação foi acertada.

Quando estive na apresentação do projeto de revitalização do centro histórico, em agosto ou setembro de 2008, lembro-me de que estava prevista a colocação de um coreto móvel, semelhante ao retirado, ao que fui totalmente favorável, o qual ficaria no lugar original do primitivo coreto do início do século XX e que seria removível sempre que houvesse grandes eventos na praça. Eu faria mais e criaria o primeiro coreto sobre trilhos do Brasil, fazendo um coreto que correria sobre trilhos instalados abaixo do nível da praça, o qual mudaria de lugar dependendo da atividade realizada nela, contudo, o mesmo foi recolocado num local muito próximo do último e, de qualquer modo,

a decisão foi também acertada e atendeu ao desejo de muitos que queriam o coreto de volta à praça.

Entre os coretos do centro da cidade, vale lembrar que também existia um coreto na praça Miguel Vairo (da Santa Casa) e um coreto na praça Aprígio de Toledo (praça do Mercado) que recebeu o nome de Silvio Caldas, sem dúvida, o mais bonito coreto do centro da cidade.

A PRAÇA DA MATRIZ E SUAS REFORMAS

A penúltima obra de revitalização do chamado centro histórico (em torno da praça da matriz) iniciada pelo prefeito Beto Tricoli e concluída pelo prefeito Denig gerou muita polêmica e grande descontentamento, especialmente relacionado à retirada do coreto da praça.

Raros foram os prefeitos que não realizaram alguma reforma na praça, por menor que fosse:

Tito Livio Garini tirou a estátua do Major de cima de uma base e a colocou no mesmo nível da praça, próxima a uma grande fonte luminosa, que molhava todos que se aproximavam dela, que por esta razão foi logo retirada da praça.

Igreja e da praça da matriz
arquivo do museu municipal

Omar Zigaib (1971/75), entre a restauração do antigo hotel municipal e a expansão da praça, optou pela segunda alternativa, expandindo a praça para além da rua que a circundava, dando a ela o tamanho que conhecemos hoje. Também tirou a estátua do major da praça, que ficou guardada, e realizou, talvez, a mais polêmica reforma, mandando fazer em toda praça morros gramados, numa espécie de imitação das nossas serras – essa, aliás, é a praça da minha infância.

José Aparecido Ferreira Franco, "Cido Franco" (1975/79), colocou um novo coreto na parte nova da praça, enviado por Antônio Henrique da Cunha Bueno, "Cunha Bueno", então secretário de Estado da Cultura (1978/82). Portanto, o coreto recém-retirado da praça, ao contrário do que muitos pensam e comentam, tinha menos de 40 anos e nenhum valor histórico e, creio, retirou os polêmicos morros da praça, bem como deve ter sido na sua gestão, que a pedido da sociedade atibaiense e da família Alvim, a estátua do major fosse colocada na praça Bento Paes (Bento Paes).

A penúltima grande reforma da praça matriz foi realizada no último ano do mandato de José Roberto Tricoli, "Beto Tricoli" (2005/08), e concluída na gestão de José Bernardo Denig, "Dr. Denig" (2009/12). As obras de revitalização do chamado centro histórico, principalmente da primeira rua de Atibaia, a José Lucas, ou rua direita ou rua das igrejas, embora tivessem um bom projeto, sua execução não foi e o resultado final foi muito desfavorável.

O atual prefeito Saulo Pedroso de Souza (2012/2020) voltou a mexer na praça da matriz, construindo o centro cultural André Carneiro, cujo projeto e iniciativa também são bons, mas apresentaram problemas na execução. Também construiu um lindo mirante e recolocou um novo coreto, bem próximo do último que ali estava, atendendo aos pedidos de muitos moradores da cidade. Quanto à rua José Lucas, o prefeito Saulo procurou resolver os

vários problemas de execução da obra iniciada e concluída por seus antecessores e esperamos que finalmente a mais antiga rua da cidade fique completamente revitalizada.

A grande impressão é que os prefeitos não querem deixar seus mandatos sem realizar alguma obra na mais antiga praça atibaiana.

Igreja e da praça da matriz – arquivo do museu municipal

Mesmo tendo formação na área de humanas, sempre me interessei por arquitetura e urbanismo e a tese da praça como espaço aberto voltado para reunião dos cidadãos em encontros sociais, culturais, esportivos e políticos, como as praças europeias, me agrada muito mais do que a tese da praça como parque, mais comum aqui no Brasil. Sem a pretensão de conceituar, praça tem a característica de espaço aberto, enquanto que em parques predominam grande quantidade de árvores, canteiros e alguns equipamentos públicos de lazer e esportes.

Atibaia, como quase toda cidade brasileira, nasceu e cresceu a partir de sua igreja matriz, e a nossa é uma das maiores igrejas de taipa do Brasil. Nossa praça da matriz, como já dissemos, teve muitas "caras" com estilos bem diferentes e ao gosto do prefeito. Sua forma original se assemelha à atual, ou seja, a predominância de um grande espaço aberto destinado aos eventos públicos nas datas festivas.

Agrada-me muito ver a primeira e mais antiga praça da minha cidade natal num local aberto com nível único e voltada para reuniões de toda ordem. No Brasil, as praças, como pequenos parques, são bastante comuns e reconheço seu valor e beleza, contudo, a praça da matriz de uma cidade deve, sempre que possível, contemplar o conceito clássico de praça, tal qual temos hoje, com poucas árvores, canteiros e equipamentos públicos, primando pelo espaço aberto voltado para reunir a população nos eventos públicos. Felizmente, Atibaia tem outras praças/parques, como a Miguel Vairo (Santa Casa), Aprígio de Toledo (Mercado) e Bento Pais (Museu), para citar somente as praças do centro.

Também defendo a instalação de uma fonte d'água na parte nova da praça (aquela onde existia o antigo hotel municipal), não uma fonte clássica com um tanque e monumento, mas aquelas modernas no mesmo nível da calçada, dando um charme especial ao espaço. Afinal, a principal praça da cidade, que tem água no seu nome (segundo alguns linguistas, Atibaia significaria água boa de beber), tem que ter este elemento no coração da cidade, o qual evidentemente não funcionaria nos dias de evento público na praça.

Outra obra que eu realizaria seria a construção, na extremidade direita da parte nova da praça, de um monumento em memória aos atibaianos que lutaram na segunda grande guerra e na revolução de 1932, homenagem inexistente na nossa cidade, a qual imortalizaria o nome dos nossos heroicos combatentes. Minhas últimas sugestões seriam a instalação de um "totem" eletrônico que alternaria fotos das versões antigas da praça, ou seja, sua evolução no tempo, e uma moderna TV permanente no minianfiteatro hoje existente, a qual, todas as noites, exibiria imagens fotográficas de nossa cidade.

Enfim, a execução das obras de revitalização do centro histórico, especialmente da rua José Lucas, será extremamente favorável, visto que teremos a mais antiga e importante rua da cidade, num único nível, com ótima acessibilidade, sem fios nos postes, dando um ar nostálgico aos velhos postes de luz e com a praça da matriz mais próxima de sua forma original, e voltada para a reunião da população nos principais eventos de nossa querida Atibaia.

OS COMÉRCIOS MAIS ANTIGOS

O primeiro estabelecimento comercial da então freguesia (bairro de São Paulo) foi de José de Aguirre do Amaral, que arrematou na câmara municipal de São Paulo um estanco[16] de alimentos de Atibaia em 1728, controlando todo comércio de alimentos e bebidas na então freguesia. O último estanqueiro (nome que se dava ao proprietário do estanco) concedido antes de Atibaia virar vila, portanto, concedido pela Câmara de São Paulo, foi Manuel Pereira, em 1767.

Atibaia teve muitas casas comerciais de diversos gêneros, mas algumas se destacaram tanto que até hoje despertam saudades da população mais antiga. Entre elas, destacamos a Casa Rosa, fundada em 1893 pelos irmãos João e Santo Rosa, cujo pai imigrou de Ospedaletto Euganeo, província de Padova, no Vêneto, Itália, para Atibaia em 1890. A casa Peçanha, que foi fundada no fim do século XIX pelos irmãos Benedito de Aguiar Peçanha e Francisco de Aguiar Peçanha, bar Russomano, bar Seleta, de Arthur Tavares Rodrigues, salão de barbeiro dos irmãos Tito e Gentil, armazém de secos e molhados de Antônio Teixeira, próximo à estação de trem de Caetetuba, Casa Dora do seu Evilázio Horta, Casa Salles fundada pelo judeu José Grimberg e depois comprada por Nagib Salles e seu cunhado Nerino Soldeira, Casa Recaredo, Lojão Teixeira, da família Teixeira, Depósito e Padaria Guarany, de Menotti Barca, Padaria São José, de José Benedito De Carlo e Napoleão Noviski, Casa Matuoka, de Akio Matuoka, todos saudosos proprietários dos também saudosos comércios inexistentes na atualidade. Armazém Corradini, de Otávio Corradini. Entre os comércios mais antigos ainda em funcionamento em Atibaia, podemos destacar a padaria Legé, de 1908; casa Russumano fundada em 1946; Mercantil Fernão Dias, fundado em 1969, dos primos Paschoal; Casas Pernambucanas, em 1934; Sorveteria Valentin e Alaska; Salão Brasil.

As máquinas de beneficiar café não existem mais na cidade, mas, do século XIX até a primeira metade do século XX, existiram, segundo João Conti, cinco máquinas movidas a água. A primeira máquina nesse gênero montada no município coube ao coronel Lourenço Franco da Silveira, segundo Waldomiro Franco da Silveira, em suas ***Notas Genealógicas***.

[16] Estanco era uma espécie de armazém ou mercado concedido pelo Estado (câmara municipal) através de uma espécie de leilão pelo preço maior, a concessão para exploração de um comércio, onde se vendiam gêneros alimentícios ou bebidas, que arrendava anualmente aos que oferecessem o lance maior. O arrendatário passava a ter exclusividade na venda de seus produtos na localidade e pagava por isto uma taxa.

Capítulo 5

Dos primeiros locais de sepultamentos aos atuais cemitérios

Este capítulo nasceu da descoberta de ossos debaixo do altar-mor da Igreja Matriz de Atibaia na última reforma realizada, no final de 2005.

Quando tomei conhecimento disso, procurei o pároco, Padre Eugênio Luiz Bertti, para saber mais sobre o achado e foi daí que surgiu a hipótese de tentar, através de pesquisas nos livros de óbitos da Paróquia, encontrar os nomes das personalidades que em vida foram sustentadas pelos ossos achados sobre o piso do altar-mor da Matriz.

Nascia então o interesse por esse tema que me levou a pesquisar sobre o destino dos mortos nos séculos XVII a XIX na nossa cidade.

Inicialmente eu não tinha ideia do mundo novo que me esperava. Um mundo por vezes desprezado, não tratado, às vezes até proibido: o destino dos mortos... Evidentemente que não nos referimos ao destino sobrenatural, espiritual ou, se quiserem, religioso dos mortos em tempos do Brasil Colônia e do Brasil Império.

Nosso objetivo inicial era de tentar descobrir as identidades das pessoas que foram sepultadas debaixo do altar-mor, cujos ossos foram encontrados na reforma do piso.

Ao iniciar esta pesquisa entrei no mundo dos mortos e, pouco a pouco, fui concluindo que em tempos remotos o mundo dos vivos era muito mais estreito com o mundo dos mortos se comparado com os nossos dias, uma vez que eram os mortos, nem todos, sepultados dentro das Igrejas, numa prática que se estendeu até aproximadamente a metade do século XIX, quando, no Brasil, se iniciou uma grande mudança com relação ao destino dos mortos. Vamos então aos costumes acerca dos mortos em Atibaia dos séculos XVII até meados do século XIX.

No Brasil colonial, até aproximadamente o terceiro quarto do século XIX, já no período do império, os enterros aconteciam dentro das igrejas ou nos seus adros. A população urbana das vilas era muito reduzida e os enterros acabavam sendo um dos poucos momentos de encontro na área urbana – outros encontros seriam nas missas dominicais, procissões, batizados, casamentos e, como falamos, durante os enterros.

Nas Igrejas ou nos adros[17] eram sepultados os mortos da cidade, prática antiga dos cristãos da Europa trazida pelos portugueses em terras brasileiras. Portanto, as Igrejas eram o principal ponto de encontro dos vivos e o repouso dos mortos durante os séculos XVI até meados do século XIX.

"Sant Hilaire, em sua viagem à província de São Paulo em 1819, comenta que Franca, Moji-Mirim, Jundiaí e até mesmo Itu, uma vila maior, permaneciam vazias durante toda a semana, enquanto aos domingos e dias santos as casas abriam-se e as ruas enchiam-se com os agricultores das vizinhanças... Quando alguém morria, o dobre de sinos da igreja logo avisava a todos da comunidade. Os mortos eram enterrados envoltos em panos ou uma mortalha de ordem religiosas, muitas vezes à noite, quando o efeito das velas que iluminavam o cortejo fazia-se mais impressionante. Nos funerais dependendo do prestígio do morto, as ruas se enchiam de gente, que participaria do cortejo em parte por seu caráter festivo, em parte pelas esmolas e doações de preciosa cera que ocorriam nos sepultamentos dos mais ricos", segundo Renato Cymbalista, em sua obra ***A cidade dos vivos***.

Os mortos que moravam na zona urbana ou na rural eram levados às igrejas, via de regra enrolados num pano, deitados numa rede presa a uma vara de madeira e carregados por parentes ou amigos. Dentro da igreja, após as devidas cerimônias, levantavam as tábuas do assoalho da igreja, cavava-se uma sepultura onde o defunto seria colocado, quase sempre se misturando aos restos mortais de outras pessoas, recolocavam as tábuas e os vivos voltavam a pisar sobre elas, sem qualquer identificação, exceto se o defunto tivesse importância social, política, religiosa ou econômica na freguesia ou vila, de modo que o local do sepultamento dentro da igreja tinha relação com a importância do morto. Quanto mais importante, mais perto do altar-mor, quanto menos, mais próximo da porta ou até mesmo no entorno da igreja e cada lugar tinha um valor, sob a forma de esmolas à igreja que arrecadava a cada defunto sepultado.

As confrarias tinham bastante importância na hora da morte e, quase sempre, eram criadas para a proteção social de seus membros e principalmente para o destino deles na hora da morte. Assim que as ordens eram consideradas regulares pela igreja, solicitavam espaços dentro da igreja para sepultar seus membros. Em Atibaia, a irmandade do Santíssimo Sacramento, até hoje existente, era a irmandade mais atuante, como acontecia na maioria das freguesias e vilas da capitania e depois província de São Paulo. O cemitério São João Batista, o mais antigo da cidade, tem uma área separada por um muro baixo, no centro do cemitério, que pertence à irmandade, que estabelece suas regras sobre quem pode ser sepultado ali.

A partir do começo do século XIX e, principalmente, a partir da sua metade ou, em algumas freguesias ou vilas, a partir do terceiro quarto do século, começou-se a separar a cidade dos vivos da cidade dos mortos, e as cidades começaram a destinar uma área distante do centro urbano para o sepultamento de seus mortos. A partir de 1870, iniciou-se o processo de secularização dos cemitérios, diminuindo lentamente a importância da igreja no destino dos mortos.

Uma das principais razões para criação dos cemitérios era a saúde pública. O medo das contaminações e da proliferação de epidemias levaram ao fim da prática do sepultamento dentro das igrejas. Imaginem o quanto

[17] Adro – s.m. – Terreno diante ou ao lado de uma igreja, antigo cemitério.

insalubre era frequentar as missas normais, os batizados, casamentos, pisando sobre os cadáveres que iam se acumulando no piso e nas paredes das igrejas, quase sempre sepultados em covas rasas. O perigo da decomposição dos cadáveres passava a ser uma preocupação e uma questão de saúde pública. À medida que a cidade crescia, os cemitérios eram desativados e era criado outro mais distante do centro. Em Atibaia, o primeiro cemitério, criado por volta de 1870 e chamado de cemitério da fábrica, se encontrava na lateral esquerda da igreja do Rosário, onde se encontram a escola José Alvim e as casas que completam o quarteirão do colégio e junto a ele ou dentro dele estava o cemitério do Santíssimo Sacramento. Com a expansão da cidade, no começo do século XX, o cemitério da Fábrica foi desativado e criado o cemitério São João Batista no local onde se encontra hoje. Alguns corpos foram exumados e transferidos para o novo cemitério, mas obviamente a grande quantidade dos corpos permaneceu no local.

Já com relação aos sepultamentos acontecidos entre meados do século XVII, ou a partir de 1665, ano do nascimento oficial da cidade, até 1679 (ano em que a cidade passou a ter padre próprio – capela curada), muito provavelmente os mortos da cidade, que na sua maioria deveriam ser indígenas, foram sepultados em locais dispersos, quem sabe até nas matas, longe do pequeno povoado que se iniciava.

De início, as sedes das freguesias (distritos) ou vilas (cidades) não passavam da capela, que pela legislação eclesiástica deveria ser instalada em sítio alto e arejado, longe dos locais insalubres, com espaço disponível à sua volta para procissões e para a instalação de algumas moradias em seu entorno. É claro que com a própria existência da capela, onde se ministravam os sacramentos de batismo, casamentos e óbitos, nasciam os negócios entre os agricultores, a instalação do próprio comércio no povoado, que em Atibaia, segundo João Batista Conti[18], nasceu em 1728 com a instalação do empório Aguirre, de José Aguirre do Amaral. Portanto, com a Igreja iniciava-se a vende de lotes em seu entorno, aumentando-se assim a população do povoado.

Não é difícil imaginarmos como deveria ter sido o início do agrupamento urbano de Atibaia, posto que a economia dos séculos XVII e XVIII, primeiros séculos de vida de Atibaia, era basicamente rural, mantendo assim quase que a totalidade dos moradores de Atibaia, e das cidades similares da época, nas fazendas do Município. A sede do povoado ou centro da freguesia ou vila era muito mais um local de encontro da população sob sua jurisdição do que um local de habitação permanente.

Esses encontros no centro de Atibaia davam-se em ocasiões especiais como missas dominicais, procissões, batizados, casamentos e enterros. Essa situação evidentemente não era peculiaridade de Atibaia, mas sim de todas as freguesias e vilas do interior da província de São Paulo.

Saint Hilaire, em sua viagem à província de São Paulo em 1819, comenta que Franca, Moji-Mirim, Jundiaí e até mesmo Itu, uma vila maior, permaneciam vazias durante toda a semana, enquanto aos domingos e dias santos as casas se abriam e as ruas enchiam-se com os agricultores das vizinhanças[19].

Entre os encontros que ocorriam em dias santos, podemos destacar a procissão do Senhor Morto que simulava

[18] João Batista Conti, natural de Atibaia, onde foi advogado, pesquisador, folclorista e Prefeito Municipal de 16/07/1936 a 05/01/1945 e Prefeito Sanitário de 18/05 a 12/12/1945. Empresta o nome ao principal museu de Atibaia.

[19] Renato Cymbalista, em ***Cidades dos Vivos.***

um cortejo fúnebre comum realizada sempre na sexta-feira da Paixão, do mesmo modo os moradores próximos à Igreja Matriz eram avisados através do dobre dos sinos da Igreja quando alguém iria ser sepultado.

Com o crescimento das povoações, aumentava a estratificação da estrutura social. Um dos sinais disso era a constituição das confrarias, ou irmandades, que eram organizações de leigos cuja função era a proteção social e sacramental de seus membros, especialmente com relação ao destino final de seus membros.

As confrarias ou irmandades, na verdade, eram instrumentos de reunião e divisão social de seus membros e de um povoado, freguesia ou Vila do interior da Província de São Paulo e do Brasil. Uma das principais funções das irmandades[20] era de criar, via de regra dentro das Igrejas, e cuidar da última morada de seus membros.

Naquela época, os sepultamentos ocorriam com mais frequência no cair da tarde e às vezes à noite, à luz de velas.

Cabia às ordens religiosas ou irmandades o preparo dos mortos que eram envoltos em mortalhas religiosas. Em Atibaia encontramos três Irmandades: a do Santíssimo Sacramento, que acreditamos ser a mais importante, a da Boa Morte e a da Nossa Senhora do Rosário, sendo que as duas primeiras tinham sepulturas dentro da Igreja Matriz e a terceira, a partir do final do século XVIII[21], tinha sua própria Igreja, a do Rosário. A irmandade do Santíssimo Sacramento já possuía cemitério próprio desde 1870 e possui até hoje uma divisão dentro do cemitério Municipal de Atibaia.

Nos funerais, dependendo do prestígio do morto, as ruas se enchiam de gente, que participava do cortejo em parte por seu caráter festivo, em parte pelas esmolas e doações que ocorriam nos sepultamentos dos mais ricos[22].

Os mortos eram levados para o interior das Igrejas, onde levantavam-se as tábuas do assoalho, cavava-se uma sepultura, quando essa já não existia e pertencia a alguma Irmandade, enterrava-se o defunto, cujos restos mortais se misturava aos restos dos que o precederam. Em seguida as tábuas ou, menos frequentes, as pedras, pisos ou ladrilhos, eram recolocadas em seus lugares e os vivos voltavam a pisá-las.

Acreditamos, portanto, que a cidade dos mortos de Atibaia nascia ordenadamente a partir de 1720, sob a orientação da paróquia que nascerá um ano antes, embora já a partir de 1679, quando passou a ser capela curada, provavelmente já se realizavam sepultamentos dentro da primitiva capela construída por Jerônimo de Camargo, todavia, sem nenhum registro de óbito.

A partir do nascimento da Paróquia, a Matriz de Atibaia, além de sede da religião católica, centro social e político, também passava a ser a cidade dos mortos, uma vez que a prática da época era de sepultar seus mortos no interior da Igreja ou nas suas laterais do lado de fora, chamadas de adro.

[20] Assim que recebia da diocese a permissão para sua criação, a irmandade ou ordem terceira podia solicitar uma ou mais covas na Igreja matriz, onde seriam enterrados seus membros. Renato Cymbalista, obra citada.

[21] A construção da Igreja do Rosário se iniciou em 1763 e foi concluída por volta de 1778. Em 1805 encontramos o primeiro registro de sepultamento dentro da Igreja do Rosário, ver nas transcrições de óbitos adiante.

[22] Renato Cymbalista, obra citada.

SEPULTAMENTO DENTRO DA MATRIZ

As Constituições Primeiras determinavam que os sepultamentos se realizassem nos adros ou cemitérios das Igrejas ou no interior dos templos, esses locais privilegiados para os enterros:

> *É costume pio antigo, e louvável na Igreja Católica, enterrarem-se os corpos dos fieis cristãos defuntos nas igrejas, e cemitérios delas: porque como são lugares, a que todos os fieis concorrem para ouvir, e assistir às missas, e ofícios divinos, e orações, tendo á vista as sepulturas, se lembrarão de encomendar a Deus nosso Senhor as almas dos ditos defuntos, especialmente dos seus, para que mais cedo sejam livres das penas do Purgatório, e se não esquecerão da morte, antese lhes será aos vivos mui proveitoso ter memória dela nas sepulturas. Por tanto ordenamos, e mandamos, que todos nas Igrejas, ou cemitérios, e não em lugares não sagrados, ainda que eles assim o mandem: porque esta sua disposição como torpe, menos rigorosa e não se deve cumprir*[23].

Vemos que o costume de sepultar os mortos dentro das Igrejas Católicas é prática antiga no Brasil, costume esse praticado na Europa Cristã até meados do século XIX.

O planalto paulista até meados do século XIX era, via de regra, local de extrema pobreza, de modo que a grande maioria dos sepultamentos eram realizados após o amortalhamento dos defuntos em panos, levados numa rede pendurada num pau, carregado por parentes, conhecidos ou membros de alguma irmandade a que pertencia o defunto, culminando com o sepultamento no adro ou no interior da Igreja da qual era freguês. Obviamente, essa regra nos sepultamentos era quebrada, raramente, quando o ***de cujus*** era pessoa de destaque do local, ou seja, uma pessoa rica, portanto, de destaque social.

Ao mesmo tempo que garantia e exigia um sepultamento cristão a todos os fiéis, o texto da legislação eclesiástica abria possibilidades para a disseminação de uma grande segregação nas práticas funerárias. Fazia toda a diferença ser enterrado dentro das Igrejas ou em seus adros, sendo o interior dos templos reservado àqueles que podiam pagar por esse privilégio[24]:

> *Com os lugares das Igrejas, Capelas, e Cemitérios deputados para sepultura dos mortos sejam religiosos, sagrados, sobre os quais não se podem fazer contratos, não se podem vender, nem comprar, ainda que se diga que compra a terra somente, porque é estreitamente proibido pelos Sagrados Cânones; porém porque é lícito, e permitido por pio, e antigo costume dar-se pelas sepulturas alguma esmola certa para a fábrica das igrejas, mandamos, que neste nosso Arcebispado se guarde o costume que*

[23] Constituições Primeiras do Arcebispado a Bahia, Título LII, 843.
[24] Renato Cymbalista, obra citada, p.34.

nele há sobre este particular; dando-se a esmola costumada, (a qual se não pedirá antes do defunto ser sepultado) ou que o defunto mandar dar, somente pelas sepulturas que se abrem dentro da Igreja, porque pelas que se abrirem no adro e Cemitério se não levará coisa alguma.[25]

Segundo João Batista Conti, em sua obra ***História de Atibaia – Volume II,*** disse sobre o cemitério: "Em 1749 a igreja local cobrava pelas sepulturas". Não sabemos com que base o grande folclorista fez tal afirmação, de qualquer modo, a transcrevemos aqui.

Para se ter uma ideia da proximidade entre os vivos e os mortos no interior das igrejas, muitas vezes por falta de cadeiras sentavam-se diretamente no chão delas, sobre os assoalhos ou pedras que cobriam os defuntos.

LOCAIS DE SEPULTAMENTOS NA MATRIZ DE ATIBAIA

Em pesquisas nos livros de óbito da Paróquia de Atibaia, que se iniciou em 10 de janeiro de 1720 com o sepultamento de:

"Aos dez de janeiro de 1720 se enterrou nesta Igreja das grades de dentro Anna Barbosa, mulher de (...) Alvarenga (...) sem testamento, freguesa desta freguesia."

Deparamos com milhares de assentos de óbitos onde conseguimos identificar alguns lugares de sepultamento na Matriz de Atibaia, tais como:

... foi sepultado dentro junto ao coro para a parte direita da Igreja ao pé da parede...
... dentro desta Igreja junto a grade ao pé da parede da parte direita...
... dentro desta Igreja quase ao meio de fronte a porta travessas...
... fora desta igreja junto a cruz...
... dentro aliaz fora cava aparente esquerda algum canto desta igreja...
... dentro para a parte do pulpido, qual junto a grade...
... fora junto a porta no lugar dos parvalos...
... no adro dessa igreja para parte direita...
... dentro dessa Igreja junto a grade ao pé da parede da parte direita...
.... dentro junto ao coro para a parte da direita da igreja ao pé da parede....

[25] Alcântara Machado, ***Vida e morte do bandeirante***, pp. 208-219.

... foi adita aberta dentro junto ao coro ao pé da parte esquerda da igreja...

... fora no adro desta Igreja junto a parede direita desta igreja...

... no adro desta Igreja para parte direita...

... dentro junto a grade na parte direita da Igreja...

... no adro desta igreja quase diante da Cruz...

... foi sepultado fora no adro desta Igreja...

... no corredor desta Matriz...

... junto ao púlpito da parte de cima nesta Matriz...

... sepultado na capela da boa morte...

... na sepultura da irmandade da boa morte...

... jaz junto ao arcaz[26] da capela do santíssimo desta matriz...

... foi mandada jaz dentro desta Matriz debaixo do coro...

... sepultado na sepultura de Nossa Senhora da Boa Morte na Igreja matriz desta mesma Villa...

... jaz dentro desta matriz abaixo das grades de frente do altar de Santa Anna

... jaz no corredor da Boa Morte nesta Matriz...

... jaz dentro desta Matriz junto ao altar de São Miguel...

... jaz no corpo desta Matriz em sepultura da fabrica[27] ...

TRANSCRIÇÃO DE ALGUNS ASSENTOS DE ÓBITO OCORRIDOS DENTRO DA MATRIZ DE ATIBAIA

Ao pesquisarmos os assentos de óbito da paróquia de Atibaia, no período de sepultamentos no interior da igreja, procuramos por óbitos de pessoas que se destacaram na história Atibaiana, quer no campo social, econômico, político ou religioso, e que acreditávamos terem sido sepultadas sobre o altar-mor ou capela-mor da Igreja Matriz, aliás esse trabalho nasceu desse propósito, e encontramos os seguintes óbitos:

"Aos vinte e quatro de junho de mil setecentos e vinte e quatro falleceo da vida presente com todos os sacramentos ***Francisco de Camargo Pimentel***[28] *de idade de setenta e nove anos pouco mais, pouco*

[26] Arcaz – Grande arca com gavetões, usada nas sacristias.

[27] Acreditamos que sepultura da fábrica deveria ser sepultura feita pela igreja com possibilidade de serem cobradas taxas por ela.

[28] Capitão Francisco de Camargo Pimentel era filho de Marcelino de Camargo, chamado de patriarca de Atibaia, este irmão de Jerônimo de Camargo, considerado fundador de Atibaia. Faleceu em Atibaia. Onde possuía uma fazenda. Herdou do seu sogro o ofício de Juiz de Órfãos de São Paulo. Possuiu minas de ouro no Rio das Mortes.

menos, natural da Vila de São Paulo e sepultado ***<u>na capela mor desta Igreja</u>*** *onde era fregues (...)"*

"Aos vinte de agosto de mil setecentos e trinta e nove (...) ***João Pires Pimentel***[29] *(...) com setenta anos mais ou menos, sepultado nesta matriz (...)"*

"Aos vinte de março de mil setecentos e quarenta e sete falleceu da vida presente com todos os sacramentos ***Ignácio de Siqueira Ferrão***[30] *marido de Catharina Franco de idade de setenta anos pouco mias ou menos com testamento com que (...) testamenteiro seo filho Lucas de Siqueira Franco [futuro 1º Capitão-mor de Atibaia], João (...) e Francisco de Camargo Pimentel, foi amortalhado com óleo e hábito de Serafio Padre de São Francisco e está sepultado nesta matriz do arco para baixo e da grade para cima de fronte do altar de Nossa Senhora do Rosário de que foi este assento da nos (...)supra"*

"Aos vinte e seis de mil setecentos e quarenta e nove (...) ***Catharina Franco****, viúva de Ignácio de Siqueira Ferrão (...) de oitenta anos mais ou menos (...) foi sepultada nesta matriz da grade para baixo de fronte do altar de Nossa Senhora do Rosário (...) foi amortalhada (...) e levada na tumba das Almas"*

"Aos seis de dezembro de mil setecentos e setenta e oito (...) ***Izabel Ortiz***[31] *(...) casada que era com Crispim da Silva Franco*[32] *(...) sepultada dentro desta Matriz (...)"*

"Aos trinta de julho de mil setecentos e oitenta e sete (...) ***Jerônimo de Camargo Pimentel***[33] *(...) casado com Maria Franco (...) com setenta e seis anos mais ou menos (...) sepultado dentro desta Matriz (...) onde era freguês e morador do Campo Largo [hoje Jarinu] ..."*

"Aos vinte e cinco de setembro de mil setecentos e noventa e dois (...) ***João Franco Viegas***[34] *(...) com oitenta anos (...) casado que foi com Maria Pedrosa (...) sepultado dentro desta Matriz (...)"*

"Aos um de maio de mil setecentos e noventa e nove (...) ***Helena de Moraes****, natural da Villa de Pitangui (...) mulher que tinha sido do Capitam José de Siqueira Franco [3º Capitão-mor de Atibaia], morador no bairro do Rio Abaixo e fregueses desta Villa com todos os sacramentos, amortalhada em hábito do (...) Sam Francisco (...) Declaro que meu corpo seja sepultado na matriz em sepultura do Sacramento da qual sou irmã com hábito de Sam Francisco (...) esmola de (...) vinte reais."*

[29] João Pires Pimentel é pai, entre outros, de filho com o mesmo nome que se tornou progenitor da família Pires de Camargo de Atibaia.

[30] Capitão Ignácio de Siqueira Ferrão era pai do 1º e do 3º Capitão-Mor de Atibaia.

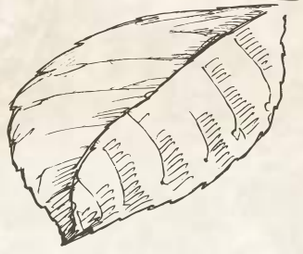
[31] Izabel Ortiz de Camargo nasceu em 1747.

[32] Crispim da Silva Franco, nascido em 1741, era filho de João Franco Viegas. Foi Capitão de Milícias em Atibaia.

[33] Jerônimo de Camargo Pimentel era filho de Francisco de Camargo Pimentel (ver acima). Jerônimo nasceu em Atibaia e aí faleceu (ver certidão acima). Foi Juiz Ordinário em São Paulo em 1773, além de ter exercido outros cargos de importância. Foi confundido com seu tio-avô Jerônimo de Camargo e desta confusão nasceu a tese de que seu tio-avô seria o fundador de Atibaia.

[34] João Franco Viegas nasceu em 1711 em Atibaia e aí faleceu (ver certidão acima). Foi vereador na 1ª Câmara Atibaiana em 1769. Foi pessoa de muito respeito e veneração em Atibaia.

"Aos quinze de julho de mil setecentos e noventa e nove falleceu de peste ***João Pires Pimentel***[35] *natural desta Villa e della freguês de idade de trinta e sete anos pouco mais ou menos, marido que tinha sido de Maria Antonia moradores no bairro de Campo Largo [hoje Jarinú] com todos os sacramentos de penitência e extremunção, não recebeu a eucaristia por causa de contínuos vômitos, foi seo corpo amortalhado em (...) preto acompanhado e recomendado por mim (...) jaz em cima da sepultura da irmandade do Santíssimo Sacramento de onde era irmão"*



"Aos vinte e dois de março de mil oitocentos faleceo de febre podre o ***P(...)Mor Frutuoso Furquim de Campos***[36] *idade de setenta e sete anos, pouco mais ou menos, natural da cidade de São Paulo*[37]*, casado com Maria de Pillar Franco morador no bairro de Caiosara e freguês desta Villa, foi seo copo amortalhado em hábito de São Francisco e acompanhado e recomendado por mim, teve offico de corpo presente e falleceo com os sacramentos da penitencia, eucaristia e extremunção, jaz* ***dentro da Capela-Mor desta Matriz****. Fez testamento (...) seo filho o Reverendo Frutuoso José Furquim de Campos (...) as suas declarações (...) de forma seguinte: Declaro que minha última vontade que seja meo corpo sepultado na Igreja de São Francisco na cidade de São Paulo onde sou irmão (...) visto no caso de poder ser sem maior incômodo, conduzido a dita Igreja como funeral (...) feito. (...) testamenteiro. Declaro que quero se digam nesta Villa as missas de corpo presente por quantos sacerdotes (...) Declaro que quero se digam (...) missas a Nossa Senhora do Rosário (...) esmola de costume por minha alma e nada mais (...)"*

"Aos trinta de agosto de mil oitocentos e cinco falleceu de moléstia ignorada ***Anna Ribeiro Cardozo*** *de idade oitenta anos pouco mais ou menos, viúva do fallecido Rafael Cordeiro do Amaral moradora no bairro Rio Abaixo e freguesa desta Villa, falleceu coaaam os sacramentos de penitência, eucaristia e extremunção, foi seo corpo encomendado e acompanhado por mim, faz* ***na Igreja de Nossa Senhora do Rosário***[38] ***e conduzido pella irmandade****"*

[35] João Pires Pimentel pode ser considerado o tronco da família Pires de Camargo de Atibaia/SP, era filho de outro de igual nome falecido em 1739, cujo óbito também fora transcrito.

[36] Frutuoso Furquim de Campos era natural de Parnaíba/SP, mas passou a maior parte de sua vida em São Paulo e posteriormente em Atibaia, onde faleceu (ver certidão acima). Foi partidário dos Pires, portanto, adversário dos Camargos e dos primeiros líderes políticos de Atibaia. Foi vereador na Câmara Paulistana por diversos mandatos, bem como exerceu o cargo de Juiz Ordinário. Foi nomeado guarda-mor das Minas, cargo que exerceu durante muitos anos. Entre seus filhos, destacam-se Gabriela de Campos, que se casou com Lucas de Siqueira Franco, 4º e último capitão-mor de Atibaia, neto do 1º Capitão-mor e adversário político de Frutuoso, e o Padre Frutuoso Furquim de Campos, que foi durante muitos anos vigário em Atibaia.

[37] O genealogista Silva Leme, em ***Genealogia Paulistana,*** afirma ter Frutuoso nascido em Santana do Parnaíba/SP.

[38] É a primeira referência que encontramos de sepultamento ocorrido na Igreja do Rosário.

"Aos dezesseis de maio de mil oitocentos e seis falleceo de (...) o ***Padre Jerônimo de Camargo Bueno***[39]*, presbítero do hábito de São Pedro natural e morador destta Villa de idade de setenta e seis anos incompletos, falleceo com os sacramentos de penitencia, eucaristia e extremunção, foi seo corpo revestido com veste sacerdotal acompanhado e recomendado por mim, foi conduzido pella Irmandade do Santíssimo Sacramento, faz* ***dentro da Capella Mor desta Matriz em sepultura do lado do Evangelho****, não fez testamento."*

"Aos dezessete de novembro de mil oitocentos e sete falleceo de febre podre o ***Sargento-mor José Félix Cintra*** *natural da Villa nova de Porte mar no Algavre e freguês desta Villa de idade de oitenta annos completos casado com Dona Andressa de Araújo, faleceo com os sacramentos de penitencia e extremunção (...) por ser sua morte apresada, foi seu corpo amortalhado com hábito da Ordem Terceira da Senhora do Monte Carmo, acompanhado e recomendado por mim, teve oficio de corpo presente, foi conduzido pella Irmandade do Santíssimo, jaz dentro da matriz na primeira sepultura, não fez testamento."*

"Aos dezessete de maio de mil oitocentos e oito (...) Ursula Pereira (...) quarenta anos mais ou menos natural e freguês desta Villa com Ignácio Cosme de Siqueira (...) foi seo corpo amortalhado em pano branco, recomendado (...), jaz no cemitério[40] *junto ao Rosário, morava no bairro do Rio Abaixo (...)"*

Aos dezessete de dezembro de mil oitocentos e oito falleceo o ***Tenente Francisco Pereira Pacheco****, viúvo natural de Jurquerí [hoje Mairiporã] e freguês desta Villa do bairro do Mato Dentro, de idade de oitenta e seis anos pouco mais ou menos com os sacramentos de penitencia, eucaristia e extremunção, foi seo corpo amortalhado em hábito do Seráfico Padre São Francisco, recomendado e acompanhado por mim e conduzido no esquife pela Irmandade do Santíssimo Sacramento, jaz dentro desta Matriz."*

"Aos doze de março de mil oitocentos e nove (...) Pedro Bueno de Morais (...) jaz dentro desta Matriz com sepultura da fábrica[41] *(...)"*

"Aos vinte de setembro de mil oitocentos e doze (...) ***Ajudante Felisberto João da Silveira*** *(...) com trinta anos completos, filho do Capitam Mor Francisco da Silveira Franco, jaz dentro desta Matriz*

[39] Padre Jerônimo de Camargo Bueno ou Jerônimo do Prado Bueno de Camargo, como descreveu o genealogista Silva Leme, já citado acima. Jerônimo foi vigário em Atibaia e da freguesia de Jaguari, hoje cidade de Bragança. Era filho de João do Prado de Camargo e de Mariane Bueno de Camargo, neto materno de João de Camargo Pimentel e de Maria Franco de Oliveira, neto paterno do Marechal Antônio do Prado Cunha e de Maria Pires de Camargo, por essa, bisneto de Francisco de Camargo Pimentel.

[40] Primeira certidão de óbito na qual encontramos a expressão "cemitério", e acreditamos que se tratava do local em torno da então capela do Rosário, que por não ser Matriz, não foi dito adro.

[41] Primeira certidão de óbito na qual encontramos a expressão, "sepultura da fábrica" que, a nosso ver, deveria significar uma sepultura feita pela igreja e cobrada por ela.

na sepultura da Irmandade do Santíssimo Sacramento por quem foi conduzido por seus irmãos."

"Aos vinte de novembro de mil oitocentos e treze (...) José Barbosa Pires e Garcia (...) não foi conduzido em tumba da fábrica[42] por esta não ter mas sim na da Irmandade do Santíssimo Sacramento e qual acompanhei e conduzi (...)"

"Aos vinte e cinco de novembro de mil oitocentos e dezoito (...) ***Rafael Cardoso do Amaral***[43]*, natural desta Villa de idade de quarenta e seis anos pouco mais ou menos casado com Maria Franco Cordoso natural e freguês desta Villa do bairro do Rio Abaixo, foi o corpo amortalhado em hábito Franciscano e acompanho por mim e (...) cantaram três momentos, hum em casa, outro na rua e outro na Igreja, (...) faz dentro da igreja no corpo desta Matriz, sem testamento."*

"Aos dezesseis de setembro de mil oitocentos e dezoito falleceo estupurado e com sacramentos ***Caetano Gomes Ferreira****, natural de Lisboa, casado com Angélica Maria, natural desta Villa, do mesmo bairro da Villa [do centro da Vila], foi seo corpo amortalhado com hábito Franciscano acompanhado por mim e a Irmandade do Sacramento e no seo esquife conduzido e jaz dentro da igreja no corpo desta matriz em sepultura da dita Irmandade onde era irmão e também acompanhado da irmandade da Boa Morte de cuja também era irmão"*

"Aos hum de abril de mil oitocentos e dezenove (...) ***Capitam Lourenço Franco da Rocha***[44]*, sem sacrament por não acaarem ao confessor com brevidade, capitam Lourenço Franco da Rocha era casado com Dona Rita de Cassia do bairro do Rio Abaixo, natural e freguese desta Villa de idade de cincoenta anos pouco mais ou menos, foi seo corpo envolto em hábito Franciscano, acompanhado por mim e dois sacerdotes que se achavam presentes e da Irmandade do Santíssimo Sacramento, do Rosário dos Pretos e da Boa Morte e se lhe cantaram três momentos, hum em caza, outro na rua, e outro dentro da Matriz,*

[42] Acreditamos que a tumba da fábrica deveria ser sepultura construída pela igreja.

[43] Rafael Cardoso do Amaral ou simplesmente Rafael Cardoso era natural de Nazaré ou de Atibaia, era filho de Rafael Cordeiro do Amaral e de Ana Ribeiro casados em 30/07/1748 em Atibaia. Rafael Cordeiro do Amaral casou-se pela 2ª vez com Ana Ribeiro Cardoso, que era descendente direta de Amador Bueno da Ribeira, aclamado Rei de São Paulo. Ana era filha de Ana Ribeiro Bueno e do Capitão Antônio Álvares Cardoso, que pode ser considerado o tronco da família Álvares Cardoso de Itatiba e Alves do Amaral de Atibaia. Rafael era pai, entre outros filhos, de Antônio Alves do Amaral, o velho, que foi vereador em Atibaia em 1814 e também pode ser considerado tronco da numerosa família Alves do Amaral de Atibaia.

[44] Capitão Lourenço Franco da Rocha, natural de Atibaia, onde nasceu em 1769, era filho do 2º Capitão-mor de Atibaia, casou-se em 1789 com Rita de Cássia Moraes, filha do abastado capitalista português Francisco Lourenço Cintra e de Helena de Moraes. Por muitos anos atuou na vida política de Atibaia, onde ocupou vários cargos, entre eles o de Capitão das Ordenanças do bairro de Campo Largo, hoje Jarinu, onde em 07/01/1807 doou por escritura pública uma gleba de terras para a construção de uma capela que deu origem à cidade de Jarinu, que até a década de 1948 era um distrito de Atibaia, portanto, é considerado o fundador de Jarinu.

recomendado e jaz do arco para baixo em sepultura da dita Irmandade, por ter sido (...)"

"Aos vinte e quatro de agosto de mil oitocentos e vinte e um falleceo de (...) o ***Capitam-Mor José de Siqueira Franco***[45] *natural desta Villa de idade de 72 anos com os sacramentos da penitencia, eucaristia e extremunção, casado com Dona Francisca Margarida Cardoso, fallecido Capitam-Mor natural e freguês desta Villa, foi seo corpo amortalhado com hábito Franciscano acompanhado por mim e hum sacerdote e mais coroinhas atuantes e de Irmãos da Irmandade do Santíssimo Sacramento, da Irmandade do Rosário e da Irmandade do Senhor da Boa Morte, e foi conduzido em caixame e se cantaram quatro momentos, hum em caza, dois na rua, e outro dentro da Igreja Matriz e se fez officio de corpo presente, e officio de sepultura, recomendado* ***e jaz dentro da Matriz, do arco para baixo em sepultura da irmandade do Santíssimo Sacramento de onde era irmão****, fez testamento."*

"Aos vinte e oito de agosto de mil oitocentos e trinta e três (...) ***Amaro Leite de Moraes*** *de febre com oitenta e quatro anos pouco mais ou menos, casado com Gertrudes Caetana de Moraes com os sacramentos (...) envolto em hábito preto de pano, recomendado e acompanhado até a matriz onde foi sepultado."*

"Aos vinte e três de março de mil oitocentos e quarenta e dois (...) ***Francisco Soares de Lima***[46] *(...) casado com Anna Pires (...) hábito franciscano recomendado e acompanhado por mim e sepultado nesta Matriz."*

"Aos vinte de dezembro de mil oitocentos e quarenta e sete (...) ***Adriano Luiz Fernandez***[47] *(...) casado com Anna Francisca Pedroso (...) jaz sepultado na Matriz (...)"*

[45] José de Siqueira Franco, 3º Capitão-Mor de Atibaia, nasceu em 1759, era irmão do 2º Capitão-mor, a quem substitui em 1801 e era, portanto, filho do 1º Capitão-mor. Exerceu a importante função até 24 de agosto de 1821, data de seu falecimento. Entre os bons serviços prestados à Atibaia, destaca-se a mudança da antiga estrada para a capital, a atual rodovia Fernão Dias, que passa pelo bairro do Portão, Terra Preta e Juqueri (hoje Mairiporã); a primeira seguia pelo bairro do Caiossara e daí rumo à Juqueri, melhorando assim o trajeto e encurtando muito as distâncias entre as Villas de Atibaia e São Paulo. Foi casado pela 1º vez com Elena de Moraes, viúva do Capitão Francisco Lourenço Cintra e pela 2º vez com Francisca Margarida Pedroso.

[46] Francisco Soares de Lima, natural de Atibaia, onde foi abastado fazendeiro. Pode ser considerado o progenitor das famílias Soares do Amaral de Atibaia, Itatiba e outras cidades.

[47] Adriano Luiz Fernandes e sua esposa Anna Francisca tiveram 7 filhos, entre eles, podemos destacar: Umbelina Maria da Conceição, que foi mulher do Capitão Jacinto Manoel Leite, chefe do Partido Conservador em Atibaia, e João Nepomuceno de Andrade, que foi vereador em Jundiaí e era pai, entre outros filhos, de Benedito Castilho de Andrade, que foi Promotor Público em Capivari e Casa Branca, advogado e político, sendo eleito Deputado Estadual em 1894, além de ter sido banqueiro e industrial.

"Aos seis de outubro de mil oitocentos e cinqüenta e cinco (...) ***Manoel Jorge de Araújo Cintra[48],*** *com cinqüenta e dois anos (...) a Matriz onde foi sepultado com Hábito preto."*

Acreditamos que o sepultamento acima pode ter sido um dos últimos que ocorreram dentro da matriz, pois desde 1849 não encontramos referência de sepultamentos na Igreja. Possivelmente o sepultamento do então Presidente da Câmara de Atibaia e líder do partido liberal em 1855, Manoel Jorge Ferraz, como era conhecido, dentro da matriz rompeu o costume iniciado em 1847, e com mais freqüência, a partir de 1849, de realizar os sepultamentos "no cemitério da vila".

"Aos vinte e três de outubro de mil oitocentos e quarenta e sete (...) Cândida (...) idade de vinte e oito anos com sacramentos (...) e sepultada no cemitério em pano branco..."

Acreditamos que o óbito acima possa ter sido o primeiro sepultamento no novo cemitério. Nos anos de 1847 e 1848 os sepultamentos se deram com maior frequência no adro da matriz, no Rosário, e dentro da Matriz (poucos).

No ano de 1861 encontramos alguns sepultamentos no Rosário e a grande maioria dos registros dão como local de sepultamento o "cemitério desta matriz". De 1862 a 1864, o local de sepultamento era no cemitério da matriz e dentro do rosário, e acredito que a última referência de sepultamento dentro da igreja do rosário foi no ano de 1866.

Nos anos de 1864 e 1865, o local de sepultamento era no cemitério desta cidade, ou desta vila, em 1866 encontramos a expressão "cemitério desta matriz" ou "cemitério desta".

"Aos dois de janeiro de mil oitocentos e sessenta e seis (...) de congestão cerebral (...) ***Ana Francisca Pedroso[49]****, viúva com sessenta anos (...) no cemitério onde jaz."*

"Aos vinte e três de abril de mil e oitocentos e sessenta e seis faleceu o ***Capitão-mor Lucas de***

[48] Manoel Jorge de Araújo Cintra, ou Manoel Jorge Ferraz, como era mais conhecido, era natural de Atibaia, filho do Alferes Jacinto José de Araújo Cintra, fundador do partido liberal em Atibaia, neto paterno de Francisco Lourenço Cintra, abastado capitalista português que chegou ao Brasil em 1750 e de Helena Moraes, cujo óbito está transcrito acima, neto materno do 2º Capitão-mor de Atibaia. Era sobrinho e genro do último Capitão-mor. Entre seus irmãos, três foram eleitos Deputados Provinciais: Jacinto José Ferraz de Araújo Cintra, Florêncio de Araújo Cintra e Joaquim Floriano de Araújo Cintra, todos atibaianos, porém somente o primeiro eleito por Atibaia. Manoel Jorge sucedeu seu pai na chefia do partido liberal em Atibaia, foi vereador em várias legislaturas e presidente da Câmara de 1837 a 1840 e de 1845 até seu falecimento.

[49] Ana Francisca Pedroso era viúva de Adriano Luiz Fernandes, com quem se casou em 05/10/1819, em Atibaia.

Siqueira Franco[50] *de (...) idade noventa e seis anos, viúvo, recomendado e acompanhado até a matriz onde jaz."*

Infelizmente a pessoa que registrou os óbitos nas décadas de 1860 e 1870 foi muito sucinta nos registros e não fez qualquer referência ao local exato do sepultamento dentro da igreja, mas acreditamos que muito provavelmente o último capitão-mor, Lucas de Siqueira Franco, deve ter sido sepultado no altar-mor da matriz, em razão do que representava para a comunidade atibaiana.

"Aos quatro de fevereiro de mil e oitocentos e sessenta e sete (...) ***João Soares do Amaral*** *(...) vinte e oito anos (...) casado com Maria Salomé (...) envolto em pano preto (...) até o cemitério onde jaz"*

"Aos dez de agosto de mil oitocentos e sessenta e nove (...) Dona ***Maria Jorge Ferraz*** *com 38 anos (...) até a matriz e sepultada na mesma"*

Acreditamos que o sepultamento acima com grande probabilidade foi o último sepultamento ocorrido dentro da matriz de Atibaia, pois não encontramos mais nenhum óbito que faça referência a sepultamento dentro da matriz, já com relação à igreja do Rosário, encontramos um óbito de um escravo que fora sepultado "... na igreja do rosário" em 1870 .

"Aos vinte e dois de março de mil oitocentos e setenta (...) ***Capitão Antônio de Pádua Leite***[51] *(..) noventa anos mais ou menos, viúvo (...) até o cemitério da Irmandade do Santíssimo Sacramento"*

A partir de 1870, além do "cemitério da vila", "cemitério da matriz" ou "cemitério desta", que acreditamos ser expressões de um único cemitério, encontramos mais um local de sepultamento, o cemitério da Irmandade do Santíssimo Sacramento, que embora não saibamos onde se localizava, acreditamos que deveria ser anexo ao cemitério existente, como ocorre com o atual cemitério do santíssimo que se encontra dentro do cemitério municipal, separado por apenas um pequeno muro.

[50] Lucas de Siqueira Franco nasceu em Atibaia em 1715, era filho de Ignácio de Siqueira Ferrão e casou-se com Izabel da Silveira Camargo, filha do importante cidadão paulista Capitão Francisco de Camargo Pimentel, filho de Marcelino de Camargo, irmão de Jerônimo de Camargo, considerado fundador de Atibaia. Exerceu o cargo de almotacé em São Paulo por vários anos; foi vereador em São Paulo em 1742, Juiz Ordinário em 1749. Foi nomeado sargento-mor de Atibaia em 31/01/1772 e em 1775 foi nomeado ao mais alto cargo civil de militar da época, o primeiro Capitão-mor de Atibaia.

[51] O Capitão Antônio de Pádua Leite era natural de Atibaia, onde foi batizado em 1779, filho de Amaro Leite de Moraes e de Gertrudes Maria de Almeida. Ocupou inúmeros cargos civis e militares em Atibaia, onde foi muito respeitado. Foi abastado fazendeiro, tropeiro, capitão de milícias, Juiz de Órfãos, Juiz Municipal.

A partir de 1874 até 1897, encontramos apenas dois locais de sepultamento, o cemitério do Santíssimo Sacramento e o **cemitério da fábrica**. A expressão cemitério da fábrica, acreditamos, designava o mesmo cemitério da vila ou da matriz e, portanto, trata-se do mesmo cemitério ao lado da igreja do rosário.

Em 23/04/1897 foi feito o último registro de óbito nos livros da Cúria, sendo o local de sepultamento no cemitério da fábrica e em 22/06/1901, o primeiro registro de sepultamento no cemitério municipal. Entre abril de 1897 a junho de 1901 não há registros de óbitos nos livros da Cúria.

"Aos quatro de novembro de mil oitocentos e setenta e três sepultou-se no cemitério do Santíssimo Sacramento desta cidade ***Joaquim Mariano Leite*** *de febre com cinquenta anos, solteiro sem os sacramentos por não dar tempo (...) corpo em pano preto, por mim recomendado."*

"Aos vinte e um de janeiro de mil oitocentos e setenta e nove (...) dona ***Ana Jacinta de Araújo Cintra****, viúva (...) com oitenta e seis anos (...) no cemitério do Santíssimo Sacramento"*

"Aos seis de março de mil oitocentos e setenta (...) ***Umbelina*** *Maria Pedroso, casada com Jacintho Manoel Leite com todos os sacramentos (...) corpo envolto em pano preto, cemitério do Santíssimo Sacramento."*

"Aos vinte e um de fevereiro de mil oitocentos e setenta e sete (...) ***Gertrudes Leite*** *(...) com setenta anos (...) casado com João Alves do Amaral (...) até o rosário onde jaz"*

"Aos doze de março de mil oitocentos e setenta e sete (...) ***Escolástica Maria*** *(...) com trinta anos (...) casada com Jacinto Alves do Amaral Júnior até o rosário onde jaz"*

"Aos quatro de fevereiro de mil oitocentos e setenta e nove (...) ***Gertrudes Maria de Campos Alvim*** *(...) com quarenta e um anos, casada com José Alvim de Campos (...) cemitério do Santíssimo Sacramento".*

"Aos seis de abril de mil oitocentos e setenta e nove (...) ***José Joaquim do Amaral Bueno***[52] *(...) com sessenta e cinco anos, casado com Dona Ana Bueno do Amaral, (...) no cemitério do Santíssimo Sacramento."*

"Aos nove de junho de mil oitocentos e oitenta e dois (...) ***Capitão Salvador Ribeiro de Toledo Santos***[53] *(...) com cinquenta e nove anos, casado com Umbelina (...) cemitério do Santíssimo Sacramento."*

[52] José Joaquim do Amaral Bueno nasceu em Atibaia aos 05/04/1817, era abastado fazendeiro, proprietário da fazenda velha, filho de José Joaquim Bueno e de Maria Franco do Amaral. Foi casado com Ana Jacinta do Amaral, filha de Jacinto Alves do Amaral, importante fazendeiro em Atibaia, e de Maria do Espírito Santo Amaral.

[53] Capitão Salvador Ribeiro de Toledo Santos era natural de Moji-Mirim e casou-se em Atibaia com Umbelina Frorisbina em 1847. Elegeu-se vereador em Atibaia por várias legislaturas e foi presidente da Câmara em 1877 e 1880.

"Aos nove de setembro de mil oitocentos e oitenta e quatro (...) Jacintho Alves do Amaral Júnior, com setenta anos casado com Escolástica Maria do Amaral (...) cemitério do Santíssimo Sacramento."

"Aos seis de abril de mil oitocentos e oitenta e cinco (...) Francisco José do Amaral (...) com sessenta anos, filho de Jacinto Alves do Amaral (...) cemitério do Santíssimo Sacramento."

"Aos quatro de agosto de mil oitocentos e oitenta e seis (...) Capitão Jacinto Manoel Leite (...) cemitério do Santíssimo Sacramento"

SEPULTAMENTOS NO ALTAR-MOR DA MATRIZ DE ATIBAIA

Após pesquisarmos os sete primeiros livros de óbito da paróquia de São João Batista de Atibaia, que se encontram na Cúria Arquidiocesana de Bragança Paulista, concluímos que dos mortos sepultados dentro da Igreja no período de 1720 (início da paróquia) a 1849 (início do primeiro cemitério), poucos foram sepultados na capela-mor ou altar-mor da matriz de Atibaia.

Acreditamos que a capela erigida pelo padre Matheus Nunes de Siqueira entre 1654 a 1665 tenha sido substituída por uma igreja maior em 1679 (ano em que Atibaia passou a ser capela curada) por iniciativa de Antônio do Prado da Cunha (genro de Jerônimo de Camargo) na frente da primeira capela.

Em 1698 iniciou-se a primeira ampliação da capela construída em 1679, obra que se encerrou em 1719. Contudo, a Matriz que conhecemos hoje, segundo algumas anotações, começou a ser construída em 1744 e teve seu término em 1756, portanto, a reforma de 1698 a 1719 ainda não tratava da Igreja Matriz, e sim da antiga capela construída por Antônio do Prado da Cunha, que substitui a original feita provavelmente pelo padre Matheus Nunes de Siqueira. Depois de 1756, a matriz passou por outra grande reforma somente cem anos depois (1858), com a grande reforma liderada por José Lucas, mas talvez a reforma que mais descaracterizou a Igreja e provavelmente retirou os restos mortais de seu interior, posto que removeram-se os assoalhos e instalaram-se os ladrilhos, foi a reforma iniciada em 02/07/1911, com término em 1918. Outras reformas foram responsáveis pela descaracterização da Igreja nos anos 1940, 1960 a 1965, 1990 e 2000.

Com isso, acreditamos que os sepultamentos ocorridos antes de 1756 na capela-mor muito provavelmente foram removidos na ocasião da grande ampliação ou construção da atual matriz, portanto, acreditamos que os ossos encontrados em 2005 muito provavelmente não devem ser de **Francisco de Camargo Pimentel**, sepultado em 1724 na capela-mor da matriz, primeiro registro de sepultamento no altar-mor. Mesmo porque se passaram 296 anos da morte de Francisco de Camargo Pimentel e muito provavelmente seus restos mortais não resistiriam a tanto tempo.

Só encontramos outras duas referências de sepultamentos na capela-mor, a primeira em 1800, com o sepultamento de **Frutuoso Furquim de Campos**, e a segunda em 1806 com o sepultamento do **Padre Jerônimo de Camargo Bueno**, nenhuma outra.

Embora não tenhamos encontrado as certidões de óbito dos dois primeiros capitães-mores de Atibaia, Lucas de Siqueira Franco, falecido em 1783, e seu filho Francisco da Silveira Franco[54], falecido em 1801, embora tenha sido o 3º Capitão-mor sepultado na sepultura do Santíssimo Sacramento, irmandade da qual fazia parte, é possível que os dois primeiros capitães-mores tenham sido sepultados no lugar de maior destaque dentro da Matriz, ou seja, sob o altar-mor.

Embora só tenhamos encontrado duas referências de sepultamento no altar-mor, uma em 1800 e outra em 1806, é possível que o último Capitão-Mor sepultado dentro da Matriz em 1866, portanto, depois da reforma liderada por José Lucas, tenha sido sepultado no altar-mor em razão de sua importância e sua estima na comunidade atibaiana.

Não podemos afirmar que outras pessoas foram sepultadas no altar-mor mas as de maior destaque, quer econômico, social e político, deduzimos que poderiam ser sepultadas no altar-mor; tiveram seu óbito pesquisado por nós e na maioria dos óbitos encontrados não havia a descrição exata do local do sepultamento dentro da Matriz ou, quando havia a descrição, reportava-se à sepultura da Irmandade do Santíssimo Sacramento, onde eram sepultadas as pessoas de maior destaque na vila.

Portanto, com base documental, somente dois corpos foram sepultados no altar-mor da Igreja Matriz, Frutuoso Furquim de Campos em 1800 e o Padre Jerônimo de Camargo Bueno em 1806, todavia, acreditamos ser grande a possibilidade do último Capitão-mor, Lucas de Siqueira Franco, morto em 1866, ter sido também sepultado no altar-mor, todavia, o registro do seu óbito foi muito sucinto e nada disse sobre o lugar em que o capitão-mor fora sepultado dentro da matriz de Atibaia.

A LEI DE 1º DE OUTUBRO DE 1828, A VISÃO MÉDICA DO SEPULTAMENTO NAS IGREJAS E SEUS DESDOBRAMENTOS

Sem dúvida o grande impulso para a mudança, na prática, no costume dos sepultamentos nas Igrejas não veio com a independência do Brasil em 1822, mas com a Lei Imperial de 1º de outubro de 1828, Lei essa que podemos classificar como talvez a mais importante para a autonomia dos Municípios no regime Imperial. Essa importante Lei que reestruturou a administração Municipal também tratou do repouso derradeiro dos mortos.

No campo administrativo, essa Lei extinguiu os cargos de Capitães e Sargentos-mores que eram responsáveis pelo poder de fato das Vilas, criando a figura do Presidente da Câmara Municipal nas já existentes Câmaras, cargo

[54] Francisco da Silveira Franco era filho do 1º Capitão-mor e foi o 2º Capitão-mor de Atibaia, após o falecimento de seu pai. Faleceu em 1801 e foi substituído no mais alto posto de Atibaia por seu irmão José de Siqueira Franco.

que hoje representa a chefia do Poder Legislativo, mas que na época representava muito mais que a chefia do Executivo, posto que nos Municípios a divisão entre os Poderes ainda não estava bem delineada.

Essa Lei no campo dos sepultamentos determinava o **estabelecimento de cemitérios fora do recinto dos templos.**

"No entanto, essa mesma lei lançava os municípios num nebuloso território administrativo: enquanto estabelecia para as câmaras municipais uma pauta minuciosa para gestão das cidades, não as provia com rendas, senão as mínimas necessárias à manutenção de seus serviços. Aos municípios não restavam muitas alternativas para executar a implementação dos cemitérios: ou adiavam a iniciativa, permitindo a continuidade dos sepultamentos nas igrejas ao arrepio da lei; ou taxavam a população para a construção do cemitério; ou, ainda, submetiam-se à vontade de algum dos poderosos do município que se dispusesse a doar terras para a construção do cemitério. E foi um misto dessas três alternativas o que se viu na província de São Paulo nas décadas que se seguiam à lei de 1º de outubro de 1828."[55]

A partir de 1830 a visão médica em relação aos costumes fúnebres ganhou força e a separação definitiva entre vivos e mortos começou a ser executada inicialmente nas cidades maiores. Para os médicos, a decomposição dos mortos, através dos gases, poderia causar doenças e epidemias. Todavia, a tese médica somente ganhou força a partir da década de 1860, quando o governo paulista adotou o discurso médico e iniciou uma verdadeira batalha em prol da expulsão dos mortos das igrejas.

Somente com a epidemia de febre amarela ocorrida entre 1850 e 1851 no Rio de Janeiro que também atingiu o litoral de São Paulo, a qual causou um grande medo na população é que houve uma mobilização política a fim de cumprir as já existentes leis que determinavam os sepultamentos em cemitérios e colaborou para acelerar o processo de finalização dos sepultamentos no interior das igrejas, todavia, em Atibaia nós encontramos sepultamentos no interior da igreja em 1869.

As leis em diversas cidades que determinavam o fim dos sepultamentos nas igrejas, a partir de 1828, ficaram "só no papel" durante as décadas de 1830 a 1860, já que na década de 1860, na maioria das cidades paulistas, é que se iniciou na prática o fim dos sepultamentos no interior das igrejas.

O FIM DOS SEPULTAMENTOS NAS IGREJAS E O SURGIMENTO DO PRIMEIRO CEMITÉRIO EXTRAMUROS DE ATIBAIA

Pelo que pesquisamos, em Atibaia a Lei Imperial de 1828 somente teve desdobramento na sessão da Câmara Municipal de 23 de janeiro de 1833, quando se discutiu e cogitou-se construir um cemitério em Atibaia. O local encontrado, tempo depois, para a construção desse cemitério seria na quadra onde hoje se encontra a Escola José Alvim, entre outros imóveis.

[55] Renato Cymbalista, obra citada, p. 45/46

Para tanto, fora criada uma comissão responsável em por comprar um terreno para ser instalado novo cemitério para a cidade, formada pelos senhores Jacinto Alves do Amaral, Jacinto José de Araújo Cintra, o primeiro Deputado Provincial por Atibaia, e Antônio José da Cunha.

Todavia, esse primeiro cemitério, chamado de cemitério da Fábrica ou da Vila e do cemitério do Santíssimo Sacramento, provavelmente no mesmo local, se iniciou apenas em 1849 e encerrou-se, muito provavelmente, no primeiro semestre de 1900, pois em junho de 1900 ocorria o primeiro sepultamento no novo cemitério de São João Batista. Portanto, o primeiro cemitério de Atibaia durou cerca de 50 anos, aproximadamente. Acreditamos que no primeiro semestre de 1900 ou pouco menos o primeiro cemitério começou a ser desativado, tendo alguns túmulos transferidos para o novo cemitério (ver no próximo capítulo). No local, em 1905, foi inaugurada a primeira escola de Atibaia, o grupo escolar José Alvim[56].

Embora em 1847 tenhamos encontrado a primeira referência de sepultamento no cemitério, foi a partir de fevereiro de 1849 que nos deparamos com o "cemitério da Villa" como local de sepultamento de quase a totalidade dos óbitos em Atibaia, salvo os sepultamentos de Manoel Jorge Ferraz em 1855, de Lucas de Siqueira Franco em 1866 e de Maria Jorge Ferraz em 1869, que ocorreram dentro da Igreja.

Portanto, desde 1720, início dos registros e da paróquia de São João Batista até fevereiro de 1849, ou seja, por 135 anos, a igreja matriz de Atibaia e seu adro (seu entorno), foram o principal local de sepultamento da cidade, bem como a igreja do Rosário, que também foi local de sepultamento durante toda a primeira metade do século XIX.

Cerca de dez anos após o encerramento dos sepultamentos dentro da matriz, ela sofreu, talvez, sua maior reforma, pois em 1858 formou-se um movimento liderado pelo vereador José Lucas[57] visando uma grande reforma na igreja matriz, que se encontrava em ruínas. Aos 20 de fevereiro de 1858 foi aprovado pela Câmara Municipal a Lei que criava imposto para reconstrução da Igreja da Matriz. A referida reforma foi executada por escravos que formavam uma fileira de um quilômetro, da olaria do moinho até a matriz, de mão em mão. Assim a igreja, outrora de dois corpos, passou a ter o formato atual.

No final do século XVIII e início do século XIX se iniciava uma mudança no mundo inteiro, especialmente

[56] O Grupo Escolar José Alvim está, portanto, instalado no local onde foi o primeiro cemitério extramuros de Atibaia, nesta quadra também encontramos a praça Guilherme Gonçalves e diversas casas; não sabemos ao certo se o antigo cemitério se iniciava da fachada da Igreja do Rosário para trás e, portanto, o local onde hoje está a praça Guilherme Gonçalves não fazia parte do antigo cemitério, ou se o cemitério estava na frente da Igreja do Rosário, portanto, o local onde hoje é a praça em frente à escola também fazia parte do antigo cemitério.

[57] José da Silveira Campos, ou somente José Lucas, como era conhecido, nasceu em 1808, era filho de Lucas de Siqueira Franco, 4º e último Capitão-mor de Atibaia e 1º Presidente da Câmara Municipal. José Lucas casou-se com sua sobrinha Delfina Bueno de Aguiar em 1834, foi importante fazendeiro e chefe político pelo partido liberal. Foi vereador e presidente da Câmara por diversas legislaturas e membro do Conselho Municipal. Foi o responsável pela construção da Câmara e Cadeia, hoje Museu Municipal João Batista Conti, e pela reforma da Matiz ocorrida a partir de 1858, doando inclusive material e mão de obra. Faleceu em Baependi/MG em 11/09/1870, para onde foi fazer um tratamento de saúde ou levar tropas.

na Europa católica, indicando que estava por fim o antigo costume de sepultamento dentro das Igrejas.

No Brasil, podemos dizer que a primeira medida que indicava a mudança já referida ocorreu com a carta régia de 14/01/1801, na qual o príncipe regente de Portugal ordenava ao governador da província de São Paulo que em cada cidade se "escolhesse um terreno para se construir um cemitério, em lugar que pela sua situação e proporcionada distância da cidade, não pudessem ser nocivos à saúde dos vivos os miasmas pútridos, que exalam os mortos".[58]

A separação dos ambientes dos vivos e dos mortos começou se dar lentamente na Europa católica durante o século XVIII movida por várias epidemias que dizimavam a população europeia, mas foi mesmo a partir do início do século XIX que nasceram os primeiros cemitérios europeus, dando início a uma nova realidade no mundo dos mortos. Na França, por exemplo, Napoleão mandou construir em 1804 o que seria um dos cemitérios mais visitados do mundo, o Père Lachaise.

O cemitério de Staglieno, em Genova, onde repousam os restos mortais do meu trisavô paterno, Luigi Bedore, que segundo tradições orais da família morou em Atibaia na última década do século XIX, teve início em 1º de janeiro de 1851. Enfim, durante todo o século XIX centenas de cemitérios das mais importantes cidades europeias nasciam e, com isso, dava-se cabo ao velho costume de sepultamento nas Igrejas ou em seus adros.

Iniciava-se assim a separação entre o mundo dos vivos e o dos mortos, todavia, no Brasil esse processo de separação se deu de maneira bem mais lenta e gradual, de modo que a maior parte do século XIX, em inúmeras cidades, foi um período de transição entre o costume que se encerrava e o novo que lentamente se implantava. Era na prática a necessária, e até tardia, segregação dos vivos e mortos.

No Brasil, salvo raríssimas exceções, o início do fim dos sepultamentos nas Igrejas começou a partir das décadas de 1850/60, embora fora a partir da década de 1830 que legislações determinavam o fim dos sepultamentos no interior das igrejas, do que trataremos a seguir.

CEMITÉRIOS DO SÉCULO XX
CEMITÉRIO MUNICIPAL SÃO JOÃO BATISTA

O código de posturas municipais, lei nº 1 de 1º de setembro de 1893 estabeleceu no seu artigo 126 que assim que permitissem as finanças seria construído o Cemitério municipal, todavia, acreditamos que esse novo cemitério deve ter começado a ser construído no ou nos últimos anos do século XIX, pois em junho de 1900 se deu o primeiro sepultamento.

O Cemitério São João batista é situado na av. da Saudade, local que na época (1900) era considerado distante do centro da cidade, mas que hoje está inserido na área central da cidade, próximo à Prefeitura e à Câmara, e é o

[58] Renato Cymbalista, obra citada, p.43 onde faz citação da obra de Maria Amélia Salgado Loureiro, ***Origem histórica dos cemitérios***, p. 52.

mais antigo cemitério de Atibaia. Transcrevemos a seguir o primeiro sepultamento:

> *"Aos vinte e cinco de junho de mil e novecentos foi sepultado o Capitão Francisco José da Silva Pinto, com sessenta e seis anos natural deste distrito, casado com bárbara Augusta da Silva, faleceu de moléstia orgânica do coração ontem dia vinte e quatro às cinco horas da tarde no bairro do portão. Sepultado sob o nº 01 tendo pago a quantia de quarenta mil pela sepultura que será terá o prazo de dez anos."*

Todavia, na quadra mais antiga do cemitério São João Batista (quadra "A") encontramos alguns túmulos, cujos restos mortais e as respectivas lápides foram transferidos do antigo cemitério, localizado ao lado da Igreja do Rosário, tais como:

- Túmulo de Maria Gertrudes Franco[59] †26/09/1878
- Túmulo de Philomena dos Santos Ribeiro *07/08/1854 †27/05/1887
- Túmulo de Gertrudes Teresa de Camargo †27/08/1891
- Túmulo de João Carlos de Oliveira *04/11/1829 †27/08/1891
- Túmulo de Amélia Peçanha Franco †10/01/1892
- Túmulo de Gertrudes Maria Leite Gonçalves[60] *10/03/1843 †27/06/1896
- Túmulo de Ana Maria Conceição Leite[61] *20/03/1845 †21/11/1891 e de

José Theodoro Pinto †22/06/1897Todos esses túmulos se encontram na quadra "A", a mais antiga do cemitério e podem ser considerados os túmulos mais antigos de Atibaia, todos do século XIX e com mais de cem anos, sendo o mais antigo com 128 anos, datado de 1878. Acreditamos que outros túmulos possam ter sido transferidos do velho

[59] Maria Gertrudes Franco foi casada pela 1ª vez com seu tio, o Ajudante Lucas José Leme, e pela 2ª vez em Atibaia com José Joaquim de Oliveira. Maria Gertrudes era filha de José Joaquim da Cunha e de Joana Máxima Franco, por esta neta de Maria Gertrudes Franco, 10ª filha do 1º Capitão-Mor de Atibaia, Lucas de Siqueira Franco.

[60] Gertrudes Maria da Conceição Leite nasceu em 10/03/1843, em Atibaia, onde se casou com José Gonçalves de Oliveira. Gertrudes era a primeira filha do Capitão Jacinto Manoel Leite, chefe do partido conservador em Atibaia, onde foi vereador e Juiz Municipal e de órfãos.

[61] Ana Maria da Conceição Leite nasceu em Atibaia aos 20/03/1845 e aí se casou com José Theodoro Pinto, filho de Maria Conceição Cintra, Nhanhã do Portão, irmã do 2º barão de Campina, Joaquim Pinto de Araújo Cintra. Ana Maria da Conceição Leite era a segunda filha do Capitão Jacinto Manoel Leite, chefe do partido conservador em Atibaia, onde foi vereador e Juiz Municipal e de órfãos. Esse túmulo lamentavelmente foi destruído e com isso se perdeu um dos mais antigos túmulos do antigo cemitério transferido para o cemitério São João Batista.

para o novo cemitério, mas com o tempo foram abandonados e substituídos por outros, ou mesmo se não tinham o caráter perpétuo, foram substituídos pela administração do cemitério após os tempos estipulados para o uso.

UM AMOR TERMINADO NO CEMITÉRIO

No dia 02 de agosto de 1915, o casal de apaixonados, Ana Rodrigues Pinto (*1900+1915), filha do major Sebastião Theodoro Pinto e de Catarina Rodrigues dos Santos e Aristides Leite (*1892+1915), filho de Francisco Satiro Leite e de Maria Emília da Rocha Leite, ambos de famílias tradicionais de Atibaia, muito provavelmente, após não conseguirem a permissão para se casarem por razões que não ficaram esclarecidas, cometeram suicídio dentro da capela do Santíssimo Sacramento do cemitério São João Batista e lá foram sepultados, ambos na quadra A, um ao lado do outro.

CEMITÉRIO DA IRMANDADE DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Dentro do Cemitério Municipal São João Batista, no seu centro, cercado de um pequeno muro de aproximadamente um metro ou pouco menos de altura está inserido o cemitério da Irmandade do Santíssimo Sacramento, cujo primeiro sepultamento se deu dia 01/02/1902 com o enterro do Capitão Felício Marinho Fagundes e que ainda hoje tem muitas áreas sem nenhum sepultamento.

Dentro do cemitério do Santíssimo encontramos duas urnas de mármore, próximas ao muro maior, com os restos mortais de José Peçanha Franco, falecido em 22/10/1898, e de João Peçanha Franco[62] Correa[63], falecido em 08/03/1899, e uma terceira destruída, sem identificação. No cemitério do Santíssimo também encontramos talvez o maior túmulo dos dois cemitérios que é o do Major Juvenal Alvim[64] e sua esposa, Gertrudes Pires Alvim.

[62] José Peçanha Franco foi casado com Maria Salome, filha de José Joaquim do Amaral Bueno e de Ana Jacintha do Amaral. Era filho de Joaquim Peçanha Falcão, abastado fazendeiro.

[63] João Peçanha Correa Franco ou Franco Correa foi casado com Jesuína Bueno de Aguiar Era filho de José Correa Franco e de Ana Peçanha, essa filha de Joaquim Peçanha Falcão, ver nota acima

[64] Major Juvenal Alvim era natural de Atibaia, onde foi batizado em 1867, filho de José Alvim de Campos Bueno. Iniciou sua carreira política em 1892 fazendo parte do conselho de intendência. Foi intendente municipal entre 02/01/1900 a 02/01/1901. Em 1899 tomou posse como vereador, cargo que exerceu por muitos anos e exerceu a presidência da Câmara de 1902 a 1913. Foi grande fazendeiro e comerciante de café. Era major do 223 o batalhão da Infantaria da Guarda Nacional. Faleceu em Atibaia aos 09/02/1936 e foi sepultado no cemitério do Santíssimo Sacramento. Ver biografia neste trabalho.

CEMITÉRIO MUNICIPAL SÃO SEBASTIÃO (CEMITÉRIO DO ALVINÓPOLIS)

O cemitério de São Sebastião foi construído pela Prefeitura diante da saturação do cemitério São João Batista, até então único local de sepultamento da cidade desde 1900. Foi construído a fim de suprir a necessidade de um novo cemitério que garantisse o sepultamento dos novos habitantes que chegavam em Atibaia, aqui se estabeleciam e aqui repousariam derradeiramente seus restos mortais. Esse cemitério está situado no mais populoso bairro de Atibaia, o bairro do Alvinópolis, localizado na avenida São Paulo, pode ser considerado o cemitério mais popular de Atibaia, possuindo também salas de velórios. Foi construído provavelmente em 1970, pois o primeiro sepultamento se deu aos 21 de setembro de 1970, sendo o corpo da senhora Ursolina Brandina da Silva o primeiro ocupante do novo cemitério.

CEMITÉRIO PARQUE DAS FLORES DE ATIBAIA

O cemitério Parque das Flores é o primeiro e único cemitério particular de Atibaia, tem estilo de cemitério jardim sem a presença de túmulos acima do solo, situado na estrada dos Perines, bairro Mato Dentro. Foi inaugurado em setembro 1997 e além da área destinada para os sepultamentos possui velórios próprios e uma linda capela. O primeiro sepultamento ocorreu aos 22/10/1997 e foi de Manoel Romão de Nóbrega.

Nesse cemitério estão sepultados dois cantores conhecidos nacionalmente que viviam em Atibaia, o seresteiro Silvio Caldas (*1908 †1998) e o sambista Noite Ilustrada (*1928 †2003), ambos tiveram suas mortes anunciadas na imprensa nacional.

OSSÁRIOS DO CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA E DA IGREJA CRISTO REI

Além dos três cemitérios, dois municipais (São João Batista e São Sebastião) e um particular (Parque das Flores), Atibaia conta hoje com dois ossários, que não são locais de sepultamentos, mas que, após o período mínimo para exumação dos corpos, que hoje é de três anos, podem ser ocupados, mediante compra, para guardar os restos mortais exumados dos cemitérios.

No cemitério São João Batista o ossário fica encostado junto a um dos muros de entrada do cemitério, já o ossário da Igreja do Cristo Rei, principal igreja católica do bairro do Alvinópolis, fica no piso inferior da Igreja.

Ambos os locais são parecidos, com gavetas de concreto, tendo a face da frente destinada para identificação e são vendidos por tempo determinado ou ***ad perpetum***, tanto pela municipalidade quanto pela referida igreja, e nesse caso passam a ser o derradeiro repouso.

Capítulo 6

De povoado (arraial, aldeamento) à freguesia (bairro de São Paulo)

Em 1676 é nomeado, pelo governador da capitania de São Vicente, para o posto de primeiro capitão da infantaria e ordenança do "dito bairro do rio Guatibaia, temo da vila de São Paulo" Francisco de Godoi Moreira, que era nada mais nada menos do que um dos genros de João Pires, um dos líderes do partido Pires de São Paulo, numa demonstração clara de que nos seus primeiros anos a cidade era povoada, na sua maioria, por partidários dos aliados dos Pires, ou pelo menos comandada por partidários dos Pires. Mas o mais provável é que a célebre contenda entre os Pires e os Camargos não demonstrava ser tão presente como foi na cidade de São Paulo. Com a nomeação do primeiro capitão de ordenanças do bairro de Guatibaia em 1676, a cidade se tornou freguesia no mesmo ano. Segundo alguns pesquisadores e historiadores, já era freguesia em 1701, mas nunca houve consenso com relação ao ano no qual Atibaia passou a ser freguesia (bairro) de São Paulo, mas não tenho dúvidas de que foi em 1776, portanto, apenas 11 anos após seu surgimento oficial.

Na lista de donatários reais de 1679 da vila de São Paulo, Atibaia já figurava como um dos 11 bairros de São Paulo, aliás o mais rico entre eles. Bairros de São Paulo em 1679.

Benedito Calixto

Bairro	Nº contribuinte	Contribuição média
Antônio Bueno [65]	72	870
Atibaia	100[66]	1016
Barueri	56	829
Caaguaçu	118	340
Caucaia (Guarulhos)	116	490
Cotia	53	627
Forte	32	718
Juqueri (Mairiporã)	35	810
Santo Amaro	146	281
São Miguel	46	555
Tremembé	55	551

[65] O bairro de Antônio Bueno também se localizava em Juqueri, hoje Mairiporã. Seu nome era uma homenagem ao segundo filho de Amador Bueno da Ribeira, que era o proprietário da sesmaria, mas por sua importância na vila de São Paulo pouco entrava para os sertões. Segundo o memorialista Pedro Thomas Pereira, é muito provável que o antigo bairro Antônio Bueno seja hoje o distrito de Terra Preta, que também já foi chamado de Bom Jesus da Pedra Fria.

[66] Em 1679, portanto apenas 14 anos depois do nascimento oficial de Atibaia, o então bairro de São Paulo já contava com cem homens brancos contribuintes, o que provavelmente daria uma população branca de aproximadamente 500 pessoas.

Capítulo 7

De freguesia (bairro) à vila (cidade) – 1770

A primeira tentativa de elevar a freguesia de Atibaia à vila se deu em 1761 sob a liderança de Frutuoso Furquim de Campos, mas atibaianos se reuniram para pedir a não elevação. Assinaram a lista Felix de Almeida de Oliveira, Francisco Mathias de Camargo, Lourenço Franco de Camargo, Inácio Soares de Araújo, José Franco do Prado, João de Camargo Pimentel, Antônio de Oliveira Cardoso, Jorge Ferreira de Camargo, Chispim da Silva Franco, Lourenço Franco do Prado, Leandro Lopes de Camargo, Antônio Alves Cardoso, Fernando de Camargo Pimentel, Baltazar de Godoi e Camargo, Francisco de Goes Pimentel, Thomaz Ferreira de Camargo, José de Godoi Moreira, Bartolomeu Garcia de Oliveira, José Pereira de Oliveira, Domingos Leme do Prado, Francisco de Camargo Pimentel, Inácio Xavier Cardoso, Diogo Bueno de Camargo, Valentim Pires da Rocha, Jerônimo de Camargo Pimentel, Narciso de Oliveira Cardoso, Manoel Pereira Pires, João de Godoi Moreira e José Pires da Rocha.

Contudo, no 5 de novembro de 1769, solenemente a cidade recebe as autoridades da Capitania para instalação da nova vila de São João Batista de Atibaia, com levantamento do pelourinho, que era o símbolo da independência de uma cidade. Este pelourinho foi instado na rua José Lucas, hoje esquina com a rua José Bim, aproximadamente onde está a casa paroquial. No dia 19 de fevereiro de 1770 foi eleita a primeira câmara municipal assim formada: para juízes, Antônio Gonçalves da Cunha e o capitão Domingos Leme do Prado, e para vereadores, João Franco Viegas, Francisco Xavier Cesar e o capitão André Pereira de Meirelles, para procurador do conselho, Manoel de Barcellos, e para tabelião, Inácio Alves da Silva.

A primeira escritura da nova vila de Atibaia do livro Um do primeiro tabelionado de notas de 01/04/1770 foi de compra e venda de um lance de casas no largo na matriz, sendo vendedora Catarina da Rocha e comprador, José Pereira Felix.

Capítulo 8

Os primeiros desmembramentos, perdas do território com o surgimento de novas cidades a partir de Atibaia

Apenas 27 anos após obter sua autonomia político-administrativa com a sua elevação à Vila (cidade – 1770), Atibaia perde seu primeiro território com a elevação da sua freguesia de Conceição de Jaguari, hoje cidade de Bragança Paulista, à categoria de Vila. A independência de Bragança não foi feita com tranquilidade. Consultada sobre a emancipação, a Câmara de Atibaia se manifestou contrariamente, mas ainda assim o governador geral da capitania, Antônio Manuel de Melo Castro e Mendonça, não ouviu a câmara de Atibaia e, aos 28 de novembro de 1797, ordenou a instalação da nova vila, assim Atibaia perde seu primeiro território. Em seguida vieram as emancipações de Nazaré Paulista em 10/06/1850, que passou a abranger os territórios de Piracaia (Santo Antônio da Cachoeira) e Bom Jesus dos Perdões (Bom Jesus da Cana Verde e depois Ajuritiba), os quais também se emanciparam de Nazaré. Piracaia em 31/07/1859 e Bom Jesus, que passou a ser freguesia de Nazaré em 1916, e em 1948 passou a ser um município independente. A última perda de território se deu com a emancipação de Jarinu (Campo Lardo de Atibaia) em 17/04/1948.

Breve relato sobre o nascimento das cidades que fizeram parte de Atibaia:

Bragança Paulista: sua fundação é atribuída ao casal Antônio Pires Pimentel e Inácia da Silva que no dia 15 de dezembro de 1763 doou uma área para a construção de uma capela para o cumprimento de uma promessa que eles fizeram à Nossa Senhora da Conceição. Em 1765 o pequeno povoado, próximo à freguesia de Atibaia, também passa a ser freguesia, ambas de São Paulo.

Seu nome originário indígena é Jaguari, e após o início da colonização passou a ser Conceição de Jaguari e a partir de 1798 passa a se chamar Bragança Paulista e se tornar vila, desligando-se de Atibaia, de quem era uma freguesia (bairro). Bragança é cerca de um século mais jovem que Atibaia, mas durante muito tempo teve um desenvolvimento em diversas áreas superior a Atibaia, que resultou numa força política regional de maior destaque, tornando-se referência regional. Contudo, nas últimas duas ou três décadas Atibaia vem conquistando um protagonismo regional, fazendo com que a região bragantina seja dividida em duas regiões: a bragantina, liderada por Bragança, e a atibaiana, liderada por Atibaia, a mais antiga cidade de toda região.

Nazaré Paulista: o nascimento de Nazaré está relacionado à bandeira de Fernão Dias, que em 1674 passou

pela região, deixando pelo caminho algumas pessoas que deram início à futura cidade de Nazaré Paulista, entre eles, Bárbara Cardoso de Almeida, filha de Matias Cardoso de Almeida, natural da Ilha da Madeira, e de Isabel Furtado, e prima de Fernão Dias. Em 1676, Matias Lopes, com a ajuda de seu irmão e padre Manoel Lopes e de Gonçalo Simões Chassim, construiu na fazenda de sua mãe uma capela sob a invocação de Nossa Senhora de Nazaré. Em 1693, é elevada à freguesia.

Piracaia: nasceu com o nome de Santo Antônio da Cachoeira e também se considera como a data de sua fundação a data da escritura de doação das terras de Leonor de Oliveira Franco e seus filhos para a construção de uma capela em louvor a Santo Antônio. Piracaia, que significa peixe assado, passou a ser freguesia de Atibaia em 05/03/1836. Com o nascimento de Nazaré Paulista como vila em 1850, Piracaia deixa de ser bairro de Atibaia e passa a ser bairro de Nazaré, até que em 31/07/1859 é elevada à vila e se desliga de Nazaré.

Bom Jesus dos Perdões: a história de Bom Jesus dos Perdões, Bom Jesus da Cana Verde ou somente Perdões, está muito ligada à história de Nazaré Paulista, inclusive com relação aos principais personagens ligados ao seu nascimento. A cidade, como quase a totalidade das cidades brasileiras surgidas nos séculos XVI ao XX, surgiu a partir de uma capela católica. No caso de Perdões, como o de Nazaré, Bárbara Cardoso de Almeida foi a maior responsável por mandar construir em suas vastas terras e depois doou para igreja, a área embrionária da hoje cidade de Perdões. A data de sua fundação é considerada em 22 de maio de 1705, data da bênção de "inauguração" da capela.

Jarinu: até 1948, apenas há cerca de 70 anos atrás, Jarinu era uma freguesia (bairro) da cidade de Atibaia com o nome de Campo Largo de Atibaia. Atribui-se como seu fundador o atibaiano Lourenço Franco da Rocha, descendente dos capitães-mores de Atibaia, e sua esposa Rita de Cassia Moraes, irmã do alferes José Jacinto de Araújo Cintra, que em 7 de janeiro de 1807 doaram terras de sua fazenda para a construção da capela de Nossa Senhora do Carmo de Campo Largo.

Silvio Caldas, importante cantor, que residiu e faleceu em Atibaia

Capítulo 9

Expansão imobiliária em Atibaia (primeiros loteamentos)

Segundo João Conti, na sua já citada obra sobre a história de Atibaia, no final do século XIX já havia preocupações com o aumento da população da cidade e consequentemente com a expansão imobiliária, o que resultou no surgimento da Nova Empresa Colonial que loteou terras no bairro do Maracanã aproximadamente em 1895, através de muitas chácaras.

O primeiro grande loteamento na cidade foi o Alvinópolis, nome alusivo ao seu criador, major Juvenal Alvim, em uma de suas fazendas bem próximas ao centro da cidade. Após a morte do major, as terras e, consequentemente, o loteamento passaram para um de seus genros, Clóvis Soares, que aprimorou o sistema oferecendo casas já edificadas com o pagamento facilitado e assim o loteamento teve um grande crescimento e se tornou um importante bairro da cidade.

O segundo grande loteamento foi a Vila Santista iniciado na década de 1930, assim chamada por merecer a preferência dos santistas que lá construíram suas chácaras e casas elegantes.

Outros importantes loteamentos surgiram a partir desse momento: Gardênia, em 1945. No início de 1950 os irmãos Antônio Júlio de Garcia Lopes e Antônio Carlos Garcia Lopes iniciaram uma série de loteamentos começando com o Jardim Colonial, Floresta, Samambaia, Loanda e tantos outros. Depois vieram outros como, Vila Rica, Jardim dos Pinheiros, Palavra da Via, mais voltados à classe média, e outros mais populares, como Jardim Brasil ou Vila Silva, no centro, em 1960, Jardim Cerejeiras em 1956, Jardim Imperial, loteado pela sociedade das famílias Matuoka e Priolli, Jardim Brasil ou Chácara Brasil, próximo ao Jardim Imperial, e os mais recentes, como o Nova Atibaia e Bella Atibaia, das duas primeiras décadas deste século, mas o ápice da expansão imobiliária foi na década de 1960.

Depois da implantação da rodovia D. Pedro I, apareceram condomínios fechados ao redor do cruzamento entre as duas rodovias (Fernão Dias com a D. Pedro I), como: Estância Parque e Campos de Atibaia.

O desenvolvimento da Estância Lynce merece um destaque um pouco maior aqui neste capítulo.

ESTÂNCIA LYNCE

Após alguns acontecimentos em prol da divulgação da cidade, como o primeiro hotel campestre do Brasil (Hotel Estância Lynce – 1943), divulgação de sua rica cultura popular durante o governo de João Batista Conti

*Pintura da cidade de Atibaia vista da Estância Lynce pelo pintor Henry Chamberlain (*1796+1844) que viajou pelo Brasil e passou por Atibaia entre 1819/20*

(1936/45), a concessão do título de Estância Hidro-Mineral Natural em 10/09/1947, através de emenda do deputado estadual Joviano Alvim, e de toda infraestrutura realizada na cidade na administração do prefeito Walter Engrácia de Oliveira, prefeito nomeado (1951 e 1955) que teve muito apoio do secretário de viação e obras do Estado, Nilo Amaral, e do próprio governador, Lucas Nogueira Garcês, se iniciou um grande desenvolvimento imobiliário em Atibaia.

As melhorias atingiram todas as áreas: educação, saúde, cultura, turismo, fornecimento de água, energia elétrica, tratamento de esgoto, edificação de vários prédios públicos e até a substituição das carroças para o transporte de leite e carne por veículos. A partir daí surgiram novos bairros, expandindo-se consideravelmente a área urbana e o próprio centro da cidade.

Um dos grandes responsáveis por este desenvolvimento imobiliário de Atibaia foi Cesar Memolo, que com a construção de seu hotel Estância Lynce agregado a um conjunto de prédios de apartamentos residenciais (ambos na rua Walter Engrácia de Oliveira – atualmente na rua do colégio Objetivo e do supermercado Convém) e com a formação de um dos primeiros, senão o primeiro, condomínio fechado de Atibaia – Nova Aclimação, 1945 –, em sociedade com Antônio De Carlo, proprietário da área (meu bisavô) que, acabou atraindo investidores do setor imobiliário para o das avenidas Lucas Nogueira Garcez e Santana, desenvolvendo muito essa região, surgindo, após o hotel, um condomínio de prédios e um condomínio de casas, outros loteamentos de alto padrão, como Flamboyant, feito em 1973/74, Arco Íris, de 1979, no sopé da serra do Itapetinga, outros loteamentos entre as avenidas Lucas e Santana, com o Vila Giglio, Retiro das Fontes e outros ao longo da Lucas, com o Jardim do Lago e o Jardim Paulista, vila Gardênia, em 1944.

Foto do mesmo ângulo da pintura de Chamberlain na década de 1940 – arquivo municipal

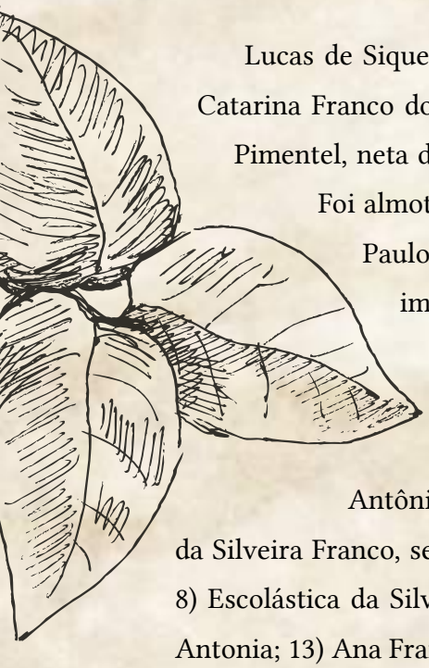
Sobre a alameda Lucas de Nogueira Garcez, antiga estrada de rodagem e principal e mais antiga entrada da cidade, até meados da década de 1940 era uma simples estrada rural cercada de fazendas, sítios e chácaras. Lentamente, a partir dos empreendimentos que citei acima, a simples estrada rural começou a se transformar num novo polo comercial da cidade, especialmente nas áreas de gastronomia e entretenimento (hoje seu comércio é bastante variado em todos os segmentos). Acompanhei esse desenvolvimento e lembro-me bem da danceteria Atlanta, do Laerte Montoya, do final do asfalto, um pouco depois do cruzamento das duas avenidas (Santana e Lucas), até que em 2004 o asfalto foi levado até o bairro Ribeirão dos Porcos, às margens da rodovia Fernão Dias e mais recentemente, a partir do ano passado e neste ano com as obras de revitalização da alameda Lucas que hoje, sem dúvidas, é a principal artéria boêmia, gastronômica e sofisticada da cidade.

Foto do mesmo ângulo da pintura de Chamberlain Adriano Bedore ano 2018

Capítulo 10

Os capitães-mores e seus poderes

LUCAS DE SIQUEIRA FRANCO I



Lucas de Siqueira Franco I (*1709 †1783). Era natural de Atibaia, filho de Inácio de Siqueira Ferrão e de Catarina Franco do Prado. Casou-se com Izabel da Silveira Camargo, filha do capitão Francisco de Camargo Pimentel, neta de Marcelino de Camargo, ambos muito importantes na história de Atibaia (meus decavós). Foi almotacél em 1743 e 1750, vereador em 1742 e 1750, em 1749 foi juiz ordinário na câmara de São Paulo. A partir de 1750 se dedicou mais à sua terra natal, onde foi grande fazendeiro. E ocupou importantes cargos públicos como: vereador em 1771, primeiro sargento-mor, nomeado em 31 de janeiro de 1772, e primeiro capitão-mor, nomeado em 8 de maio de 1775, honrosa função que exerceu até a sua morte em 1783. Deixou os filhos: 1) Capitão Inácio de Siqueira Pimentel, casado com Maria Barbosa Pires (meus eneavós); 2) João de Siqueira Pimentel; 3) Antônio de Siqueira Franco; 4) José de Siqueira Franco, terceiro capitão-mor de Atibaia; 5) Francisco da Silveira Franco, segundo capitão-mor de Atibaia; 6) Lucas da Silveira Franco; 7) Joaquim de Siqueira Franco; 8) Escolástica da Silveira Franco; 9) Maria Gertrudes Franco; 10) Mécia de Siqueira; 11) Gertrudes Franco; 12) Antonia; 13) Ana Franco.

FRANCISCO DE SILVEIRA FRANCO

Francisco da Silveira Franco (*1742 †1801). Era natural de Atibaia, filho de Lucas de Siqueira Franco, o primeiro capitão-mor, e de Izabel da Silveira Camargo. Casou-se em Parnaíba com sua parente Maria Cardoso de Oliveira. Foi fazendeiro em Atibaia, capitão de ordenanças em 1775, juiz ordinário em 1777, sargento-mor em 1782 e o segundo capitão-mor de Atibaia nomeado em 11 de julho de 1783. Deixou os filhos: 1) Capitão Lourenço Franco da Rocha (considerado o fundador de Campo Largo, hoje Jarinu); 2) Maria Francisca Cardoso, casada com Jacinto José de Araújo Cintra; 3) Lucas de Siqueira Franco, quarto e último capitão-mor; 4) Ana Francisca Cardoso; 5) Alferes Antônio da Silveira Cardoso; 5) Teodoro José da Silveira; 6) Francisco da Silveira Franco; 7) João Batista da Silveira; 8) Jacinta Antonia da Silveira; 9) Ajudante Felisberto José da Silveira e 10) José da Silveira Franco.

JOSÉ DE SIQUEIRA FRANCO

José da Siqueira Franco (*1759 †24/08/1814). Era natural de Atibaia, filho de Lucas de Siqueira Franco, o primeiro capitão-mor, irmão de Francisco da Silveira Franco, o segundo capitão-mor, e de Izabel da Silveira Camargo. Casou-se pela primeira vez com Helena de Moraes, viúva do capitão Francisco Lourenço Cintra e pela segunda vez com Francisca Margarida Pedroso. Foi fazendeiro, o terceiro capitão-mor de Atibaia e o responsável por restabelecer o caminho entre Atibaia e São Paulo. Deixou os filhos de seu segundo casamento: 1) Maria Policarpa Franco; 2) Alferes José de Siqueira Franco; 3) Alferes Joaquim Antônio da Silveira e 4) Maria Caetana Franco. Segundo informações não confirmadas, José de Siqueira Franco, negociante de burros e tropeiro, teria sido assassinado em Caetité, no norte de Minas Gerais.

LUCAS DE SIQUEIRA FRANCO II

Lucas de Siqueira Franco II (*1773 †1866). Era natural de Atibaia, filho de Francisco da Silveira Franco, segundo capitão-mor de Atibaia, e de Maria Cardoso de Oliveira e neto do primeiro capitão-mor, Lucas de Siqueira Franco I. Casou-se com Ana Gabriela de Campos, filha de Frutuoso Furquim de Campos, que muitos historiadores afirmam ser o grande opositor dos Siqueira Franco, mas esse casamento é a maior prova de que, no máximo, divergiam sobre a elevação de Atibaia à categoria de vila. Foi fazendeiro, vereador, capitão das ordenanças em 1794, juiz ordinário em 1795 e 1802, sargento-mor de Atibaia, nomeado em 24 de março de 1787, e o quarto e último capitão-mor de Atibaia, nomeado em 1º de novembro de 1823 até 1828, quando foi mudado o sistema administrativo do Império, extinguindo-se os cargos de sargento-mor e capitão-mor, que permaneceram apenas como reverência e respeito entre a população. Foi o primeiro presidente da câmara entre 1829 a 1832, interferindo na vida pública de Atibaia até o seu falecimento. Faleceu com 93 anos, deixando, segundo Silva Leme, mais de 400 descendentes. Deixou os filhos: 1) Ana Cardoso de Campos; 2) Maria Cardoso de Campos; 3) Tenente Frutuoso José de Campos; 4) Alferes Francisco da Silveira Campos; 5) Delfina da Silveira Campos; 6) Gertrudes da Silveira Campos; 7) Tenente José da Silveira Campos, "José Lucas"; 8) Rosa Maria de Campos. Talvez seja o mais velho atibaiano retratado.

Capítulo 11

O domínio político de Atibaia pelos descendentes do 1° capitão-mor

A união, por matrimônio, ocorrida na década de 1730, do primeiro capitão-mor Lucas de Siqueira Franco com a família Camargo, através de Izabel da Silveira de Camargo, que era irmã de Jerônimo de Camargo Pimentel, ambos filhos do capitão Francisco de Camargo Pimentel, netos de Marcelino de Camargo e sobrinhos-netos de Jerônimo de Camargo, resultou no controle político-administrativo de Atibaia pelos descendentes do citado casal por cerca de dois séculos de 1745 a 1945 aproximadamente, salvo, evidentemente, raros períodos de exceção.

Cerca de 50 anos após a união das famílias Camargo e Siqueira Franco, ou seja, na década de 1780, os descendentes do casal Lucas e Izabel uniram-se através de outros casamentos à outra família recém-chegada em Atibaia, os Araújo Cintra, mais precisamente aos descendentes do capitão Francisco Lourenço Cintra e seu irmão José Felix Cintra que se casaram com duas irmãs Araújo, dando início aos Araújo Cintra, os quais chegaram em Atibaia em 1776, vindo de Guarulhos, depois de passarem pelas minas de Pintagui. Os Siqueira Franco e Camargos, mais os novos aliados, os Araújo Cintra, asseguraram o domínio político deles por cerca de um século e meio, entre 1780 a 1945, aproximadamente.

Portanto, o domínio político-administrativo de Atibaia inicialmente foi exercido pelos primeiros povoadores e exploradores ligados à família Pires até aproximadamente o começo da década de 1680, quando os Camargos começaram a tomar as rédeas políticas do novo povoado, através de Marcelino de Camargo, considerado o Patriarca de Atibaia; depois passou para os filhos e genros dele e de seu irmão Jerônimo de Camargo, especialmente para o capitão Francisco de Camargo Pimentel, filho de Marcelino, que juntamente com Antônio Prado da Cunha, genro de Jerônimo, comandarou os destinos de Atibaia entre 1680 a 1730, aproximadamente.

A partir da década de 1730 até aproximadamente a década de 1950, ou seja, por mais de dois séculos, Atibaia foi comandada por Jerônimo de Camargo Pimentel, também conhecido somente por Jerônimo de Camargo, filho do capitão Francisco de Camargo, Pimentel e pelo 1º capitão-mor Lucas de Siqueira Franco, depois por seus descendentes, que também eram descendentes de Marcelino de Camargo, o Patriarca de Atibaia, e pelos descendentes de Jerônimo de Camargo; e, a partir da década de 1780, essa gente se uniu à família Araújo Cintra, cujos membros foram líderes do partido liberal de Atibaia, o qual, salvo em raros períodos de exceção, esteve no poder em Atibaia durante todo o regime imperial.

A família Alvim (Campos Bueno) que dominou ou influenciou nos destinos políticos de Atibaia após

a Proclamação da República até pouco mais da metade do século XX também era descendente da união dos descendentes do 1º capitão-mor de Atibaia com a família Camargo, e depois com os Cintra, bem como também descendia das importantes famílias Pires de Camargo e Alves do Amaral. Os Alvim são os únicos descendentes direto de Jerônimo de Camargo.

Podemos concluir então que da fundação da cidade em 1665 (data oficial) até meados do século XX, salvo raros períodos de exceção, o domínio político de Atibaia ficou nas mãos dos:

1) membros das primeiras famílias – os povoadores –, os Rodrigues Velho, Jorge Velho, Nunes de Siqueira, Pires e outras em sua grande maioria ligada aos Pires. Os primeiros povoadores detiveram o domínio político do novo povoado até, aproximadamente, o início da década de 1680, quando os Camargos iniciaram o domínio político;

2) membros da família Camargo, ou seja, descendentes dos irmãos Camargos, Mariana, José, Fernão, Jerônimo e principalmente pelos descendentes de Marcelino;

3) membros da família Siqueira Franco, descendentes de Lucas de Siqueira Franco, 1º capitão-mor; e por

4) membros da família Araújo Cintra, que se unindo entre si por diversos matrimônios detiveram o comando político de Atibaia por quase 3 séculos (1665 a 1960).

O último prefeito que cumpriu um mandato longo e que descendia por algum ramo de uma destas famílias foi João Batista Conti, que governou de 1936 a 1945, contudo, os prefeitos que sucederam João Batista Conti até a eleição de Geraldo Cunha Barros em 1962 embora não tivessem ligação com as famílias tradicionais de Atibaia, eram, na sua grande maioria, liderados por Zezico Alvim, que pode ser considerado o último líder político do século passado em Atibaia e que pertencia às importantes e tradicionais famílias atibaianas, de modo que, na nossa ótica, a eleição do dr. Geraldo em 1962, em linhas gerais, põe fim ao domínio político das principais famílias tradicionais em Atibaia. Alguns poucos prefeitos ou líderes políticos que tiveram influência na vida política de Atibaia após João Conti descendiam ou foram ligados através de casamentos com outras famílias tradicionais atibaianas, contudo, a grande maioria dos prefeitos ou líderes políticos que governaram após a segunda metade do século XX não tinha relação próxima com nenhuma família tradicional de Atibaia, salvo exceções. Para se ter uma ideia, após o governo de João Conti, somente três prefeitos que governaram por curtos períodos descendiam de uma das importantes e tradicionais famílias atibaianas: 1) Pedro Alvim, que governou por 1 mês em 1945, pertencente às famílias Siqueira Franco e Araújo Cintra; 2) Oswaldo Urioste, que governou por 2 anos entre 1947 a 49, pertencente às famílias Siqueira Franco e Araújo Cintra; e 3) Marcos Vinício Silveira, que governou por cerca de dois meses em 1998 e que pertence às famílias Siqueira Franco, Aves de Amaral e Leite. Outros quatro políticos que exerceram mandatos de prefeitos tiveram ligação com famílias tradicionais de Atibaia através de seus casamentos: 4) Rosendo Aguirre, que governou por uma semana, cuja esposa pertencia às famílias Siqueira Franco e Araújo Cintra; 5) Totó Júlio, que governou entre 1966 a 70, cuja esposa era Alves do Amaral e Pereira; 6) Cido Franco, que governou de 1975 a 1979 e 1989 a 1992, cuja esposa era Leite e Alves do Amaral; e 7) Beto Tricoli, que governou entre 2001 a 2008, cuja esposa é Siqueira Franco e Araújo Cintra. Os demais não têm nenhuma ligação de sangue ou por matrimônio com as famílias antigas e tradicionais de Atibaia. Contudo, com exceção dos dois primeiros prefeitos aqui citados, os demais, embora tivessem ligação com as famílias tradicionais de Atibaia, não chegaram ao poder em razão desta ligação familiar, mas por questões meramente políticas e conjunturais.

LINHA CRONOLÓGICA DOS PRINCIPAIS LÍDERES POLÍTICOS[67] DE ATIBAIA

☞ 1635 a 1680 = Primeiros povoadores – membros das famílias Rodrigues Velho, Jorge Velho, Nunes de Siqueira, Pires e Camargos.

☞ 1670 a 1680 = Francisco de Godoi Moreira, genro de João Pires (primeiro capitão de milícias da freguesia), Marcelino de Camargo e Jerônimo de Camargo, os quais não temos certeza se de fato participaram da vida política dos primeiros anos e décadas de Atibaia.

☞ 1685 a 1730 = Francisco de Camargo Pimentel (filho de Marcelino de Camargo) e Antônio Prado da Cunha (genro de Jerônimo de Camargo).

☞ 1730 a1783 = Jerônimo de Camargo Pimentel, "Jerônimo de Camargo" Lucas de Siqueira Franco (*1710 †1783 – 1° sargento-mor e 1° capitão-mor, casou-se com uma filha de Francisco de Camargo Pimentel, neta de Marcelino de Camargo) e Frutuoso Furquim de Campos (*1723 †1800), que foi o maior líder oposicionista nas décadas de 1760 e 1770, e o grande responsável pela elevação de Atibaia à categoria de Vila em 1769.

☞ 1783 a 1801 = Francisco Silveira Franco (2° capitão-mor).

☞ 1801 a 1821 = José de Siqueira Franco (3° capitão-mor) e Jacinto José de Araújo Cintra (1° chefe[68] do partido liberal, casou-se com uma filha do 2° capitão-mor).

☞ 1821 a 1860 = Lucas de Siqueira Franco (4° e último capitão-mor †1866), Cel. Manoel Jorge Ferraz (2° chefe do partido liberal e filho de Jacinto José de Araújo Cintra †1855), Jacinto José Ferraz de Araújo (1° deputado provincial por Atibaia e filho de Jacinto José de Araújo Cintra).

[67] Para este autor, os líderes políticos aqui citados exerceram grande influência política na sua época e não foram necessariamente aqueles que exerceram cargos eletivos de destaque. A liderança política aqui retratada encontra similitude com a velha prática de chefia política da velha república, ou política de coronéis, baseando-se praticamente no personalismo de seus líderes e quase nada nos seus posicionamentos ideológicos. Evidente que em 300 anos de história de Atibaia temos os aspectos particulares do Brasil colônia, do Brasil Império, da velha república, nova república, períodos de exceção e dias atuais, contudo, os líderes aqui mencionados, independentemente do período, tiveram suas lideranças, via de regra, baseadas nas lideranças exercidas no período da velha república.

[68] A expressão chefe era muito utilizada no século passado, para designar a maior e mais importante liderança política de um partido.

☞ 1860 a 1872 = José Lucas da Silveira “José Lucas” (Presidente da câmara entre 1857 a 1870, quando faleceu; foi 3° chefe do partido liberal, filho do 4° capitão-mor), Lucas de Siqueira Franco Neto ou Lucas Jorge (4° chefe do partido liberal em substituição ao primo de seu pai, José Lucas; Lucas Jorge foi presidente da câmara de 1871 a 1876, quando deixou Atibaia) e Manoel Jacinto de Araújo Ferraz (deputado provincial por Atibaia de 1862 a 1865, filho de Manoel Jorge Ferraz e irmão de Lucas Jorge).

☞ 1872 a 1892 = Em 1872 Atibaia teve um período muito conturbado politicamente, já que as eleições municipais de juiz de paz e vereadores ganhas mais uma vez pelo partido liberal (de situação) foram acusadas pelo partido conservador de fraudulentas, o que acirrou ainda mais a disputa pelo poder entre os dois partidos em Atibaia. Destacamos alguns líderes políticos neste período: Jacinto Manoel Leite (chefe do partido conservador nas décadas de 1860 e 1870, partido de oposição ao partido liberal, quase sempre no poder em Atibaia), José Alvim de Campos Bueno, “José Alvim” (último chefe do partido liberal em substituição a Lucas Jorge e 1° chefe político do partido republicano paulista), Lourenço Franco da Silveira, “Lourenço Paes” (último chefe político do partido conservador na década de 1880 em substituição a Jacinto Manoel Leite e Antônio Bento), Olímpio da Paixão (advogado contratado pelo partido liberal no final de 1872 que se tornou o maior líder republicano na cidade; foi também vereador em diversas legislaturas, presidente do conselho de intendência de janeiro de 1890 a setembro de 1892, o qual era formado na sua maioria por antigos membros do partido conservador e comandou os destinos da cidade nos primeiros três anos de república) e Antônio Bento de Souza e Castro (juiz municipal de 1870 a 1877, período no qual, juntamente com Jacinto Manoel Leite, chefiou o partido conservador em Atibaia; um dos maiores abolicionistas do Estado de São Paulo, cuja vida quase perdeu em um atentado político em Atibaia em novembro de 1871, decorrente da acirrada disputa entre liberais e conservadores).

☞ 1892 a 1936 = Tenente-coronel José Francisco de Campos Bueno, “José Bim” (1° intendente municipal; 2° chefe do partido republicano paulista, chefia herdada de seu pai, José Alvim. Maior líder político na primeira década do século XX até sua morte em 1913), Major Juvenal Alvim (5° intendente, presidente da câmara de 1902 a 1913, 3° chefe do partido republicano paulista, chefia herdada de seu irmão José Bim. Maior líder político de Atibaia entre os anos de 1913 até sua morte em 1936) e Coronel Bento José do Amaral, “Bento Paes” (líder político do partido de oposição que a partir da década de 1920 passou a ser partido democrático, partido oposicionista ao partido republicano paulista nas duas primeiras décadas do século XX e respeitado até pelos opositores políticos. Foi o maior opositor político ao major Alvim. Falecido em 1928).

☞ 1936 a 1964 = José Pires Alvim, “Zezico Alvim” (4° chefe político do partido republicano paulista, função herdada de seu pai, major Alvim, partido este que depois transformou-se no partido republicano e em Atibaia também tinha influência em pelo menos mais dois partidos: PSD e PSP; Zezico Alvim também foi presidente da câmara em 1936/37 e 1952 /54. Falecido em 1979) e Álvaro Correia Lima (Sucedeu Bento Paes na chefia do partido de oposição que na década de 1920 passou a ser o partido democrático, que depois passou a se chamar, após a revolução constitucionalista de 1932, partido constitucionalista, e depois UDN; foi vereador em diversas

legislaturas, exerceu a presidência da câmara em 1961/63 e 66/67, foi eleito deputado estadual, mas perdeu a cadeira numa eleição suplementar em 1946. Foi o maior líder político em oposição a Zezico Alvim neste período, falecido em 1969).

☞ 1964 a 2000 = Neste período, Atibaia, como grande parte dos municípios brasileiros, não teve nenhuma liderança incontestável, citaremos, de todo modo, alguns políticos influentes nesta data: Geraldo Cunha Barros (vereador por 3 legislaturas, líder oposicionista eleito prefeito em 1962 e deposto em 1964. Falecido em 1976), Takao Ono (vereador por 8 legislaturas, presidente da Câmara 3 vezes 1972; 1977/78 e 2005, prefeito eleito em 1979/82, vice em 1989/92, falecido em 2008). José Aparecido Ferreira Franco, "Cido Franco" (prefeito nomeado de 1975/79, que elegeu seu sucessor; depois elegeu-se prefeito em 1989/92 e vice-prefeito em 1996. Falecido em 1997), Gilberto Sant'anna (prefeito de 83/88), Flavio Callegari (prefeito de 93/96), Pedro Maturana (vereador por 7 legislaturas, presidente da câmara em 1964, vice-prefeito de 93/96 e prefeito de 97/00) e Odair Bedore (vereador por 5 legislaturas consecutivas, presidente da câmara por 4 vezes, 1991/92, 95, 97 e 2004, e o mais importante líder político na câmara na década de 1990), estes três últimos também foram os principais líderes de oposição no primeiro mandato da administração do PV entre 2001 a 2004, liderada pelo prefeito Beto Tricoli.

☞ 2001 a 2020 = José Roberto Tricoli, "Beto Tricoli" (vereador de 1993 a 1996, prefeito de 2001 a 2004, 1° prefeito reeleito em 2004 para o mandato de 2005/08 e que fez seu sucessor em 2008, elegendo, José Bernardo Denig, que foi vereador por 3 legislaturas,1997 a 2004, e presidente da câmara em 2001. Beto Tricoli elegeu-se deputado estadual em 2010, consolidando-se como maior líder político da primeira década deste século em Atibaia, contudo não se reelegeu deputado em 2014 e perdeu a eleição para prefeito em 2016 ganha pelo atual prefeito Saulo Pedroso de Souza. Saulo Pedroso de Souza (vereador de 2009 a 2012), prefeito eleito em 2012 e reeleito em 2016. Embora Saulo fizesse parte do grupo político do ex-prefeito Beto, com sua candidatura em 2012, rompe com ele, e com sua inesperada eleição em 2012 e sua reeleição em 2016, se torna o mais importante líder na cidade na atualidade e seu grande teste como liderança política está nas eleições deste ano de 2020.

Capítulo 12

A câmara municipal

Antes de falarmos sobre a câmara municipal de Atibaia é preciso dizer que no Brasil colonial, ou seja, até 1822, um pouco mais além, eram as câmaras que governavam as vilas. Em Atibaia, de 1770 até 1830 todas as decisões político-administrativas, executivas, legislativas, judiciárias, fazendária, fiscalizadora, eram tomadas pelas câmaras e pelos representantes do Governador, os capitães-mores e sargentos-mores.

As funções das câmaras atingiam também a vigilância dos pesos, a manutenção da Casa de Cadeia, a fiscalização das atividades lucrativas. Na prática, as câmaras eram veículos passivos para o cumprimento das ordens do Estado Imperial, contudo, dentro das vilas, seus membros acabavam controlando a vida da localidade, através do prestígio que seus cargos tinham.

Prédio da câmara municipal – Flávio Pileggi

A primeira casa de câmara e cadeia, já que antigamente tanto o legislativo quanto o local de prisão funcionavam no mesmo prédio, foi num prédio onde hoje seria a sorveteria Valentin e em seguida instalou-se num antigo sobrado que ficava atrás da igreja matriz. Este prédio também foi a casa de Claudino Alves do Amaral e o hotel São João, demolido na década de 1960 pelo dr. Armando Alvim de Freitas e construído no seu local o atual edifício Magister. Em 1840, a casa de câmara e cadeia foi transferida para um novo prédio onde hoje se encontra o museu municipal João Batista Conti, que ali permaneceu até 1926. Portanto, de 1740 até 1840 – por cem anos funcionou no sobrado atrás da igreja. De 1926 a 1930, a câmara voltou a funcionar no sobrado atrás da igreja. Nos anos de 1936 e 1937, a câmara funcionou onde hoje se encontra o Cine Itá, também atrás da igreja matriz, de 1946 a 1954, na rua José Lucas, e desde 24/06/1954 funciona no prédio onde se encontra até hoje, na avenida nove de julho.

RELAÇÃO DOS PRESIDENTES DA CÂMARA DE ATIBAIA

A Lei Imperial de primeiro de outubro de 1828 instituiu a "Lei Orgânica" das Câmaras Municipais, ou seja, estabeleceu regulamentos e princípios relativos às Câmaras Municipais: foi esta Lei que introduziu grande

mudança na estrutura administrativa dos Municípios, a partir daí as inúmeras atribuições da câmara reduziram-se consideravelmente. A partir do ano de 1829, entre as inúmeras mudanças, a mais significativa foi a desvinculação das funções jurídicas contenciosas da Câmara Municipal, o que vale dizer que os vereadores deixaram de ser também juízes nas Vilas e nas Cidades. Assim tratou a Lei sobre o assunto: "As Câmaras são corporações meramente administrativas, e não exercerão jurisdição alguma contenciosa". Assim a legislação desligava das Câmaras Municipais o cargo de juiz ordinário, estes a partir daí passaram a chamar-se juízes municipais, cargo ligado funcionalmente ao governo central e pertencente ao novo Poder Judiciário. Outras mudanças foram: a criação do cargo de **Presidente da Câmara** em substituição ao de Juiz Ordinário, porém agora com funções somente legislativas e de representação do Poder Legislativo nos Municípios, sendo nomeado Presidente o vereador mais votado; a duração dos mandatos de vereadores passava de um ano para quatro anos; a composição passava para sete vereadores nas Vilas e nove nos municípios; foi extinto o cargo de Capitão-mor, que representava a maior autoridade civil e militar nos Municípios, tornando os ocupantes deste cargo figuras meramente decorativas no painel da Vila.

Após a Lei de 1° de outubro, outras medidas do Império passaram a buscar um aperfeiçoamento da administração civil nos Municípios, entre elas, destacamos a criação da Guarda Nacional. Somente alguns anos depois, através das reformas comandadas pelos liberais durante os movimentos que antecederam a abdicação de D. Pedro I (1831), buscou-se resgatar a autonomia municipal com a escolha de Juízes de Paz, que julgavam causas de pequenos valores através de eleições municipais.

Passaremos agora a relacionar todos os ex-presidentes da Câmara Municipal a partir do quatriênio de 1829/32, quando esse cargo foi criado na estrutura do Poder Legislativo; antes, porém, faremos algumas ponderações acerca da primeira legislatura do Império.

Foi eleito vereador mais votado e portanto o primeiro Presidente da Câmara Municipal, o quarto e último Capitão-mor Lucas de Siqueira Franco, que renunciou aproximadamente no segundo ano de seu mandato, sendo substituído; passando a ser o segundo Presidente da Câmara Jacinto José Ferraz de Araújo (Cintra), eleito em dezembro de 1834 como o primeiro Deputado Provincial de Atibaia, assumindo no ano seguinte.

Portanto, mesmo tendo a Câmara Municipal de Atibaia sido instalada em 1770, o honroso e importante cargo de Presidente da Câmara somente surgiu no ano de 1829.

"Como publiquei através do livro/revista Família Ilustres e Tradicionais de Atibaia em 2000 a composição de todas as câmaras de 1770 até a legislatura de 1997/2000, neste livro decidi publicar a composição das câmaras daí para frente, ou seja, todas deste século, a partir da legislatura de 2001/04.

Legislatura de 2001/04: Sebastão Batista Machado, Vardelei Sebastião Rocha, Odair Bedore, Francisco Antonio Rodrigues, José Bernardo Denig, Edson Antônio Gonçalves, Reinaldo de Jesus Silva, Abel Aparecido Bueno do Prado, Nelson Maturana, Raildo Santos, Ismael Antônio Fernandes, Pedro Yoshihiro Tominaga, Takao Ono, Oswaldo Mendes Sobrinho, Wagner Silva, Paulo Sérgio Tricolli Patara e Rogério Ribeiro da Silva. Suplentes que assumiram o mandato: Lindolfo Pinheiro de Souza

Legislatura de 2005/08: Luiz Fernando Pugliesi, José Bernardo Denig, Georgina Ap. Pitocco Piniano, Edson Antônio Gonçalves, Takao Ono, Ismael Antônio Fernandes, Sebastião Batista Machado, José Angelo Beltrame,

Oswaldo Mendes Sobrinho, Paulo Sérgio Tricoli Patara e Reginaldo Binatti de Aguiar. Suplentes que assumiram o mandato: Josué Luiz de Oliveira, Paulo Fernando Serrano Catapreta, Marcílio J. Barros, Domingos Gerage e Juvenal Batista de Lima Neto.

Legislatura de 2009/12: Wanderley Silva Souza, Emil Ono, Josué Luiz de Oliveira, Wilson de Vasconcelos Veiga, Georgina Aparecida Pitocco Piniano, Ubiratan Fernandes de Oliveira, Francisco Antônio Rodrigues Almendra, Saulo Pedroso de Souza, José Paulo Teixeira, Oswaldo M. Sobrinho e Pedro Maturana. Suplentes que assumiram o mandato: Rodrigo Parras, Daniel Martini,

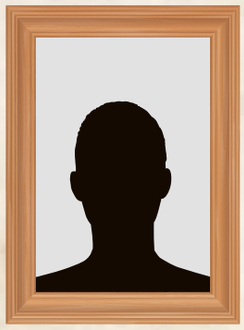
Legislatura de 2013/16: Emil Ono, Rodrigo Parras, Daniel da Rocha Martini, Josué Luiz de Oliveira, Jorge de Jesus Silva, Ubiratan Fernandes de Oliveira, José Carlos Machado, Almir Bueno do Prado, Wilson de V. Veiga, Paulo Fernando Serrano Serrano Cattapreta, Sidnei L. Gonçalves, Paulo Fernando Lara Pereira de Araújo, Lucas de Oliveira Cardoso, Fabiano Batista de Lima, Edson Bento Leite, Jair Bonilha Gatamorta e Francisco Carlos Avanço. Suplentes que assumiram o mandato: Adriano Bedore, Akio Matsuda e Carolina Moreno

Legislatura de 2017/20: Daniel da Rocha Martini, Fabiano Batista de Lima, Michel R. Carneiro, Ubiratan Fernandes de Oliveira, Lucas de Oliveira Cardoso, Jose Carlos Machado, Ademilson Donizete Militao, Almir Bueno do Prado, Júlio Cesar Mendes, Roberta Engle Barsotti de Souza e Reginaldo da Costa Ramos. Suplentes que assumiram o mandato: Sebastião Batista Machado, Marcos P. de Oliveira, Sidnei Luciano Gonçalves e Wilson de V. Veiga."

Odair Bedore e Noite Ilustrada – Acervo do autor

GALERIA DOS EX-PRESIDENTES DA CÂMARA

1829/30
1º- Presidente: Lucas de Siqueira Franco[69] (*1773 em Atibaia e falecido em 1866 na mesma cidade)



1831/32 e 1833/34
2º - Jacinto José Ferraz de Araújo (Cintra) (*1802 em Atibaia e aí falecido. Foi o 1º atibaiano a ocupar o cargo de Deputado Provincial na 1ª Assembléia Provincial do Estado de São Paulo em 1835)

1835/36
3º- Albino Barbosa de Vasconcelos (*Atibaia)

1837/40, 1845/48, 1849/52 e 1853/55
4º- Manoel Jorge Ferraz (*1803 em Atibaia †1855 em Atibaia)

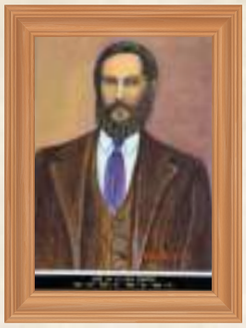
1841/44
5º- José Jacinto de Araújo Cintra (*1812 em Atibaia)

04/05/42
A Câmara Municipal é cassada por se colocar ao lado dos Liberais na revolução chefiada por Tobias de Aguiar, ex-presidente da Província de São Paulo que se rebelou contra o Poder central.

12/06/44
A Câmara Municipal é anistiada e volta no dia 24/06 às atividades normais.

1856
6º- José Ferraz de Siqueira Cintra (“Nhonhô Ferraz” *Atibaia)

[69] Talvez seja o atibaiano mais antigo retratado. Seu retrato é o primeiro na galeria dos ex-presidentes da câmara.

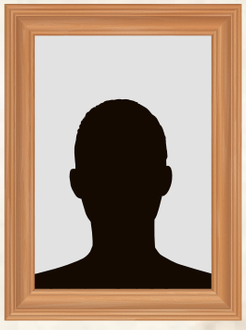


1857/60, 1861/64, 1865/68 e 1869/70
7º- José da Silveira Campos, "José Lucas" (*1807 em Atibaia †1870 em Baependi/MG)

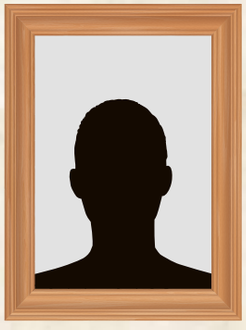
1871/72 e 1873/76
8º - Lucas de Siqueira Franco Neto (* 1832 em Atibaia †1910 Itabira/SP

1877/80
9º - Salvador Ribeiro de Toledo Santos (* de Mogi-Mirim †1882)

1881/82
10º - Manoel Jacinto de Araújo Ferraz (* 1834 em Atibaia †1901 em Atibaia. Foi Deputado Estadual por Atibaia de 1862 a 65)



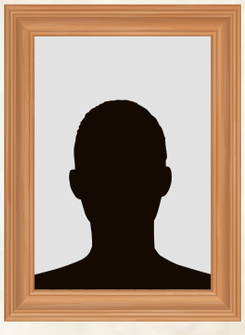
1883/84, **1892/93**, **1894/95 e 1896/98**
11º - José Inácio da Silveira



1885/86
12º - Pedro Barbosa de Vasconcelos Cunha (*Atibaia)

1887/89
13º - José Francisco de Campos Bueno, "José Bim" (*1856 em Atibaia †1913 em Atibaia)

1890/91
14º - Olímpio da Paixão (†1912 em São Paulo)



99/1901
15º - Thomé da Silveira Franco (*em Atibaia †1908 em Atibaia)

1902/04, 1905/07, 1908/10 e 1911/13
16º - Juvenal Alvim (*1867 em Atibaia †1936 em Atibaia)

1914/15
17º - Florêncio Pires de Camargo (*1869 em Atibaia e aí falecido em 1950)

1916/17
18º - Orestes Caparica (*em Atibaia †em Atibaia)

1918/19
19º - Otávio Passos (*1887 †1949 em Atibaia)

1920/22
20º - Benedito de Almeida Bueno (*1870 em Mairiporã †1926 em Santos)

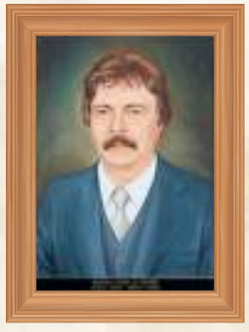
1923/25
21º - Francisco de Aguiar Peçanha (*Atibaia)

1926/29
22º - Antônio Gabriel do Amaral (*1883 em Atibaia † 1965 em Atibaia)

1930/35
A Câmara Municipal não exerceu suas funções em virtude do regime ditatorial da época.

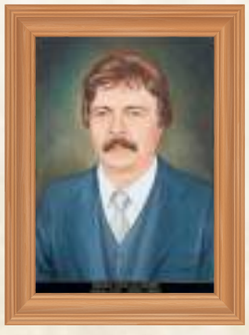
1936/37 e 1952/54
23º - José Pires Alvim (*1902 em Atibaia †1979 em Atibaia)

1938/47
A Câmara Municipal não exerceu suas funções em virtude do regime ditatorial da época.



1948/51
24º - Rosendo Corrêa de Aguirre (*1920 de Atibaia)

1955
25º - Antônio Júlio Garcia Lopes (*1927 em Barretos †1988 em Atibaia)



1956/60
Rosendo Corrêa de Aguirre

1961/63 e 1966/67
26º - Álvaro Corrêa Lima (*1893 na Paraíba †1969 em Atibaia)

1964
27º - Pedro Maturana (*1928 em Jaci/SP)[70]

1965 e 1970/71
28º - Tito Lívio Garini (*1912 †1988 em Atibaia)

1968
29º - Carmine Biágio Tundisi (*1928 em Piracicaba/SP)

1969
30º - Moacir Zanoni (*em 1920 em Atibaia e aí falecido em 1992)

1972 e 1977/78 e 2005
31º - Takao Ono (*1934 em Cotia/SP †2008 Atibaia/SP)

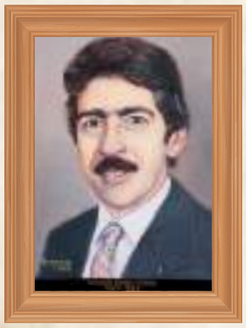
1973/74
32º - Benedito Carvalho (*1917 em Atibaia e aí †em 1979)

1975/76
33º - Sebastião Theodoro Pinto Netto (*de Porto Feliz †06/01/2020 Atibaia/SP)

1979/80
34º - Durval Mantovanini (*1919 em Bebedouro †2009)

[70] José Pires Alvim e outros vereadores que exerceram liderança na cidade mas não foram prefeitos foram biografados num capítulo deste livro. O parâmetro que utilizamos para elaborar essas biografias foi um segundo mandato como presidente da Câmara. Todos os presidentes da Câmara que não foram prefeitos e tiveram mais de um mandato como presidente da Câmara foram biografados. As únicas exceções à regra foram com relação aos vereadores Gaspar Camargo, que mesmo não tendo sido eleito uma única vez presidente da Câmara exerceu por muitos anos uma liderança incontestável na cidade, especialmente durante o período o período militar e Atílio Russumano que teve importante participação na vida social de Atibaia. Esses, embora não tivessem sido presidentes da câmara, tiveram marcante passagem pelo legislativo ou fora dele.

1981/82
35º - Orlando Ferro
(*1938 em Atibaia †2006)



1983/84
36º - Edson Antônio
Teixeira (*em Atibaia)

1985/86
37º - Douglas Murilo
Patrocínio (*1946 em
Atibaia)

1987/88 e 1999
38º - Rogério Ribeiro
da Silva (*1947 em
Teófilo Otoni/MG)

1989/90 e 1996
39º - Eurípedes Edson
Ferreira da Silva
(*1950 em Ribeirão Preto/SP)

**1991/92, 1995,
1997 e 2004**
40º - Odair Bedore
(*1950 São Paulo/SP)

1993 e 1998
41º - Marcos Vinício
Silveira, “Testinha”
(*1943 em Atibaia)

1994
42º - Maurício Aparecido
Petrucci (*06/11/1945 em Atibaia,
†11/10/2006)

Arquivo do museu municipal

2000
43°- Mário Yasuo Inui[71]
(*10/07/1953 em Lins)

2001
44° - José Bernardo
Denig

2002
45° - Wagner Silva
(*03/05/1958
†01/04/2020)

2003
46° - Pedro Yoshiro
Tominaga

2006
47° - Paulo Sérgio
Tricoli Patara

2007
48° - Ismael Fernandes
"Dentinho"

2008
49° - Luiz Fernando
Pugliesi[72]

[71] Mário Yassuo Inui foi vereador por duas legislaturas (1993/96 e 1997/2000). Em 2000 foi candidato vitorioso a vice-prefeito na chapa de Beto Tricoli, com quem rompeu politicamente no final do mandato. Em 2008 foi candidato a vice-prefeito na chapa com Sérgio Mantovaninni quando, embora não eleitos, foram muito bem votados, ficando em segundo lugar. Em 2012 voltou a se candidatar a vice-prefeito na chapa de Saulo Pedroso de Souza, e contra todas as previsões, foram eleitos. Cumpriu algumas vezes o mandato temporário de prefeito, especialmente nos 133 dias de afastamento do titular, no primeiro semestre do ano de 2016, por decisão judicial. Recentemente ocupou o cargo de secretário de agricultura da cidade, quando foi muito elogiado pelo belo trabalho de florir as praças da cidade.

[72] Luiz Fernando Pugliesi (*26/10/1977). Natural de São Paulo, filho da ex-vereadora Ercília Rossini Pugliesi e de José Pugliesi, ambos falecidos. Formado em direito, é advogado, empresário e político. Foi vereador por um mandato (2007/10) e presidente da Câmara em 2008. Diante de seu desempenho no legislativo e à frente da Câmara, foi o escolhido pelo então prefeito Beto Tricoli para sucedê-lo, mas acabou declinando do convite para se dedicar às suas empresas. Após muito tempo distante da política, em 2012, resolve se candidatar à prefeitura, sem sucesso. Em 2018 foi convidado pelo prefeito Saulo Pedroso de Souza para ser seu secretário de governo, cargo que exerceu com sucesso até março deste ano.

2009
50° - Josué Luiz de Oliveira

2010
51° - Wandelei Silva de Souza[73]

2011 e 2013
52° - Emil Ono

2012
53° - Saulo Pedroso de Souza

2014
54° - Rodrigo Parras

2015
55° - Almir Bueno do Prado

2016
56° - Edson Bento Leite

2017
57° - Fabiano de Lima

[73] Wanderlei Silva de Souza foi vereador por um único mandato e o mais votado da história de Atibaia (2009/12) até a atualidade. Em 2012 se candidatou a prefeito pelo DEM e embora sempre estivesse na frente das pesquisas, ao simular um atentado contra sua própria vida, farsa descoberta durante a campanha, prejudicou a vitória e sua inelegibilidade por muitos anos.

2018
58ª - Roberta Barsotti[74]

2019
59° - Sebastião Batista Machado

2020
60° - Lucas de Oliveira Cardoso[75] (*12/08/1984 em São Paulo)

[74] Roberta Barsotti foi a sexta mulher a ocupar uma cadeira no legislativo municipal e a primeira a exercer a Presidência da Câmara. Antes dela, foram vereadoras: 1) Divanilda Prata de Souza (1973/77; 2) Ercília Rossini Pugliesi (1989/92 e 1997/2000 e 2001 como suplente); 3) Célia Ferreira de Souza (suplente no mandato de 1993/96; 4) Lenita Ferreira de Moraes (1997/2000) e 5) Carol Castilho (suplente no mandato de 2013/16). Roberta tem pouquíssimas ligações com Atibaia e se elegeu vereadora pelo impedimento de seu então marido, Wanderley dos Santos Silva, de se candidatar.

[75]Lucas de Oliveira Cardoso está no seu segundo mandato como vereador (2013/16 e 2017/20). É servidor público municipal concursado – Guarda Municipal, e logo no início do seu segundo mandato deixou a câmara para ser secretário municipal de Segurança Pública, função que exerceu com muitos elogios. Retornou ao legislativo no final de 2019 para se candidatar à presidência da câmara com sucesso, sendo o atual presidente do legislativo municipal.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES:

1) Para se ter uma ideia do domínio político dos descendentes dos Capitães-mores (Família Siqueira Franco) aliados a partir de 1783 através de inúmeros casamentos com membros da família Cintra, os quais detiveram o domínio político da cidade por quase um século e meio, citaremos o grau de parentesco dos primeiros Presidentes da Câmara Municipal, que na época representavam a chefia dos Poderes Legislativo e Executivo no Município: os 2º, 4º e 6º Presidentes eram irmãos e genros do 1º Presidente, pois casaram-se com filhas do último Capitão-mor e o 1º Presidente da Câmara Lucas de Siqueira Franco, que era filho do 2º capitão-mor, sobrinho do 3º e neto do 1º Capitão-mor; o 6º Presidente era irmão dos 2º e 4º Presidentes e bisneto pelo lado paterno do 1º Capitão-mor Lucas de Siqueira Franco; o 7º Presidente era filho do 1º Presidente; os 8º e 10º Presidentes eram filhos do 4º e portanto netos do 1º. Portanto a família Cintra entrelaçada aos descendentes dos capitães-mores dominaram a política de Atibaia por muitas décadas. Considerando-se a data de nomeação do primeiro capitão-mor, Lucas de Siqueira Franco, 1775, até o fim do mandato do 10º Presidente da Câmara, Manoel Jacinto de Araújo Ferraz, que era neto do último capitão-mor, são mais de cem anos de comando político do clã Siqueira Franco e Cintra.

2) O tenente Albino Barbosa de Vasconcelos foi o 2º vereador mais votado e tornou-se Presidente da Câmara em razão da eleição e posse do coronel Jacinto José Ferraz de Araújo (Cintra) como 1º Deputado Provincial de Atibaia.

3) José Ferraz de Siqueira Cintra o, "Nhonhô Ferraz", foi o 2º vereador mais votado e tomou posse como Presidente da Câmara em razão do falecimento do Presidente Cel. Manoel Jorge Ferraz (1855). No mandato de 1857 a 60, o vereador Siqueira Cintra ocupou diversas vezes a Presidência por ser novamente o 2º vereador mais votado em substituição ao Presidente José Lucas.

4) No ano de 1861, em substituição ao Presidente José Lucas da Silveira Campos, o 2º vereador mais votado naquele quatriênio, Pedro Nolasco da Silveira permaneceu na Presidência da Câmara por diversas sessões.

5) Nos anos de 1865 a 1870 ocupou por diversas vezes a Presidência da Câmara Municipal em substituição ao Presidente "de direito" José Lucas, o 2º vereador mais votado daquele quatriênio: Lucas de Siqueira Franco Neto; também assumiram nesse período em substituição ao vereador Lucas de Siqueira Franco Neto (2º mais votado) os seguintes vereadores: José Felix Cintra, José Alvim de Campos Bueno e João Batista da Silveira Leite, este por quase todo ano de 1870. Todas as substituições a José Lucas decorriam do fato de que ele ocupava vários cargos na administração municipal que necessitavam, seu temporário afastamento da Câmara.

6) Lucas de Siqueira Franco Neto assumiu definitivamente a Presidência da Câmara em 1871 na qualidade de 2º vereador mais votado em razão da morte do Presidente José da Silveira Campos, "José Lucas" (1870). Lucas de Siqueira Franco Neto, no quadriênio seguinte (1873/76), foi o vereador mais votado e, portanto, eleito Presidente da Câmara.

Capítulo 13
Os deputados atibaianos

Após algumas pesquisas, concluímos que onze atibaianos tiveram assento na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, oito no Império e três na república. Desses onze, acreditamos que pelo menos cinco tiveram sua terra natal como principal base eleitoral ou representação política, e seis, embora naturais de Atibaia, não a representaram e não a tiveram como principal base eleitoral. São eles:

Primeiro: **Jacinto José Ferraz de Araújo** – deputado na primeira assembleia legislativa paulista em 1835 com 227 votos; suplente em 1838/39, 40/42 e deputado eleito em 1842/43. Teve **Atibaia** como sua principal base eleitoral e representação política. Nascido em 1802, era filho de Maria Francisca Cardoso e do alferes Jacinto José de Araújo Cintra, que pode ser considerado o primeiro chefe político do **partido liberal** de Atibaia, partido que dominou os destinos políticos na grande parte do século XIX. Foi vereador em Atibaia de 1829 a 1832 e de 1833 a 1836, quando foi presidente da câmara. Foi casado com sua prima Rosa Maria de Campos, com quem teve dois filhos.

Segundo: **Joaquim Floriano de Araújo Cintra** – deputado em 1848/49. Embora atibaiano eleito com 405 votos, não teve sua terra natal como sua principal base eleitoral e representação política. Na época de sua eleição, era morador em **Itapira**, cidade que deve ter representado na assembleia. Nascido em 1813, era filho de Maria Francisca Cardoso e do alferes Jacinto José de Araújo Cintra, que pode ser considerado o primeiro chefe político do **partido liberal** de Atibaia, partido que dominou os destinos políticos na grande parte do século XIX, portanto, irmão de Jacinto José e de Florêncio (primeiro e segundo deputados). Exerceu a advocacia por muitos anos no Rio Grande do Sul, mas retornou para Itapira, cidade que se estabeleceu quando saiu de sua terra natal e foi também juiz de paz entre 1864 a 1868. Foi casado com Maria Rosa Cintra, com quem teve três filhos. Acredita-se que o bairro paulistano de Vila Maria teve seu nome em homenagem à segunda esposa de Joaquim Floriano, que foi o mais importante proprietário de terras onde se formou o bairro.

Terceiro: **Antônio Gonçalves Barbosa da Cunha** – deputado em 1850/51, eleito com 375 votos, 52/53, eleito com 400 votos, 54/55 eleito com 509 votos, 56/57, eleito com 415 votos, 60/61, pelo segundo distrito eleitoral, e 62/63, pelo 3° distrito, com 210 votos. Embora atibaiano, não tinha sua terra natal como sua principal base eleitoral e representação política, contudo não descobrimos qual região era sua principal base eleitoral e representação

política, acreditamos ser a capital do Estado. Era membro do partido conservador e um dos importantes líderes do partido na província de **São Paulo**. Filho do capitão Antônio José da Cunha e de Maria Eufrosina Vasconcellos. Pelo que descobrimos, não exerceu cargos eletivos na sua cidade natal, o que nos faz concluir que não viveu em Atibaia. Foi o único atibaiano a ter assento no assembleia geral (câmara federal). Era bacharel em direito formado em 1844 e foi casado com Angela da Cunha. Faleceu no Rio de Janeiro em 1869.

Quarto: **Evaristo de Araújo Cintra** – deputado em 1862/63 pelo 3° distrito com 261 votos e suplente em 1858/59. Embora atibaiano, não tinha sua terra natal como sua principal base eleitoral e representação política. Na época de sua eleição, era morador em **Mogi-Mirim**, a qual deve ter representado na assembleia. Nascido em 1830, era filho de Maria Conceição de Pádua Leite e do tenente-coronel Francisco Lourenço de Araújo Cintra, que era irmão de Jacinto José, Florêncio e Joaquim Floriano (primeiro, segundo e terceiro deputados), portanto, neto de Maria Francisca Cardoso e do alferes Jacinto José de Araújo Cintra, que pode ser considerado o primeiro chefe político do **partido liberal** de Atibaia, partido que dominou os destinos políticos em grande parte do século XIX. Foi advogado em Mogi-Mirim e juiz de direito da comarca de Alegrete/RS em 1877/78, chefe de polícia na cidade de Goiás, desembargador do Estado de Goiás e provavelmente foi presidente da câmara municipal da cidade de Limeira em 1880/81. Faleceu solteiro e sem descendentes.

Quinto: **Manoel Jacinto de Araújo Ferraz** – deputado em 1862/63 pelo 1° distrito com 169 votos e 64/65 pelo 2° distrito com 216 votos. Teve **Atibaia** como sua principal base eleitoral e representação. Era filho de Gertrudes da Silveira Campos e do coronel Manoel Jorge Ferraz, importante líder do **partido liberal** de Atibaia em substituição a seu pai. Era irmão, entre outros, de Jacinto José, Florêncio e Joaquim Floriano (primeiro e segundo deputados), portanto, Manoel Jacinto de Araújo Ferraz era neto de Maria Francisca Cardoso e do alferes Jacinto José de Araújo Cintra, que pode ser considerado o primeiro chefe político do partido liberal de Atibaia, partido que dominou os destinos políticos em grande parte do século XIX. Era advogado formado em 1858 e fazendeiro em Atibaia, onde foi vereador em diversas legislaturas e presidente da câmara em 1881/82, juiz de paz e juiz de direito em Atibaia em 1890/91 e em Piracaia em 1892. Deixou a política partidária com o advento da república. Casou-se com Benedita Maria da Conceição Pedroso, com quem teve dez filhos.

Sexto: **Manoel Furquim de Campos** – deputado em 1868/69 pelo 1° distrito. Embora atibaiano, não conseguimos descobrir se teve Atibaia como sua principal base eleitoral e representação política, o que pode ter acontecido visto que era filho de Delfina Bueno de Aguiar e de José da Silveira Campos, "José Lucas", que foi o mais importante líder do **partido liberal** em Atibaia entre 1855 a 1870, em substituição a seu primo Manoel Jorge Ferraz. Era advogado e provavelmente atuava na capital ou na cidade de Santos, cidade natal de sua esposa Olímpia Fernandes. Já se encontrava falecido em 1901 e pelos arquivos históricos de Atibaia pouco se sabe sobre ele, posto que não há registros de que tenha ocupado cargos eletivos na cidade. Há notícias de que foi juiz de direito, tendo passado por Itatiba entre 1892/93.

Sétimo: **Antônio Francisco de Araújo Cintra** – deputado em 1868/69 eleito pelo 3° distrito e senador

estadual entre 1894/96 pelo **PRP**. Embora atibaiano, não tinha sua terra natal como sua principal base eleitoral e representação política. Na época de sua eleição era morador na região de **Mogi-Mirim**, a qual deve ter representado na assembleia. Nascido em 1835, é filho de Maria Conceição de Pádua Leite e do tenente-coronel Francisco Lourenço de Araújo Cintra, que era irmão de Jacinto José, Florêncio e Joaquim Floriano (primeiro, segundo e terceiro deputados), portanto, Antônio Francisco era neto de Maria Francisca Cardoso e do alferes Jacinto José de Araújo Cintra, que pode ser considerado o primeiro chefe político do **partido liberal** de Atibaia, partido que dominou os destinos políticos em grande parte do século XIX. Era advogado, fazendeiro e líder político na região de Mogi-Mirim, onde foi vereador e representante da cidade na célebre convenção de Itu. Foi casado pela primeira vez com Maria de Oliveira e pela segunda vez com sua parente Leocádia Cintra. Faleceu em 1911, provavelmente em Mogi-Mirim.

Oitavo: **Zeferino Alves do Amaral** – deputado em 1928/30 pelo 6° distrito com 8.082 votos. Embora atibaiano, não tinha sua terra natal como sua principal base eleitoral, posto no qual se elegeu pelo 6ª distrito, que não era o distrito eleitoral de **Atibaia**, contudo, pela forte ligação com sua terra natal, acabou também representando-a na assembleia paulista. Nascido aos 30 de novembro de 1885 e falecido aos 13 de novembro de 1962, era filho de Maria Jacinta da Silveira e do coronel Claudino Alves do Amaral, que foi importante líder do partido conservador, posteriormente de oposição, que na década de 1920 passou a ser o partido democrático. Era médico formado em 1908. Como médico clinicou em Atibaia, Bragança e São Paulo, sendo chefe da clínica cirúrgica da Santa Casa de São Paulo, bem como foi professor da clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina da USP e membro do colégio brasileiro de cirurgiões. Foi eleito pelo PRP e foi casado com sua prima Evelina Vairo.

Nono: **Joviano Alvim** – deputado em 1947/51 com 4.411 votos pelo PSD. Teve **Atibaia** como sua principal base eleitoral e representação. Nascido aos 10 de janeiro de 1896 e falecido aos 15 de março de 1971 em São Paulo, era filho de Gertrudes Pires de Camargo e do major Juvenal Alvim, importante líder político do partido republicano paulista nas três primeiras décadas do século XX. Joviano Alvim era formado em farmácia e foi capitalista e industrial em São Paulo, sócio do importante laboratório Alvim & Freitas. Foi casado em São João da Boa Vista com Diná Azevedo, com quem teve três filhos.

Décimo: **José Roberto Tricoli** – deputado em 2011/15 com 42.713 votos. Teve **Atibaia** como sua principal base eleitoral e representação. Nascido aos 22 de dezembro de 1961, é filho de Alda Bueno de Toledo e de Domingos Tricoli, ex-vereador de Atibaia entre 1965/73. Beto Tricoli, como é mais conhecido, é arquiteto e urbanista, fundador do **PV** em Atibaia, onde foi vereador entre 1993/96, prefeito de 2001/08, secretário municipal de urbanismo e meio ambiente de 2009/10 e é considerado o mais importante líder político da primeira década do século XXI. Durante seu mandato como deputado, foi, da segunda metade para o final, líder da bancada do PV. Concorreu à reeleição nas eleições de 2014, mas não conseguiu se reeleger.

Além dos dez atibaianos que foram deputados, tendo ou não Atibaia como base eleitoral, dois atibaienses[76] também ocuparam uma cadeira na Assembleia Legislativa, embora não nascidos na cidade, tiveram-na como principal base eleitoral:

1) **Álvaro Correia Lima**, natural de João Pessoa/PB, com 3492 votos pela UDN no mandato de 1946/51, exercia uma importante liderança política oposicionista na cidade;

2) **Sebastião Batista Machado, "Tiãozinho da Farmácia"**, natural de Itaim/MG, em Atibaia desde 1976, com 28.031 pelo PV, exerceu o mandato entre 2005/06. Foi vereador no mandato de 2001/04, reelegendo-se em 2004, mas renunciou ao cargo para assumir uma cadeira na Assembleia Legislativa de São Paulo como suplente de deputado estadual pelo PV em 2002, graças ao forte empenho e ajuda do então prefeito Beto Tricoli, a quem deve seu mandato. Seus dois anos de mandato foram inexpressivos e ele não conseguiu se reeleger nas eleições de 2006. Foi candidato a prefeito pelo DEM em 2008, ficando na última colocação. Candidatou-se a vereador em 2012 pelo PSDB, sem sucesso, a deputado estadual em 2014, também sem sucesso e novamente a vereador nas eleições de 2016 alcançando a primeira suplência no PSL, assumindo uma cadeira no legislativo municipal, chegando até a presidência da Câmara no ano de 2019.

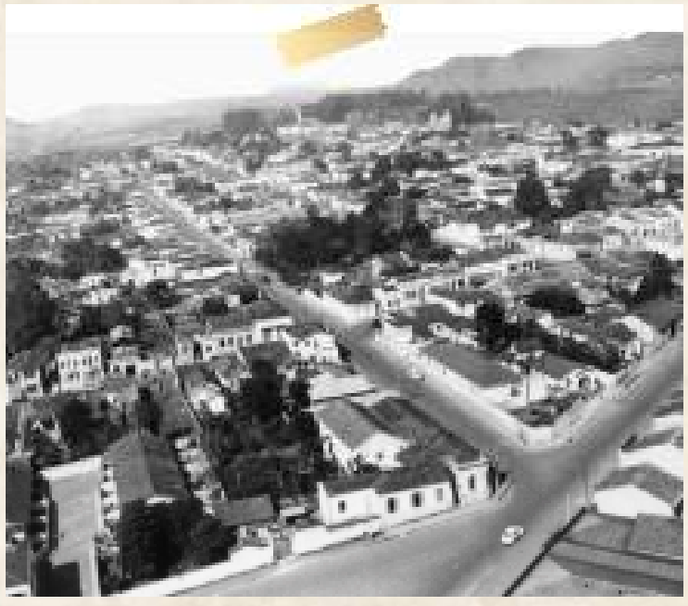
[76] Não há consenso sobre o gentílico correto, mas se convencionou que atibaianos são os nascidos na cidade e os atibaienses os não nascidos, mas moradores da cidade.

Capítulo 14

De vila à cidade

Na prática pouco se alterava, mas por decreto de 22 de abril de 1864 Atibaia foi elevada à categoria de cidade, mas somente no dia 18 de setembro assume o foro de cidade. Conceitualmente, vila seria um aglomerado intermediário entre uma aldeia, freguesia ou arraial e uma cidade, na prática, no Brasil colonial, uma vila tinha o mesmo significado de cidade. Uma cidade compreenderia uma população urbana maior. Em síntese, essa elevação era mais uma questão de título e nomenclatura.

Arquivos do museu municipal



Capítulo 15

Prefeitura Municipal e seus prefeitos

A primeira prefeitura funcionou inicialmente ao lado da câmara, depois se mudou para rua Visconde do Rio Branco, esquina com a rua José Alvim (antiga rua debaixo, do comércio, depois marechal Deodoro da Fonseca e, a partir de 1898, rua José Alvim), onde permaneceu até 1926. Entre 1926 a 1931 passou para a parte térrea do sobrado atrás da igreja matriz onde hoje se encontra o edifício Magister. De 1931 até 1938, num prédio onde foi o Cine Itá, e de 1938 até 1954, na casa do Major Alvim, na rua José Lucas. De 24/06/1954 até 2016, o gabinete do prefeito, secretaria e tesouraria permaneceram no prédio da prefeitura da avenida da Saudade. De 2016 até os dias de hoje, o gabinete do prefeito, vice e os secretários mais próximos do prefeito passaram para o prédio do antigo fórum construído na mesma época e existente na mesma praça.

SEUS INTENDENTES E PREFEITOS

Antigo fórum, hoje gabinete do prefeito – Flávio Pileggi

A figura do prefeito, antes intendente, só apareceu após a proclamação da república, já que o governo municipal antes era feito pelas câmaras municipais, que acumulavam os poderes executivo e legislativo. Após 1906, a denominação intendente foi substituída pela de prefeito e o primeiro prefeito eleito em Atibaia foi o médico italiano Michele Vairo, ou Miguel Vairo, nome aportuguesado em 1908. Em 1945 a cidade foi transformada na categoria de prefeitura sanitária que regia as estâncias e os prefeitos das estâncias eram nomeados, e não eleitos. A partir de 1958 as capitais e as estâncias voltaram a eleger seus prefeitos pelo voto popular e assim aconteceu até 1966, quando os prefeitos voltaram a ser nomeados pelos governadores, o que aconteceu até 1979, quando algumas cidades voltaram a eleger os seus governantes. Após a aprovação da reeleição no Brasil em 1998, foram reeleitos os prefeitos José Roberto Tricoli e Saulo Pedroso de Souza.

Em 2020 administração é formada pelo Prefeito Saulo Pedroso de Souza, vice-prefeito Emil Ono e pelos seguintes secretários e coordenadores especiais:

SECRETARIAS

- Secretaria de Administração - Jairo de Oliveira Bueno
- Secretaria de Agricultura - Jorge Matsuda
- Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social - Magali Pereira Gonçalves Costato Basile
- Procuradoria-Geral do Município - Dr. José Benedito Silveira
- Secretaria de Comunicação - Lincoln Pereira Xavier
- Secretaria de Cultura - Rui Thiago
- Secretaria de Desenvolvimento Econômico - Silvio Ramon Llaguno
- Secretaria de Educação - Márcia Aparecida Bernardes
- Secretaria de Esportes e Lazer - Otávio Batista de Lima Neto
- Secretaria de Governo - Luiz Benedito Torriceli
- Secretaria de Habitação - Ticiane D'Aloia
- Secretaria de Justiça - Luiz Benedito Torriceli
- Secretaria de Serviços - Ricardo Freire
- Secretaria de Planejamento e Finanças - Adauto Batista de Oliveira
- Secretaria de Recursos Humanos - Carlos Américo Barbosa da Rocha
- Secretaria de Saúde - Maria Amélia Sakamiti Roda
- Secretaria de Segurança Pública - Coronel Arthur Velloso Júnior
- Secretaria de Mobilidade e Planejamento Urbano - André Picoli Agatte
- Secretaria de Turismo - Bruno Perrota Leal
- Secretaria de Obras Públicas - Edson Ricardo Mungo Pissulin
- Chefia de Gabinete - Marcelo Bernardes

OUVIDOR-GERAL DO MUNICÍPIO

- Ana Lúcia Melo

SAAE
SUPERINTENDENTE

- Fabiane Cabral da Costa Santiago

COORDENADORIAS ESPECIAIS

- Coordenadoria Especial dos Direitos e Defesa Animal - Felipe Jarussi
- Coordenadoria Especial de Cidadania - Rafael da Rosa
- Coordenadoria Especial de Defesa Civil - Célio Cardinalli
- Coordenadoria Especial de Emprego e Renda - Gabriel Sola de Oliveira
- Coordenadoria Especial do Idoso - Magali Basile
- Coordenadoria Especial da Mulher - Magali Basile
- Coordenadoria Especial de Planejamento Estratégico - Viviane Cocco
- Coordenadoria Especial de Meio Ambiente - Daniel Borghi Filho
- Coordenadoria Especial de Relações Institucionais - Flavia Fava
- Coordenadoria Especial de Solidariedade - Magali Basile
- Coordenadoria Especial de Tecnologia da Informação - Ricardo Vicente Alvarez

José Francisco de Campos Bueno, "José Bim" (*20/11/1856 †24/07/1913)

Era natural de Atibaia, filho de José Alvim de Campos Bueno, "Nhô Bim", e de Gertrudes Maria Campos Bueno. Casou-se com Maria Tereza da Silveira. Político, na época do Império ligado ao partido liberal e na República, ao partido republicano. Foi vereador, presidente da câmara. Em 1795 assumiu o tabelião de notas. Substituiu seu pai na liderança do partido republicano e antes foi membro do partido liberal. Foi o primeiro intendente de 29/11/1892 a 01/01/1895.

José Egídio da Silveira (*13/09/1864 †14/03/1914)

Natural de Amparo, filho de José Joaquim do Amaral e de Maria Franco do Amaral. Casou-se com Delfina Franco da Silva. Foi inspetor escolar, juiz de paz, vereador e Intendente de 01/01/1895 a 07/011896.

Olegário Barreto (*26/06/1864 †1914)

Natural de Itapetininga, filho de Izidoro da Silveira Barreto e de Carolina da Silveira Barreto. Casou-se com Maria Pires de Camargo, de tradicional família atibaiana. Foi fazendeiro, tenente-coronel da Guarda Nacional e político. Foi um dos fundadores do clube recreativo atibaiano e da Santa Casa de misericórdia. Foi vereador e Intendente de 07/01/1896 a 07/04/1899 e 02/01/1901 a 07/01/1902.

Adolfo André (*1855 †23/07/1911)

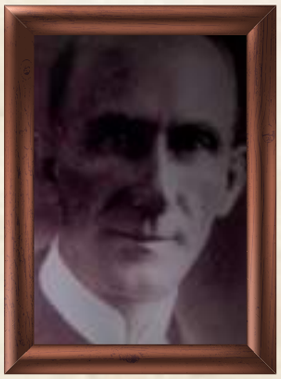
Natural de Baden, Alemanha, filho de Carolina André. Solteiro. Foi tenente-coronel da Guarda Nacional, jornalista e político, elegendo-se vereador em diversas legislaturas e nomeado Intendente de 01/01/1899 a 02/01/1900. Primeiro e único intendente/prefeito alemão de Atibaia.

Juvenal Alvim de Campo Bueno, "Major Alvim" (*1867 †09/02/1936)

Natural de Atibaia, filho de José Alvim de Campos Bueno, o "Nhô Bim", e de Gertrudes Campos Bueno. Casou-se com Gertrudes Pires de Camargo. Foi fazendeiro, comerciante de café, industrial, major da Guarda Nacional e político. Iniciou sua carreira política participando do conselho de intendência em 1892, foi suplente de vereador, vereador e intendente de Atibaia. Foi o principal capitalista na construção da fábrica de tecidos, depois CTB. É para mim o mais importante nome de Atibaia no século XX, faleceu na década de 1930 e por esta razão será a única personalidade biografada aqui e noutro capítulo. Intendente de 02/01/1900 a 02/01/1901.

José de Aguiar Peçanha, "Juca Peçanha" (*? †11/11/1947)

Natural de Atibaia, filho de João Peçanha Franco Correa e de Jesuína Bueno de Aguiar. Casou-se com sua prima Leonídia Bueno da Rocha. Foi fazendeiro de café, capitão da Guarda Nacional. Na política, foi vereador de 1899/1902 e 1902/05. Foi Intendente de 01/01/1902 a 02/01/1903 e prefeito municipal de 14/04/1931 a 02/07/1932.



Joaquim Antônio Cintra (*? †04/11/1951)

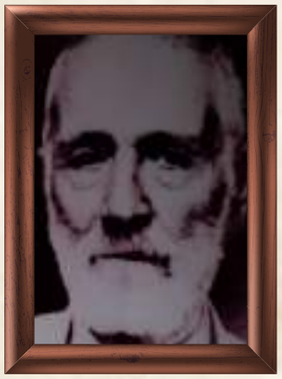
Natural de Atibaia, filho de João Antônio da Silveira Cintra e de Ana Jacinta da Silveira Pinto. Casou-se com Lina de Almeida Bueno. Foi tenente da Guarda Nacional, vereador e Intendente de 02/01/1903 a 07/01/1905.

Cândido da Cunha Cintra (*17/03/1882 †07/12/1970)

Natural de Atibaia, filho de Manoel Jacinto da Silveira Cintra e de Maria Eufrosina da Cunha. Casou-se com sua prima Antonieta Cunha. Formado em direito, foi delegado de polícia em Atibaia, Piracaia, São Carlos e Piracicaba entre 1907 a 1913 e juiz de direito em Apiaí, Caconde, Penápolis, Amparo e Bauru. Foi desembargador e ex-presidente do Tribunal de Justiça em 1937. Nomeado Intendente de 07/01/1905 a 02/01/1906.

Leopoldo Soares do Amaral (*05/04/1873 †11/04/1947)

Natural de Atibaia, filho de Rodrigo Soares do Amaral e de Gertrudes Franco do Amaral. Casou-se com Umbelina Georgina da Silveira Leite, "Belica Soares". Foi professor, o primeiro escriturário da agência da Caixa na cidade, delegado de polícia, juiz de paz, vereador e Intendente de 02/01/1906 a 15/01/1908. Entre seus legados, destaco o decreto n° 100, que tornava obrigatório o ensino primário em Atibaia.



Miguel Vairo – Michele Vairo (*04/09/1848 †04/08/1935)

Natural de Bragene Soprane, província de Salermo, sul da Itália, e falecido em Atibaia para onde imigrou na última década do século XIX, filho de Rafaelo Vairo e Benedetta Honestis. Casou-se em Atibaia pela primeira vez com Valeriana Alves do Amaral, da tradicional família Alves do Amaral, com quem teve uma filha e pela segunda vez com Maria Umbelina Barbosa da Cunha com quem teve três filhos. Médico formado pela Universidade de Nápoles, se dedicou à medicina e à política sendo nomeado o primeiro prefeito municipal, cargo antes chamado de Intendente, entre 15/01/1908 até 15/01/14. Primeiro e único prefeito italiano de Atibaia. Juntamente com o major Alvim, foi um baluarte na construção da Santa Casa, onde foi diretor clínico durante muitos anos.

Olegário Amaral (*14/07/1883 †01/03/1935)

Natural de Atibaia, filho de Olegário José do Amaral e de Ana Soares do Amaral. Solteiro e sem descendentes. Era servidor público municipal e político. Foi vereador e vice-prefeito, e nesta condição assumiu como Prefeito municipal de 15/01 a 02/03/1914.

Benedito de Almeida Bueno, "Nito Carro" (*1870 †16/06/1916)

Natural de Juqueri, hoje Mairiporã, filho de Francisco Carlos de Almeida e de Leopoldina de Almeida Bueno. Casou-se com Maria Paula de Aguiar, com quem teve seis filhos. Chegou em Atibaia no início da década de 1890, onde foi capitão, delegado de polícia, juiz de paz, vereador, presidente da câmara e prefeito municipal de 1914 a 1919. Foi, juntamente com o major Alvim e outros, fundador da Fábrica de Tecido São João.

Manoel de Toledo (*09/05/1883 †17/07/1950)

Natural de Bragança Paulista, filho do major Manoel Jacinto de Toledo e de Adelaide de Toledo. Casou-se com Maria José Maia. Foi funcionário do cartório de registros e hipotecas, escrivão do júri e advogado provisionado. Na política, era membro do PRP e foi Prefeito Municipal de 15/01/1920 a 15/01/1924 e 15/01/1924 a 01/06/1926. Faleceu em Jundiaí/SP.

Otávio Passos (*1887 †08/01/1949)

Natural de Atibaia, filho de Joaquim Passos e de Maria Angélica Passos. Casou-se com Benedita Alvim, uma das filhas do major Alvim. Foi funcionário da justiça e Prefeito Municipal de 15/01/1924 a 31/12/1925.

Horácio Netto (*26/01/1881 †26/05/1953)

Natural de Amparo/SP, filho de Manoel José Netto e de Francisca de Campos Netto. Casou-se com Ernestina Alvim, uma das filhas do major Alvim. Foi vereador por duas legislaturas de 1914/17 e 26/29. Foi vice-prefeito de 01/06/1926 a 15/01/27 e Prefeito Municipal de 01/06/1926 a 30/10/1930.

Sebastião Theodoro Pinto (*18/09/1876 †02/06/1950)

Embora natural de Pirassununga/SP, era de família tradicional de Atibaia, filho de José Theodoro Pinto e de Ana Maria da Conceição Leite. Casou-se com Catarina Rodrigues Santos. Foi um dos líderes do partido constitucionalista e depois da UDN. Governou Atibaia por três períodos: Prefeito Municipal, de 30/10/1930 a 14/04/1931, 02/07/1932 a 18/04/1933 e de 26/07/1934 a 16/07/1936. Faleceu e está sepultado em Atibaia

Antônio Gabriel do Amaral, "Totó Alves" (*12/08/1883 †28/07/1965)

Natural de Atibaia, filho de Antônio Gabriel do Amaral e de Maria Jacinta da Silveira. Casou-se com Isabel Urioste. Foi presidente do partido republicano, do Clube Recreativo Atibaiano, vereador por várias legislaturas, presidente da Câmara e Prefeito Municipal de 18/04/1933 a 18/04/1934.

Benedito Peranovich (*13/10/1902 †26/12/1963)

Natural de Atibaia, filho de Bartolomeu Peranovich e de Catarina Peranovich. Casou-se pela primeira vez com (...) - uma neta de José Bim, e pela segunda vez com Virgilia Silveira, "Gila Ivo". Era servidor público municipal, exímio contador e foi funcionário público da Secretaria da Fazenda do Estado. Prefeito Municipal de 11/02 a 30/04/1936.

João Batista Conti (*01/09/1903 †29/01/1967)

Natural de Atibaia, filho de Maria Benvinda Peçanha de Moraes Conti, de família atibaiana, e do imigrante italiano Henrique Conti (Enrico Conti). Casado em 1929 com Maria Mercedes Franco Saláfia, sem filhos. Foi contador da prefeitura e de vários fazendeiros da cidade e advogado. Foi folclorista, memorialista e político em Atibaia. Em 1947 apresentou à Câmara Municipal um projeto que criava um museu na cidade, o que aconteceu em 1952. Prefeito Municipal de 16/07/1936 até 05/04/1945 e Prefeito Sanitário de 18/05 a 20/12/1945. Até agora, o prefeito que mais tempo esteve na frente da prefeitura.

Pedro Alvim (*16/07/1889 †29/09/1972)

Natural de Atibaia, filho do tenente coronel José Francisco de Campos Bueno, "Zé Bim" (primeiro intendente), e de Tereza da Silveira Bueno. Casou-se com Marieta Barreto. Exercia o cargo de tesoureiro da prefeitura quando foi nomeado provisoriamente pelo interventor federal do Estado para exercer o cargo de Prefeito Municipal de 05/04 a 16/05/1945.

Após Atibaia tornar-se Estância em 1946/47, os prefeitos municipais passaram a ser nomeados pelo governador do Estado com o nome de Prefeito Sanitário até 1958, ou seja, por cerca de dez anos, quando voltaram a ser eleitos e o cargo voltou a se chamar Prefeito Municipal.

João Teixeira da Silva Braga (*03/09/1911 †?)

Natural de São Paulo, filho do coronel Joaquim Teixeira da Silva Braga e de Iracema Teixeira da Silva Braga. Casou-se com Célia Caparica. Foi presidente do Clube Recreativo atibaiano e do São João Tênis Clube, foi também juiz de paz e um dos fundadores do lar Mariquinha do Amaral. Prefeito Sanitário de 20/12/1945 a 11/04/1947 e de 09/03/1950 a 07/06/1951.

Maria José da Silva Salgado, "Cotinha Salgado" (*24/07/1906 †01/03/1951)

Natural de Atibaia. Casou-se com Oswaldo Agrício da Cruz, Salgado com quem não teve filhos. Foi servidora pública municipal desde 1936 e ocupou a secretária da prefeitura durantes anos, exercendo o cargo de secretária de governo e, por ocupar este posto, através do decreto 17.154 de 24/03/1947 que determinava que todas as prefeituras fossem assumidas pelas secretárias do prefeito, assumiu a prefeitura por 31 dias. Primeira e única mulher a assumir a prefeitura na cidade. Prefeita Sanitária de 24/03/1947 a 25/04/1947.

Oswaldo Urioste (*02/08/1898 †08/01/1949)

Natural de Atibaia, filho do coronel Theófilo Urioste e de Francisca Martins Teixeira. Casou-se com Maria de Lourdes Pires Urioste. Foi médico formado em 1924. Foi Prefeito Sanitário de 12/04/1947 a 04/08/1949.

Miguel Brizola de Oliveira (*? †1980)

Natural de Presidente Prudente/SP, onde também foi tabelião e prefeito, bem como prefeito de Presidente Venceslau. Foi Prefeito Sanitário de 18/08/1949 a 09/03/1950.

Walter Engrácia de Oliveira (*14/01/1924 †07/11/1980)

Natural de Ribeirão Preto/SP, filho de Antônio Engrácia de Oliveira e de Olinda Tahan. Casou-se com Diva Nigro, com quem teve dois filhos. Formado em engenharia civil, foi professor catedrático de Saneamento do meio ambiente da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP, onde foi diretor. Em 1951 foi nomeado prefeito de Atibaia, cargo que exerceu entre 1951 a 1954. Considero um dos melhores prefeitos de Atibaia de todos os tempos e suas realizações são inúmeras, em diversas áreas, e os resultados ainda sentidos na atualidade.

Francisco Afonso de Albuquerque (*26/06/1926 †?)

Natural de Natal/RN, filho de Manoel Bezerra de Albuquerque e de Maria Genuína Bezerra de Albuquerque. Foi engenheiro civil. Foi nomeado Prefeito Sanitário de 11/02/1955 a 08/02/1956.

Marcos Vinicio Chiochetti (*31/05/1916 †23/10/1976)

Era natural de São Paulo, filho de Leonelo Chiochetti e de Margarida Chiochetti. Casou-se com Tereza Telles. Foi comerciante no centro da cidade. Ingressou na política como aliado de Zezico Alvim, foi vereador pelo partido republicano, e prefeito sanitário nomeado de 08/02 a 09/08/1956 e eleito Prefeito Municipal de 18/10/1958 a 18/10/1962.

Edmundo Zanoni (*07/10/1895 †03/10/1965)

Natural de Itatiba, filho dos italianos Giulio Zanoni e de Maberga Zanoni. Foi agrimensor em Jarinu, na época, Campo Largo de Atibaia. Casou-se com Amélia de Oliveira. Foi agrimensor em Atibaia, atividade seguida por seus filhos. Foi político, sendo vereador por duas legislaturas (1952 a 1960) pela UDN, fazendo política oposicionista ao Zezico Alvim. Foi nomeado prefeito sanitário entre 10/08/1956 a 05/05/1958 e eleito vice-prefeito em 1962, assumindo a prefeitura com a cassação e renúncia do dr. Geraldo Cunha Barros entre 04/05/1964 a 03/10/1965, data de sua morte. Único prefeito que faleceu durante o mandato.

Oswaldo Raposo do Amaral (*26/03/1919 †?)

Natural de Jabotical/SP, filho de Américo do Amaral Pinto e de Elvira Raposo do Amaral. Formou-se em direito. Foi nomeado Prefeito Sanitário de 06/05 a 13/10/1958.

Geraldo da Cunha Barros (*11/06//1913 †19/10/1976)

Era natural de Botucatu/SP, filho do coronel Napoleão Carvalho de Barros e de Malvina Conceição de Barros e veio com sua família para Atibaia em 1931. Faleceu solteiro e sem descendentes. Foi advogado e membro da associação Atlética Cetebe, hoje Grêmio Esportivo Atibaiense, conhecido como advogado dos pobres, também foi político da UDN, na época, oposição aos Alvim. Foi presidente do Clube Recreativo Atibaiano, fundador do Ritmo Clube, vereador em três legislaturas e eleito Prefeito Municipal nas eleições de 1962. Seu governo foi muito tumultuado e com o golpe militar do mesmo ano foi cassado pela câmara em maio de 1964, numa sessão irregular, retornando por várias ações judiciais até ser obrigado a renunciar dentro de um quartel militar em Jundiaí, onde se encontrava preso. Em 1998 a câmara municipal, numa atitude inédita na história, restabeleceu seus direitos políticos, anulando simbolicamente todos os atos arbitrários contra ele. Depois de encerrada sua vida política, dedicou-se exclusivamente à advocacia. Faleceu em Atibaia, onde está sepultado.

Tito Lívio Garini (*24/10/1912 †25/05/1988)

Natural de Itapuí/SP, filho de Umberto Garini e de Maria Basso. Casou-se com Ada Pagliaruli. Advogado e servidor público (coletor federal). Foi presidente do Clube Recreativo Atibaiano, da Associação Atlética Cetebe (hoje Grêmio Esportivo Atibaiense), suplente de vereador em várias legislaturas, vereador em outras, presidente da câmara em 1965/1970/71 e prefeito municipal de 05/12/1965 a 28/03/1966 na condição de presidente da câmara em virtude do falecimento do prefeito Edmundo Zanoni, eleito vice-prefeito que assumiu a prefeitura após a cassação e renúncia do prefeito Geraldo da Cunha Barros.

Antônio Júlio de Toledo Garcia Lopes (*05/02/1927 †10/12/1988)

Natural de Barretos/SP, filho de Arthur Garcia Lopes e de Clotilde de Toledo Garcia Lopes, radicando-se em Atibaia na década de 1940. Casou-se com Gracita Profeta, de família tradicional de Atibaia. Teve forte participação nos empreendimentos imobiliários na cidade e foi político, sendo vereador e eleito Prefeito Municipal de 15/11/1966 a 02/02/1970.

Olavo Amorim Silveira (*30/12/1912 †06/11/1983)

Natural de Santa Cruz do Rio Pardo/SP, filho de Francisco da Silveira Castro e de Benedita Amorim Silveira. Casou-se com Lilia de Matos Pacheco Silveira. Formado em odontologia, profissão que exerceu até 1950, em 1958 formou-se em administração de empresa. Foi o primeiro prefeito municipal nomeado da ditadura militar. Prefeito Municipal de 02/02/1970 a 15/03/1971.

Omar Zigaib
(*15/04/1935
†28/11/2016)

Natural de Atibaia, filho de Abraão Zibaib e de Mafalda Maria Rosa Zibaib, descendente de imigrantes italianos de Ospedaletto Euganeo/PD, Itália. Casou-se com Maysa Cherfen Zigaib. Foi bancário e advogado e teve uma intensa vida social na cidade, onde presidiu várias associações, entre elas a subseção da OAB. Foi nomeado Prefeito Municipal de 07/05/1971 a 04/07/1975.

José Aparecido
Ferreira Franco,
"Cido Franco"
(*27/10/1923
†05/03/1997)

Natural de Piracaia/SP, filho de João de Almeida Franco e de Malvina Gonçalves Ferreira, chegou em Atibaia em 1947. Casou-se com Irene Jarussi Franco. Foi motorista de táxi, comerciante de visão, tornou-se advogado, fazendeiro e próspero empresário de transportes públicos na cidade a partir de 1956, sendo proprietário da Viação Atibaia/São Paulo. Ingressou na política disputando as eleições de 1960 como vereador, assumindo em 1962 como suplente pelo PSD. Foi um dos líderes do movimento de 31 de março de 1964 na cidade que culminou na ditatura militar. Foi nomeado Prefeito Municipal de 09/07/1975 a 15/05/1979, disputou sem sucesso as eleições para prefeito de 1982, sendo eleito prefeito nas eleições de 1988 para o mandato de 01/01/1989 a 31/12/1992. Nas eleições de 1996 foi eleito vice-prefeito na chapa de Pedro Maturana, mas faleceu três meses após sua posse como vice-prefeito.

Takao Ono
(*17/07/1934
†01/08/2008)

Natural de Cotia/SP, filho de Shigueki Ono e de Yussuo Ono, que chegaram em Atibaia em 1948. Casou-se com Sumiko Ono. Técnico agrícola com passagem na Casa da Agricultura da cidade e político. Vereador de 1963/68, 1972/76, 1992/96, 1997/2000, 2001/04 e 2005 a 2008, quando faleceu. Foi presidente da câmara municipal em 1972, 1977/78 e em 2005. Foi eleito Prefeito Municipal para o mandato de 19/05/1979 a 01/02/1983 com o importante apoio de seu antecessor Cido Franco. Em 1988 foi eleito vice-prefeito de Cido Franco, substituindo-o por algumas vezes em decorrência de problemas de saúde do titular.

Gilberto Sant'Anna
(*15/04/1940)

Natural de São Paulo, filho de Alfredo Sant'Anna e de Adelaide Sant'Anna. Casou-se pela primeira vez com Cleide Sant'Anna e pela segunda vez com Dilara Rubia Pereira, com quem também se divorciou. A família se mudou de São Paulo para Atibaia em 1946. Formado em Direito, atuou como advogado trabalhista a partir de 1966. Professor universitário, dirigiu a faculdade de Direito da USF, campus de São Paulo. Seu nome esteve bastante ligado às eleições durante as décadas de 1970 a 1990. Foi candidato a prefeito nas eleições de 1978, 1982, quando se elegeu, e em 1992. Foi Prefeito Municipal de 01/02/1983 a 31/12/1988. Deixando a política, se dedicou ao direito e ao jornalismo e é autor de centenas de artigos literários em jornais e revistas da cidade, bem como é autor de um livro sobre a cidade.

Flávio Callegari
(*18/09/1930)

Natural de São Paulo, filho de Lúcio Domingos Callegari e de Maria Callegari, chegou em Atibaia na década de 1960. Casou-se com Tereza Gomes Callegari. Administrador de empresas e político. Ingressou na política candidatando-se a vereador na cidade de São Paulo. Seu nome foi bastante ligado às eleições durante as décadas de 1980 até o início da primeira década deste século. Foi candidato a prefeito nas eleições de 1982, 1988, 2000 e 2004 sem sucesso e em 1992, quando se elegeu. Não conseguiu eleger seu sucessor em 1996, quando se elegeu o seu então vice-prefeito, Pedro Maturana, com quem rompeu no início do seu mandato. Também foi candidato a deputado estadual em 1998 e 2006. Disputou sua última eleição para o cargo de vereador em 2008, não se elegendo. Foi presidente do Rotary Club, Associação Comercial, Casa do Pequeno Trabalhador – CAPETA e do São João Tênis Clube. Foi Prefeito Municipal de 01/01/1993 a 31/12/1996.

Pedro Maturana
(*10/08/1928)

Natural de Jaci/SP, filho de Luiz Maturana e de Joana Fernandes, chegou em Atibaia na década de 1940. Casou-se pela primeira vez com Benedita Ferreira e pela segunda vez com Aparecida Pinheiro. Comerciante e político, foi vereador em diversas legislaturas desde a década de 1960 e presidente da câmara em 1964, ano do golpe militar e da cassação do então prefeito dr. Geraldo da Cunha Barros. Foi eleito vice-prefeito de Flávio Callegari em 1992 para o mandato de 1993 a 1996, mas romperam logo no início do mandato. Nas eleições de 1996, foi eleito Prefeito Municipal para o mandato de 01/01/1997 a 31/12/2000. Embora tenha tido uma enorme convivência no legislativo, teve uma grande dificuldade com a câmara, que o cassou duas vezes, em 4 de junho de 1998 e em 8 de julho de 1998, voltando por vias judiciais. Nos seus afastamentos foi substituído pelo então presidente da câmara Marcos Vinício Silveira. Não conseguiu se reeleger prefeito nas eleições de 2000. Em 2004 foi candidato a vice-prefeito na chapa com Odair Bedore, sem sucesso, e disputou sua última eleição em 2008 para vereador, se elegendo para o mandato de 2009/12 e ao final de seu mandato retirou-se da vida pública.

José Roberto Tricoli,
"Beto Tricoli"
(*22/12/1961)

Natural de Atibaia, filho de Alda Bueno de Toledo e Domingos Tricoli, ex-vereador de Atibaia. Casou-se com Fernanda Montesuma. Arquiteto, urbanista e político. Seu nome está bastante ligado às eleições da década de 1990 até os dias atuais, sempre pelo Partido Verde, pelo qual foi e ainda é o mais importante líder na cidade. Foi candidato a vereador em 1988 e em 1992, quando se elegeu para o mandato de 1993 a 1996. Foi candidato a prefeito em 1996 e em 2016, sem sucesso, e em 2000 e 2004 quando se elegeu e se reelegeu para os mandatos de 01/01/2011 a 31/12/2004 e 01/01/2005 a 31/12/2008, sendo o primeiro prefeito reeleito da cidade. Foi secretário municipal de urbanismo e meio ambiente entre 2009 a março de 2010 no governo de seu sucessor Dr. Denig. Também foi candidato a deputado estadual em 1998 e 2014 sem sucesso e em 2010 quando se elegeu para o mandato de 2011 a 2015. Foi secretário-adjunto estadual de turismo em 2015 e secretário estadual do turismo de 2015 até março de 2016. Desde 2017 ocupa, por concurso público, um cargo na Caixa Econômica Federal em São Paulo, para onde se mudou em 2017.

José Bernardo Denig, "Dr. Denig"
(*20/08/1955)

Natural de Jussara/PR, filho de Bertoldo Denig e de Maria Tekla Denig, chegou em Atibaia em 1973. Casou-se com Rita de Cássia Denig, falecida em 2012. Médico pediatra e político. Foi vereador por três mandatos, 1997/2000, 2001/04 e 2005/08, presidente da câmara em 2001 e Prefeito Municipal de 01/01/2009 a 31/12/2012, eleito graças ao grande empenho e boa avaliação de seu antecessor, Beto Tricoli. Distante da política desde quando deixou a prefeitura, voltou a clinicar na cidade.

Saulo Pedroso de Souza (*21/01/1983)

Natural de Bragança Paulista, filho de Agenor Pedroso de Souza, já falecido, e de Vitalina de Oliveira Souza. Casou-se com Simone Cardoso, natural de Atibaia. Comerciante do ramo de gás, bacharel de direito e político. Ingressou na política se candidatando, sem sucesso, para vereador nas eleições de 2004. Na eleição seguinte, 2008, elegeu-se vereador para o mandato de 2009/12 e presidente da câmara em 2012. Participou da administração de Beto Tricoli no seu segundo mandato, de 2005 a 2008, na área de transporte e segurança pública. Na condição de presidente da câmara, em 2012 foi eleito o mais novo Prefeito Municipal da cidade, numa eleição que surpreendeu a todos com sua vitória, tida como pouco provável no início da campanha. Em 2016 foi reeleito com mais que o dobro do segundo colocado nas eleições, tornando-se o segundo prefeito reeleito na história da cidade, cumprindo os mandatos de 01/01/2013 a 31/12/2016 e 01/01/2017 a 31/12/2020. Embora muito jovem -- apenas 29 anos quando eleito, tornando-o segundo mais jovem da história, atrás somente do competente Walter Engracia de Oliveira, nomeado com 27 anos, Saulo Pedroso de Souza surpreendeu por sua eficiente gestão. Com uma administração focada no desenvolvimento social, já em seu primeiro mandato mudou a lógica administrativa da cidade, ampliando a atuação de governo para além dos limites da região central. Realizou milhares de m2 de pavimentação, construiu 1.600 unidades habitacionais e dobrou a capacidade de tratamento de água e esgoto no município com grandes obras de saneamento básico. Na área da Saúde, inaugurou a UTI e o Pronto-Socorro Infantil da Santa Casa e construiu a maior unidade de saúde da cidade, a UBS Santa Clara. No final do seu segundo mandato, deu ainda o mais importante passo na gestão da saúde, dando início à construção do primeiro Hospital Municipal de Atibaia, que receberá o nome de Vanderley Sebastião Rocha, saudoso médico pediatra que teve destacada atuação na Câmara Municipal com quatro mandatos consecutivos de vereador. Durante o governo Saulo, a Educação obteve excelentes índices, chegando ao patamar das 20 melhores do país. Além da construção de 15 creches, adquiriu e construiu os dois maiores complexos educacionais da região: o CIEM I e o CIEM II, este último em fase de finalização no Jardim Imperial. Com o choque de gestão logo no início do seu governo, que incluiu corte de gastos com cargos comissionados e redução na locação de prédios da Prefeitura, economizou mais de R$ 5 milhões por ano, o que contribuiu para manter acelerado o ritmo de realizações nos 8 anos de governo, e a prosperidade do município, mesmo diante de grandes crises econômicas no país. Seu segundo mandato foi marcado também por grandes obras de mobilidade, como a duplicação de uma das principais avenidas da cidade, a Jerônimo de Camargo, que incluiu a primeira ciclovia de Atibaia.

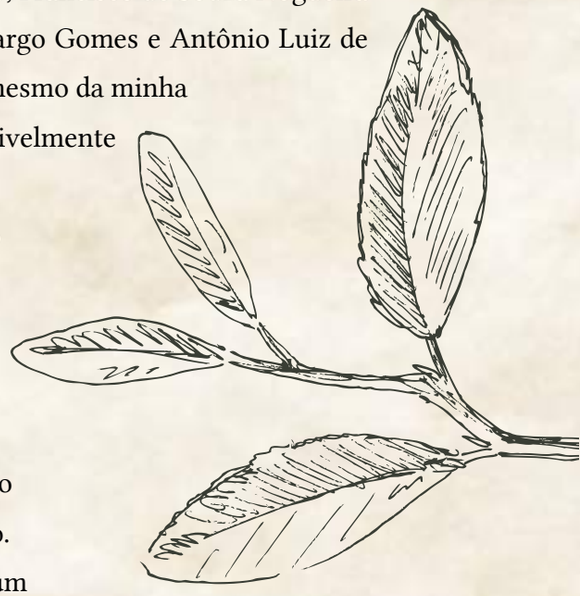
Recentemente, ocuparam a cadeira de prefeito municipal em substituição aos titulares alguns vice-prefeitos e presidentes da câmara, como: Rosendo Correa de Aguirre (*18/08/1920 †05/09/2000), de 04 a 18/08/1949, como presidente da câmara; Alcides Martins da Costa como vice-prefeito de Gilberto Sant'Anna (1983/88), Marcos Vinício Silveira como presidente da câmara em 1998 por decisão judicial, Mário Yassuo Inui como vice-prefeito de Beto Tricoli (2001/04) e vice de Saulo Pedroso de Souza (2013/16), Ricardo dos Santos Antônio como vice-prefeito de Beto Tricoli (2005/08) e de José Bernardo Denig (2009/12), Ismael Fernandes como presidente da câmara em 2007, Luiz Fernando Pugliesi, como presidente da câmara em 2008, Fabiano de Lima, como presidente da câmara em 2017.

Capítulo 16
A comarca e o poder Judiciário

A história da comarca de Atibaia começou em 18 de janeiro de 1837 através do desmembramento de Atibaia do juízo cível da Comarca de São Paulo e cinco anos depois passou a ter Juiz Municipal e de Órfãos. Em 1850 foi anexada à comarca de Bragança, em 1852 passou a pertencer à comarca de Campinas e em 6 de maio de 1859 passou a integrar novamente a Comarca de Bragança Paulista. Finalmente, aos 22 de abril de 1880 se instalou a comarca de Atibaia, oficialmente instalada em 30 de dezembro de 1882, abrangendo também a cidade de Santo Antônio da Cachoeira, hoje Piracaia

O primeiro juiz de direito foi o dr. Pedro Nolasco Xavier de Paula e o primeiro promotor público, o dr. José Roberto Leite Penteado.

Muitos magistrados ilustres passaram por Atibaia, entre eles, Francisco Cardoso Ribeiro, ministro do Supremo, Afonso José de Carvalho, Theodomiro de Toledo Piza e José Rabelo de Aguiar Valim, Cândido da Cunha Cintra, Manoel Gomes de Oliveira, Sebastião de Vasconcelos Leme, Francisco Murilo Pinto, Francisco de Souza Nogueira e Samuel Francisco Mourão, Sebastião da Silva Pinto, José Jarbas de Aguiar Camargo Gomes e Antônio Luiz de Carvalho Viana. A primeira figura de um magistrado para mim em Atibaia, antes mesmo da minha atividade advocatícia, foi do saudoso juiz dr. Nelson Galvão de França, que indiscutivelmente deixou positivas marcas na sua passagem pela cidade.



No ministério Público, por aqui passaram e se destacaram: José Augusto César Salgado, ex-procurador geral de Justiça, e Fernando Grella Vieira, que foi procurador geral de Justiça e Secretário de Segurança Pública.

Da sua instalação até o dia 24/06/1954, o fórum da cidade funcionou no mesmo prédio da câmara e cadeia, hoje museu João Batista Conti, e a partir desta data no antigo fórum na avenida Nove de Julho até 24 de junho de 2004, quando se mudou para o prédio construído às margens da avenida Jerônimo de Camargo. Este prédio foi interditado por problemas estruturais em 14/05/2014, ficando o fórum fechado sem atendimento jurisdicional por 90 dias. Em agosto de 2014 passou a atender na rua José Alvim e a partir de 2015, na rua Napoleão Ferro, onde ficou até o dia 17/03/2020, quando retornou para o prédio às margens da avenida Jerônimo de Camargo após a conclusão de sua reforma estrutural.

Atualmente todas as Varas estão classificadas como entrância final. - O fórum conta com cerca de 250

funcionários entre servidores e terceirizados. - Indicação das Varas, Juízes titulares e acervo: Vara Juiz Titular Acervo* 1 1ª Vara Cível Dra. Adriana da Silva Frias Pereira 5.014 2 2ª Vara Cível Dr. Marcelo Octaviano Diniz Junqueira 1.582 3 3ª Vara Cível Dr. Rogério A. Correia Dias 2.095 4 4ª Vara Cível Dr. José Augusto Nardy Marzagão 2.540 5 1ª Vara Criminal e Dra. Roberta Layaun Chiappeta de Moraes Barros 1.079 6 2ª Vara Criminal e Júri Dra. Carolina Cheque de Freitas 2.402 7 3ª Vara Criminal e VEC Dr. Leonardo Marzola Colombini 3.165 8 Vara do Juizado Especial Cível e Criminal Dr. José Augusto Reis de Toledo Leite 1.846 --- Serviço Anexo das Fazendas --- 38.503 Cejusc --- 131 * O acervo é da referência Dezembro/2019 (disponível em http://www.tjsp.jus.br/ProdutividadeWeb) - Promotores de Justiça: Dr. Fábio Vital de Ávila – 1º Promotor de Justiça de Atibaia Dr. Henrique Simon Vargas Proite – 2º Promotor de Justiça de Atibaia Dr. Bruno Márcio de Azevedo – 3º Promotor de Justiça de Atibaia Dr. Wanderson Márcio Ribeiro – 4º Promotor de Justiça de Atibaia Dra. Fabiana Kondic Alves Lima Gomes – 5º Promotora de Justiça de Atibaia Dr. Gustavo Macri Morais – 6º Promotor de Justiça de Atibaia Dra. Regina Bárbara Murada Louzada – 7º Promotora de Justiça de Atibaia

São tabeliões na cidade:
Cartório de Registro de Imóveis: Maria do Carmo de Resende Campos Couto
Cartório de Registro Civil: Ari Augusto Passos, interino
Primeiro Cartório de Notas: Igor Ramos Cunha Pinheiro
Segundo Cartório de Notas: Regina Carteiro Freire

Prédio do fórum
fonte: www.oatibaiense.com.br

Capítulo 17
De cidade a estância

Atibaia sempre atraiu visitantes por suas belezas naturais, clima considerado o segundo melhor do mundo, história, cultura popular, proximidade com importantes grandes centros, enfim, razões não faltam para a vocação natural para o turismo. Com o passar do tempo, a rede hoteleira da cidade foi se estruturando, surgiu o primeiro hotel fazenda do Brasil, o hotel Estância, e em 1944 foi criado o SADA (sociedade de Amigos de Atibaia) que, entre outros fins, lutava para a transformação de Atibaia em Estância Climática, o que finalmente aconteceu em 18 de setembro de 1947 quando, por lei estadual, foi criada a Estância Hidromineral de Atibaia.

Capítulo 18

Igreja católica – de capela curada à paróquia

A pequena capela provavelmente erigida por Matheus Nunes de Siqueira em 1664 ou em 1665 deu início à linda cidade de Atibaia. Em 1679 Atibaia passou a ser capela curada, ou seja, passou a ter padre próprio. Veja que a evolução político-administrativa de uma cidade no Brasil Colônia se confunde muito com a evolução de uma paróquia. No ano seguinte, em 1680, Antônio Prado da Cunha, um genro de Jerônimo de Camargo, construiu uma capela maior em frente à capelinha original.

Em 1698 deu-se a primeira grande reforma na igreja construída por Antônio do Prado da Cunha.

Não se sabe a ocasião exata da elevação da capela curada de Atibaia à Paróquia. Segundo alguns historiadores, através de documentos existentes no cartório episcopal, sabe-se que já o era em 1701, todavia, segundo a própria paróquia, a sua criação deu-se em 1719 com a conclusão da Igreja e a realização do primeiro ato religioso[77], graças aos esforços políticos do capitão Francisco de Camargo Pimentel, filho de Marcelino de Camargo, e do capitão Antônio do Prado da Cunha (genro de Jerônimo de Camargo). Acreditamos que a paróquia tenha sido realmente criada em 1719, uma vez que o primeiro registro de óbito da paróquia é do dia 10 de janeiro de 1720. Supomos que em 1701 Atibaia foi elevada à categoria de freguesia, à categoria de distrito de paz, em 13 de agosto de 1747, e elevada à condição de Vila (cidade) em 19 de fevereiro de 1770[78]. Acreditamos que após ser capela curada em 1679

[77] O primeiro ato religioso da paróquia de São João Batista de Atibaia deu-se "aos 14 de dezembro de 1719 batizei e pus os Santos Óleos ao inocente Francisco, filho de Sebastião Pedroso e de Ana Rosa Forão. Foram padrinhos Amaro da Silva Alvarenga e Maria Pinto Guedes – Padre Rabello Barros, coadjutor".

[78] Aos 19 de fevereiro de 1770 foi instalada a primeira Câmara Municipal, formada pelos vereadores João Franco Viegas, Francisco Xavier Cezar e o Capitão André Pereira de Medeiros, sendo nomeados para Juízes Antônio Gonçalves da Cunha e o capitão Domingos Leme do Prado, todos partidários do partido dos Pires e nomeados pelo Ouvidor que desprezou as indicações de Lucas de Siqueira Franco, maior líder político de Atibaia da época e futuro 1º Capitão-mor de Atibaia, nomeado em 08/05/1775. Ao ser elevada à condição de Vila, Atibaia passava a ter sua independência político-administrativa e nascia como cidade

e especialmente a partir da criação de sua paróquia em 1719 deu-se início a uma melhora na organização social tanto para os vivos quanto para os mortos da cidade.

Atibaia desde sua origem pertenceu ao arcebispado de São Paulo, local onde estão os registros de nossa cidade desde 1679, quando passou a ser capela curada, onde infelizmente não consegui estar para realizar pesquisas, como era de minha vontade. A partir de 4 de fevereiro de 1927 Atibaia passou a pertencer à diocese de Bragança, criada nesta data.

➢ PRINCIPAIS PADRES DA PARÓQUIA DE SÃO JOÃO BATISTA, A MAIS ANTIGA DA CIDADE

1664 e 1665 ou só 1665 – Matheus Nunes de Siqueira;
1719 – Francisco Correa de Moraes;
1745-1749 – Ângelo de Siqueira;
1749-1753 – Salvador Cardoso de Oliveira;
1753-1757 – Sebastião da Costa Rangel;
1757-1761 – Antônio José de São Francisco;
1761-1763 – Inácio Xavier Moreira Penteado;
1763-1766 – Jerônimo de Camargo Bueno;
1766-1767 – Antônio Antunes de Campos;
1767-1768 – Ivo José Giordano;
1785 – Sampaio e Manoel Joaquim de Freitas;
1846-1852 – Francisco Emydio de Toledo;
1852-1853, 1855-1860 – Antônio de Mello e Silva;
1853-1854 – Frei Samuel De Lodi;
1854-1855 – Antônio Pinto de Carvalho;
1860-1861 – Candido José Correa;
1861-1863 – João Mariano do Prado;
1863-1873 – João Exequiel Teixeira Pinto;
1873-1881, 1884-1885 – Cônego Francisco Claro de Assis;
1881 - Constantino Gomes de Mattos;
1881-1882 – Ambrósio A.A. Coutinho;
1882-1883 – Antônio Augusto D'Almim;
1883 – Pedro Mattuta;
1883-1884 – Modesto Colli;
1885 – Cônego Honório Benedito Ottoni;
1885-1886 – Cônego Carlos Augusto Gonçalves Benjamim;
1886-1890 – Manoel José Marques;
1890-1891 – Abel Alves Barroso;

1901-1907 – José Maria Brandi;

1907-1914 – Juvenal Augusto de Toledo Kolly;

1914-1933 – Francisco Rodrigues dos Santos, o querido padre Chico, que acabou deixando a batina anos depois;

1933-1934 – Álvaro de Lima;

1934-1939 – Manoel Campelo;

1939-1945 – Francisco Abril;

1945-1948 – João Garcia e João Pastrana;

1948-1951 – Cláudio Garcia;

1951-1954 – Feliciano Grande, espanhol de Villahibiera, província de Leon;

1958 – Serafim Martins;

1958-1959 e 1970 – Monsenhor Tito José Felice;

1959-1970 – Cônego Domingos Bonucci;

1970-1976 – Lélio Zappe Dantas;

1976-1984 – José Lélio Mendes Ferreira;

1984-1995 – José Pires Cardoso;

1995-2000 – Paulo de Souza Dias;

2000-2008 e 2017-2018 – Eugênio Luiz Berti;

2008-2017 – monsenhor Giovanni Barrese, italiano;

2018 – Ricieli de Oliveira Primo Carvalho;

CASA PAROQUIAL E A REPRODUÇÃO DO PELOURINHO

A casa paroquial, situada na esquina da rua José Lucas (rua da igrejas) com a rua José Bim, foi construída e inaugurada em 18/05/1929, graças à doação do terreno pela senhora Maria Valéria de Campos, “Maria da Ponte”. Na primeira passagem por Atibaia, o padre Eugênio mandou construir na lateral da casa uma réplica do Pelourinho, símbolo da emancipação político-administrativa da cidade, erguido na cidade em 5 de novembro de 1669.

Capítulo 19

As primeiras igrejas e ordens religiosas

IGREJA MATRIZ

Não há fontes históricas que indiquem com exatidão o mês e mesmo o ano em que foi erguida a primeira capelinha que deu origem à atual igreja da matriz de Atibaia. Muito provavelmente essa capelinha foi construída sob a coordenação do padre Matheus Nunes de Siqueira no ano de 1664 ou, mais provável, em 1665, quando ele, após o retorno de sua bandeira pelos sertões paulistas, deixou uma quantidade de indígenas na paragem já existente de Atibaia, em suas próprias terras, ou mais provavelmente na terra de sua família, já que seu primos eram os beneficiados com as primeiras sesmarias na região de Atibaia.

Flávio Pileggi

Já o templo foi inaugurado somente em 1719 com a criação da paróquia de São João Batista de Atibaia, sendo o primeiro vigário o padre Francisco Correa de Moraes e seu coadjuntor, o padre João Rabello Barros.

Em 1858 inicia-se a primeira grande reforma na igreja, cerca de 140 anos após sua construção, liderada por José Lucas da Silveira, ou somente José Lucas, e tal reforma dá à igreja a dimensão e sua arquitetura atual. Seus altares têm estilo do barroco paulista. Antes da reforma de 1858, a igreja tinha dois corpos, a da capela e a nave principal, e depois da reforma a igreja passou a ter seu altar-mor, capelas laterais e as três naves num único corpo. A atual imagem do padroeiro da cidade, São João Batista, foi benta e entregue ao povo no dia 1° de dezembro de 1908 por doação de João Pires de Camargo.

A segunda grande reforma, desta vez apenas interna, foi iniciada em 02/07/1911 para, entre outras coisas, remover o assoalho de madeira e iniciar colocação do piso de ladrilhos atual. A pedido do padre Kohly, o célebre pintor Benedito Calixto pintou o belíssimo painel do altar-mor representando o batismo de Jesus por João Batista, instado em grande cerimônia no dia 15/04/1911. Foi nesta reforma que a belíssima capela do Santíssimo foi construída e os atuais vitrais, colocados. Um dos maiores beneméritos desta reforma foi do coronel Jacinto Manoel Leite Júnior e sua esposa e sobrinha Olímpia Leite que doaram a quantia de 2 mil contos e 500 mil reis (irmão do meu tetravô, Pedro Alexandrino Leite).

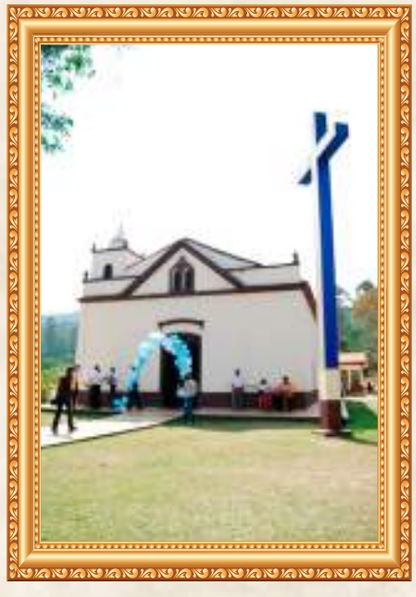
IGREJA DO ROSÁRIO

Primeira fachada da igreja do Rosário fotos do arquivo do museu municipal

Segunda fachada da igreja do Rosário

Terceira e atual fachada da igreja do Rosário – Flávio Pileggi

A igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos começou a ser construída em 1763 e foi concluída em 1767 (pouco menos de cem anos após o início oficial da cidade) para que os negros escravos também pudessem praticar o catolicismo, uma vez que eram proibidos de entrar na igreja matriz. Inicialmente, tinha uma única torre lateral, a que a deixava muito parecida com a igreja matriz, menor, evidentemente. Contudo, a torre foi partida por um raio em 1914 e reconstruída com uma torre central avançando além da entrada principal, formando um átrio na sua base, através de uma reforma liderada pelo padre Chico, concluída em 1916. A simplicidade da igreja inspirou o importante poeta paulista que escreveu "A torre do Rosário que me fez pensar nuns versos de Villon: pauvette et ancienne" (pobre e velho). Quatro décadas depois da reforma de 1910, a torre central também dava sinais de problemas estruturais e em 1953, liderado pelo padre Feliciano, iniciou-se uma nova reforma dando à igreja duas torres e sua fachada atual, a substituição do assoalho do altar por piso em ladrilho hidráulico e parte das paredes de taipa revestidas por tijolos. Passado quase meio século, quando o padre Eugênio Bertini assumiu a paróquia em 23/11/2000, a igreja do Rosário estava interditada e o padre iniciou uma campanha com toda sociedade para restaurá-la. Nesta última grande reforma, buscou-se restaurar ao máximo a igreja, pesquisando suas características mais remotas, e o resultado foi uma igreja ainda mais bela. No salão superior, atrás do altar-mor da igreja, o padre Berti criou o museu de arte Paulina, inaugurado em 28/03/2004. Entre as peças em exposição, muitas homenageavam os afro-descendentes que participaram da história da igreja, contudo, infelizmente o museu foi fechado. Espero que o espaço seja restabelecido através de uma parceria entre a igreja e o município e a cidade possa ganhar mais um museu, ou de artes sacras ou para contar a história da escravidão na cidade e da cultura popular ligada aos negros.



Igreja da Água Espraiada, uma das mais antigas de Atibaia – Flávio Pileggi

CAPELAS EXTINTAS

A capela de Nossa Senhora da Saúde existia no largo Alegre, atual praça Bento Paes que foi demolida em 1906 para alargamento e revitalização daquela praça.

A capela da Santa Cruz existia no antigo largo do Enforcado, hoje praça Miguel Vairo, e foi demolida na década de 1910 para a construção da Santa Casa de Misericórdia. Em 1914 foi criada a irmandade mantenedora da Santa Casa de Atibaia, inaugurada em primeiro de março de 1915. Entre seus inúmeros beneméritos, muitos ligados às famílias Alvim e Pires de Camargo, estão Francisco Pires de Camargo, Florêncio Pires de Camargo, Joaquim Pires de Camargo, José Pires de Camargo, Juvenal Alvim, Olegário Barreto, Pedro Elias de Godoi e Ana Pires Soares, que por seu estimável trabalho em prol da santa casa tem um busto seu em uma de suas entradas. A maternidade da Santa Casa, onde nasci, foi inaugurada no dia 11 de setembro de 1949.

A capela de São Sebastião ficava na estrada que ligava a cidade ao bairro de Caetetuba, hoje avenida Carvalho Pinto. Ficava aproximadamente na direção da rua Clóvis Soares, onde hoje está o G Bar. Não consegui descobrir o ano da sua demolição.

OUTRAS IGREJAS E CAPELAS

IGREJA CRISTO REI

Igreja Cristo Rei – Flávio Pileggi

As igrejas Cristo Rei, a antiga e a nova, estão uma do lado da outra. A construção da nova igreja começou em 1988. Pode ser vista por boa parte da cidade. Suas formas semicirculares, a predominância do concreto e a imagem de Cristo redentor no frontal da igreja a fazem uma das mais belas igrejas católicas da cidade. Seu interior é de estilo moderno, com várias capelas menores nas suas laterais e ainda há uma cripta no piso inferior e outras dependências. Seu lindo painel do altar-mor foi inaugurado em 2000. Foi criada paróquia em 13/04/1966 do populoso bairro do Alvinópolis ainda na antiga capela, conservada ao lado da igreja.

IGREJAS SEDES DE PARÓQUIAS

Igreja de São Pedro Apóstolo no bairro do Portão, tornada paróquia em 05/06/1987; Igreja de São Benedito no bairro da Ponte, tornada paróquia em 05/101998; Santuário A Senhora de Todos os Povos no Jardim Cerejeiras, tornada paróquia em 08/12/2012; Igreja Nossa Senhora Aparecida no bairro Jardim Imperial, tornada paróquia em 26/12/1989; igreja Sagrado Coração de Jesus no bairro do Tanque, tornada paróquia em 01/06/2006; e igreja Nossa Senhora Aparecida e São João Paulo II no Jardim Paulista, tornada paróquia em 12/10/2015.

CAPELAS

Capela de Nossa Senhora de Fátima ou capela do Externato São José foi inaugurada em 04/08/1963; Capela do Cruzeiro foi construída inicialmente no centro do velho largo da Santa Cruz e hoje se encontra em uma das laterais da Santa Casa de Misericórdia, que foi construída no antigo Largo, hoje praça Miguel Vairo, ou mais popularmente conhecida como praça da Santa Casa. Em 1929, a pedido da Irmandade que cuidava da Santa Casa, o vigário consentiu que ele fosse transformada num dos pavilhões do hospital e a nova capela construída no local

onde se encontra há quase cem anos e conhecida como capela de São José ou, simplesmente, capela da Santa Casa. Capela da Saúde, construída entre 1830 a 1840 no então Largo Alegre, hoje praça Bento Paes ou praça do museu. Foi demolida em 1906 para revitalização da praça Bento Paes.

Outras capelas importantes: Capela de São Vicente de Paula, construída dentro do asilo em 1932 (o asilo São Vicente de Paulo foi criado em 1924, ainda hoje existente no mesmo local – na frente do prédio principal da prefeitura de Atibaia); Capela do Cemitério São João Batista, em 1985; Capela do Siloé, em 1980, e a capela da fazenda Pararanga, uma das mais antigas da região, construída pelos seus proprietários Zeferino Alves do Amaral e seu filho Claudino Alves do Amaral, que chamaram o escultor Victor Brecheret para projetar e acompanhar a sua construção, na qual fez um belíssimo afresco. O bispo de Bragança foi convidado para celebrar a missa inaugural, discordou do afresco e pediu para que a menina nua fosse coberta com um vestido e que a vaca aos pés de Cristo fosse retirada do trabalho. O brilhante artista concordou em cobrir a menina, mas não concordou em tirar a vaca e para resolver o impasse com o bispo cobriu o mural com uma cortina. A capela está em local privado e infelizmente não é aberta para visitação pública, embora tombada pelo Conselho de Patrimônio Municipal em 17 de abril de 2002.

ORDENS RELIGIOSAS

Atibaia teve algumas ordens religiosas, também conhecidas como irmandades. Entre elas, podemos citar a Irmandade da Boa Morte, que possuía um local para sepultamento dentro da matriz de Atibaia, e outras como a irmandade do Coração de Maria, o Apostolado da Oração dos Homens, a Irmandade Teresianas, a Propagação da fé, a Cruzada Eucarística, as Oficinas de Santa Rita de Cássia, a Arquiconfraria de Nossa Senhora da Consolação, a venerável Ordem Terceira, a Pia União, as Conferências Vicentinas e outras mais recentes. Das ordens antigas nascidas muito provavelmente no século XIX que tinham um papel social, além de religioso, muito importante na cidade, a única que sobreviveu foi a Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Na atualidade, pelo que descobri, a única ordem religiosa que ainda existe é a ordem ou irmandade do Santíssimo Sacramento (ISS). Trata-se atualmente de uma associação religiosa beneficente, de fins filantrópicos, ligada à paróquia de São João Batista. Seu primeiro registro em cartório data de 30 de março de 1901, contudo, sabemos que sua fundação é muito mais antiga e certamente vem dos idos do século XIX, quando já possuía um cemitério próprio ao lado ou dentro do primeiro cemitério municipal que ficava ao lado da igreja do Rosário. Parece que as atuais pastorais podem ser consideradas como irmandades. De qualquer forma, a única irmandade do século XIX que ainda permanece na cidade é a do Santíssimo Sacramento.

A ISS de Atibaia possui uma área, dentro do Cemitério São João Batista (que inclui a Capela), destinada ao sepultamento de seus integrantes e familiares e como toda e qualquer organização desse tipo possui também um estatuto que rege suas normas de conduta.

Em março de 2019, uma nova mesa diretora foi eleita, composta pelas seguintes pessoas: José Pires Alvim Neto – Provedor, amigo pessoal deste autor Sebastião Augusto da Silva – Vice Provedor, Renata de Oliveira Ribeiro Pires Alvim – Primeira Secretária, esposa do Zé Alvim e também amiga pessoal deste autor, Julia de Souza da Silva – Segunda Secretária, Rita Lourdes Alvim Fazio Leitão de Almeida – Primeira Tesoureira, Wagner Procópio da Rosa – Segundo Tesoureiro

SANTUÁRIO DE SHOENSTATT

Poucos atibaienses sabem, mas em Atibaia está um dos maiores e mais visitados santuários do Brasil: Santuário de Schoenstatt. O Santuário é um local de peregrinação de milhares de devotos de Nossa Senhora no mundo todo. Fundado em 19 de setembro de 1972 em Atibaia pela comunidade das irmãs de Maria de Schoenstatt está entre os 150 maiores santuários do mundo. O movimento nasceu com o padre José Kentenick em 1885 na cidade de Valledar, Alemanha, na localidade de Shoenstatt, e atualmente está presente em cerca de 85 países e conta com cerca de 200 santuários.

Acervo do Santuário de Shoenstatt

IRMÃS CARMELIANAS

Em Atibaia desde 1997, o instituto brasileiro Filhas de São Camilo construiu o "Pensionato Maria Imaculada". No mesmo espaço também funciona a Casa de Retiros Espirituais para as religiosas Filhas de São Camilo da Província e a desde do noviciado da Província Brasileira, estabelecido desde 2000 no espaço conhecido por "Vila Imaculada". O movimento, com sede em Roma, foi fundado por Giuseppina Vanini e pelo padre camiliano Luigi Tezza em 1882 e está presente em vários países da Europa e América Latina.

SANTO CRUZEIRO

Santo Cruzeiro – arquivo museu municipal

O primeiro Santo Cruzeiro de que se tem notícia ficava na atual praça Miguel Vairo, ou praça da Santa Casa, na época, largo da Forca, e mais tarde, largo da Santa Cruz. Ficava na frente de uma pobre capelinha, chamada de capela da Santa Cruz, que acabou se transformando no primeiro pavilhão da Santa Casa. Na década de 1910 foi retirado do largo da Santa Cruz e transferido para a Vila de São Vicente de Paulo. Logo depois da epidemia da gripe espanhola, muitos devotos da cidade entenderam que a peste era um castigo por terem retirado o Santo Cruzeiro do largo e em 7 de setembro de 1922 ele foi transferido para a praça dos Três Poderes ou praça da Câmara Municipal, onde permanece até hoje. No topo do Santo Cruzeiro existe um galo e há

Santo Cruzeiro - Flávio Pileggi

uma lenda na cidade que diz que no dia em que o mundo acabar o galo irá cantar.

Trata-se de uma cruz de madeira assentada sobre uma base de cimento, com degraus. Sobre a cruz estão vários objetos, também de madeira, que fazem alusão ao martírio de Cristo. O local é onde as congadas rezam suas tradicionais ladainhas por ocasião da festa das congadas, do Rosário, ou mais atualmente chamada de ciclo natalino. Tombado pelo Conselho Municipal do Patrimônio em 24 de junho de 2002.

SANTA CRUZ DOS ENFORCADOS

Era uma cruz situada no antigo largo do Santo Cruzeiro, portanto, seria a segunda cruz do citado largo, ou a ela pode ter sido anterior à cruz do Santo Cruzeiro, não descobri ao certo.

Sabe-se que tinha 3,50 metros de altura e os braços equivalentes à metade do tamanho da altura, assentada sobre uma base de cimento com três degraus e com os dizeres: Santa Cruz dos Enforcados.

Segundo Conti, em sua já citada obra, era ponto de romarias e visitas, pois era tida como milagrosa por moradores da primeira década do século XX. Segundo a tradição oral, a cruz ficava no exato lugar da forca onde os condenados à pena de morte pagavam sua pena.

No Brasil, a pena de morte era prevista durante os séculos XVI e XIX, portanto, ela fez parte do ordenamento jurídico do Brasil por cerca de 300 anos. Os últimos enforcamentos no Brasil de que se tem notícia aconteceram na primeira metade da década de 1870, contudo, apenas com a proclamação da república ela foi legalmente abolida.

Em Atibaia, segundo Conti, existia uma história, que não se sabe ser verdade ou lenda, a qual tomaremos a liberdade de reproduzir.

"Na fazenda do velho Silva, a uns três quilômetros de São João Batista de Atibaia, no bairro da Boa Vista, era grande o número de escravos em 1875. Entre estes havia uma preta velha, Sinhara – assim era ela chamada – que, apesar de ser algum tanto estimada, não deixava de, quando cometida alguma falta, ira ao tronco e entrar no bacalhau[79], conforme o rude costume daquela época.

Era esta uma negra alta, magra, vergada pelo peso dos anos. Seu rosto era fino, com um nariz exageradamente chato e lhe faltavam incisos superiores, o que fazia mostrar, quando ria, uma gengiva vermelho-arroxeada.

Um dia, depois de ter entrado numa tunda[80], a negra velha saiu resmungando:

– Deixa estar... deixe estar que isto vai acabar.

[79] Bacalhau era o nome que se dava ao chicote de couro cru com o qual se castigava os escravos.

[80] Tunda era uma surra.

D. Candinha, esposa do fazendeiro, tinha como antigo hábito, ir todos os domingos à cidade, para assistir missa. Tomava um trole e lá ia sossegada à vila, como diziam.

Nestas pequenas viagens D. Candinha costumava deixar tomando conta do único filhinho do casal, uma velha octogenária, que, já há muitos anos, vivia com os fazendeiros. Era a 'vovozinha' do menino e, por isso, de toda a confiança.

Uma manhã encontraram a velhinha morta em seu leito, vitimada por uma síncope cardíaca.

Dias depois, como de costume, d. Candinha foi à missa e, como pagem do menino, deixou a velha escrava Sinhara, pois era, como se disse, estimada e de confiança.

O menino contava nesse tempo oito anos.

Assim que a patroa saiu, depois de fazer inúmeras recomendações à escrava, Sinhara foi ao quarto da criança e, vendo-o dormir, disse:

– Miserável, você vai pagar o que seus pais me fazem. Vai ver como se surra negro e quanto dói apanhar no lombo.

Dito isto, a negra correu à cozinha, tomou de um chicote e de uma faca e voltou.

O velho fazendeiro andava, àquelas horas, passeando a cavalo pelo cafezal.

A preta velha, aproximou-se do leito, como os olhos esbugalhados, soltando uns gritos roucos, roufenhos, deu muitas chicotadas no menino e, quando este começou a gritar, enterrou-lhe a faca no 'sancradouro'.

Nem mais gemido sequer:

Horas depois voltara D. Candinha, já com muitas saudades de seu filhinho, pois naquele dia, fora de seus hábitos, ela se demorara mais que de costume. Entrou alegre e, não encontrando o menino no leito, remexeu as cobertas e, dando com manchas de sangue nos lençóis, gritou:

– Meu Deus! Que terá acontecido?

– Sinhara – gritou aflita – Sinhara!

– Que patroa [sinhá deveria ser mais apropriado] – respondeu cinicamente a preta.

– Onde está o Carlinhos? Que aconteceu? – disse aproximando-se da cozinha.

Então a preta velha, num sorriso alvar, cínica e como quem vê satisfeito o maior de seu sonho, levantou uma pano que cobria um tacho de cobre que estava sobre o fogão e apontando para a patroa, mostrou à desgraçada mãe o filho todo esquartejado e já cozido e, rindo-se do susto da desventurada senhora, naquele delírio sádico, exclamou:

– Está cozido patroa! Está cozido e é só beber o caldo.

Horas depois vinha o velho Silva, com grande apetite para o almoço e, dando com a mulher estendida no chão, olhou para todos os lados e descobriu, afinal, a horrenda tragédia.

Do fim dos velhos fazendeiros nada diz a lenda.

Da velha escrava, diziam que foi justiçada na forca do campo do Cruzeiro, também conhecido como largo dos Enforcados.

Sinhara, processada, foi condenada à pena de morte. Designado o dia de sua execução, sendo a forca levantada no campo [...]. A paciente recebeu todos os sacramentos, com a devida antecedência de 24 horas, tendo-se alimentado de acordo com o seu pedido que era comer doe. No dia e hora designados, estavam presentes as autoridades, foi lido o 'pregão', seguindo-se o préstito[81].

Era formado de um grupo de soldados, indo ao centro, a velha negra, com o padre ao seu lado e, atrás

o carrasco, segurando a ponta da corda. Seguiu o préstito pela rua debaixo (hoje José Alvim) sendo que, nas travessas, pararam para a leitura do pregão.

Assim chegaram ao lugar da execução, Sinhara subiu os degraus, resmungando, como fez pelo trajeto inteiro:

– Morro, mas aquele menino não surrará negro com bacalhau, este gosto eu tenho.

Acompanhou-a até o último degrau o padre. Ali o carrasco cobriu-lhe o rosto. O sacerdote que vinha rezando o credo, volta descendo os degraus e quando disse 'vida eterna' o corpo de Sinhara balançava na forca, pagando pelo hediondo crime.

No mesmo dia foi demolida a forca, para não ficar exposta ao público, como era de praxe.

Lenda ou verdade, aí fica o que me foi contado e que se relaciona com a forca em Atibaia. Neste local ficou a Santa Cruz dos Enforcados...

Com o desenvolvimento da cidade, desapareceu a cruz, nada havendo mais hoje desse santo lenho". E assim termina o relato de João Batista Conti que, para mim, não passa de uma lenda, mas que achei interessante manter viva para ilustrar que Atibaia teve uma forca para executar os condenados à pena de morte.

[81] Préstito é um conjunto de pessoas que andam juntas.

Capítulo 20

As mais antigas igrejas evangélicas e outras religiões

A primeira igreja evangélica em Atibaia foi a igreja Presbiteriana, fundada em 11 de janeiro de 1903, cujo templo se encontra até hoje na rua José Pires, no centro da cidade. É difícil precisar com certeza a ordem de chegada das igrejas que vieram depois da Presbiteriana, mas é possível que a segunda tenha sido a Assembleia de Deus da Missão, no bairro do Tanque, fundada em 1947, seguida da Assembleia de Deus do Madureira, fundada em 26 de setembro de 1954, que foi presidida pelo meu avô paterno, Oscar Bedore por dois períodos (1964/72 e 1974/95), depois provavelmente seguida pela Congregação Cristã, cujo templo no bairro Atibaia Jardim pode ser o maior templo religioso da cidade e Quadrangular, em 1958, Brasil para Cristo, em 1967. Na década de 1970 vieram a Assembleia de Deus do Ipiranga, Batista (PIBA), fundada em 08/11/1980 sob a direção do pastor Mendes, recém-jubilado, Adventista do Sétimo Dia, igreja Evangélica de Atibaia e tantas outras subsequentes. A cidade hoje tem muitas igrejas evangélicas, de várias denominações, com templos próprios ou não.

Igreja Presbiteriana Unida de Atibaia
Página do Facebook

PALAVRA DA VIDA

A sede nacional da Palavra da Vida Nacional congrega pessoas de várias correntes evangélicas. Além das casas, dentro de seu loteamento próprio existem uma escola, uma igreja, um hotel e áreas de lazer.

O projeto inicial para a criação da Palavra da Vida nasceu de Ari Bollback e Horoldo Reimer. O objetivo era formar jovens missionários no Brasil. Em 1857 nasceu o acampamento, inaugurado no ano seguinte, e em 1965 foi fundado o Instituto Bíblico Palavra da Vida por David Cox.

Centro Espírita Verdade Luz, fundado em 15 de abril de 1935, é o mais antigo centro espírita de Atibaia, criado pela italiana de Parma Electra Censi Brentan (*1899 †1985), que veio para o Brasil com seus pais em 1927, casada com Constante Brentan, sem filhos. Dedicou a vida ao atendimento dos necessitados e carentes e doou parte do imóvel no qual morava para a construção do centro Verdade e Luz no centro da cidade.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS

Marcha para Jesus – Na cidade, anualmente os evangélicos realizam a Marcha para Jesus, levando milhares de pessoas às ruas para louvá-lo.

Lavagem de Oxalá – Há alguns anos os praticantes das religiões de matriz africana, realizam a cerimônia de lavagem de Oxalá que termina com a lavagem da entrada da igreja matriz da cidade.

Batismo de Cristo, de Benedito Calixto – Altar-mor Igreja Matriz

Capítulo 21
Símbolos da cidade

Toda cidade tem uma bandeira, um brasão e um hino. Seu brasão foi instituído pela lei municipal n° 282, de 21 de junho de 1954, feito por Enzo Silveira, um heraldista de renome internacional, custeado pelo historiador e genealogista Waldomiro Franco da Silveira. Sua bandeira foi instituída pela lei n° 837, de 23 de março de 1965 e seu hino

A data oficial de fundação da cidade foi decidida através da lei municipal n° 205, de 2 de julho de 1952, que escolheu o dia 24 de junho de 1665, dia de São João Batista, padroeiro da cidade, como data de sua fundação. Contudo, Atibaia tem uma verdadeira certidão de nascimento, que é a informação do padre Matheus Nunes de Siqueira dada à câmara municipal de São Paulo sobre ter deixado indígenas na paragem de Atibaia para formar aldeia, que aqui tem o significado de aldeamento, arraial. Isto no dia 3 de julho de 1665. Eu, há anos, advogo a ideia de alterar a data de fundação da cidade para o dia 3 de julho e manter o 24 de junho para celebrar o padroeiro da cidade. Felizmente, as datas são próximas, o que poderia criar a semana de comemoração do aniversário da cidade, mudando o feriado para o dia 3 de julho e o dia 24 de junho sendo ponto facultativo.

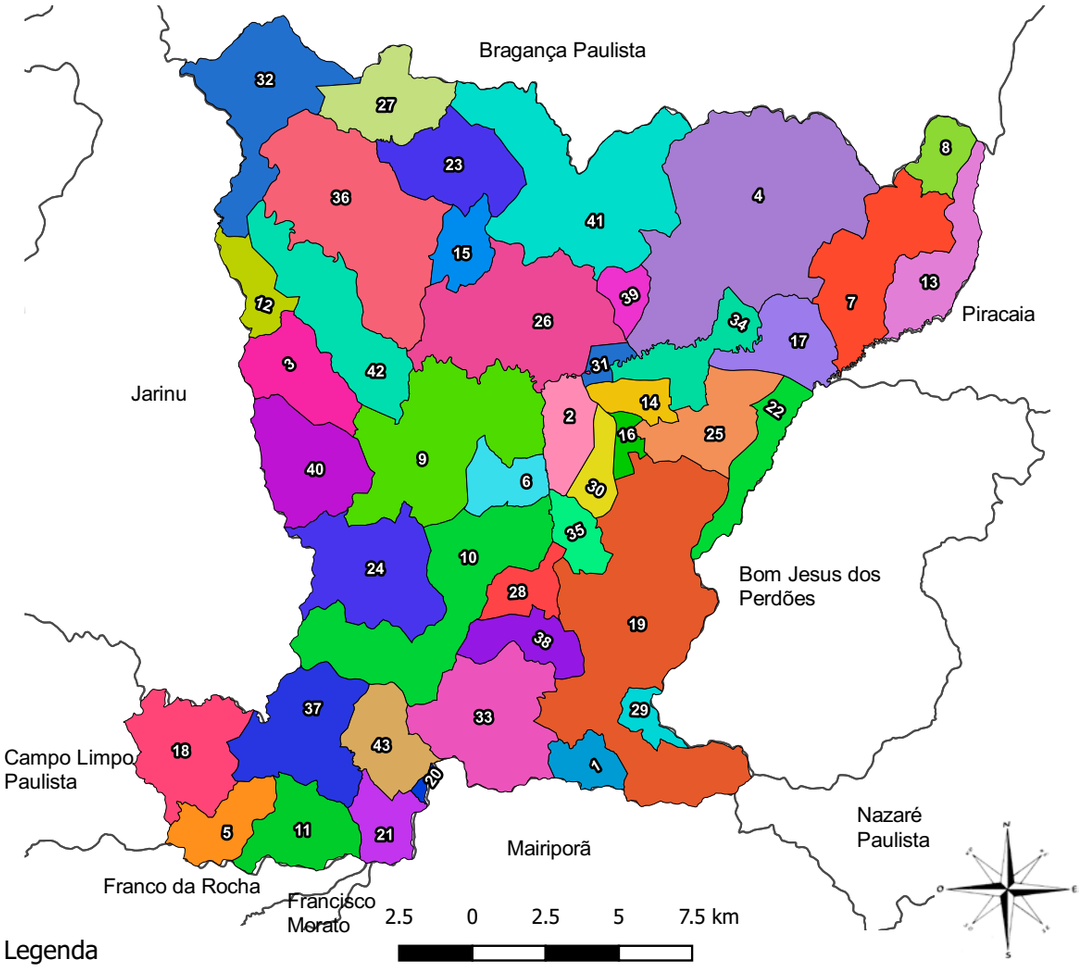
Brasão municipal

TÍTULO III

A FORMAÇÃO ÉTNICA E A EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA

DISTRIBUIÇÃO DOS BAIRROS E LIMITES MUNICIPAIS DE ATIBAIA

DECRETO Nº 6.807 DE 08 DE AGOSTO DE 2012



Legenda

Bairros

1 ÁGUA ESPRAIADA	12 CAMPO DOS ALEIXO	23 LARANJAL	34 RESSACA
2 ALVINÓPOLIS	13 CANEDOS	24 MARACANÃ	35 RIBEIRÃO DOS PORCOS
3 ARROZAL	14 CENTRO	25 MARMELEIRO	36 RIO ABAIXO
4 BOA VISTA	15 DOS PIRES	26 MATO DENTRO	37 RIO ACIMA
5 BOA VISTA DOS GOMES	16 ESTÂNCIA LYNCE	27 MATO DENTRO DO LAJEADO	38 ROSÁRIO
6 BROTAS	17 GUAXINDUVA	28 PINHEIRINHO	39 SÃO JOÃO DAS PITAS
7 CACHOEIRA	18 IARA	29 PINTOS	40 SÃO ROQUE
8 CACHOEIRA DO MATO DENTRO	19 ITAPETINGA	30 PIQUERI	41 TANQUE
9 CAETETUBA	20 JUNDIAIZINHO	31 PONTE	42 USINA
10 CAIOÇARA	21 LAGOA	32 PONTE ALTA	43 VILA DAS PALMEIRAS
11 CAMPININHA	22 LARANJA AZEDA	33 PORTÃO	

FONTE: Prefeitura da Estância de Atibaia

Capítulo 1
Os Índios Guarulhos

Ver sobre os primeiros habitantes da região atibaiana no capítulo 2 do título I.

Capítulo 2
Os principais núcleos familiares (as famílias mais antigas)

No meu trabalho sobre genealogia, lançado em 2012 – ***Raízes – Notas Genealógicas***, cujo QR Code para acessar a versão mais atualizada, está aqui do lado, eu retratei as famílias mais antigas e tradicionais de Atibaia, das quais eu descendo.

Tratei das famílias Camargo [1663[82]], Araújo Cintra, Siqueira Franco [+/- 1700], Bueno[+/- 1700], Pereira [entre 1700 e 1710], Pires de Camargo [+/- 1740], Padilha [+/- 1730], Alves do Amaral [+/1740], Soares [+/- 1740], Oliveira Cesar [+/- 1760], Leite [+/- 1770]. Além destas famílias, a família Padilha [1750] e a família Araújo Cintra [1775] que também teve uma grande importância na formação da antiga família atibaiana. A referida família decorre do casamento de dois irmãos (Francisco Lourenço Cintra e José Felix Cintra com duas irmãs (Helena de Moraes Araújo e Andressa de Araújo). Sobre esse assunto – as famílias atibaianas mais antigas, eu sugiro a consulta ao meu trabalho, que tem uma versão digital, disponível para consulta na internet."

Dos que chamei de principais e mais antigos troncos de famílias antigas de Atibaia, desdobram-se outras famílias tradicionais que abordei no livro-revista Famílias Ilustres e tradicionais de Atibaia, lançado em 2000, tais como: Almeida Bueno, Alvim (Campos Bueno – descendentes de Jerônimo de Camargo), Arantes, Barreto, Bueno de Aguiar, Cintra, Cintra Cunha, Cunha Cintra, Cintra Bueno, Fagundes,

[82] Ano aproximado da chegada da família em Atibaia.

Ferraz, Florido, Franco da Silveira, Ivo da Silveira, Peçanha, Pereira Bueno, Pereira Leite, os Pulis, os Pombas, Pinto, Prado, também conhecida como Profeta e Gregório, Rocha, Salles, Silva Bueno, Silva Pinto, Silveira Cintra, Silveira Franco, Silveira Pinto, Soares do Amaral, Teixeira e outras tantas que nasceram dos principais troncos citados acima. Hoje, porém, fruto da grande e positiva miscigenação brasileira, quase a grande totalidade dos Camargos, Siqueira Franco, Pires de Camargo, Soares, Alves do Amaral, Bueno, Pereira, Leite, Padilha, Oliveira Cesar, Araújo e Araújo Cintra, bem como muitos dos sobrenomes acima não carregam mais esses sobrenomes e não é raro encontrarmos um Camargo ou Siqueira Franco de sobrenome italiano, um Alves do Amaral de olhos puxados, ou quem sabe um Pires de Camargo de pele negra, ou ainda um Soares com sobrenome Sírio, por exemplo. Hoje não temos mais aquele ranço negativo do passado, onde os mais antigos não viam com bons olhos os que chegavam depois em Atibaia, ainda mais se fossem imigrantes ou descendentes deles. Não há, na atualidade, uma única família considerada antiga e tradicional de Atibaia que não tenha, ao menos por um ramo, se entrelaçado a famílias mais novas em solo atibaiano e oriundas de famílias imigrantes. João Batista Conti, grande atibaiano, historiador e folclorista, se vivesse hoje se alegraria muito de ver tal miscigenação entre as famílias de origens diversas, convivendo sem mais nenhum preconceito em nossa cidade. Em nosso país não há como ter uma postura preconceituosa, equivocada e racista, pois somos um povo que é fruto da mistura de raças, o que talvez seja nossa maior característica e qualidade.

Capítulo 3
Os imigrantes

Italianos: segundo João Conti, o primeiro imigrante italiano que chegou em Atibaia em 1824 foi Antônio Fontana, que inicialmente se dedicou ao comércio na região central da cidade e posteriormente ao campo, adquirindo uma área rural junto ao rio Atibaia, a uns 3 km do centro urbano, localidade que passou a ser conhecida como bairro dos Fontanas. Antônio Fontana faleceu em 19 de junho de 1837 com aproximadamente 40 anos, vítima de assassinato.

Muitas famílias italianas se uniram por casamento com famílias antigas e tradicionais de Atibaia, como: Pierotti com Oliveira, Conti com Peçanha, Vairo com Gonçalves e Alves do Amaral, De Carlo com Leite, Mielli com Pires de Camargo, Chiochetti com Barreto, Rosa com Alves do Amaral, Benevento com Freitas e outras.

OS ITALIANOS[83] OU DESCENDENTES QUE TIVERAM DESTAQUE EM VÁRIOS SEGMENTOS EM ATIBAIA

Prefeitos: Michele (Miguel) Vairo, João Batista Conti, Miguel Brisolla de Oliveira, Marco Vinicio Chiochetti, José Euler Soares Guzzi, Edmundo Zanoni, Tito Livio Garini, Omar Zibaib (Rosa de Ospedaletto Euganeo/Padova por parte de sua mãe), Flávio Callegari, Luiz Fernando Pugliesi e José Roberto Tricoli.

Presidentes da Câmara: Tito Livio Garini, Carmine Biagio Tundisi, Moacar Zanoni, Benedito Carvalho (sobre nome correto era Cavallo), Durval Mantovaninni, Orlando Ferro, Edson Antônio Teixeira (família Titarelli), Odair Bedore, Maurício Aparecido Petrucci, Paulo Sérgio Tricoli Patara, Luiz Fernando Pugliesi e Roberta Barsotti.

Vereadores: 1) Michele [Miguel] Vairo – 1905/08 e 1909/14 (italiano natural de Bragene Soprane, província de Salermo; foi prefeito), 2) Francesco [Francisco] – Pierotti 1914/17 (italiano natural Castelnuovo di Garfagnaha/

[83] Neste trabalho, a comunidade italiana teve um destaque maior porque aproveitei algumas informações de um outro trabalho sobre as famílias italianas na cidade, a maior comunidade entre os imigrantes.

Lucca, região da Toscana 3) Eugenio da Silva Bressane – 1917/20 – 1923/26 – 1926/27, 4) João Lorencini – 1936/37, 5) José Lorencini – 1948/51; 6) Antônio Bonini – 1952/56, 7) Atilio Russomano – 1952/56, 8) Edmundo Zanoni – 1952/56 – 1960/63 (foi prefeito), 9) Silvio Russomano – 1952/56; 10) Marco Vinicio Chiochetti – 1952/56 suplente – 1956/60 (foi prefeito), 11) Alvise Abramo – 1952/56 suplente – 1956/60 – 1960/63 – 1964/69 suplente, 12) Tito Lívio Garini – 1952/56 suplente – 1956/60 – 1964/69 – 1969/73 (foi prefeito), 13) Ivo Paolinetti – 1952/56 suplente, 14) Emídio Fazzio – 1952/56 suplente -1956/60 – 1960/63, 15) Pedro Tacco – 1956/60 suplente – 1960/63 – 1964/69 – 1979/82 – 1983/88 suplente, 16) Moacir Zanoni – 1956/60 suplente – 1969/73; 17) Napoleão Ferro – 1956/60 suplente, 18) Anselmo Henrique Tamassia – 1956/60 suplente, 19) Cesar Memolo – 1960/63, 20) Haroldo Bonini – 1960/63 suplente, 21) Francisco Santo Ferro – 1960/63 suplente, 22) Salvador Russani – 1960/63 suplente, 23) Durval Mantovanini – 1960/63 suplente – 1964/69 – 1969/73 – 1973/77 – 1977/82, 24) Roberto Russomano – 1960/63 suplente – 1964/69 suplente, 25) Carmine Biagio Tundisi – 1964/69 – 1969/73 – 1983/88, 26) Domingos Vergara – 1964/69 – 1969/73 – 1973/77, 27) Domingos Tricoli – 1964/69, 28) Osvaldo Fumani – 1964/69 suplente, 29) Guaracy José Gianelli – 1964/69 suplente, 30) Luiz Antônio Bonini – 1964/69 suplente, 31) Antônio Salvanini – 1964/69 suplente, 32) Benedito Carvalho (família Cavallo) – 1964/69 suplente – 1969/73 suplente – 1973/77, 33) Alziro Bertini – 1969/73 suplente, 34) Nerino Soldera– 1973/77 e 1989/92; 35) José Luiz Passador – 1973/77, 36) Maurício Aparecido Petrucci – 1977/82 – 1983/88 – 1993/96, 37) Edson Antônio Teixeira (Família Titarelli) – 1977/82 – 1983/88, 38) Orlando Ferro – 1977/82, 39) Odair Bedore – 1983/88 – 1989/92 – 1993/96 – 1997/2000 – 2001/04, 40) Domingos Gerage – 1983/88 – 1989/92 – 1997/2000 e 2008, 41) Ercília Rossini Pugliesi – 1989/92 – 1997/2000 e 2001, 42) José Augusto Roberto – 1989/92, 43) Waldir Bottura – 1993/96, 44) Ivo Aparecido Pranuvi– 1993/96, 45) José Roberto Tricoli – 1993/96 (foi prefeito de 2001 a 2008 e deputado estadual 2011/14), 46) Paulo Sérgio Tricoli Patara– 2001/04 e 2005/08, 47) Ângelo Beltrami – 2005/08, 48) Luiz Fernando Pugliesi– 2005/08, 49) Georgina Pittoco Piniano– 2005/08 e 2009/12, 50) Reginaldo Binatti – 2005/08, 51) Daniel Martini – 2013/16 e 2017/20; 52) Adriano Bedore – 2014/15, 53) Jair Bonilha Gattamorta, 54) Roberta Barsotti – 2017/20.

DESTAQUES NA CIÊNCIA E MUNDO ACADÊMICO

João Batista Conti: historiador, folclorista, ex-prefeito de atibaia; **José Bueno Conti**: geógrafo, professor doutor titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; **Adilson Carvalho (Cavallo)**: professor titular de Geoquímica do instituto de Geociências da USP; **Francisco Fernando Doratiotto**: professor doutor do instituto Rio Branco do Ministério de Relações Exteriores do Brasil; **Oswaldo Albanez**: economista, ex-diretor do centro de estudos e pesquisas de administração municipal – CEPAM, da Fundação Faria Lima; **Luciano Jose Marafante**: biólogo e professor universitário; **Renata Pallotine**: dramaturga, ensaísta, tradutora, poetisa, escritora e professora doutora da Escola de Comunicação e Arte (ECA) da USP; **João Luis Zago Passador**: professor doutor da Faculdade Economia, Administração e Contabilidade da USP de Ribeirão Preto; **Luis Henrique Zago Passador**: professor doutor da Universidade Federal da Fronteira do Sul - campus de Chapecó - SC; **Douglas Antônio Zago**: biólogo, professor doutor de histologia da Faculdade de Medicina da USP; **José Novaes Paternostro**: professor e psicólogo, um dos fundadores da Academia Paulista de Psicologia, onde ocupava a cadeira n. 22; **Marcelo Roncoletta**: médico veterinário, pesquisador sócio diretor da TOP IN

LIFE (empresa de inseminação artificial); **Daniel Soriani dos Santos**: economista, ex-diretor presidente do Banespa S.A, corretora de seguros; Augusto Humberto Vairo Titarelli: professor doutor titular faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; **José Vitório Zago**: engenheiro mecânico, professor doutor do Instituto de Matemática Aplicada e Computacional da Unicamp; **Waldemar Safiotti**: professor doutor titular do Instituto de química da UNESP, campus de Araraquara/SP; **Flávio Pires de Camargo** (família Miele): professor doutor titular do Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP; **Olavo Pires de Camargo** (família Miele): professor doutor titular do Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP; **Orivaldo Leme Biagi**: professor de história da FAAT; **Marisa Lajolo**: ensaísta, pesquisadora, crítica literária, autora de literatura juvenil e professora universitária da UNICAMP; **Franco Maria Lajolo**: professor doutor titular em farmácia e bioquímica pela USP, foi vice-reitor da USP.

DESTAQUES NAS ARTES

Romeu Caiani: artista plástico e pintor; **Cesira Colturato**: artista plástica e pintora; **Vandy Doratiotto**: ator, apresentador de TV, músico e compositor; **Celestino Fontanelli**: artista plástico e escultor; **Yolando Malozzi**: artista plástico, escultor e professor da Escola de Belas Artes de São Paulo; **Charles Giraldi**: ator, diretor e produtor teatral; **Jarbas Mantovaninni**: gerente de comunicação da fundação Roberto Marinho e do Canal Futura; **Mathilde Raspa Mastrangi**: atriz de teatro, cinema e televisão; **Oscar Magrini**: ator de teatro, e de televisão da Rede Globo; **Cesar Memolo Júnior**: cineasta, empresário do setor de comunicação visual (publicidade); **Antônio Pingitori**: artista plástico e pintor.

DESTAQUES NOS ESPORTES

José Colaferro: futebolista, empresário do setor de agência de vendas de autos; **Rolando Rolli**: futebolista; **Ricardo Alfonsi**: futebolista; **Menotti Barca**: futebolista; **Ercio Scapin "Biju"**: futebolista, jogador do Fluminense do Rio.

ALGUMAS FAMÍLIAS E SUAS ATUAÇÕES NA AGRICULTURA, COMÉRCIO, INDÚSTRIA, SERVIÇOS E OUTROS

Desde o início da grande imigração italiana a presença dos italianos no campo (agricultura, a grande maioria) e nas diversas atividades do comércio, indústria, prestações de serviços e outros em Atibaia é notável. Vejamos alguns sobrenomes que passaram por Atibaia ou ainda vivem na cidade e as respectivas atividades que exerceram e ou ainda exercem. Algumas atividades estão extintas **ou** em processo de extinção e outras ainda permanecem em plena ação, e algumas ainda estão nas mãos dos descendentes dos precursores: **Abramo**: estúdio fotográfico e comércio de secos e molhados; **Albanese/Albanes**: açougue e olaria; **Alfonsi**: construção civil, vinicultura, fecularia; **Andreoni**: bar, restaurante e pensionato; **Avancini**: construção civil e vinícola; **Bassi**: sorveteria; **Bacci**:

comércio de água ardente e transportes; **Badiali**: sapataria e tapeçaria; **Bartolomei**: comércio de secos e molhados; **Bartolo**: hotelaria e entretenimento; **Basseto**: indústria de carroças, charretes e jornal; **Bedore**: pastelaria, loterias, açougue e transportes seletivos; **Bellini**: olaria; **Benevento**: açougue: **Bernucci**: transporte coletivo; **Biasin/Biazin**: açougue, pecuária, serviço de terraplenagem e imobiliária; **Biasetto/Biazetto**: loja de confecções, calçados; **Binatti**: agricultura; **Bondanza/Bondança**: comércio de material de construções; **Bonini**: marcenaria, comércio e construção civil; **Boninsegna**: comércio de material reciclado; **Borghi,** olaria, comércio-d'água, indústria de artefatos de cimento, cabeleireiro; **Braggion**: agricultura, selaria e comércio de terraplenagem; **Bretan/Bertran**: marcenaria; **Bulgarelli**: agricultura; **Bunholo**: comércio de secos e molhados; **Buscariolo**: agricultura e barbearia; **Callegari**: comércio de ferros e cimento; **Cancherini**: sivicultura (eucalipdo) e comércio de lenha e carvão; **Capello**: restaurante e hotelaria; **Capodeferro**: auxílio de partos (parteiras); **Carbonari** comércio de secos e molhados; **Cardinalli**: agricultura; **Carpinelli**: ensino; **Carreri**: oficina mecânica; **Catanzaro**: pecuária leiteira; **Cavalanti**: indústria de tintas; **Cavallo** (Carvalho): sapataria e contabilidade; **Censi**: hotelaria; **Cavaza**: agricultura, restaurante e agência de correio; **Ciocchetti/Chiocheti**: alfaiataria, comércio de papelaria e armarinhos, calçados e material de construção (antigo depósito Guarani); **Cerbino/Serbino**: ensino e difusão da música; **Ceschelli**: bar, comércio de secos e molhados; **Cifarelli**: agricultura; **Ciccaroni/Chicaroni**: agricultura, transportes de alimentos e transporte ferroviário; **Cocco**: comércio de distribuição de bebidas e entretenimentos; **Colaferro**: oficina mecânica; **Contardi**: comércio de máquinas ferramentas e ferro; **Contesini**: agricultura e oficina mecânica; **Conti**: alfaiataria e advogados como João Batista Conti, seu representante; **Corradini**: indústria de beneficiamento de arroz, vinicultura, fecularia, comércio de materiais de construção, imobiliária e seguros; **Cusatis**: indústria metalúrgica; **Dare**: imobiliária e administração de imóveis; **D'Arienzo**: ensino e jornal; **Della Barca/Barca**: panificadora e cafeicultura; **De Carlo**: panificação, açougue, pecuária de corte; **Del Nero**: comercio de lenha e carvão e serviços topográficos; **Di Mauro**: barbearia e mecânica de autos; **Dominicalli**: comércio de reciclagem; **Doratiotto**: agricultura, selaria, açougue e comércio de madeiras; **Elena/Helena**: comércio de secos e molhados e de carvão e lenha; **Fachin**: bar; **Fambrini**: agricultura e marcenaria; **Fanciulli/Fangiulli**: doceria; **Falcocchio**: panificação e restaurante; **Fazio/Fazzio/Facio**: indústria de macarrão, indústria de bebidas, revendedora de autos, transporte coletivo, cinema e posto de combustível; **Ferro**: comércio de secos e molhados, bar, material de construção, serviços de terraplenagem e indústria de bebidas; **Finco**: alfaiataria e empresa funerária; **Flanco**: engenharia civil; entre tantos engenheiros civis de origem italiana, citaremos Amedeo Flanco como seu representante; **Fontanelli**: marmoraria; **Fumani**: agricultura; **Gallo**: serraria, fruticultura, relojoaria e autoescola; **Garini**: coletoria federal; **Genova**: construção civil; **Guelpa**: agricultura e pecuária; **Guerrato**: comércio de máquinas e ferramentas; **Giacomini**: pensionato, restaurante e comércio de material elétrico; **Gigliotti**: ensino; **Girardi/Giraldi**: vinicultura, comércio de material de construção, máquinas e ferramentas; **Gregorini**: serviços imobiliários; entre tantos arquitetos e engenheiros de origem italiana, citamos Guido Gregorini como seu representante; **Guzzi**: barbearia e comércio de secos e molhados; **Landroni**: indústria de metalúrgica; **Lege**: panificação; **Lessi**: comércio de móveis; **Locatelli**: comércio de secos e molhados; **Lorenzoni**: bar e restaurante; **Janussi**: agricultura e serviços para indústria têxtil; **Jaruzzi**: pecuária de corte; **Magri/Magro**: hotelaria e comércio de revenda de autos; **Malozzi**: barbearia; **Mantovani**: indústria metalúrgica; **Mantovanini/Mantovaninni**: farmácia, transporte coletivo, pecuária e cafeicultura; **Marafante**: indústria de charretes e carroças; **Massoni**:

comércio de secos e molhados e material de construção, fecularia e ensino e difusão da música; **Matarazzo**: indústria de aguardente; **Mazziero**: fruticultura; **Melfi**: farmácia natural; **Memolo**: hotelaria, imobiliária, distribuidora de bebidas e empresário do setor educacional; **Mieli**: cafeicultura; **Milanello**: transportes de matérias e pessoas para conservação das estradas; **Mistrello**: marcenaria; **Molena**: agricultura (cogumelo), avicultura (codorna italiana); **Montesante**: serviços de terraplanagem; **Mucciolo**; restaurante; **Nacaratti**: entre tantos de origem italiana no serviço de táxi, citamos Nicolino Nacaratti, o provável precursor do serviço em Atibaia; **Nardini**: indústria de beneficiamento de arroz, fecularia, vinicultura e pecuária; **Neri**: agricultura, despachos e música; **Orlandelli**: hotelaria; **Ostuni/Ostoni**: indústria de laticínios; **Pacitti**: serviços para indústria têxtil; **Palombelo**: restaurante; **Passador**: serviços para indústria têxtil e sorveteria; **Patara**: comércio de material de construção; **Paolinetti**: indústria de torrefação de café; **Pauroso**: oficina de autoelétrico; **Pelegrino**: fabricação e comércio de panelas de metal, lenha e carvão; **Perini**: agricultura; **Pergola**: comércio de lenha e carvão e indústria gráfica; **Petrucci**: agricultura e contabilidade; **Pierotti**: comércio de secos e molhados; **Pignatari**: indústria de aguardente, comércio de lenha e carvão; **Pilegi**: indústria gráfica e papelaria; **Pinzan**: agricultura e contabilidade; **Pizzelli**: indústria de cerâmica; **Poloni**: comércio de secos e molhados; **Pomari**: agricultura e comércio de confecções; **Puzzoni**: loja de confecções, tapeçaria e comércio de móveis e eletrodomésticos; **Rafaelli**: indústria têxtil e aviação civil; **Rigolin**: marcenaria; **Rinaldi**: barbearia; **Rogato**: hotelaria; **Rolli**: restaurante e serviços de táxi; **Roncoletta**: contabilidade, supermercado, agência revendedora de autos, extração de pedra britada, comércio de cimento, armação de ferro e empresa no setor educacional; **Romano**: restaurante; **Rosa**: comércio de secos e molhados (extinta casa Rosa), indústria de cerâmica, indústria de bebidas e hotelaria; **Rubiola**: serviços de topografia; **Russani**: agricultura, olaria e serviço de táxi; **Russomano**: bar, panificação, pizzaria, relojoaria, comércio de papelaria, brinquedos,som, distribuidor de gás e organização do comércio (associação comercial); **Sargiani/Sagiani**: agricultura, moinho de farinha e construção civil; **Salafia**: barbearia, projetistas na construção civil e modista; **Scapin**: fabricação de doces, comércio de ferragens e transporte coletivo; **Scarelli**: agricultura, olaria, loja de assistência técnica de tv e som e fruticultura; **Soldera**: agricultura, comércio de secos e molhados, indústria de beneficiamento de arroz, comércio de confecções, fecularia, indústria de carrocerias; **Spinelli**(a): sapataria; **Squizzato/Squizatto**: agricultura, vinicultura e serralheria; **Suppioni**; ensino e difusão da música e cabeleireiro; **Tacco**: panificação; **Tafuri**: bar, restaurante, alfaiataria e serviços de funilaria; **Tamassia**:comércio de distribuição de bebidas, pastelaria; **Tessaro**: agricultura e avicultura; **Tigano**: doceria; **Titarelli**: agricultura, olaria e casa de espetáculo (cinema); **Tricoli**: comércio de secos e molhados, autos, bar, fruticultura e quitanda; **Trofino**: panificadora, fábrica de fogões e latoaria (calhas); **Tundisi**: ensino; **Vaghetti**: indústria de carroças e charretes; **Vairo**: farmácia; entre tantos médicos de origem italiana, citaremos Miguel Vairo como seu representante; **Vavassori**: indústria de casas pré-fabricadas; **Veronese**: relojoaria, comércio de eletro domésticos; **Verutti**: oficina mecânica; **Viviani**: açougue e fábrica de artefatos em cimento; **Vulcano**: sindicalismo; **Zago**: panificadora, bar e soverteria; **Zanoni**: serviços topográficos

Alguns sobrenomes de origem portuguesa na cidade: Almendra, Castro Neves, Coelho Carvalho, Mendes, Netto, Sobrado, Teixeira, Tavares Rodrigues, da Cunha, Costa (também um sobrenome italiano em Atibaia).

Alguns sobrenomes de origem espanhola na cidade: Morales, Rabaneda Lopes, Lupiane, Sanches, Maturana, Campos, Cirera, Escudeiro Gimenez, Granda, Nogueirão, Rodrigues, Antequera, Monteoliva, Martins, Herrerias,

Serrano, Ordonhes, Chamadoira, Conejo, Posso, Peinado, Urioste, Cattapreta.

Alguns sobrenomes de origem francesa: D'Elboux, Rankin, Ledier, Sibon, Leclerc.

Alguns sobrenomes de origem alemã: André, Buhler, Denig.

Alguns sobrenomes de origem austríaca: Becker, Orenstein.

Alguns sobrenomes de origem suíça: Betschart.

Alguns sobrenomes de origem iugoslava: Peranovich, Blasko, Jaumam, Neumann.

Algumas famílias de origem síria ou libanesa: Ajan, Padis, Sabbag, Zibaig, Cherfen, Salles (também há uma família Salles ou Sales, brasileiro, na cidade), Zenid, Hosnne.

OS JAPONESES

A imigração japonesa em Atibaia teve início em 1921 com a família Goro Hinda que se estabeleceu no hoje bairro Vila Sales, adquirindo uma propriedade do major Joaquim Marinho Fagundes. Esses primeiros japoneses criavam gado de leite que era vendido no centro, e também se dedicaram ao cultivo do bicho-da-ceda. Em 1928, chegou a família Watanabe, e estão na cidade até hoje. Depois vieram as famílias Takahashi e Yamaguti, todos no bairro do Iara, mas com pouca ligação com o centro urbano de Atibaia.

Na década de 1930 vieram: Harukiti Yamanaka (chegou em Atibaia em 1936), irmãos Matuoka I (chegou em Atibaia em 1940), Matuoka II (chegou em Atibaia em 1964), irmãos Nishimura, Wakaki, Moriwaki (chegou em Atibaia 1951), Nakazawa (chegou em Atibaia em 1965), Minomo, Kiroiwa. Na década de 40, chegaram Inoue, Nakasu, Kurosawa (chegou em Atibaia em 1937), Nishiguti (chegou em Atibaia em 1941/42 – provavelmente os pioneiros na cultura do morango em Atibaia no bairro Piqueri), Yano (chegou em Atibaia entre 1940/42), Takebayashi (chegou em Atibaia em 1951), Yokoyama I (chegou na década de 1940), Yokoyama II (chegou em Atibaia em 1952), Ono (chegou em Atibaia em 1958), Inui I (chegou em Atibaia em 1961) e Inui II (chegou em Atibaia em 1969), Noketsu (chegou em Atibaia em 1968), entre outras.

No final da década de 1950, Atibaia já contava com mais de 60 famílias japonesas que, na sua grande maioria, cultivavam batatas (batatinhas-inglesas) e na década seguinte, iniciaram a cultura do morango, do pêssego e principalmente das flores.

Haruko Matuoka introduziu no bairro do Portão o cultivo de cravos holandeses e crisântemos. Depois vieram o cultivo das rosas e orquídeas.

No comércio, os primeiros japoneses em Atibaia foram os Matuoka, proprietários de um armazém que deu origem à casa Garça e um antigo bar na rua José Pires, ainda existente e ponto de encontro da colônia japonesa.

Na política, a colônia japonesa tem vários representantes como 1) Takao Ono, vereador, presidente da câmara, vice-prefeito e prefeito; 2) Shigueyuki Yanagui, vereador; 3) Tsutomu Mitsuiki, vereador; 4) Kazuki Araki, vereador; 5) Pedro Yoshihiro Tominaga, vereador e presidente da câmara; 6) Paulo Noboru Shintani, vereador; 7) Mário Yassuo Inui, vereador, secretário municipal e vice-prefeito, 8) Jorge Matsuda e 9) Emil Ono, vereador, presidente da câmara, secretário municipal e vice-prefeito.

Capítulo 4

Pequenas biografias de importantes personagens da história de Atibaia, atibaianos e atibaienses

SÉCULO XVII (OS PRIMEIROS PERSONAGENS DE NOSSA HISTÓRIA)

Domingos Leme do Prado (*? †1794). Era natural de Atibaia. Casou-se pela primeira vez com Maria Ortiz Castanho e pela segunda vez com Maria da Cunha. Foi o primeiro juiz ordinário da primeira câmara da vila de Atibaia e capitão de ordenanças da então freguesia de Atibaia, ligado ao partido dos Pires. Deixou os filhos: 1) Maria Antonia do Prado; 2) Antônio Leme do Prado; 3) Domingos da Silva Bueno; 4) José Ortiz de Camargo; 5) Ana Ortiz; 6) Escolástica do Prado; 7) André e 8) Ana.

Jerônimo de Camargo (ver atrás)

Lucas de Siqueira Franco I (ver atrás)

Marcelino de Camargo (ver atrás)

Matheus Nunes de Siqueira (ver atrás)

Onofre Jorge Velho, o moço (*1596 †1680). Era natural de São Paulo, filho de Onofre Jorge Velho, o velho, e de Luiza da Paz. Foi casado com Inês da Costa, falecida em 1667, deixando terra em Atibaia. Era primo-irmão do padre Matheus Nunes de Siqueira e primo de segundo grau de Garcia Rodrigues Velho e Manoel Garcia Velho, primeiros povoadores de Atibaia. Onofre foi o desbravador do bairro Itapetinga e o córrego do Onofre no bairro do Portão tem o seu nome.

João Lopes de Lima era filho de Domingos Lopes de Lima e de Barbara Cardoso de Almeida. Foi importante bandeirante e com sua mãe fundou a capela de Bom Jesus dos Perdões, também conhecida noutros tempos de Aruritiba, hoje cidade de Bom Jesus dos Perdões. João Lopes, como era mais conhecido, liderou várias bandeiras pelos sertões, como a de 1676 em companhia de Francisco Pedroso Xavier. Em 1683 embrenhou sertão adentro, regressando para São Paulo em junho de 1685. No final do século XVIII, Atibaia foi abalada com a notícia da descoberta de ouro nas regiões da atual cidade de Mariana, em Minas Gerais, e logo seguiu João Lopes de Lima para mais uma bandeira quando descobriram o famoso ribeirão do Carmo, onde havia muito ouro. Portanto, passou para a história como célebre sertanista ou bandeirante.

João do Prado de Camargo. Era natural de Atibaia, filho do mestre de campo Antônio do Prado da Cunha

e de Maria Pires de Camargo, casados em 1698, provavelmente em Atibaia. Maria Pires de Camargo era a terceira filha de Jerônimo de Camargo. Casou-se com sua prima Mariana Bueno de Camargo, filha do capitão Francisco de Camargo Pimentel. Foi almotacé em 1740, vereador em 1744 e juiz ordinário em 1750, em São Paulo. Em Atibaia foi juiz ordinário em 1771 e 1772, além de inspetor de caminhos. Deixou os filhos: 1) Padre Jerônimo de Camargo Bueno, falecido em 1801, foi vigário de Atibaia e Jaguari; 2) João do Prado Bueno de Camargo; 3) Capitão Francisco Xavier de Oliveira Bueno; 4) Ana Maria de Camargo; 5) Mécia; 6) Maria e 7) Mariana Bueno de Camargo.

SÉCULO XVIII

Antônio Alves do Amaral, o velho, também conhecido como Antônio Álvares do Amaral (*1761/63 †03/11/1838). Era natural de Atibaia, filho de Rafael Cordeiro do Amaral[84] falecido em 28 de outubro de 1778 em Atibaia e de sua segunda esposa Ana Ribeiro Cardoso. Neto materno de Ana de Ribeira Bueno e do capitão Antônio Álvares Cardoso, ambos naturais de São Paulo; neto paterno de Rafael Cardoso de Almada e de Catarina do Amaral.

[84] Rafael Cordeiro do Amaral foi citado no censo de Atibaia do ano de 1765 como tendo 64 anos e sua segunda esposa, Ana, 38. Era fazendeiro em Atibaia e teve seis filhos com sua primeira esposa, Escolástica Ortiz de Camargo, e oito filhos com sua segunda esposa, Ana Ribeiro Cardoso, nascida em 1720: 1) Joana Cordeiro do Amaral; 2) Maria de Oliveira do Amaral; 3) Escolástica Ortiz de Camargo; 4) Bento, faleceu sem descendentes; 5) João Ortiz de Camargo e 6) Gertrudes Cordeiro; 7) José Bueno do Amaral; 8) Inácio Alvares do Amaral; 9) Francisco Cordeiro do Amaral, vereador em Atibaia em 1798 e 1804, que se casou na mesma vila em 1774 pela segunda vez com Ana Joaquina das Neves, filha de Amaro das Neves de Moraes e de Maria Leite de Araújo, estes avós paternos da segunda mulher (Manoela Antonia) do tronco do título Pereira; 10) Antônio Alvares do Amaral, trono da família Alves do Amaral de Atibaia; 11) Inácia Bueno Cardoso; 12) Gertrudes Cardoso Bueno ou Cordeiro Bueno, falecida em 1838, foi casada com Bartolomeu Franco Azevedo, filho de Maria de Souza e João Franco Viegas; 13) Maria Cardoso de Oliveira que se casou em Atibaia em 1792 com Francisco Soares de Lima, tronco da família Soares de Atibaia e 14) Ana Cordeiro. Acreditamos que os descendentes de Rafael Cordeiro do Amaral são importantes elementos na formação da família atibaiana e com certeza Rafael Cordeiro do Amaral pode ser considerado um importante tronco familiar em Atibaia e só não foi disposto como tronco do título Amaral deste trabalho em virtude da escassez de informações sobre os descendentes de seus outros filhos.

Casou-se pela primeira vez em Atibaia em 1780, aproximadamente, com Ana Franco da Silveira, nascida em 1775/76, filha do capitão Crispim da Silva Franco[85] e de sua primeira esposa, Izabel Cardoso da Silveira, neta materna de João Franco Viegas[86], nasceu em 1713, que foi **vereador na 1ª câmara de Atibaia em 1770**, e de Maria de Souza. Pela segunda vez casou-se em 22/05/1814 com Maria Angélica de Oliveira, filha de João Preto de Oliveira,

[85] Capitão de milícias Crispim da Silva Franco (SL 2/268), nasceu entre 1739/42 em Atibaia (no censo de 1765, tinha 25 anos), onde foi pessoa de muito respeito, importante fazendeiro com escravatura no bairro Rio Abaixo e pode ser considerado um importantíssimo tronco familiar na formação da família atibaiana (família Silva Franco ou Franco da Silveira). Crispim faleceu aos em 2 de dezembro de 1829. Era filho de João Franco Viegas (ver abaixo) e de Maria de Souza, casados em Atibaia; neto paterno do capitão Lourenço Franco do Prado e de Ana Peres Pedroso; neto materno de José de Souza (português) e de Ana Maciel da Gama (SL 2/121). Crispim da Silva Franco casou-se quatro vezes: 1º com Isabel Cardoso da Silveira (também chamada Isabel Ortiz), faleceu em 1778 em Atibaia com 31 anos, filha de Pedro Ortiz de Camargo e de Catarina Rodrigues Garcia SL 1/363; 2ª vez casou em 1779 na mesma vila com Gertrudes Alves Cardoso, filha de Inácio Alves Cardoso e de Maria de Godoy Moreira SL 1/491; 3ª vez casou 7 de outubro de 1799 na mesma vila com Gertrudes Maria Franco, faleceu em 1815 nessa vila com 40 anos, filha de Joaquim Bueno de Azevedo e de Messia Ferreira de Camargo, SL 1/400; 4ª vez casou o capitão Crispim em 1816 na mesma vila de Atibaia com Maria Joaquina Franco, filha de Joaquim Franco de Camargo e de Inácia Bueno Cardoso SL 1/340. Teve 8 filhos com a 1ª esposa, 2 com a 2ª, 4 com a 3ª e nenhum com a 4ª: 1) Maria Gertrudes Franco, casou-se pela primeira vez com Vicente Pires Pimentel em 1780 e pela segunda vez em 25 de agosto de 1801 com Rafael Cordeiro do Amaral, filho de Gertrudes Ortiz e de Antônio Alvarez Cardoso, irmão da segunda esposa de Rafael Cordeiro do Amaral; 2) capitão e sargento-mor de Atibaia Inácio Franco de Camargo; 3) Ana Franco da Silveira, 1ª esposa do tronco deste título; 4) Francisco da Silva Franco; 5) João Batista Franco; 6) José Maria Franco; 7) Joaquim da Silva Franco; 8) Mecia da Silveira Franco; 9) alferes Salvador do Nascimento Franco; 10) Inácio José da Silva, naceu em 1792; 11) Maria da Silveira Franco; 12) Ana Gertrudes Franco; 13) Antônio da Silveira Franco e 14) Maria Rita. No censo de 1790, Crispim tinha 7 escravizados; no censo de 1810, 13, no censo de 1820, 11. No censo de 1825, tinha 84 anos, sua esposa Maria Angélica, 41, os filhos João, 7, e Ana, 6, 18 escravizados e cultivava 300 alqueires de algodão e 20 de feijão.

[86] João Franco Viegas, nasceu entre 1711 a 1713 em Atibaia, faleceu 5 de setembro de 1792 com 81 anos, sendo sepultado dentro da matriz de Atibaia em 1792. No censo de 1790, tinha 77 anos, e sua mulher Maria da Silva Souza, 70, tinha uma filha (Joana) de 40 anos e 1 escravizado. No censo de 1795, tinha 65 anos, 2 filhos e 7 escravizados e moravam no bairro de Campo Largo, hoje município de Jarinu. **Foi vereador na primeira câmara de Atibaia em 1770.**

falecido em 1697 em Atibaia, e Ana Maria, tendo treze filhos com a primeira mulher e uma filha com a segunda. Foi abastado fazendeiro[87] em Atibaia no bairro do Rio Abaixo. Foi sargento da 2ª companhia em 1825; foi também procurador da câmara em 1811, vereador em 1814 e juiz de órfãos. Deixou os filhos: 1) Maria Franco Cardoso ou Amaral[88] (minha hexavó), 2) José Alves do Amaral, 3) Isabel da Silveira Cardoso, 4) José Joaquim do Amaral, 5) Cap. Jacinto Alves do Amaral (meu hexavó), 6) Gertrudes Alves do Amaral, 7) Joaquim Alves do Amaral, 8) João Alves do Amaral, 9) Ana Franco da Silveira, 10) Francisca da Silveira Franco, 11) Francisco José da Silveira, 12) Antônio José do Amaral, 13) Albina Maria Franco, 14) Joaquim e 15) Ana Franco.

Antônio Pires Pimentel. Natural de Atibaia. Casou-se com Inácia da Silva Pimentel, com quem, aos 15 de dezembro de 1763, cumprindo promessa, erigiu uma capela em louvor à Nossa Senhora da Conceição e assim deu origem a Jaguari, hoje município de Bragança Paulista, sendo considerados os fundadores da cidade.

Antônio Bueno de Azevedo (*? †12/05/1771). Natural de Atibaia, filho de Francisco Correia de Azevedo e de Joana Batista Bueno. Casou-se com Maria Bueno da Rocha. Em agosto de 1746, saiu de Atibaia com uma bandeira em busca de ouro e acabou fundando o povoado de Santa Luzia em 13 de dezembro de 1747, hoje cidade de Luziânia/GO, onde faleceu.

Antônio Gonçalves da Cunha (*1728 †1809). Natural de Nazaré Paulista/SP, filho de Domingos Gonçalves da Cunha. Casou-se com Rita Joaquina de Almeida. Foi fazendeiro em Nazaré e político. Foi almotacé em 1746 e vereador em 1769, em São Paulo, ligado à corrente política de Frutuoso Furquim de Campos, e em 1770 foi nomeado vereador na primeira câmara. Deixou os filhos: 1) Tenente-Coronel Félix José da Cunha; 2) Maria de Nazaré; 3) Maria Rosa; 4) Capitão Antônio José da Cunha; 5) Maria Francisca e 6) José.

[87] Antônio Alves do Amaral aparece nos seguintes censos: No censo de 1782, com 20 anos, a filha Maria, com 1 ano, e 1 escravo. No censo de 1795, tinha 7 escravos; no censo de 1790, tinha 2 escravos, no censo de 1792 tinha 30 anos, sua esposa, 27, os filhos José 9, José, 7, Jacinto, 3, Maria, 11, Izabel, 7, Gertrudes, 1, e 4 escravos; no censo de 1806, tinha 10 escravos e colheu 500 alqueires de milho e feijão; no censo de 1808, tinha 11 escravos, no de 1810, tinha 18 escravos. No censo de 1810, Antônio tinha 42 anos, Ana da Silveira Franco, 34, os filhos: Joaquim, 18, João, 14, Francisca, 10, Albino, 6, Antônio, 3, e 11 escravos, bairro de Caetetuba; no censo de 1820, tinha 17 escravos e cultivou 500 alqueires de algodão. No censo de 1824, tinha 65 anos e 19 escravos; no censo de 1825, tinha 66 anos, Maria Angélica, 48, filhos: João, 7, Ana, 6. Tinha 20 escravos e plantou 300 alqueires. No censo de 1829, tinha 18 escravos e no censo de 1836, 14.

[88] Há em Atibaia uma família Amaral descendente de João Franco do Amaral que em 23 de dezembro de 1880 casou-se com Ana Justina do Amaral, sendo ele filho de Joaquim Franco do Amaral e de Inácia Maria de Jesus, e ela filha de Delfim José do Amaral e de Francisca Gomes Leite, que embora tenhamos certeza de que seja a mesma família Alves do Amaral aqui retratada, não conseguimos descobrir a ligação entre elas. Deste João Franco do Amaral descende, entre outros, Virgílio Franco do Amaral pai de Ida Amaral, casada com Renato Zanoni, filho de Edmundo Zanoni, já retratado neste trabalho. Renato foi amigo deste autor, também pesquisador sobre a história de Atibaia e pai de Ana Lúcia e José Roberto casou-se com Daniela Matias Zanoni.

Fernando de Camargo Pimentel (*1708/10 †?). Natural de Atibaia, filho do capitão Francisco de Camargo Pimentel. Casou-se em Itu em 24 de abril de 1735 com Francisca Frias de Godoi. Foi grande fazendeiro[89] em Atibaia e esteve muito tempo nas Minas, onde possuía lavras. Foi cabo do caminho de Atibaia, almotacé em 1752 e 1754, juiz ordinário em 1765 e 1769 em São Paulo e 1771 em Atibaia. Substituiu, juntamente com seu irmão Jerônimo, a grande liderança política exercida por seu pai, o capitão Francisco de Camargo Pimentel, nas décadas de 1740/80, aproximadamente. Deixou os filhos: 1) João de Camargo Pimentel; 2) Manoel de Camargo Pimentel; 3) José de Camargo Pimentel; 4) Catarina Pimentel e 5) Pedro Ortiz de Camargo.

Francisco Lourenço Cintra (*10/05/1720 †07/05/1781). Natural de Portimão, Algarve, Portugal, filho de Felix Manoel e de Catarina Jaques. Imigrou para o Brasil em 1750 com seu irmão José Felix Cintra, e fixou-se primeiro em São Paulo, depois Guarulhos, Pitangui/MG, novamente em Guarulhos e em Atibaia, onde chegou com seu irmão em 1776. Dedicando-se inicialmente ao comércio, tornou-se um grande capitalista, seguramente um milionário de sua época e fazia o papel de um bando em pleno período colonial. Em 1763 aparece como arrematante de um estanque (uma espécie de monopólio para comercializar, comprar e vender alguns produtos) em Nazaré Paulista. Foi em 1766 e 1772 almotacé em São Paulo e se transfere para Minas, na cidade de Pitangui, onde se casa com Elena de Moraes, descendente de uma das mais ilustres famílias paulistas, também nas Minas Gerais, neta do arquimilionário da época, Miguel Faria Sodré. Lourenço regressa para a vila de São Paulo, na qual, em 1772, volta a ocupar o cargo de almotacé e em 1776 é nomeado capitão de cavalaria das ordenanças de Guarulhos. Neste mesmo ano se muda para Atibaia, onde foi propulsor da agricultura, facilitando empréstimos aos agricultores, visto que na época não existiam casas bancárias. Ao falecer, em São Paulo, para onde deve ter ido em busca de melhores condições para tratar da saúde, deixou uma boa fortuna, como a fazenda em Atibaia onde trabalhavam 20 escravos e havia três casas, duas em Atibaia e uma em Guarulhos. A maior parte de seus bens era em dinheiro. Grande quantia para a época.Os descendentes do capitão Francisco Lourenço Cintra, entrelaçados aos do capitão-mor de Atibaia, Lucas de Siqueira Franco, que também eram descendentes da família Camargo, mais os descentes dos troncos das famílias Pires de Camargo, Bueno, Alves do Amaral, Soares, Leite, Pereira e Oliveira Cesar, mais outras famílias ligadas às citadas aqui, são os principais elementos da formação da tradicional e antiga família atibaiana, bem como, da formação de muitos municípios paulistas; e também da união das famílias Camargo, Siqueira Franco e Araújo

[89] No censo de 1765 em Atibaia, Fernando de Camargo Pimentel é citado como possuidor de terras no bairro do Itapetinga, onde certamente morava e detentor de bens no valor de 838$000, uma das maiores riquezas da época em Atibaia. No censo de 1767, tinha 58 anos. No censo de 1775, tinha 65 anos e 12 escravos. No censo de 1782, tinha 74 anos e 8 escravos. No censo de 1782, Fernando tinha 74 anos, Francisca, 59; filhos: Francisco, 45, Pedro, 32, e Maria, 34, e 9 escravos. No censo de 1786, Fernando tinha 77, Francisca, 63; filhos: Francisco Matias, 49, Pedro, 36, e Maria, 38, e 9 escravos. No censo de 1790, tinha 81 anos, 1 agregado e 9 escravos; no de 1795, tinha 5 filhos, 1 cunhada, 2 agregados e 12 escravos e morava no bairro Itayopira.

Cintra, que monopolizaram a política atibaiana por cerca de dois séculos: de 1745 a 1945. O cap. Francisco Lourenço Cintra faleceu em São Paulo em 7 de maio de 1781, deixando vultosa fortuna, uma das maiores da época na então província de São Paulo.

Francisco Pereira[90] **Pacheco,** "o moço" (*1752 †12/09/1838). Era natural de Juqueri, hoje Mairiporã[91], filho do tenente Francisco Pereira Pacheco[92].

[90] Em tempos remotos existia, próximo aos bairros da Água Espraiada e dos Pintos, o bairro dos Pereira, devido à grande quantidade de pessoas este sobrenome que moravam e eram proprietárias de terras naquela localidade. Acreditamos que todos os Pereiras aqui retratados e antigos moradores daquele bairro eram descendentes deste tronco.

[91] Francisco Pereira Pacheco, o moço, no censo de 1872 e 1873 tinha 30 anos, portanto, n. em **1842**, Ana Rosa, 16, portanto, n. em 1856; filhos: Josefina, 5, e Salvador, 2 (visto somente em 2018), Estes dois filhos certamente faleceram na menoridade. No censo de 1782, Francisco tinha 30 anos, portanto, n. em 1752, Ana Rosa, 16, os filhos: Josefa 3 e Salvador 2. Dois escravos e eram moradores do Rio Acima; No censo de 1786, Francisco tinha 41, portanto, n. em 1745, Ana Rosa, 17, portanto, n. em 1769, filhos: Clara, 2 (n. em 1784), e Angélica, 1 (n. em 1785), com 4 escravos; No censo de 1790, tinha 43 anos, portanto, n. em **1747**, sua esposa Ana Rosa, 19 anos, os filhos: Clara, 6, Angélica, 4, Ana Jacinta, 2. Uma cunhada de nome Maria com 12 anos e 7 escravos. No censo de 1792, Francisco tinha 42, Ana Rosa, 22, os filhos: José, 16, Clara, 11, Angélica, 9, Ana 5, Maria, 3, Rita, 1 e 6 escravos; no censo de 1798, Francisco, tinha 49/51 anos, Ana Rosa, 30/31, 7 filhos: Clara, 16, Angélica, 14, Ana, 11, Rita, 7, Manoela, 4, Maria, 3 e Bento, 2, 8 escravos e 1 agregado, bairro Itapetinga. No censo de 1806, Francisco, "o moço", tinha 58 anos, portanto, n. em **1749**, viúvo; filhos: Clara, 22 anos, Ana, 18, Rita, 12, Bento, 9, Ana Jacinta, 3, João, 6 meses, 2 agregados, 12 escravos, 200 alqueires plantados de feijão. No censo e 1810, tinha 58 anos, portanto, n. em **1752**, 8 escravos e 4 agregados. No censo de 1815, Inácio tinha 63, Manoela, 14, filhos: Clara, 32, Bento, 16, Ana 11, João, 8, Maria, 7, José, 6, João, 2, Ana, 1; 5 escravos e 1 agregado. No censo de 1820, tinha 68 anos, portanto, nasceu em 1752, 3 escravos e no de 1836, tinha 2 escravos. No censo de 1822, tinha 70 anos, portanto, n. em **1752**, 2 escravos e 2 agregados; no censo de 1836, diz ter ele 96 anos, portanto, n. em **1740** e morando com um escravo e um agregado. Portanto, pelos censos consultados Francisco teria nascido entre 1740 a **1752**.

[92] Francisco Pereira Pacheco, "o velho", era primo-segundo do primeiro capitão-mor de Atibaia, Lucas de Siqueira Franco (ver tronco do título Siqueira Franco), pois tinham um casal de bisavós em comum: Maria Vidal e Pedro Casado Villas Boas. Francisco Pereira Pacheco, "o velho", n. em 1827 (SL 2/120), se mudou de Atibaia para Juqueri, onde acreditamos ter vivido entre as décadas de 1740 até o final da décadas de 1770 ou 1780 aproximadamente, quando retornou para Atibaia e viveu no bairro do Mato Dentro como consta de seu óbito.

"o velho"[93], natural de Atibaia, onde nasceu entre 1718 a 1727 e aí faleceu em 17 de dezembro de 1808, e de Maria Francisca de Castro, natural de Conceição de Itanhaém ou da Beira Mar, hoje município de Itanhaém. Casou-se pela primeira vez com Ana Rosada Conceição (*1741 †12/12/1806), segunda vez, em 3 de fevereiro de 1808 em Atibaia com Manoela Antonia (*1791 †04/1821). Foi fazendeiro[94] no bairro Itapetinga. Foi vereador em Atibaia em 1798, 1802, 1803 e 1807. Pode ser considerado o tronco da família Pereira Pacheco ou somente Pereira, de Atibaia. Deixou seis filhos do primeiro casamento e sete do segundo: 1) Angélica Maria (minha heptavó), 2) Maria Antonia da Conceição, 3) Clara Maria, 4) Bento Pereira, 5) Ana Jacinta Pereira (minha hexavó), 6) JoãoPereira, 7) Maria Jesuina, 8) José Pereira Leite, 9) Gertrudes Maria da Conceição, 10) Ana Francisca, 11) João Pereira Leite, 12) Maria Felisberta.

Francisco Xavier Cesar I (*? †1776). Natural de Pindamonhangaba/SP, filho de Francisco Cesar Moreira e de Isabel João Maciel. Casou-se em Atibaia com Maria de Lima do Prado. Foi vereador na primeira câmara de Atibaia. Deixou os filhos: 1) Angela Moreira; 2) Joana Barbosa; 3) Gertrudes de Lima e 4) Maria de Cerqueira Cesar.

[93] Francisco Pereira Pacheco, o velho, teve, segundo Silva Leme, apenas dois filhos: 1) Francisco Pereira Pacheco, o moço e tronco deste título, e 2) Gertrudes Maria da Conceição, que foi casada com o alferes João Pires de Oliveira SL 1/124, cuja descendência não descobrimos. Contudo, em janeiro de 2018, meio que sem querer, encontrei no maço populacional de Atibaia do ano de 1770 o censo da então freguesia de Juqueri, e examinando o dito censo encontrei a família de Francisco Pereira Pacheco, o velho, assim composta: ele com 43 anos, portanto, nasceu em 1727, sua esposa, Maria Francisca, com 30 anos, portanto, nasceu em 1740 e os filhos: 1) Isabel, 19, n. em 1751, 2) Francisco, o moço, 18, portanto, n. em 1752 e 3) Aleixo, 16, n. em 1754, e mais 5 negros forros. Também descobrimos, em meados de 2017, um batizado de uma outra filha de Francisco, o velho, e de sua esposa Clara Maria de Jesus, que provavelmente foi sua segunda esposa, de nome 4) Maria, nascida em 13 de outubro de 1777, em Juqueri.

[94] Francisco Pereira Pacheco, o velho, no censo de 1790 tinha 7 escravos e 1 cunhada de nome Maria, 12; No censo de 1792, Francisco tinha 72 anos, viúvo, 7 escravos e residente no bairro do Caioçara. No censo de 1798, tinha 77 anos, viúvo, 4 agregados e 9 escravos; no censo de 1806, tinha 86 anos e 3 escravos e plantou 30 alqueires de milho; no censo de 1807, tinha 89 anos e 2 escravos.

Francisco Xavier Cesar II (*1762/66 †10/11/1839). Natural de São Paulo[95], filho de Jorge Moreira Cesar[96] (*1730 †1782) e de Margarida Vieira de Oliveira[97] (*1734/40 †1818), sobrinho do homônimo acima, pois Jorge Moreira Cesar era irmão de Francisco Xavier Cesar. Casou-se pela primeira vez em Atibaia em 10 de janeiro de 1783 com Caetana Maria Pereira de Oliveira (*1762 †15/01/1801), pela segunda vez em 24 de abril de 1805, com Gertrudes Maria de Oliveira. Foi fazendeiro no bairro da Boa Vista e vereador em Atibaia em 1797 e 1808, juiz ordinário em 1812, novamente vereador em 1826 e 1827; fez parte da comissão criada em 1781 encarregada de coordenar as conclusões das obras da igreja do Rosário, iniciadas em 1763. Deixou seis filhos com sua primeira mulher: 1) Joaquim Cesar, 2) Maria Rosa, 3) Ana de Oliveira, 4) Manoela de Oliveira, 5) Francisco de Cerqueira Cesar e 6) José Cesar (meu pentavô).

[95] No censo de 1783, Francisco tinha 22 anos, Caetana, 21 e um escravo de nome Pedro com 16 anos. No censo de 1786, Francisco tinha 25, Caetana, 24 e um filho, Joaquim, de 1 ano. No censo de 1790, tinha 27 anos e dois filhos: Joaquim, 8 e Maria, 1. No censo de 1798m, Francisco tinha 36/37, Caetana 35/36, filhos: Joaquim, 8, Maria, 9, Ana, 5 e José, 3. No censo de 1810, tinha 48 anos, três filhos e uma única escrava. No censo de 1815, tinha 58 anos, Gertrudes, 22, filhos: José, 21, Francisco, 18, e 3 escravos. No censo de 1820, tinha 56 anos, Gertrudes, sua esposa 29, um filho de nome Francisco com 22 anos e sete escravos. No censo de 1836, tinha 70 anos, sua esposa, Gertrudes, 45 o filho Francisco, 36, e 13 escravos; no censo de 1822, Francisco tinha 59 anos, o filho Francisco, 25, 8 escravos e 1 agregado; no censo de 1824, Francisco tinha 59, o filho, 25, 9 escravos; no censo de 1825, Francisco tinha 60 anos, o filho, 27, e 9 escravos; no censo de 1836, Francisco tinha 70 anos, Gertrudes Maria, 45, o filho Francisco, 36, víúvo, e 7 escravos.

[96] Jorge Moreira Cesar e sua esposa tiveram seis filhos: 1) Maria de Oliveira Guedes casou-se com Francisco de Lima Bueno, filho de João de Lima Rocha e de Josefa Ribeira com geração em SL 3/147; 2) Alferes Vicente Vieira de Oliveira, natural de São Paulo, casou em Atibaia com Maria Domingues, filha de Caetano Domingues Paes e de Joana de Lima, com geração em SL 5/57; 3) Alferes Inácio Xavier César, natural de Atibaia, casou-se em Bragança com Maria Cardoso de Oliveira, filha de José Alvares de Oliveira e de Josefa Cardoso com geração em Bragança Paulista e em Atibaia (ver neste título); 4) João Moreira Cesar casou em 1786 em Atibaia com Maria Madalena de Lima, filha de João de Lima Rocha e de Josefa Ribeiro; 5) Sargento-mor de Bragança Paulista Joaquim Moreira Cesar, falecido em Bragança em 1835 e casado pela primeira em 1787 em Atibaia com Maria Rosa, filha de Manoel Pereira Padilha e de Ana de Oliveira SL 6/307 e pela segunda vez com Emerenciana da Silveira Franco, filha do capitão José Antônio da Silva Coelho e de sua segunda mulher Cristina Maria Franco SL 2/111 e 6) Capitão Francisco Xavier César.

[97] O sobrenome Oliveira foi muito difundido em Atibaia, especialmente no bairro da Boa Vista, mas não conseguimos encontrar um ou alguns dos principais troncos desta antiga e importante família atibaiana, contudo, acreditamos que as inúmeras famílias Oliveiras de Atibaia, especialmente do citado bairro, tinham um provável tronco em comum. Consideramos que entre as antigas famílias atibaianas, a Oliveira merece um estudo mais aprofundado numa futura obra.

Frutuoso Furquim de Campos (*1723 †22/03/1800). Natural de Santana do Parnaíba/SP, filho de Estandislau Furquim Pedroso e de Ana de Campos. Casou-se pela primeira vez em Atibaia com Apolônia do Pilar Vasconcelos e pela segunda vez em São Paulo com Maria de Pilar Franco. Foi vereador em São Paulo em 1761, 62 e 66. Foi almotacé em 1762 e 1766 e ocupou o cargo de juiz ordinário em 1769. Foi o maior responsável para elevação de Atibaia à vila no mesmo ano. Segundo Waldomiro Franco da Silveira, era o maior opositor político aos Siqueira Franco, mas não creio que tenha sido, exceto pelo fato de ter lutado em prol da emancipação política de Atibaia a partir de 1761 e tudo indica que Lucas de Siqueira Franco tenha lutado contra. Em Atibaia, foi grande fazendeiro e um dos maiores escravocratas de sua época. Foi também juiz ordinário em 1773. Foi guarda-mor das Minas, importante cargo que exerceu por muitos anos. Deixou os filhos: 1) Ana Gabriela de Campos, casou-se com o quarto e último capitão-mor de Atibaia, Lucas de Siqueira Franco II, ou o moço e 2) Padre Frutuoso Furquim de Campos, o moço que foi por muitos anos vigário em Atibaia. Foi um dos maiores, senão o maior fazendeiro de seu tempo em Atibaia, sendo sepultado abaixo do altar-mor da igreja matriz, tamanha a sua liderança política.

Jacinto José de Araújo Cintra I (*1779 †1850). Natural de Conceição de Guarulhos, hoje cidade de Guarulhos/SP, filho de Francisco Lourenço Cintra e de Helena de Moraes. Casou-se em 1785 com Maria Francisca Cardoso, filha do segundo capitão-mor, Francisco da Silveira Franco. Foi importante líder político em Atibaia, sendo chefe do partido Liberal, o qual deteve o poder na cidade por muito tempo. Foi juiz ordinário em 1800, procurador em 1807, juiz de paz em 1828, 1832, 1833 e 1848 e alferes. Nos últimos anos de vida, dedicou-se somente à sua fazenda, que inicialmente foi em Atibaia, cidade que deixou para viver, e faleceu em Mogi-Mirim. Teve 17 filhos, dos quais 14 deixaram descendência. Dada a importância, citaremos: 1) AntoniaBernardina de Araújo Cintra casou-se com o alferes José Desidério Pinto; 2) Ana Jacinta de Araújo Cintra casou-se com Manoel Vicente da Silva; 3) Gertrudes Tereza da Silveira casou-se com o capitão Luiz Gonzaga de Moraes; 4) Helena de Moraes casou-se com Joaquim Cintra Silveira; 5) Francisca Romana de Araújo Cintra casou-se com Joaquim Antônio de Siqueira Franco; 6) Coronel Jacinto José Ferraz de Araújo (Cintra), primeiro deputado provincial de Atibaia, casou-se com Rosa Maria de Campos; 7) Coronel Manoel Jorge Ferraz casou-se com Gertrudes da Silveira Campos, sucedeu seu pai na liderança do partido liberal em Atibaia; 8) Tenente-coronel Francisco Lourenço de Araújo Cintra casou-se com Maria da Conceição Pádua Leite; 9) Comendador João Batista de Araújo Cintra casou-se com Maria Jacinta de Araújo; 10) Florêncio de Araújo Cintra casado duas vez e citado como suplente de deputado provincial, embora não conste seu nome nos anais da assembleia; 11) Bento José de Araújo Cintra casou-se com Ana Jacinta de Moraes; 12) Major José Jacinto de Araújo Cintra, foi presidente da câmara de Atibaia, casou-se com Maria da Conceição Franco Silva; 13) Joaquim Floriano de Araújo Cintra casou-se com Maria Rosa Cintra, foi deputado provincial; 14) Escolástica de Araújo Cintra casou-se com Francisco da Silveira Campos.

Jacinto José de Araújo Cintra II (*13/04/1832 †1910). Natural de Atibaia, filho de João da Silveira Franco e de Maria Tereza Cardoso. Casou-se com sua parente Maria Angélica da Silveira Leite. Ainda moço acompanhou seus pais, que deixaram Atibaia para morar em Limeira/SP, onde se casou. Foi fazendeiro e vereador em Limeira e se mudou para São Carlos, onde foi um importante líder político e faleceu.

Jacinto José Ferraz de Araújo (*1802 †?). Natural de Atibaia, filho do alferes Jacinto José de Araújo Cintra I e de Maria Francisca Cardoso. Casou-se com Rosa Maria de Campos, filha do quarto e último capitão-mor de Atibaia. Foi, juntamente com pai e irmãos, líder político do partido Liberal em Atibaia, tendo sido vereador nas

legislaturas de 1829/32, 1833/36, quando foi presidente da câmara. Foi eleito deputado provincial por Atibaia em 1835/37, suplente de 1838/39 e 1840/41 e novamente deputado entre 1842 a 1843. Foi o primeiro representante de Atibaia na assembleia provincial. Também foi coronel da Guarda Nacional.

Jerônimo de Camargo Pimentel "Jerônimo de Camargo" (*? †30/07/1787), também conhecido como Jerônimo de Camargo. Era natural de São Paulo, filho do capitão Francisco de Camargo Pimentel e de Izabel da Silveira Cardoso, e irmão de Fernando de Camargo Pimentel[98]. Casou-se, Maria Franco do Prado, filha do capitão Lourenço Franco do Prado, um dos fundadores de Pitangui/MG. Foi juiz ordinário em 1766 e em 1769 na câmara de São Paulo e juiz ordinário na câmara atibaiana em 1773. Juntamente com seus irmãos e a grande liderança exercida por seu pai, o capitão Francisco de Camargo Pimentel, que foi um grande líder político em Atibaia. Foi grande fazendeiro[99] em Atibaia no bairro do Rio Abaixo, com mais de 500 indígenas na sua fazenda. Foi citado pelo Brigadeiro Machado de Oliveira e pelo historiador Pedro Taques, cujas citações levaram ao erro os historiadores que vieram depois, confundindo-o com seu tio-avô Jerônimo de Camargo. Teve lavras nas minas de Pitangui, cidade fundada por seu sogro Lourenço Franco do Prado. Deixou os filhos: 1) Lourenço Franco de Camargo; 2) Joaquim Franco de Camargo; 3) Mecia Ferreira de Camargo; 4) João Franco de Camargo; 5) Izabel Cardoso Franco; 6) Antônio Franco de Camargo; 7) Francisco Ferreira de Camargo e 8) José Ferreira de Camargo. Na data de seu falecimento, era morador de Campo Lardo de Atibaia, hoje Jarinu/SP, e grande parte de seus descendentes constituíram família em Atibaia.

José Joaquim Bueno (*1776 †27/12/1854). Natural de Atibaia, filho do sargento-mor Jerônimo da Rocha Bueno[100] e de Mariana de Siqueira. Casou-se pela primeira vez com Maria Franco Cardoso (Amaral), filha de Antônio Alves do Amaral, "o velho" (também biografado aqui), e pela segunda vez com Ana Joaquina, tendo dois

[98] No censo de 1765 em Atibaia Fernando de Camargo Pimentel é citado como possuidor de terras no bairro do Itapetinga onde certamente morava e detentor de bens no valor de 838$000, uma das maiores riquezas da época em Atibaia.No censo de 1767 tinha 58 anos. No censo de 1775 tinha 65 anos e 12 escravos. No censo de 1782 tinha 74 anos e 8 escravos. No censo de 1782, Fernando tinha 74 anos, Francisca, 59, Filhos: Francisco, 45, Pedro 32 e Maria 34 e 9 escravos. No censo de 1786 Fernando tinha 77, Francisca 63, Filhos: Francisco Matias, 49, Pedro 36, e Maria, 38 e 9 escravos. No censo de 1790 tinha 81 anos, 1 agregado e 9 escravos, no de 1795 tinha 5 filhos, 1 cunhada, 2 agregados e 12 escravos e morava no bairro Itayopira. Eu também descendo de outros três irmãos de Fernando de Camargo Pimentel, são eles: Pedro Ortiz de Camargo (abaixo), Jerônimo de Camargo Pimentel e Izabel da Silveira Camargo a seguir.

[99] No censo de 1765 em Atibaia, Jerônimo de Camargo Pimentel constava possuir propriedade no bairro do Rio Abaixo e bens no valor de 400$000.

[100] O sargento-mor Jerônimo da Rocha Bueno pode ser considerado um importante tronco na formação da família atibaiana; teve cinco filhos: 1) Luciano José Leme, casado em 1795 em Atibaia com Messia da Silveira Franco, filha do capitão Crispim da Silva Franco e sua primeira mulher Isabel Ortiz de Camargo; 2) José Joaquim Bueno Paes, acima; 3) Francisco Rodrigues Leme casou-se em 1802 em Atibaia com Izabel da Silveira Cardoso; 4) Manoel Rodrigues Leme Manço casou-se com Josefa Maria dos Santos, de Jundiaí; 5) Custodio (...) casou-se com (...).

filhos com cada uma das esposas. Foi fazendeiro em Campo Largo de Atibaia, hoje Jarinu, e político. Foi vereador em 1818 e fiscal da câmara em 1850. Deixou os filhos: 1) José Joaquim do Amaral Bueno, 2) Ana Joaquina Franco, 3) Francisco Rufino de Godoi Bueno e 4) Antônio Joaquim Bueno.

José Felix Cintra (*29/03/1738 †1807). Natural da freguesia de São Tiago de Estombar, no Algarve, Portugal. Imigrou para o Brasil com seu irmão Francisco Lourenço Cintra, de quem era protegido. Casou-se com Andressa de Araújo, irmã de sua cunhada, Helena de Moraes Araújo. No Brasil, passaram por São Paulo, Guarulhos, Pitangui/MG, onde se casou e depois, Atibaia. Em 1763 adquiriu o estanque de Lavras Velha, lugarejo entre Guarulhos e Nazaré, e, logo, depois se estabeleceu em Atibaia. Foi incumbido pelo governador da capitania a organizar uma bandeira de 100 homens para uma entrada no sertão do rio Tibagi e Ivaí, no norte do Paraná. Em Atibaia foi juiz ordinário em 1783, juiz de órfãos em 1787 e em 12 junho de 1786 foi nomeado sargento-mor. Faleceu em Atibaia em 1807 com quase 80 anos e sua mulher em 1812, com 66 anos. Teve dez filhos, dos quais apenas dois continuaram a geração: Helena Leite de Moraes e o alferes Félix Manoel Cintra.

João Franco Viegas (*1710/13 †25/09/1792). Era natural de Atibaia, filho de Lourenço Franco do Prado e de Ana Peres Pedroso. Casou-se com Maria Souza. Foi fazendeiro[101] em Atibaia e muito respeitado na sua época, tendo sido vereador na primeira câmara de Atibaia. Deixou os seguintes filhos: 1) Capitão de milícias Crispim da Silva Franco, importante cidadão em Atibaia; 2) Bartolomeu Franco de Azevedo; 3) Maria Franco de Souza; 4) José Franco do Prado; 5) Ana Franco do Prado e 6) Lourenço Franco Viegas.

José Inácio da Silveira, "José Inácio" (*? †10/1903). Natural de Campo Lardo de Atibaia, hoje Jarinu, filho do capitão Inácio Caetano da Silveira e de Delfina Campos. Casou-se com Constança Bueno de Campos. Foi abastado fazendeiro no então bairro de Atibaia de Campo Largo, hoje cidade de Jarinu. Foi coronel da Guarda Nacional, vereador por diversos mandatos pelo partido republicano paulista, presidente da câmara de 1883/86 e 1896/99. Faleceu em São Paulo.

José Lacerda Guimarães (*1822 †1897). Barão de Arari. Natural de Atibaia, filho de Antônio Correa Lacerda e de Ana Maria da Conceição Franco. Casou-se pela primeira vez com Clara Franco de Camargo e pela segunda vez com Maria Dalmácia Guimarães, sua sobrinha. Foi importante fazendeiro e político na cidade de Araras/SP, juntamente com seu irmão, o Barão de Araras. Foi agraciado com o título de Barão de Arari em 7 de junho de 1887 pelo imperador. Faleceu em 1897 na cidade de Caxambu, deixando grande descendência.

[101] No censo de 1765, João Franco Viegas consta como proprietário de terras em Campo Largo. No censo de 1775, João tinha 65 anos, sua esposa Maria, 57, filhos: Manoel, 20, e João, 26, e 7 escravos. No censo de 1782, tinha 72 anos, morava em Campo Largo e tinha 4 escravos. No censo de 1790, consta com 77 anos e sua mulher Maria da Silva Souza, 70, tinha uma filha (Joana) de 40 anos e 1 escravo. No censo de 1795, tinha 85 anos, 2 filhos e 7 escravos e morava no bairro de Campo Largo, hoje município de Jarinu.

João Pires Pimentel, "o moço" (*1763 †15/07/1799). Natural de Conceição de Jaguari, na época território da freguesia de Atibaia e atualmente município de Bragança Paulista/SP, era filho de outro de igual nome, João Pires Pimentel[102] e de Ana de Godoi Moreira. Casou-se em Atibaia em 1º de julho de 1783 com Maria Antonia Franco[103], natural de Atibaia e aí falecida em 1855, filha de Joaquim Bueno de Azevedo, natural de Juqueri (Mairiporã), e de Mecia Ferreira de Camargo, natural de Atibaia, neta materna de Jerônimo de Camargo Pimentel (também biografado aqui). João Pires Pimentel[104] foi à margem direita do rio Atibaia, precisamente onde foi a sesmaria de Jerônimo de Camargo. A primitiva sesmaria de Jerônimo de Camargo, que depois pertenceu a João Pires Pimentel, deveria começar na desembocadura do córrego do Lageado, que desagua no Atibaia, nas cercanias da antiga estação de Caetetuba; até o bairro dos Pires, gleba essa demarcada por Jerônimo em 1667, aproximadamente. João Pires Pimentel também era tropeiro e fazia viagem com tropa para as Minas Gerais. Faleceu em Campo Largo de Atibaia com apenas 36 anos, aproximadamente. Deixou os filhos: 1) Francisco Pires de Camargo[105], 2) Ana Francisca Franco, 3) Joaquim Pires de Camargo, 4) Gertrudes Maria de Camargo, 5) José Pires de Camargo, 6) João Pires de Camargo, 7) Maria Francisca e 8) Inácio Pires de Camargo (meu heptavô).

[102] João Pires Pimentel, segundo seu inventário aberto em 1771, visto por mim no Arquivo do Estado de São Paulo, deixou, entre outros bens: 8 escravos, um sítio (fazenda) próximo a Conceição de Jaguari, onde era freguês, e deixou 6 filhos: 1) Maria, 13 anos, que mais tarde se casou com Felipe Pires de Ávila; 2) Vicente, 10 anos; 3) João, com 8 anos; 4) Gertrudes, com 6 anos; 5) Francisco, com 4 anos e 6) Pedro, com 2 anos. Ana de Godoi Moreira, viúva de João Pires Pimentel, casou-se, segunda vez com Pedro José da Rosa e já havia morrido em 1783.

[103] Maria Antonia Franco é descendente dos Camargos. Era neta materna de Maria Franco do Prado e de Jerônimo de Camargo Pimentel, por esse, bisneta do capitão Francisco de Camargo Pimentel, este filho do capitão Marcelino de Camargo, o patriarca de Atibaia, e irmão de Jerônimo de Camargo, considerado o fundador de Atibaia.

[104] Segundo Waldomiro Franco da Silveira em ***História de Atibaia***, página 99, em 1766 João Pires Pimentel, o velho, "apesar de ser o dono por escritura de compra, pede confirmação da sesmaria de uma légua de testada por meia de sertão até o rio Jaguari", estas terras faziam parte do bloco pertencente a João do Prado de Camargo [genro de Jerônimo de Camargo, o fundador de Atibia] que vendeu a Manoel Ribeiro de Siqueira; este, muito depois, vendeu a Pimentel. As citadas terras foram compradas de Manoel Ribeiro no ano de 1773 por 131$000, Ribeiro havia comprado de João do Prado de Camargo em 1743 por 25$000. Ainda segundo Waldomiro, na citada obra, João Pires Pimentel em 1766 possuia "... seis escravos, 12 cavalos, e seis vacas; a casa de morada em taipa coberta de sapé e era este João Pires Pimentel, o velho, é pode ser considerado um dos troncos das famílias Pires, Camargo, Franco, Pimentel e Silveira de Atibaia, Itatiba, Limeira, Campinas, Amparo e Pirassununga.

[105] Embora os dois sobrenomes tenham protagonizado a célebre disputa política em São Paulo, os Pires deste sobrenome, até onde descobrimos, nada têm a ver com os Pires descendentes de Salvador Pires, cujos descendentes foram líderes do partido dos Pires, já os Camargos são os mesmos Camargos da família oriunda de Jusepe Camargo, os quais disputaram a hegemonia política de São Paulo e Atibaia nos séculos XVII e XVIII.

José Jacinto de Araújo Cintra (*1812 †?). Era natural de Atibaia, filho de . Foi vereador, presidente da câmara, major da Guarda Nacional, juiz municipal. Foi comerciante na vila de Atibaia. Era o presidente da câmara na época da revolução de 1842. Deixou Atibaia provavelmente em Amparo, Itapira ou Mogi Mirim.

Lourenço Franco da Rocha (*1769 †1850). Natural de Atibaia, filho do segundo capitão-mor de Atibaia, Francisco da Silveira Franco, e de Maria Cardoso de Oliveira. Casou-se em 1789 com Rita de Cássia de Moraes, filha do bastado capitalista português Francisco Lourenço Cintra e de Helena de Moraes. Foi abastado fazendeiro no bairro de Campo Largo, hoje município de Jarinu, onde era capitão de ordenanças do bairro. Católico fervoroso doou um terreno para a construção de uma capela sob a invocação de Nossa Senhora do Carmo de Campo Largo, em volta da qual nasceu a cidade de Jarinu, e por isto é considerado o fundador da cidade. Faleceu em Atibaia, deixando grande descendência.

Manoel Pereira Padilha (*1726 †?). Natural de São Paulo, filho de Braz Esteves Lemes, considerado o fundador de Pindamonhangaba/SP, e de Teodora da Silva Padilha. Casou-se em São Paulo em 1747 com Ana Maria de Oliveira (*? †31/01/1810). Foi fazendeiro no bairro Rio Acima[106], comerciante que aparece arrematando um estanque em 1763 ou 67/68 e outro de 1776/78. Foi alferes, vereador e juiz ordinário em 1773. Deixou os filhos: 1) Ana de Oliveira Padilha; 2) Ângela Maria; 3) Manoel Pereira de Oliveira; 4) Francisco Pereira de Oliveira; 5) José Pereira de Oliveira; 6) Caetana Pereira de Oliveira, casou-se com Francisco Xavier Cesar II (também biografado aqui); 7) Ursula Maria; 8) Martiniano Pereira de Oliveira; 9) Salvador Pereira da Silva; 10) Maria Rosa, casou-se com Joaquim Moreira Cesar e 11) Reginaldo Pereira da Silva.

SÉCULOS XIX, XX E XXI

Álvaro Correa Lima (*10/01/1893 †21/11/1969). Era natural de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, filho de Lindolfo José Correia das Neves e de Maria Correia Lima. Casou-se em 1919 em Atibaia com Maria Pires de Camargo. Álvaro Correia Lima fixou residência em Atibaia em março de 1917, após concluir seu curso de direito, e decidir advogar na cidade. Foi advogado, jornalista, escritor, poeta e importante líder político, sendo, no início da década de 1930, um dos fundadores do PC (partido Constitucionalista) em oposição ao partido PRP (partido Republicano Paulista), liderado pela família Alvim e da banda 24 de outubro. Foi vereador por vários mandatos e presidente da câmara em 1961, 1963, 1966 e 1967. Em 1946 assumiu uma cadeira como deputado estadual numa eleição suplementar na condição de suplente. O fórum de Atibaia leva seu nome.

[106] No censo de 1767, Manoel tinha 50 anos, e sua mulher, Ana Maria, 32. Ambos eram moradores da Vila; no censo de 1782, Manoel Pereira Padilha tinha 57 anos, 4 escravos. No censo de 1783, Manoel tinha 58, sua mulher, Ana Maria, 57, e os filhos: José, 21, Maximiniano, 17, Salvador, 10, Reginaldo, 8, Úrsula, 18 e Maria, 11. Tinha 4 escravos. No censo de 1794, Manoel tinha 69 anos, Ana Maria, 62, filhos: Reginaldo, 19, e 5 escravos.

Ana Pires Soares (*1859 †06/06/1937). Natural de Atibaia, filha do coronel João Pires de Camargo e de Maria Joaquina da Conceição. Casou-se com Francisco Soares do Amaral. Muito caridosa, foi uma das principais beneméritas da Santa Casa, razão pela qual há um busto seu na entrada do hospital.

Anselmo Caparica (*25/08/1840 †30/06/1902). Natural de Atibaia, filho de Joaquim Gonçalves Caparica, português de Lisboa, e de Maria Francisca Caparica, da tradicional família Matosinho – Silva Canedo. Casou-se com Bruna Caparica. Em 1872 se transferiu de Atibaia para o bairro de Curralinho, de Piracaia, hoje município de Joanópolis, do qual onde é considerado um de seus fundadores. Foi fazendeiro em Curralinho (Joanópolis), juiz de paz e vereador. Em 1892, retirou-se da vida pública, vindo a falecer em Joanópolis.

Alfredo André (*23/08/1876 †05/01/1949). Natural de Mogi-Mirim, era filho do Dr. Olímpio da Paixão e de Eleonora André. Casou-se com Virgília Matos André, com quem teve 11 filhos. Foi professor, advogado provisionado, promotor público, curador geral de órfãos e ausentes, agente de correio, fotógrafo, jornalista fundador do jornal ***A Cidade,*** em 1913.

Altemar Dutra Júnior (*16/04/1964). Natural de São Paulo, filho de Altermar Dutra e Martha Mendonça. Casou-se com Itais Dutra. Em Atibaia desde 1995, Altemar seguiu a carreira dos pais e é um conceituado cantor. Há muitos anos comanda o carnaval tradicional de Atibaia, cidade que faz questão de enaltecer por onde passa.

Antônio Bento de Souza e Castro (*17/02/1843 †08/11/1898. Natural de São Paulo, filho de Bento Joaquim de Souza e Castro e de Henriqueta Viana de Souza e Castro. Formou-se em direito em 1868. Foi promotor público em Limeira e juiz municipal em Atibaia, onde ajudou o capitão Jacinto Manoel Leite a dirigir o partido conservador e onde, em 20 de setembro de 1873, sofreu um atentado contra a sua vida na frente de sua casa no largo Alegre, hoje praça Bento Paes, acusado de promover a libertação de escravos africanos trazidos para o Brasil após a lei de 1831, que proibia o comércio de escravos. Em 1877 retornou para São Paulo. Juntamente com Luiz Gama, foi um dos principais personagens do movimento abolicionista em São Paulo e organizou o movimento dos caifazes, associação secreta encarregada de libertar os escravos. Era também ativo maçom em São Paulo. Depois da abolição dos escravos por que tanto lutou, retirou-se da vida pública.

Antônio Francisco de Araújo Cintra (*1835 †1911). Natural de Atibaia, filho do tenente-coronel Francisco Lourenço de Araújo Cintra e de Maria da Conceição de Pádua Leite. Casou-se pela primeira vez com Maria de Oliveira Camargo e pela segunda vez com sua parente Lecádia Cintra. Foi advogado, exercendo a advocacia na região de Mogi Mirim, onde foi fazendeiro e líder político pelo partido liberal e depois pelo partido republicano. Foi vereador em Mogi, deputado estadual, deputado federal e senador. Atibaiano que representou a cidade de Mogi-Mirim na convenção Republicana de Itu.

Antônio de Pádua Leite (*1779 †1870). Era natural de Atibaia, filho de Amaro Leite de Moraes e de Gertrudes Maria de Almeida. Casou-se com Bernardina Franco da Silveira. Foi capitão de milícias, vereador, juiz de órfãos, juiz de paz, juiz municipal em substituição temporário ao juiz de direito, fazendeiro criador de gado, muares, cavalos, negociante (tropeiro) e capitalista em Atibaia.

Antônio Gonçalves Barbosa da Cunha (*? †24/03/1869). Natural de Atibaia, filho do capitão Antônio José da Cunha e de Eufrosina de Vasconcelos. Formou-se em direito em 1844. Em 1846 foi nomeado juiz municipal em Ubatuba/SP. Pertenceu ao partido conservador. Foi deputado estadual, na época assembleia provincial, por seis legislaturas e também ocupou uma cadeira na assembleia geral, hoje, câmara federal. Faleceu no Rio de Janeiro.

Afonso José de Carvalho era natural de São Bento do Sapucaí/SP, filho de Saturnino José de Carvalho e de Januária Marcondes César. Casou-se pela primeira vez com Benedita de Siqueira Campos e pela segunda vez com Lucila Freire. Foi advogado, escritor, promotor público, juiz de direito e desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, onde foi presidente. Em Atibaia foi juiz de direito, fundador do primeiro jornal da cidade ***O Itapetinga***.

Aprígio de Toledo (*1868 †16/08/1919). Natural de Atibaia, filho do capitão Salvador Ribeiro de Toledo Santos e de Umbelina Florisbina Franco. Solteiro, não deixou descendentes. Advogado, inteligente, culto, erudito e combativo. O dom da oratória o fez, por anos, o represente de Atibaia em diversos eventos na cidade ou fora dela. Foi jornalista e advogado. No campo político foi militante do partido Liberal e participou ativamente do movimento republicano, tendo sido secretário interino do Conselho de Intendência.

Attilio Russomano (*05/08/1899 †24/03/1975). Natural de Bragança Paulista/SP, filho de Geraldo Russomano e de Marcolina Vaglio Russomano. Casou-se com Eglantina Cavarelli. Foi um dos fundadores e primeiro presidente da associação comercial e industrial de Atibaia – ACIA e vereador.

André Carneiro (*09/05/1922 †04/11/2014). Natural de Atibaia, filho de Recaredo Granja Carneiro e Engrácia de Almeida Carneiro. Casou-se com Dulce Carneiro. Foi jornalista, poeta, escritor, escultor, pintor, desenhista, cineasta, roteirista e fotógrafo. Juntamente com César Memolo Júnior fundou a biblioteca municipal, diretor social e orador do Clube Recreativo, diretor do ***O Atibaiense***, foi diretor de cultura em Atibaia, onde fundou o jornal literário ***Tentativa***, considerado o melhor jornal literário do Brasil, na época. Faleceu em Curitiba, cidade na qual morou por muitos anos.

Bartolomeu Peranovick (*1860 †1933). Natural de Kartz, depois Iugoslávia, fronteira com a Itália, filho de Jacob Peranovick e de Lúcia Peranovick. Casou-se com a italiana Catarina Rumich. Em 1890, imigrou para o Brasil, estabelecendo-se em Atibaia. Seu nome está muito ligado à construção civil; desde a última década do século XIX até as primeiras do século seguinte, pode ser considerado o maior construtor.

Benedito de Almeida Bueno (ver capítulo sobre os prefeitos).

Bento José do Amaral, "Bento Pais" (*19/02/1862 †19/02/1928). Natural de Atibaia, filho de José Joaquim do Amaral Bueno e de Ana Jacinta Alves do Amaral, "Ana Paes" (meus pentavós). Casou-se com Ana Rodrigues dos Santos, natural de Nazaré Paulista, sem filhos. Foi abastado fazendeiro em Atibaia, o último comandante da Guarda Nacional na cidade, na patente de coronel. Foi um dos últimos líderes do partido conservador e, depois, do partido democrático e o principal líder de oposição aos Alvim nas duas primeiras décadas do século XX.

Bento de Lacerda Guimarães (*1829 †06/1897). Filho de Antônio Corrêa de Lacerda e de Ana Maria Conceição Franco. Casou-se com Manoela de Assis Cássia Franco. Considerado fundador da cidade de Araras/SP, onde doou um terreno para a construção da igreja matriz. Foi chefe político em Araras, militante do partido conservador, tendo sido vereador na primeira câmara de Araras. Foi agraciado pelo governo Imperial com o título de Barão de Araras em 7 de maio de 1887.

César Memolo (*14/04/1895 †16/09/1984). Natural de São Simão/MG, filho de Amadeo Memolo e de Maria Amélia de Oliveira. Casou-se com Carmella Sachitietto, com quem teve quatro filhos. Chegou em Atibaia em 1943 e foi um grande empreendedor de sua época na cidade. Era profundo conhecedor de gastronomia e da hotelaria. Foi empresário do ramo imobiliário, sendo responsável pelo loteamento Gardênia, parte da Estância Lynce e, juntamente com Antônio De Carlo, pelo condomínio Nova Aclimação. Foi também fundador do primeiro hotel

de campo em Atibaia (hotel fazenda), o Estância Lynce, hoje Atibaia Plaza Hotel, considerado o primeiro hotel do gênero no país. Também foi vereador por duas legislaturas entre 1952 a 1966, diretor do ***O Atibaiense*** nas décadas de 40 e 50 e um dos líderes na fundação, em 1946, da Sociedade Amigos de Atibaia (SADA) que, entre outras lutas e conquistas, possui a concessão do título de Estância Hidromineral e Climática para Atibaia. Criou e construiu o primeiro ginásio da cidade, atualmente E. E. Major Alvim.

Claudino Alves do Amaral (*1857 †29/05/1922). Natural de Atibaia ou Nazaré Paulista, filho dos atibaianos Zeferino Alves do Amaral e de Maria da Conceição. Casou-se com Maria Jacinta da Silveira. Foi abastado fazendeiro do café em Atibaia e fez política oposicionista aos Alvins nas primeiras décadas do século XX. Empresta seu nome à praça da matriz de Atibaia.

Clóvis Soares (*1895 †30/08/1965). Natural de Atibaia, filho de Estandislau Soares e Maria Isabel de Godoi. Casou-se com sua prima Maria Alvim Soares, uma das filhas do major Alvim. Foi fazendeiro, empresário do ramo imobiliário e industrial em São Paulo e Atibaia. Com a morte de seu sogro, assumiu o loteamento do bairro do Alvinópolis, expandindo-o e oferendo não só lotes, mas casas prontas. O bairro se desenvolveu a partir da década de 1950 e hoje é o mais populoso bairro próximo ao centro.

Daniel Peçanha de Moraes Júnior (*11/11/1932 †2012). Natural de Atibaia, filho de Daniel Peçanha de Moraes e de Durvalina Bueno. Casou-se com Maria Estela Silva Peçanha de Moraes. Foi juiz de direito e desembargador do segundo tribunal de alçada civil do Estado de São Paulo.

Emil Ono (*02/05/1965). Natural de Atibaia, filho de Sumico Ono e de Takao Ono, que foi vereador, vice-prefeito, presidente da câmara e prefeito. Casou-se com Tamy Tanamatis, dentista da rede pública municipal. Formado em administração de empresas entre 1984/87 e em direito entre 88/90. Ingressou na política em 2008 candidatando-se com sucesso a vereador. Foi vereador por duas legislaturas, de 2009/12 e 2013/16, e presidente da câmara em 2011 e em 2013, quando se licenciou da câmara para assumir o cargo de secretário de governo, retornando à câmara em março de 2016 para cumprir o mandato de vereador, quando se candidatou a vice-prefeito na chapa vencedora com Saulo Pedroso de Souza. Neste período, Emil assumiu a prefeitura em substituição ao prefeito por mais de dez vezes.

Evaristo de Araújo Cintra. Natural de Atibaia, filho do tenente-coronel Francisco Lourenço de Araújo Cintra e de Maria da Conceição Pádua Leite. Solteiro e sem descendentes. Advogado e político, foi eleito para deputado estadual na legislatura de 1862/63 pelo partido liberal de Mogi-Mirim. Foi também juiz de direito em Alegrete/RS, chefe de polícia, desembargador e presidente da Província do Rio Grande do Sul.

Eurípedes Edson Ferreira da Silva (*01/03/1950). Natural de Ribeirão Preto, filho de Sebastião Ferreira da Silva e de Maria Terezinha Carvalho Silva, chegaram em Atibaia em 23/09/1953. Casou-se com Odete Piques Ferreira da Silva. Advogado e político, exerceu três mandatos consecutivos como vereador, 1983/88, 1989/92 e 1993/96, e duas vezes presidente da câmara em 1989/90 e 1996. Foi assessor Especial do Governo e Secretário de Assuntos Jurídicos durante o mandato do prefeito Pedro Maturana, de quem foi candidato a vice-prefeito nas eleições de 2000, quando retirou-se da política para se dedicar somente à advocacia.

Flávio Pires de Camargo (*29/01/1916 †24/03/1999). Natural de Atibaia, filho de Francisco Pires de Camargo, "**Nhô Chico Pires**" (*17/3/1867 †17/3/1962), fazendeiro e capitalista, proprietário da "Fazendola", e de **Albertina Mielle Pires** (24/7/1895 †12/12/1957). Casou-se com Neusa Siqueira Pires. Formou-se em medicina em

1941 e foi um dos mais respeitados médicos ortopedistas de São Paulo. Foi professor catedrático da USP e autor de vasta produção científica, e membro de 38 sociedades médicas nacionais e internacionais. Teve três filhos: Rita Maria, Regina Maria e Olavo, também médico e professor catedrático da USP.

Francisco da Silveira Franco "coronel Chico Franco" (*1834 †06/1910). Natural de Atibaia, filho de Joaquim Pires de Camargo e de Rita Maria da Silveira. Casou-se pela primeira vez com Maria de Almeida Abreu e pela segunda vez com Tereza Minato. Mudou-se para Pirassununga/SP, onde se casou e foi fazendeiro, coronel da Guarda Nacional e político. Foi vereador na primeira câmara de Pirassununga em 1865 pelo partido conservador. Passou a sua liderança política ao seu filho, coronel Manoel Franco da Silveira, dedicando-se somente à sua fazenda. Deixou grande descendência em Pirassununga e região.

Flórido José Batista, "Nhô Florinho" (*09/04/1880 †19/10/1956). Era natural de Atibaia, filho de Joaquim Flórido e de Amélia Peçanha Franco. Casou-se em Atibaia em 1904 com Marcília Silveira Leite. Morou com sua família na fazenda Bom Retiro, no bairro da Cachoeira, e depois de seu casamento mudou-se para a cidade e foi um dos criadores e produtores da mais famosa cachaça da época, a cachaça Passarinho.

Francisco da Silveira Bueno (*20/08/1898 †1989). Natural de Campo Largo de Atibaia, então bairro de Atibaia, hoje município de Jarinu/SP, filho de Alexandrino da Silveira Bueno e de Antonia Maria do Nascimento. Solteiro e sem descendentes. Foi poeta, jornalista, filólogo e prestigiado professor emérito da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, lecionando português, história, filosofia, latim em várias escolas de São Paulo. Também se formou em teologia, filosofia, grego e hebraico. Autor de vários livros, mas se destacou mesmo como linguista. Um dos mais importantes especialistas de Tupi-Guarani.

Francisco Pires de Camargo, "Nhô Chico Pires" (*17/03/1867 †17/03/1962). Natural de Atibaia, filho do coronel João Pires de Camargo e de Maria Joaquina da Conceição. Casou-se com Albertina Mielli Pires. Abastado fazendeiro em Atibaia, proprietário da "Fazendola", embora não participasse diretamente da política atibaiense através de cargos públicos, foi sem dúvida um constante conselheiro e consultor político de sua época.

Francisco Rodrigues dos Santos (*03/02/1887 †11/09/1960). Natural de Nazaré Paulista, filho de Antônio Rodrigues dos Santos e de Maria Tereza dos Santos. Foi professor, jornalista e padre, e por sua marcante presença em Atibaia, é o único padre retratado neste capítulo, embora tenha deixado a batina e até se casado. Dirigiu o colégio Diocesano São Luiz e em 1916 foi nomeado pároco de Atibaia, onde permaneceu até 1934 (por 28 anos). Era extremamente inteligente, carismático e dinâmico. Construiu a casa paroquial, reformou a igreja do Rosário em 1916, fundou o asilo São Vicente de Paulo, participou ativamente da luta contra a epidemia da gripe espanhola. Faleceu em Avaré, mas sempre visitava Nazaré e Atibaia.

Gaspar Camargo (*23/12/1913 †10/08/1996). Natural de São Paulo, filho de Antônio de Camargo e de Maria Antonia de Camargo. Casou-se pela primeira vez com África Martin de Camargo, espanhola, e pela segunda vez com Deolinda dos Santos de Camargo. Chegou em Atibaia em 1954 e logo se dedicou à política sendo vereador por quatro legislaturas entre 1962 a 1988. A tribuna da câmara municipal leva seu nome.

Inácio Caetano Leme. Natural de Atibaia, filho do guarda-mor Lourenço Leme de Brito e de Maria Gertrudes Franco. Casou-se com Maria Francisca de Campos. Foi um dos fundadores da vila de São Carlos, hoje cidade de Campinas/SP, onde teve sua lavoura em Rebouças, antigo quilombo. Faleceu em Campinas, em meados do século

XIX, com avançada idade, deixando grande descendência.

Jacinto Manoel Leite, "o velho" (*03/01/1821 †04/08/1886). Natural de Atibaia, filho do alferes e fazendeiro no bairro do Rio Abaixo, Manoel Joaquim Leite[107], e de Ana Jacinta Pereira, filha de Francisco Pereira Pacheco (também biografado aqui) e de Ana Rosa da Conceição. Casou-se pela primeira vez com sua prima segunda Umbelina Maria da Conceição, pela segunda vez com Escolástica Maria da Silveira e pela terceira vez com Eulália Bueno de Aguiar. Era grande fazendeiro no bairro do Itapetinga, que na época abrangia o bairro do Rosário, onde começava a fazenda – fazenda Jataí. Foi escrivão de paz em 1843, fiscal da câmara em 1856 e 1880, primeiro suplente de juiz municipal e de órfãos em 1866 e em 1870 quando assumiu várias vezes o cargo entre 1870 e 1874, vereador, em 1860, e líder do partido Conservador (partido quase sempre oposicionista em Atibaia) entre 1860 até aproximadamente a metade da década de 1870, quando foi substituído pelo coronel Lourenço Franco da Silveira. Foi também capitão da primeira companhia do Batalhão da vila de Atibaia. Deixou 15 filhos com a primeira esposa e um com a terceira: 1) Gertrudes Maria da Conceição Leite, 2) Ana Maria da Conceição Leite, 3) Maria Antonia da Anunciação Leite, 4) Coronel José Jacinto Leite, 5) João Procópio Leite, 6) Pedro Alexandrino Leite (meu tetravô), 7) Margarida da Anunciação Leite, 8) Coronel Jacinto Manoel Leite Júnior, 9) Leopoldina da Anunciação Leite, 10) Umbelina Maria da Conceição Leite, 11) Joaquim Manoel Leite, 12) Francisco José Leite, 13) Lucas Evangelista Leite, 14) Virgilia Leite, 15) Virgilio Avelino Leite e 16) Benedito Manoel Leite.

Jacinto Manoel Leite Júnior (*14/02/1856 †22/07/1934). Natural de Atibaia, filho do capitão Jacinto Manoel Leite (biografado acima) e de Umbelina Maria da Conceição. Casou-se com sua sobrinha Olímpia Virgilia Leite, filha de Olegário Rodrigues Siqueira e de Margarida da Anunciação Leite. Foi um grande fazendeiro de café no bairro do Itapetinga, presidente da corporação 24 de outubro e vereador na legislatura de 1887/90. Foi coronel da Guarda Nacional.

João Batista da Silveira Pinto, "João da Nhanhã" (*1836 †21/05/1928). Natural de Atibaia, filho de Francisco José da Silveira e de Maria da Conceição Cintra. Casou-se com sua parente Maria Franco do Amaral. Foi fazendeiro, proprietário de terras no bairro do Rosário, capitão da Guarda Nacional e vereador entre 1877 a 1990.

José Pires Alvim, "Zezico Alvim" (*30/03/1902 †24/12/1979). Era natural de Atibaia, filho do major Juvenal Alvim e de Gertrudes Pires Alvim. Casou-se com Rita Lourdes Cardoso de Almeida, professora. Foi fazendeiro, industrial e político. Sua máquina de café ficava na atual praça Pedro de Toledo (praça da rodoviária). Herdou de seu pai a liderança política em Atibaia, contudo, recusou a candidatura de deputado estadual em 1946, ajudando a eleger seu irmão Joviano Alvim. Em 1919 abandonou seus estudos normais para se dedicar ao comércio, àgricultura e à política. Foi pessoa extremamente caridosa e grande incentivador da cultura popular na cidade e na região (folclore). Participou da revolução paulista de 1924. Foi eleito vereador de 1936 a 1963, sendo presidente da

[107] Manoel Joaquim Leite era filho de João Leite Barros, o qual podemos considerar um dos troncos do sobrenome Leite em Atibaia. Era bisneto de outro de igual nome, capitão João Leite Barros, este filho de Maria Leite Mesquita, que, ao que indica, foi quem levou mais adiante o sobrenome Leite.

câmara entre 1936//37 e 1952/54 e, sem sombra de dúvidas, foi o maior líder político de 1936 até a eleição de 1962, aproximadamente. Era muito querido pela sociedade atibaiense por sua ética, integridade e caridade.

José Alvim de Campos Bueno, "Nhô Bim" (*09/1826 †04/04/1902). Natural de Atibaia, filho de Francisca Emília de Campos Bueno e Pedro Joaquim Bueno, que era descendente direto (hexaneto) do sertanista Jerônimo de Camargo, considerado por alguns historiadores como o fundador de Atibaia. Casou-se pela primeira vez em Campo Largo[108] com Gertrudes Maria de Campos e pela segunda vez com Bernardina de Pádua Pacheco. Nhô Bim era político e foi o último chefe do partido Liberal em Atibaia. Ingressou na política e como foi eleito suplente de fiscal da câmara entre 1853 a 1856 e de 1861 a 64. Foi vereador suplente empossado como titular no dia 18 de setembro de 1864 para completar o mandato, sendo reeleito por várias legislaturas. Com o advento da república, passou a liderar o partido Republicano Paulista de Atibaia. Também foi juiz de paz em 1883 e partidor e contador do juízo municipal e de órfãos e tenente-coronel da Guarda Nacional. Foi grande incentivador da construção da primeira escola de Atibaia, que acabou levando seu nome. Deixou sua liderança política aos seus filhos, o tenente-coronel José Bim e o major Juvenal Alvim. José Alvim faleceu aos 4 de abril de 1902, sendo seu túmulo um dos primeiros do cemitério do santíssimo. Pode ser considerado o tronco da família Alvim em Atibaia. Teve oito filhos: 1) Pedro Joaquim Alvim, 2) José Francisco, "José Bim", 3) Eduvirgem Alvim, 4) Adolfo Alvim, 5) Francisca Alvim, 6) Juvenal Alvim, 7) Hermelinda Alvim e 8) Ester Alvim, aos quais deixou volumosa herança.

José Jacinto Leite, "Juca Leite" (*1849/52 †22/03/1920). Natural de Atibaia, filho do capitão Jacinto Manoel Leite (também biografado aqui) e de Umbelina Maira da Conceição. Casou-se com Caetana Silveira Franco. Foi tropeiro em boa parte de sua vida, mas também foi opulento fazendeiro no bairro da Cachoeira. Casou-se com Caetana da Silveira Franco. Foi político, pertencendo no Império ao partido conservador, e com o advento da República militou no partido de oposição, que na década de 1920 passou a ser o partido democrático. Foi coronel da Guarda Nacional.

José Theodoro Pinto (*? †22/06/1897). Natural de Atibaia, filho de Francisco José da Silveira e de Maria da Conceição Cintra, "Nhanhã do Portão" que era irmã do 2° barão de Campinas, Joaquim Pinto de Araújo Cintra. Casou-se pela primeira vez com Sabina Alves do Amaral e pela segunda vez com Ana Maria da Conceição Leite, filha do capitão Jacinto Manoel Leite e de Umbelina Maria da Conceição. Foi tropeiro e opulento fazendeiro no bairro do Portão. Juntamente com sua mãe, pode ser considerado um dos principais povoadores do bairro.

João Peçanha Franco Correia (*? †08/03/1899). Natural de Atibaia, filho de José Correa Franco e de Ana Peçanha, por ela, neto do tronco da família Peçanha em Atibaia, João Peçanha Falcão[109]. Casou-se com Jesuína Bueno de Aguiar. Foi secretário da câmara municipal entre 1851 a 1858 e depois vereador de 1861 a 1865 pelo

[108] Percebam que os descendentes de Jerônimo de Camargo tinham mais ligação com Campo Largo de Atibaia do que com a vila de Atibaia.

partido liberal, voltando a exercer cargo na secretaria da câmara. Com a morte de José Lucas, abandonou o partido liberal, tornando-se adepto da causa republicana, tendo participado da célebre reunião republicana na casa de Euletério Cintra em 23 de junho de 1873.

Joaquim Floriano de Araújo Cintra (*1813 †?). Natural de Atibaia, filho do alferes Jacinto José de Araújo Cintra e de Maria Francisca Cardoso. Casou-se com Maria Rosa. Foi advogado, advogou por muitos anos no Rio Grande do Sul, voltando a residir na província de São Paulo, na cidade de Itapira. Foi eleito deputado estadual para legislatura de 1848/49. Foi o segundo atibaiano a ter um assento na Assembleia Legislativa de São Paulo depois do seu irmão Jacinto José Ferraz de Araújo Cintra.

Joaquim Franco de Camargo (*1784 †29/12/1861). Natural de Atibaia, filho do capitão Inácio Franco de Camargo e sua primeira mulher Gertrudes de Godoi Moreira. Casou-se com Maria Lourença de Moraes. De Atibaia passou para Itatiba e de lá para o sertão de Tatuibi, onde possuía lavouras. Foi um dos primeiros povoadores de Tatuibi, que hoje é a cidade de Limeira/SP, da qual é considerado um dos fundadores. Foi político, prestigioso chefe do partido conservador. Também foi capitão e faleceu em Limeira, onde deixou grande descendência.

Joaquim Pinto de Araújo Cintra (*05/08/1824 †13/01/1894). Natural de Atibaia, filho do alferes José Desidério Pinto e Antonia Bernardina de Araújo Cintra. Casou-se em 1851 com sua prima Ana Francisca da Silveira Cintra. Foi importante fazendeiro de café e grande capitalista. Mudou-se para a cidade de Amparo, onde se destacou como chefe do partido Liberal no regime monárquico. Prestou inestimáveis serviços à comunidade de Amparo, na qual fundou o hospital que leva o nome de sua esposa, "Ana Cintra". Foi agraciado com o título de segundo Barão de Campinas. Faleceu em Amparo/SP, onde viveu grande parte da sua vida.

José da Silveira Campos, "José Lucas" (*1807/08 †11/09/1870). Era natural de Atibaia, filho de Lucas de Siqueira Franco II, quarto e último capitão-mor, e de Ana Gabriela de Campos. Casou-se com sua sobrinha Delfina Bueno de Aguiar. Foi abastado fazendeiro no bairro do Caioçara e tropeiro. Na política, foi chefe do partido Liberal após a morte do coronel Manoel Jorge Ferraz. Foi vereador e presidente da câmara em diversos mandatos. Parece que faleceu na cidade mineira de Baependi, para onde tinha ido com uma tropa em 11 de setembro de 1870. É considerado por muitos historiadores a mais brilhante figura de Atibaia da segunda metade do século XIX. Deve-se a ele a grande reforma da igreja matriz que em 1858 estava com sua torre caída e em completa ruína, doando inclusive material e mão de obra. Em 1884 seu nome é dado para a rua direita, a mais antiga da cidade.

Joviano Alvim (*10/01/1896 †15/03/1971). Natural de Atibaia, filho do major Juvenal Alvim e de Gertrudes Pires de Camargo. Casou-se em São João da Boa Vista com Dinah de Azevedo, com quem teve três filhos. Formou-se em química industrial e farmácia. Foi fazendeiro em Atibaia, e industrial em São Paulo. Foi também

[109] João Pessanha Falcão, nasceu entre 1775 a 1781, falecido em Atibaia em 12 de abril de 1831. Foi tropeiro, levando açúcar para São Paulo e Santos, depois estabeleceu-se em Atibaia, onde foi proprietário de uma fazenda no bairro da Cachoeira de Mato Dentro e Rio Acima. Foi vereador em 1812 e em 19 de agosto de 1809 casou-se com Ana Maria da Conceição ou Franco nasceu em 1781, filha do português, capitão e tabelião José Antônio da Silva Coelho, supra, e de sua terceira mulher Maria Gertrudes Franco, filha do capitão Antônio da Silva Ortiz e de Maria Franco de Godoi.

jornalista e eleito deputado estadual em 1947 para o mandato de 1948/52 pelo PSD. Com a morte de seu pai, assumiu juntamente com seu irmão a chefia do Partido Republicano Paulista em Atibaia.

Joviano Franco da Silveira (*17/09/1894 †09/02/1936). Era natural de Atibaia, filho do major José Franco da Silveira e de Júlia Thereza Pinto da Silveira. Casou-se com sua prima Mathilde Soares do Amaral, não deixando filhos. Foi proprietário do tradicional jornal ***O Atibaiense***, destacando-se no jornalismo e na poesia. Fez filosofia, mas não se graduou em razão de sua doença, tuberculose, que fatalmente ceifou sua vida muito jovem. As bibliotecas de Atibaia levam seu nome.

Landislau Antônio de Araújo Cintra (*1833 †1910). Natural de Atibaia, filho do tenente-coronel Francisco Lourenço de Araújo Cintra e de Maria da Conceição Pádua Leite. Casou-se em Itu com Escolástica de Almeida Prado. Foi fazendeiro no nascente município de Itapira/SP, cuja cidade ajudou a fundar, mudando-se depois para Mogi-Mirim, onde foi político como chefe do partido Liberal e seu representante na convenção de Itu. Foi capitão e participou e assinou a ata da Convenção de Itu em 1873, representando o município de Mogi-Mirim. Faleceu em 1910 na cidade de Jaú/SP.

Lourenço Franco da Silveira, "coronel Lourenço Franco ou Lourenço Paes" (*22/04/1828 †03/06/1917). Natural de Atibaia, filho de Joaquim Pires de Camargo e de Rita Maria da Silveira. Casou-se com Maria Franco do Amaral. Foi abastado fazendeiro no bairro de Caetetuba e deve-se a ele a primeira máquina de beneficiar café. Foi político e substituiu o capitão Jacinto Manoel Leite na liderança do partido conservador de Atibaia na época do Império, juntamente com o importante apoio do dr. Antônio Bento nas décadas de 1870/80. Foi delegado de polícia, suplente de juiz municipal e vereador em 1883/86, mandato que exerceu juntamente com os vereadores Pedro Alexandrino Leite (meu tetravô), Pedro Cunha, Belisário de Camargo e o dr. Olímpio da Paixão, iniciando uma série de melhoramentos em Atibaia, como o primeiro abaulamento das ruas, construção de sarjetas, iluminação pública e organização do primeiro código de posturas da cidade. Faleceu em Atibaia deixando grande descendência.

Lucas de Siqueira Franco Netto, "Lucas Jorge" (*1832 †1910). Natural de Atibaia, filho do coronel Manoel Jorge Ferraz e de Gertrudes da Silva Campos. Casou-se com Idalina Maria de Oliveira Simas, da família Oliveira Simas de Atibaia, cujo membro mais importante foi Honorato José de Oliveira Simas, membro do Conselho de Intendência em 1890. Abastado fazendeiro em Atibaia e em Itapira/SP e advogado. Na política, foi líder do partido liberal em Atibaia em substituição a José Lucas, falecido em 1870. Foi vereador e presidente da Câmara Municipal. Entre os anos de 1876 a 1879, mudou-se de Atibaia para Itapira, na época, cidade de Amparo, onde foi administrar a fazenda Engenho das Palmeiras, fazenda histórica fundada pelo atibaiano Jacinto José de Araújo Cintra.

Manoel Jorge Ferraz (*1803 †1855). Natural de Atibaia, filho do alferes Jacinto José de Araújo Cintra, fundador e primeiro grande líder do partido liberal em Atibaia, e de Maria Francisca Cardoso, neto paterno de Francisco Lourenço Cintra, português que chegou ao Brasil em 1750 e foi grande comerciante e capitalista, neto materno do segundo capitão-mor Francisco da Silveira Franco. Portanto, Manoel Jorge Ferraz era sobrinho e genro do quarto e último capitão-mor, Lucas de Siqueira Franco, pois se casou com sua prima, Gertrudes da Silveira Campos, filha do último capitão-mor de Atibaia. Entre seus irmãos, dois foram deputados provinciais, Jacinto José Ferraz de Araújo Cintra e Joaquim Floriano de Araújo Cintra, todos atibaianos, porém só o primeiro eleito por Atibaia. Outro irmão de Manoel, o major José Jacinto de Araújo Cintra, foi vereador e presidente da câmara de Atibaia. Manoel Jorge Ferraz era, portanto, descendente da união entre três importantes famílias atibaianas: 1) A

dos Camargos, aliadas por muitos casamentos com os 2) Siqueira Franco e a dos 3) Araújo Cintra, que, também entrelaçada com as duas primeiras famílias, dominou a política de Atibaia durante quase todo o século XIX. Substituiu seu pai na chefia do partido Liberal na cidade, quando ele deixou Atibaia para viver em Mogi-Mirim, mas devido ao seu precoce falecimento foi substituído por José Lucas, seu primo. Manoel Jorge Ferraz foi vereador em diversas legislaturas e presidente da câmara em 1837/40 e de 1845 a 1855, ano de seu falecimento. Tomou partido, juntamente com seu pai, irmão e parentes, ao lado do brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar na revolução de 1842, tendo sido preso juntamente com o padre Antônio de Melo e Silva. Foi agraciado com a Ordem da Rosa pelo Imperador, recebendo das mãos do Imperador, na capital do Império. Juntamente com seu pai, pode ser considerado um dos maiores vultos da história de Atibaia na primeira metade do século XIX. Deixou vasta descendência, dos quais podemos destacar Lucas de Siqueira Franco Neto, "Lucas Jorge". Foi coronel da extinta Guarda Nacional.

Marcos Vinício Silveira, "Testinha" (*19/07/1943). Natural de Atibaia, filho de Carlos Silveira, fazendeiro no bairro da Boa Vista, e de Maria Benedito Flórido Silveira. Divorciado de Anita Regatieri. Professor de educação física e político. Foi suplente de vereador no mandato de 1983/88, vereador nos mandatos de 1989/92, 93/96 e 97/2000 e presidente da câmara em 1993 e 1998. Nos dois afastamentos do prefeito Pedro Maturana em 1998, na condição de presidente da câmara e com a morte do vice-prefeito Cido Franco, assumiu a prefeitura enquanto o prefeito permaneceu afastado, retornando judicialmente. Após as eleições de 2000, Testinha, como é mais conhecido, deixou a política.

Manoel Jacinto de Araújo Ferraz (*1834 †15/03/1901). Natural de Atibaia, filho do coronel Manoel Jorge Ferraz e de Gertrudes da Silveira Campos, neto paterno do alferes Jacinto José de Araújo Cintra (*1170 †1850) e neto materno do quarto e último capitão-mor de Atibaia, Lucas de Siqueira Franco (*1773 †1866). Solteiro, teve sete filhos com Benedita Maria da Conceição Pedroso. Foi fazendeiro do bairro do Maracanã em Atibaia, onde possuía uma grande fazenda, uma das maiores da região no seu tempo. Formou-se em direito em 1858 e também foi político. Foi vereador e presidente da câmara de Atibaia de 1890 a 1891 e em 1861 se elegeu deputado provincial por Atibaia. Também foi juiz de paz e presidente da mesa paroquial na célebre eleição de 1872 na cidade. Foi juiz de direito da comarca de Santo Antônio da Cachoeira, hoje Piracaia, em 1882. Com a proclamação da República, encerra sua vida pública.

Murilo Macedo (*25/07/1923 + 26/08/2003). Natural de Sete Lagoas/MG. Foi um político e executivo brasileiro. Formado em direito e administração. Foi diretor do Banco Nacional de São Paulo, de 1960 a 1975, sendo indicado então para a presidência do Banco do Estado de São Paulo e da Companhia de Seguros de São Paulo, cargos que ocupou até 1977. Assumiu a Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda e a presidência da Junta de Coordenação Financeira do Estado de São Paulo, por indicação do então governador Paulo Egídio Martins. Em 1979 foi indicado para substituir o ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, sofrendo críticas do movimento sindical por sua desvinculação com a área trabalhista e assume o cargo em plena efervescência das grandes greves sindicais do ABC paulista, permanecendo no cargo até 1985. Neste período declarou a intervenção do Sindicato de Metalúrgicos do ABC nas greves de 1979 e 1980 sendo chamado de "o ministro do capital". Em 1980 filia-se ao Partido Democrático Social (PDS). Em 1986 ocupa a presidência da Companhia Energética de São Paulo (CESP). Toma posse da Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano do governo de Orestes Quércia em 1990 mas deixa o cargo no ano seguinte para assumir a presidência da Nossa Caixa permanecendo nesta função até 1993 quando assumiu a presidência do Banco do Estado de São Paulo (Banespa). Tinha uma propriedade em Atibaia, no bairro do Portão, para onde sempre vinha e recebia os amigos.

Olímpio da Paixão (*30/08/1838 †12/05/1912). Era natural de São Paulo, filho de Luiz Maria da Paixão e de

Mafalda Cândida de Tolledo. Não se casou, mas teve dois filhos com Eleonora André (Alfredo André e Adolfo André Sobrinho). Veio para Atibaia entre o fim de 1872 ou começo de 1873 (09/09/73, data do contrato), segundo alguns historiadores, para ser o advogado do partido liberal em contraponto ao dr. Antônio Bento, advogado do partido conservador. Logo após ter chegado em Atibaia, foi escolhido para representar Atibaia no congresso republicano em São Paulo que inspiraria a célebre Convenção de Itu. Em São Paulo atuava como advogado, republicano, abolicionista e maçom da loja América de São Paulo, ao lado de grandes próceres da República do Brasil. Em Atibaia foi, juntamente com o historiador e jurista Afonso de Carvalho, fundador do primeiro jornal de Atibaia: ***O Itapetinga***. Foi vereador em algumas legislaturas. Na legislatura de 1983/86, teve uma atuação bem independente e quase sempre acompanhava os vereadores do partido conservador. Foi presidente da câmara em 1890/91, sendo grande defensor da República, participando do primeiro conselho de intendência em janeiro de 1890 juntamente com dr. Miguel Vairo, Benedito Franco da Silveira, José Gonçalves de Oliveira Cunha e José Antônio de Castro Fafe, sendo eleito o primeiro presidente do conselho. Juntamente com o dr. Afonso de Camargo fundou o primeiro jornal atibaiano, "O Itapetinga". Como foi estudante de medicina e serviu como enfermeiro na Guerra do Paraguai, também atendia gratuitamente as pessoas pobres como médico e lhes dava remédios. Faleceu em 12 de maio de 1912 em um acidente em São Paulo, quando foi colhido por ser atropelado.

Odair Bedore (*05/08/1950). Natural de São Paulo, filho do pastor evangélico Oscar Bedore (*1924 †2004) e de Iride Bachega Bedore (*1923 †1997), os quais chegaram em Atibaia com seus filhos em 23 de dezembro de 1964. Casou-se com Sônia Maria De Carlo Bedore, descendente das mais antigas e tradicionais famílias atibaianas. Técnico em química, quase concluiu o curso de direito, deixando a faculdade para se dedicar ao comércio. Foi político em Atibaia, exercendo por cinco vezes consecutivas o cargo de vereador (de 1983 a 2004), por quatro vezes o de presidência da Câmara – 1991/92, 95, 97 e 2004, bem como foi líder partidário e conselheiro de muitos prefeitos. Ocupou vários cargos de importância na câmara municipal, entre vários da mesa diretiva, como o de relator da comissão de sistematização na constituinte municipal de 1990. Odair exerceu uma forte liderança na política da cidade da última década do século XX até os primeiros anos deste século. Se candidatou sem sucesso à prefeitura de Atibaia em 2004 e encerrou sua carreira política em 2008, quando tentou voltar para a câmara e ficou como primeiro suplente. Foi presidente do CTB Futebol Clube e desde 2001 é o presidente do Grêmio Esportivo Atibaiense.

Roque de Oliveira D´Horta (*1775 †1835). Natural de Atibaia, filho de Roque de Souza e Maria Pereira da Silva. Casou-se pela primeira vez com Florência Cardoso e pela segunda vez com Francisca Rosa Bueno. É considerado fundador da cidade de Socorro no ano de 1819, quando edificou a pequena capela de Nossa Senhora do Socorro do Rio do Peixe, dando origem à povoação que resultou na cidade de Socorro. Faleceu deixando grande descendência.

Rogério Ribeiro da Silva (*03/02/1947). Natural de Teófifo Ottoni/MG, filho de Luiz Gonzaga Ribeiro da Silva e de Maria Luiza Leal Metzker. Chegou em Atibaia em 1972/73. Casou-se a primeira vez com Cecília Selma Basani e a segunda vez com Maria Amélia Vairo Perez, de quem também é divorciado. Engenheiro civil e político, foi vereador em 1983/88, 93/96, 97/2000 e 2001 a 2004. Presidente da câmara em 1987/88 e 1999. Foi candidato a prefeito em 1988 pelo PMDB e a vice-prefeito em 2004. Atualmente não milita mais na política.

Rosendo Correa de Aguirre (*18/08/1920 †05/09/2000). Natural de Atibaia, filho de Juvenal Aguirre e de Tereza Egerte Aguirre. Casou-se com Celina Pires de Camargo. Cirurgião-dentista e político. Foi vereador e presidente da câmara, ocasião que ocupou, interinamente, como prefeito sanitário de 4 a 18/08/1949.

Salvador Ribeiro de Toledo Santos (*? †12/07/1882). Era natural de Mogi-Mirim, filho de Vicente Ferreira de Toledo Santos e de Ana Tereza do Prado e Silva. Casou-se em Atibaia em 1847 com Umbelina Florisbina Franco, descendente do primeiro capitão-mor Lucas de Siqueira Franco. Constituiu família em Atibaia, onde foi capitão, vereador, presidente da câmara e juiz de órfãos. A partir de 1873, torna-se republicano e foi o organizador da célebre reunião republicana, realizada em Atibaia em 23 de junho de 1873 na casa de Euletério de Araújo Cintra. Participou ativamente da primeira campanha eleitoral do partido Republicano Paulista, apoiando a candidatura do dr. Américo Brasiliense. Faleceu em Atibaia em 12 de julho de 1882, sem ver a sua sonhada República, mas seu filho Aprígio de Toledo seguiu seus ideiais republicanos.

Tomas Gonçalves da Rocha Cunha "Zico Cunha" (*29/02/1860 †03/09/1947). Natural de Atibaia, filho de Thomaz Gonçalves Barbosa da Cunha e de Maria Madalena da Rocha. Casou-se com sua sobrinha Ana Gabriela da Cunha Cintra. Mudou-se de Atibaia para Santo Antônio da Cachoeira, hoje Piracaia, ainda menino, acompanhando seus pais que eram possuidores da fazenda Fortaleza. Ingressou na vida política de Piracaia no antigo PRP, tornando-se seu principal líder. Foi juiz de paz, vereador e prefeito. A ele se deve, em grande parte, o prolongamento da estrada de ferro até Piracaia. Faleceu em 3 de setembro de 1947 em São Paulo.

Tomé da Silveira Franco "Tomé Franco" (*27/12/1846 †07/11/1908). Era natural de Atibaia, filho de José de Siqueira Franco e de Maria Generosa. Casou-se com Maria das Dores Bueno, falecida em 29/01/1899, filha de Ana Joaquina Conceição e do tenente Feliciano Bueno de Aguiar, que era filho de Maria Angélica da Cunha e do capitão Francisco Bueno de Aguiar, que pode ser considerado o tronco da família Bueno de Aguiar de Atibaia. Foi fazendeiro, capitalista, político e coronel da Guarda Nacional. Foi vereador e presidente da câmara em 1899/1901. Foi o responsável pela doação de uma área de sua propriedade com manancial para abastecer a cidade com água encanada, inaugurado em 17 de novembro de 1895.

Tristão da Silveira Campos (*1847 †?). Natural de Atibaia, filho do capitão Inácio Caetano da Silveira e de Delfina da Silveira Campos. Casou-se com sua prima Ana Gabriela de Campos. Em 1855, mudou-se para cidade de Amparo, onde foi fazendeiro de café e político de grande prestígio, atuando ao lado de seu líder estadual, Bernardino de Campos. Participou e assinou o ato da Convenção Republicana de Itu, como representante da cidade de Amparo.

Yolando Malozzi (*05/07/1901 †31/05/1968). Natural de Atibaia, filho de Silvio Mallozzi e de Vicentina Januzzi. Foi famoso escultor. Casou-se com Maria Tereza Mallozzi. Fez artes no Liceu, autor de grandes obras e premiado com os mais importantes prêmios de sua época.

Juvenal Alvim de Campos Bueno "Major Juvenal Alvim" (*1866 †09/02/1936). Era natural de Atibaia, filho de José Alvim de Campos Bueno e de Gertrudes Maria Campos. Casou-se com Gertrudes Pires Alvim, filha do coronel **João Pires de Camargo** (*1828 †31/05/1909), importante fazendeiro e capitalista em Atibaia, sendo proprietário da segunda máquina de beneficiar café em Atibaia e pode ser considerado um dos mais destacados patriarcas da família Pires de Camargo. Casou-se com Maria Joaquina da Conceição, nasceu em 12 de janeiro de 1841 e faleceu em 10 de junho de 1901, filha de Joaquim Alves do Amaral (da família Alves do Amaral) e de Ana Luiza Cintra (da família Siqueira Franco). O major Alvim, por sua importância para história de Atibaia, sendo, sem dúvida, a maior personalidade do século XX, além de sua biografia descrita no capítulo dos prefeitos, resolvemos mencioná-lo também aqui neste capítulo. Juvenal perpetua-se na história do município como um dos maiores estadistas e grande empreendedor e por sua incontestável importância para história de Atibaia é o único personagem biografado duas vezes neste trabalho. A primeira no capítulo dos intendentes e prefeitos e aqui.

Veja abaixo um roteiro cronológico contendo alguns dos legados deixados pelo major para Atibaia:

Em 1898 é eleito vereador e toma posse em 7 de janeiro de 1899, dando início à imensa folha de serviços prestados à sua terra. Não houve melhoramento público que não tivesse a sua valiosa participação, desde o embelezamento da cidade até a remoção do cemitério São João Batista do então Largo do Rosário para onde se encontra hoje.

Em 1903, logo após o falecimento de seu pai e atendendo ao seu último desejo, liderou o empreendimento e iniciou a construção do Grupo Escolar José Alvim, cuja inauguração ocorreu em 1905.

Em 1905, preocupado com o saneamento básico e em oferecer emprego aos atibaianos, cuidou de construir o primeiro reservatório de água da cidade, localizado em frente à praça Roberto Gomes Pedrosa, onde hoje está instalado o SAAE.

Iniciou, **em 1905**, a organização de uma indústria têxtil, dando origem à Fábrica de Tecidos São João que empregava, nas quatro primeiras décadas do século passado, a grande maioria de atibaianos. Essa indústria mantinha em 1945 cerca de novecentos operários, quando a população da cidade era de 4,5 mil habitantes.

Entre 1913 e 1925, foi um dos muitos que se dedicaram à construção da Santa Casa de Misericórdia.

Entre 1913 e 1925, foi um dos muitos que se dedicaram à construção do Asilo de São Vicente de Paulo.

Construiu o Hotel Municipal para atender o incipiente turismo regional, inaugurado **em 1922**.

Inaugura em dez de janeiro de 1926 o Cine Theatro República, privilegiando os atibaianos com modernissima casa de espetáculos teatrais e cinema.

Junto com o governo de Júlio Prestes, inaugura, **em 1927**, a rodovia SP-8, ligando Atibaia à Capital.

Em **meados dos anos 20** inicia a construção da **Usina Hidroelétrica**, no bairro da Usina, que atendeu à demanda de energia até o início dos anos sessenta.

Em 1930, fundou um ginásio público em Atibaia, cuja direção entregou ao professor Virgílio Nogueira Chaves.

Em 1936, inicia o calçamento, em paralelepípedos, das principais ruas da cidade, iniciando-se pelo Largo da Matriz.

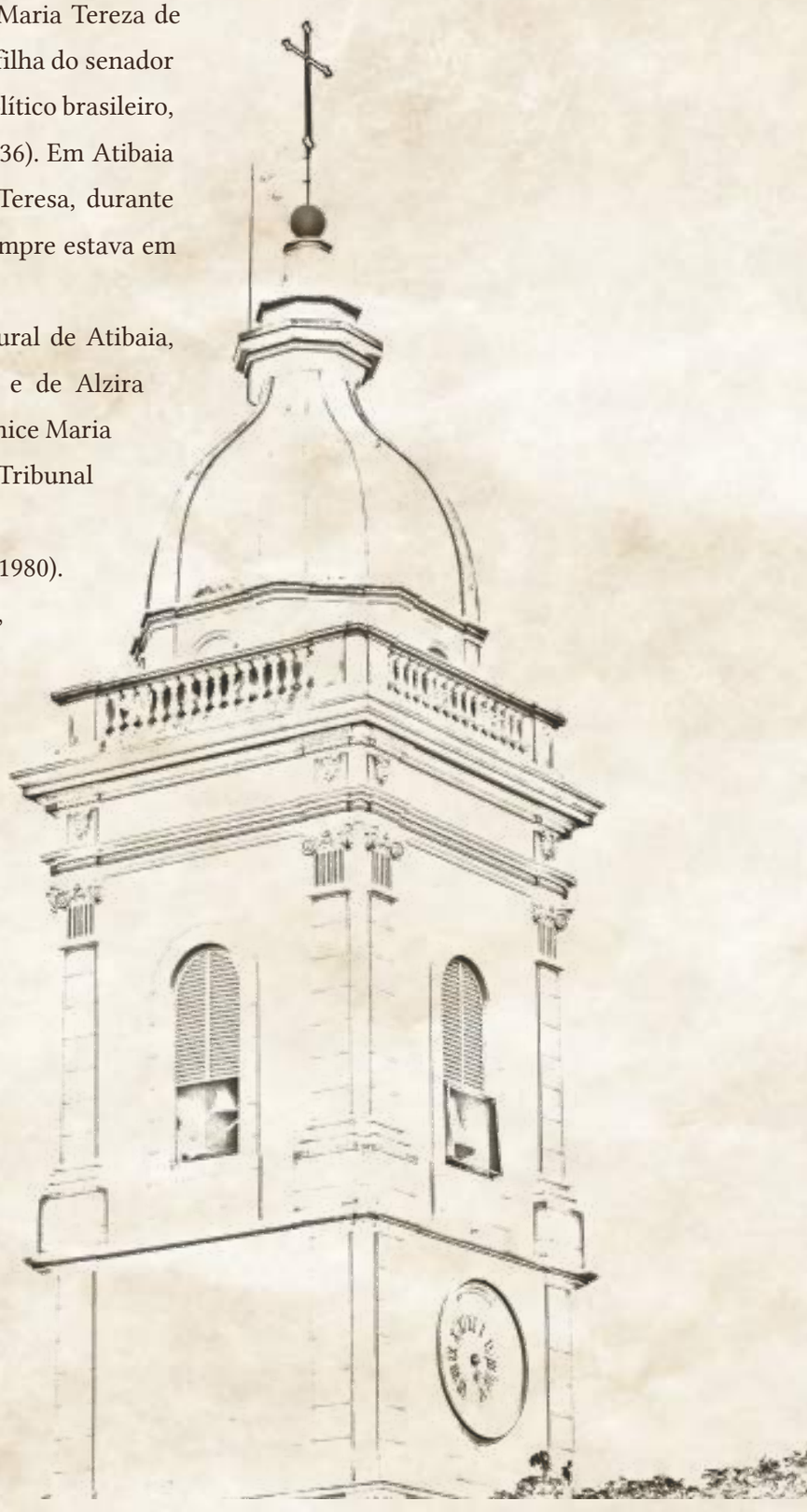
VEJA A BIOGRAFIA COMPLETA DO

MAJOR JUVENAL ALVIM

ESCANEIE-ME

Oswaldo Barreto (*18/08/1900 †18/01/1963). Era natural de Atibaia, filho do coronel Olegário Barreto, "Nhô Barreto", que de Itapetininga se estabeleceu em Atibaia e aí se casou com Maria Joana Pires Barreto. Casou-se com Ady Lopes Barreto, natural de Santos. Foi nomeado em 1925 para o tabelionato de registros de imóveis de Atibaia, substituído por seu filho José Roberto Lopes Barreto. Teve ativa vida social e cultural em Atibaia.

Paulo de Oliveira Leite Setúbal (*01/01/1893 †04/05/1937). Era natural de Tatuí/SP, filho de Antônio de Oliveira Leite Setúbal e Maria Tereza de Almeida Nobre. Casou-se com Francisca de Souza Aranha, filha do senador Olavo Egydio Aranha. Foi advogado, escritor, jornalista e político brasileiro, sendo deputado estadual por dois mandatos (1928/32 e 32/36). Em Atibaia foi proprietário de uma grande fazenda, de nome Santa Teresa, durante as três primeiras décadas do século XX e por esta razão sempre estava em Atibaia.



Sebastião da Silva Pinto (*1938 †01/01/2007). Natural de Atibaia, filho de Paulo da Silva Pinto (*08/05/1912 †11/04/1990) e de Alzira Maria da Conceição Bueno de Camargo. Casou-se com Leonice Maria Feroldi. Foi advogado, juiz de direito e desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.

Waldomiro Franco da Silveira (*15/09/1891 †07/11/1980). Era natural de Atibaia, filho do major José Franco da Silveira, "Juca Silveira", e de Júlia Tereza Pinto. Casou-se em Rio Claro com Terezinha de Negreiro Rinaldi, com quem teve dois filhos. Foi comerciante, industrial, fundador da Cervejaria Caracu, dentista, genealogista, autor de ***Notas Genealógicas e História de Atibaia***, vereador e vice-prefeito de Rio Claro, onde faleceu. A biblioteca do museu João B. Conti leva seu nome.

Zeferino Alves do Amaral (*30/11/1885 †13/11/1962). Natural de Atibaia, era filho do coronel Claudino Alves do Amaral e de Maria Jacinta da Silveira. Casou-se com sua prima Evelina Vairo, com quem teve cinco filhos. Abastado fazendeiro, encomendou do seu amigo Victor Brecheret os afrescos da capela de sua fazenda. Era médico formado em 1908, clinicando em Atibaia, Bragança Paulista e São Paulo, para onde se mudou e se tornou um dos maiores cirurgiões do Brasil. Foi chefe de clínica cirúrgica da Sanca Casa de São Paulo, professor da clínica da Faculdade de Medicina da USP. Também foi político, elegendo-se deputado

estadual pelo PRP para o mandato de 1928/30. Doou um prédio no largo da Santa Casa, onde foi o Lar Dona Mariquinha do Amaral, em homenagem à sua mãe e patrocinou, às suas custas, a construção do prédio do Posto de Puericultura, onde hoje funciona o Juizado Especial Civil da cidade. Na praça dos três poderes há um busto em sua homenagem. Faleceu em São Paulo.

Noite Ilustrada– Mário de Souza Marques Filho (*10/04/1928 †28/07/2003). Natural de Pirapetinga/MG, filho de Mário de Souza Marques e de Maria Alexandrina Conceição. Teve filhos com a primeira esposa e com a segunda, Denise Silva Pinto, de família tradicional de Atibaia, teve uma filha. Iniciou sua carreira como músico em 1956 e a construiu muito bem. Nas últimas décadas de sua vida, morou no centro da cidade de Atibaia. Por autoria do vereador Odair Bedore foi homenageado com o título de Cidadão Benemérito.

Silvio Caldas (*23/05/1908 †03/02/1998). Natural de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, filho de Antônio Narciso Caldas e de Alcina de Figueiredo Caldas. Casou-se pela primeira vez com Angelina Delavechia e pela segunda vez em 1965 com Miriam Barbaglio, de Atibaia, cidade onde se estabeleceu nas suas últimas décadas. Foi um festejado cantor, chamado de seresteiro do Brasil, caboclinho querido e poeta da voz. Foi autor de grandes sucessos, entre eles, "Chão de Estrelas". Conheceu Atibaia em 1947 quando realizou um show no Clube Recreativo Atibaiano e desde então se apaixonou pela cidade. O coreto da praça Aprígio de Toledo (praça do mercado) tem o seu nome.

Tizuka Yamasaki (*05/1949). É natural de Porto Alegre/RS, filha de Rosio Yamasaki, já falecido, e de Sumiko Akiyoshi Yamasaki. Quando chegou em Atibaia em 1950, com apenas 1 ano, seus avós já moravam aqui. É prestigiada cineasta brasileira com um invejável curriculum na cinematografia e na TV do Brasil. Estreou no cinema em 1980 com o premiado nacional e internacionalmente ***Gaijin – Caminhos da Liberdade***, também realizou ***Parahyba Mulher Macho***, ***Lua de Cristal***, ***Encantados*** etc e, para a TV, a novela ***Kanaga do Japão***, a minissérie, ***O Pagador de Promessas***, entre outras. Retornando para Atibaia recentemente, está criando o coletivo audiovisual Serras e Água com intuito de capacitar e desenvolver a atividade audiovisual na cidade e na região.

Nota: Alguns personagens que marcaram a história da cidade, especialmente no ambiente político, não foram retratados neste capítulo porque sendo presidente da câmara, não ocuparam o cargo mais de uma vez, mas estão retratados em notas de rodapé como o caso de Florêncio Pires de Camargo, Luiz Fernando Pugliesi, Vanderlei Souza e outros.

Capítulo 5

Alguns atibaianos ou atibaienses, destaques em algumas profissões

Professores: Domingos Matheus, sobrenome italiano Mateutti, aportuguesado para Matheus, e outros como Orlando Gigliotti, Carmine BiagioTúndisi, Gersey Capelo Cruz, Sônia Alfonsi Queiroz, Helena Barreto, Nazira Sabag (ver adiante no capítulo da educação).

Advogados: em 1873, segundo o ***Almanaque Luné***, a cidade tinha os advogados bacharéis Jacinto Araújo Ferraz e Olímpio da Paixão e os advogados provisionados, ou seja, licenciados sem o bacharelado ou rábulas, Hilário Beraldo de Vasconcelos, José Joaquim de Medeiros e José de Paula Machado.

Em 1899, segundo o Almanaque de Bragança, os advogados bacharéis eram Afonso José de Carvalho, provisionado Aprígio de Toledo e solicitador Antônio de Almeida.

Em 1920/22 o advogado bacharel Álvaro Correia Lima se estabeleceu em Atibaia.

Depois outros advogados se destacaram, como Geraldo Cunha Barros, Paulo Celso Bastos, Walny de Camargo Gomes e tantos outros que atuam na cidade. Cerca de 1.350 advogados inscritos na atualidade.

Farmacêuticos: em 1772 se instala na cidade o farmacêutico Donato Mônaco. No século XX, destacamos Pompeu Vairo, filho de Miguel Vairo, Avelino de Almeida Bueno, Armínio de Castro Ferraz, Bento Escobar e Durval Mantovanni (*1919 †2009), natural de Bebedouro, chegou em Atibaia em 1955. Foi farmacêutico autodidata muito popular, chamado por muitos de médico dos pobres. Durval também foi vereador suplente entre 1960/63, eleito em 1964/69, 1969/73, 1973/77 e 1977 a 1982, e presidente da câmara em 1979/80, deixando a política em 1982, voltando a se dedicar somente ao ramo de farmácia.

Médicos: segundo Nelson Silveira Martins, em sua obra ***História de Atibaia***, até 1864 não se tem registro de nenhum médico na cidade, já um ano depois se verificam três: Moysés R. de Araújo Castro, Dupuís, francês, e Barrouin, também francês. Muito tempo depois, temos Olímpio da Paixão, que também era advogado, e mais recentemente Zeferino Alves do Amaral, Flávio Pires de Camargo, Irimar de Paula Posso, Milton Alvim Soares, médico e professor Montemor, que realizou o parto em que nasci, Oswaldo Pacini, Herconides Martins de Oliveira, Antônio Medina Dias e Vanderlei Sebastião Rocha, que marcaram a medicina na cidade junto de tantos outros que ainda se dedicam à medicina, como o Olavo Pires de Camargo, médico e professor, Wilson Rodrigues de Freitas, atibaiano e principal responsável pela instalação do hospital Novo em sua amada terra, hoje um hospital de referência na cidade. Maurício Huriguela, Olavo Malheiros Júnior, Shuharito Wada, Antônio Hernades Sobrinho, Kenji Kawakami, Márcio Borges da Fonseca, Yoshikazo Shimokawa (meu pediatra), João Antônio Delai, Felippo Campioni (um dos fundadores do Hospital Albert Sabin), Wilson Rodrigues de Freitas Junior, Yoshinori Nagaoka, Luciano Souza Aranha de Carvalho, Wagner Pinaff e tantos outros médicos que são de Atibaia ou atuaram na cidade.

Contadores: os atuais contadores, antes guarda-livros, desde sempre são importantes na história da cidade, entre os mais antigos podemos citar José Alvim de Campos Bueno, "Nhô Bim", Benedito Peranovich, João Batista Conti, Alfredo Sant'Anna, Antônio Bueno do Prado, Benedito Patrocínio, todos falecidos e, na atualidade, José Calazans da Silva, Salim Tanos, Laercio e Silvio Pinzan, Rean e Elton Ferreira Prado, Fábio Tomas Júnior.

Indústrias e grandes empresas: Cachaça Passarinho, da família Silveira; Guaraná Rosita, dos Rosa e Zigaib Café O Atibaiense fundado pela família Polinetti; Regi-flex, hoje Gramer, fundada por Wálter Kloth; Viação Atibaia/São Paulo fundada na década de 1950 por Gstão Ferreira Bueno – antiga viação Joanópolis que foi o embrião da viação Atibaia/São Paulo adquirida por Cido Franco e outros, desde a década de 1970 administrada por Sérgio Mantovaninni, administrador e advogado que também administra fazendas e é político, candidatando-se a prefeito em 2008 e obtendo excelente votação, o que o faz sempre ser lembrado nos pleitos na cidade.

Universo acadêmico: Adilson Carvalho, professor doutor, geólogo, professor titular de geoquímica e ex-diretor do Instituto de Geociências da USP. Já falecido, André Fernandes Romera, professor assistente de língua e literatura Espanhola e Hispano-americana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, pósgraduado em Letras Clássicas pela Universidad Complutense de Madri, Espanha. Já falecido, Augusto Titarelli, geógrafo, professor titular do departamento de geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, ex-presidente do CONDEPHAAT; Dinirah da Silveira Campos Pecoraro, professora catedrática de filosofia portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP; Douglas Antônio Zago, biólogo, professor do departamento de Histologia da Faculdade de Medicina da USP; Flávio Rodrigues Puga, biólogo, pesquisador científico e ex-diretor do Instituto Biológico de São Paulo; Fábio Barreto Matheus, professor do departamento de Otorrinolaringologia da Escola Paulista de Medicina da USP. Já falecido, Francisco Fernando Doratiotto, diretor da Casa da Cultura da América Latina da Universidade de Brasília e professor de história das Relações Internacionais do Brasil no Instituto do Ministério das Relações Exteriores do Brasil; Francisco José Teixeira Neto, médico veterinário, professor do departamento de anestesiologia e cirurgia veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da UNESP, campus de Botucatu/SP; Henrique Soares Cordeiro, historiador, professor do departamento de História da UFOO – Universidade Federal de Ouro Preto/MG; Hilton da Silveira Pinto, engenheiro agrônomo, professor titular do departamento de engenharia agrícola da Unicamp e diretor do Centro de Ensino e Pesquisa em Agricultura da mesma instituição; João Antônio Rodrigues, geógrafo, professor do departamento de geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; João Luís Zago Passador, administrador de empresas e bacharel em direito, professor da Faculdade de Economia da Universidade Estadual do Maringa/PR; José Bueno Conti, geógrafo, professor titular do departamento de geografia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; José Vitório Zago, engenheiro mecânico, professor de matemática aplicada e computacional da UNICAMP; Leila Abudd de Campos Marques, bióloga, professora doutora do Instituto de Biociências da USP; Marcelo Reicher Soares, matemático, professor da UNESP; Nelson Gimenes Fernandes, engenheiro agrônomo, professor titular da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da USP; Olavo Pires de Camargo, médico e professor titular da Faculdade de Medicina da USP; Oscar Barreto Filho, bacharel em direito, professor titular de Direito Comercial da Faculdade de Direito da USP; Oswaldo Albanez, economista, ex-diretor do Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal – CEPAM; Pedro Calil Pades, economista, professor da Faculdade de Economia e Administração da PUC e da Universidade de Sorbonne, na França, já falecido; Roland Vencovsky, engenheiro agrônomo, professor titular da Escola Superior de Agricultura da USP; Waldemar Safiotti, químico, professor

titular do Instituto de Química da UNESP de Araraquara; Márcio Manoel Maidame, mestre e doutor especialista em direito processual civil.

Artes Plástica e inventores: Dulce Granja Carneiro, artista plástica, fotógrafa; Jonette Alves de Souza, professora do departamento de artes da Universidade Federal de São Carlos; Romeu Caiani, artista plástico e pintor, já falecido; Mário Seabra, publicitário e inventor, já falecido; Aluísio, pintor, artista plástico, já falecido; Inácio Rodrigues, artista plástico, pintor; Pingitori, artista plástico e pintor; Bico Mendes, artista plástico e pintor; Rita Moura, artista plástica; Gersey Capelo Cruz, artista plástica; Neide Russomano, artista plástica; Patrícia De Carlo Cintra, pintora; Adriana Abramo, pintora; ShugoIzumi, ceramista; Cezira Colturato, artista plástica; Vitor Carvalho, fotógrafo; Edson Beleza, artista plástico, pintor; Márcio Zago, artista plástico; irmãos Spacek (Ivan e Igor), Carlos Breseghello, Lu Breseghello e Beth Verdegay.

Televisão, teatro, cinema: Oswaldo Barreto Filho, ator e diretor de teatro, já falecido; Elke Grunupp, "Elke Maravilha", atriz, já falecida; Fábio Cardoso de Almeida, diretor e ator de cinema e televisão, já falecido; Felipe Donavan, ator de TV; Lilita Martins e Oliveira, atriz, diretora de teatro e autora teatral; Alex Moreno, ator; Tzuka Yamasaki, diretora de TV e cinema; Yurika Yamazaki, produtora de arte (cenografia e figurino); Matheus Naschtergaele e, ator; Adriana Galisteu, atriz; Badi Assad, musicista; Tânia Khalil, atriz, Lucas Rangel, jornalista da TV Vanguarda; Oscar Filho, ator, apresentador de TV; Oscar Magrini, ator; Cesar Memolo Jr, cineastra; Ruth Escobar (*31/03/1935 †05/10/2017), atriz, política que teve um sítio em Atibaia; Hélio Souto (*25/03/1929 †05/10/2001) ator, diretor, morava em Atibaia onde faleceu.

Administração de empresas e economia: Francisco Silvério Sespedes, administrador de empresas pela Fundação Getúlio Vargas, foi diretor administrativo e financeiro das Alpargatas do Brasil; Roberto Rolli, administrador de empresas, ex-secretário de finanças da Prefeitura de Atibaia de 1998 a 2012, quando sanou as finanças públicas da cidade; Hélio Barreto Mateus, advogado, ex-presidente da Caixa Econômica Federal e ex-diretor da Ford do Brasil S/A em São Paulo.

Música: Maurício Soares Carneiro, músico, professor titular da Escola de Música e Belas Artes do Paraná; Daniel Nery, músico e maestro; Altemar Dutra Júnior (veja biografia); Alda Perdigão, cantora e compositora; Isadora Titto, cantora; irmãos Lora (Douglas e Alexandre), músicos; grupo Pedra Noventa, grupo musical, Edu e Evelin Rangel; Paulo Paulillo, cantor lírico.

Esportes: Nelson Luques, futebolista com passagens em muitos clubes no Brasil e no mundo; Mauro Fonseca, "Maurinho", ex-jogador do Flamengo; Letícia Santos, jogadora de futebol da seleção brasileira de futebol; Romeu, lutador de boxe, campeão brasileiro, já falecido; Rolando Rolli, futebolista, ex-jogador do Palmeiras; Fernandinho, ex-jogador do São Paulo; Ricardo Alfonsi, Demerval Aguirre, Olavo Franco, futebolistas; Silvio Alvim Laureano, jogador de handebol.

Literatura: André Carneiro, Vivian Aurora de Moraes, Gilberto Sant'Anna, Nelson de Souza, Euclídes Sandoval, que também foi fotógrafo, poeta, cineasta, Flavia Helena, poetiza, Juliana Gobbe, poetiza.

Pesquisadores, memorialistas, historiadores, genealogistas voltados à história de Atibaia: Waldomiro Franco da Silveira, João Batista Conti, Renato Zanoni, já falecidos; José Luiz Teixeira, Lilian Vogel, Adriano Bedore, autor deste trabalho, entre outros.

Capítulo 6

Figuras populares de Atibaia nos séculos XX e XXI

Alguma figuras populares que marcaram a história da cidade: Caetano das Pedras (Caetano Avelino da Silveira), João Piririca (João Pereira – o homem do trombone), Ramiro Ramos da Costa Almeida, Henrique Preto (Henrique Evaristo Ferreira), Antônio Bravo (Antônio Pereira dos Santos), João Rodrigues Dutra, Martinho Roncador ou Martinho Gravata (Martinho Graciano de Oliveira), Deolinda Maria da Conceição, Major Ramiro (Ramiro Ramos da Costa Almeida), Antônio Bravo (Antônio Pereira dos Santos), Rainha Miliana (Emiliana Maria de Jesus), Joaquim Antônio Lima, Deolinda Maria da Conceição, Martinho Roncador ou Martinho Grava (Marinho Graciano de Oliveira, Chico Manco (Francisco Gonçalves Peçanha), Joaquim Antônio de Lima, Teodora Clara do Rosário, Zatopek, Dito Gostosura (Benedito Soares), Onofre Finco, Maria Rojão ou Maria Homem, O Cego (Luiz Gallo), Jaú Bilheteiro (Benedito de Oliveira César. *1917 †11/02/1992, filho de Benedito Oliveira César e de Justinha de Oliveira Cesar), Chico Cruz e Nhô João, Nhô Cozinho, Nha Milhana (Emiliana Maria de Jesus), Nhá Brasília, Malvina e Francelino, Colete Preto, Gai-Gai, José Mandu (José Rodrigues de Oliveira), Nhá Maria do Alfio, Nhô Miguelzinho, Mariano, Tonico Bolinheiro (Antônio Rodrigues dos Santos, (*09/08/1931), Enguiça (Joaquim do Amaral), Nhô Toca, Jacaré (Orlando Coletti), Chico Dinheiro e Agostinho Poligrota (eram irmãos), Mário Aparecido Abramo (*1923 Bragança Paulista †2001 Atibaia), Mingo Verdureiro (Domingos Pereira Ferreira - *1938 †?), João Coriango (João da Silva Santos *1928 †Atibaia), Landislau Batista Barbosa (*1946 Atibaia †2004 Atibaia), Andrezinho (André Florêncio Rocha, *São José dos Campos), Guaracy Rodrigues Ferreira (*1928 Santos do Dumont †2006 Atibaia), Benjamin Rosa (*1913 Joanópolis †1995 Atibaia), Abdala Boutroso Badis (*1918 Damasco, Síria †2008 Atibaia), Elvis (Nemer Silva Haddad, *1964 São Paulo), Garrincha (Carmelindo Rocha (*1947 Atibaia), Toniquinha (Antonia Ravos de Almeida, *1928 São Joaquim da Barra †2010 Atibaia), Isabé Tatú (Isabel Maria de Jesus Ramos, *1938 †1998 Atibaia), Mudinha (*1932 Atibaia), Maria do Carmo (Donizete Batista, *1971 Atibaia) Mingo Verdureiro (João da Silva Santos, *1938 †?).

Capítulo 7
Evolução demográfica

Alguns censos populacionais 1724 a 1850.

Censo de 1724 – 220 homens (imaginamos que se contou apenas os homens brancos da freguesia – bairro).

Censo de 1665/66 – 1.506 no distrito e 1.754 em Jaguari.

Censo de 1785 – 18.063 (Atibaia compreendia; Jaguari – hoje Bragança, Santo Antônio da Cachoeira – hoje Piracaia, Capela – hoje Bom Jesus, Nazaré – e Campo Largo – hoje Jarinu).

Censo de 1798 – 4.271 habitantes, sendo 1.582 escravos.

Censo de 1805 – 7.739 habitantes, certamente contando com Campo Largo de Atibaia.

Censo de 1824 – 8.045 habitantes.

Censo de 1836 – 5.411 (somente Atibaia), sendo 2.692 homens, 2.719 mulheres, 2.303 pardos livres, 547 pardos cativos (escravos mestiços), 8 pretos crioulos livres, 1.233 crioulos cativos, 92 pretos africanos livres e 516 pretos africanos cativos. O município era dividido entre o distrito da vila com oito quarteirões, distrito da freguesia de Santo Antônio, hoje município de Piracaia, freguesia de Nazaré e o distrito da capela de Campo Largo, hoje município de Jarinu.

Censo de 1873 – Censo eleitoral. Neste ano eram eleitores[110] nove: dr. Antônio Bento de Souza e Castro, Pedro Barbosa de Vasconcelos Cunha, João Carlos de Oliveira, Lourenço Franco da Silveira, Jacinto Manoel Leite (meu pentavô), José Joaquim de Medeiros, Rodrigo Soares do Amaral (primeiro marido de uma tetravó), padre Ezequiel Teixeira Pinto e Francisco Antônio do Amaral.

Censo de 1876 – Atibaia, 4.456 pessoas, sendo 908 escravos. Campo Largo de Atibaia (Jarinu), 1.532 pessoas, sendo 158 escravos.

[110] As eleições para a câmara municipal eram realizadas em dois turnos ou dois graus. Os eleitores escolhiam um número reduzido de cidadãos, e estes elegiam os membros da câmara e dos demais cargos.

Censo de 1886 – Atibaia, 6.924 pessoas e Campo Largo (Jarinu), 2.110.

Censo de 1905 – Atibaia, 14.628 pessoas.

Censo de 1921 – 30 mil na comarca de Atibaia (Atibaia, Nazaré, Bom Jesus dos Perdões e Jarinu), no ano seguinte a cidade tinha apenas 901 eleitores.

Censo de 1934 – de terras. Atibaia estava dividida neste ano em 1.693, sendo 1.228 proprietários paulistas, 7 mineiros, 3 pernambucanos, 2 de outros estados, 10 sem declaração de Estado, 6 alemães, 1 francês, 4 austríacos, 165 espanhóis, 218 italianos, 4 japoneses, 7 sírios e 3 outros.

Censo de 1936 – eleitores neste ano eram 2.824 em Jarinu, 833. Na comarca, 24 mil.

Censo de 1940 – Atibaia, 4.187, Jarinu, 412 habitantes.

Censo de 1950 – 18.130, sendo 11.335 na zona rural e 6.795 na zona urbana.

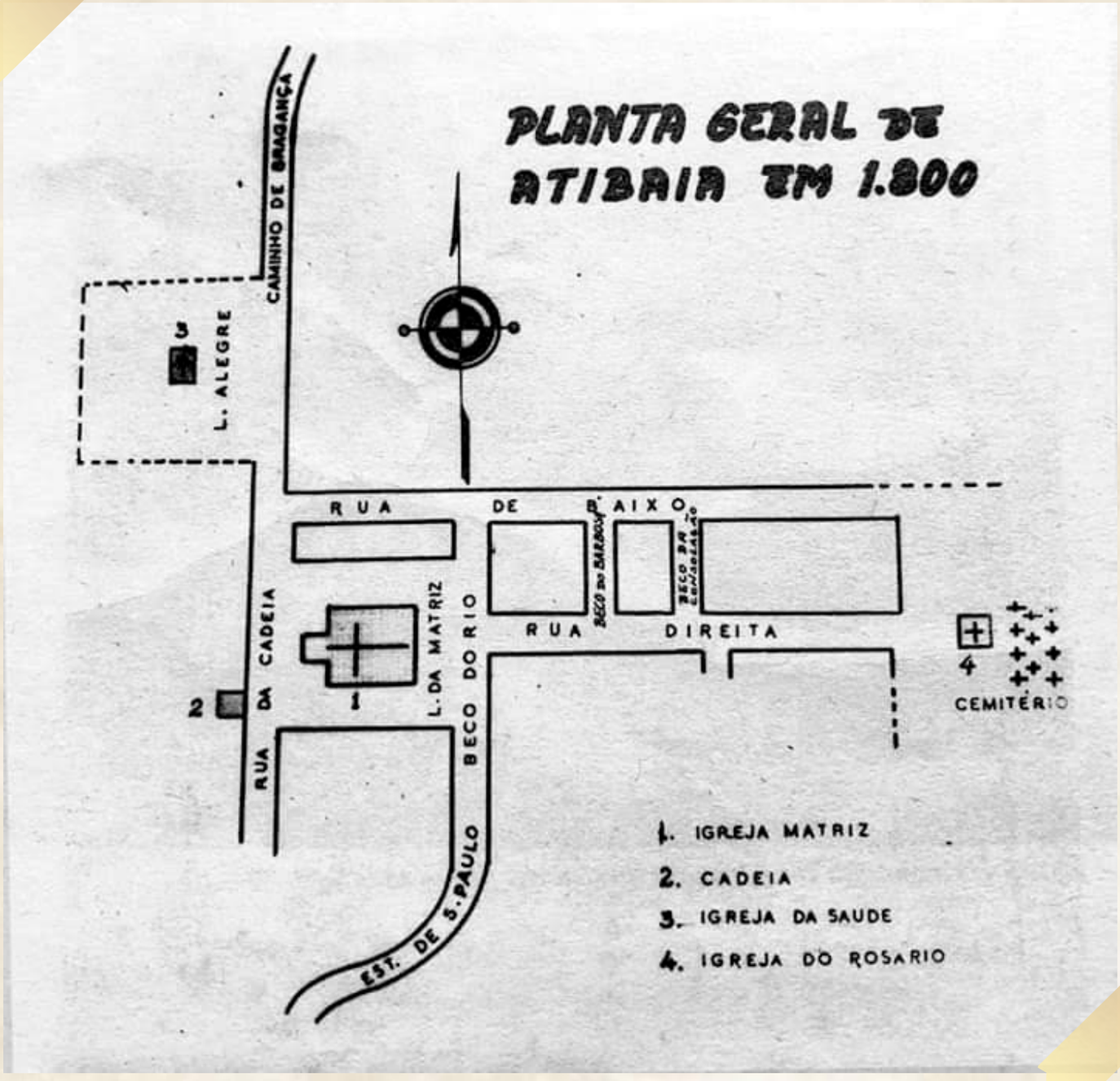
Censo de 1960 – 23.380, sendo 14.423 na zona rural e 8.957 na zona urbana.

Censo de 1970 – 36.838, sendo 16.458 na zona rural e 20.380 na zona urbana (primeiro censo em que a população urbana é maior que a rural).

Flávio Pileggi.

TÍTULO IV

EVOLUÇÃO ECONÔMICA, ESTRUTURAL E SOCIOCULTURAL DA CIDADE


PLANTA GERAL DE ATIBAIA EM 1.800
CAMINHO DE BRAGANÇA
L. ALEGRE
3
RUA DE BAIXO
BECO DO BARBOSA
BECO DA CONCEIÇÃO
RUA DIREITA
L. DA MATRIZ
1
BECO DO RIO
RUA DA CADEIA
2
4
CEMITÉRIO
EST. DE S. PAULO
1. IGREJA MATRIZ
2. CADEIA
3. IGREJA DA SAUDE
4. IGREJA DO ROSARIO

Capítulo 1

Ciclos Econômicos: do celeiro de São Paulo a cidade de muitas vocações

Atibaia, como os municípios mais antigos do Estado de São Paulo e do Brasil, nasceu exclusivamente agrícola e pecuarista. Inicialmente plantava-se aqui feijão, milho, amendoim, cana-de-açúcar, algodão, ervilha, bem como havia criação de porcos e gados. Atibaia, Bragança e Nazaré abasteciam nos séculos XVIII e XIX as cidades de São Paulo e Santos em muitos destes produtos agrícolas e da pecuária.

Segundo João Conti, o primeiro plantador de café de Atibaia foi o capitão José Antônio da Silva, em 1798, também o introdutor do arado. Ainda segundo o mesmo autor, em 1850 Atibaia produzia 520 arrobas de café por ano. No fim do século XIX o café era a maior cultura na cidade, chegando a produzir 180 mil arrobas em 1910.

COMPANHIA TÊXTIL BRASILEIRA

Em 1911 o major Juvenal Alvim, Benedito de Almeida Bueno, Francisco de Aguiar[111] Peçanha, Francisco Pires de Camargo, Florêncio Pires de Camargo[112], Joaquim Pires de Camargo e Olegário Barreto fundaram uma fábrica têxtil em Atibaia.

Gerar empregos para a população de Atibaia até então essencialmente agrícola foi a principal intenção dos atibaianos que se uniram para trazer a primeira grande fábrica para a cidade. Tempos depois a fábrica foi

[111] Francisco de Aguiar Peçanha, "Chicão", nasceu em 5 de novembro de 1874, foi comerciante e proprietário em Atibaia, onde também foi vereador na câmara pelo antigo PRP e depois pelo PR. Foi um dos fundadores do Clube Recreativo Atibaiano; provedor e tesoureiro da Santa Casa de Atibaia, dando valiosa colaboração na fundação do "Lar Dona Mariquinha do Amaral", do asilo "São Vicente de Paula" e deu valiosa contribuição na instalação da primeira fábrica de tecidos de Atibaia – Cia. Textil Brasileira – CTB. Faleceu solteiro em 27 de novembro de 1958

[112] Coronel Florêncio Pires de Camargo, "Nhô Flô" (*1869 †11/06/1951). Natural de Atibaia, filho do também cel. João Pires de Camargo e de Maria Joaquina da Conceição, da família Alves do Amaral. Casou-se com Joana Batista de Campos, da família Alves do Amaral. Foi fazendeiro e capitalista em Atibaia, onde também foi vereador (1914/17) e presidente da câmara municipal (1914/15). A mais antiga escola de educação infantil da cidade leva seu nome.

vendida para Afonso Vizeu, Nestor Barros e Plácido Gonçalves Meireles em 1931, adquirida pelo Banco Comércio e Indústria e no mesmo ano, pela Companhia Têxtil Brasileira – CTB, que expandiu muito suas instalações e atividades. A fábrica chegou a produzir 11 mil metros de tecidos diários e a ter cerca de 700 funcionários, o que para a época representava muito para a pequena população da cidade. O patrimônio da fábrica incluía casas para seus funcionários e em torno dela surgiram vários benefícios marcantes para a sociedade atibaiense, entre eles, a cooperativa de crédito, para os funcionários, e a associação Atlética CETEBÊ em 1934, hoje Grêmio Esportivo Atibaiense, clube social e esportivo, inicialmente apenas dos funcionários e depois aberto a toda sociedade atibaiense. A companhia vendeu a fábrica e seus imóveis para o grupo Zarzur que, por não investir e modernizar as instalações, tornou-se improdutiva e encerrou suas atividades no final da década de 1970.

A CIDADE DOS CONDOMÍNIOS, HARAS E PISCINAS

Atibaia se tornou uma cidade com números de condomínios, haras e piscinas bem acima da média brasileira. A quem afirme a que tem o maior número de equinos e condomínios fechados da região e o maior número de piscinas por habitantes do Brasil. O amor da cidade pelos cavalos é histórico, resiste ao tempo e à incompreensão de alguns que não entendem essa ligação milenar entre o homem e o cavalo.

Já relação aos condomínios fechados, eles são uma marca das residências da classe média da cidade. Um dos primeiros é o Flamboyant, que fica na avenida Santana. Outro condomínio festejado é o Estância Parque Atibaia, fundado e voltado para a comunidade judaica na cidade. Mais recentemente temos o condomínio de alto padrão Porto Atibaia e tantos outros espalhados pelos quatro cantos da cidade.

Quem sobrevoa a cidade vai notar milhares de pontos azuis, especialmente nos bairros das classes média e alta. Atibaia, a cidade das flores, do morango, dos condomínios fechados, dos haras e das piscinas.

Capítulo 2
Agricultura

Uma das principais causas para o surgimento da cidade de Atibaia, apontadas no começo deste trabalho, é a necessidade de ampliação das áreas cultiváveis próximas à então vila de São Paulo de Piratininga, para que a produção pudesse suprir suas demandas e de outras que apareceram antes de Atibaia. A região, não muito distante da vila do planalto (60 km), tinha um solo fértil e era cortada por bons rios, entre eles, o Juqueri, o Atibaia e seus afluentes.

Foto de morangos – Flávio Pileggi.

Com o início da ocupação rural do território atibaiano, ele começou a ser dividido em grandes fazendas que no século XVII eram distribuídas por sesmarias entre os partidários das famílias e aliados dos Pires e dos Camargos. Os primeiros que começaram a explorar e cultivar essas terras foram os próprios Pires e os Rodrigues Velho, que considero como os primeiros povoadores da região. E entre eles, o próprio padre e também latifundiário Matheus Nunes de Siqueira. Já do lado dos Camargos, os primeiros a ocupar as terras foram Amador Bueno da Ribeira e sua numerosa família e os irmãos Camargos, entre eles Marcelino e Jerônimo.

Atibaia foi uma das principais produtoras de trigo do Estado no século XVIII, tanto que em 1775 houve uma denúncia à Câmara de São Paulo de que a produção de trigo da cidade estava sendo desviada para Minas Gerais e não estava servindo a vila de São Paulo. Depois do trigo veio o café, que se impôs como principal produto da região até aproximadamente a década de 1950. No início do século XX Atibaia produzia 80 mil arrobas de café, em 1910, 180 mil, em 1920, 220 mil, chegando à marca de 14 milhões de pés de café, mas hoje essa lavoura está bem reduzida na cidade. A produção de cana-de-açúcar não foi muito difundida na região de Atibaia, exceto o engenho da Fazenda Campo Redondo, no bairro do Tanque, da família Matarazzo.

A produção de batatas também foi muito difundida na região, especialmente pelos espanhóis e depois pelos japoneses, que posteriormente investiram na produção de pêssegos, caquis, maçãs, peras, marmelos, uvas, figos alcachofras, pecãn (nogueira americana) e morango, que passou a ser um símbolo da agricultura da cidade nas últimas décadas em razão do grande cultivo, e talvez seja a maior produtora de mudas da fruta do Brasil.

A pecuária na cidade não é muito expressiva, mas ainda encontramos propriedades que se dedicam ao gado de leite e de corte.

A avicultura atingiu seu ápice de produtividade na década de 1950 e ainda é forte na região. Na mesma época se iniciou a produção de flores, também, na sua grande maioria, por japoneses, e que se tornou outro símbolo da cidade. A empresa de ônibus intermunicipal de Atibaia-São Paulo há anos adotou o slogan: "Atibaia, cidade das flores e do morango."

Existe desde 1981 uma entidade, a Pró-flor, que reúne e representa os produtores de flores na cidade e que é a maior responsável pela realização da já tradicional Festa das Flores e Morango, em setembro, no parque Edmundo Zanoni. A cidade é responsável por cerca de 25% da produção nacional de flores.

Após a monocultura do café, Atibaia passou a produzir hortaliças, como arroz, feijão, ervilha em vargem, sálvia, mandioquinha, alho e cenouras.

Atualmente Atibaia tem cerca de 850 unidades de produção agropecuária, sendo 80% delas abaixo de 50 hectares. O cultivo intenso, a criação de animais e a chegada da tecnologia de ponta nas propriedades rurais abrem novos postos de trabalho, gerando renda.

Foto de café – Flávio Pileggi.

Seu clima temperado seco permite o cultivo de plantas frutíferas europeias, como a videira, pereira, macieira, pessegueiro, caquieiro, mameleiro, hoje muito pouco difundido, figueiras, morangos e tantas outras, bem como a produção de sementes de hortaliças.

Nossa produção de uvas não é muito difundida, embora o nosso solo seja considerado muito bom para o cultivo e já tenha conquistado prêmios como o de 1953, na exposição Viti-Vinícola de Jundiaí, de uvas finas de vinho, com a variedade Itália, produzida por Tameiuki Nakasu. Já o vinho vem sendo produzido há muitos anos pela família Nardini e por outros que na atualidade têm tomado gosto pela sua produção artesanal, como meu parente Paulo Peçanha, que também se dedica à produção de mel na cidade.

Capítulo 03

Indústria, comércio e serviços

A INDÚSTRIA

A cidade tem uma razoável legislação de incentivos fiscais para a indústria, tais como:

Lei Complementar 678/2013, que cria o Sistema Municipal de Inovação e Incentivos Fiscais.
Decreto 7440/2014, que regulamenta a Lei 678/2013.
Lei Complementar 638/2011 – Incentivos Fiscais para instalação de estabelecimentos hoteleiros.
Decreto 6455/2011, que regulamenta a Lei 638/2011.

As principais indústrias instaladas na cidade são:

- Smart Modular Tehcnologies do Brasil SA
- Amvian Ind. de Peças Automotivas do Brasil
- Itm Latin América Ind. de Peças
- Petronas Lubrificantes do Brasil SA
- Viskase Brasil Embalagens Ltda
- Litens Automotive do Brasil Ltda
- Grammer do Brasil Ltda
- Hannon Brasil
- Cooper Standard Automotive do Brasil
- SMP Automotive do Brasil
- Castelatto Ltda
- Acument Brasil Sistemas de Fixação SA
- Leonard Construção Industrializada Ltda
- Huf do Brasil Ltda
- Treetech Sistemas Digitais Ltda

O COMÉRCIO E SERVIÇOS

Atibaia possui 5.280 comércios regularizados muito diversificados e referência para toda região atibaiana e bragantina. A rede bancária é formada por 14 agências bancárias, 3 agências de correio e 7 lotéricas.

Capítulo 4
Comunicações

JORNAIS

O primeiro jornal da cidade foi o ***Itapetinga***, criado em 16/08/1890, cujos redatores eram Olímpio da Paixão e Afonso José de Carvalho. Durou um pouco mais de dois anos.

O segundo jornal e o mais longevo, existente até hoje, é o centenário ***O Atibaiense***, lançado em 17 de fevereiro de 1901 por Antônio da Silveira Maia. A primeira edição do jornal foi tombada pelo Conselho de Patrimônio em 17 de fevereiro de 2001. O dr. Lourenço de Sá Albuquerque foi o último proprietário do jornal e ao falecer o deixou para Cúria Diocesana de Bragança Paulista que desde 1976 foi transferida para a família Basseto, inicialmente sob a direção do saudoso José Benedito Bassetto e atualmente por seus filhos Luis Wagner Bassetto e Carlos Alberto Bassetto

Depois vieram os seguintes jornais:

A Cidade, de 1913, cuja redação era de Alfredo André.

A Luz, de 1913, dirigido pelo professor Miguel Arruda.

O Bisturi, de 1916 que tinha como redatores, Alfredo André, dr. Orlando Vairo e Cesar Salgado.

A Verruma, de 1919.

O Carviz, de 1923, sob a direção de Pedro Moura.

O Arauto, de 1925, sob a direção de Dante Marinelli Schiavi.

O Momento, de 1927, sob a direção de Urbamo Meireles e João Bicudo.

O Principiante, de 1931, sob a direção de Duarte Conti e Helvécio Scapim.

O Correio de Atibaia, de 1919, fundado por José Preto da Silva, "Juca Preto" e refundado em maio de 1998, que circulou até 2000/01 sob a direção de David da Cunha Boal Júnior, amigo pessoal do autor desta obra, e de Wagner Silva (*03/04/1968, São Paulo †01/04/2020, São Paulo), ex-vereador e ex-presidente da Câmara.

O Cágado, de 1934, sob a direção de C. Profeta e Enéas Chiochetti.

Gazeta de Atibaia, de 1945 sob a direção Helvécio Scapim.

Tentativa, de 1949, sob a direção de André Carneiro, Dulce Carneiro e Cesar Memolo Júnior. Jornal literário.

Da década de 1950 até a atualidade foram muitos jornais que vieram, mas que tiveram vida curta na cidade. De lá para cá, os únicos que se mantiveram são ***O Atibaiense***, o ***Atibaia Hoje***, desde 1992 sob a direção do Jean Claude Latin, semanalmente, e outros quinzenais ou mensais, como a ***Folha de Atibaia***, desde 1978 e o ***Jornal Livre***, desde 1998.

RÁDIOS

A rádio técnica de Atibaia foi instalada em 05/11/1955, sendo seu fundador Ciro da Rocha Lima. O estúdio passou por muitos lugares e hoje se encontra no bairro do Alvinópolis. A rádio é da família Chedid, de Bragança Paulista.

TELEFONE E INTERNET

A rede telefônica foi instalada em 24/11/1901 e a primeira linha ligando a cidade à estação de Caetetuba foi de José Antônio da Silveira Maia, que organizou a chamada rede Maia. Em 1915 foram instalados os primeiros telefones residenciais no centro da cidade.

Por volta de 1970, José Pires de Camargo e Rubens Rossi fundaram a empresa telefônica de Atibaia, colocando à disposição da cidade uma moderna linha de telefones, inclusive na zona rural.

Atualmente a cidade é bem servida de telefonia fixa e móvel, bem como por sinais de internet. As principais praças da cidade são servidas de wi-fi.

Capítulo 5

Meios de transporte

Antiga estação de trem – Arquivo do Museu Municipal.

TREM/ESTAÇÕES

O ramal férreo bragantino foi construído pelo genealogista e engenheiro Luís Gonzaga da Silva Leme e inaugurado em 6 de agosto de 1884. Ligava Campo Limpo/Caixa D'Água/Campo Largo – Jarinu/Maracanã/Caetetuba – que era a estação de Atibaia/Tanque/Taboão, na periferia da cidade de Bragança/Curitibanos/Guaripocaba e Vargem.

O Ramal férreo de Piracaia foi inaugurado em 1° de fevereiro de 1914, iniciava em Caetetuba, passava em Atibaia (a estação da cidade ficava no atual cruzamento entre as avenidas São João e Jerônimo de Camargo), depois, Guaxinduva/Canedos/Arpui e Piracaia. A primeira linha férrea era de bitola estreita partindo da estação de Campo Limpo, dirigia-se à cidade de Bragança Paulista, e a estação de Campo Limpo oferecia conexões com a ferrovia Santos-Jundiaí, a principal linha para o escoamento do café colhido no interior do Estado, até o porto de Santos. Ao lado da estação ficam estacionados os troles, carroças e mais recentemente os automóveis que conduziam os passageiros, mas muitos iam andando para o seu destino. No caso, se fosse para o centro de Atibaia, descendo na estação da cidade, era só subir a avenida São João que logo estariam na praça Bento Paes (museu) ou Praça Claudino Alves (matriz).

No dia 24 de novembro de 1884, passou pela estação de Caetetuba o conde D'Eu, marido da princesa Isabel e no dia 12 de novembro de 1886, o imperador D. Pedro II e a imperatriz Leopoldina, em visita à Bragança Paulista, às 9h10 minutos desceram na estação de Caetetuba, onde foram recebidos pelo presidente da Câmara, Pedro Barbosa de Vasconcelos, pelo juiz de direito dr. Pedro Nolasco Xavier de Paula e por um grande número de atibaienses que aguardavam ansiosos o casal real brasileiro com muitas bandeirinhas.

No início da década de 1910, a São Paulo Railway substituiu os trilhos antigos por bitolas maiores e construiu novas estações e ramais. A estação de Atibaia, hoje no cruzamento das avenidas Jerônimo de Camargo (antiga linha férrea) e São João, foi inaugurada em 1914, portanto, há pouco mais de cem anos. Neste ano de 2020 a prefeitura aproveitou as instalações anexas à antiga estação para abrigar a nova sede da Assistência Social e pretende transformar o prédio principal da estação num museu.

No dia 16 de dezembro de 1966 os ramais de Atibaia (São João X Jerônimo de Camargo), Guaxinduva, Canedos, Arpuí, Piracaia, Vargem e Curitibanos assistiram às últimas viagens de trem. Já no dia 21 de junho de 1967 foi a vez das estações do Tanque, Caetetuba, Maracanã, Iara e Campo Largo assistirem pela última vez à passagem do trem e assim terminava um ciclo muito importante que fez parte da vida de praticamente todos os moradores da região.

A primeira locomotiva da Bragantina, a "Conde De Três Rios", restaurada, circula em um pequeno trajeto de 1 quilômetro na estação Atibaia, no bairro Caetetuba, que funciona como um espaço de eventos, inicialmente projetado como um parque de trens por José Augusto Roberto.

Para mim, todas as antigas estações de trem de Atibaia devem ser totalmente preservadas como memória eterna deste período tão importante para o município e região, podendo ser usadas como espaços públicos voltado principalmente para educação e cultura, mantendo-se, evidentemente, toda originalidade dessas joias do passado.

ÔNIBUS/RODOVIÁRIAS

A cidade tem uma rodoviária no centro na cidade desde 1964 e mais três terminais rodoviários, como o do Jardim Imperial, bairro do Portão e Tanque.

ESTRADAS/AUTOMÓVEIS

Muito provavelmente o traçado da atual rodovia Fernão Dias que liga São Paulo a Belo Horizonte deve ter se originado a partir de trilhas indígenas, tal qual muitas outras importantes estradas brasileiras. Três eram os caminhos paulistas que levavam às regiões mineradoras, ou seja, ao atual Estado de Minas Gerais.

O principal caminho era o que passava pela garganta do Embu, mais conhecido como caminho velho, o segundo seguia por Juqueri, atual Mairiporã, passava por Atibaia, mais tarde por Bragança, nascida como local de parada, cerca de cem anos depois do nascimento de Atibaia, Extrema, Camanducaia e as demais cidades às margens da rodovia Fernão Dias.

A estrada de rodagem Atibaia-São Paulo-Bragança foi inaugurada em 30/10/1927 pelo governo paulista com a presença do então governador Júlio Prestes, sendo o orador o então pároco de Atibaia, padre Chico. Em 12/06/1960 foi inaugurada a nova rodovia Fernão Dias, asfaltada pelo governador Carvalho Pinto, e em junho de 2002 foi concluída mente a duplicação da rodovia Fernão Dias, principal acesso à cidade de Atibaia.

O transporte público de Atibaia a São Paulo é feito desde 1956 pela empresa Atibaia - São Paulo, antes Auto Viação Joanópolis, fundada por Gastão Ferreira Bueno e adquirida em 1966 por José Aparecido Ferreira Franco que esteve a frente da empresa até 1989 quando ocupou pela segunda vez o cargo de prefeito de Atibaia, sendo substituído por seu genro, Sérgio Mantovaninni, casado com Marisa Franco. Sérgio nasceu em 14/07/1949 em Pedro de Toledo/SP. É filho de Durval Mantovaninni e Yolanda Campos. Formado em direito, é empresário e em 2008 foi candidato a prefeito pelo PMDB obtendo 26 mil votos contra 28 do eleito Dr Denig.

Segundo o jornal ***O Atibaiense***, foi em 1912 que Atibaia ganhou seus primeiros automóveis e se estabeleceu uma linha de carros de aluguel entre a cidade e a estação ferroviária de Caetetuba. Hoje sua frota é de 116.675 veículos (em janeiro de 2020).

AVIÕES/AEROPORTOS

O primeiro campo de aviação da cidade foi inaugurado em 30/12/1928 e ficava atrás do cemitério São João Batista, onde também já foi a garagem municipal, que hoje está à venda. Em 24/06/1971 foi inaugurado o segundo e atual aeroporto da cidade, Dr. Olavo Amorim Silveira, construído na sua gestão como prefeito nomeado, em seu terreno e suas despesas pessoais. O aeroporto tem uma pista de cerca de 1.200 metros de cumprimento e vários angares.

Capítulo 6

Abastecimento de água, tratamento de esgoto e energia elétrica

O rio Atibaia que dá o nome a cidade, nasce no município de Bom Jesus dos Perdões, próximo da tríplice divisa entre os municípios de Atibaia, Piracaia e Bom Jesus dos Perdões, após o encontro dos rios Atibainha que nasce em Nazaré Paulista e Cachoeira que nasce no Estado de Minas Gerais. O rio corta a cidade de leste a oeste e segue passando pelas cidades de Jarinu, Itatiba, distrito de Souzas, Campinas, Sumaré, Valinhos e Vinhedo, Americana e Paulínia. Além de abastecer 70% por cento da população de Atibaia, abastece 95% da população de Campinas e outras cidades da região. Logo após passar pelo município de Paulínia o rio encontra-se com a usina hidrelétrica Salto Grande, com cerca de 8 km quadrados de área inundada. Logo depois da jusante da Usina o Rio encontra com o rio Jaguari, formando o rio Piracicaba.

Antes de a cidade ser servida de água encanada, seus moradores abasteciam suas casas nas fontes existentes atrás das igrejas matriz e, principalmente, do Rosário, que foram chamadas de Rosário e depois de "biquinha da Sinhá". Em 11/11/1895 foi inaugurado o primeiro chafariz da cidade no Largo Alegre, hoje praça Bento Pais, ou praça do museu Municipal João Batista Conti, dando início à água encanada na cidade. A água que abastecia a cidade vinha da serra. Na década de 1950 a cidade começou a ser abastecida pelas águas do Rio Atibaia, captadas no final da avenida Terceiro Centenário, na gestão de Walter Engrácia de Oliveira.

Sobre a água consumida na cidade hoje (2020), 92% da população do município é atendida pelo sistema de abastecimento que é dividido em três fontes: 1) ETA do centro - Estação de tratamento de água, que trata as águas do rio Atibaia e abastece 70% da cidade; 2) do ETA 2 do bairro Jardim Cerejeiras, que trata as águas do ribeirão do Onofre e abastece 28% da cidade e 3) do ETA 3 do portão, que trata as águas do córrego dos Pintos, afluente do Onofre e abastece 2% da cidade, especialmente o bairro do Portão.

O esgoto da cidade é coletado atualmente (2020) na casa de 71,92% (SNIS 2018) e desse volume 81,2% é tratado, através de uma das Estações de Tratamento de Esgoto. A meta é tratar 100% do esgoto coletado até 2025. Segundo o SAAE, atualmente cerca de 90% do esgoto coletado é tratado na ETE do Estoril, mas com a inauguração da ETE de Caetetuba, ela passará a tratar 30%, ficando a ETE Estoril responsável pelo tratamento de 60% dos esgotos gerados na cidade.

Além da ETE (Estação de tratamento de esgoto) do bairro Estoril, maior e mais moderna , a cidade conta com a ETE do bairro Cerejeiras que trata o esgoto do nova atibaia e dos prédios coloridos da Jerônimo.

A cidade também conta com a pequena ETE Palmeiras, que atende só o Kardim das Palmeiras. E em dezembro deste ano (2020) a cidade contará com a ETE do bairro Caetetuba.

Com relação aos resíduos sólidos produzidos na cidade, 92% são transbordados para o aterro sanitário na cidade de Paulínia, contrato de 01 ano e 8% dos Resíduos são reciclados na cidade.

A iluminação pública primitiva era feita através lanternas colocadas em frente às casas. Em 25/12/1907 foi solenemente inaugurada a iluminação pública fornecida pela empresa Elétrica Bragantina. Em 1928 a câmara municipal deu início à construção da usina elétrica própria com a doação de terras feitas pela família Pires de Camargo.

Usina elétrica – Flávio Pileggi.

Usina elétrica – Arquivo do Museu Municipal.

Capítulo 7

Saúde

SANTA CASA

A Santa Casa é o principal hospital público de Atibaia, possui 32 leitos de enfermaria, dois leitos de psiquiatria, sete leitos de observação no pronto-de-Socorro, dez leitos de maternidade, cinco leitos de pré-parto, dez leitos de pediatria (internação), quatro de observação do pronto-de-socorro pediátrico, seis leitos de UTI adulto, três leitos de emergência adulto, dois leitos de emergência pediátrico.

A cidade conta ainda com dois grandes hospitais particulares, o Hospital Novo Atibaia e o Hospital Albert Sabin, com uma UPA – Unidade de Pronto Atendimento – e com vinte e três clínicas para idosos e sete de recuperação de dependentes. No começo de junho deste ano, 2020 a prefeitura anunciou a construção de um hospital municipal no bairro de Alvinópolis com previsão de inauguração em 18 meses.

Atibaia possui as seguintes unidades de saúde:

Dr. Herconides Martins de Oliveira – UBS Usina
UBS Campos dos Aleixos
UBS Rio Acima
UBS Rosário
UBS Tanque
UBS Flamenguinho
Dr. Oswaldo Paccini – UBS
UBS Alvinópolis
Unidade de Saúde Santa Clara
USF Carmelina Silveira Cintra – USF Boa Vista
Farmacêutico Pompeu Miguel Vairo – USF Rio Abaixo
Pedro Maturana – USF Cerejeiras
USF São José
USF Itapetinga
Ana Nery - USF Imperial

USF Jardim Maracanã

Flórido José Batista – USF Cachoeira

Majuca Macedo – USF Portão

Ambulatório Infantojuvenil Vila Nova Aclimação (prédio da APAE)

Prefeitura da Estância de Atibaia Secretaria Municipal de Saúde Centro de Atenção Psicossial – Laboratório Municipal

Policlínica

UBS Sumico Ono

Os principais programas de saúde pública existentes na cidade: Estratégia de Saúde da Família, SAMU, CAPS, Unidades Básicas de Saúde, UPA, Programa de Imunização, Programa Mais Médicos, Programa Saúde Bucal, Programa Saúde na Escola, Programa Melhor em Casa, Academia da Saúde, Controle de Tabagismo, Práticas Integrativasde Saúde, Bolsa Família, Residência Terapêutica, Ambulatório de Álcool e Drogas e Infantojuvenil.

As taxas de mortalidade infantil em Atibaia estão dentro da média brasileira:

2015 - 33 óbitos em menor de 1 ano, Taxa de: 15,8%

2016 - 18 óbitos em menor de 1 ano, Taxa de: 8,7%

2017 - 23 óbitos em menor de 1 ano, Taxa de: 11,1%

2018 - 10 óbitos em menor de 1 ano, Taxa de: 4,7%

2019 - 23 óbitos em menor de 1 ano, Taxa de: 11%.

Santa Casa de Misericórdia – Arquivo do Museu Municipal.

Capítulo 8
Educação

Em minhas pesquisas, não descobri ao certo quando a cidade teve seu ou seus primeiros educadores ou mesmo sua primeira instituição de ensino. Descobri que em 1814 os vereadores reclamavam da demora para nomeação de um professor de latim.

Em 1815 foi nomeado o padre Manuel Batista de Sá Rangel para a cadeira de Latim e Simão Pereira Barreto Félix para a cadeira de primeiras letras.

Em 1820 eram professores: Inácio Ubaldino de Abreu para a cadeira de latim e José Joaquim de Moraes Saldanha para a cadeira de primeiras letras. Em 1851 ocupava a cadeira de primeiras letras Francisco de Castro Moreira e depois Antônio de Toledo Ordonhes. Neste mesmo ano, mais precisamente no dia 14 de julho, foi criada a primeira escola para mulheres, sendo a primeira professora Guilhermina de Toledo Ordonhes, provavelmente esposa e ou irmã de Antônio, também professor.

No dia 24 de maio de 1865 descobrimos a criação de um outro colégio particular para meninas dirigido por madame Arpeenans a qual dava aulas de português, francês, canto, piano, desenho e prendas domésticas.

Pelo senso de 1873 descobrimos que os professores eram Francisco Compton D'Elboux, filho de outro de mesmo nome, que imigrou da Inglaterra entre 1780 e 1790 onde nasceu e se casou, tendo sido sargento-mor da cidade de São Paulo. Já o professor Francisco Compton D'Elboux deve ter nascido em São Paulo no início do século XX (era irmão de um dos meus tetravós, Carlos Augusto D'Elboux).

Em 1884 os professores eram José Pereira Bicudo Filho e Escolástica de Toledo Bicudo e no recenseamento de 1836 Atibaia tinha seis escolas masculinas e duas femininas, com 132 e 52 alunos respectivamente.

No fim do século XIX e início do XX havia quatro escolas na zona urbana do município dirigidas pelos professores Edmundo Malaquias de Almeida Lisboa, Eugênio Augusto de Toledo, Risoleta Ceslau de Moura e Maria da Glória Eurique Lisboa.

No início do século XX foi aprovada a lei dos fogões, que consistia em cada proprietário pagar uma taxa por cada boca de fogão existente na casa e o valor arrecadado ser destinado para a construção da primeira escola pública do município.

Em primeiro de julho de 1902, por proposta do vereador Juvenal Alvim, a câmara encaminhou à assembleia estadual um pedido para a criação do primeiro grupo escolar da cidade, oferecendo em contrapartida o terreno necessário para a construção da escola e a quantia de 20 mil réis da verba arrecada com a taxa dos fogões. O terreno em questão era no então Largo do Rosário, em frente ao antigo cemitério do Santíssimo Sacramento, ou

seja, onde hoje é a praça Guilherme Gonçalves, na frente da escola José Alvim.

As obras do grupo escolar iniciaram-se em 06/04/1903, foram concluídas no dia 04/04/1904 e o grupo foi inaugurado em 17/06/1905 e no dia 06/03/1906 por ato do então Presidente da Província, hoje governador do Estado. Foi dado o nome de Grupo Escolar José Alvim em homenagem ao José Alvim de Campos Bueno, mais conhecido como Nhô Bim, pai do major Alvim e do Zé Bim e importante líder político do fim do Império e especialmente início da República.

Atibaia foi uma das primeiras cidades do Brasil a decretar o ensino primário como obrigatório, através da Lei Municipal n° 100 de 03/11/1906 e da Lei Municipal n° 185 durante a gestão do capitão Leopoldo Soares do Amaral, irmão do meu trisavô José Benedito Leite.

A educação continua crescendo em Atibaia e em 1912 foi criado pelo professor Miguel Arruda o curso preparatório, o Externato Cesário Mota.

O ginásio Atibaiense foi idealizado e concretizado pelo visionário Cesár Memolo, que passou a residir em Atibaia, onde fez investimentos na área imobiliária, hoteleira e educacional. Em 1945 comprou de Joviano Alvim as terras que destinou para a construção do ginásio. Em 26/10/1946 iniciou-se a campanha para o ginásio Atibaiense, cuja aula inaugural se deu em 09/03/1948 pelo senador Lino de Matos por iniciativa do visionário César Memolo. Este ginásio passou para o Estado, trata-se da Escola Estadual Major Juvenal Alvim.

Em 1951 foi fundada pelos professores João Pereira Dias e José Xavier da Costa Lana a Escola Técnica de Comércio Gertrudes Pires Alvim em prédio próprio na avenida Nove de Julho.

Em 1954 fundou-se a primeira escola de ensino infantil da cidade ou pré-escola, também conhecida como Parquinho. A escola primeiramente teve o nome de Parque Infantil Engenheiro Nilo Andrade do Amaral, que foi secretário Estadual do governador Lucas Nogueira Garcês em 1952, e em 1956 passou a se chamar EMEI Florêncio Pires de Camargo

Atibaia também teve uma importante e tradicional escola primária particular nas décadas de 1950 e 1960 de propriedade da professora Aracy Bueno Conti – escola 13 de maio.

UNIFAAT

Em 1971, anexa ao instituto educacional Gertrudes Pires Alvim, deu-se início à primeira faculdade da cidade: Faculdade Administrativas e Contábeis de Atibaia, que passou a se chamar FAAT. A partir de 1999 os professores assumiram a mantenedora. Em 2006 foi inaugurado um novo Campus e em 23 de março de 2018 a faculdade conseguiu ser reconhecida pelo Ministério da Educação como universidade, nascendo aí a primeira e única universidade da cidade – Unifaat, cujo campus fica no bairro Jardim Brogotá, na Boa Vista.

ALGUMAS UNIDADES DE EDUCAÇÃO DA CIDADE:

REDE MUNICIPAL

CEI[113] Aracy Salles Pereira (*18/03/1910, Marisol/SP †28/02/1994, Atibaia)

CEI Zilda Aparecida Silveira (*30/10/1941, Atibaia)

CEM – Centro Integrado de Educação Municipal

CIEM – Centro de Formação

CIEM – Creche

CEI – Aparecido Pinheiro Maturana

CEI Irene Janussi Franco

CEI Maria José Borges Russomano

CEI Maria Regina Alfonsi Quintanilha (*22/06/1945, Atibaia †05/05/19993)

CEI Professora Nelide Grecco Avanço

CEI Sebastião Poloni

CEI Educadora Cristiane Alves Feitosa

CEI Judith Graciano (*06/11/1942 Camanducaia/MG †12/03/1999, em Atibaia)

CEI Diretora Rozana Lourdes Netto Zani

EM[114] Padre Armando Tamassia (*31/01/1936, Joanópolis/SP †?)

EM Diretora Eleonor de Barros (*14/09/1948, Atibaia)

EM Felipe Patacho Callegari

EM Professora Ercília Bacci (*08/04/1942, Piracaia)

EM Francisco da Silveira Bueno (*20/08/1898, Campo Largo de Atibaia, hoje Jarinu †1989)

EM Florêncio Pires de Camargo

EM Professor Guilherme Pileggi Contesini (19/07/1923, Campo Largo de Atibaia, hoje Jarinu †13/08/2012, Atibaia)

EM Professora Maria Helena Faria Ferraz (31/03/1918, São Bernardo do Campo/SP †14/04/1993, Atibaia)

EM Catarina Maria dos Reis

EM Professora Maria José Maia de Toledo (*30/10/1886, Jundiaí †18/09/1969, Atibaia)

EM Professora Maria de Paula Posso (*13/04/1913, Igarapava/SP)

EM Maria Cecília Lima (*12/11/1933, Guaxupé/MG †06/10/1992, Atibaia)

EM Eva Cordula Hauer Vallejo

EM Doutor José Aparecido Ferreira Franco

EM André Franco Montoro

[113] Centro de Educação Infantil – Escola municipal.

[114] Escola Municipal – ensino da primeira à quarta série do ensino fundamental.

EM Prefeito Gilberto Sant'Ananna
EM Ignácio Borges
EM Licínio Carpinelli (*02/09/1891, Nazaré Paulista/SP)
EM Pedro de Alcântara dos Santos Silva (*08/12/1962, Atibaia †18/12/1995)
EM Rita Lourdes Cardoso de Almeida Alvim (*24/06/1902, Mogi-Mirim/SP †1994, Atibaia)
EM Professora Rosa Stávale Garoa Lopes (*01/12/1897, São Paulo †em Atibaia)
EM Professora Rosiris Maria Andreucci Stopa (*07/01/1925, São Paulo †12/02/1989, Atibaia)
EM Professora Serafina De Luca Cherfen (*06/11/1914, Cocenza, Malito, na Calábria – Itália †1985, Atibaia)
EM Professora Maria José Cintra dos Santos
EM Estudante Nelson José Pedroso
EM Nize de Souza Bargosa Paccini (*08/11/1920 em Campo Grande/MS †?, Atibaia)
EM Educador Paulo Freire
EM Prefeito Takao Ono (ver biografia no capítulo dos prefeitos)
EM Prefeito Walter Engrácia de Oliveira (ver biografia no capítulo dos prefeitos)
EM Therezinha do Menino Jesus Silveira Campos Sirera (*11/02/1926, Atibaia)
EM Walda Paolinetti Lozasso (*20/04/1919, Atibaia)
EM Waldemar Bastos Buhler (*31/12/1919, São Paulo †14/01/1990)

CRECHES

Creche Comunitária Beija Flor
Creche Comunitária Berçário Beija Flor
Creche Comunitária Antônio da Costa Vicente/Sítio dos Rosas
Creche Comunitária Clara Maria de Jesus
Creche Comunitária Florindo Beasin/Além do Arco Íris
Creche Comunitária Mãe Natureza Unidade I
Creche Comunitária Mãe Natureza Unidade II (berçário)
Creche Comunitária Rita de Cássia Denig/Nova Geração
Creche Comunitária Paraíso I
Creche Comunitária Paraíso II (José Ribeiro Soares)
Creche Comunitária Pedacinho do Céu
Creche Comunitária Pingo de Ouro
Creche Comunitária Raio de Sol
Creche Comunitária Santa Terezinha do Menino Jesus (ASA)
Creche Comunitária São Felipe
Creche Comunitária Sonho Meu
Creche Comunitária Semente de gente/Maracanã
Raio de Luz (APAE)

REDE ESTADUAL

EE Professora Aracy Bueno Conti (*06/11/1900, Atibaia †16/01/1982)
EE Professor Carlos José Ribeiro (*18/04/1927, Amparo †11/08/1985, Atibaia)
EE Professora Circe Teixeira Musa e Silva (*25/07/1925, São José dos Campos/SP †11/06/1974, Atibaia)
ETEC Carmine Biagio Tundisi
EE Constantino Simões de Lima (*26/09/1909, Mogi-Mirim †27/05/1983, São Paulo)
EE Enid Cintra Ferro (*09/10/1928, São Paulo)
EE Estudante Ednaldo Aparecido Salles
EE Francisco de Aguiar Peçanha
EE Fúlvia Maria Aparecida Cancherini Fazzio (*22/01/1928, Bragança †22/01/1983, Atibaia)
EE Gabriel da Silva (*10/07/1884, Itapetininga/SP †04/04/1955, Bragança Paulista)
EE Izolina Patrocínio de Lima (*24/09/1900, Bragança †25/03/1976, Atibaia)
EE Professor João Antônio Rodrigues (*05/02/1936, Atibaia †?)
EE Professor João Evangelista Mariano da Costa Lobo (*04/09/1928, Campinas †31/07/1986, Sorocaba/SP)
EE José Alvim (primeira escola de Atibaia)
EE José Pires Alvim
EE Júlio Cesar Flórido Raffaeli (*24/121953 em Atibaia e aí †26/03/2011)
EE Major Juvenal Alvim
EE Professora Maria Cecília Teixeira Pinto (*23/11/1946 em Atibaia e aí †06/06/1971)
EE Professora Maria do Carmo Barbosa (*14//07/1889, São Paulo †19/05/1961)
EE Padre Matheus Nunes de Siqueira
EE Renato de Azevedo Rezende
EE Professora Zilah Barreto Pacitti (*22/04/1939, Atibaia †07/06/1976)

A cidade também teve as seguintes escolas, hoje desativadas:

Ismênia Cunha Cintra (*10/09/1904 Barretos †06/12/1954, Atibaia), Thereza Marcílio (*07/06/1903, Campinas †26/08/1983, Atibaia), Luiz Carlos de Sousa Palma (*03/11/1930, Piquete/SP † Atibaia), Maria José Bueno de Aguiar Gomes (*04/11/1929 †2017), Maysa Cherfen Zigaib (*09/04/1938, Limeira/SP † Atibaia), Orlando Gigliotti (*08/04/1927, São Paulo † maio de 2020).

CIEM 2– Arquivo do Museu Municipal.

Capítulo 9
Esportes

Futebol: aos 14 de julho de 1907 o nosso centenário jornal ***O Atibaiense*** dá a seguinte notícia: "Hoje às 4 da tarde, realiza-se uma reunião no Theatro desta cidade, a fim de fundar-se o Atibaiense Foot-Ball-Club, para isso pede-se a todos aqueles que desejarem ser sócios que compareçam..", mas a inauguração do campo aconteceria quatro anos depois, como publicou o mesmo jornal, "...Foot ball haverá hoje às 5:30 em ponto no ground (campo) deste club um trienning (jogo) entre os 2 Teams (times) assim organizados: Equipe vermelha: Menotti Barca, Zé Zigaib, Caldeira, Lano, Joviano, Mendes, Samuel, Osvaldo Barreto, Heitor e Candido e a equipe branca: Tácito, Toledo, Jovino, Almeida, Ataliba, Garcia, Sansão, Adão, Chiquinho, Virgílio e o reserva Alfredinho. Que os jogadores acompareçam completamente uniformizados às 5:30 em ponto". E assim nasceu o esporte mais popular do Brasil em Atibaia. Creio que esse primeiro campo de futebol se localizava próximo ao Santo Cruzeiro, hoje praça Miguel Vairo, ou praça da Santa Casa.

Com o passar do tempo, outros clubes foram surgindo. O Sport Clube Operário e a Sociedade Athlética Atibaiense por volta de 1915, fundiram-se em junho de 1917. Em 1939 surge o A.A.C.T.B, hoje Grêmio Esportivo Atibaiense, presidido pelo pai, Odair Bedore, desde o início dos anos 2000. Em 1° de fevereiro de 1930 surge o São João Futebol Clube, hoje São João Tênis Clube, que conseguiu uma concessão de terreno perto da caixa-d'água, hoje um dos metros quadrados mais caros da cidade (avenida Juca Peçanha) e cuja sede é atualmente a melhor entre os clubes de serviço. Estes últimos, (São João e CTB), por muitos anos eram a maior rivalidade futebolista da cidade e contribuíram muito para o engrandecimento do futebol em Atibaia. Hoje, ambos não têm mais times, portanto, a rivalidade entre eles, motivada pelo futebol, não existe mais.

Em 1906 foi fundada a Sociedade Italiana e com ela vieram os jogos de dama, dominó e a bocha.

Natação: o grande impulso aconteceu com a fundação do Clube de Campo na década de 1930, atual Parque Municipal Edmundo Zanoni. Não existia exatamente uma piscina, mas um cercado dentro do lago que o dividia do local destinado à prática da natação, com direito a um trampolim de madeira. Na década de 1940, Antônio Badialli e Benedito Pinheiro (Pinheirão – meu tio-avô materno, casado com Alda Freitas Pinheiro, irmã da minha avó materna) eram exímios em saltos ornamentais na água, dando verdadeiros espetáculos no trampolim da piscina do Clube de Campo, hoje Parque Municipal Edmundo Zanoni. Antônio Badialli saltava do alto da carga de um caminhão colocado sobre a ponte do rio Atibaia e o Pinheirão, la de Atibaia a Itatiba dando braçadas pelo rio Atibaia, quando suas águas eram mais límpidas. Na década de 1950 o clube de campo ganhou piscinas e um salão de festas, o mesmo que existe até hoje.

Clube de Tiro: em junho de 1917 nasceu o Tiro Brasileiro, com 82 sócios. Na década de 50 o clube adotou o tiro ao pombo e ao pato, que provocou revolta nos defensores da natureza da época. Essa prática era desenvolvida também no Clube de Campo. Na atualidade, desde 1990 existe um novo clube de tiro no bairro Jardim dos Pinheiros

Aviação: o velho sonho de voar começa a se tornar realidade na década de 40 e o avião começava a se popularizar. Em Atibaia surgiram os primeiros adeptos do aeromodelismo nos anos 50 e voo nos aviões de verdade quando se fundou o Aero-Clube. A pista de pouso era atrás do cemitério do centro, ao lado da avenida Horácio Neto, onde já foi o depósito municipal. Entre os amantes do aeromodelismo, podemos citar um dos maiores incentivadores da prática: César Rafaelli, Ari Gallo, Rubens Rocha, José Belviro, Tranquilo Massoni, Victorino Carvalho, José Giraldi, capitão Rangel, capitão Gonzaga, capitão Curtis, major Braga, capitão Vilela e o tentente Vaz. Na atualidade o aeromodelismo é praticado em alguns bairros da cidade, já a pilotagem funciona no aeroporto da cidade.

Outros esportes: na atualidade, as corridas têm sido muito praticadas na cidade, mas sua prática vem das décadas de 30 a 50. O basquete e especialmente o volei são bastante praticados. O voo livre com asas-deltas e paraglider, o trike (asa-delta motorizada), skate, judô, ciclismo e o basebol são outros esportes bastante praticados na cidade. No voo livre, a cidade faz parte do circuito paulista.

Pelo segundo ano consecutivo (2019/20) a cidade sedia o duelo de motos transmitido pela rede Globo de televisão.

CLUBE DE TIRO

Na atualidade, existem três clubes de tiro na cidade, o mais antigo é o clube de tiro de Atibaia- CTA, criado na década de 1990, depois veio o ASA e por último o Clube de tiro Vale. Entre os atletas deste esporte, podemos destacar, Márcio Closel, que foi campeão paulista pela federação paulista de tiro prático de tiro prático e campeão brasileiro de tiro pela confederação brasileira de tiro prático em algumas modalidades.

Capítulo 10

Vida Social e recreativa

CLUBES DE SERVIÇOS, ASSOCIAÇÕES E PRINCIPAIS ENTIDADES

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE ATIBAIA

Em 28 de setembro de 1948, sob a liderança de Attilio Russomano, filho de imigrantes italianos de Caposele, província de Avellino, um dos mais arrojados comerciantes de Atibaia à época, fundou-se a Associação Comercial e Industrial de Atibaia. Attilio foi seu primeiro presidente até 1975, seguido por Durval Mantovaninni, José Roberto Roncoletta, Ari Gribeler, Jair Chaves Russomano, Flávio Callegari, Mário Vavassori, José Roberto Roncoletta, Tsuioshi Osato, Roberto Silva Pinto, Josevino Mentes, Ramón Frabregat, Osaldo Fujiki, Maria Inês Mastrangi Goes, Silvio Paes, Luzia Borges Alvares de Souza, Antônio Luiz Teixeira, Wagner Silva, Alexandre Roncoletta, entre outros.

SINDICATO RURAL

O sindicato rural de Atibaia foi fundado em 18 de outubro de 1963 sob a liderança de José Pires de Camargo e outros agricultores, mas em 18 de maio de 1947 foi criada a associação rural de Atibaia com o objetivo de auxiliar os produtores agrícolas da cidade nos setores contábil, tecnológico e na promoção de cursos e palestras, trazendo mais qualificação e informação para o segmento.

A primeira diretoria foi assim constituída: José Pires de Camargo, presidente, Benedito Rocha Peçanha, primeiro vice-presidente, Daniel Silveira, segundo vice-presidente, José Peçaha Margarido, primeiro tesoureiro, Demetrio Pignatari, segundo tesoureiro, Nagib Salles, primeiro secretário, Benedito Xavier da Silva, segundo secretário. Outros grandes nomes do sindicato são José Pires de Camargo, Toraki Yano, Flávio Pires de Camargo, Oscar Pedroso Horta, Daniel Silveira, Attilio Russumano, Silvio Caldas, Tadamitsu Nakasu, Pacoal Pignatari, Walter de Arruda Castanho, José Aparecido Ferreira Franco, Jorge Augusto Cordeiro, Walther Kroth, Tatsuta Yamane, José Cintra, Murilo Macedo, Armando Augusto Tricoli. O atual presidente é o senhor Tsutomu Mitsuik.

ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL

A subseção de Atibaia foi criada em 1979, teve os seguintes presidentes: 1) Jacintho Silveira (*26/03/1912 †27/01/2010) entre 09/06/1979 e 31/01/1985. Jacintho também foi vereador entre 1955 e 1958 pela UDN; 2) Walny de Camargo Gomes (01/01/85 a 31/01/95); 3) Walny de Camargo Gomes Filho (01/02/95 a 31/12/03); 4) Omar Zigaib (01/01/2003 a 31/12/13 e 01/01/16 a 16/12/16, data de sua morte), Omar também foi prefeito de Atibaia; 5) José Aparecido Scachetti Machado (01/01/13 a 31/12/15). Atualmente é presidida pelo advogado e procurador Elson de Araújo Capeto.

MAÇONARIA

A maçonaria de Atibaia teve início no século XIX. Em 1830 já existia a loja Virtude Sólida, conforme consta em atas da loja Amor da Pátria, de Bragança Paulista, e atas de outras lojas. Também há menção de outras lojas que existiram em Atibaia, como a Amazonas em 1858 e a São João do Deserto em 1905. Infelizmente não se tem notícias dos registros destas, no mínimo, três lojas que existiram na cidade.

Há notícias de que um dos pontos de reunião maçônica teria sido em uma das dependências do solar coronel Manoel Jorge Ferraz ou solar Júlia Ferraz, situado na praça da matriz. Entre as seis lojas que estão em atividade na maçonaria atibaiense, a mais antiga é a Areópago Atibaiense, 1955, seguida pela União, Trabalho e Evolução, 1982, Itapetinga, 1988, Atibaia, 1993, Luz, Vida e Amor, 1995, e São João Esmoler, 2018.

Entre os reconhecidamente maçons do século XIX podemos destacar: Aprígio de Toledo, José Antônio da Silveira Maia, Lucas de Siqueira Franco Neto, Afonso de Carvalho, José Inácio da Silveira, Jacinto José Ferraz de Araújo, Manoel Jorge Ferraz, José Francisco de Campos Bueno, José Lucas da Silveira, Anselmo Caparica, entre outros.

ROTARY

O Rotary club em Atibaia foi fundado no dia 15 de dezembro de 1976 e reconhecido em 18 de março de 1977. Entre seus presidentes podemos destacar: Omar Zigaib, Flávio Callegari, Roberto Andrea Patara, Adhemar Henrique Malzoni, Mário Vavassori, Sérgio Haroldo Ribeiro, Rubens da Silva Carvalho, Felippo Campione, Belmiro da Cruz Leal.

LIONS

O ***Lions*** clube em Atibaia foi implantando em 8 de agosto de 1959 e recebeu a carta constitutiva em 10 de setembro de 1959. Entre seus presidentes podemos destacar Tito Lívio Garini, Attilio Russomano, Sebastião Theodoro Pinto Neto, Mário Bresighello, Omar Zigaib, Nabibe Carmelita Helou Memolo, entre outros.

CLUBE ATIBAIENSE DE FOTOGRAFIA

Em novembro de 1991 um grupo de fotógrafos formado por Flávio Luis Pillegi, Vitor Carvalho, Alex Viegas Fernandes, Dário Régoli Jr, Silvia Gomes, Walquir Doratiotto e Walter Garcia fundaram o Clube Atibaiense de Fotografia, que desde então tem intensa participação na cultura da cidade, através de cursos e exposições. Flávio Luis Pillegi é seu presidente por vários mandatos.

SOCIEDADE ITALIANA DE MÚTUO SOCORRO

A sociedade italiana de mútuo socorro de Atibaia foi fundada em 14 de fevereiro de 1906 com o nome de "Società Italiana di Mutuo Socorro", com a seguinte primeira diretoria: Francisco Pierotti, presidente, Rafael Rossi, vice-presidente, Francisco Brandi e Giuseppe Guaragna, secretários, Francisco Maria Tomaz, tesoureiro, Bartolomeu Peranovic, Enrico Conti, Pasquale Bartolomei, Saturnino D'Aquino, Romario Uò, Luigi Grego, conselheiros.

Infelizmente há muitos anos a sociedade perdeu o caráter pelo qual foi criada, ou seja, de proteção à comunidade italiana que poderia ter se atualizado, mas sempre ligado à comunidade italiana da cidade, mas há muito tempo a sociedade tornou-se apenas num local de jogos de cartas e nada mais tem a ver com a comunidade italiana da cidade. Possui uma antiga e bela sede na rua José Pires, no centro da cidade.

PRINCIPAIS ASSOCIAÇÕES LIGADAS À COMUNIDADE JAPONESA

Atualmente em Atibaia existem três importantes associações ligadas essencialmente à expressiva e unida comunidade nipo-brasileira: Acenbra, Pró-Flor e Hortolândia. A seguir, um breve relato de cada uma:

1) Associação Cultural Esportiva Nipo-Brasileira de Atibaia – ACENBRA tem como objetivo fazer eventos para propagar a cultura japonesa aos descendentes e aos brasileiros. Obviamente que a geração dos imigrantes e as duas primeiras gerações eram mais unidas e fechadas, mas atualmente nas terceiras, quartas e quintas gerações dos nascidos no Brasil a interação e a união continuam forte dentro da colônia japonesa. Seu atual presidente é o senhor Kenjii Kunitake.

2) Associação dos Produtores de Flores e Plantas Ornamentais de Atibaia – Pró-Flor foi fundada em 1981 para defender os interesses dos produtores rurais, plantadores de flores na cidade. Atualmente tem vários associados e representa a categoria de floricultores da cidade.

Alguns presidentes da Pró-Flor foram: Osamu Hidaka, 1981, Suehiro Hiranaka, 1982/83, Noboyuki Hiranaka, 1984, 85, 86, 88, Toshihiro Kobayashi, 1987, Junichi Yakhshiji, 1989/90, Akimasa Oayama, 1991/92, 1995/96, Hiroshi Ono, 1993/94, Nelson Koiti Tida, 1997/98, Francisco Issao Saito, 1999/00. O atual presidente é o senhor Dirceu Kioshi Hasimoto.

3) Associação Hortolândia é responsável pela realização da Festa de Flores e Morangos de Atibaia e tem como objetivo promover a produção agrícola do município. Neste ano de 2020 a Festa de Flores e Morangos de Atibaia completa mais de 40 anos de existência e o presidente é o senhor Nelson Takao Yoshida.

CORPORAÇÃO MUSICAL 24 DE OUTUBRO

Logo após a vitória da revolução chefiada por Getúlio Vargas, em 15 de janeiro de 1931, dirigentes do partido Democrático em Atibaia, tendo à frente Álvaro Correia Lima, major Sebastião Theodoro Pinto, Bento Escobar, Silvio Russumano, José Herculano Bueno "Zico Paes" e outros, decidiram formar uma banda musical do partido, frente a banda 1° de maio do partido opositor da família Alvim.

Os primeiros músicos que fizeram parte da banda foram: Sebastião Trofino, Peare, Pedro Serbino, João Serbino, José Anselmo, Mazinho Benevento, Aristides Borghi, Olegário Lobo, Paulo Borghi, Mário César Melquiades Silva "Pepino", Victório BelVizzo e outros, tendo maestro, Francisco Lamoglie Filho de Piracaia.

A primeira diretoria foi: Coronel Jacinto Manoel Leite Júnior, presidente, Benedito Alvim, vice-presidente, João Alves do Amaral, secretário, Silvio Russumano, diretor, Bento Marcondes Escobar, Reinaldo A. Pereira, tesoureiro, segundo secretário.

Em 1960 adquire personalidade jurídica para receber em doação de José Herculano Bueno "Zico Paes" e sua mulher Mônica Ferraz, os quais não tiveram filhos e foram padrinhos de meu avô materno, Roberto De Carlo, um terreno para construção da sede própria que ainda hoje é a sede da banda.

Na década de 1920, com a extinção da banda do maestro Juvêncio da Fosenca, o major Alvim criou a corporação musical primeiro de março. Em 1973, em virtude das dificuldades da banda primeiro de março, por aconselhamento do Zezico Alvim, seu diretor, houve a fusão entre as duas bandas.

LAR MARIQUINHA DO AMARAL

O Lar dona Mariquinha do Amaral foi fundado em primeiro de maio de 1938 e até pouco tempo, 2018/19, nossa cidade contou por quase um século, com ele que infelizmente encerrou suas atividades depois de muitos serviços prestar à sociedade atibaiense. Inicialmente funcionou na rua José Lucas e depois, graças a doação do dr. Zeferino Alves do Amaral, foi adquirido um prédio do Joviano Alvim na praça Miguel Vairo. Algum tempo depois de desativado os trens do ramal de Piracaia e consequentemente suas estações, o lar se mudou para a antiga estação de Atibaia, provavelmente na década de 1970 e lá permaneceu até recentemente, quando a prefeitura retomou a estação e lá pretende fazer um espaço cultural e ou um museu ferroviário.

CLUBE RECREATIVO ATIBAIANO

O Clube Recreativo Atibaiano foi fundado em primeiro de agosto de 1897, sendo o mais antigo clube de serviço na cidade. A ideia de fundação do clube se deve ao juiz municipal da época, dr Affonso José de Carvalho.

O primeiro presidente foi Carlos Samuel de Araújo

SÃO JOÃO TÊNIS CLUBE

Fundado como São João Futebol Clube em 1° de fevereiro de 1930 por um grupo de atibaianos oriundos da A.A. Atibaia e liderados por Menotti Barca. O clube São João, como é mais conhecido, rivalizou com a A.A. Cetebe, hoje Grêmio Esportivo Atibaiense, por muitas décadas a hegemonia do futebol na cidade. Passado algum tempo, o clube optou por modernizar suas instalações, excluindo o seu famoso campo de futebol na Vila Santista e alterando seu nome e a prática de seu esporte principal do futebol para o tênis. Hoje é o clube social da elite da cidade, enquanto o Grêmio se tornou um clube mais popular. Entre seus presidentes, podemos citar: Menotti Barba, 1940 a 1938, João Teixeira da Silva, 1943, Fausto Soares da Silva, 1944, Demétrio Pignatari, 1945/46, Sebastião Cesar, 1947, Tomaz Costa, 1948, 52, 55/56, Tito Livio Garini, 1953/54, Bruno Sargiani, 1957, 63/64, 66/69, Emídio Gomes, 1958, Antônio P. de Araújo, 1961/62, Rubens Alvim Neto, José Aparecido Ferreira Franco, 1965, Rubens Rossi, 1970, Moacir Zanoni, 1971 a 76, José P. Barreto Alvim, 1977/78, Flávio Callegari, 1981/88, Dimas Malheiros, 1889 a 1992, Ruy Cunha Paschoal 1993 a 1996, Antônio Luiz Teixeira 1997 a 2000, Dario José Ribeiro, 2001 a 2003, Samuel Tarpeniam 2004 a 2007, Silvio Gregorini, 2008 e 2009, Jair De Michelis, 2010 a 2014, Paulo Dutra, 2015 a 2019, Demilso Sorans, atual presidente.

GRÊMIO ESPORTIVO ATIBAIENSE

Nascido como Associação Atlética Cetebe em 21 de novembro de 1934 e desde 1965, Grêmio Esportivo Atibaiense é um dos clubes de serviços mais antigos e com muita história em Atibaia. Nasceu no seio dos trabalhadores da Companhia Têxtil Brasileira – CTB e a partir da década de 1960 recebeu os estudantes da cidade. Possui uma área social e esportiva no centro da cidade e uma grande área com campo de futebol no bairro CTB, às margens da avenida Jerônimo de Camargo. Seu primeiro presidente foi Thomaz dos Reis Cardoso Almeida, seguido por Fernando Rafael, Benedito Vaz de Lima, Pedro Cerbino, José da Silva Leite, Jamil Hassen, Carmine Biagio Tundisi, Benedito Carvalho, Salim Tanos, Douglas Murilo Patrocínio, Arthur Eugênio de Souza, Edson Antônio Teixeira e Walquir Bressane Doratioto. Desde 2001 seu presidente é Odair Bedore.

Entre os inúmeros jogadores que passaram pelo time principal do Grêmio, não podemos esquecer de Murici Ramalho, que foi jogador e técnico do clube na década de 1980.

ESPAÇOS DA TERCEIRA IDADE

Atibaia tem uma população idosa maior que a média brasileira, que é de 12/13%. Na cidade, a população idosa é em torno de 19/20%, cerca de 26 a 28 mil idosos. Há intensas atividades nos centros de convivência da terceira idade, como a academia de saúde Armando Augusto Tricoli, no Jardim Cerejeiras, e o conselho é extremamente atuante.

Capítulo 11

Vida cultural

ESPAÇOS CULTURAIS

A cidade tem os seguintes espaços culturais:
Casa da Cultura Jandira Massoni
Centro de Convenções Vitor Brecheret
Centro Cultural André Carneiro
Cine Itá, em reforma há muitos anos
Estação SESI de Cultura no Jardim Cerejeiras, inaugurado em 2018
Galpão 27
Estação Atibaia
Bibliotecas

Tem-se notícias de que em 1916 Atibaia tinha uma biblioteca com o nome de Gabinete de Leitura organizada por várias pessoas, entre elas, o padre Chico, a professora Maria do Carmo Barbosa e Joviano Franco da Silveira. Já em 1946, André Granja Carneiro, César Memolo Júnior, Donozor Lino e Helvécio Scapin fundaram uma biblioteca cujo acervo foi doado para o município dando origem à biblioteca municipal Joviano Franco da Silveira que hoje conta com duas unidades.

CINEMAS E TEATROS DE ONTEM E DE HOJE

Segundo João Batista Conti, o primeiro cinema da cidade chamava-se Popular Cinema, que iniciou suas atividades em 1907 nos fundos do mercado municipal. Depois vieram o Pavilhão Recreio Cinema, fundado em 1911 na rua José Alvim, passando depois a se chamar Cine Recreio, fundado por Deoclides Freire. Mais tarde este cinema passou a se chamar Cine Teatro República e foi de propriedade do Major Alvim.

Outro cinema, na rua José Lucas, inaugurado em 16/08/1913, de propriedade de João Hilário, chama-se Palace Teatro, posteriormente, Nordisk Cinema.

Outro cinema na rua José Pires, inaugurado em 24/01/1925, de propriedade dos irmãos Titarelli, chama-se Cine Trianon.

O Cine Itá, cujo prédio está em processo de restauração e fica atrás da igreja da matriz, foi inaugurado em 01/04/1950, de propriedade de Renato Facio, depois vendido para o Juvenal Alvim Neto, filho do Zezico Alvim, que faleceu recentemente.

O Cine Paraíso, cujo prédio ainda existe na praça Bento Paes (do museu) inaugurado em 24/06/1964, de propriedade de João da Mata Correia Lima e de Edmundo Zanoni, depois de Moacyr Zanoni, ainda existente.

E por último o único cinema da cidade, o Cine Atibaia, na rua José Alvim, inaugurado em 08/12/1964, de José Pires Alvim Neto e irmãos, filhos de Juvenal Alvim Neto.

BANDAS DE MÚSICA

A primeira banda de música de Atibaia, segundo João Conti, era de Hilário Beraldo de Vasconcelos, de 1872. Depois veio a banda 24 de maio, do maestro Antônio da Fonseca Ramos e filhos, que encerrou em 1925, mesmo ano que, com apoio do major Alvim, surgiu a banda Primeiro de Março, sendo seu primeiro diretor Francisco Compton D'Eboux, "Nhô Ti", e os maestros Leônio Peres, depois João Paulino, Olegário da Cunha Lobo, "Lobinho", e Aristides Borghi.

Em 24 de outubro de 1931 surgiu a única banda musical ainda em atuação na da cidade, a banda 24 de outubro, tendo como sua primeira diretoria: o coronel Jacinto Leite, presidente honorário, Benedito Alvim, presidente, capitão João Alves do Amaral, vice-presidente, diretor Silvio Russumano, Bento Marcondes Escobar, tesoureiro, Reinaldo Alves Pereira, secretário, e Francisco Lamoglie, regente.

MAESTROS

• Aristides Borghi, natural de Atibaia, de tradicional família de músicos e bandas de outrora. Substituiu Olegário Lobo na regência da banda 1° de março.

• Arnaldo Moura, compositor e professor de música.

• Benedito Estevam Peçanha (*18/02/1889 †26/12/1963), natural de Atibaia, filho de Joaquim Estevam de Moraes e Benedita Maria da Conceição. Compositor e notável requintista.

• Frederico Suppioni (*19/07/1909 †04/06/1999). Era natural de Bragança Paulista, filho dos imigrantes italianos Ferrucio Suppioni e Emília Mascarettii. Casou-se com Julieta Silveira Campos. Mudou-se para Atibaia após o nascimento de seu único filho, Fredy. Foi maestro da banda 1° de março, que se uniu à banda 24 de outubro. Compôs muitas valsas, destacando-se Montanhas Azuis e Carpichos de Estrela.

• João Paulino dos Santos (*1905 †1953). Natural de Atibaia, foi o segundo regente da corporação musical 1° de março. Autor de diversas músicas.

• José Domingos Massoni (*1935 †2019). Natural de Atibaia, filho de Antônio Massoni e de Maria Squizatto. Casou-se com Luzia Vasques. Foi comerciante e músico em Atibaia. Era trompentista e maestro da banda 24 de outubro.

• Leôncio Pires foi o primeiro regente da corporação musical de 1° de março.

• Melquíades Silva, foi músico e compositor.

• Pedro Cerbino (*19/10/1909 †13/10/1969). Natural de Atibaia, filho de José Cerbino e de Angela Cerbino, foi

casado com Romana Tacconi Cerbino. Maestro e regente da corporação 1° de março e autor de inúmeras músicas.

• Pedro Vasconcellos (*1889 †1947). Natural de Atibaia, filho de Hilário Beraldo de Vasconcellos e de Maria do Carmo Vasconcellos. Maestro da Lira Atibaiense e compositor.

• Sebastião Florido (*30/01/1901), filho de Joaquim Florido e de Auristecla Vasconcelos Florido. Grande compositor que deixou vasta obra.

• Sebastião Peranovich (*20/01/1892 †18/12/1974). Natural de Atibaia, excelente músico e maestro.

FANFARRA – FAMA

A FAMA foi fundada em dezembro de 1990, contudo, antes a cidade já tinha tido importantes fanfarras que passaram períodos sem atividade. Atualmente coleciona importantes prêmios nacionais e internacionais e é um orgulho da cidade.

FAM: Fanfarra Municipal – Arquivo do Museu Municipal.

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS QUE DEIXARAM SAUDADES:

PROCISSÃO DE ATIBAIA À CAPELA DAS BROTAS PARA FAZER CHOVER

No dia 8 de setembro de todo ano se organizava uma grande romaria do centro até a capela de Nossa Senhora das Brotas, cerca de 7 quilômetros do centro, com o fim de proteger as plantações e fazer chover no período de início de plantio. Atualmente este costume já não existe mais, mas a capela ainda está lá e vale a pena ser visitada.

BANDEIRA DO DIVINO

Outra prática que já não existe mais é a de levar bandeiras do divino, a cavalo, até a vizinha cidade de Nazaré, onde a festa do Divino ainda é uma forte tradição. Contudo, a figura do bandeireiro do divino infelizmente já não existe mais por aqui.

CAIAPÓS

Pouco se sabe desta antiga tradição atibaiana. O que chegou até nós é que nos festejos atibaianos, muito provavelmente o que hoje chamamos de ciclo natalino, os chamados caiapós, eram figuras constantes. Sabemos que se tratava de representação de índios que aqui viviam e encenavam uma espécie de invasão da cidade. Era um

grupo de homens, com instrumentos rústicos, formados de dois em dois, que percorriam as ruas da cidade numa dança peculiar.

O DIA DA BOA MORTE, O SENHOR FORA (MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS)

Em Atibaia existia uma irmandade religiosa, e quando falamos em irmandade religiosa da metade do século XX para trás, falamos da igreja católica, chamada da Boa Morte, cujo período de extinção não conseguimos descobrir. Talvez fosse a irmandade religiosa de maior prestígio em Atibaia. No dia 15 de agosto a igreja católica comemora a morte de Maria e sua assunção aos céus. Era o principal dia da irmandade fazendo romarias por todos os bairros até a igreja do Rosário e de lá seguiam em procissão até a igreja matriz.

O Senhor Fora era a prática de levar a extrema unção aos enfermos em sua casa, em profissão, saindo da igreja que se extinguiu no início do século XX em Atibaia.

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS QUE VENCERAM O TEMPO:

CICLO NATALINO

O ciclo natalino, outrora chamado de Festa do Rosário, dos Congos ou das Congadas, do Natal ou do Final do Ano, é um conjunto de atividades iniciadas no dia 25 de dezembro e encerradas no domingo mais próximo ao dia 6 de janeiro – Dia de Reis. É uma festa com origem essencialmente religiosa, mas que tem características de cultura popular. Para a grande maioria dos envolvidos é uma festa movida pela fé e cada vez mais acompanhada pelos amantes da cultura popular muito viva no município. Compreende missas, procissões, cavalhadas, dança dos congos, subida e descida dos mastros, manifestações citadas acima. Algumas pesquisas e estudos indicam que a origem dessas festas vem das primeiras décadas do século XVII. No livro tombo da igreja, no ano de 1749, segundo Lilian Vogel em sua obra ***Viva São Benedito! Viva a Mãe do Rosário! – A dança da congada e as tradições seculares em Atibaia no Ciclo Natalino***, "... continuam os rendimentos, esmolas cobradas na Festa de 27 de dezembro em que se fez a festa de Nossa Senhora do Rosário...". Portanto, época da elevação de Atibaia à categoria de vila e construção da igreja do Rosário, ou seja, em 1769/70 e 1776, comprovadamente há 271 anos. Eu ousaria afirmar que a festa ocorre há trezentos anos seguramente.

Fotos do Ciclo Natalino – Flávio Pileggi.

Desde o final de 2018 o Ciclo Natalino e outras manifestações da cultura popular na cidade constam com uma associação que visa a preservação dessas tradições, a ATIFÈ, presidida por José Pires

Alvim Neto.

AS CONGADAS

As congadas são manifestações culturais e religiosas de origem africana com influência ibérica. Trata-se de uma dança ao som de ladainhas religiosas representando a luta do bem contra o mal.

Cada grupo é caracterizado pela cor da sua farda. Alguns defendem a tese de que a divisão entre os grupos vêm da época da escravidão e cada senzala tinha um grupo de congos. Seu nome faz referência ao rio Congo, na África, e ao país de mesmo nome. Ao longo deste rio viviam tribos autônomas e nômades, que foram escravizadas pelos europeus e espalhadas pelo mundo. Para facilitar o trato com os escravizados, os caçadores buscavam entre eles um líder, dando-lhe o nome de rei do Congo. No Brasil, pelo que se tem notícia, a primeira coroação de um rei do Congo aconteceu em 1674, e em Atibaia, tem-se notícia de que a manifestação ocorre há mais de 250 anos, as atuais congadas são originárias dessas coroações. Na cidade, os padroeiros dessa manifestação de cultura popular com raiz religiosa são São Benedito e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, aliás, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e Santa Ifigênia são os santos e suas respectivas irmandades que fazem o elo entre o catolicismo com os rituais manifestados pelos negros e seus descendentes.

Em Atibaia existiam cinco grupos ou ternos de congos, hoje são apenas quatro:

Vermelha, cuja maioria de seus membros é do bairro do Portão.

Rosa, cuja maioria de seus membros é dos bairros do Alvinópolis, Jardim dos Pinheiros, Caetetuba, Vila São José e Imperial.

Verde, cuja maioria de seus membros é do centro, Guaxinduva, e do Jardim Imperial.

Azul, cuja a maioria dos integrantes é do bairro Boa Vista do Morro Grande, da cidade vizinha de Bragança Paulista.

Branca, cuja maioria dos integrantes era do bairro Alvinópolis II, encerraram suas atividades há cerca de vinte anos.

Fotos da Congada – Flávio Pileggi.

Em dezembro de 1937, Mário de Andrade participou das festas populares hoje chamadas de Ciclo Natalino e escreveu: "legítima fonte de tradições populares do Estado". Desde então passou a acompanhar e escrever sobre a cultura popular vista em Atibaia.

Nos últimos 22 anos, a grande incentivadora, orientadora e colaboradora das congadas de Atibaia é a escritora e recém-aposentada servidora pública municipal Lilian Vogel, que incansavelmente busca preservar a riqueza cultural que nossa cidade possui.

O LEVANTAMENTO E O DESCIMENTO DOS MASTROS

Parte do hoje chamado Ciclo Natalino, Festa dos Congos ou Festa do Rosário, pelos mais antigos, o levantamento dos mastros ocorre pelos fiéis no dia 25 de dezembro em frente à igreja do Rosário. Os mastros representam a união entre o céu e a terra ou o condutor energético e de fé entre o humano e o divino. São feitos de madeira, geralmente eucalipto, e na sua ponta são presas as bandeiras do santo que ajudarão na ligação entre o divino e o humano. Antes de serem erguidos, os fiéis colocam seus pedidos no buraco onde os mastros serão colocados.

Levantamento do mastro – Flávio Pileggi.

O descimento dos mastros, no Dia de Reis (06/01), encerra o Ciclo Natalino na cidade. Na atualidade, se o Dia de Reis ocorre num dia útil, o descimento do mastro, via de regra, acontece no domingo mais próximo após essa data. Primeiro desce o mastro de São Benedito e em seguida o de Nossa Senhora do Rosário. Ambos os mastros são levados dentro da igreja do Rosário e suas bandeiras saem em cortejo, acompanhadas pelos congos até a casa dos festeiros dos mastros.

AS CAVALHADAS

Trata-se de um passeio de cavaleiros e seus animais pelas ruas mais antigas da cidade, via de regra, no dia 27 de dezembro, embora, por questões de segurança e mobilidade, atualmente o percurso original da cavalhada tem sido alterado ano a ano. A tradição tem mais de dois séculos e meio e nasceu com a finalidade de buscar e escoltar os festeiros nas suas casas na cidade ou nas fazendas até a igreja do Rosário, passando três vezes na frente das igrejas da matriz e do Rosário, especialmente.

Cavalhada– Flávio Pileggi.

OS FESTEIROS

Os festeiros são os responsáveis pela viabilização das festas, hoje conhecidas como Ciclo Natalino, anteriormente conhecidas como Festa dos Congos. São três grupos de festeiros: o da festa, maiores responsáveis,

o do mastro de São Benedito e o do mastro de Nossa Senhora do Rosário. No dia 28 de dezembro, depois da missa em louvor a São Benedito, os festeiros do ano seguinte são anunciados entre os fiéis, levando-se em conta a fé, caridade e devoção, embora, nos últimos tempos, tem diminuído o rigor do aspecto religioso e busca-se sobretudo, pessoas comprometidas com essas tradições da cultura popular na cidade. Já os festeiros dos mastros são, via de regra, ligados aos grupos de congadas e sua função é zelar pelas bandeiras que são colocadas nos mastros, ficando o ano todo com elas, realizando rezas.

Festeiros – Flávio Pileggi.

Os festeiros, de suas próprias dispensas ou através das mais variadas formas de arrecadação, ficam responsáveis pelo pagamento de grande parte das despesas das festas, como o lanche que é servido no dia 25 de dezembro, bem como o acompanhamento dos rituais e celebrações durante todo Ciclo Natalino.

Na atualidade, a festa com origem na religiosidade católica tem, a depender do pároco da matriz, encontrado apoio total às festividades ou, infelizmente, distanciamento, por conta dos padres que não compreendem a importância cultural, para além da importância religiosa, que as manifestações têm para cidade e sua gente.

Portanto, a cavalhada, as congadas, a subida e o descimento do mastro, entre o dia 25 de dezembro e o 6 de janeiro compõem o mosaico de cultura popular que atualmente se define como Ciclo Natalino de Atibaia. Há atividades nos dias 25 (missa seguida de procissão, retirada da bandeira na casa dos festeiros dos mastros e levantamento do mastro), 26 (cavalhada), 27 (alvorada, procissões e missas), 28 (alvorada, procissões e missas) e 6 de janeiro (descida do mastro e procissão).

FESTEIROS DAS COROAS, O REI NA CAVALHADA E OS REIS DO CONGO E DA EMBAIXADA

Antigamente, os festeiros da Festa de Nossa Senhora do Rosário eram chamados de Rei e Rainha das Coroas. No dia da cavalhada, os cavaleiros saíam para procurar o Rei da Festa de Nossa Senhora, que era o festeiro. Desde as décadas de 1970 e 80 as figuras dos reis não são mais vistas tanto nas cavalhadas como nas procissões das festas do Ciclo Natalino.

Cada terno de congo também tinha seu rei, que se fazia representar durante os cortejos e embaixadas, prática que também se perdeu no tempo. Elsie Monteiro da Costa, em sua obra ***Balanceia meu batalhão***, diz que a presença dos reis do congo foram registradas pela última vez em 1980.

Já a tradição das embaixadas, que eram os diálogos do encontro entre os guerreiros em que o general queria o poder e a o rei congo não existem mais, mas creio que seria muito importante tentar resgatar essas embaixadas pela inegável importância desses diálogos para as manifestações como um todo.

FOLIA DE REIS

Vou me valer das explicações da pesquisadora e amiga Lilian Vogel para discorrer sobre as Folias de Reis.

Também chamadas de Ternos ou Companhias, são grupos de pessoas que se deslocam de casa em casa, tocando e cantando, levando a Bandeira para abençoar os lares dos devotos. Há alguns rituais de chegada e partida, onde o dono da casa recebe o grupo ou se despede dele depois da visitação.

Fotos da Folia dos Reis – Flávio Pileggi.

Existe no grupo, além dos violeiros e outros músicos, a figura do "Palhaço", que representa os soldados mandados pelo Rei Herodes.

Diz a tradição que, quando os três Reis Magos, Gaspar, Melchior (ou Belchior) e Baltazar, viram a Estrela de Belém no céu, foram ao encontro de Jesus, que havia nascido. Mas o Rei Herodes, sabendo do nascimento do "Salvador", mandou eliminar todos os meninos com até 3 anos de idade.

A função dos "Palhaços" era a de distrair os soldados enquanto as mães fugiam e escondiam seus filhos.

A Bandeira, depois de entregue aos donos da casa, vai para perto do presépio, onde o grupo vai rezar e cantar. Os "bastião" vão pedir licença ao dono da casa e depois uma ajuda para a grande festa (que é sempre depois do dia 6 de janeiro), em local destinado para este fim.

Neste local, acontecerá a passagem da bandeira para outro casal de festeiros, que continuará a tradição. Geralmente acontece uma missa também neste local.

Esta festa tem muitas variações, mas sempre com muita comida e bebida das doações dos devotos.

Em Atibaia, o grupo de Folia de Reis começa a visitar as casas já no mês de setembro para dar conta de tantos números de pedidos. Alguns foliões vêm de Minas Gerais, onde as folias de Reis são muito significativas, para aumentar o grupo e realizar a festa.

REZA DE SÃO GONÇALO

A dança de São Gonçalo se inicia com a reza da ladainha, rezada em latim ou, atualmente, em português. Formam-se duas fileiras de pessoas lideradas por dois violeiros em cada uma das fileiras. A dança ocorre em volta dos membros de cada fileira, em frente ao altar, sob o ritmo da música, em duas vozes, enquanto as pessoas nas fileiras batem palmas e sapateiam, reverenciando-se ao passar na frente do altar.

Fotos da festa de São Gonçalo – Flávio Pileggi.

A última volta é chamada de cajuru, quando os que fizeram promessas retiram seus santos do altar e os carregam nas mãos. Na região de Atibaia, segundo Lilian Vogel, há uma legião de participantes e devotos de São Gonçalo, o beato português de Amarante.

Interessante citar que em viagem a Atibaia, o padre Dias se espantou com o culto a São Gonçalo, verberou em tribuna em 1749 contra a fé no santo folgazão, como

relatou Relato Zanoni, em obra ainda não publicada:

"Acha-se nesta Freguesia o diabólico abuso de dançarem com mulheres nos seus sítios onde fazem a chamada reza de São Gonçalo, tomando a dita festa por capa de boa ação virtuosa e assim ofenderem a Deus com mais liberdade; ordeno ao reverendíssimo padre que em tendo notícia das pessoas que sem temor de Deus dançarem, as denuncie e acuse ao ver. Padre Regende do Bispado para se proceder contra os culpados os castigos da justiça"

DOMINGAS OU DOMINGUEIRAS DA SERRA

Outra festa católica que ainda resiste ao tempo é a Domingas, Domingueiras ou Rezas de Capelão, que acontece há muitas décadas, sempre no terceiro domingo de cada mês, na capelinha de Santo Antônio, na Grota Funda, no bairro de Itapetinga.

Segundo Lilian Vogel, em ***As Festas de Fé da região entre Serras***[115], as domingas são realizadas pela família do senhor Luiz Pereira Bueno, mais conhecido como Luiz Bino, e sua esposa, dona Maria de Lourdes Leite Bueno. Neste encontro, os presentes rezam o terço, a ladainha de Santo Antônio e o oferecimento da reza. Depois é oferecido um lanche e um café para cada um dos rezadores. No primeiro domingo do mês de julho no mesmo local se realiza a tradicional festa de Santo Antônio, com missa, procissão e leilão.

ROMARIAS

As romarias são grupos de pessoas, a cavalo, em charretes, caminhando, em motos ou de bicicleta, que se dirigem a um determinado destino como Pirapora do Bom Jesus, Bom Jesus dos Perdões ou Aparecida do Norte,

[115] Chama-se região entre serras a região que "... compreende os municípios de Atibaia, Piracaia, Bom Jesus dos Perdões, Joanópolis, Nazaré Paulista, Bragança Paulista, Vargem, Jarinú, Socorro e Pedra Bela. Estes municípios do interior de São Paulo, alguns com mais de 300 anos de fundação, distam aproximadamente 100 km da capital paulista e estão próximos ao sul de Minas Gerais.", Lilian Vogel, na sua obra ***São Gonçalo: um violeiro santo ou um santo violeiro?***.

quase sem uma igreja ou santuário.

CARNAVAL

O carnaval em Atibaia é bastante tradicional e antigo. Na obra ***Atibaia Samba Escola de Samba***, de Jamil Scatena, o autor traz à luz uma viagem pelo samba no Brasil e em especial, em Atibaia. Cita passagens como o sucesso dos bailes no clube recreativo atibaiano no embalo da marchinha Dorinha, meu amor, música de José Francisco de Freitas, o Freitinhas (*1897 †1956), e o animado carnaval de 1929 com o bloco Zé Pereira, nascido, segundo o autor, na época da escravidão e que ainda existe na cidade, atualmente com a inversão da vestimenta entre homens e mulheres, ou seja, os homens saem vestidos de mulheres e as mulheres, vestidas de homem.

O mesmo autor cita o sucesso da marchinha Garotas de Atibaia, de Pedro Cerbino, no carnaval de 1936, na interpretação de Os Batutas de Ouro.

Fotos do Carnaval – Flávio Pileggi.

A rivalidade entre os cordões do São João e do Cetebê marcou o carnaval de Atibaia por muitos anos. Em 1917 uma foto mostra que na cidade os bonecões, hoje famosos e resgatados pelo professor Edson Beleza em 2000, já existiam. No último carnaval deste ano de 2020, vimos dois grupos de bonecões: o mais antigo, liderado pelo professor Edson Beleza, que sai da rua José Alvim, quase em frente ao atual cinema, e outro grupo do município, que sai do coreto da matriz é desenvolvido por oficinas de artes da cidade. Em ambos os grupos há homenagens a personagens da cidade como o querido padre Eugênio, ex-pároco de Atibaia, Noite Ilustrada, Silvio Caldas, Adolfo Nardini, José Luiz Passador, Júlio César Rafaelli, entre outros.

Os antigos carnavais de salão hoje são raros. Até as décadas de 1980 aproximadamente, a rivalidade dos carnavais de salão era travada pelo Clube Recreativo Atibaiano e o Grêmio Esportivo Atibaiense, já na década de 1990, o São João Tênis Clube reinou na promoção dos carnavais de salão que a partir deste século foram perdendo a força e hoje um ou outro salão promovem alguns nostálgicos bailes de carnaval, mas sem o glamour e a importância que já tiveram.

Desde 2002, exceto no ano de 2017, a cidade ganhou um carnaval de marchinhas, liderado pelo cantor Altemar Dutra Júnior. O carnaval já foi no Centro de Convenções, mas há alguns anos vem sendo feito na praça da matriz. O já tradicional carnaval de marchinhas começa no final das quatro tardes de carnaval e vai até o início da noite. Já no centro de convenções, o carnaval com músicas diversas começa no início da noite e se encerra por volta das 23 horas. Já o carnaval de rua, de escolas de samba, não tem sido feito na cidade nos últimos anos.

BON ODORI

Bon Odori – Flávio Pileggi.

Bom Odori significa boa dança e teve origem no Japão entre os camponeses, e surgiu para agradecer pelas safras abundantes e em memória dos ancestrais que trabalhavam na lida da terra. Em Atibaia, representantes da colônia japonesa com origem na Província de Fukushima, primeiro berço do Bon Odori, receberam o primeiro conjunto de bumbos e assim teve início a dança na cidade. A dança consiste em dar voltas ao redor da construção de madeira (yagura) iluminada pelos tyotin, onde ficam os bumbos (kodaiko, tambor pequeno, e odaiko, tambor grande) e as flautas. O grupo é formado por dois tambores grandes, dois pequenos, três flautistas, um sino e vários cantores. A dança hoje faz parte das festividades de aniversário da cidade e das festas das flores e morango.

TAIKO

Acervo do Taiko

Taiko é um instrumento de percussão que está presente na história japonesa há pelo menos 1500 anos.Foi usado ao longo da história em cerimônias festivas e religiosas, para motivar tropas na guerra e até como demarcador de áreas, limitando certa região de acordo com o espaço onde fosse audível o som dos tambores.Na era moderna, tornou-se uma manifestação artístico cultural que já ultrapassou as fronteiras da Terra do Sol Nascente.

Em 2002 é formado o grupo Kawasuji Seiryu Daiko de Atibaia após dois anos de aulas com o professor japonês Yukihisa Oda que veio ao Brasil e orientou a formação de vários grupos. Desde sua formação, o grupo tem participado de muitos eventos da cidade, como Festa das Flores e Morango de Atibaia, Bon-Odori, Comemoração do aniversário da cidade de Atibaia, entre outros.Hoje o grupo conta com cerca de 60 integrantes, com idade entre 6 a 70 anos.

Em 2005, o grupo consagra-se campeão brasileiro de Taikô na categoria Junior, conquistando a oportunidade de representar o Brasil no 8º Campeonato Junior de Taikô do Japão, realizado na província de Nagano.Em 2013, participou do festival de taiko no Japão, na cidade de Iizuka, província de Fukuoka.

Nos últimos anos, o grupo Kawasuji Seiryu Daiko de Atibaia tem sido convidado para eventos culturais em diversas cidades do Sul e Sudeste do Brasil, participando também do programas com “Altas Horas”(juntamente com grupos de Taikô Himawari e Shinkyo) e “Criança Esperança” da TV GLOBO.Além de apresentar em várias cidades do Brasil, promove o evento chamado Japan Fest na cidade, desde 2008.

JAPAN FEST

Em 2019 aconteceu a 11ª edição da Japan Fest de Atibaia organizado por Taiko Kawasuji Seiryu Daiko e pela Associação Fukushima Kenjin, com apoio da Acenbra e de Hortolândia. A festa tem muita comida japonesa e atrações nipônicas, sempre no Centro de Convenções Victor Brecheret.

Capítulo 12

Segurança pública

CADEIA PÚBLICA

Nos primeiros séculos de estrutura política, administrativa e policial brasileira, as cadeias e as câmaras municipais ocupavam o mesmo prédio. A primeira cadeia e, portanto, câmara, em Atibaia instalou-se em 1770 no sobrado atrás da igreja matriz, onde foi a casa de Claudino Alves do Amaral, depois hotel São João e hoje edifício Magister. A partir de 1840, ocupava o prédio onde hoje funciona o museu municipal João Batista Conti, depois mudou-se para a avenida São João, número 150, e posteriormente para a rua José Bonifácio, onde se encontra até hoje.

SEGURANÇA PÚBLICA (POLÍCIA MILITAR, POLÍCIA CIVIL E GUARDA MUNICIPAL)

O efetivo da Polícia Militar é de cerca de cem policiais, sendo o previsto 140. O efetivo da Polícia Civil é de cerca de 40 e a Guarda Civil Municipal conta com um efetivo de 121 homens e mulheres. A cidade tem quatro bases: Centro, Tanque, Portão e Jardim Cerejeiras.

O monitoramento por câmeras é conhecido por muralha digital e conta com 52 delas em vários pontos da cidade.

Capítulo 13
Turismo

Atibaia proporciona aos visitantes várias formas de turismo: o de esportes, lazer e aventura (parque Edmundo Zanoni, Lago do Major, Jardim do Lago, Pouso de voo livre, cujo clube existe desde 1970, Kartódromo, Estação Atibaia, Complexo Poliesportivo do Elefantão); turismo ecológico (Parque Estadual do Itapetinga, Pedra Grande, Reserva do Vuna, Grota Funda); turismo religioso (Santuário de Schoenstatt, Igreja Matriz, Igreja do Rosário, Igreja Cristo Rei e outras capelas como São Pedro – Portão, das Brotas – Brotas); turismo cultural (Centro de Convenções Victor Brecheret, Museu João Batista Conti, Museu de História Natural Antônio Pergola, Museu de Gravura Olho Latino, Salão do Artesão); turismo gastronômico (Mercado Municipal, Bares, Pizzaria, Restaurantes, Vinhos Nardini); turismo rural (Fazenda Paraíso, Apiário Santo Antônio, Orquidário Takebayashi, Parque Duílio Mazzieiro, dezenas de Haras e pesqueiros).

Principais pontos turísticos:

Balneário
Cine Itá
Conjunto Esportivo do Trabalhador/Elefantão
Estação Atibaia
Estações de Via Sacra/Escadão
Fazenda Paraíso
Floresta urbana
Igreja Matriz
Igreja do Rosário
Igreja Cristo Rei
Jardim do Lago
Lago do Jardim dos Pinheiros
Lago do Major
Kartódromo Atibaia
Mercado Municipal
Mirante do Centro

Fotos do Museu de História Natural – Internet.

Museu de História Natural Professor Antônio Pergola – dentro do parque Edmundo Zanoni
Museu Olho Latino
Palavra da Vida
Painel das Congadas – dentro do parque Edmundo Zanoni
Parque das Águas
Parque Edmundo Zanoni
Pedra Grande
Pedrinha
Pouso Livre
Reserva Ecológica do Vuna
Represa da Usina
Santuário Schoenstatt
Salão do artesão
Teleférico

CENTRO DE CONVENÇÕES E EVENTOS VICTOR BRECHERET

O centro de convenções e eventos Victor Brecheret foi entregue em 2005 e abriga um auditório coberto, outro ao ar livre e dependências para exposições. Tem sido largamente utilizado para shows, peças teatrais e outros eventos culturais, palestras e convenções.

Fotos do Centro de Convenções – Internet.

ESTAÇÕES DA VIA SACRA OU ESCADÃO

Trata-se de 12 painéis que retratam a crucificação de Jesus pelo artista plástico Amilcar Rocha, dispostos no curso de uma grande escadaria que faz a ligação do centro histórico pela rua 13 de maio até a Estância Lynce.

Feiras permanentes: além das tradicionais feiras de ruas em alguns pontos da cidade (Centro, Alvinópolis, Cerejeiras), atualmente na cidade há duas feiras noturnas (centro de convenções e bairro Itapetinga) e a feira permanente de artistas e artesãos no balneário municipal. Num passado não tão distante, na entrada da cidade pela rodovia Fernão Dias, na entrada da avenida Carvalho Pinto, existia a tradicional feira permanente da cidade, mas que, desde 2010, aproximadamente, deixou de existir.

O edifício primitivo, no mesmo espaço do atual, foi construído pelo juiz municipal Antônio Bento de Souza e Castro em 1872 para abrigar a Santa Casa, mas logo depois de sua transferência o destino do prédio mudou para o Mercado Municipal.

PARQUE EDMUNDO ZANONI

Com uma área total de 38.700 m², abriga o salão do artesão, o museu de história natural Antônio Pérgola (mais de mil peças), playground, jardim japonês, lago com pedalinhos e pavilhão de exposição. Em setembro o parque municipal sedia as festas das flores e do morango.

Fotos do Parque Edmundo Zanoni – Flávio Pileggi.

PAINEL DAS CONGADAS

Próximo ao mais antigo e principal salão do Parque Edmundo Zanoni e do museu natural de História Natural Antônio Pergola está o importante painel de azulejos pintado por Oswald de Andrade Filho em comemoração ao primeiro encontro de folclore do país em 1954.

O prefeito da época, Walter Engrácia de Oliveira, um ano antes do encontro, defendeu no congresso de turismo, em Campos do Jordão, o folclore como instrumento de valorização cultural e impulsionamento turístico. A partir daí, Atibaia passou a ser visitada por pesquisadores da cultura popular e transformou-se num polo de folclore que culminou com a realização do primeiro Festival de Folclore realizado no País.

O maior entusiasta desse evento era o folclorista e também ex-prefeito João Batista Conti e o sucesso deste encontro deve-se muito a João Conti. Entre os artistas que participaram e apoiaram o evento estava Oswald de Andrade Filho, que pintou uma tela representando a congada.

MERCADO MUNICIPAL

O mercado municipal de Atibaia tem vários boxes voltados à alimentação. Foi criado em 1872 por ordem do juiz municipal Antônio Bento, que cogitava fazer ali a Santa Casa, mas com sua transferência da cidade, optou-se pelo mercado. O prédio, obviamente, já sofreu muitas reformas, que resultaram num ambiente muito agradável e que vale muito a pena ser visitado.

O parque das águas era a famosa fonte do Rosário onde os atibaienses iam buscar a água, antes de ela ser encanada. Hoje no parque há um jardim japonês e a antiga fonte. Área de descanso, lazer e contemplação.

MONUMENTO DA PAZ MUNDIAL

É um monumento dedicado à paz mundial, representado por uma pedra sagrada da "Imparcialidade Universal", que celebra a paz e a harmonia entre os povos. É o único existente na América Latina. Está localizado numa área particular, da família Yano, no bairro do Maracanã.

Monumento pela Paz Mundial – Flávio Pileggi

MUSEU MUNICIPAL JOÃO BATISTA CONTI

O museu municipal João Batista Conti foi criado em 13 de dezembro de 1952 na gestão do prefeito nomeado Walter Engrácia de Oliveira, incialmente funcionou na rua Visconde do Rio Branco e em 1960 mudou-se para o prédio atual, onde funcionou por mais de um século a casa de câmara e cadeia da cidade (1836 até a década de 1950). Possui um acervo de peças e documentos que passam pelo Brasil colonial, imperial, velha república e períodos de exceção distribuídas em sete salas e um saguão principal. Fazem parte das coleções obras de Benedito Calixto e Yolando Malozzi, além de outras coleções, como a de numismática, arte sacra, mobília, folclore e moda.

Fotos do Museu Municipal João Batita Conti – Flávio Pileggi.

Possui também uma rica biblioteca histórica para pesquisa, com documentos, atas da Câmara, acervo fotográfico e exemplares dos principais jornais da cidade desde a década de 1950.

O prédio foi construído em 1836 para ser a Casa de Câmara e Cadeia que funcionou até 1953. Passou por um processo de restauração, sendo tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1959, que o restaurou, modificando em parte sua fachada – entre outras modificações, foi retirado o campanário que ficava na fachada central, no centro do telhado, onde ficava o sino. A partir de 1961, começou a abrigar o museu João Batista Conti. Foi tombado pelo CONDEPHAAT em 1975.

MUSEU NATURAL ANTÔNIO PERGOLA

O museu Natural Antônio Pergola[116] está situado dentro do Parque Edmundo Zanoni e conta com uma coleção de cerca de 4 mil peças, sendo cerca de 3 mil e quinhentas peças em exposição, o que o torna o maior museu de história natural do Brasil de aves e fauna em peças em exposição permanente.

RÁDIO OBSERVATÓRIO DO ITAPETINGA

O rádio observatório do Itapetinga foi fundado em 20 de outubro de 1973 pelo centro de rádio de astronomia e astrofísica do Mackenzie. Sua antena de captação está sobre uma redoma de 23 metros, com diâmetro de 13,7 metros. Em 10/12/2019 foi reinaugurada com o nome de rádio observatório Pierre Kaufmann.

Rádio observatório – Flávio Pileggi.

SOLAR CORONEL MANOEL JORGE FERRAZ/CASARÃO JÚLIA FERRAZ

Fotos do Casarão – Flávio Pileggi.

O solar coronel Manoel Jorge Ferraz, atualmente mais conhecido como casarão Júlia Ferraz ou só casarão, teve o primeiro piso construído em 1769 e o segundo, em 1834.

O casarão Júlia Ferraz é o único imóvel residencial do século XVIII existente em Atibaia e, portanto, o único prédio residencial urbano do século XVIII da cidade e quiçá da região. Está localizado no largo da matriz, portanto, faz parte da paisagem do "coração" da cidade há quase 250 anos.

Embora a cidade tenha se iniciado em meados do século XVII (1665 – ano de fundação), infelizmente poucos são os imóveis históricos que restaram. As igrejas Matriz e do Rosário, a Casa da Câmara e Cadeia, hoje museu municipal, antigas estações ferroviárias, algumas sedes de fazendas, um ou outro imóvel do final do século XIX ou início do século XX e o solar do cel. Manoel Jorge Ferraz são o que restaram dos prédios históricos na cidade.

Segundo a versão mais aceita, o Solar foi construído pelo português Francisco Lourenço Cintra entre 1776 a 1781. Francisco Lourenço Cintra transferi-se de Guarulhos para Atibaia na segunda metade da década de 1770 (1776, ano provável) juntamente com seu irmão José Felix Cintra. Francisco Lourenço foi um grande capitalista na província de São Paulo na segunda metade do século XVIII. Segundo consta, foi um dos pioneiros no empréstimo de dinheiro aos fazendeiros paulistas.

[116] Antônio Pergola (*16/04/1929 †03/04/1997) era filho de Alvaro Gino Giuseppe Pergola e de Conceição Teixeira Pergola.

Os descendentes dos irmãos Cintra uniram-se através de vários casamentos com as famílias mais tradicionais e importantes da cidade, entre elas: Siqueira Franco (descendentes do 1º capitão-mor de Atibaia) e os Camargos (primeira família atibaiana), e desta união resultou o domínio político de Atibaia pelas mesmas famílias durante quase todo os séculos XVIII (Camargos e Siqueira Franco) e XIX (Siqueira Franco e Cintra). Hoje são dezenas de famílias atibaianas e paulistas que têm sua origem na união destas famílias e, portanto, têm parte de sua história ligada ao bicentenário casarão.

Entre os descendentes de Francisco Lourenço Cintra, destacamos o alferes Jacinto José de Araújo Cintra, nascido em 1770 em Guarulhos e casado em Atibaia em 1785 com Maria Francisca Cardoso, filha do 2° Capitão-Mor de Atibaia, Francisco da Silveira Franco, e neta paterna do 1° Capitão-mor Lucas de Siqueira Franco.

Jacinto José de Araújo Cintra foi o fundador do partido liberal em Atibaia juntamente com seus filhos, partido que deteve o poder por quase todo império. Três de seus filhos: Joaquim Floriano, Jacinto José e Florêncio [suplente], e pelo menos três seus netos, Manoel Jacinto, Evaristo e Antônio Francisco, foram deputados provinciais em São Paulo.

Jacinto foi fazendeiro no bairro Itapetinga, vereador em 1788, juiz ordinário (1800), procurador (1807) e juiz de paz (1828, 1832, 1833 e 1848), nos últimos anos de sua vida dedicou-se às atividades de fazendeiro, vindo a falecer em 1850 em Mogi-Mirim, para onde se mudou e onde também tinha fazenda. Os descendentes do alferes Jacinto José de Araújo Cintra espalharam-se pelo interior e foram povoadores e fundadores de cidades no leste, oeste paulista e sul de Minas Gerais. Entre seus descendentes, que estão diretamente ligados ao Solar, posto que lá nasceram ou frequentaram a casa que a família mantinha na Vila, podemos destacar:

Joaquim Pinto de Araújo Cintra, 3° barão de Campinas nascido em 1824 em Atibaia, mudou-se para a cidade de Amparo, onde foi fazendeiro de café, gande capitalista e destacou-se como chefe do partido liberal, no regime monárquico. Prestou vários serviços à comunidade de Amparo, entre eles, a construçao da Santa Casa que leva o nome de sua esposa, Ana Cintra. Recebeu do Imperador D. Pedro II o título de barão de Campinas em 13 de agosto de 1988, faleceu em São Paulo aos em 13 de janeiro de 1894.

Tenente-coronel ou coronel **Jacinto José Ferraz de Araújo (Cintra)** nascido em Atibaia em 1802. Casou-se em 1824 com sua prima Rosa Maria de Campos, filha do 4º e útlimo capitão-mor de Atibaia, Lucas de Siqueira Franco, irmão de sua mãe. O coronel Jacinto José foi vereador em diversas Legislaturas em Atibaia (1829 a 1832, de 1833 a 1836, quando foi presidente da câmara). Foi eleito **primeiro deputado provincial (estadual) de Atibaia para legislatura de 1835 a 1837** (1ª Legislatura Estadual), eleito suplente nas legislaturas de 1838 a 1839, de 1840 a 1841, e novamente foi eleito deputado provincial para a legislatura de 1842 a 1843.

Coronel Manoel Jorge Ferraz nascido em 1803 em Atibaia, onde se casou com sua prima Gerturdes da Silveira Campos, filha do 4º e último Capitão-mor de Atibaia, Lucas de Siqueira Franco, seu tio materno. Manoel Jorge Ferraz substituiu seu pai na chefia do partido liberal em Atibaia, quando ele se mudou para Mogi-Mirim, onde era proprietário de terras. Foi o coronel da Guarda Nacional, vereador em diversas legislaturas e presidente

da câmara de 1837/40 e 1845 a 1855. Acreditamos que Manoel Jorge Ferraz foi o maior líder político em Atibaia da segunda metade da década de 1830 até sua morte, em substituição ao seu tio Lucas de Siqueira Franco, último capitão-mor, e ao seu pai, primeiro líder do partido liberal em Atibaia, bem como talvez tenha sido o primeiro atibaiano do mais alto posto da Guarda Nacional na cidade entre 1838 a 1842, o de coronel. Esteve juntamente com seu pai, irmãos e outros parentes e partidários ao lado do Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar na Revolução Liberal de 1842, tendo sido, por essa razão, juntamente com o padre Antônio Mello e Silva. Foi agraciado com a Ordem da Rosa, recebendo a comenda das mãos do Imperador na capital do Império. Faleceu em 6 de outubro de 1855 em Atibaia, provavelmente no solar de sua propriedade ou na sede de sua fazenda São Manoel.

Landislau Antônio de Araújo Cintra nascido em Atibaia em 1833 e faleceu em 1910 em Jaú. Casou-se em Itu com Escolástica de Almeida Prado. Foi fazendeiro em Itapira, cuja cidade ajudou a fundar, mudando-se depois para Mogi-Mirim, onde militou na política pelo partido liberal, pelo qual foi seu representante na importante convenção Republicana de Itú em 1873.

Antônio Francisco de Araújo Cintra nascido em Atibaia em 1835. Casou-se pela 1ª vez com Maria de Oliveira Camargo e pela 2ª vez com sua parente Leocádia Cintra. Advogado em Mogi-Mirim, onde foi também fazendeiro proprietário da grande fazenda Reunidas que compreendia as fazendas Santa Cruz, Itapirinha, São Jerônimo, Nova América e Sertãozinho, bem como líder político do partido republicano. No regime imperial foi vereador em Mogi e representante de Mogi-Mirim na célebre Convenção de Itu em 1873. Foi deputado provincial de 1868/69 e senador estadual em 1894/96. Faleceu em 1911 em São Paulo.

Evaristo Araújo Cintra nascido em 1830 em Atibaia, foi advogado, suplente de deputado provincial pelo partido liberal no biênio 1858/59 e eleito **deputado provincial** pelo partido liberal de 1862/63[117] por Mogi-Mirim, onde residia. Foi também por muitos anos juiz de direito na comarca de Alegrete/RS, em 1877/78, chefe de polícia da cidade de Goiás, desembargador do Estado de Goiás. E descobrimos um Evaristo Araújo Cintra que foi presidente da câmara de Limeira/SP em 1880/81, que pode ser o mesmo aqui tratado. Faleceu solteiro.

Comendador **João Batista de Araújo Cintra** nascido em 1805 em Atibaia, onde se casou em 1828 com sua sobrinha. Maria Jacinta de Araújo Cintra. Era comendador da imperial Ordem da Rosa recebida pelo imperador D. Pedro II em Itapira aos em 27 de outubro de 1886. Foi juiz municipal em Atibaia entre 1833/36 e influente político, líder do partido liberal da cidade de Itapira, onde se estabeleceu em 1840 e foi possuidor de grande fazenda.

Florêncio de Araújo Cintra nascido em 1807 em Atibaia, onde casou pela 1ª vez com sua sobrinha, Cristina de Araújo, filha de Ana Jacinta, 1.4, retro e pela 2ª vez com Valeriana Inez de Araújo. Foi, segundo alguns autores, **deputado provincial** em 1846/47 na condição de suplente, contudo, nos registros oficiais da Assembleia Legislativa, nós não o encontramos como deputado suplente. Teve dois filhos com a primeira esposa e três com a segunda.

[117] No biênio de 1862/63 a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo contou com dois atibaianos e primos-irmãos: Manoel Jacinto de Araújo Ferraz, eleito por Atibaia, e Evaristo de Araújo Cintra, eleito por Mogi-Mirim, onde vivia, ambos eleitos pelo partido liberal.

Major **José Jacinto de Araújo Cintra**, casou-se em 1843 em Atibaia com sua sobrinha Maria da Conceição, faleceu em 12 de outubro de 1892, em Amparo, filha de Ana Jacinta, 1.4. retro. Major José Jacinto foi presidente da câmara municipal de Atibaia (1841/44). Faleceu em Amparo para em 9 de janeiro de 1889. Foi presidente da câmara de Atibaia no mandato de 1841/44 e juiz de paz entre 1845/48. Foi um dos mais importantes líderes da revolução liberal em Atibaia, juntamente com os irmãos Bueno de Aguiar e a maioria dos membros do partido libral de Atibaia.

Joaquim Floriano de Araújo Cintra, natrual de Atibaia, onde foi batizado em 1813. Foi advogado por muitos anos no Rio Grande do Sul, voltando depois a residir em Itapira/SP, por onde se elegeu **deputado provincial** nos biênios de 1846/47 e 1848/49. Foi casado com Maria Rosa Cintra. Teve três filhos.

Lucas de Siqueira Franco ou **Lucas de Siqueira Franco Neto** ou **"Lucas Jorge",** como era mais conhecido, nasceu em Atibaia em 18 de outubro de 1932, foi casado com Idalina Maria de Oliveira Simas nasceu em 9 de julho de 1847, em Atibaia, e faleceu na fazenda Engenho das Palmeiras. Foi advogado e fazendeiro em Mogi-Mirim, Amparo e Itapira. Chefiou na década de 1870 o partido liberal em Atibaia em substituição ao primo de seu pai e seu tio materno, José Lucas. Lucas Jorge foi vereador em Atibaia em várias legislaturas tendo sido presidente da câmara em vários períodos em substituição a José Lucas na década de 1860 e, definitivamente, em 1871/72 e 1873 a 1876. Lucas Jorge mudou-se de Atibaia para Itapira/SP após ter tido grande frustração política em 1877, onde foi tomar posse da fazenda Engenho das Palmeiras, "Engenho Velho", depois conhecida como fazenda Lucas Jorge, fundada por seu avô paterno alferes Jacinto José Araújo Cintra, a que passou ao seu pai, a qual herdou de sua mãe. Lá faleceu em 20 de agosto de 1910.

Manoel Jacinto de Araújo Ferraz nasceu em Atibaia em 1834 e aí faleceu em 15 de março de 1901. Foi proprietário de uma grande fazenda no bairro do Maracanã com 586 alqueires denominada Campo Alegre e de uma chácara denominda Taboão. A evolução histórica e econômica do bairro de Caetetuba de Atibaia no século XIX tem a contribuição de Manoel Jacinto. Formou-se em direito no Largo São Francisco em 1858, foi vereador em diversas legislaturas e presidente da câmara municipal em 1881/82. Foi eleito **deputado provincial por Atibaia em 1861 para o mandato de 1862/65**. Deixou a política com a proclamação da República. Também foi juiz de paz e juiz de direito de Atibaia em 1890/91 e juiz de direito em Piracaia em 1892. Teve sete filhos com Benedita Maria da Conceição Pedroso com quem viveu.

Voltando ao casarão, ele foi comprado pelo cel. Manoel Jorge Ferraz de seu irmão em 1834, e em 1845 iniciaram-se as obras do segundo piso do solar, que passou a ser assobradado. O prédio certamente foi palco de inúmeras reuniões dos liberais que, liderados pelo cel. Manoel Jorge Ferraz em Atibaia e por Rafael Thobia de Aguiar na Província, fizeram parte da célebre revolução Liberal de 1842, que acabou com a derrota destes e com a prisão de seus líderes, entre eles o cel. Manoel Jorge Ferraz.

O sobrado, portanto, foi palco de reuniões políticas do partido liberal durante todo o século XIX e até de reuniões maçônicas, segundo alguns registros. No século XX foi palco de saraus, encontros religiosos ligados à igreja católica e mais recentemente de encontros culturais, musicais, bem como local de exposição do artesanato da cidade.

Com a morte de Manoel Jacinto de Araújo Ferraz no início do século XX, três herdeiras compraram a parte de seus irmãos no sobrado: Dorothéia, Cristina e Júlia. Posteriormente Júlia adquire 70% da propriedade, passando então de solar cel. Manoel Jorge Ferraz para casa Júlia Ferraz.

Na década de 1970, encabeçada por Júlia Ferraz, nascida em 15 de dezembro de 1883, em Atibaia, e aí falecida

em 16 de mario de 1981, deu-se uma grande mobilização visando o tombamento da casa pelo Patrimônio Histórico do Estado de São Paulo – Condephaat, o que acabou acontecendo em 1975. Portanto, além das igrejas da matriz, do rosário e do museu João Batista Conti, o casarão é o único imóvel particular de Atibaia tombado pelo Condephaat e preservá-lo é preservar a história da cidade.

Hoje o sobrado tem dezenas de herdeiros que criaram uma associação para manutenção e preservação da propriedade, portanto, embora tombado e de extrema relevância histórica para a cidade, o Solar é uma propriedade particular e isso acaba sendo uma das causas para que seu necessário e urgente restauro ainda não tenha sido iniciado, já que existem grandes entraves legais para que o poder público destine verbas nesses casos.

SANTO CRUZEIRO

O Santo Cruzeiro ficava inicialmente na atual praça Miguel Vairo, ou praça da Santa Casa, na época largo da forca e mais tarde largo da Santa Cruz. Ficava na frente da capela da Santa Cruz, que acabou se transformando no primeiro pavilhão da Santa Casa. Em 1922 foi transferido para a praça dos três poderes ou praça da câmara municipal, onde permanece até hoje.

Trata-se de uma cruz de madeira assentada sobre uma base de cimento, com degraus. Sobre a cruz estão vários objetos, também de madeira, que fazem alusão ao cristianismo. O local é onde as congadas rezam suas tradicionais ladainhas por ocasião da festa das congadas, do rosário, ou mais atualmente chamada de Ciclo Natalino. Tombado pelo Conselho Municipal do Patrimônio em 24 de junho de 2002.

TELEFÉRICO

O teleférico foi inaugurado em 2008 e liga o lago do Major ao centro da cidade, num percurso de 550 metros, proporcionando uma bela vista sobre o lago e todo parque das águas.

REPRESA DA USINA

Represa da Usina ou Centro de lazer municipal Alberto Gavazzii é uma área de preservação ambiental com cerca de mil hectares a 6 quilômetros do centro de Atibaia. Local ideal para prática de esportes aquáticos e da pesca. Há um museu hidroelétrico com peças da década de 1950, restaurantes, quadra de areia e outras atrações.

PONTOS TURÍSTICOS EXTINTOS NA CIDADE

Com o tempo Atibaia perdeu alguns importantes pontos turísticos, como a pedra do Sino e dos Amores, situadas na reta da Nhá Perfeita (hoje avenida Juca Peçanha), proprietária da Chácara das Pedras, que continha essas duas pedras muito visitadas por moradores e turistas; a carpalândia, que era um complexo de lagos e jardins japoneses no bairro do Tanque; o balneário Flávio Pires de Camargo, que hoje abriga a secretaria de Turismo da cidade; o museu ferroviário, que era um complexo de trens e vagões onde hoje funciona a estação Atibaia, local para locação de eventos.

PRINCIPAIS FESTAS DO CALENDÁRIO :

FESTA DAS FLORES E DO MORANGO

A cidade tem duas festas de flores e do morango. A primeira é feita em conjunto com a cidade de Jarinu, no mês de junho, e se estende por três semanas no parque Duílio Mazzieiro, no bairro de Campo dos Aleixos, que é dividido entre as duas cidades.

A segunda e mais famosa festa de Flores e Morango acontece no mês de setembro no parque Edmundo Zanoni, no centro expandido da cidade, e teve início em 1980. A festa tem uma bela exposição de flores e morangos no antigo pavilhão com temas variados e muitas barracas de gastronomia, artesanato e produtos diversos. Há também apresentação de danças típicas da cidade e da região.

A festa das flores de Atibaia teve como embrião as festas (exposições agrícolas) iniciadas no início da década de 1960 pelo engenheiro agrônomo Davinir de Castro Peres, primeiro agrônomo da antiga casa da lavoura da cidade.

REDE HOTELEIRA DE OUTRORA

O primeiro hotel de que se tem notícia de Atibaia foi o hotel municipal no início do século XX, situado na praça Claudino Alves (praça da matriz) e com ele pode-se dizer que teve início o período de turismo na cidade. O hotel se situava na outra esquina do casarão, onde hoje é a extensão da praça da matriz. O hotel era municipal, mas administrado por terceiros, como Ramira Carpinelli. Um pouco antes do hotel municipal ou no mesmo período deste houve o hotel central de Pedro Augusto de Toledo Palhares.

Depois veio o hotel São João, do major Alvim, também administrado por Ramira Carpinelli, que passou para Ema Censi e depois para seu filho Alberto e sua nora Nair Peranovich Censi, os quais tive o privilégio de conhecer. O hotel ficava na rua Visconde do Rio Branco, atrás da igreja da matriz, onde foi a casa dos capitães-mores, depois a primeira casa de câmara e cadeia, depois casa de Claudino Alves e no início do século XX foi demolido ou restaurado para receber o hotel São João.

Em seguida, na década de 1920, Deoclides Freire fundou o luxuoso hotel Rosário, atualmente Grande Hotel. Entre os proprietários deste importante hotel de Atibaia, podemos citar Juvenal Alvim Neto e José Aparecido Ferreira Franco. Personalidades como o poeta Guilherme de Almeida e Mário de Andrade foram hóspedes do principal hotel na atualidade, situado no centro da cidade.

Mas foi na década de 1940 que Atibaia teve um salto na sua rede hoteleira com a construção do que pode ser o **primeiro hotel campestre do Brasil, hoje chamado de hotel fazenda**. O visionário Cesar Memolo construiu o hotel que hoje se chama Atibaia Plaza Hotel e expandiu para a região da Estância Lynce, na época, uma região de chácaras e sítios, a rede hoteleira da cidade. A nata da intelectualidade brasileira, como Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Helena Silveira e outros nomes passaram muitos finais de semana e temporadas em Atibaia e com isso promoviam o hotel e a cidade.

REDE HOTELEIRA ATUAL

A cidade possui o que podemos chamar de um parque hoteleiro democrático, pois possui pousadas intimistas e a baixo custo, e grandes resorts com grande infraestrutura, como monitores, recreadores, massagistas etc.

Os números da atual rede hoteleira impressionam: 04 resorts, 11 hotéis, 14 pousadas e 04 motéis. Totalizando 33 meios de hospedagem, sendo 20 urbanos e 9 rurais, excetuando-se os motéis. São 2282 unidades habitacionais (apartamentos) com 6067 leitos.

A cidade recebe todos os tipos de turistas, mas 60 a 70 por cento é de turismo de negócios em virtude da localização de Atibaia e da excelente infraestrutura dos hóteis voltada para grandes eventos.

Capítulo 14

Meio ambiente

PARQUES E UNIDADES DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

Atibaia conta hoje com um mosaico de três importantes unidades de conservação ambiental, são elas:

1) Monumento Natural Estadual da Pedra Grande (MNE) tombado pelo CONDEPHAAT em 1983 depois de uma forte mobilização na cidade pedindo a preservação da serra e contra a criação de loteamentos que começavam a surgir. Em 30 de março de 2010 o governo do Estado de São Paulo criou na área um parque estadual nos moldes de Monumento Natural, cujos limites são muito próximos aos limites do tombamento de 1983. Nesta área está a Pedra Grande, maior pico da cidade e seu principal ponto turístico com uma laje de cerca de um alqueire de tamanho (24 mil metros quadrados – por isso o nome de Pedra Grande). A Pedra Grande é um afloramento rochoso 1.454 metros acima do nível do mar. Conhecida por sua beleza cênica e contemplativa, possui uma das principais rampas naturais para a prática de voo livre do país.

2) Parque Estadual do Itapetinga criado em 30 de março de 2010 com 13 mil hectares que abriga o Monumento Natural Estadual da Pedra Grande (1) e o Parque Municipal do Itapetinga (3). É um fragmento da Mata Atlântica, com riquíssima diversidade de fauna e flora.

Fauna: são encontrados cinco tipos de felinos: a Onça-Parda ou Suçuarana, o maior deles, a Jaguatirica, o Gato-do-mato-pequeno, o Gato-maracujá e o Gato-morisco ou Jaguarandí, como é mais conhecido. Também se pode encontrar o Lobo-guará, Cachorro-do-mato, o Bugio, o Sauá e o Sagui-da-serra-escuro, o Veado-mateiro, a Irara ou Papa-mel, o Mão-pelada e a Capivara. Entre as serpentes, temos a Jararaca, a Cascavel, a Coral-verdeira e falsa e inúmeras serpentes não venenosas como a Jiboia, a Cainana e a Cobra-cipó.

Entre os pássaros já foram catalogadas 303 espécies (no Brasil existem 1.901).

A flora é ainda mais rica e na área do parque pode-se encontrar 415 espécies, como o Ipê-amarelo, o Pau-Jacaré, a Paineira, a Copaíba, o Angico, a Araucária, o Cedro, o Jequitibá, Orquídeas, Bromélias, musgos, sendo a mais famosa espécie a Amarílis, que é endêmica da região da Pedra Grande, uma preciosidade.

3) Parque Florestal do Itapetinga, mais conhecido como Parque Municipal da Grota Funda, criado em 1988, e está inserido na Serra do Itapetinga, com área de 244 hectares. Para mim, parte do seu espaço deve ser utilizado para prática sustentável do ecoturismo, a fim de incentivar a educação ambiental, através de aulas ***in loco***, trilhas interpretativas, pesquisa científica sobre a rica fauna e flora desse importante remanescente do bioma da Mata Atlântica.

Sobre a importância da preservação ambiental e um turismo sustentável, vou reproduzir parte de uma matéria minha publicada na revista ***Atibaia Connection*** em meados de 2018: "A economia e a população de Atibaia vêm crescendo consistentemente, de maneira inegável, nas últimas décadas. Este crescimento traz, sem dúvida, a necessidade de melhorias em infraestrutura, mobilidade urbana, serviços públicos, entre outros aspectos pertinentes. Atibaia é um legado histórico e cultural amplo e também turístico. Principal cartão-postal de Atibaia, o Monumento Natural Estadual da Pedra Grande foi criado em 20 de março de 2010. Trata-se de um afloramento rochoso de dimensões espantosas, e é o nosso maior ponto turístico natural, ecológico, esportivo, com destaque para as práticas de voo livre e paraglider e, por que não dizer, também de cunho espiritual/religioso. É comum que os céus de Atibaia sejam tomados de parapentes coloridos quando as condições climáticas permitem, especialmente nos finais de semana e feriados. A importância do monumento para este esporte é tamanha que em 2016, por exemplo, Atibaia sediou o 14° Encontro Nacional de Pilotos e Instrutores de Voo Livre (ENPI), ocasião que reuniu diversos pilotos de todo o país. A Pedra Grande pode ser admirada de diversos pontos da região. Quem percorre a Rodovia Fernão Dias 'obrigatoriamente' contempla este importante ponto turístico ao passar pelo nosso município.

Infelizmente não é incomum que, ao chegar na Pedra Grande, muitas vezes pode-se notar uma quantidade considerável de resíduos (lixos) espalhada às margens da via e das faixas que dividem a Pedra da vegetação. Pessoas arrancando exemplares da vegetação local, andando sobre e, consequentemente, destruindo ilhas de solo são muitas das barbáries cometidas pelos visitantes.

A preocupação com a preservação ambiental da Serra da Itapetinga, onde encontram-se a Pedra Grande e seu entorno convertida também em legislação ambiental precede, em muito, a principal legislação ambiental brasileira sobre o tema – o SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação) e dele recorremos muito para explicar a situação legal da Serra do Itapetinga – Pedra Grande. É imprescindível que haja uma infraestrutura na Pedra que permita a educação ambiental com apresentação de vídeos sobre o parque, falando sobre a nossa fauna e flora), bem como para o turista que lá esteja, com espaços que podem ser destinados também para a Fundação Florestal (gestora do parque), entidades de proteção ambiental e brigadas de incêndio, sanitários para o público, tudo controlado por um moderno sistema de segurança com monitoramento de câmeras e agentes 24 horas por dia, começando com uma cancela para controle de entrada e saída de visitantes.

A preservação ambiental não é inimiga do turismo sustentável. Nossa Pedra Grande possui enorme potencial turístico ainda explorado de forma irracional e primitiva (amadora). Ela constitui importante ponto de atração turística, mas que requer equipamentos que garantam rigoroso controle ambiental.

Capítulo 15

Atibaia patrimônio cultural e ambiental únicos

Em 1983 Atibaia entrou para a história do Brasil com um movimento até então inédito de tentativa de tombamento de uma área ambiental pelo Condephaat.

Desde as décadas de 50 e 60 o território de Atibaia, por suas belezas naturais e proximidade com os grandes centros (São Paulo, Campinas e São José dos Campos), sofria consideráveis modificações urbanas com a extensão da malha urbana, diminuição da zona rural e o surgimento de inúmeros condomínios. No início da década de 1980 foi a vez da serra do Itapetinga começar a sofrer com a exploração desenfreada do mercado imobiliário.

O fotógrafo e taxista Ernesto Vencovky registrou inúmeros blocos de pedra, já preparados para serem retirados da serra. A partir deste registro fotográfico se iniciou um movimento de conscientização da população quanto ao estimável valor ambiental da serra, através de panfletos, jornais, palestras com representantes da Faculdade de Geografia da USP e da Associação Paulista de Preservação da Natureza.

Com apoio da imprensa, principalmente do jornal ***Carta de Atibaia***, de Fábio Napolitano, além do jornal ***O Atibaiense***, a adesão de jovens, estudantes, artistas, profissionais liberais de diversas áreas foi crescendo e ganhando adeptos em vários seguimentos da sociedade.

Foram realizadas várias exposições na cidade, em telas, fotografias, história em quadrinhos, jornais, documentos e até apresentação musical. Foram abertas seis exposições em espaços públicos da cidade e concursos nas escolas com o tema Serra do Itapetinga e Pedra Grande, o que acabou resultando, em 25 de fevereiro de 1983, no primeiro diálogo entre o presidente do Condephaat, o professor da USP Aziz Ab'Saber e os manifestantes de Atibaia. Com a pressão popular, o então prefeito, Gilberto Sant'ananna, anulou o alvará do loteamento Atibaia Vista da Montanha condido no governo anterior e o movimento popular conseguiu que a serra do Itapetinga fosse a primeira área ambiental tombada em território nacional. Até então os tombamentos eram somente sobre imóveis de valor histórico e artístico.

Além da riqueza e importância ambiental, Atibaia tem uma rica, antiga e tradicional cultura popular, visível especialmente nas apresentações de seus Congos.

A cidade é um verdadeiro oásis em meio às regiões metropolitanas de São Paulo, Campinas, São José e Taubaté e Jundiaí, conservando um meio ambiente rico por meio das unidades de conservação ambiental e uma história e cultura que poucas cidades brasileiras possuem.

O maior desafio de Atibaia nos próximos anos reside em como conciliar o, por vezes, inevitável desenvolvimento econômico, sem que, concomitantemente, a cidade venha a perder suas principais características ambientais, históricas e culturais. O dilema tão magistralmente expresso por Caetano Veloso no hino à capital do Estado, Sampa: "[...] Da força da grana que ergue e destrói coisas belas/ Da feia fumaça que sobe apagando as estrelas [...]"

Ultimamente se prega que Atibaia deva ser a primeira cidade do interior e não a última da grande São Paulo. É nisso que acredito e é por esse ideal que este livro foi realizado.

Capítulo 16
A cidade se tornou poesia

Neste capítulo minha intenção foi eternizar algumas poesias que enalteceram nossa amada Atibaia, vamos a elas:

Atibaia
Teu retrato, teu nome, os dois guardo comigo:
O teu retrato, a terra, o céu, o casario;
O teu nome, do epônimo, esse manso rio,
Tão teu tão meu também, meu conterrâneo amigo.
A ambos nos viu nascer, depois anos a fio,
Viu-me aí com os teus, viu-me a viver contigo,
O rio cujo nome é o nome que ora digo
Recompondo como és e o que és em teu feitio.
Painel filigranado em mágica simpleza,
Da luzente aurora ao rosicler do poente,
Que encanto, que doçura em tua natureza.
São-te as águas e o clima e o telurismo ambiente
Fascínio de bondade atração e beleza
Que seduz e que prende e que embevece a gente.

Avaré, 29 de agosto de 1941
Francisco Rodrigues dos Santos, que foi padre em Atibaia e deixou a batina.

Atibaia! Ilha entre Serras, como um rochedo no mar! De dia cheia de sol! De noite: cheia de luar!
Domingos de Carvalho Silva

É que Atibaia – a cidade saúde – com os raios vitaminizantes de seu sol tropical, com seu céu azul, que é um sorriso de primavera, e seu ar puro, que é a carícia de uma promessa, com suas águas radioativas, fonte de rejuvenescimento e de alegrias, é bem o encanto na terra ou a terra no encanto.
Erveu Betarello

... A terra do encanto

Nenhuma terapêutica melhor existe contra as emoções fortes e a surmenage intelectual do que uma estação em Atibaia, no Hotel Rosário [hoje Grande Hotel].

É assim o destino, pacífica e generosa terra de Atibaia!

Tu foste a nobre testemunha dos primeiros frêmitos da terra paulista no desejo ardente do progresso e da riqueza; viste passar em busca das misteriosas matas do sertão os Anhangueras famosos que edificaram o orgulho do povo paulista; e teus filhos foram guerreiros que serviram a metrópole na árdua conquista do território, sem receio das provações e da morte. E, hoje, os tímidos povoados que viste nascer, só porque enriqueceram e se consideram os florões do nosso belo Estado, olham-te de revés, e às vezes até parece que nem te percebem, tranquila e indolente, no risonho planalto, em que assentas!

Mas não há de ser sempre assim. A povoação desperta para movimento, e para grande vida [Felizmente por alguns aspectos e infelizmente por outros, acertou o jurista e poeta.]

Somente assim, levantando-se inspirada, no risonho planalto em que habita, a nobre e pacífica Atibaia poderá lembrar-se com orgulho, que abalou o berço dos descendentes ilustres de Amador Bueno, o Aclamado

Atibaia, 1899 – Affonso José de Carvalho

Atibaia, a cidade Jardim

Alguém que se bate galhardamente pela linda cidade de Atibaia – a enamorada do sol paulista – obteve a nossa promessa de dizer algo acerca do clima e acerca, também, do encanto da ótima estância de repouso situada a tão poucos quilômetros de São Paulo.

Quem teve a fortuna de ir alguma vez a Atibaia pela ultra pitoresca rodovia que descortina maravilhas que desafiam um pincel mágico, não poderá nunca recusar-se a dar seu comentário sobre as seduções de Atibaia.

Quem lá chega, após os 60 quilômetros de deslumbramentos que a paisagem proporciona, sente um embevecimento que procura exteriorizar-se. Atibaia é cidade jardim. É estância climática de primeira ordem. O ar é puro e doce. O céu deslumbra. De seu sol que tinge de ouro e púrpura vales e montes, formosíssimos, nem é bom falar.

A. Terpedino

Bilhete a Atibaia

Pérola engastada no diadema soberbo do cocuruto agreste da montanha, tu poderias bem denominar-te Suíça brasileira; mas preferistes ir buscar tão no rio que te banha as fraldas dos montes, esse monte tão nosso, tão genuína e ostensivamente brasileiro – Atibaia.

[...] E, pelos teus montes e vales, erras e descampados, alcantis e quebradas, serranias imensas, abismos

assombradores, cordilheiras agrestes, precipícios terrificantes, passaram envoltos, já, na poeira dos anos, os vultos de Paes Leme, lendário quase, Dom Rodrigo de Castel Blanco, e outros que mais.

[...] E como se tudo isso não bastasse para atestar o teu passado histórico, tu estás, também, na luta pela abolição da escravatura, tendo à frente essa figura audaciosa, indômita, magnífica, corajosa, formidanda, surpreendente que se chamou em vida Antônio Bento, o teu querido e amantíssimo juiz de direito, esse mesmo Antônio Bento que preferia arriscar a própria vida a deixar que um infeliz penasse na senzala.

Mas... isso foi no passado. Hoje, Atibaia, tu te contentas apenas em ser a pérola engastada no diadema soberbo do cocuruto agreste da montanha. Mas mesmo contentando-se com tão pouco, quiseste, ainda, mostrar que não cessou, não cessará jamais, na alma de teus filhos, essa sede construtora incontida e eterna.

[...] Que vem a ser senão bandeirismo indômito e construtor essas estradas magníficas que de teu solo levam o viajor a todas as localidades circunvizinhas?

Essa a impressão magnífica, surpreendente, agradabilíssima, que tiveram os jornalistas de São Paulo, quando passando a curva da estrada de onde pela vez primeira vislumbraram a torre santifica da tua matriz majestosa, pisaram o teu solo hospitaleiro e bom.

E após a cordialidade, a bonomia, o cavalheirismo, a hospitalidade que sentiram durante as horas inesquecíveis que contigo passaram, os jornalistas de São Paulo, só terão, estou certo disso, quatro palavras, três vocábulos, nota bem, Atibaia. Quatro palavras, três vocábulos, para sintetizar o seu reconhecimento pelas gentilezas em teu solo recebidas. E essa quatro palavra, esse três vocábulos serão:

Salve! Atibaia

Salve! Atibaienses.

(Da caravana de jornalistas da A.P.I. que visitou Atibaia em 7 de agosto de 1938.

Na Pedra Grande

Fui, um destes dias, à Pedra Grande [...]

Revi, lá do alto, a Atibaia de há duzentos e cinquenta anos, – a terra bruta, os primeiros povoadores que vinham varando matos, vadeando rios, trepando ásperas encostas, dormindo ao relento, ao rumor do vento agoureiro nas cavernas da mata virgem, ao pio aflitivo dos pássaros notívagos, – e depois a vila a surgir no alto da sua suave colina, como atalaia do sertão, derramando pelos arredores a maravilha inédita do seu primeiro campanário. Vi o presente de Atibaia, e vi o seu futuro – as terras circundantes supervalorizadas e exploradas palmo a palmo, os caminhos multiplicados num largo sistema nervoso, ressoante de atividade, as chaminés empenachadas de fumo, a cidade desdobrada em altura e largura, e toda a redondeza enriquecida de paisagens ainda mais lindas e mais agradáveis [Acertou o poeta.]

Fotos da Pedra Grande – Flávio Pileggi.

Esse, por certo, o futuro de Atibaia e de toda zona. Sua beleza e seu clima são duas riquezas abençoadas. Atibaia atrai, convida, enlaça, e dá aos seus enfeitiçados a recompensa da saúde.

É quase o paraíso possível na terra....

Mário de Andrade

A sua terra já me atraía muito pela beleza de suas paisagens e amabilidade do seu clima, porém agora a considero ainda muito mais, por ver que é uma legítima fonte das tradições do nosso Estado.

Estas tradições devem orgulhar Atibaia tanto como a perfeição do seu clima, porque se este nos conforta o corpo, nada melhor que as tradições para retemperar a saúde de nossa alma brasileira. Todo dia adoecida pelos micróbios do rádio, do jazz, do tango e das guerras internacionais.

Mário de Andrade em carta enviada a João Batista Conti, publicada no ***Diário Popular*** em 21/01/1938.

Atibaia que eu vi

Atibaia me enleia, me enfeitiça...

A comodidade confortável dum ótimo hotel preserva a gente de qualquer inquietação, e pode-se, por isso, comodamente gozar Atibaia.

Atibaia que é tudo, que é passado, e que é presente, como devem sempre ser as coisas perfeitas. Gente amáveis numa paisagem maravilhosa. [Amo essa estrofe desse poema.]

Climas incomparáveis na transparência de um ar cheio de graças.

E nesse ambiente de carícia a tradição ainda não acabada do tempo antigo, a sua matriz, monumental da melhor taipa e os seus bailados populares, as suas congadas seculares, criação do povo cantando os passados do nosso povo.

Que Atibaia se conserve assim, passado e presente, bem estar e tradição, e será sempre, como é agora, uma bem-aventurança de nosso Estado.

Mário de Andrade

Soneto a Atibaia

Esta é a flor paulistíssima: Atibaia.
Misto de modernismo e tradição.
Vigilante, na altura, ela é a atalaia
Da nossa altiva civilização.
Róseos braços de estradas, abraçae-a!
Serras, abri o vosso coração!
Frondes dos eucaliptos, embale-a!
Fontes, cantai para ela uma canção!
Aqui reboaram botas nas "Estradas",
Batucaram Reis de Congos nas "Congadas"...
Vem – são trezentos anos de conquistas.
Pedir pousada, como bons paulistas,
Batendo à porta do Rosário Hotel..."
Guilherme de Almeida

Atibaia

Atibaia foi minha última surpresa. Sempre se descobre algo de novo e as descobertas de novas fases das coisas já conhecidas são as mais surpreendentes e interessantes. Todo paulista sabe que Atibaia tem uma história ilustre. Filha do bandeirismo setecentista, marcaram seu chão os sinais heroicos das pagadas de Matheus Nunes de Siqueira, Fernão Dias, Borba Gato... Passado o tropel tempestuoso dos homens de botas, outras façanhas deram à cidade vetusta brilho na História. [...]

Águas milagrosas saltam do flanco das suas escarpas, essas pitorescas escarpas da Serra do Lopo "que levanta suas ondulações azuis onde São Paulo e Minas se confundem" como narra Amadeu Amaral.

É fácil alcançar Atibaia. Por auto ou por terra, em menos de duas horas atinge-se sua paisagem que fica

fixada nas nossas pupilas e respira-se seu ar que oxida, com sua força de oxigênio, todas as escórias que tenhamos no sangue. Ar que opera milagres: águas que rejuvenescem [...]

Tão atraente é essa hospedagem que Guilherme de Almeida decantou-se num soneto que termina assim: "Vem, são trezentos anos de conquistas, pedir pousada, como bons paulistas" [...]

Atibaia é hoje uma sucursal turística de São Paulo. É a estância mais próxima e ofertando uma das paisagens mais lindas [...]

Esse, por certo, o futuro de Atibaia e de toda esta zona. Sua beleza e seu clima são duas riquezas abençoadas. Atibaia, atrai, convida, enlaça, e dá aos seus enfeitiçados a recompensa da saúde. É quase o paraíso na terra...

Amadeu Amaral

Menotti Del Picchia

[...] Linda paisagem. Cila ameno e salutífero. Águas radioativas de comprovados efeitos medicinais. População civilizada e hospitaleira. Ótima rodovia que se desenvolve, serra acima, por entre panoramas da variada e surpreendente beleza. Proximidade da capital do Estado. Multiplicidade e segurança de comunicações: tudo isto está a indicar e a encarecer Atibaia como estação ideal para deleite do corpo e repouso do espírito [...].

As duas fotos acima retratam um momento muito importante da cidade. Diante do possível loteamento na Pedra Grande, a cidade se mobilizou contra o empreendimento mobiliário, e dessa memorável luta, houve, em 1983, o tombamento da Pedra Grande.

POSFÁCIO

Conheço Adriano Bedore há muitos anos e acompanho suas pesquisas sobre a cidade de Atibaia, suas origens, seus colonizadores e personalidades. Sei de seu empenho em valorizar todos os fatos importantes da História de São Paulo e de Atibaia, além da excelente pesquisa sobre as famílias italianas radicadas em nossas terras.

Nesta obra, ele destacou uma série de fatores que o levaram a afirmar que vários foram os nossos primeiros povoadores, e não fundadores, diferentemente do que aprendemos até hoje sobre a História de Atibaia. Com certeza, quem leu este livro poderá concordar ou não, mas para o autor, o que mais tem valor neste momento é expor sua pesquisa, que o levou a muitos anos de estudos, dúvidas, inquietações e conclusões. Com isto, ficam abertas as discussões e considerações a respeito de nossa História, que, além de muito complexa, está intimamente ligada à evolução de outras tantas que surgiram com o passar dos bandeirantes.

Falou dos povos indígenas que aqui habitavam, da vida e hábitos dos primeiros colonizadores e bandeirantes, da história dos portugueses, espanhóis, africanos, italianos e japoneses que fizeram a história de nossa cidade, e a formação dos bairros mais importantes da cidade.

Ele também elaborou um cronograma dos principais fatos políticos e destacou as personalidades influentes que muito contribuíram para o desenvolvimento local, enumerando os políticos, prefeitos e presidentes da Câmara Municipal.

No setor de turismo, conseguiu relatar todos os principais pontos turísticos que fazem a diferença na região e evidenciou a importância de preservação do patrimônio histórico, cultural, folclórico e religioso. No folclore, fez questão de falar um pouco sobre nossas Congadas, Rezas de São Gonçalo, Romarias e Folia de Reis, movimentos que a cidade tem orgulho de preservar, fruto da grande miscigenação e deste enorme caldeirão cultural que é nosso país.

Deixo aqui meus agradecimentos à iniciativa do autor em, mais uma vez publicar seu trabalho em prol do nosso conhecimento sobre a cidade que vivemos e amamos, com a certeza que será um marco muito importante na História de Atibaia.

Lilian Vogel
Responsável pelo Museu Municipal João Batista Conti
Presidente da Comissão Paulista de Folclore
Conselheira do CONDEPHAAT

ANCHIETA, José de. Construtores da Sociedade Atibaiense. Atibaia: Editora Degaspari, 2003.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE SÃO PAULO – Parlamentares Paulistas (1835-2011). Caliman, Auro Augusto, coordenador. São Paulo, 2011

_____. Becos, Lendas & Casos Pitorescos. Atibaia: Editora Desgaspari, 2003.

_____. Pelas Ruas de Atibaia. Atibaia. Editora Desgaspari, 2002.

BARATA, Carlos Eduardo de Almeida e **BUENO**, Antônio Henrique da Cunha. Dicionário das famílias brasileiras, tomos 1 e 2. São Paulo: Árvore da Terra, 2000/01.

BEDORE, Adriano e **TEIXEIRA**, José Luiz, coordenadores. Famílias Ilustres e Tradicionais de Atibaia. Atibaia: Editora Grosse, 2000.

_____ Raízes, Notas Genealógicas. Atibaia: Editora do autor, 2012.

_____. Felicittà, A trajetória de um povo que partiu em busca da sua felicidade. (coordenador). Atibaia. Editora do auto, 2021.

CÂMARA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA DE ATIBAIA, BEDORE Odair, presidente. Atibaia ontem e hoje. Atibaia: Imprensa Oficial do Estado, 1991.

CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGANÇA PAULISTA – 1997-1997, Trajetória e Identidandes, Cadernos de Memória, 1998.

CARVALHO, Vitor. AR. Projeto Gráfico e Diagramação Uzina Visual. Atibaia, 2011.

CYMBALISTA, Renato. Cidades dos vivos. Annablume: São Paulo, 2002

CONTI, João Batista. História de Atibaia, volumes 1 e 2, escrito em 1903/07. Prefeitura da Estância de Atibaia – Editora Grosse, 2001.

_____. Atibaia Resgata sua História – Juiz Antônio Bento. Atibaia: Araceles Stamatiu,

_____. Atibaia Folclórica. Atibaia: Grosse Editora, 2001.

COSTA, Élsie Monteiro. Balanceia meu Batalhão. Editora do autor, 1996.

DIVISÃO DE MEMÓRIA MUNICIPAL DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DA ESTÂNCIA DE ATIBAIA. Dicionário biográfico de ruas de Atibaia, volume 1. Atibaia: Editora Grosse, 2004.

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana. São Paulo: Duprat&Comp., 1904, volumes 1 a 9.

MARTINS, Nelson Silveira. Atibaia, o paraíso quase possível.

MONTEIRO, John Manuel. Negros da Terra. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. Pobreza Rural de São Paulo.

PASSOS, Murillo de Almeida e PASSOS Marcelo Murillo de Ameida. Bom Jesus dos Perdões, Sua História e Sua Gente. Bom Jesus dos Perdões. Gráfica Ipiranga.

PEREIRA, Pedro Thomaz. Rosário da Saudade e outras histórias de Juquery/Mairiporã. Bragança Paulista: ABR Editora, 2021.

PREFEITURA DA ESTÂNCIA DE ATIBAIA. Seiryu Nossa Terra. Atibaia: Redijo Gráfica Editora, 2008.

SANTOS, Waldomiro Baroni. Tratado de Heráldica. Vol.1.

SCATENA, Jamil. Atibaia Samba, Escola de Samba. São Paulo, 2009.

SCHNEIDER, Marília. Jundiaí na História. São Paulo: Porto das Ideias, 2008.

SILVA, Jacinto. No tempo da escravidão experiências de senhores e escravos em Bragança Paulista – 1871-

1888. São Paulo: Annablume, 2015.

SILVEIRA, Waldomiro Franco da. Notas Genealógicas. São Paulo: Publicações do Instituto Genealógico Brasileiro – RT, 1955.

_____. História de Atibaia. São Paulo, 1950.

SIRERA, Therezinha do Menino Jesus Silveira Campos. Caetetuba – O nosso bairro, lembranças do passado. Bragança Paulista: ABR Editora, 2016.

TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. História Antiga sobre Abadia de São Bento, Anais do Museu Paulista, volume V, 1927.

TEIXEIRA, José Luiz. Família Atibaiana. Atibaia: Impressão Classic Artes Gráficas Ltda., 1997.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. A Capital da Solidão: Uma história de São Paulo das origens a 1900. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

VOGEL, Lilian e Cassalho Valter. As Festas de Fé da região entre Serras. Atibaia: Gráfica Modelo, 2007.

_____, Lilian. São Gonçalo: um violeiro santo ou um santo violeiro. Atibaia: Gráfica Modelo, 2007.

_____, Lilian. Viva São Benedito! Viva a mãe do Rosário! A dança da congada e as tradições Seculares em Atibaia no Ciclo Natalino. Atibaia: Cocar Editora, 2013.

ZANONI, Renato. Atibaia no século XX. Atibaia: Editora Degáspari, 2005

SOBRE O AUTOR

Adriano Bedore nasceu na cidade paulista de Atibaia, é advogado e, desde 2012, servidor público concursado do Estado de São Paulo. Com intensa participação político-partidária, ocupou cargos públicos entre 1995 e 2000. Na condição de suplente, assumiu o cargo de vereador no segundo semestre do ano de 2014. Apaixonado por história e genealogia, publicou em 2000, como coordenador, o livro Famílias Ilustres e Tradicionais de Atibaia. Em 2012 publicou o livro Raízes - Notas genealógicas, o mais completo trabalho genealógico publicado no município. Nessa obra, em que apresenta suas origens, o autor demonstra ser ele mesmo exemplo de um brasileiro miscigenado. No mesmo ano, como coordenador, publicou o livro Felicitta, que contou a história da imigração italiana na sua cidade. O autor prepara seu primeiro romance histórico tendo como pano de fundo a disputa entre as famílias Pires e Camargo.

SOBRE A OBRA

Adriano Bedore já viajou tantas vezes à Europa que a conhece melhor que a grande maioria dos europeus. Da Itália dos contrastes apontados por Gramsci, Adrianinho conhece tanto a riqueza da parte setentrional, onde fica o Vêneto de seus antepassados paternos, quanto a problemática parte meridional de onde milhares emigraram para o Brasil despedindo-se da fome e das doenças. Adriano é um cidadão do mundo, com a ampla visão dos viajantes interessados em conhecer a cultura e os costumes de todos os povos. Passeou pelas mais lindas e históricas cidades do planeta e, se quisesse, poderia ter fixado residência em alguma delas. Mas não. Adriano viaja porque sabe que tem para onde voltar. E a volta é sempre tão comemorada quanto a sensação de encontrar um lugar novo. Para quem teve o privilégio de ler a obra ainda em papel sulfite pré-prelo, posso dizer que salta aos olhos um sentimento da primeira à última página deste livro: um amor nada contido pela cidade onde o autor nasceu. Em outras palavras, o prezado leitor encontrará de tudo sobre Atibaia, da enfadonha discussão sobre o significado verdadeiro do tupi Thubaia até os nomes dos enterrados sob a igreja Matriz, passando pelo eletrizante conflito entre os Pires e os Camargos até chegar à vida de muita gente que em busca de seu progresso pessoal logrou contribuir com o progresso de todos. O leitor só não encontrará uma coisa: qualquer menção ou referência ou o mais leve balbucio que possa produzir a impressão de que Atibaia não é a antessala do paraíso.

David Boal